

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LINGUA PORTUGUESA**

ΙΑΚΩΒ

A Enunciação do Discurso Religioso.
Leitura/Análise do texto grego da Epístola de Tiago

HEITOR BITTENCOURT FILHO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Letras.

**Orientadora : Profa. Dra. Lineide do Lago Salvador Mosca
Co-Orientador : Prof. Dr. Henrique Graciano Murachco**

São Paulo

2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA**

ΙΑΚΩΒ

A Enunciação do Discurso Religioso.
Leitura/Análise do texto grego da Epístola de Tiago.

Heitor Bittencourt Filho

**Orientadora : Profa. Dra. Lineide do Lago Salvador Mosca
Co-Orientador : Prof. Dr. Henrique Graciano Murachco**

Esta Tese foi realizada com o auxílio da CAPES, que concedeu ao aluno uma bolsa de estudos para suas pesquisas no Brasil e no Exterior.

**São Paulo
2008**

Agradecimentos

Aos professores
Lineide, Henrique e Louis Panier
pelos ensinamentos e oportunidades oferecidas
no decorrer deste trabalho.

Dedico este trabalho à memória do grupo de autores do Novo Testamento, os primeiros lingüistas que acreditaram no discurso como instrumento de mudança social, na pessoa de ΙΑΚΩΒ, autor da epístola - Carta Magna da Humanidade - objeto de estudo do presente trabalho.

SUMÁRIO

Resumo	IX
Abstract	X
Resumée	XI
Siglas Utilizadas	XII
Índice de Figuras	XIII
INTRODUÇÃO	1
METODOLOGIAS	5
CAPÍTULO 01 – CONTEXTO	11
01.01. Contextualização enunciativa	14
01.02. Contextualização argumentativa.....	16
01.03. Intervenção e enunciação	19
CAPITULO 02 – O TEXTO ORIGINAL GREGO	21
02.01. Primeira hipótese: a língua estrangeira como refúgio	22
02.02. Segunda hipótese: a língua estrangeira como instrumento de categorização ou recategorização	23
02.03. Versão escolhida da Epístola	24
02.04. Destaques tradutórios	26
CAPITULO 03 – GÊNERO	30
CAPÍTULO 04 – ARGUMENTAÇÃO	35
04.01. Argumentação e os recursos da língua grega	39
04.02. Argumentação e gênero	41
CAPÍTULO 05 – O ASPECTO VERBAL	44
05.01. O aspecto pontual ou aoristo	45
05.02. O aspecto infectum contínuo e inacabado	46
05.03. O aspecto verbal perfectum/perfeito/acabado e modo imperativo ..	48
CAPÍTULO 06 – METODOLOGIA SEMIÓTICA	49

06.01. Figuratividade	50
06.02. Semiótica e língua grega	52
06.03. Figuras e temas	54
06.04. Limitações e ampliações	55
CAPITULO 07 – A INSTÂNCIA DA ENUNCIACÃO	57
07.01. Estrutura e funcionamento	57
07.02. Os três modelos	58
07.03. O sensível e o cognitivo	59
07.04. A instância da enunciação	61
Dispositivos e percursos enunciativos	62
07.04.01 Elementos dos percursos	65
07.04.02 Sujeitos dos percursos	67
07.04.03 O sujeito da prescrição	68
07.04.04 Anti-sujeito ou obstáculo	69
07.04.05 O proto-sujeito do πάσχειν	71
07.04.06 O sujeito do λέγειν	73
07.04.07 O sujeito do ἀκούειν	79
07.04.08 Actantes	81
07.05. Um nome	84
07.06. Digressões	86
07.07. Isotopias, tematização, e representações – anáforas	87
07.08. Os auxiliares do percurso	90
07.09. Perícope 1:13-15	93
07.10. Perícope 1:17-18	97
07.10.01. A figura do « nós » enunciativo	101
07.11. Perícope 2:1-4	103
07.12. Enunciação evangélica	106
07.13. O caminho das doze tribos	109
07.13.01 O caminho como espaço	110
07.13.02 Configuração discursiva do caminho	113
07.13.03 As expressões “com fé” “com juízos atravessados”	116
07.13.04 O caminho nas instâncias enunciativa e discursiva	119
07.13.05 Oponentes no caminho	123
07.13.06 O espaço a construir e a defender	126
07.13.07 O caminho ὁδός e a θρησκεία	129

CAPÍTULO 08 – ARGUMENTAÇÃO	133
08.01. Desqualificação do discurso do outro	133
08.01.01. A perícopes 1:13-15	136
08.01.02. A perícopes 4:13 a 4:17	145
08.01.03. A Perícopes 3:12 a 4:10	153
08.01.04. Competência discursiva e instância da enunciação	155
CAPÍTULO 09 – O PARTICÍPIO GREGO	157
09.01. Morfologia do participio grego	159
09.02. O participio grego no discurso	160
09.03. Componente argumentativo do participio	164
09.04. A progressão textual e o participio	166
09.05. O participio e o aspecto verbal	168
09.06. Participios – leitura/análise	170
09.06.01. Perícopes 2:20-26	170
09.06.02. Versículo 4:17	174
09.06.03. Perícopes 1:5-8	177
CAPÍTULO 10 – O ORADOR E O AUDITÓRIO	181
10.01. Os tipos de auditório na Epístola	185
10.01.01. O auditório composto de um único ouvinte	186
10.01.02. A deliberação consigo mesmo	187
10.01.03. O auditório – uma comunidade intelectual	188
CAPÍTULO 11 – A DISCURSIVIZAÇÃO DO DESTINATÁRIO	190
11.01. Referências ao destinatário – marcas textuais e discursivas	190
11.02. Destaques para a discursivização do destinatário	222
CAPÍTULO 12 – LEITURA/ANÁLISE DA PERÍCOPE 1:21-27	230
CAPÍTULO 13 – FIGURATIVIDADE E EFEITO DE PROFUNDIDADE	236
13.01. A morfologia das palavras – raízes gregas	236
13.01.01. Primeira relação: versículo 1:10 com 1:12	237
13.01.02. Segunda relação: versículo 1:10 e 2:2	240
13.01.03. Terceira relação: versículo 2:2 e 3:10	247

13.02. Perícopo 2:1-8	249
13.02.01. A figura do espaço – a sinagoga	254
13.02.02. A dissociação de noções	257
13.02.03. A entrada na sinagoga marca de uma saída	264
13.02.04. Discursos englobante e encaixado: mesmo enunciador e mesmo enunciatário	268
13.03. Espacialização	269
13.03.01 Os espaços: alto e baixo	271
13.03.02 Intersecção dos enunciados 1:9-11 com 2:1-4	278
13.04. Figuras e temas	282
13.04.01 Perícopo 1:5-8 – PN do primeiro ator	282
13.04.02 Relações: espaço fechado vs. espaço aberto	286
13.04.03 Perícopo 1:5-8 – PN do segundo ator	290
13.05. Vida/morte	292
13.05.01. PN dos ricos	295
13.05.02. Uma direção enunciativa para o destinatário: ser e viver	297
13.05.03. Uma direção enunciativa para o destinatário: não ser e morrer	298
13.06. Dissociação de noções – perícopo 2:1-5	300
13.06.01. O valor do valor – a valência da fé	310
13.07. A instalação de um actante como sujeito discursivo	312
13.07.01. As perícopes 5:1-5 e 4:13-17	314
13.07.02. Assunção de um discurso por um sujeito vs. aspecto verbal	318
13.08 O tema do rico – o acúmulo de riquezas	320
13.08.01. Perícopo 1:9-11	321
13.01.02. Perícopo 2:1-8	323
13.01.03. Perícopo 5:1-6	324
13.01.04. Perícopo 4:13-16	326
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 328
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	333

ANEXOS	344
Anexo 01: Epístola de Tiago – Texto Grego	345
Anexo 02: Epístola de Tiago – Texto Grego/Português (tradução linear)	349
Anexo 03: Epístola de Tiago – Texto Português (Versão ARA)	362

RESUMO

A presente tese apresenta uma proposta de leitura/análise do texto grego da Epístola de Tiago que pertence, no *corpus* bíblico, ao *Novo Testamento*. A leitura/análise é feita aplicando-se conceitos, noções e metodologias das Ciências da Linguagem, modernamente empregadas na análise dos mais variados gêneros discursivos. O trabalho se constitui de três partes distintas: a primeira, em que se apresenta sumariamente a metodologia utilizada e são feitas algumas reflexões sobre o contexto, a utilização da língua grega, e o gênero do discurso epistolar. A segunda, na qual é apresentada uma proposta de teoria que tem como objetivo identificar uma estrutura e um processo para a INSTÂNCIA DA ENUNCIÇÃO. Na terceira parte, são feitas leituras análises: do contexto e do gênero do discurso de Tiago; dos recursos do sistema da língua grega como o aspecto verbal, o particípio grego e a espacialização marcada desde o léxico; da discursivização do destinatário como indicando a possibilidade de que o orador – Tiago – seja destinador de um discurso dirigido tanto a um auditório particular como universal. As ciências da linguagem utilizadas prioritariamente foram: nossa proposta de visão teórica da instância da enunciação, a lingüística textual, a argumentação, e a semiótica da Escola de Paris. Tanto o referencial teórico como as leituras/análises feitas tiveram como objetivo mostrar a aplicabilidade de metodologias modernas em textos antigos – religiosos - e escritos na língua original, bem como na busca de uma argumentação, coesão e coerência para o discurso de Tiago.

PALAVRAS-CHAVE

Discurso Religioso; Enunciação; Coesão e Coerência; Argumentação; Semiótica .

ABSTRACT

The present thesis presents a Greek text reading/analysis proposal of the Epistle of James that pertence, in *corpus* biblical, to the *New Testament*. The reading/analysis is made applying concepts, language Sciences Notions and methodologies, modernly employed in the analysis of the most varied discursive genders. The research constitutes of three distinct parts: The first, in which we present summarily the used methodology and some reflections on context are done, the Greek language system utilization, and the epistolary discourse gender. The second, in which is presented a theory proposal that has as goal identify a structure and a process for the enunciation instance. In the third part, readings analyses are done: of context and of the speech gender of James; of the Greek language system resources as the verbal aspect, the Greek participle and for spacialization marked since the lexicon; of the addressee's speechlization as indicating the possibility that the speaker – James – is destinator of a driven speech so much to a particular auditorium as universal. The sciences of the used language priority were: own theoretical vision of enunciation instance, the textual linguistics, the argumentation, and the semiotics of Paris School. Both the theoretical reference as the readings/analyses done had as goal of showing the applicability of modern methodologies in old texts - religious - and written in the original tongue, and in the search of an argumentation, cohesion and coherence for James's Speech.

KEY WORDS

Religious speech; Enunciation; Cohesion and Coherence; Argumentation; Semiotics.

RÉSUMÉ

La présente thèse propose une lecture/analyse du texte grec de l'Épître de Jacques qui appartient, au sein du corpus biblique, au *Nouveau Testament*. Cette lecture/analyse est faite en appliquant des concepts, des notions et des méthodologies issus des sciences du langage actuellement utilisées pour analyser les genres discursifs les plus variés. Le travail se compose de trois parties. La première présente sommairement la méthodologie utilisée ainsi que quelques réflexions sur le contexte, l'utilisation de la langue grecque et le genre discursif épistolaire. La deuxième partie présente une proposition de théorie qui a pour objectif d'identifier une structure et un processus pour l'instance d'énonciation. Dans la troisième partie, enfin, sont faites des lectures et des analyses du contexte et du genre du discours de Jacques; des ressources du système de la langue grecque tels que l'aspect verbal, le participe grec et la spatialisation marquée depuis le lexique; de l'action discursive du destinataire en tant qu'indication de la possibilité pour que l'orateur – Jacques – soit le destinataire d'un discours dirigé vers un public qui soit aussi bien particulier qu'universel. Les sciences du langage utilisées en priorité ont été notre propre vision théorique de l'instance d'énonciation, ainsi que la linguistique textuelle, l'argumentation et la sémiotique de l'Ecole de Paris. Le référentiel théorique tout comme les lectures et les analyses effectuées ont eu pour objectif de montrer la possibilité d'appliquer des méthodologies modernes à des textes anciens – religieux – et écrits en langue originale, ainsi qu'à la recherche d'une argumentation, d'une cohésion et d'une cohérence au discours de Jacques.

Mots-clefs

Discours religieux ; énonciation ; cohésion et cohérence ; argumentation ; sémiotique.

SIGLAS UTILIZADAS

ARA – Almeida Revista e Atualizada. Versão bíblica para o português do Texto traduzido por João Ferreira de Almeida

TA – Tratado da Argumentação

NT – Novo Testamento

AT – Antigo Testamento

Tg – Epístola de Tiago

1 Co – Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios

Ro – Epístola de Paulo aos romanos

LXX – Versão Grega da Septuaginta

Col - Colossenses

Lc – Lucas

Mt - Mateus

UBS – United Bible Society

ÍNDICE TABELAS, QUADROS, FIGURAS

Número	Título	Página
Figura 01	Referências textuais / discursivas à intertextualidade Bíblica.	10
Figura 02	Estrutura da INSTÂNCIA DA ENUNCIACÃO.	63
Figura 03	Modalização espacial do léxico dos versículos 1:16 e 3:13	114
Figura 04	Traduções usuais para o sintagma (<i>καλῆς ἀναστροφῆς</i>) nas versões em língua portuguesa, da Epístola de Tiago.	115
Figura 05	Relações entre as instâncias - DISCURSIVA e ENUNCIATIVA que ajudam a criar o tema do (<i>caminho</i>)(<i>ὁδός</i>).	121
Figura 06	Sujeitos e objetos do PN espacializado e figurativizado como (<i>caminho</i>)(<i>ὁδός</i>).	122
Figura 07	Oponentes comuns aos percursos : enunciativo (PSNE) e Discursivo (<i>ὁδος</i>)(<i>caminho</i>)	123
Figura 08	Figurativizações do NOME do sujeito transformado, que atinge a condição de ser chamado <i>eu</i>	126
Figura 09	Exemplos de equivalência de espaços nos PNs dos sujeitos “Deus” e do sujeito <i>as doze tribos na dispersão</i> (incluindo o orador)	127
Figura 10	Exemplo de espaço defendido pelo sujeito “Deus”.	128
Figura 11	Exemplo de espaço defendido pelo sujeito “ <i>as doze tribos na dispersão</i> ” (auditório da Epístola)	128
Figura 12	Ocorrências do léxico com a raiz (<i>πειρ-</i>) na perícope 1:13-14	140
Figura 13	Ocorrências da figura (<i>ἄνθρωπος</i>) na discursivização do destinatário	144
Figura 14	Perícope 4:12-17 semântica do uso do Aspecto verbal	147
Figura 15	Uso da segunda pessoa do singular nos verbos dos versículos 4:12 e 4:17	148
Figura 16	Pressupostos enunciativos/discursivos na perícope 4:11-17	146
Figura 17	Uso da segunda pessoa do plural como referente do interlocutor nos versículos 4:14-16	151
Figura 18	Relações estabelecidas pelo uso do particípio no discurso	162
Figura 19	Ocorrências de particípios substantivados na epístola de Tiago	169
Figura 20	Lista de formas participais da Perícope 2:20-26	172
Figura 21	Marcas do actante “ele” na perícope 2:20-26	176
Figura 22	Discursivização do destinatário nos versículos 4:1-10	203
Figura 23	Marcas que discursivizam o destinatário no versículo 4:11	208
Figura 24	Marcas que discursivizam o destinatário no versículo 5:15	210

Figura 25	Marcas que discursivizam o destinatário nos versículos 5:1-6	210
Figura 26	Ocorrências da raiz (<i>μακροθυμ-</i>) no léxico da perícope 5:7-10	213
Figura 27	Discursivização do destinatário na perícope 5:7-11.	214
Figura 28	Discursivização do destinatário na perícope 5:12-17,	219
Figura 29	Referência ao destinatário figurativizada por um (<i>ele</i>) marcado na terceira pessoa do modo “imperativo”.	220
Figura 30	Pronomes indefinidos e os pronomes pessoais oblíquos em 5:13-14	221
Figura 31	Desinências pessoais da 3ª pessoa do singular em 5:13-14	221
Figura 32	Referências ao destinatário que individualizam o membro do grupo na perícope 5:12-16	221
Figura 33	Quadro de utilização de figuras para (des) construção da identidade do destinatário da Epístola na perícope 1:21-27	232
Figura 34	Relações, entre sujeitos, construídos com figuras da perícope 1:17-	235
Figura 35	Verbos compostos com a raiz <i>ερχ-</i>	237
Figura 36	Intersecção de enunciados: Sabedoria <i>imaginária/aparente</i> versus sabedoria <i>vivida/real</i> .	256
Figura 37	Isotopia temática nos vers. 4:13 e 5:3	316

INTRODUÇÃO

*Se fossemos gatos, Jesus teria miado.
Se fossemos cachorros, Jesus teria latido.
Como somos, e ele igualmente, humanos,*

*Jesus falou. . . .
e os discípulos
ouviram
perguntaram
falaram
escreveram*

*e nós lemos . . .
e milhões
aderiram
e o mundo
transformou-se e se transformará para sempre
a partir deles.*

O texto/discurso religioso escolhido – a Epístola de Tiago - é importante historicamente pelo seu caráter polêmico, pois aparentemente contém um dos pólos doutrinários tidos como opostos, dentro da igreja católica. Mesmo sendo um texto tão importante, no entanto, ele foi, igual e historicamente, pouco comentado, em proporção aos demais textos do mesmo corpus neotestamentário.

Da mesma forma, em nosso país, são muito poucas as tentativas de se aproximar do texto do *Novo Testamento*, menos ainda da Epístola de Tiago, usando os recursos tanto a metodologia como o acervo de conhecimento das ciências da linguagem.

acumularam até os dias de hoje. Igualmente a ausência de reflexões sobre a língua e o discurso gregos antigos, à luz das ciências da linguagem modernas, é fator de estagnação na interpretação de textos bíblicos e sua tradução. Igualmente, a leitura/análise lingüístico/textual/discursiva do texto bíblico original contribuirá igualmente para a reflexão sobre os usos da língua grega e para a reflexão acadêmica das opções de traduções.

Na análise dos textos religiosos cristãos, ao longo da história, ocorreu a tentativa de separar o divino do humano, tanto da mensagem como do seu registro no Novo Testamento. Aponta-se a origem divina da mensagem sem levar em conta que o meio utilizado para divulgá-la, fazer sua leitura e interpretá-la, é humano. Essa é, e será, sempre uma tentativa infrutífera, pois o cerne e inovação da mensagem cristã são colocar precisamente em Jesus, o próprio centro da mensagem, as duas naturezas: a divina e a humana. A divulgação, leitura, e análise do texto neo-testamentário são feitas pelo uso da palavra articulada.

A articulação dos sons é feita por um ato enunciativo portador de um significado. Tal ato é única e exclusivamente um fenômeno e uma necessidade humanos. Os gregos já constataram isso e, para bem demonstrar a sua compreensão sobre o assunto, inseriram no termo, metaforicamente, o nome do bicho galo como, ἀλέκτωρ isto é (α)+ λεκτ + ωρ, “o não articulador” resumo de “o que não tem o som articulado”.

O galo só “emite sons” φονέω. Nos sons emitidos pelo “bicho” θηρίων não se forma a “palavra” ὄνομα, porque não são sons articulados.

Ἐπεὶ δηλοῦσι γέ τι καὶ οἱ ἀγράμματοι ψῶφοι οἷον θηρίων ὧν οὐδέν ἐστιν ὄνομα.....¹

Tradução Linear: A seguir também mostram algo os sons não representados pelas letras, como os dos bichos (feras) de que não há nome nenhum...

¹ Aristóteles, 16^a, linhas 2 e 3.

E Lucas narra:

Lc 22:34 ὁ δὲ εἶπεν, **Λέγω** σοι, Πέτρε, οὐ **φωνήσῃ** σήμερον **ἀλέκτωρ** ἕως τρίς με ἀπαρνῆσῃ εἰδέναι.

Lc 22:34 - ARA - Mas Jesus lhe disse: Afirmo-te, Pedro, que, hoje, três vezes negarás que me conheces, antes que **o galo** cante.

Lc 22:60 εἶπεν δὲ ὁ Πέτρος, **Ἄνθρωπε**, οὐκ οἶδα **ὃ λέγεις**. καὶ παραχρῆμα ἔτι **λαλοῦντος** αὐτοῦ **ἐφώνησεν ἀλέκτωρ**.

Lc 22:60 - ARA - Mas Pedro insistia: Homem, não compreendo o que dizes. E logo, estando ele ainda a falar, cantou **o galo**.

Os textos acima mostram com clareza que “o que está dizendo” ὃ λέγεις, e “o que está falando” λαλοῦντος é um “ser humano” Ἄνθρωπος. E, quem canta “emite sons” ἐφώνησεν é o “galo/não articulador” ἀλέκτωρ.

Uma das conseqüências da tentativa de separar o caráter divino do caráter humano, foi que a palavra de Deus foi considerada sagrada, no pior sentido que este termo poderia denotar, ou seja, algo separado por ser intocável, e que seres humanos normais não teriam o direito de se aproximar, para ler/analisar. Da mesma forma, houve épocas na história em que a linguagem bíblica era considerada como tendo sido escrita numa língua única: a língua do Espírito Santo.

No entanto, a sensatez falou mais alto e felizmente, dentro do próprio meio religioso, surgiram homens sábios que tornaram a Bíblia acessível às massas populares, traduzindo seu texto para as línguas nativas, e outros que a interpretaram levando em conta as descobertas das diversas ciências.

No que se refere ao registro da mensagem nos textos e discursos contidos no conjunto de livros denominado *Novo Testamento*, essa dicotomia divino/humano é igualmente insustentável. Tanto o fato/signo – Jesus - como aqueles que o registraram, definitiva e inquestionavelmente contém características humanas universais. Entre essas características está o uso da linguagem, criando e comunicando textos e discursos.

É fato atestado, inclusive, que a leitura/análise do texto bíblico, utilizando conhecimentos e noções advindas das ciências da linguagem, influenciará, no futuro de forma radical, o modo de fazer um comentário, exegese, ou interpretação.

Tanto a busca da pertinência da aplicabilidade das metodologias como dos efeitos de significados/sentidos terão como apoio conceitos e noções como enunciação, argumentação, coesão e coerência. Assim, pretendemos contribuir para uma melhor compreensão do texto, inserindo-o no mundo do conhecimento igualmente científico, competindo em pé de igualdade com outras opções de caminhos para a humanidade, bem como para fundamentar debates e diálogos entre as denominações religiosas.

Nosso objetivo é ao utilizarmos metodologias de leitura/análise lingüísticas mostrar que a epístola é um todo coeso e coerente; que os recursos do sistema da língua grega têm significado semântico, orgânico e funcional dentro do texto em que são empregados; e que a carta tem significados/sentidos que podem ser buscados e encontrados na instância enunciativa e nas instâncias narrativas e discursivas.

Pretende-se igualmente, com a Nova Retórica mostrar o caráter dialético da Epístola, pois o orador aceita o diálogo, quando constrói o discurso sobre a opinião e não sobre a evidência, e constrói seu discurso em função do auditório para o qual se dirige.

Tanto as marcas textuais como as marcas discursivas, levando em conta principalmente o texto original escrito na língua grega Κοινή “Coinê/Comum”, nos permitem fazer uma leitura/análise do caráter argumentativo da epístola. Escolhendo a leitura/análise que visa mostrar o caráter argumentativo do discurso de Tiago, estaremos nos debruçando sobre um texto que pode ser catalogado como religioso sem que necessariamente seja classificado como impositivo ou autoritário.

Da mesma forma, mesmo que o texto de Tiago, em seu primeiro versículo seja dirigido a um auditório² particular, ou seja, às doze tribos na dispersão – tentaremos demonstrar que ele é igualmente dirigido a um auditório universal – o grupo de seres humanos concebidos como gênero/espécie, numa situação social e de valores específicos.

Com relação à tentativa de demonstrar que o discurso de Tiago é coeso e coerente, pretendemos contestar a visão, igualmente histórica, de que a epístola não é coesa nem coerente: O texto de Tiago é visto tradicionalmente entre exegetas e comentaristas, como desprovido de coesão.³

METODOLOGIAS

Nesta tese utilizaremos os ensinamentos e reflexões feitas durante nosso trajeto de aprendizado acadêmico. Por essa razão a tese poderá perder um pouco de sua coesão por conta da diversidade de metodologias utilizadas, que procuraremos integrar. Mas, o ponto de união que construirá nossa coerência é a tentativa de demonstrar que as ciências da linguagem modernas se aplicam à leitura/análise do texto religioso original, levando em conta o sistema e o uso da língua grega.

Nossa formação acadêmica seguiu o seguinte trajeto: Teologia > Letras Tradução > Gramática Grega > Teoria do Texto e Argumentação > Teoria da Enunciação > Metodologia Semiótica. No curso de graduação, Letras Tradução, fomos

² Como imaginaremos os auditórios aos quais é atribuído o papel normativo que permite decidir da natureza convincente de uma argumentação? Encontramos três espécies de auditórios considerados privilegiados a esse respeito, tanto na prática corrente como no pensamento filosófico. O primeiro, constituído pela humanidade inteira, ou pelo menos por todos os homens adultos e normais, que chamaremos de **auditório universal**; o segundo formado, no diálogo, unicamente pelo interlocutor a quem se dirige; o terceiro, enfim, constituído pelo próprio sujeito, quando ele delibera ou figura as razões de seus atos. Cf. PERELMAN, C. e OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação, a nova retórica*. Trad. Maria Ermantina Galvão. 1 ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1996, pp. 33-34.

³James moves rapidly from one theme to another, often without logical connection. For this reason many commentators feel that it is difficult to detect a formal and cohesive structure in the book. Cf. LOH, I-Jin. *A Handbook on the Letter from James*. New York: United Bible Societies, 1997 (USB Handbook Series).“Tiago passa rapidamente de um tema a outro, freqüentemente sem conexão lógica. Por esta razão alguns comentaristas sentem que é difícil identificar uma estrutura formal e coesiva no livro” (tradução nossa).

leitores de Saussure. As disciplinas cursadas durante a Pós-Graduação - Mestrado e Doutorado - permitiram uma aproximação com as diversas metodologias de leitura/análise dos textos/discursos.

Durante o nosso aprendizado, foram-nos apresentadas diversas abordagens teórico/práticas de leitura/análise, destacando-se: A Retórica; a Nova Retórica; a Enunciação; A Semiótica da Escola de Paris (Greimasiana); A Lingüística Textual; A visão gramatical para a Língua Grega pelo enfoque de Murachco.

O grande mérito do Curso de Pós-Graduação foi, pois, não se limitar à apresentação teórica de uma metodologia, mas sim o de nos conduzir, como leitores/analistas para as diversas possibilidades isoladas, ou interação, indicando opções ou caminhos que modernamente estão sendo desenvolvidos.

A diversidade de métodos não trará confusão em razão de confrontos de pontos de vista, ao contrário, enriquecerá a leitura/análise. Mesmo porque, as metodologias serão utilizadas no que têm em comum, seu objeto de aplicação: um/o texto/discurso.

Assim, por exemplo, a noção/conceito de enunciação na Semiótica não entra em choque com a noção de enunciação da Retórica. A noção mais atual de Referenciação como processo intratextual complementa a noção de verossimilhança da Nova Retórica, ou os contratos fiduciários da Semiótica. A noção de lingüística da língua tida como marca da lingüística Saussuriana não exclui, mas apenas delimita o campo daquela ciência. Em delimitando, abre caminho para admissão da lingüística da fala, ou seja, das teorias da enunciação.

Algumas noções e conceitos das metodologias utilizadas não serão reproduzidos na tese e outros só o serão no momento da exposição das leituras/análises. O que queremos evitar é a reprodução cansativa dos quadros teóricos que muitas vezes apenas repete o que livros especializados desenvolvem a exaustão.

Assim, optamos por pequenas sínteses resumitivas, ou citações, de alguns conceitos e noções das metodologias utilizadas. Um dos objetivos desta tese é chamar atenção e mostrar a utilidade de aplicação das ciências linguísticas na leitura/análise do texto bíblico, e não é nosso objetivo priorizar a aplicação de uma só metodologia. Ao final, pensamos ser importante marcar que todas as metodologias utilizadas estarão em correlação direta e hierarquicamente abaixo da noção central de ENUNCIÇÃO.

A INSTÂNCIA DA ENUNCIÇÃO *sensu large* será vista sob três enfoques: na sua origem e sua criação (sua gênese), na produção de um objeto textual e discursivo, no seu ato comunicativo. Enfatizando a INSTÂNCIA DA ENUNCIÇÃO queremos remarcar o que consideramos sua gênese, ou seja: a experiência/percepção de um objeto por um sujeito. Nossa tese pretende fazer uma ligação entre as teorias utilizadas e o texto/discurso de Tiago, objetivando assim mostrar a pertinência de aplicação das ciências da linguagem nos textos do *Novo Testamento*. Faremos, por exemplo, uma leitura da prática textual/discursiva de Ἰάκωβ “Tiago”, a partir de alguns recursos/técnicas/elementos e estruturas argumentativas/discursivas elencadas no TA⁴.

Alguns conceitos, noções ou fatos textuais/discursivos que serão utilizados: A INSTÂNCIA DA ENUNCIÇÃO que será vista nos três modelos de abordagem: a genética, a discursivização e a interação/comunicação; morfologia, partindo do sistema da língua grega e levando em conta as raízes e temas que formam as palavras. A identificação dessas formas é valiosa, pois a tradução para o português não permite que identifiquemos a riqueza de relações que com elas podem ser estabelecidas; OS CONECTORES – Dentre esses elementos estruturantes, priorizamos e inovamos o estudo do particípio grego, como um articulador textual; A REFERENCIAÇÃO - Vista no discurso não como algo dado de imediato, mas como um processo que cria um objeto discursivo O processo de referenciação é fundamental na construção da representação da construção da identidade, tanto dos actantes/personagens e objetos como das ações e noções a eles vinculadas. Junto com a referenciação, procuramos a existência de uma estrutura terminológica – quase técnica - própria do cristianismo nascente, e que Tiago está auxiliando a consolidar; ISOTOPIAS FIGURATIVAS E TEMÁTICAS – (A) já originadas

⁴ Adotaremos a sigla TA quando nos referirmos aos conceitos, noções, ensinamentos e à obra *Tratado da argumentação, a nova retórica*, de C. Perelman e L. Olbrechts-Tyteca.

pela morfologia do termo – particularmente da formação com as preposições ou prefixos separáveis que modalizam espacialmente o termo. B) as isotopias construídas a partir das figuras do mundo natural e do mundo cultural, e C) discursivizadas por meio de recursos como a analogia, metáforas, comparações, etc.; ISOTOPIAS ARGUMENTATIVAS – que se constituem de um conjunto de referentes argumentativos lexicais, proposicionais ou semânticos. É possível com a leitura/análise estabelecer uma relação de significado e de sentido entre esses referentes, que contribuirá para a construção de uma verdadeira estrutura argumentativa; TRAÇOS VERBAIS – A) Os traços aspectos verbais, marcados morfologicamente nos temas verbais; B) Os Modos verbais – com enfoque particular no uso dos imperativos e participios gregos. C) a voz: que no sistema da língua grega inclui além da Ativa e Passiva, a voz Média, esta última sendo importantíssima para assinalar o comprometimento e interesse do sujeito no ato/estado ao qual está vinculado; DISCURSIVIZAÇÃO DO DESTINATÁRIO/AUDITÓRIO – dedicaremos um capítulo aos recursos lingüísticos e discursivos que referenciam o destinatário/auditório de maneira extraordinariamente rica e diversificada. Essa discursivização aparecerá igualmente como elemento estruturante de coesão e coerência textual, argumentação e para a identificação de temas.

Instrumentos de coleta de dados: Os dados para leitura/análise foram colhidos de textos impressos e de textos eletrônicos, particularmente os textos gregos encontrados nos recursos computacionais que têm como instrumento básico os programas e arquivos constantes do software Bibleworks editado pela UBS⁵.

Tratamento e análise de dados: Eventualmente se levantarão relações e estatísticas demonstradas com quadros e gráficos.

Com a utilização da Lingüística Textual, procuraremos justificar os usos dos elementos paradigmáticos dos sistemas lingüísticos do grego e português, bem como

⁵ *The Greek New Testament* (GNT), edited by Kurt Aland, Matthew Black, Carlo M. Martini, Bruce M. Metzger, and Allen Wikgren, in cooperation with the Institute for New Testament Textual Research, Münster/Westphalia, Fourth Edition (with exactly the same text as the Nestle-Aland 27th Edition of the Greek New Testament), Copyright (c) 1966, 1968, 1975 by the United Bible Societies (UBS) and 1993, 1994 by Deutsche Bibelgesellschaft (German Bible Society), Stuttgart. Copyright © 1998 BibleWorks, LLC.

sua utilização sintagmática atualizada e realizada no texto/ discurso da epístola. São os elementos do sistema grego em uso no discurso que serão para nós um ponto de apoio concreto para a aplicação das demais teorias.

A questão da argumentação aparece também nessa leitura/análise, servindo, pois, amplamente para nossos objetivos de tese.

A coesão e coerência serão buscadas na: identificação das analogias, família de palavras, e no conceito semiótico de isotopias. Isotopias temáticas, figurativas e argumentativas; recursos gramaticais da língua grega, entre eles o uso: das preposições isoladas ou compondo palavras, das raízes gregas que contribuem na construção da referenciação, e do particípio, especialmente nas suas funções anafóricas e catafóricas, as quais contribuem para coesão, coerência e argumentação no texto analisado. Embora este fato gramatical, o particípio grego, não esteja enquadrado tradicionalmente pelos lingüistas como elemento coesivo, tentaremos apontar que o particípio é um articulador textual, papel geralmente reservado às conjunções e partículas. Consideramos que o particípio grego é um anaforizante. Várias noções⁶ relacionadas com a referenciação serão utilizadas para essa leitura/análise: o particípio como fator de retomada, como um encapsulador anafórico, como uma anáfora associativa, etc. O particípio como elemento anafórico e igualmente, conforme Murachco, já gramaticalmente como verbo que busca seu complemento é fator precioso de progressão textual, coesão e coerência. Na progressão, a presença do particípio certamente introduz e auxilia a construir uma temática.

Tivemos que adotar algumas medidas restritivas. Na medida do possível, não apontaremos, dentro da leitura/análise, as marcas da Intertextualidade bíblica Vétero ou Neotestamentária e que existem às centenas no pequeno discurso de Tiago. Referências cruzadas serão apontadas em poucas ocasiões, apenas servindo como prova de nosso argumento, ou seja, da utilização, por parte do orador, de uma coerção que vem de um lugar comum, ou ideologia, presente em valores ou fatos admitidos pelo grupo das doze tribos na dispersão. A utilização por parte do orador de referências a fatos ouvidos,

⁶ Noções obtidas em CAVALCANTE, Mônica Magalhães, RODRIGUES, Bernadete Biasi e CIULLA, Alena (orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003 (*Clássicos da Lingüística 1*).

escritos ou falados em intertextos, por si só, no próprio discurso de Tiago, já apontam um intertexto. Ver, entre outros, alguns exemplos, nas frases a seguir:

vers.	Texto grego	Tradução
5:11	τὴν ὑπομονὴν Ἰώβ ἠκούσατε	a paciência de Jó, escutastes;
2:8	κατὰ τὴν γραφὴν Ἀγαπήσεις τὸν πλησίον	de acordo com a escritura: amarás o próximo
2:23	καὶ ἐπληρώθη ἡ γραφὴ ἣ λέγουσα	E foi cumprida/preenchida a escritura, a que diz/a dizente:

Figura 01: Referências textuais/discursivas à intertextualidade Bíblica.

A intertextualidade bíblica, no entanto, será evocada quando tentarmos contextualizar o discurso de Tiago dentro de uma narrativa que situa a Epístola em um quadro polêmico de intersecção de enunciados.

Não entraremos, da mesma forma, em questões históricas, doutrinárias e teológicas. Nossa tese é uma leitura/análise que leva em conta o texto/discurso, ela não é uma interpretação doutrinária. Não utilizaremos variantes textuais do texto original, nem se mencionará a crítica textual. O texto utilizado será somente o da UBS, acima referenciado.

CAPÍTULO 01

CONTEXTO

A Epístola de Tiago é um ato. Um ato de produção, fabricação de um objeto: o texto/discurso. É o ato da enunciação. Ato gerador de duas presenças: de um sujeito e de um objeto. Na Epístola, quem é o enunciador, o produtor, é chamado Tiago. O produtor/enunciador situa/contextualiza/indica/mostra o contexto⁷ situacional, em que o seu ato de produção ocorre, e no qual seu produto aparece. Ele mostra o contexto situacional pelas marcas que aparecem no seu próprio produto/enunciado, no texto/discurso. As marcas do contexto situacional de produção da Epístola de Tiago indicam estados e práticas sociais, culturais, ideológicas, econômicas, e discursivas. Pelo fato de serem colocadas dentro do enunciado/produto as marcas, ao apontar o contexto situacional, indicam fatos, ações, objetos, estados e pessoas, cuja presença é compartilhada tanto pelo enunciador como por aqueles que vão interagir com o produto, primeiramente por aqueles para quem o produto é destinado. No caso da epístola, o próprio orador Tiago e o seu auditório. No auditório, o destinatário principal e coletivo, chamado no vers. 1.1 de: As doze tribos na dispersão. O produto, (enunciado/discurso) de Tiago é criado dentro de um contexto situacional e de uma organização social que aparece no discurso como, por exemplo, a família. A isotopia da família é lida pelas referências: filho, irmão, irmã, irmãos, pai, dos versículos: 2:21; 1:2; 1:9; 1:16; 1:17; 1:19; 1:27; 2:1; 2:5; 2:14; 2:15; 2:21; 3:1; 3:9; 3:10; 3:12; 4:11; 5:7; 5:9; 5:10; 5:12; 5:19. A partir dos termos, podemos inferir uma estrutura familiar e social e inferir uma

⁷ O contexto de um elemento X qualquer é, em princípio, tudo o que cerca esse elemento. Quando X é uma unidade lingüística (de natureza e dimensões variáveis: fonema, morfema, palavra, oração, enunciado), o entorno de X é ao mesmo tempo de natureza lingüística (ambiente verbal) e não-lingüística (contexto situacional, social, cultural). Ver verbete “contexto”. In: CHARAUDEAU, Patrick e MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. Coord. de Tradução: Fabie Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

série de relações familiares e sociais que são típicas do contexto social, no qual o enunciado aparece. Essas marcas lexicais tanto servem para nos mostrar o contexto situacional em que o produto é criado como contribuem para construir temas e a argumentação. Se essas marcas são repetidas, como é o caso de “meus irmãos” ἀδελφοί μου, do campo analógico da família, é sinal de que as micro-narrativas, ligadas a essas marcas, são escolhas preciosas para a argumentação do enunciador. Mas, o contexto situacional que aparece nas marcas do enunciado não é só aquele contexto da organização social e das práticas culturais entre elas as práticas discursivas. A situação é também do contexto do mundo natural e geográfico. Além disso, para as diversas práticas, aparecem: as relações do homem com a natureza, a relação do homem com o homem, na qual se incluem as práticas econômicas. Estas últimas, por exemplo: de compra e venda, de relações patrão empregado, de senhor e servo, do trabalho sazonal, da remuneração por salários, de acúmulo e ostentação de riquezas, e da pobreza.

Há duas funções da evocação do contexto situacional pelo orador: uma é tentar apontar o que se passa na realidade social outra é se utilizar de práticas ou estados como figuras discursivas, e argumentativas. É o caso da referência a objetos, como o leme, o freio, o espelho, e a suas funções,. Mesmo que esses objetos evoquem práticas sociais como a navegação, a montaria, ou a visão de sua própria face, eles são trazidos para o discurso como figuras e como recursos, para (des)construção da identidade dos atores, criar pequenas narrativas, apresentar temas, mostrar valores comuns. Assim é que, provavelmente, há um valor figurativo nos papéis sociais que cada ser humano ocupa e desempenha dentro da sociedade, além da mera indicação de um costume, ou de uma prática de relação de um homem com outro homem, com um animal, ou com um objeto. Esses elementos e situações são utilizados pelo enunciador, que nos mostra pelas marcas e das escolhas dentro de seu enunciado um panorama quase que cinematográfico do contexto situacional, no qual ocorre o seu ato de produção, a sua enunciação, o seu ato da fala. Os elementos co(n)textuais evocados do mundo natural não apenas apontam a sua existência/ocorrência na situação e no conhecimento compartilhado. Quando um fato da natureza ou prática sócio/cultural é evocado, (o movimento da onda do mar; um pequeno objeto – como um leme de navio; ou um costume – como se olhar no espelho) ele servirá igualmente como uma figura para servir de ilustração, exemplo ou modelo,

com fins argumentativos. Os objetos servem de suporte figurativo para trazer ao discurso os valores, crenças, fatos, ou até mesmo suposições, como pontos de partida para argumentação. Figuras que servem igualmente de suporte e colaboradoras na construção de temas, significado e efeitos de sentido. E, mais ainda, nesses casos, o que o texto/discurso da epístola pode significar é que, os fatos, ações ou estados, de natureza interna ou externa das micro-narrativas das quais o mundo natural faz parte, conteriam traços semânticos de leis senão perenes, ao menos estáveis ou de valor universal.

Dessa forma, o tema que está sendo construído com os elementos contextuais do mundo natural adquire igualmente um caráter perene e universal. Este fato pode nos fazer pensar que naquelas ocasiões o enunciador está se dirigindo não só a um auditório imediato e particular, mas igualmente a um auditório universal. É o caso, por exemplo, das figuras trazidas pelos elementos contextuais do mundo natural, que são escolhidos e apresentados nos vers. 1:10-11, abaixo, em que aparecem: a flor, o sol, o vento, a erva.

1:10 ὁ δὲ πλούσιος ἐν τῇ ταπεινώσει αὐτοῦ, ὅτι ὡς ἄνθος χόρτου παρελεύσεται.

1:10 Mas ao rico, diga a ele que (comece a se vangloriar/exaltar) na sua humilhação, porque irá embora/cairá/passará como a flor da erva.

1:11 ἀνέτειλεν γὰρ ὁ ἥλιος σὺν τῷ καύσωνι καὶ ἐξήρανε τὸν χόρτον καὶ τὸ ἄνθος αὐτοῦ ἐξέπεσεν καὶ ἡ εὐπρέπεια τοῦ προσώπου αὐτοῦ ἀπώλετο· οὕτως καὶ ὁ πλούσιος ἐν ταῖς πορείαις αὐτοῦ μαραινθήσεται.

1:11 Pois, o sol atingiu o seu ponto máximo/o seu pico/a sua meta tendo ao lado o vento escaldante/abrasador e secou a erva e a sua flor caiu e a beleza da aparência dela morreu/desapareceu. Assim também o rico em seus negócios/nas suas andanças será murcho.

Como contraponto daquilo que é exterior, daquilo que é o contexto situacional do momento do mundo em que o produto é criado, nós temos igualmente um contexto enunciativo histórico, no qual está situada, na epístola, a instância enunciativa *stricto sensu*. Há marcas no enunciado que indicam a exata posição em que se encontra o ato de produção do enunciado: a posição da enunciação levando-se em conta um contexto situacional enunciativo maior, ou histórico, compondo um meta-discurso com a intertextualidade discursiva. Levando em conta uma hierarquia de escolhas, entre os elementos que compõem o contexto situacional, consideramos o contexto situacional

enunciativo/discursivo como aquele que mais contribui para efeito de sentido na leitura/análise da Epístola de Tiago. A Epístola se situa e é posta em relação com outros produtos, outros enunciados/discursos e seus enunciadores/oradores⁸. É a partir desse confronto que o tema da sabedoria e da sua transmissão aparece.

Além desses, há igualmente um contexto que remete à natureza interior humana. Nesse caso, talvez o termo mais próprio para se referir a ele seja contexto condicional. É o contexto condicional que remete às condições inerentes ao ser humano em qualquer época ou situação histórica. São aquelas condições que fazem parte do próprio gênero humano visto como natureza: “a natureza humana” ὁ φύσις ἀνθρώπινος, à qual o orador faz referência, no vers. 3:7:

3:7 πᾶσα γὰρ φύσις θηρίων τε καὶ Πτερυγῶν, ἑρπετῶν τε καὶ Ἐναλίω
δαμάζεται καὶ Δεδάμασται τῇ φύσει τῇ ἀνθρωπίνῃ

3:7 Pois toda a natureza das feras, também das aves, dos répteis, e também dos seres marinhos está sendo domada e está domada pela natureza humana/dos homens.

Na epístola aparecem as marcas discursivas que apontam quais são as condições humanas que interagem, tanto com o contexto situacional da interação discursiva, como com o restante do contexto situacional histórico - passado presente e futuro do mundo - no qual o discurso aparece.

CO(N)TEXTUALIZAÇÃO ENUNCIATIVA

Na co(n)textualização enunciativa, confrontamos as práticas discursivas verbais em que a Epístola se insere com uma leitura/análise semiótica, aplicando a equação do esquema narrativo canônico. A metodologia Semiótica nos permite ler a co(n)textualização enunciativa do seguinte modo:

⁸ As marcas da intertextualidade bíblica são centenas, apontadas e até listadas pelos comentaristas. A este respeito, ver o trabalho exaustivo de ZODHIATES, S. *The behavior of belief: an exposition of James based upon the original Greek text*. 2 ed. Michigan: Grand Rapids, 1966.

Primeiro Percurso: Um sujeito coletivo enunciador SC1, figurativizado pelos enunciados/discursos do *Antigo Testamento*. Um sujeito coletivo de estado SC2 figurativizado pelas doze tribos na dispersão. SC1 com seu discurso *faz saber* ao SC2 (em estado de falta de sabedoria) em que consiste a sabedoria de um outro sujeito: Deus. O *fazer saber* tem como objetivo a transformação de SC2 (em estado de falta de sabedoria). Esse se transforma em SC2 (portador de sabedoria). Esse Primeiro Percurso pressupõe, além da transformação pelo *saber*, o início de outro percurso, desta vez, do *fazer*.

SC1 (AT) > SC2 (em falta de sabedoria) > SC2 (aquisição de sabedoria)

Segundo Percurso: Um sujeito coletivo enunciador SC1, figurativizado pelos enunciadores/oradores do NT. Um sujeito coletivo de estado SC2 figurativizado como as doze tribos na dispersão. SC1 *faz saber* ao SC2 (em estado de falta de sabedoria) em que consiste a sabedoria de outro sujeito (Deus/Jesus/Senhor). Objetivo: SC2 (em estado de falta de sabedoria) se transforma em SC2 (portador de sabedoria). Esse Segundo Percurso pressupõe igualmente além da transformação pelo *saber* o início de outro percurso de *fazer*.

SC1 (NT) > SC2 (em falta de sabedoria) > SC2 (aquisição de sabedoria)

É dentro desse quadro narrativo que o enunciado/discurso de Tiago intervém. O que queremos assinalar é que tanto o primeiro como o segundo percursos narrativos são percursos que pressupõem a existência de sujeitos que assumem a condição de sujeitos discursivos como enunciadores/oradores do AT e do NT. É neste quadro que queremos contextualizar historicamente o discurso de Tiago e tentar construir um sentido para a epístola. Para construir o efeito de sentido e significado do discurso é necessário fazer uma relação com os percursos de *fazer*, aos quais nos referimos acima, e para isso nos utilizaremos como apoio da noção de intervenção.

A noção de intervenção, que consideramos como sendo um dos significados do ato enunciativo/discursivo de Tiago, encontraremos tanto na Teoria da Argumentação como em nosso enfoque teórico sobre a INSTÂNCIA DA ENUNCIÇÃO.

CONTEXTUALIZAÇÃO ARGUMENTATIVA

O apoio teórico para vincular o contexto situacional enunciativo com a noção da *intervenção* argumentativa encontramos no *Tratado da Argumentação. A Nova Retórica*, doravante chamado TA, como segue:

A existência de um lapso de tempo, maior ou menor, entre o momento da adesão e o da ação que ela deveria suscitar explica suficientemente **a intervenção** no debate, julgado anteriormente encerrado, de certos valores esquecidos ou minimizados, de elementos novos que talvez tenham surgido depois da tomada de decisão⁹ (*negritos nossos*).

O ensinamento do TA pode nos auxiliar a situar o discurso de Tiago dirigido diretamente às *doze tribos na dispersão*. A tentativa de co(n) textualização leva em conta os percursos narrativos acima evocados. Trata-se de uma narratividade enunciativa/discursiva bíblica situada historicamente dentro de uma sociedade determinada e da qual as doze tribos na dispersão faziam parte.

O que ocorre nesse contexto? As doze tribos na dispersão e a sociedade da qual elas faziam parte aderiram ao discurso do AT (Primeiro Percurso Narrativo). No entanto, o grupo demorou a tomar decisões que eram esperadas após sua adesão cognitiva. O Percurso Narrativo do *fazer*, esperado a partir da adesão ao *saber*, continuou em suspenso. Isso se repetiu novamente com o discurso do NT. Alguns membros do grupo das doze tribos na dispersão aderiram cognitivamente ao discurso do NT. No entanto, demorou a tomar as decisões que seguiriam à adesão pelo convencimento.

⁹ TA, p. 55.

Mas, não só houve uma demora na tomada de decisões como houve igualmente a tomada de decisões que indicavam uma ruptura nas próprias crenças, uma ruptura dos acordos. Essa ruptura aparece na epístola tanto quando o orador aponta, no vers. 1:6, para a divisão, do crer πίστις “fé”, ao “fazer juízos atravessados/fazer considerações/discriminar” διακρίνω no momento da busca da sabedoria, como na atribuição de funções narrativas ao sujeito Deus/Senhor/Jesus Cristo com o qual as doze tribos na dispersão mantinham um contrato. Os versículos a seguir ilustram o que queremos dizer:

1:6 αἰτείτω δὲ ἐν πίστει μηδὲν διακρινόμενος ὁ γὰρ διακρινόμενος ἔοικεν κλύδωνι θαλάσσης ἀνεμιζομένῳ καὶ ῥιπιζομένῳ.

1:6 Que ele busque/entre no ato de buscar com fé, e não fazendo julgamentos atravessados/ considerações/discriminações, pois o que está fazendo julgamentos atravessados/ considerações/ discriminações parece uma onda do mar, que está sendo agitada/empurrada e soprada pelo vento.

1:7 μὴ γὰρ οἰέσθω ὁ ἄνθρωπος ἐκεῖνος ὅτι λήμψεταιί τι παρὰ τοῦ κυρίου

1:7 Pois, diga a ele - aquele ser humano/o ser humano aquele - que não pense/não comece a pensar /não continue pensando, que receberá algo da parte do Senhor.

1:8 ἀνὴρ δίψυχος, ἀκατάστατος ἐν πάσαις ταῖς ὁδοῖς αὐτοῦ.

1:8 Um homem masculino de mente dupla, inconstante/instável/desposicionado em todos os caminhos dele.

2:1 Ἀδελφοί μου, μὴ ἐν προσωποληψίαις ἔχετε τὴν πίστιν τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ τῆς δόξης.

2:1 Meus irmãos não tenhais/continuais a ter em parcialidade/distinção de pessoas, a fé do nosso senhor Jesus Cristo, da Glória.

e

1:13 μηδεὶς πειραζόμενος λεγέτω ὅτι Ἀπὸ θεοῦ πειράζομαι· ὁ γὰρ θεὸς ἀπειραστός ἐστὶν κακῶν, πειράζει δὲ αὐτὸς οὐδένα.

1:13 Ninguém ao mesmo tempo que está sendo envolvido/provado/tentado (ele) diga/comece a dizer/ continue a dizer “da parte de Deus eu estou sendo envolvido/provado/tentado”, pois o Deus não é envolvedor/tentador maldoso/para o mal - suscetível de tentação a partir dos males. Ele mesmo ninguém envolve/testa/tenta.

Com a ruptura dos acordos, houve necessidade de *intervenções* na história da narrativa enunciativa bíblica, tanto do AT e como do NT. A relação contratual do sujeito as doze tribos na dispersão com o sujeito Deus/Senhor/Jesus Cristo precisava ser lembrada. As intervenções ocorreram porque o que o contrato previa eram ações efetivas que se seguiriam naturalmente após a decisão pelo convencimento intelectual, e não se esperava por parte do grupo apenas um monte de decretos e papéis.

Apontando a ausência do PN do *fazer*, apareceram as intervenções históricas de profetas do AT, houve a intervenção histórica do discurso de Jesus e a agora a *intervenção* histórica de Tiago. Tiago intervém apontando a falta como um dos componentes da sabedoria, um dos temas de seu discurso. A falta de sabedoria é (su)posta logo no início da Epístola: vers. 1:5.

O orador Tiago retoma igualmente, em toda a Epístola, a ausência do PN do *fazer* que é pressuposto como seguindo a aquisição da sabedoria. Seu discurso, argumentativamente, faz intervir valores novos, e lembrar valores antigos esquecidos. O orador Ἰακώβ “Jacó /Tiago” não considerou o debate encerrado mas fez nele intervir “elementos novos que surgiram após a tomada de decisão”.¹⁰ Mas, tudo se passa no nível discursivo mesmo a intervenção de Tiago. O resumo discursivo, no enunciado englobante da epístola, do trajeto PN do *fazer/saber* que clama pelo *fazer/fazer*, se encontra no versículo.

2:18 Ἄλλ' ἐρεῖ τις, Σὺ πίστιν ἔχεις, κἀγὼ ἔργα ἔχω· δεῖξόν μοι τὴν πίστιν σου χωρὶς τῶν ἔργων, κἀγὼ σοι δείξω ἐκ τῶν ἔργων μου τὴν πίστιν.

2:18 Mas perguntará alguém: tu tens/continuas tendo fé e eu tenho/continuo tendo trabalhos, mostra/começa a mostrar (tu) para mim a tua fé separada dos trabalhos e eu te mostrarei a fé , a partir dos meus trabalhos.

No versículo 2:18 aparece a decisão e a tomada de posição que advém após a tomada de decisão. A decisão e a tomada de posição são figurativizadas pela “fé”

¹⁰ TA, p. 55.

πίστις. Quando o orador diz no versículo 2:18 que “a partir/de dentro dos trabalhos” ἐκ τῶν ἔργων a fé é mostrada ele está fazendo discursivamente o caminho inverso do percurso narrativo da argumentação. O percurso no qual o TA justifica a *intervenção*:

Discurso argumentativo > Adesão intelectual >
Que implica adesão de valores que levam à ação >
Esquecimento dos valores > Lembrança dos valores pela *intervenção* >
Sugestão de ação.

Mas, não é só dentro da estrutura argumentativa isoladamente e levando em conta uma lógica que se situa a intervenção de Tiago. A intervenção de Tiago é enunciativo/discursiva e ela mesma lembra a modalização pelo sensível na INSTÂNCIA DA ENUNCIACÃO.

INTERVENÇÃO E ENUNCIACÃO

Para vincular a noção argumentativa da intervenção argumentativa com a co(n)textualização enunciativa, o apoio será a nossa visão teórica da INSTÂNCIA DA ENUNCIACÃO.¹¹ Nossa visão teórica leva em conta a relação de experimentação de um objeto que está na origem da enunciação. Uma visão que se situa numa visão teórica em que a gênese da enunciação está na relação sensível entre um sujeito e seu objeto e que pode contribuir para a construção de uma Teoria Evangélica Enunciativa. Dessa forma, igualmente nos consideramos como fazendo uma intervenção argumentativa, com o objetivo de incluir nas metodologias de leitura/análise da enunciação evangélica a questão do sensível, como origem do ato enunciativo. A idéia da relação entre intervenção *versus* sensível obtemos em Bertrand, abaixo, ao analisar um texto literário: “Na fonte da intervenção se encontra, portanto, uma falta de um tipo particular: a privação do vínculo sensível.”¹² Na leitura/análise do texto literário, que é feita por

¹¹ Ver capítulo 7 desta tese.

¹² BERTRAND, Denis. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru: EDUSC, 2003, p. 249ss.

Bertrand, a *intervenção* é vinculada a uma falta. Esta falta é a privação de um vínculo sensível. Na leitura/análise do texto de Tiago, observamos que a *intervenção* está também vinculada a uma falta. A falta do PN do *fazer* ao qual nos referimos acima. É aqui que queremos estabelecer uma relação entre a falta do PN do *fazer* e nossa visão teórica da INSTÂNCIA DA ENUNCIÇÃO. Essa relação procurará mostrar que a falta do PN do *fazer* está igualmente estribada na privação de um vínculo sensível. Esta privação aparece marcada no texto de Tiago quando o discurso do destinatário, previsto argumentativamente na epístola, mostra que sua enunciação verbal não se origina no percurso do sentir, experimentar, sofrer de um objeto, no caso o seu irmão ou companheiro do grupo. Tiago tenta mostrar que a enunciação verbal do destinatário da epístola não se origina num dispositivo enunciativo que indica a conquista de sua presença no mundo, e que lhe permite a aquisição de uma identidade. Uma presença que é fruto do seu sentir, experimentar, sofrer de, no momento da sua relação com o objeto Deus. Uma relação que passa por uma relação consigo mesmo e por uma relação com os outros seres humanos.

CAPITULO 02

O TEXTO ORIGINAL GREGO

As referências ao texto da Epístola são feitas nesta tese com as formas do português entre aspas ao lado das formas gregas, como nos exemplos a seguir:

“meus irmãos” ἀδελφοί μου

ou

ἀδελφοί μου “meus irmãos”

Cabe assinalar que o texto de Tiago é considerado como escrito por um profundo conhecedor da língua grega. E, a competência no uso da língua é fundamental para a construção argumentativa de qualquer discurso, conforme assinala o autor abaixo:

(...) quanto mais domínio o falante tiver dos recursos expressivos de sua língua, mais eficientemente atuará sobre os seus ouvintes. Tendo à sua disposição múltiplas formas de se comunicar, o indivíduo selecionará as mais adequadas para atingir seus objetivos. Esse agir sobre a linguagem ocorre tanto por parte do emissor como por parte do receptor: se ambos têm domínio do material lingüístico com o qual estão interagindo, melhores resultados estarão obtendo na sua comunicação.¹³

No que se refere ao sistema da língua grega e sua utilização foram consultados Gramáticas, Dicionários, Thesaurus, tendo como ponto de apoio inicial a Gramática de

¹³ ARAÚJO, Ubirajara Inácio de. *Tessitura textual: coesão e coerência como fatores de textualidade* ed. São Paulo: Humanitas, 2002, p. 24.

Murachco¹⁴. Ressalte-se que, da mesma forma que utilizamos teorias específicas para o grego neo-testamentário, a base gramatical é a do grego ático, já que pertence ao ático a variante Κοινή. Admite-se historicamente, embora sem unanimidade, que os livros do Novo Testamento foram escritos originalmente nessa variante.

Tradicional e historicamente, a justificativa que se dá para a escolha da língua grega por parte dos autores do Novo Testamento é de que o mundo da época falava o grego. Assim sendo, o autor que escrevia em grego tinha em mente que o auditório que iria receber a epístola compartilhava da sua mesma competência lingüística. Dessa forma, o texto/discurso era inteligível e depois assimilado. No entanto, poderíamos levantar algumas hipóteses que poderiam ser agregadas a essa justificativa histórica. Hipóteses que podem ser aplicadas na justificativa de uso da língua grega pelo orador da Epístola de Tiago.

PRIMEIRA HIPÓTESE

A LÍNGUA ESTRANGEIRA COMO REFÚGIO.

A primeira hipótese nos veio lendo o livro *Identidade e Discurso*, e nele o artigo de Bolognini.¹⁵ Nesse artigo, a autora ensina: quando duas pessoas – que poderiam estar falando numa mesma língua conhecida, ou que está sendo aprendida pelos dois, preferem usar uma terceira ou uma segunda língua, trata-se de um artifício que visa amenizar ou destruir as posições dos sujeitos discursivos, no momento em que estão falando. Trata-se de eliminar os valores ideológicos que estabelecem lugares tópicos – trazidos pelas posições sociais hierarquizadas – e que condicionam os discursos dos interlocutores.

E, ao privilegiar um, o poder na interlocução já poderia estar predeterminado. Optar pela língua estrangeira, no caso analisado implica um reconhecimento da presença da ideologia na língua; implica uma tentativa de não se ver

¹⁴ MURACHCO, H. *Língua grega: visão semântica, lógica, orgânica e funcional*. Vols 1 e 2. Petrópolis: Editora Vozes/Discurso Editorial, 2001.

¹⁵ BOLOGNINI, Carmen Zink. A língua estrangeira como refúgio. In: CORACINI, Maria José (org.). *Identidade & discurso: (des)construindo subjetividades*. Campinas/Chapecó: Editora da Unicamp/Argos Editora Universitária, 2003.

submetido à história, à cultura do outro pelo fato de estar falando em sua língua. Implica uma opção por silenciamento de sua própria história, de sua própria cultura, mas também implica posicionar discursivamente os dois sujeitos em uma região nebulosa devido às incertezas que os mistérios da língua estrangeira colocam em cena. E nesse sentido que a língua estrangeira se coloca, na opção dos dois sujeitos analisados aqui, como um refúgio: um lugar no qual ambos se sentem seguros no aparente nivelamento que ela lhes proporciona.¹⁶

No caso de Tiago, algumas reflexões poderiam ser feitas com relação a essa possibilidade de escolha. Primeiramente, Tiago não é um profeta, e não sendo um profeta para o seu auditório, as doze tribos na dispersão, ele não poderia falar em nome de Deus e, se o fizesse, ele estaria se posicionando num lugar social/religioso inadequado. A seguir, o orador apresenta-se como servo. Essa posição para os valores do Antigo Testamento não dá autoridade nenhuma para que um sujeito se assuma como sujeito discursivo e fale em nome de Deus. Assim, aplicando o ensinamento de Bolognini, ao usar a língua grega, o orador estaria procurando um lugar no qual pudesse se tornar mais livre das coerções sociais/religiosas que lhe reservavam um lugar tópicamente hierarquicamente inferior, um lugar que lhe impediria de se assumir como sujeito discursivo. A língua grega seria um refúgio aonde ele poderia se movimentar com mais liberdade, livre das coerções sociais que lhe eram impostas pelo uso da língua comum, pressupostamente o hebraico ou aramaico.

SEGUNDA HIPÓTESE: A LÍNGUA ESTRANGEIRA COMO INSTRUMENTO DE CATEGORIZAÇÃO OU RECATEGORIZAÇÃO.

Outra hipótese, que consideramos bem plausível e talvez até inquestionável, é de que os autores do Novo Testamento utilizariam a língua grega para introduzir novos valores: culturais, religiosos, etc. Utilizando a língua grega, o orador estaria fazendo uma junção entre os valores da religião/sociedade judaica e os valores da religião/sociedade grega. Essa junção tinha um caminho de mão dupla: de um lado, introduziria no auditório específico das doze tribos na dispersão - o grupo com valores do AT - as noções, valores enfim, categorias do mundo grego. De outro lado, introduziriam no

¹⁶ BOLOGNINI, pp. 193-194.

auditório específico do mundo grego - aqui transformado num auditório universal pelo fato de que o mundo da época falava grego - os valores, crenças, enfim categorias da religião/sociedade judaica. Quanto a essa hipótese - utilizar-se da língua grega para introduzir novos valores - ela pode ser aceita com facilidade uma vez que é fato comprovado pelos linguistas/tradutores que, nos atos tradutórios há um componente imprescindível, e que não pode ser deixado de lado, qual seja, os aspectos culturais da sociedade da língua de partida e da língua de chegada, no texto traduzido. O uso da língua grega pelos autores do NT, incluindo o orador da epístola de Tiago, pode indicar uma recategorização ou retomada de uma categorização há muito esquecida de um conjunto de idéias como um todo, ou de um objeto cultural. Especificamente, na epístola¹⁷, essa hipótese se comprava quando olharmos, por exemplo, para o termo θρησκός “fazedor/religioso” cujo significado no mundo grego não é a do conceito abstrato de religião.

VERSÃO ESCOLHIDA DA EPÍSTOLA

A metodologia de trabalho que vamos utilizar será aplicada na leitura/análise do texto original da Epístola, escrita em língua grega. O texto é o de Nestle-Aland¹⁸. A leitura/análise do texto/discurso será feita utilizando-se o texto grego com uma tradução para o português brasileiro, feita por nós, e refletida junto com o co-orientador, Prof. Dr. Henrique Graciano Murachco. Junto com a tradução, o texto grego será sempre tomado como base para leitura/análise.

É importante ressaltar a utilização simultânea do texto grego e do texto português, porque os recursos coesivos e argumentativos, bem como a coerência da epístola serão buscados com fundamento, em primeiro lugar, nas formas significantes do sistema da língua grega e sua utilização – uso - em discurso. O sistema das línguas em geral e os da língua grega em particular já contém elementos que se oferecem como

¹⁷ Ver, no presente capítulo, o parágrafo intitulado *Destaques tradutórios*.

¹⁸ Ver nota 5.

recursos possíveis de serem utilizados na construção coesiva, coerente e argumentativa, dos textos/discursos. Koch¹⁹ ensina:

Ora, todos os operadores citados fazem parte da gramática da língua. **Evidencia-se, portanto, que essas instruções, codificadas, de natureza gramatical, supõem evidentemente um valor retórico da construção, ou seja, um valor retórico — ou argumentativo — da própria gramática. O fato de se admitir a existência de relações retóricas ou argumentativas inscritas na própria língua é que leva a postular a argumentação como o ato lingüístico fundamental**²⁰ (*negrito da autora*).

Os recursos do sistema da língua grega que serão objeto de nossas reflexões são: as raízes gregas formadoras dos termos, que sinalizam uma analogia de significados; a formação de palavras com prefixos separáveis ou preposições que modalizam espacialmente o significado do termo e do discurso; os particípios verbais gregos (com suas flexões) que contribuem para a coesão e argumentação; os temas aspectuais verbais que auxiliam na construção de isotopias temáticas, construção de identidade de sujeitos, e na argumentação.

Optaremos pelo recurso da tradução linear dos versículos citados. A opção pela tradução linear se mostra eficaz por seu caráter dialético. O caráter dialético se instala nesse tipo de tradução porque o texto se apresenta como um lugar para reflexão. A tradução linear descarta o definitivo, o indiscutível. As traduções usuais, ao mesmo tempo em que necessárias do ponto de vista prático, optam por uma forma definitiva que trás consigo uma escolha. Tais escolhas certamente são, ou direcionam para, uma interpretação. Na tradução linear o que ocorre é que vamos buscar uma nova proposta de acordo. Primeiramente um acordo entre orador e o auditório de nossa tese, e em segundo lugar um acordo entre o orador e o auditório dos leitores/analistas do texto/discurso do Novo Testamento. Assim, a tradução linear do texto destaca a influência do traço aspectual verbal na língua de partida na tradução das formas verbais conjugadas. Para essa opção de tradução nos valem da necessidade imperiosa de marcar no texto de chegada (texto português) o significado do traço verbal aspectual

¹⁹ KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e linguagem*. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

²⁰ KOCH, p. 107.

assinalado no tema dos verbos mesmo nas suas formas nominais: participípios e infinitivos. Barroso ²¹ após fazer uma retrospectiva de autores que estudaram a marcação do aspecto na língua portuguesa, conclui:

Se bem se reparou no que acabamos de expor neste capítulo, e apesar de acentuadas clivagens que se podem observar entre certos autores no tratamento da categoria gramatical **aspecto** (valores aspectuais considerados, meios de expressão do aspecto, terminologias usadas, entre outras), há, todavia, um denominador comum, a saber: todos (ou quase todos) **os autores são unânimes no que diz respeito à expressão da categoria aspecto por meio de perífrases verbais**²² (*grifos nossos*).

A justificativa do uso das perífrases verbais para tradução dos verbos nos aspectos *Infectum/Inacabado* e *perfectum/acabado* leva em conta igualmente a leitura/análise da argumentação. A argumentação no ato tradutório leva em conta um conjunto de situações argumentativas, como segue: 01. O conjunto de situações argumentativas que está contido na argumentação que faz parte do discurso do texto de partida. 02. O conjunto de situações argumentativas que está contido no processo de escolhas do ato tradutório, portanto, argumentação do tradutor. 03. O conjunto de situações argumentativas que ao final aparece na argumentação, e que faz parte do discurso do texto de chegada.

DESTAQUES TRADUTÓRIOS

O TA já assinala, conforme abaixo, o acordo sobre os elementos lingüísticos de uma proposição:

Para poder distinguir claramente duas espécies de juízo, seria preciso poder propor critérios que permitissem identificá-los, critérios que deveriam escapar, por sua vez, a qualquer controvérsia; mais particularmente, seria preciso um acordo relativo aos elementos lingüísticos sem os quais nenhum juízo pode ser formulado.²³

²¹BARROSO, Henrique. *O aspecto verbal perifrástico em português contemporâneo: visão funcional/sincrônica*. Porto: Porto Editora Ltda, 1994.

²²BARROSO, p. 53.

²³TA, p. 579.

O objetivo dos breves comentários do presente parágrafo é apontar dificuldades até históricas, nas opções de traduções. As opções podem direcionar ou esconder questões importantes para a leitura/análise da epístola, e por extensão para exegese, interpretação e comentários.

Φθόνος (Tg 4:5) – o termo é normalmente traduzido nas Versões Bíblicas por inveja. No entanto, mostramos uma alternativa de tradução. O sentido original da palavra é, na verdade “segurar para si”. Estendendo-se depois, e estando ligado a esse sentido, nos significados dos termos: Poupança, Acúmulo, Opulência, Avareza.

θησκός (Tg 1:26) - Traduzimos o termo por “fazer religioso” ou ter uma relação de oferta verdadeira com Deus. Com a versão bíblica da Septuaginta foram introduzidas noções da cultura grega no texto do Antigo Testamento. O termo **θησκός** é traduzido nas versões modernas, como “religião”. Mas para os gregos, religião não era um conceito abstrato. Concretamente, **θησκός** era o fazer religioso, de trazer, como quem diz: “aqui está, deus, a minha oferta”, pois os gregos tinham uma relação concreta com os seus deuses. Não é só uma visão da língua grega da época do Κοινή mas é igualmente uma visão da cultura grega.

δικάιομαι – Tradicionalmente traduzido por justificar/tornar justo. Optamos por traduzir (**δικάιομαι**) por “tornar de acordo com”, formando uma homogeneidade de vontades. A tradução leva em conta a modalização da vontade de um sujeito do *fazer* como estando de acordo com a vontade do sujeito da prescrição, tanto no nível da Instância da Enunciação como no nível da Instância Discursiva.

δίψυχος – Mesmo nas versões ocidentais tradicionais, a palavra se traduz por “duas mentes” ou “mente dupla”, e não duas almas. Ora, isso abre a possibilidade da inserção de seu significado numa isotopia que está mais direcionada para uma atitude cognitiva do que para uma referência espiritual. O termo **ψυχή** da mesma família que **δίψυχος** no entanto é traduzido por alma, pelas mesmas versões tradicionais, na mesma epístola de

Tiago, nas ocorrências dos versículos 1:21 e 5:20. No entanto, optamos pela manutenção na tradução de δίψυχος na isotopia da cognição.

Σώζαι – Tradicionalmente traduzida por salvar, optamos por “restaurar”.

θερισάντων – Normalmente traduzido por “ceifeiros” mas sendo o verbo θερίζω da mesma raiz do substantivo θερός “verão”, optamos por traduzir θερισάντων por “os que passaram o verão”. Essa opção de tradução nos permite contextualizar o trabalho como sazonal, ou seja, o trabalho no campo era feito no verão.

ἀναστροφή (Tg 3:13) – Tradicionalmente traduzido por “boa conduta de vida”, optamos traduzir por *retorno*. No sintagma δειξάτω ἐκ τῆς καλῆς ἀναστροφῆς τὰ ἔργα αὐτοῦ “mostre os trabalhos dele, a partir do retorno eficiente/bom/bonito”. Essa tradução leva em conta a espacialização no caminho do tema da vida. Após uma saída do caminho, a sugestão do orador é que se mostrem os trabalhos com o retorno ao caminho. A preposição *Ανά* modaliza espacialmente a figura.

Πλανάω (Tg 1:6 e 5:19) – Nossa opção de tradução é por “vagar”, ao invés da tradução tradicional por “enganar”.

πλάνης (Tg 5:20) – Optamos por fazer a tradução de πλάνης relacionando com “vagar”, “errar”. Isso está coerente com o significado/sentido da epístola, que inclusive termina com o mesmo tema no versículo 5:20 ἐκ πλάνης ὁδοῦ αὐτοῦ “do caminho errante dele”. O termo - πλάνης - com a mesma raiz de - πλανάω. A opção por essa tradução vai ao encontro da busca de uma unidade de significado na carta, que trás um novo foco temático, nas recomendações de Tiago. Há outras palavras usadas na carta relacionadas com esse tema. Exemplos dessas palavras são διακρινόμεαι “eu faço juízos atravessados,” e δίψυχος “duas mentes, mente dupla” que conteriam a idéia junto com Μὴ πλανᾶσθε “não continueis vagando” de recomendação geral para que uma direção/juízo²⁴ tomada/o não seja atravessada/o, e por extensão interrompida/o.

²⁴ O Versículo 4:8, que junto com o versículo 1:8 contém as duas ocorrências do termo δίψυχος (“duas mentes”), indica a direção recomendada pelo orador: 4:8 ἐγγίσατε τῷ θεῷ καὶ ἐγγιεῖ ὑμῖν καθαρῖσατε

Igualmente a própria recomendação para que se peça com fé ἐν πίστει tem relação com esse tema. A recomendação ἐν πίστει “com fé” aparece como oposição “àquele que faz juízos atravessados” ὁ διακρινόμενος tradicionalmente traduzido como : “o que está duvidando”.

(raiz κριν-) – a raiz, na nossa opção de tradução, inclui igualmente o significado de uma tomada de decisão, de um cálculo, da chegada ao final de um raciocínio. A ênfase do significado não é o campo jurídico, mas o campo semântico da tomada de decisão, da chegada a um conceito.

Διακρινόμενος - διακρίνομαι (Tg 1:6) - A opção da escolha da tradução da raiz κριν- conforme acima influenciará por exemplo a tradução do verbo διακρίειν, que terá seu significado modalizado espacialmente pela composição com o prefixo διά “através de”. O significado do verbo διακρίνω será a de chegar a “um juízo/julgamento” κρίνειν e esse “atravessado” διά . Esse significado se estende sem problemas para aquele, mais abstrato, dado pelas versões bíblicas ocidentais: “duvidar”.

χεῖρας, ἀμαρτωλοί, καὶ ἀγνίσατε καρδίας, δίψυχοι. 4:8 Aproximai-vos de Deus e ele se aproximará de vós. Limpai pecadores as mãos e purificai os corações /homens de/ mentes duplas.

CAPITULO 03

GÊNERO

Às epístolas, se aplicam as teorias e reflexões do gênero carta. Reiteramos que todas as metodologias utilizadas nesta tese, assim como a questão do gênero, estarão em correlação direta e hierarquicamente abaixo do enfoque enunciativo. A enunciação será vista nos três modelos de abordagem: a) em sua criação, sua gênese; b) no seu ato comunicativo; e c) na criação de um objeto textual e discursivo. A escolha da enunciação como "a ave que choca o ovo" que fará nascer nosso discurso em contato com seus leitores tem, além da pertinência teórica, uma justificativa prática. Ela se encontra marcada visceralmente no gênero da epístola, incontestavelmente uma interação discursiva. Uma epístola/carta, em cujo gênero de discurso a INSTÂNCIA DA ENUNCIÇÃO é admitida como mais facilmente marcada na discursivização. Por isso mesmo, nosso olhar sobre essa instância é indispensável para busca significado/sentido, tanto no que se refere à sua gênese, como ato de textualização/discursivização e como ato de interlocução/interação.

Se, como alguns teóricos admitem toda literatura é uma "lettre" endereçada a um leitor, o gênero epístola/carta é o protótipo da literatura pois condensa e capitaliza, na própria forma de discursivizam, as demais implicâncias enunciativas que lhe são inerentes. (sua gênese e seu ato comunicativo). A Epístola tem marcada no texto a presença indissociável da enunciação, como ato de interlocução/interação. Esse fato leva o leitor a reparar igualmente na questão dos lugares, de onde fala o destinador/orador, aparecendo aqui uma hierarquia social/político/religiosa, certamente aceita. O destinador da Epístola de Tiago está, do ponto de vista tópico da organização

do grupo ao qual pertence, num lugar de autoridade em relação ao destinatário. Quanto à discursivização: as escolhas do modo de dizer; e sua construção a narratividade e o agenciamento de figuras; o texto de Tiago é dialético. O orador admite a participação do auditório como interlocutor participante. Destacamos a argumentação, que tanto parte de questões tidas como importantes e aceitas pelo auditório principal, como também pelo modo de discursivizam, rico em marcas que criam um diálogo.

A questão do gênero da epístola de Tiago pode ser focalizada do ponto de vista retórico tradicional. Os grandes gêneros da retórica são: judiciário, deliberativo, e epidídico. Numerosos são os autores que apontaram a imperfeição dessa categorização. Ela apenas indica um esforço metodológico que leva em conta a situação da interação e o objetivo do discurso. Decidimos não optar pela classificação rígida da Epístola de Tiago como pertencendo a um determinado gênero retórico e, ao mesmo tempo, excluindo os outros. O fato é que a epístola, como toda a carta, vale-se dos recursos da retórica no ato da interação dialética que lhe é inerente. Assim o texto/discurso de Tiago como um todo é retórico/argumentativo e contendo micro-discursos que podem ser enquadrados nos três gêneros retóricos.

Assim a classificação da epístola como sendo do gênero judiciário está mais diretamente ligada ao percurso narrativo da relação homem/Deus, p. ex. nos Vers: 2:3 e 4:11, e na relação homem/homem p. ex. nos vers. 2:6 e 5:12; como gênero deliberativo, ao percurso narrativo da relação do homem consigo mesmo, representado pelo auditório desejoso de saber o que é útil ou nocivo para construção de sua identidade e, como epidídico, ao percurso narrativo discursivizado de forma dramática (auditório/espectador) e vinculado a um elogio ou a uma censura. A maior ou menor ocorrência de marcas do gênero pode nos levar a estabelecer uma hierarquia de predominância na epístola, ainda que provavelmente falha, que vai do deliberativo, passando pelo judiciário e chegando no epidídico.

O discurso de Tiago é sem dúvida, como um todo, do gênero deliberativo, já que o auditório é delimitado a uma assembléia; o tempo ao qual os temas se referem é o

futuro.²⁵ Na epístola predominam os atos de aconselhar ou desaconselhar; trata de valores úteis ou nocivos; e usa como um dos argumentos, o exemplo. Os exemplos são mesmo explícitos e aparecem na evocação de fazeres de personagens do AT. Mas, os exemplos são igualmente pressupostos e aparecem no uso das orações hipotéticas que têm igualmente um caráter de exemplo, já que são consideradas, argumentativamente, como reais. Ver ocorrências de argumentos pelo exemplo, explícitos e/ou pressupostos, a seguir:

Exemplos explícitos:

2:20 θέλεις δὲ γινῶναι, ὦ ἄνθρωπε κενέ, ὅτι ἡ πίστις χωρὶς τῶν ἔργων ἀργή ἐστίν;

2:20 Oh! Ser humano vazio! Tu estás querendo saber porque a fé separada dos trabalhos é inativa ?

2:21 Ἀβραὰμ ὁ πατὴρ ἡμῶν οὐκ ἐξ ἔργων ἐδικαιώθη ἀνεύγκας Ἰσαὰκ τὸν υἱὸν αὐτοῦ ἐπὶ τὸ θυσιαστήριον;

2:21 O nosso pai Abraão não foi “justificado” a partir dos trabalhos, tendo levado para cima/oferecido Isaac, o seu filho, sobre o altar do sacrifício?

2:25 ὁμοίως δὲ καὶ Ῥαὰβ ἡ πόρνη οὐκ ἐξ ἔργων ἐδικαιώθη ὑποδεξαμένη τοὺς ἀγγέλους καὶ ἑτέρα ὁδῶ ἐκβαλοῦσα;

2:25 Da mesma forma, também, Raab a meretriz não foi justificada a partir dos trabalhos, tendo acolhido os mensageiros e os tendo enviado por outro caminho ?

5:10 ὑπόδειγμα λάβετε, ἀδελφοί, τῆς κακοπαθείας καὶ τῆς μακροθυμίας τοῦς προφήτας. 5:17 Ἠλίας ἄνθρωπος ἦν ὁμοιοπαθῆς.

5:10 Irmãos, tomai exemplo da dificuldade/sofrimento e da paciência dos profetas. 5:17 Elias era um homem de mesmo sentimento que nós

Exemplos pressupostos:

3:2 εἴ τις ἐν λόγῳ οὐ παίζει,

3:2 Se alguém não tromba/tropeça em palavra/logos

3:3 εἰ δὲ τῶν ἵππων τοὺς χαλινοὺς εἰς τὰ στόματα βάλλομεν

3:3 Ora, se lançamos os freios para dentro da boca dos cavalos,

4:11 εἰ δὲ νόμον κρίνεις, οὐκ εἶ ποιητὴς νόμου ἀλλὰ κριτῆς.

4:11 E, se julgas/continuas julgando a lei, não és fazedor/produtor da lei, mas juiz.

²⁵ Não estamos falando aqui das marcas textuais que se utilizam do tempo verbal futuro, mas sim do grande uso de exortações, no modo imperativo, que clamam por uma realização futura. Imperativos que, quando no aspecto Infectum/Inacabado, contêm o sentido de uma realização imediata do ato ou continuação do ato já em curso. Quando no aspecto verbal pontual, simplesmente mencionam a ação, deixando-a no ar para ser pensada e/ou realizada no futuro.

A epístola como um todo pode ser considerada como do gênero deliberativo porque assinala o que é útil ou nocivo, quando se leva em conta o Percorso Narrativo do destinatário, na (des)construção da sua identidade.²⁶ Por sua vez, como gênero judiciário, a epístola assinala o que é justo ou injusto: no relacionamento dos auditórios com Deus; no relacionamento dos seres humanos entre si; e no relacionamento do ser humano consigo mesmo. Os modos de dizer do orador auxiliam a reforçar o enquadramento da epístola como sendo do gênero judiciário. Em Tiago, o que é justo ou injusto aparece, por exemplo, em sanções dos pequenos percursos narrativos, como abaixo:

2:3 ἐπιβλέψητε δὲ ἐπὶ τὸν φοροῦντα τὴν ἐσθῆτα τὴν λαμπρὰν καὶ εἶπητε, Σὺ κάθου ὧδε καλῶς, καὶ τῷ πτωχῷ εἶπητε, Σὺ στῆθι ἐκεῖ ἢ κάθου ὑπὸ τὸ ὑποπόδιόν μου,

2:3 Se vós lançardes o olhar sobre o que traz a veste brilhante e disserdes: senta tu/inicia o ato de sentar aqui/deste modo bem e se ao pobre disserdes: coloca-te de pé ali ou senta/inicia o ato de sentar abaixo do lugar de colocar o meu pé/meu escabelo.

2:4 οὐ διεκρίθητε ἐν ἑαυτοῖς καὶ ἐγένεσθε κριταὶ διαλογισμῶν πονηρῶν;

2:4 Não fizestes discriminações/juízos atravessados entre vós mesmos e não vos tornastes juízes raciocinando/calculando maldosamente?

O discurso de Tiago aconselha e desaconselha o auditório a respeito de sua posição futura dentro da nova reunião/assembleia, a “igreja” ἐκκλησία, ou no seu “fazer religioso/ religião” θρησκεία.

Finalmente, toda a temática religiosa bíblica é tratada do ponto de vista oratório como um tema jurídico. São abundantes as metáforas discursivas do campo jurídico utilizadas pelos autores do NT. O tema central do NT é a relação homem/Deus em que os membros das doze tribos na dispersão são vistos como num tribunal, no qual por meio do trabalho da personagem Jesus os homens têm suas faltas perdoadas. Assim,

²⁶ Como aparece, por exemplo, em vers. 1:26 θρησκός, “fazedor/religioso”; vers. 1:18 ἀπαρχὴν τινὰ τῶν αὐτοῦ κτισμάτων, “um certo tipo de primícia das criaturas dele”; ou vers. 1:25 “bem-aventurado no fazer dele”, μακάριος ἐν τῇ ποιήσει αὐτοῦ; vers. 1:12 “recebedores da coroa da vida”, cf. λήμψεται τὸν στέφανον τῆς ζωῆς; vers. 2:5 “herdeiros do reino que ele prometeu”, κληρονόμους τῆς βασιλείας ἧς ἐπηγγείλατο; vers. diversos : “justo”, δίκαιος.

igualmente, na Epístola de Tiago o tema jurídico está evidenciado, discursivamente nos termos utilizados, argumentos, e tópicos, não só na relação homem/Deus como na relação homem/homem.²⁷

Já o gênero epidídico aparece, por exemplo, na argumentação ligada à temática dos “ricos” οἱ πλούσιοι. A eles está ligada a censura, marcada visceralmente pela presentificação do estado dos actantes pelo aspecto verbal Perfectum /Perfeito/Acabado.

Alem de ser uma carta, epístola, o discurso de Tiago tem, de acordo com os comentaristas, a característica de um panfleto que deveria circular e ser lido em voz alta, oralmente, conforme abaixo:

James may be thought of as a homiletical letter **intended to be circulated and read aloud** (as were all letters) by early Christian communities influenced by Jerusalem church.²⁸

Tiago pode ser considerado como uma carta homilética destinada a circular e ser lida à distância pelas comunidades cristãs primitivas, influenciadas pela igreja de Jerusalém (*tradução nossa*).

Tal peculiaridade é possível de ser constatada na própria epístola com marcas textuais do chamado imperativo na terceira pessoa do singular. Tal recurso lingüístico textual indica que o orador se dirige a um auditório específico. O auditório, por sua vez, transmitirá a exortação àqueles para quem a carta for lida. Assim, a tradução do imperativo da terceira pessoa, sugerida por Murachco: *diga a ele que*, serve para marcar o que acabamos de explicar.

²⁷ O gênero judiciário postula uma tese perante um terceiro, tentando persuadir o julgador. Este jogo interativo aparece em Tiago, quando o orador apresenta ao seu auditório o membro das doze tribos referenciado como *alguém, ninguém, cada um*, etc. Com aquele tipo de discursivização, o orador mostra para as doze tribos na dispersão, como um todo, a ação de uma personagem individual. Naquele momento, as mesmas doze tribos na dispersão - como auditório - funcionam como julgadores, afinal, de seu próprio ato. Mas também criando uma cena fictícia, como na cena da sinagoga (vers. 2-8), o orador isola o destinatário de seu próprio ato, para que ele seja persuadido no ato de julgar a si mesmo.

²⁸ BROSEND II, William F. *James and Jude*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 8.

CAPÍTULO 04

ARGUMENTAÇÃO

A leitura retórico/argumentativa da Epístola é feita utilizando-se principalmente os ensinamentos da Nova Retórica²⁹. A nova retórica oferece amplas possibilidades para a leitura de um discurso de forma interdisciplinar. Ela contribui igualmente na busca de um efeito de sentido e significado do discurso como um todo, criado pela argumentação. A teoria da argumentação terá como fundamento principal a obra de Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca, intitulada *Tratado da argumentação. A Nova Retórica*, doravante denominada TA.

Do TA, reproduzimos abaixo os ensinamentos da introdução e da conclusão, os quais estabelecem um vínculo estreito entre a leitura/análise da argumentação e as leituras/análises textual e discursiva:

Nosso tratado só versará sobre *recursos discursivos* para se obter a adesão dos espíritos: apenas a técnica que utiliza a linguagem para persuadir e para convencer será examinada a seguir³⁰ (*grifos do autor*).

Esse ensinamento confirma o vínculo estreito entre o objeto da ciência da argumentação e a ciências da linguagem, conforme o mesmo ensinamento de Perelman, em sua obra *Retóricas*:

²⁹ Este fundamento teórico é parte da bibliografia básica do projeto intitulado “Retórica e Argumentação: Exame de Procedimentos Discursivos da Área de Concentração Estudos do Texto e do Discurso”, sob a responsabilidade da Profa. Dra. Lineide do Lago Salvador Mosca.

³⁰ TA, p. 8.

A argumentação tem como objeto o estudo das *técnicas discursivas* cujo intuito é *ganhar* ou reforçar a adesão das mentes às teses que se lhes apresentam ao assentimento (*grifos nossos*).³¹

A leitura retórica/argumentativa procura identificar o caráter dialético do discurso de Tiago, não exclusivamente lógico. O diálogo destinador/destinatário já vem implícito no gênero Epístola e vem reforçado à exaustão nas marcas textuais/discursivas. Uma das marcas aparece claramente por meio de perguntas retóricas e de enunciados encaixados que dão voz ao destinatário. Na Epístola, há 15 versículos que contêm perguntas, sendo que nove versículos encontram-se no capítulo dois, um no capítulo três, e cinco no capítulo quatro. O objetivo dessa técnica, o diálogo feito com perguntas, de acordo com o TA, é assegurar acordos explícitos:

O uso dialético das perguntas e das respostas tende essencialmente a assegurar acordos explícitos, dos quais se poderá tirar partido em seguida; esta é uma das características da técnica socrática.³²

Uma das aplicações desse método consiste na busca de um acordo explícito sobre o **ponto** a ser julgado, aquele de que o adversário fará depender o desfecho do debate, ou sobre as **provas** que ele admitirá e considerará concludentes.³³

Além disso, a técnica torna os objetos de acordo mais delimitados já que fixa os objetos sobre os quais há controvérsia. O efeito de sentido que se cria no texto é de uma construção textual objetiva, ao mesmo tempo em que o *éthos* do orador é mostrado, um orador firme e confiável, independente das controvérsias. Ver, por exemplo, o versículo 2:4 a seguir:

2:4 οὐ διεκρίθητε ἐν ἑαυτοῖς καὶ ἐγένεσθε κριταὶ διαλογισμῶν πονηρῶν;
2:4 Não fizestes discriminações/juízos atravessados entre vós mesmos e não vos tornastes juízes raciocinando/calculando maldosamente?

³¹ PERELMAN, Chain. *Retóricas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 324.

³² TA, p. 123.

³³ TA, p. 123.

e, exemplos de enunciados encaixados proferidos pelo próprio destinatário da epístola, estão nos vers. 1:13, 2:3 e 4:13

1:13 μηδεὶς πειραζόμενος λεγέτω ὅτι Ἐκ θεοῦ πειράζομαι· ὁ γὰρ θεὸς ἀπειραστός ἐστιν κακῶν, πειράζει δὲ αὐτὸς οὐδένα.

1:13 Ninguém ao mesmo tempo que está sendo envolvido/provado/tentado (ele) diga/comece a dizer/ continue a dizer “da parte de Deus eu estou sendo envolvido/provado/tentado”, pois o Deus não é envolvido/tentador maldoso/para o mal - suscetível de tentação a partir dos males. Ele mesmo ninguém envolve/testa/tenta.

2:3 ἐπιβλέψατε δὲ ἐπὶ τὸν φοροῦντα τὴν ἐσθῆτα τὴν λαμπρὰν καὶ εἶπητε, Σὺ κάθου ὡς καλῶς, καὶ τῷ πτωχῷ εἶπητε, Σὺ στῆθι ἐκεῖ ἢ κάθου ὑπὸ τὸ ὑποπόδιόν μου,

2:3 Se vós lançardes o olhar sobre o que traz a veste brilhante e disserdes : senta tu/inicia o ato de sentar aqui/deste modo bem e se ao pobre disserdes: coloca-te de pé ali ou senta/inicia o ato de sentar abaixo do lugar de colocar o meu pé/meu escabelo.

4:13 Ἄγε νῦν οἱ λέγοντες, Σήμερον ἢ αὔριον πορευσόμεθα εἰς τήνδε τὴν πόλιν καὶ ποιήσομεν ἐκεῖ ἐνιαυτὸν καὶ ἐμπορευσόμεθα καὶ κερδήσομεν·

4:13 Agora, vamos! Os que estão dizendo/os falantes: hoje ou amanhã nós iremos para dentro daquela cidade e faremos/produziremos lá por um ano/um tempo e comerciaremos e lucraremos.

Na Epístola, está presente o gênero do discurso deliberativo que procura tratar das questões ligadas à coletividade cristã do primeiro século. Nele estão marcadas a identidade/alteridade em que os valores, preferências, e decisões são levadas em conta, num jogo democrático. As soluções são buscadas no ato discursivo compreendido em sua situação comunicacional, e esta tendo como característica principal a das contradições cordiais.³⁴ A carta cumpre vários papéis e possibilidades oferecidos pela Retórica, particularmente: “Suscitar o comentário e a discussão e, portanto, a argumentação ao mesmo tempo em que estabelecer o diálogo na busca do verossímil”.³⁵

O orador é marcado textual/discursivamente no primeiro versículo como: (Ἰάκωβος θεοῦ καὶ κυρίου Ἰησοῦ Χριστοῦ δοῦλος “Saudações de Jacó, servo de deus e do senhor Jesus Cristo”. Mas, ele é igualmente discursivizado com outras marcas textuais μου “de mim”; ἡμῶν “de nós”; -μεν “nós”; -μεθα “nós”. As marcas "nós"

³⁴ Colóquio com o co-orientador desta tese, Prof. Dr. Henrique Murachco, dezembro/2006.

³⁵ MOSCA, L. L. S. Velhas e novas retóricas: convergências e desdobramentos. In: *Retóricas de ontem e hoje*. São Paulo: Humanitas, 1997, pp. 49-50.

inserem o orador no grupo de seu auditório, e no grupo mais geral dos seres humanos com sua natureza. Por exemplo, quando aponta:

Sua criação à semelhança com Deus

3:9 ἐν αὐτῇ εὐλογοῦμεν τὸν κύριον καὶ Πατέρα καὶ Ἐν αὐτῇ καταρώμεθα τοὺς ἀνθρώπους τοὺς καθ' ὁμοίωσιν θεοῦ γεγονότας,

3:9 Com ela bendizemos/elogiamos o senhor e pai e com ela amaldiçoamos/lançamos pragas em direção aos seres humanos, os nascidos de acordo com a semelhança de Deus.

Seu domínio sobre a natureza,

3:7 πᾶσα γὰρ φύσις θηρίων τε καὶ Πετεινῶν, ἐρπετῶν τε καὶ Ἐναλίϊων δαμάζεται καὶ Δεδάμασται τῇ φύσει τῇ ἀνθρωπίνῃ

3:7 Pois toda a natureza das feras, também das aves, dos répteis, e também dos seres marinhos está sendo domada e está domada pela natureza humana/dos homens.

Capacidades e incapacidades intrínsecas de sua natureza

3:8 τὴν δὲ Γλῶσσαν οὐδεὶς δαμάσαι δόναται ἀνθρώπων, ἀκατάστατον κακόν, μεστή Ἰοῦ θανατηφόρου.

3:8 Mas a língua ninguém dentre os homens pode domar, ela é mal agitado repleta de veneno mortal/mortífero.

5:17 Ἠλίας ἄνθρωπος ἦν ὁμοιοπαθῆς ἡμῖν, καὶ προσευχῇ προσηύξατο τοῦ μὴ βρέξει, καὶ οὐκ ἔβρεξεν ἐπὶ τῆς γῆς ἑνιαυτοὺς τρεῖς καὶ μῆνας ἕξ·

5:17 Elias era um homem de mesmo sentimento que nós e com oração dirigiu uma prece de não chover e não choveu sobre a terra, durante três anos e meio.

Os auditórios da Epístola são tanto particulares como universais. No **auditório particular** identificamos: (A) as doze tribos na dispersão, o grupo como um todo. (B) O grupo de responsáveis, para quem a carta é dirigida. Estes últimos são incumbidos de levar as recomendações para todos os membros do grupo. (C) Cada indivíduo que faz parte do grupo. (D) O grupo dos homens ricos ou com aparência de ricos, e dos homens pobres, ou com aparência de pobres.

A discursivização do destinatário é riquíssima pela diversidade e abundância de marcas textuais. O que nos motivou a dedicar-lhe um capítulo especial desta tese.

O **auditório universal** é o dos seres humanos em geral, discursivizadas como portadores de uma natureza física, tal como no versículo 3:7:

3:7 πᾶσα γὰρ φύσις θηρίων τε καὶ Πτερυγῶν, ἑρπετῶν τε καὶ Ἐναλίω
δαμάζεται καὶ Δεδάμασται τῇ φύσει τῇ ἀνθρωπίνῃ

3:7 Pois toda a natureza das feras, também das aves, dos répteis, e também dos seres marinhos está sendo domada e está domada pela natureza humana/dos homens.

Além das perguntas retóricas, o orador da epístola utiliza recursos discursivos tais como: as *figuras de presença* trazidas pelo aspecto Infectum/Inacabado/contínuo; *figuras de comunhão* trazidas por valores e maneiras de dizer comuns, figuras que remetem ao conhecimento compartilhado e intertextualidade; a ordem do discurso regida por objetivos retórico-argumentativos e a outras técnicas argumentativas como a dissociação de noções. A argumentação do orador inclui igualmente a analogia. A analogia cria configurações figurativas que remetem à profundidade do texto e auxiliam a criar temas, não diretamente lexicalizados no texto/discurso.

As analogias desempenham importante papel na invenção e na argumentação, por causa, essencialmente, dos desenvolvimentos e dos prolongamentos que favorecem: **a partir do foro, elas permitem estruturar o tema, que situam num âmbito conceitual**³⁶ (*grifos nossos*).

A ARGUMENTAÇÃO E OS RECURSOS DA LÍNGUA GREGA

Os recursos argumentativos da língua grega são trazidos pelo uso dos modos e aspectos verbais; pela utilização os participios e dos imperativos; pela morfologia das palavras, raízes gregas; e pela modalização espacial trazida pelas preposições.

Os participios auxiliam na progressão e estabilidade textual e na (des) construção da identidade do destinatário. No uso do participio, tanto a escolha do aspecto como a substantivização pelo artigo são marcas textuais importantes. Na forma

³⁶ TA, p. 438.

participial, identificamos uma técnica argumentativa chamada pelo TA de *ligação de coexistência*.

O aspecto verbal é visto como um recurso argumentativo, podendo ser considerado como uma *figura de presença* ou mera *menção* de atos ou estados. A *figura de presença* é marcada pelo aspecto verbal Infectum/inacabado/contínuo e a *menção* é marcada pelo aspecto verbal aoristo/pontual. O aspecto verbal pode estar associado argumentativamente a temas como no caso do aspecto verbal Perfectum/Perfeito/Acabado, no capítulo 5, associado ao tema da riqueza/pobreza.

Operadores argumentativos: Os operadores argumentativos são: "responsáveis pelo encadeamento dos enunciados, estruturando-os em textos e determinando a sua orientação discursiva"³⁷. Tais operadores argumentativos primeiramente são conetivos, depois auxiliam na criação do processo de referenciação e, a seguir, na construção de uma estrutura argumentativa. Assim, por exemplo, em Tiago, o uso da expressão Ἀγε νῦν “Vamos, agora!” nos versículos 4:13 e 5:01 é um operador argumentativo, criador de uma referência e igualmente da progressão textual. A partícula γάρ funcionaria aqui como um conetivo argumentativo:

A origem da palavra γάρ < γε ἄρ / γε ἄρα >: “é uma somatória de uma partícula enfática, restritiva, intensiva, e uma aditiva (de ajuste) ἄρ / ἄρα. **É a partícula anafórica explicativa por excelência.** Aristóteles a usa constantemente para explicar ou demonstrar um postulado”.³⁸

A função anafórica talvez seja dada mais precisamente pelo γε? E, reforçando o seguinte fato: o que vem em seguida ao γάρ tem relação com a palavra que o γε está enfatizando? Se a resposta for esta, a ligação entre o participio e o que vem antes, como por exemplo, no versículo 1:6, na expressão ὁ γὰρ διακρινόμενος “o que está fazendo juízos atravessados/o que está discriminando”, está mostrada no próprio texto. Sendo que o que está sendo enfatizado é a nominalização da idéia, da situação, do enunciado

³⁷ KOCH , p. 33.

³⁸ MURACHCO, Vol. 1, p. 634.

anterior, pois o γὰρ vem logo depois do artigo.³⁹ Como se vê o uso da partícula γὰρ é argumentativo tanto no significado que possui no sistema da língua como na sua etimologia. Em uso então, ela é perfeita como encadeamento de uma técnica argumentativa, e dela faz parte. No versículo acima, além de anaforizar e explicar, auxilia a manter a noção de que o particípio tem também uma função referencial e anafórica.

ARGUMENTAÇÃO E GÊNERO

A Epístola de Tiago é escrita numa arena de discursos conflituosos e polêmicos: Questões tidas como certas são contestadas e questões esquecidas são lembradas:

1:13 μηδεὶς πειραζόμενος λεγέτω ο,τι Ἐκ θεοῦ πειράζομαι· ὁ γὰρ θεὸς ἀπειραστός ἐστὶν κακῶν, πειράζει δὲ αὐτὸς οὐδένα.

1:13 Ninguém ao mesmo tempo que está sendo envolvido/provado/tentado (ele) diga/comece a dizer/ continue a dizer “da parte de Deus eu estou sendo envolvido/provado/tentado, pois o Deus não é envolvedor/tentador maldoso/para o mal - suscetível de tentação a partir dos males. Ele mesmo ninguém envolve/testa/tenta.

2:6 ὑμεῖς δὲ ἠτιμάσατε τὸν πτωχόν. οὐχ οἱ πλούσιοι καταδυναστεύουσιν ὑμῶν καὶ αὐτοὶ ἔλκουσιν ὑμᾶς εἰς κριτήρια;

2:6 Vós desonrastes o pobre. Não (são) os ricos (que) estão oprimindo/tirando no meio de vós e também (não são) eles que estão arrastando vocês para dentro dos tribunais?

2:7 οὐκ αὐτοὶ βλασφημοῦσιν τὸ καλὸν ὄνομα τὸ ἐπικληθὲν ἐφ’ ὑμᾶς;

2:7 Não (são) eles que blasfemam o bom nome, o que foi invocado sobre vós ?

2:8 εἰ μέντοι νόμον τελεῖτε βασιλικὸν κατὰ τὴν γραφήν, ἀγαπήσεις τὸν πλησίον σου ὡς σεαυτόν, καλῶς ποιεῖτε·

2:8 Se, não obstante, uma lei régia cumpris/estais completando de acordo com a escritura : “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” , estais fazendo bem/com eficácia.

Portanto, há tensões que a argumentação precisa levar em conta. Isso pode explicar por que o orador usa tantas estratégias e técnicas argumentativas, tais como recursos atenuadores e *figuras de comunhão*, bem como: hipóteses; perguntas;

³⁹ A partícula γὰρ aparece no texto antes de outros particípios: versículos 1:16 - 1:13 - 4:14, o que eventualmente pode auxiliar a construir uma relação argumentativa, pela proximidade entre os dois fatos lingüísticos.

tratamentos afetivos; virtualidades ou meras menções do aspecto verbal aoristo/pontual; referências indiretas ao próprio destinatário como um *ele*; e a inclusão do próprio orador no grupo dos destinatários. Como é o caso do texto ora analisado, do gênero Epístola/carta, a argumentação pode ser identificada, por exemplo, por meio das marcas que indicam que o discurso está centrado prioritariamente no destinatário.

Mas isso aí me lembrou, exatamente quando falamos da cultura grega. Esse é mais um traço da cultura grega. É o traço da Academia. De Platão. É o espaço da dialética. Quando Platão diz, naquela sétima carta, a partir do 324, ele fala do conhecimento. Ele diz assim: que o conhecimento, a ciência, brota (ΕΚΚΛΑΜΠΣΗΣ) Ele diz, refulge em contradições, cordiais (ΕΥΜΕΝΗΣ). Sem economia de perguntas e respostas. Essa é a visão grega. Da dialética. Das discussões cordiais. Ou das contradições. . . Veja aqui há quase um oxímoro não é? Contradições cordiais (Isso é fantástico). Talvez isso esteja subjacente aí no Tiago.⁴⁰

Esse enfoque nos permite depreender uma imagem do sujeito, tal como ensina Discini: “A imagem dada pelo modo de dizer que é (em sua opinião) um *éthos* brando. Lembrando que o *éthos* é o modo dizer”⁴¹. Em outra ocasião, a mesma pesquisadora dá o seguinte parecer:

Acho bom você ressaltar que é argumentativo no sentido estrito, porque você não está trabalhando com a argumentação *lato sensu*. E sim essa a argumentação voltada mais para a valorização do destinatário. O *páthos* aristotélico. O enunciador dá mais atenção aqueles a quem se dirige do que a si mesmo. (é uma das características da argumentação: a preocupação com o auditório), construindo uma cena própria de adesão fiduciária, de adesão, de confiança, para levar ao *crer*, para fazer o leitor *fazer*, porque ele resalta a necessidade das ações.⁴²

Esse direcionamento em relação ao destinatário é próprio do discurso argumentativo em geral e do gênero epistolar em particular. O TA assinala a importância que o orador confere ao auditório, na argumentação em geral:

⁴⁰ Colóquio com o co-orientador, Prof. Dr. Henrique Murachco, dezembro/2006.

⁴¹ Anotações feitas durante a Banca de Qualificação desta tese, dezembro/2006.

⁴² Entrevista com Norma Discini, com orientações sobre a monografia de nossa autoria para a disciplina “Tópicos da Teoria da Enunciação”, dezembro/2003.

Há seres com os quais qualquer contato pode parecer supérfluo ou pouco desejável. Há seres aos quais não nos preocupamos em dirigir a palavra; há outros também com quem não queremos discutir, mas aos quais nos contentamos em ordenar. Com efeito, para argumentar, é preciso ter apreço pela adesão do interlocutor. Pelo seu consentimento, pela sua participação mental. Portanto, às vezes é uma distinção apreciada ser uma pessoa com quem outros discutem. O racionalismo e o humanismo dos últimos séculos fazem parecer estranha a idéia de que seja uma qualidade ser alguém com cuja opinião os outros se preocupem, mas, em muitas sociedades, não se dirige a palavra a qualquer um, como não se duelava com qualquer um.⁴³

Une image se fixe qui,, fait de la lettre le refuge privilégié du sentiment, de l'effusion, et de la vérité du moi communiqué **à qui en est digne.**⁴⁴

Uma imagem se fixa que faz da carta o refugio privilegiado do sentimento, da efusão e da verdade de "si mesmo", comunicado **a quem é digno disto** (*tradução e grifos nossos*).

Esse modo de dizer nos levou a olhar o discurso de Tiago como dialético ou das contradições cordiais, como nos ensinou o Prof. Henrique. Um tipo de discurso que se utiliza das características do texto argumentativo e que leva em conta a capacidade de raciocínio e decisão do auditório. Pelo modo de dizer o orador deixa por conta do auditório a possibilidade de decidir, já que pode ser ou não persuadido e/ou convencido pela argumentação. Um dos fortes indícios da argumentatividade do orador da Epístola é centrar seu discurso no destinatário. As marcas do "vós" – destinatário - estão presentes a cada momento da Epístola.⁴⁵

⁴³ TA, p. 18.

⁴⁴ CHARTIER, Roger. La correspondance, les usages de l'écrit au XI^e siècle. In: HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *L'épistolaire*. Paris: Hachette, 1995, p.18.

⁴⁵ Ver o capítulo 13 desta tese: *Discursivização do destinatário*.

CAPÍTULO 05 O ASPECTO VERBAL

Toda argumentação é retórica e toda retórica conduz a uma ação pelo discurso. Há uma diferença entre o que é para ação e o que é predisposição para ação.⁴⁶

Em Tiago a diferença “do que é para ação e o que é predisposição para ação” é bem nítida. A diferença de sentido pode ser mostrada textualmente, por exemplo, no uso diferenciado dos modos e dos aspectos verbais. Quando a recomendação é vista como para a ação o aspecto verbal usado é o Infectum/Inacabado, já quando a ação é vista como predisposição (para ação) o aspecto verbal é o pontual/aoristo. A utilização do traço aspectual verbal, no discurso de Tiago, tem várias funções⁴⁷ e uma delas é sua utilização como técnica discursivo/argumentativa. A escolha do aspecto cria no discurso efeitos de sentido – sobretudo argumentativos – de aproximação e distanciamento, criando impressões diferentes no auditório, para fins de persuasão ou estabelecimento de acordos.

⁴⁶ MOSCA, Lineide. Seminário. PUC-SP, 2003

⁴⁷ Uma leitura/análise predominantemente descritiva, mas também teórica, sobre as ocorrências do aspecto verbal na Epístola de Tiago encontra-se em nossa dissertação de mestrado: Bittencourt, Fo. Heitor. *Anotações sobre o texto grego da Epístola de Tiago com ênfase no aspecto e modo verbal, tema e argumentação*. São Paulo: USP, 2003 (Dissertação de Mestrado). Orientador: Prof. Dr. Henrique Graciano Murachco.

O ASPECTO PONTUAL OU AORISTO

O aspecto pontual/aoristo tem o significado de uma mera menção do ato verbal. Portanto aplica-se a qualquer tempo ou situação, daí o nome AORISTO. O aoristo é um recurso valioso, por exemplo, na atenuação argumentativa das recomendações, bem como um recurso de trazer lembrança ou simplesmente de mencionar fatos, assuntos, e temas para os quais o orador quer chamar atenção. Se o aspecto pontual for usado no modo imperativo⁴⁸, a recomendação é genérica, mera menção e, portanto, atenuada, tirando toda a conotação de lei/ordem, do modo imperativo. Na Bíblia – AT - é o caso dos dez mandamentos que são enunciados com o tema do subjuntivo aoristo ativo, e não no modo imperativo indicativo.

Da mesma forma, no modo indicativo, quando é usado um futuro/eventual - cujo tema verbal em grego é no aspecto pontual - para indicar uma sanção, o orador está apenas mencionando essa sanção, como um lembrete. O pontual do futuro chamará atenção para a sanção ou transformação passível de ser sofrida pelos actantes - sujeito ou objeto - de uma pequena narrativa.

1:5 Εἰ δέ τις ὑμῶν λείπεται σοφίας, αἰτείτω παρὰ τοῦ διδόντος θεοῦ πᾶσιν ἀπλῶς καὶ μὴ ὀνειδίζοντος καὶ δοθήσεται αὐτῷ.

1:5 E se, dentre vós, alguém está precisando/carecendo/faltante de sabedoria, que ele busque/que ele entre no ato de buscar, da parte do Deus doante/que está doando a todos, simplesmente, e que não censura /não está agredindo e ser-lhe-á dada.

1:9 Καυχάσθω δὲ ὁ ἀδελφὸς ὁ ταπεινὸς ἐν τῷ ὕψει αὐτοῦ,

1:9 Mas, diga ao irmão, o humilde /pobre, que ele que comece a se vangloriar/a se exaltar, em/com a altura/nível dele.

1:10 ὁ δὲ πλούσιος ἐν τῇ ταπεινώσει αὐτοῦ, ὅτι ὡς ἄνθος χόρτου παρελεύσεται.

1:10 Mas ao rico, diga a ele que (comece a se vangloriar/exaltar) na sua humilhação, porque irá embora/cairá/passará como a flor da erva.

⁴⁸ “Nos discursos, o objeto da retórica é o discurso dialógico e pragmático. Há uma diferença entre o que é para ação e o que é predisposição para ação”. (MOSCA, Lineide. Seminário. PUC-SP, 2003). Em Tiago esta diferença é bem nítida. Ela pode ser constatada no uso diferenciado dos modos e dos aspectos verbais. Quando a recomendação é vista como para a ação, o aspecto verbal utilizado é o Infectum/Inacabado. Quando a ação é vista como predisposição para ação o aspecto verbal é o pontual.

O aspecto pontual é, portanto, uma menção do enunciador, um lembrete com sentido prescritiva, sua função é trazer à memória do interlocutor algo esquecido ou algo desconhecido. Um exemplo marcante desse uso são os indicativos pontuais usados para proferir os provérbios. Por exemplo, no Tg. 1:11:

1:11 ἀνέτειλεν γὰρ ὁ ἥλιος σὺν τῷ καύσωνι καὶ ἐξήρανε τὸν χόρτον καὶ τὸ ἄνθος αὐτοῦ ἐξέπεσεν καὶ ἡ εὐπρέπεια τοῦ προσώπου αὐτοῦ ἀπώλετο· οὕτως καὶ ὁ πλούσιος ἐν ταῖς πορείαις αὐτοῦ μαραινθήσεται.

1:11 Pois, o sol atingiu o seu ponto máximo/o seu pico/a sua meta tendo ao lado o vento escaldante/abrasador e secou a erva e a sua flor caiu e a beleza da aparência dela morreu/desapareceu. Assim também o rico em seus negócios/nas suas andanças será murcho.

Nas relações de sucessão construídas como um argumento, o aspecto pontual pode auxiliar a compor um recurso argumentativo que o TA chama de *ligação de sucessão*.

O pontual do passado, na epístola, eventualmente, é utilizado para chamar para dentro do discurso um argumento de autoridade.

2:25 ὁμοίως δὲ καὶ Ῥαὰβ ἡ πόρνη οὐκ ἐξ ἔργων ἐδικαιώθη ὑποδεξαμένη τοὺς ἀγγέλους καὶ ἑτέρα ὁδῶ ἐκβαλοῦσα;

2:25 Da mesma forma, também, Raab a meretriz não foi justificada a partir dos trabalhos, tendo acolhido os mensageiros e os tendo enviado por outro caminho ?

O ASPECTO INFECTUM/INACABADO

Na argumentação, o aspecto Infectum/inacabado/contínuo contribui para criar uma impressão de realidade. Ele cria a o efeito de que a ação está se desenrolando naquele momento, e mesmo diante do auditório. Seu uso tem como objetivo atualizar, colocar na mesa, tornar mais real a ação. É uma *figura de presença* embora o TA ilustre essas técnica com a utilização do tempo presente, não mencionando o traço aspectual verbal.

O aspecto *Infectum/inacabado/contínuo* potencializa a nominalização (ou adjetivação) feita com os participípios (adjetivos) substantivados pelo uso do artigo. A iconização⁴⁹ do referente já sobrevalorizada pela nominalização é potencializada quando o aspecto utilizado é o *Infectum/Inacabado*. Com a iconização⁵⁰ aumenta-se a ilusão referencial do mundo posto no texto e aumenta-se o efeito de sentido de realidade. O aspecto *Infectum/Inacabado* ao criar um efeito de maior realidade traz, por extensão, o efeito de que a ação e a narrativa são mais concretas.

Já, a noção de continuidade do *Infectum/Inacabado* pode levar às noções tanto da estabilidade como de imobilismo (ausência de mudança). A ausência de mudança, continuidade de uma ação sustenta ou leva a um estado, pois para que um estado se sustente é necessário que uma serie de ações contínuas se mantenham.

Na epístola, a utilização do aspecto *Infectum/Inacabado* contribui para o processo de referenciação e ao mesmo tempo para a (des) construção da identidade do destinatário. Isso aparece, por exemplo, na construção da identidade do actante Deus. Ele é um actante que é, foi, e será um deus doador, pois ele é designado no versículo 1:5 com o adjetivo participial substantivado τοῦ διδόντος θεοῦ “do Deus doante/que está doando”, no aspecto *Infectum/Inacabado*.

1:5 Εἰ δέ τις ὑμῶν λείπεται σοφίας, αἰτείτω παρὰ τοῦ διδόντος θεοῦ πᾶσιν ἀπλῶς καὶ μὴ ὄνειδίζοντος καὶ δοθήσεται αὐτῷ.

1:5 E se, dentre vós, alguém está precisando/carecendo/faltante de sabedoria, diga a ele que busque/que ele entre no ato de buscar, da parte do Deus doante/que está doando a todos, simplesmente, e que não censura/não está agredindo e ser-lhe-á dada.

Ora, a concretização, a presença, a modalização aspectual objetivadora é um recurso argumentativo da estabilidade como oposta à mudança, conforme o TA:

(...) A necessidade de estribar-se em valores abstratos talvez esteja vinculada essencialmente à mudança. Eles manifestariam um espírito revolucionário.

⁴⁹ A onomização (dar nome) é recurso de iconização.

⁵⁰ Observar que a iconização também está relacionada com a argumentação, pois pode ser considerada uma figura de presença.

Vimos a importância que os chineses davam aos valores concretos. Esta estaria relacionada com o imobilismo da China.⁵¹

O ASPECTO VERBAL PERFECTUM/PERFEITO/ACABADO e MODO « IMPERATIVO »

O tema aspectual verbal do Perfectum/Perfeito/Acabado no imperativo atua como recomendação que a ação ou o estado seja visto como definitivo:

1:19 Ἴστε, ἀδελφοί μου ἀγαπητοί· ἔστω δὲ πᾶς ἄνθρωπος ταχὺς εἰς τὸ ἀκοῦσαι, βραδὺς εἰς τὸ λαλῆσαι, βραδὺς εἰς ὀργήν·

1:19 Vós sabeis, meus irmãos amados/queridos: seja todo ser humano rápido/pronto para o escutar, lento para o tagarelar, e lento para uma agitação.

Um fato marcante da epístola é o vínculo do uso do traço aspectual verbal com um percurso figurativo que constrói um tema específico. O aspecto Perfectum/Perfeito/Acabado indicará um estado em que se encontra um actante nas diversas fases de uma narrativa – início ou fim. O aspecto Perfectum/Perfeito/Acabado é um uso lingüístico argumentativo na (des) construção do tema: “os ricos” οἱ πλούσιοι.

⁵¹ TA, p. 89.

CAPÍTULO 06

METODOLOGIA SEMIÓTICA

A Semiótica será vista como uma metodologia inserida numa ciência mais ampla: As ciências da linguagem, entre elas a ciência lingüística. Ciência que procura o significado/sentido dos signos em geral, isolados no paradigma, ou postos em relação na frase/texto/discurso. A Semiótica é uma das mais importantes teorias do discurso e do texto elaboradas no século XX. Os conceitos, noções métodos e ensinamentos da Metodologia Semiótica Greimasiana de linha francesa, ou escola de Paris, serão ferramentas de nossa leitura/análise. Tal metodologia é amplamente aplicada no Brasil, em suas aulas, grupos de estudos, que desenvolvem e aprofundam essa linha teórica.⁵² Nossa tese utiliza essa metodologia na leitura/análise de um texto neotestamentário, escrito em língua grega antiga. A Metodologia Semiótica será além de aplicada um alvo de reflexões, particularmente quando apresentamos uma visão da INSTÂNCIA DA ENUNCIACÃO e sua relação com a instância discursiva.

Uma das razões da eficácia da aplicação das noções e conceitos da Semiótica é o seu diálogo com outras metodologias. A metodologia Semiótica introduz o elemento persuasivo, ao apresentar o esquema narrativo da manipulação. Ao apontar a manipulação, a Semiótica converge e se coaduna com as noções de persuasão e convencimento da Nova Retórica. As duas teorias têm pontos em comum de apoio para a leitura/análise ao apontar funções próprias para o emprego dos modos de dizer denotativo e conotativo. É o caso da leitura dos efeitos de sentido trazidos pelo uso das figuras. Focaliza-se o mesmo traço lingüístico/discursivo, mas as abordagens em busca

⁵² A semiótica é também a metodologia exclusiva de análise de textos bíblicos no CADIR – Lyon/França local de nosso estágio de pesquisa durante oito meses, no ano de 2007.

do significado dos usos das figuras são diferentes, embora complementares. A argumentação prioriza o efeito persuasivo e a Semiótica busca o efeito de sentido/significado, na contribuição do uso das figuras, por exemplo, para a tematização. . Nas duas, a questão do sujeito esta presente. Na retórica, o orador que enuncia e discursiviza faz parte de um ato interativo pragmático, aparecendo os papeis sociais nas duas teorias. Em Tiago, por exemplo, o orador ao mesmo tempo o argumentador/exortador/ ensinador, que se apresenta como servo de outro sujeito cultural/religioso: o Senhor-Jesus-Deus. O sujeito semiótico aparece igualmente figurativizado por papéis sociais que constroem sua identidade nas diversas funções que exerce nas pequenas narrativas, pelo modo com que é figurativizado. Sua identidade social igualmente aflora.

FIGURATIVIDADE

A figuratividade aparece, em um discurso deliberativo como a Epístola de Tiago, entre outras funções como um recurso argumentativo que remete ao didático mais do que ao estético. Mas, o caráter didático da figuratividade passa igualmente do ponto de vista semiótico, pela sua função na construção de temas abstratos. A figuratividade cria discursivamente um simulacro dos objetos reais do mundo natural ou criado. Tais mundos são compostos igualmente por traços sensoriais entre eles a sinestesia e a afetividade. Utilizando-se do simulacro pela discursivização do concreto, as abstrações podem ser mais facilmente assimiláveis: tanto pelo sensível como pela compreensão intelectual. A operatividade da figuratividade vem por conta do estímulo à percepção à experimentação de uma sensação real. O papel da figuratividade como desencadeador da sensibilidade é vencer a barreira intelectual e nela penetrá-la. O objetivo é que as evocações sensoriais criem o efeito/simulacro de uma experimentação/sensorial, tão importante quanto à razão como método de pesquisa para aquisição de um conhecimento, de uma sabedoria⁵³. Assim, se contempla ainda no nível discursivo a necessidade real da experimentação sensorial na aquisição de um conhecimento. A

⁵³ Ver, por exemplo, divisão simples de formas de aquisição de conhecimento – a sensorial e a intelectual – nos livros escolares de nível médio, como em RUIZ, João Álvaro. *Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos*. São Paulo: Editora Atlas, 1980, pp. 89-90.

figuratividade é utilizada, pois, para que a reflexão intelectual adquira o status de uma experiência sensível, e assim se integrem as diversas maneiras de construção de um conhecimento, o conhecimento sensorial e o conhecimento intelectual⁵⁴. Além do prazer estético, que a sinestesia e a figuratividade criam, elas têm uma função extraordinariamente argumentativa. No TA, por exemplo, a figuratividade do mundo físico é assinalada como diretamente vinculada a uma necessidade, conforme o TA, a necessidade de fundamentar as hierarquias:

Mas é óbvio que muitas hierarquias não podem ser descritas nem fundamentadas por meio de elementos homogêneos, quantificáveis ou mensuráveis. Ora, quando nos encontramos diante de hierarquias qualitativas é que a argumentação, não podendo ser substituída pela medição ou pelo cálculo, adquire maior importância e que, para sustentar essas hierarquias, recorreremos a outras, em geral extraídas do mundo físico. Servir-nos-emos, por exemplo, das noções de profundidade, altura, tamanho, consistência.⁵⁵

Em Tiago, encontramos exemplos destes recursos: Tamanho: Por exemplo, em Tiago a dicotomia grande/pequeno: o fogo - pequena chama; a língua - pequeno membro do corpo; floresta – grande; leme do navio – pequeno; a vida – curta; nos vers. 3:4-5; 4:14; a densidade, por exemplo em: “a vida é vapor”.

3:4 ἰδοὺ Καὶ Τὰ Πλοῖα τηλικαῦτα ὄντα καὶ Ὑπὸ Ἀνέμων σκληρῶν ἐλαυνόμενα, μετάγεται ὑπὸ Ἐλαχίστου πηδαλίου ὅπου ἡ ὀρμὴ Τοῦ εὐθύνοιντος βούλεται,

3:4 Eis que também os navios, sendo de tal tamanho, (ao mesmo tempo) estando sendo movimentados pelos ventos duros/secos, pela ação do pequeno leme, mudam de direção para o lugar em que o impulso do condutor está desejando.

3:5 οὕτως καὶ Ἡ γλῶσσα μικρὸν μέλος ἐστὶν καὶ Μεγάλα ἀρχεῖ. Ἰδοὺ Ἡλίκον πῦρ ἡλίκτην ὕλην ἀνάπτει·

⁵⁴ Ver, por exemplo, as justificativas e o conteúdo a seguir. Justificativa: A partir dos anos de 1960, a imagem da semiótica francesa se congelou como a de uma teoria formal, por princípio, orientada rumo a artefatos textuais separados da vida. Hoje, a disciplina oferece, porém, uma face radicalmente diferente: é principalmente dessa evolução que o curso dará testemunho. Em particular, longe de excluir a dimensão vivida dos processos de significação, trata-se agora de dar conta dos aspectos mais sensíveis da experiência cotidiana da construção do sentido. Conteúdo: Rumo a uma integração das dimensões sensível e inteligível da significação. Disciplina: O Contágio do Sentido. Docente: Prof. Dr. Eric Landowski. Ano/Semestre: 2004/2º, USP. Anotações de aula.

⁵⁵ TA, p. 385.

3:5 Assim também a língua é um pequeno membro do corpo e de grandes coisas se enaltece. Vede quão pequeno fogo ilumina tão grande bosque.

4:14 οἵτινες οὐκ ἐπίστασθε τὸ τῆς αὔριου ποία ἡ ζωὴ Ὑμῶν· ἀτμὶς γὰρ ἐστε ἢ πρὸς ὀλίγον φαινομένη, ἔπειτα καὶ ἄφανιζομένη.

4:14 Sejais quem for (vós), os que não estais sabendo/continuais não sabendo qual a vossa vida, (a) de amanhã. Pois vós sois vapor, (o) que continua estando aparecendo, pouco numeroso/pequeno, depois também começando a (ser) desaparecido.

SEMIÓTICA E LÍNGUA GREGA

Nesta tese, as leituras/análises semióticas são feitas levando em conta as peculiaridades do sistema e gramática da língua grega. Assim, por exemplo, o significado da forma participial e do aspecto verbal, e da modalização espacial trazida pelas preposições isoladas ou nas palavras compostas. O uso da forma participial lido com o auxílio do esquema narrativo canônico da Semiótica pode ser visto como um verdadeiro percurso. No participio grego estão marcados: sujeito, ação e/ou estado, e indicando ou um sujeito em ação ou momentaneamente transformado. Ao mesmo tempo, o funcionamento do participio no texto remete para seguimentos discursivos anteriores ou posteriores – intra-textuais ou intertextuais - exercendo assim uma função importante no processo de progressão textual e referenciação. As funções da forma participial, no entanto, extrapolam a leitura do nível textual e semântico, e se estendem para os níveis narrativo e discursivo, contribuindo assim para construção do sentido do discurso como um todo. O participio assinala pontualmente uma espécie de tensão textual/discursiva, assim como a figura de um sujeito icônico ou cenográfico. Exagerando um pouco a figura, poderíamos dizer que o participio é um "drama" dentro do discurso, por conta dessa tensão criativa. Isto se dá pela presença de um sujeito ligado a uma ação ou estado, o que lhe confere uma qualidade, um *status*, o participio grego é um adjetivo. Utilizamos o termo "drama" como figura para a forma participial, porque esta última coloca em cena uma performance ou estado individualizado e delimitado. E, igualmente, porque o conjunto (Sujeito + qualidade, ação, fato) encerrado na forma participial desempenha um papel, que pode ser tanto de um sujeito manipulador como de um sujeito manipulado. A tensão pela presença de uma

argumentação é inerente à forma participial. A *ligação de coexistência*⁵⁶ argumentativa encerrada e expressa na forma participial está como que pedindo uma justificativa para sua ocorrência. Para atender a essa demanda, como desdobramento dessa tensão, seria inevitável que essa justificativa aparecesse no referencial interno do texto/discurso. Não aparecendo no referencial interno, a leitura/análise poderia num segundo momento ser buscada na intertextualidade.

O sistema da língua grega discursiviza o conhecimento do mundo objetivando e concretizando os conceitos, tanto com as palavras no sistema como com o seu uso nas relações estabelecidas no texto/discurso. Um dos recursos do sistema grego posto em relação no discurso são as palavras compostas com prefixos preposicionais. Preposições que na sua origem agregam modalizações espaciais, tanto estáticas como dinâmicas. Isso transmite um ideal de concretização mesmo para as idéias mais abstratas. Partindo da figura concreta do espaço, a palavra composta pela preposição chega às noções mais abstratas. Por exemplo, a preposição *διά* “movimento através de” indica uma moção através do espaço. Na Epístola encontramos o termo *διακρίνω* formado pelo prefixo preposicional *διά*. A modalização espacial de moção “através de” nos permite uma tradução literal de *διακρίνω* como "eu faço um juízo atravessado". Desse significado, chega-se a: eu duvido, que é a escolha feita para as versões nas línguas ocidentais para a ocorrência desse termo em Tiago.

Com o uso das palavras gregas compostas com preposições as noções, conceitos e idéias discursivizadas adquirem igualmente com mais facilidade o simulacro de um objeto concreto. Um objeto capaz de ser apreendido sensorialmente pelas evocações despertadas pela figuratividade espacial.

⁵⁶ *Ligação de coexistência*: a ligação de coexistência fundamental, em filosofia, é a que relaciona uma essência com suas manifestações. Parece-nos, contudo, que o protótipo dessa construção teórica se encontra nas relações existentes entre uma pessoa e seus atos (TA, p. 334).

FIGURAS E TEMAS

A identificação de figuras terá como objetivo o levantamento de relações e vínculos que contribuem na construção de estruturas: tópicas/textuais e temático/discursivas. Para o vínculo entre figuras e temas, nos valeremos das isotopias figurativas e temáticas⁵⁷ trazidas tanto pelo sistema no nível paradigmático como pelos usos no nível sintagmático.⁵⁸ A identificação das isotopias, em nosso trabalho se vale dos campos analógicos que têm por base a obra magistral de Spitzer⁵⁹. Essa obra aponta a contribuição para a formação das idéias, pelos recursos lingüísticos tanto do sistema, como pela língua em uso no discurso. Os campos analógicos de Spitzer (que remetem às isotopias da Semiótica) auxiliam na criação pelo leitor/analista de uma estrutura dentro do discurso, nas quais os termos aparentemente isolados possam ser relacionados entre si. Identifica-se uma idéia mais geral, à qual os termos estão vinculados. Na Semiótica a isotopia designa a permanência de um efeito de sentido ao longo da cadeia do discurso. Na Epístola, por exemplo, há vários sub-temas que podem ser explorados, ou que aparecerão no desenrolar da tese, todos eles englobados no tema mais geral da vida, figurativizado como *o caminho*. Tais sub-temas são: Relações dos homens consigo mesmos; Relação Homem/Deus; Relação Deus/homens; Relação dos homens (membros do grupo) entre si.

Assim, também, a identificação das figuras vai estar em função do objetivo mais geral da tese, já que contribuindo na construção dos temas, sua manutenção e progressão, contribuirão também para a leitura da coesão e coerência da Epístola e, certamente, de seu caráter argumentativo. Cabe assinalar um aspecto peculiar da Epístola vista no contexto do meta-discurso bíblico. A Epístola retoma e continua a construção de um tema que esta no conjunto da obra Vétero e Neotestamentária. A Epístola funciona como um acúmulo de argumentos, quando inserida especificamente

⁵⁷ As isotopias são equivalentes ao que os teóricos chamam de “campo analógico dos termos”, “constelações semânticas”, “família de palavras”.

⁵⁸ Este item da tese se valerá principalmente dos quadros de isotopias que construímos aplicando três traduções diferentes, mas com analogia às palavras que ocorrem na epístola.

⁵⁹ SPITZER, C. *Dicionário analógico da língua portuguesa*. 3 ed. Porto Alegre: Livraria do Globo S.A.,1953.

no macro texto do NT, e como uma intervenção⁶⁰ argumentativa, quando inserida no macro texto do AT/NT.

LIMITAÇÕES E AMPLIAÇÕES

A metodologia Semiótica não será aplicada integralmente. Dela nos valeremos dos conceitos, noções, e métodos que consideramos mais produtivos para nosso objetivo. Assim, nos valem do esquema narrativo canônico, com todos os seus elementos; no discurso os actantes, considerando como tais: dos atores, dos espaços, do tempo/aspecto, e eventualmente das modalizações; das figuras e dos temas que elas sugerem; da enunciação *lato sensu* e em *stricto sensu*. As isotopias semântico/figurativas são ferramentas na construção de uma configuração discursiva e temática. No nível lexical, ainda dicionarizado, é possível identificar o campo semântico das idéias que auxiliam a criar a configuração discursiva/temática. Na obra citada de Spitzer, as idéias são classificadas em cinco campos (classes): idéias abstratas, idéias que exprimem espaço, idéias que exprimem matéria, idéias que exprimem as faculdades cognoscitivas, afetivas e volitivas.

As figuras podem também ser lidas como pares semânticos, como o do aparecimento vs. desaparecimento; o do movimento sobremodalizado em regular vs. irregular; ou da instabilidade vs. estabilidade; ordem vs. desordem etc.

No que se refere ao nível narrativo, os ensinamentos, noções e conceitos da Metodologia Semiótica são uma ferramenta valiosa na aproximação dos textos/discursos, de uma maneira mais racional e tipificada. As abordagens, que utilizam o esquema narrativo canônico, possibilitam a leitura de um texto/discurso quase que de uma maneira esquemática, o que é um mérito desse recurso metodológico. Ao mesmo tempo, tem sido constatado na aplicação desse método que é preciso fugir de esquematismos rígidos e fórmulas definidas, pois elas não esgotam ou não permitem, em certas ocasiões, dar conta da leitura. O esquematismo como limitante clama por

⁶⁰ Ver o capítulo 07 desta tese, *Instância da enunciação: o sujeito do λέγειν*.

outras metodologias. O que fica claro é que a metodologia Semiótica permite uma leitura/análise produtiva na reflexão lingüístico/discursiva, no entanto, ela não exclui outras metodologias de leitura/análise. É na leitura/análise do discurso que a pertinência da metodologia se comprova e mostram-se as dificuldades de sua aplicação. Nesse confronto aparecem novos caminhos para o enriquecimento da leitura/análise na presente tese, e se faz uma relação entre a Semiótica e a Teoria Argumentação (Nova Retórica, de Perelman), a Teoria da Enunciação e a Lingüística Textual.

CAPÍTULO 07

A INSTÂNCIA DA ENUNCIÇÃO

Os estudos enunciativos incorporam à ciência da linguagem muitos fatos que tinham sido desprezados por uma Lingüística da língua ou uma Lingüística da competência.⁶¹

ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO

Há três aproximações possíveis, entre outras, da instância da enunciação. Elas são como que modelos para reflexão.

Enunciação como estrutura e processo ou procedimento interno. Focaliza o que é genético, o que gera a enunciação *lato sensu*. Sobre esse modelo, dedicamos um capítulo nesta tese.

Enunciação como discursivização. Enunciação *stricto sensu* ou discursivização, que focaliza a criação do texto/discurso pelo encadeamento das figuras, a configuração discursiva, que actorializa, temporaliza e espacializa os actantes, criando personagens, temas e narrativas.

Enunciação como comunicação. Focaliza um sujeito que apresenta um enunciado e assume esse enunciado na relação com outro sujeito. Modelo enunciativo pragmático ou da interação.

⁶¹ Disciplina “Tópicos da Teoria da Enunciação” – FLL5710, Profa. Dra. Norma Discini de Camp Programa do Curso. USP, 2003.

OS TRÊS MODELOS

Podemos considerar o modelo que focaliza a gênese da/na instância da enunciação como ligado diretamente às teorias dos signos, aos enfoques fenomenológicos e mesmo psicológicos. É a enunciação *lato sensu*. Aqui, entram também questões ligadas às paixões, às quais preferimos nos referir como παθημάτα “percepções, experimentações ou sofrimentos de”.

Nosso interesse está na intuição de que há possibilidade da utilização de que esse enfoque pode ser pensado como um modelo para leitura/análise do texto/discurso evangélico. O ponto de partida de nosso enfoque da instância da enunciação está no ensinamento de Aristóteles em *Peri Hermeneias*:

Ἔστι μὲν οὖν τὰ Ἐν τῇ φωνῇ τῶν ἐν τῇ ψυχῇ παθημάτων σύμβολα καὶ τὰ γραφόμενα τῶν ἐν τῇ φωνῇ⁶²

São, portanto, as coisas na voz símbolo daquelas **impressões** na mente, e as coisas escritas símbolos daquelas impressões na voz .⁶³

No terceiro modelo, o enfoque é na enunciação como comunicação, e esse modelo está diretamente ligado às questões retórico/argumentativas, à interação. Nesse modelo, os índices no discurso são a identificação das escolhas, a construção e progressão textual, os pontos de partida para os acordos, o modo de dizer que cria as técnicas argumentativas.

Ressalte-se que os três modelos são eficazes na leitura/análise, pois o que é focalizado em cada um deles não exclui o que é focalizado nos demais. O que é comum aos três modelos teóricos de leitura é a pressuposição da existência de um sujeito, de um ato enunciativo pressuposto e de um produto: Sujeito>Ato>Produto.

⁶² Aristóteles, 16^a, linhas 2 e 3

⁶³ Tradução Linear – Universidade de São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Área: Letras Clássicas – Língua Grega. Disciplina: Aristóteles – de Interpretatione: Proposta de uma Leitura Denotativa. Ano: 2000. Docente: Prof. Dr. Henrique Graciano Murachco.

O SENSÍVEL E O COGNITIVO

Em primeiro lugar, quando lemos insistentemente que a metodologia Semiótica de linha francesa tem como objetivo voltar sua atenção para o sentido de um texto, acabamos por considerar que a noção de sentido está muito relacionada com a noção de atenção. O sentido de um texto seria aquilo para o qual o texto volta a sua atenção e procura conduzir a atenção do leitor. Assim, a noção de sentido está diretamente relacionada a algo ao mesmo tempo existente em e subjacente a qualquer texto. Algo que está momentaneamente esquecido e ao mesmo tempo “latente” λήθη. O leitor/analista então, como observador, procura mecanismos que o auxiliem a voltar sua atenção para algo. Para aquele algo que também o texto tem sua atenção voltada. Esse algo que permanecerá latente λήθη, se o analista observador não voltar sua atenção para ele. O sentido, pois, no nosso entendimento, está dessa forma relacionado com a noção primeira da palavra grega ἀληθής, que as diversas línguas, depois dos gregos, traduziram pela palavra verdade. Não consideramos que se possa fazer uma ligação mecânica entre sentido e verdade. Isso porque a palavra verdade está carregada historicamente de um significado legalista e moralista. No entanto, a aproximação poderia ser feita, se considerarmos que é possível dizer que procurar o sentido de um texto é procurar o quanto possível, a sua verdade. O que ocorre é que, se tivéssemos outra palavra para substituir a palavra verdade, e que conseguisse exprimir toda produtividade, riqueza, beleza e ensinamento da palavra grega ἀληθής, tudo ficaria mais claro para nossa explanação.

Ao que podemos chegar, no momento, é que ἀληθής é aquilo que “não está esquecido”, que deixou de ser “latente⁶⁴” para fazer parte do mundo consciente do observador/analista, que voltou sua atenção para aquele algo. Se os métodos usados pelo observador/analista forem bons, e por que não bonitos e eficazes - καλός - a atenção daquele que entrou em contato com o texto/discurso convergirá, em consonância com o sentido para o qual o texto o quer dirigir a atenção.

⁶⁴ Observar que a raiz **lat-** é comum à palavra grega ληθή, e à raiz **ληθ-** e à palavra da língua portuguesa **latente**.

Essas reflexões poderão servir também para um processo de criação de um texto verbal que auxilie na compreensão dos processos que ocorrem na relação corpo e sentido, durante a experimentação de um objeto. Nosso ponto de partida é que a relação sujeito/objeto corresponde a uma estrutura, e esta, em funcionamento. Essa estrutura só pode ser entendida se analisada em suas partes tornadas, metodologicamente, fixas e isoladas pela palavra do analista que a observa. É por essa razão que escolhemos falar de um actante do par que compõe a relação sujeito/objeto, como centro da observação na sua experiência de sentir com o corpo. Chamamos a atenção aqui para a questão da presença do sujeito. A presença como um estado sustentado por uma continuidade, indispensável, de posturas e atos do actante que podem ser discursivizados muitos bem na figura do caminho, em Tiago. Destaca-se no “caminho” ὁδός tanto o caráter ativo, movimentado, como também, implicitamente, o caráter *ativo* da presença dos participantes. Também destacamos esse caráter de atividade, de trabalho, de *fazer*, de agir, para situar a noção da gênese da enunciação. Isolando o actante sujeito enunciativo da estrutura para entender o que se passa no percurso, destacamos a necessidade de experimentar na prática também a relação entre o corpo e o sentido. Assinalamos, ainda, que um dos primeiros componentes que aparecerá no percurso do sujeito do sentir é o percurso de um oponente: anti-sujeito ou obstáculo. Destacamos, também, que a observação do sujeito da enunciação, num primeiro momento, sem texto escrito, pode - não só pode, mas obrigatoriamente deve - criar um verdadeiro *saber* no qual o corpo é elemento visceral. O sensível e o cognitivo estão visceralmente ligados. O sujeito, tendo como ponto de apoio o seu corpo, conhecerá o que se passa com o objeto sentido.

O modelo teórico que apresentamos poderá contribuir em muito para esse objetivo. Ao mesmo tempo em que, estudando o percurso do qual faz parte a relação sujeito/objeto, iremos inserir este percurso, com a metodologia Semiótica, numa estrutura de *saber* que contemple as relações do sensível, que originam o discurso verbal.

A INSTÂNCIA DA ENUNCIÇÃO

Fazemos nossas as palavras de Rastier, quando justifica as reflexões e apresentação de uma nova hipótese:

Nous sommes certes ici dans un domaine encore conjectural, mais permettons à un sémanticien de s'y aventurer, en convenant que les hypothèses, même (ou surtout) fausses, peuvent avoir une valeur heuristique.⁶⁵

Na verdade, estamos aqui em um domínio ainda conjectural, mas permitamos a um semanticista de se aventurar, concordando que as hipóteses, mesmo (ou sobretudo) falsas, podem ter um valor heurístico (tradução nossa).

Para que se possa fazer uma relação entre o discurso e a instância da enunciação, é útil observar como a enunciação se estrutura e como a enunciação se origina e se coloca em marcha. Para saber como a enunciação se estrutura, é necessário saber quais são as unidades mínimas que a compõem e, ao mesmo tempo, quais são os elementos que compõem essas unidades. Ao final, a identificação das funções de cada elemento e de cada unidade, e as relações entre eles nos darão um quadro daquilo que chamaremos O PROCEDIMENTO SÊMIO NARRATIVO da enunciação.

As reflexões a seguir têm por objetivo fazer uma identificação preliminar das unidades e dos elementos do PROCEDIMENTO SÊMIO NARRATIVO da enunciação. Em seguida, se fará uma relação entre o discurso e o procedimento enunciativo. Ao final, com exemplos, pretendemos mostrar como as figuras discursivas fazem referência aos DISPOSITIVOS SÊMIO NARRATIVOS ENUNCIATIVOS (DSNEs), aos PERCURSOS SÊMIO NARRATIVOS ENUNCIATIVOS (PSNEs), e aos elementos, que compõem a instância da enunciação.

⁶⁵ RASTIER, F. La perception sémantique. In: *Semantique et recherches cognitives*. Paris: PUF, 2001, p. 1.

DISPOSITIVOS e PERCURSOS ENUNCIATIVOS

Consideramos que a instância da enunciação tem uma estrutura e também um funcionamento. A estrutura é composta por, no mínimo, três unidades. O funcionamento se faz a partir de uma sintaxe entre as três unidades, que receberão o nome de DISPOSITIVOS SÊMIO NARRATIVOS ENUNCIATIVOS (DSNEs). Em cada unidade, há um percurso que chamaremos de PERCURSO SÊMIO NARRATIVO ENUNCIATIVO (PSNE). No interior do percurso estão os ELEMENTOS enunciativos, dentre os quais, o principal é o sujeito. Cada DSNE terá o nome de seu sujeito e da ação principal a ele ligada. Assim, o nome das três unidades será:

DISPOSITIVO SÊMIO-NARRATIVO ENUNCIATIVO DO SUJEITO DO
πάσχειν

DISPOSITIVO SÊMIO-NARRATIVO ENUNCIATIVO DO SUJEITO DO
λέγειν

DISPOSITIVO SÊMIO -NARRATIVO ENUNCIATIVO DO SUJEITO DO
ἀκούειν

A justificativa da escolha dos nomes atribuídos aos DSNEs aparecerá durante o desenvolvimento de nosso trabalho. Os DSNEs são unidades da estrutura da instância da enunciação. As unidades são bem marcadas e delimitadas em virtude das funções específicas dos percursos que as compõem. Ver o quadro a seguir:

UNIDADE 01		UNIDADE 02		UNIDADE 03
DSNE DO πάσχειν		DSNE DO λέγειν		DSNE DO ἀκούειν
Percurso Do Sentir Perceber Experimentar sofrer de Observar		Percurso Do Sentir Perceber Experimentar sofrer de Observar	Percurso Do Falar	Percurso Do Sentir Perceber Experimentar sofrer de Observar Percurso Do Escutar Ler Deliberar interpretar analisar
sujeito do πάσχειν		sujeito do λέγειν		sujeito do Ἀκούειν/leitura

Figura 02 - Estrutura da instância da enunciação.

O funcionamento do procedimento enunciativo tem uma sintaxe, que segue a seguinte ordem: DSNE do πάσχειν > DSNE do λέγειν > DSNE do ἀκούειν. A sintaxe entre os DSNEs se articula por meio dos sujeitos. A articulação se dá, em primeiro lugar, pelos sujeitos nos seus percursos do sentir, perceber, experimentar, sofrer de, observar. Os percursos possuem também uma narratividade. Essa narratividade tem um *continuum*, que clama para que não seja interrompido. A narratividade se apóia na existência pressuposta de um movimento do sujeito em direção a uma transformação no interior do percurso. Finalmente, o percurso é uma enunciação em si mesmo. Ele é a gênese da enunciação *lato sensu*, e ali são sustentados e criados um *agora*, um *aqui* e um sujeito que poderá ser referido como *eu*. Cada **DSNE** tem características específicas:

UNIDADE 1. O DSNE do sujeito do πάσχειν. Esse dispositivo tem somente o Percurso do sujeito do sentir, perceber, experimentar, sofrer de. O sujeito desse percurso somente *sente*, e não fala. É por esta razão que nós escolhemos o nome πάσχειν, para designar o DSNE, o Percurso, e o Sujeito. Durante seu percurso, o sujeito do πάσχειν é aquele que tenta *ser*. Na verdade, seu tentar ser equivale à tentar aparecer. O sujeito tenta aparecer com o esforço para ocupar um lugar – o *aqui*, e de manter uma continuidade aspectual temporal – um *agora*. Na verdade, no início e durante todo o percurso, o sujeito do sentir é um proto-sujeito.

UNIDADE 2. O DSNE do sujeito do λέγειν. O sujeito do λέγειν é aquele que fala/dicursiviza. Ele é o enunciador *stricto sensu*. Esta unidade, ver o quadro acima, é composta por dois percursos do sujeito:

- Um percurso também do sentir, perceber, experimentar, sofrer de, e
- Um percurso de assunção da palavra como sujeito enunciador/dicursivo. A atividade primeira do sujeito deste percurso é “escolher as coisas a falar”.

No nível discursivo e interativo, o sujeito do λέγειν aparece nas escolhas de figuras, temas, o modo de discursivizar, na narrativa, na argumentação, criação de um processo de referência, nos recursos de progressão textual, etc. É o campo inteiro da criação do texto/discurso, por um ato enunciativo.

UNIDADE 03 – A DSNE do sujeito do ἀκούειν. Esta unidade é composta também por dois percursos:

- Um percurso, também, do sentir, perceber, experimentar, sofrer de, observar, e
- Um percurso do escutar/ler.

No nível do discurso, este sujeito do ἀκούειν pode ser previsto como um auditório particular ou um auditório universal. Dependendo do auditório, o sujeito do λέγειν fará escolhas próprias aos seus objetivos argumentativos.

Na descrição acima, podemos constatar que há um percurso que é comum aos três DSNEs. Esse percurso é o PSNE do sentir, perceber, experimentar, sofrer de. A enunciação *lato sensu* é inteiramente gerada pelo sensível. No entanto, somente um dos DSNEs recebe o nome levando em conta a existência do PSNE do sentir, perceber, experimentar, sofrer de. Isso porque o sujeito ligado a esse percurso tem somente esse tipo de função. Nós o chamaremos de Sujeito do πάσχειν; seu percurso chamaremos PSNE do Sujeito do πάσχειν; e sua unidade de: DSNE do Sujeito do πάσχειν.

ELEMENTOS DOS PERCURSOS

Os PSNEs são constituídos de elementos. Esses elementos e as relações entre eles criam, sustentam, e colocam a enunciação em marcha. Os elementos comuns a todos os PSNEs são:

- Um sujeito do comando – sugestão, prescrição, exortação.
- Um proto-sujeito em transformação, que é o sujeito que Sente, Percebe, Experimenta, Sofre de, Observa.
- Um *agora* – em permanente sustentação.
- Um esforço do proto-sujeito para sustentar o seu *agora*.
- Um corpo físico pressuposto – no qual se apóia o esforço do proto-sujeito para sustentar o seu *agora*.
- Um *aqui* – espaço que está permanentemente sendo criado/ocupado pelo sujeito e que depende da sustentação do *agora*.
- Um *eu* – adquirido em cada percurso.

Os elementos remetem ou figuram: o tempo interno da enunciação - o *agora*; o espaço interno da enunciação - o *aqui* – que está sendo ocupado pelo sujeito; e o proto-sujeito em transformação. Um proto-sujeito que, ao final, consegue fazer-se presente e consegue adquirir uma identidade momentânea como sujeito e pode ser referido como *eu*. As relações entre os elementos pressupõem sempre uma atividade principal do proto-sujeito: seu esforço sustentar o *agora*. É a partir desse esforço em que se criam o *aqui* e a identidade do sujeito, que ao final vai poder ser chamado *eu*. Esses três elementos estão em permanente ligação entre si, uma vez que um depende do outro para existir. Outra característica geral dos PSNEs é a presença de oponentes - um anti-sujeito, ou de um obstáculo - que têm por função principal trabalhar contra o esforço feito pelo sujeito do (π) para sustentar o seu *agora*.

O esforço do proto-sujeito é digno de nota, uma vez que ele é a condição *sine qua non* para que o PSNE do S do (π) seja mostrado como um verdadeiro enunciado⁶⁶, ou seja, uma “coisa” que aparece, ou melhor, pressuposta que aparece, uma vez que não estamos falando ainda do nível discursivo. No nível discursivo, o esforço do sujeito

⁶⁶ Um enunciado não verbal, no nível da instância enunciativa.

poderá ser chamado ou relacionado a figuras como: energia, vontade, vigilância, etc. Ao final, o PSNE do S do (π), fruto do esforço mencionado, pode ser chamado como a figura de uma “coisa”. Uma “coisa” que na essência é fruto da relação entre um sujeito e seu objeto do sentir. Tanto o PSNE como o sujeito do $\pi\acute{\alpha}\sigma\chi\epsilon\iota\nu$ são uma coisa “colocada em pé”, instaurada, uma coisa que não é esquecida ou ignorada, mais ou menos consciente, uma coisa que aparece - um fenômeno.⁶⁷

Há todo um campo isotópico de figuras, que é utilizado no discurso cristão que se refere diretamente à instância da enunciação, como lugar primeiro da instauração da presença de um sujeito religioso. Contemplamos uma estrutura e uma sintaxe, no nível enunciativo, que pode contribuir para a reflexão de uma Teoria evangélica da enunciação⁶⁸. Isto pode se colocar em consonância com um ponto de vista de Grei mas, para o qual Panier chama atenção. Trata-se de um ensinamento em que Grei mas postula uma apreensão da significação a partir do “*apparaître du monde*”:

Il s'agit d'appréhender la signification non plus seulement dans l'articulation des écarts différentiels constitutifs d'un système ou d'une structure, mais à partir de **“l'apparaître du monde” pour un sujet**. La saisie de la signification et sa description mettent alors en avant **les effets sensibles, affectifs de l'esthésie**⁶⁹ (*grifos nossos*).

Não se trata de apreender a significação tão somente na articulação das distâncias diferenciais constitutivas de um sistema ou de uma estrutura, mas a partir do “aparecer no mundo” por um sujeito. O alcance da significação e da descrição colocam então em primeiro lugar os efeitos sensíveis, afetivos da estesia (*tradução nossa*).

⁶⁷ Metalingüisticamente, as palavras gregas $\acute{\iota}\sigma\tau\eta\mu\iota$ (“eu ponho em pé”), $\acute{\alpha}\lambda\eta\theta\acute{\eta}\varsigma$ (“não esquecimento/verdade”), $\pi\acute{\iota}\sigma\tau\iota\varsigma$ (“fé”) e $\phi\acute{\alpha}\lambda\nu\epsilon\iota\nu$ (“estar mostrando”) se prestam bem para designar esta semiótica não verbal, ainda no nível da instância enunciativa.

⁶⁸ Panier e outros autores já levantam a hipótese de uma Teoria Evangélica da Enunciação, conforme a seguir: «On pourrait se demander si ce début de l'épître au Galates ne fournit pas les bases d'une théorie évangélique de l'énonciation, dont la caractéristique serait de déployer la rupture instauratrice dont la communication présente serait la manifestation. L'antithèse en serait peut-être une théorie de la communication-information.» Cf. PANIER, Louis. Les marques d'énonciations dans l'épître aux Galates. Essai d'organisation et d'interprétation. In: LÉMONON, Jean-Pierre (dir.). *Regards croisés sur l'épître aux Galates*. Lyon: PROFAC, 2001. «Poder-se-ia perguntar se este começo da Epístola aos Gálatas não fornece as bases de uma teoria evangélica da enunciação, cuja característica seria revelar a ruptura instauradora da qual a comunicação ali presente seria a manifestação. A antítese disto poderia ser uma teoria da comunicação-informação» (Tradução nossa).

⁶⁹ PANIER, p. 112.

Esse tipo de busca começa já pela leitura/análise da instância da enunciação e remete diretamente, em primeiro lugar, ao PSNE do S do πάσχειν. Os efeitos sensíveis no discurso a serem provocados no auditório procuram reproduzir de maneira figurada os efeitos sensíveis, percepções, que se criam no sujeito do πάσχειν, quando ele sente, percebe, experimenta, sofre de, observa seu objeto.

SUJEITOS DOS PERCURSOS

Há de início, na INSTÂNCIA ENUNCIATIVA, pelo menos “cinco sujeitos”⁷⁰ enunciativos: (A) Três sujeitos que estão no processo de “colocar-se em presença – sem falar”: Um sujeito do comando – sugestão, prescrição, exortação; um proto-sujeito do πάσχειν, em transformação, que sente, percebe, experimenta, sofre de, observa, seu objeto; um sujeito do πάσχειν – ao final do percurso. (B) E dois sujeitos que compõem o enunciador *stricto sensu* – que falam: o sujeito do λέγειν e o sujeito do ἀκούειν.

O sujeito do πάσχειν tem somente o percurso do sentir, perceber, experimentar, sofrer de, observar. É por conta destas funções que ele recebe o nome πάσχειν. Uma observação, uma justificativa, da escolha do nome πάσχειν merece ser feita. Nos evangelhos, o πάσχειν aparece como criando um estado, um sentimento, atribuído a um sujeito que sofre dor física ou psicológica,⁷¹ mas, originalmente, a figura está ligada à idéia da experimentação, da obtenção de impressões. Ela dá origem, por exemplo, às “impressões” παθήματα⁷², que serão representadas pelos signos verbais, tal como ensina Aristóteles em Peri-Ermeneias:

Ἔστι μὲν οὖν τὰ Ἐν τῇ φωνῇ τῶν ἐν τῇ ψυχῇ παθημάτων σύμβολα καὶ τὰ γραφόμενα τῶν ἐν τῇ φωνῇ ...⁷³

São, portanto, as coisas na voz símbolo daquelas **impressões** na mente, e as coisas escritas símbolos daquelas impressões na voz ...

⁷⁰ Esta é uma divisão metodológica. Na verdade é um só, porém é considerado como um sujeito desdobrado.

⁷¹ É o caso, por exemplo, da Páscoa na história de Jesus, considerada como a sua paixão, seu sofrimento.

⁷² A raiz grega πθ- compõe ambos os termos, πάσχειν e παθήματα.

⁷³ Aristóteles, 16^a, linhas 2 e 3.

Os sujeitos do λέγειν e o sujeito do ἀκούειν têm também um percurso do sentir, perceber, experimentar, sofrer de, *observar*. Mas, seu nome é tirado de sua atividade principal, respectivamente: falar λέγειν e escutar/ler ἀκούειν.

O SUJEITO DA PRESCRIÇÃO

O sujeito do comando – sugestão, prescrição, exortação – se localiza “fora” da narratividade do Percurso do sujeito do πάσχειν. É o sujeito do comando que diz *agora*, como uma exortação, sugestão, prescrição, ao proto-sujeito do πάσχειν. De certa forma, o sujeito do comando interrompe outro percurso do proto-sujeito, que já estava em progresso e instaurado. No momento em que o sujeito é exortado lhe é sugerido um outro percurso. Do ponto de vista hierárquico, o sujeito do comando tem uma “certa” autoridade, ou *saber* manipulador para sugerir um outro percurso. Ele é como um diretor de teatro, que pede uma performance do ator que dirige. Ele *faz fazer*.⁷⁴ O sujeito do comando – sugestão, prescrição, exortação –, que diz *agora* para o proto-sujeito, é também um observador. De certa forma, ele está presente durante todo o percurso do proto-sujeito, já que o seu querer modaliza a performance deste último. Ele serve também como um sujeito auxiliar, encorajando o proto-sujeito do πάσχειν. Seu encorajamento, em principio, é de uma pessoa que “crê” que o proto-sujeito pode sustentar seu *agora*, levar o seu percurso até o final e adquirir o estatuto de um sujeito, que pode ser chamado por - ou a quem pode ser dado - um nome: *eu*.

⁷⁴ Quando Bertrand ensina sobre a lógica semiótica diz: “Assim, por exemplo, a lógica deôntica (do grego « dever ») vai se dedicar a determinar a boa formação das regras da « obrigação » . . . enquanto a semiótica especificará o obrigatório como « prescrição ». A nuance é importante. No primeiro caso, o termo designa estritamente o caráter deôntico de uma relação entre sujeitos abstratos, no segundo, faz aparecer o ambiente hierarquizado que essa modalidade implica: de um lado, o sujeito que está diante do dever fazer, que o « experimenta » e o « sente », e do outro, o Destinador, fonte da prescrição, que caracteriza um /fazer/ factitivo, ele *faz fazer* (BERTRAND, pp. 309-310). No entanto, em nossa proposta teórica, nesta tese, focalizamos a experiência e o sentir do sujeito. Porém, enfatizamos a relação sensível entre o sujeito e seu objeto e não com a experimentação do *dever fazer*.

No *Novo Testamento*, uma referência figurativo/discursiva a essa capacidade de suportar aquilo que é prescrito ao sujeito do πάσχειν pode ser ilustrada pelo versículo⁷⁵ a seguir:

1 Cor 10:13 πειρασμὸς ὑμᾶς οὐκ εἴληφεν εἰ μὴ ἀνθρώπινος· πιστὸς δὲ ὁ θεός, ὃς οὐκ ἑάσει ὑμᾶς πειρασθῆναι ὑπὲρ ὃ δύνασθε ἀλλὰ ποιήσει σὺν τῷ πειρασμῷ καὶ τὴν ἐκβασιν τοῦ δύνασθαι ὑπεινεγκεῖν.

1 Cor 10:13 Não vos sobreveio tentação que não fosse humana; mas Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar (*tradução da ARA*).

O sujeito do comando – sugestão, prescrição, exortação – precisa deixar o proto-sujeito livre para trabalhar e realizar o esforço para se “colocar em presença”. A liberdade, no entanto, é uma liberdade que se apóia primeiramente, em um acordo de vontades: a vontade do sujeito da prescrição e a vontade do proto-sujeito em transformação⁷⁶. No discurso do *Novo Testamento*, há muitos exemplos dessa verdadeira lei. No nível discursivo, os acordos de vontades são enunciados como uma “memória” do proto-sujeito que está presente em pequenos enunciados que remetem ao sujeito da prescrição/exortação. Em Tiago, os exemplos estão nas referências ao acordo de vontades desejáveis do sujeito no caminho com a vontade/sabedoria de Deus.

ANTI-SUJEITO OU OBSTÁCULO

Na instância enunciativa, os percursos e seus sujeitos têm também um “anti-sujeito”, ou um obstáculo. Esse anti-sujeito pode agir sobre qualquer elemento do percurso. Mas seu trabalho principal será tentar desviar o proto-sujeito do πάσχειν de seu esforço para sustentar o seu *agora*.

⁷⁵ Aqui é preciso não confundir a origem da “tentação/prova” com a capacidade do sujeito do πάσχειν de a suportar. As duas são coisas bem distintas. Tiago, na sua epístola, é muito claro quando diz que as provas/tentações vêm do interior do próprio proto-sujeito do πάσχειν (Cf. vers. 1:14 e 1:21). NB: nossa proposta de tradução para o termo πειρασμός leva em conta a modalização espacial trazida pelo prefixo da preposição περί. Assim, optamos por uma idéia mais concreta de envolvimento/enredamento ao invés de tentação.

⁷⁶ Em nossa tese consideramos que os termos gregos com a raiz δικ- são termos que remetem a esse acordo de vontades. Tradicionalmente os termos com a raiz δικ- são traduzidos como pertencentes à família de palavras da qual fazem parte os termos “justo”, “justificação” e “justiça”, remetendo, assim, para uma isotopia semântica do campo jurídico.

No nível discursivo, os oponentes aparecem sob diferentes formas e têm percursos diferentes. O anti-sujeito, ou obstáculo, pode ser um sentimento, uma paixão, funcionando como um actante. Em Tiago, as ἐπιθυμίας, vers. 1:15; o διακρίνω, diversos vers. ; o φθόνος, vers. 4:15; e a ἐριθεία e o ζήλος, vers. 3:16 funcionam como anti-sujeitos ou obstáculos. Esses anti-sujeitos ou obstáculos agem, atravessando διὰ a vontade βουλή do proto-sujeito do πάσχειν. Na verdade, os oponentes atravessam o acordo de vontades entre o sujeito da prescrição e o proto-sujeito do PSNE. O anti-sujeito ou obstáculo é uma condição interna, que acompanha o proto-sujeito durante todo seu percurso. E ele – o anti-sujeito ou obstáculo – trabalha para se instalar como um sujeito do comando – sugestão, prescrição, exortação. Um percurso se realiza vencendo obstáculos. Os obstáculos aparecem como valores investidos em outros objetos, que são apresentados ao proto-sujeito durante seu percurso. Esses objetos são como que criações do próprio proto-sujeito do percurso, que apresenta a si mesmo, uma outra opção para dirigir sua atenção, quer dizer, permanecer no seu esquecimento. Cabe assinalar que o nome objeto se aplica tanto ao objeto da percepção, sentido pelo proto-sujeito, como ao objetivo de sustentar o seu *agora*, o seu *aqui*, e chegar à condição de ser chamado *eu*.

Quando afirmamos que é o proto-sujeito mesmo que apresenta a si mesmo outro objeto e/ou objetivo, estamos considerando que ele funciona como anti-sujeito/oponente/inimigo de seu próprio caminho (PSNE). Na visão teórica que ora apresentamos, tanto o objeto como o objetivo estão visceralmente ligados. Mudando-se o objeto do sentir, perde-se o objetivo, que é adquirir uma identidade e chegar à condição de poder ser chamado *eu*.

Num discurso, os objetos que funcionam como oponentes aparecem sob a forma de figuras portadoras de valor. Semioticamente, esses objetos – anti-sujeitos ou obstáculos – se apresentam seduzindo o sujeito do PSNE da busca. É por isso que lingüisticamente eles aparecem sob a forma de discursos bem argumentados, com aparência de sabedoria, mas que são vazios de conteúdos. De um ponto de vista mais amplo, por exemplo, seria um discurso cheio de figuras retóricas, mas que esconde seus

verdadeiros objetivos. O sujeito enunciador de tal discurso é chamado na epístola de Tiago de “ser humano vazio” ὡς ἄνθρωπε κενέ.⁷⁷

2:20 θέλεις δὲ γινῶναι, ὡς ἄνθρωπε κενέ, ὅτι ἡ πίστις χωρὶς τῶν ἔργων ἀργή ἐστίν;
2:20 Oh! Ser humano vazio! Tu estás querendo saber porque a fé separada dos trabalhos é inativa ?

Na tentativa de seduzir o sujeito, os oponentes invadem o espaço – caminho – em que ele se encontra. Esse espaço precisa ser defendido e é necessário resistir ao invasor.

O PROTO-SUJEITO DO ΠΑΣΧΕΙΝ

O proto-sujeito do πάσχειν é o elemento do PSNE do πάσχειν, que recebe a sugestão, prescrição, ou exortação para trabalhar o seu esforço e, ao final, se colocar em « presença ». A tarefa principal de qualquer proto-sujeito do PSNE do πάσχειν é se esforçar para fazer subsistir seu agora τὸ νῦν ὑπάρχειν “o agora subsistir”.

Esse *fazer* é o mais difícil no percurso da gênese da enunciação, na INSTÂNCIA ENUNCIATIVA. Mas essa tarefa é a condição primeira para que o *aqui* apareça e para que o sujeito possa chegar a uma presença, a uma identidade no nível enunciativo. Após a aquisição dessa identidade, o sujeito pode ser referido pelo sujeito do λέγειν como um *eu*, assumir-se como um sujeito enunciativo verbal e discursivamente receber um nome.

Durante todo o percurso, os três elementos do PSNE - o *agora*, o *aqui*, e o *proto-eu* - interagem entre si. A identidade, fruto da presença enunciativa, terá a representação/ correspondência discursiva, que assinala uma identidade fruto de uma presença no discurso. Nós arriscaríamos dizer que, toda vez que aparece um nome de uma personagem no discurso, há uma referência a um sujeito que tem seu PSNE do

⁷⁷ Um sujeito que pressupostamente, no vers. 2:18, só sabe se assumir como sujeito discursivo, criar um enunciado verbal e dizer: “eu tenho fé”.

πάσχειν instância enunciativa. E, se lhe foi dado um nome, é porque seu percurso foi evocado/focalizado pelo sujeito do λέγειν. Seu percurso é um percurso importante, não só para uma narrativa, mas também para o significado do discurso.

Há uma questão muito interessante que pode ser investigada. Trata-se da possibilidade de que o proto-sujeito, a partir do início do percurso, seja um sujeito já formado, um sujeito de estado, e que seja, a partir de lá, possuidor de uma identidade e podendo, a partir do início receber um nome, dado pelo sujeito do λέγειν. Na epístola de Tiago, por exemplo, é o destinatário no seu estado inicial⁷⁸, chamado de “adúlteras” μοιχαλίδες, vers. 4:4. Nesse caso, haveria o assinalamento de uma “des-colocação” de sua presença durante seu percurso, a desconstrução de uma identidade, e a proposta de construção de uma nova identidade, uma nova presença. Uma presença marcada no nível discursivo, mas proposta para ser adquirida na instância enunciativa *lato sensu*.

Essa idéia pode nos levar à conclusão mais geral de que, para o enunciador da epístola, a relação dos seres humanos com os objetos do mundo, e/ou suas práticas de vida, pode ter como objetivo a desconstrução de uma identidade natural pré-existente no momento de seu aparecimento/nascimento no mundo.⁷⁹ Isto explicaria, por exemplo, o ensinamento do orador da Epístola de que certas condições naturais foram instaladas em nós a partir do nascimento. Por exemplo, as ἐπιθυμίας “cobiças” vers. 1:15, o διακρίνω “fazer juízos atravessados/discriminar” e o φόβος “segurar para si” vers. 4:15, a ἐριθεία “luta/disputa” e o ζήλος “ciúme” vers. 3:16, e a língua, membro do corpo, como incapaz de ser controlada vers. 3:6.

Na Epístola de Tiago, essas condições naturais funcionam como anti-sujeito ou obstáculo na permanência do caminho e para a aquisição da identidade como θρησκός “fazedor religioso”. Essa idéia pode nos levar também a uma leitura/análise, específica do texto/ discurso de Tiago, onde haveria uma (des)construção da identidade do destinatário, feita tanto pela enunciação como discursivização. O destinatário, no

⁷⁸ O estado inicial a que nos referimos é o que está marcado no enunciado englobante. Um estado que só adquire sentido dentro do próprio discurso da epístola.

⁷⁹ Seria, por exemplo, o que as teologias cristãs chamam de “pecado”. O homem nasceria “manchado” pelo pecado.

momento em que a Epístola esta sendo escrita, é tido como portador de uma identidade já formada, um *eu*. Um sujeito que funcionaria como anti-sujeito ou obstáculo do proto-sujeito do novo percurso. Assim, a narratividade da Epístola é vista dentro de dois PNs. Um PN de um homem na história, de um actante em transformação. Na epístola, ele passa da condição nominada/figurada como “adúlteras” *μοιχαλίδες* - vers. : 4:4, para o estado de um sujeito nominado/figurado como *θησκευός* “fazedor religioso” - vers. 1:26. Um PN de um actante em transformação interior, no estado inicial de falta de sabedoria: *Εἰ δέ τις ὑμῶν λείπεται σοφίας*, “se alguém está precisando/carecendo/faltante de sabedoria” vers. 1:5, para *ἐν μηδενὶ λειπόμενοι* “em nada faltantes”, vers. 1:4 . Essa mesma identidade é também a de um homem que está transformando a sua condição de *ser* da/na natureza - como homem na história. inserido na narratividade da historia das doze tribos na dispersão. Como homem na sua condição natural, visto na sua relação com as condições naturais em que foi criado. As duas facetas desse homem, presentes na Epístola e que se inter-relacionam, são assinaladas nos temas e sub-temas que remetem às relações consigo mesmo, relações dentro do grupo e relação com Deus. As marcas dessas relações estão, por exemplo: na sua vida efêmera e morte vers. 4:14; seus sentimentos e paixões *ἐπιθυμῖαι* “cobiças” Vers. 1:14; o *διακρίνω* “fazer julgamentos atravessados/discriminar” Vers. 1:6; o *φθόνος* “segurar para si” vers. 4:5; e a falta, ou presença, de sabedoria, que se mostram nas suas práticas de vida como: *καταλαλέω* “falar mal”vers. 4:11; *προσωποληψία* “fazer distinção de pessoas” vers. 2:1; *διακρίνω* “eu faço discriminações/juízos atravessados” vers. 1:6; *ἐχθρὸς τοῦ θεοῦ* “ser inimigo de Deus” vers. 4:4 etc.

SUJEITO DO *λέγειν*

O sujeito do *λέγειν* tem dois percursos (PSNEs) na instância da enunciação: Um percurso do sentir, perceber, experimentar, sofrer de, observar, e um percurso de assunção da palavra. O sujeito do *λέγειν* é um sujeito falante, que discursiviza os elementos que ele experimenta e sente durante a observação que faz do PSNE do sujeito do *πάσχειν*. Destaque-se que ele é também, primeiramente, um sujeito que sente, percebe, experimenta, sofre de, observa, seu objeto. É o sujeito do *λέγειν* que será

responsável por assumir a palavra na condição de sujeito discursivo. Ele é aquele que os teóricos tradicionalmente chamam de “o enunciador”. Na nossa visão teórica, ele é o enunciador *stricto sensu*. Tradicionalmente, sua condição de falante é evocada. Habitualmente também é evocada sua condição de observador. Mas, normalmente, não é dada atenção para sua condição de sentir, perceber, experimentar, sofrer de seu objeto.

O que o sujeito do λέγειν irá colocar em discurso? Ele irá figurativizar as impressões que ele teve durante seu sentir, perceber, experimentar, sofrer de, o seu objeto. O sujeito do λέγειν, com sua ação, seu *fazer*, tem como funções, missões, entre outras: sentir o PSNE do sujeito do πάσχειν, com todos os seus elementos, inclusive os oponentes: anti-sujeitos obstáculos; assumir a palavra; e não interferir no fazer do sujeito do πάσχειν.

O sujeito do λέγειν está fora⁸⁰ do DSNE no qual se situa o sujeito do πάσχειν, este último que somente sente e não fala. Mas, mesmo estando fora daquele percurso, o sujeito do λέγειν está em permanente interação com o sujeito do πάσχειν. Durante essa relação de intimidade, o sujeito do λέγειν não pode “perturbar” o trabalho do sujeito do πάσχειν, que está construindo uma identidade ao sentir um objeto⁸¹, pelo esforço de sustentação de seu *agora*. A alternância, referida acima, é feita de maneira calma e cuidadosa. Se não for assim, o sujeito do λέγειν funcionará como um anti-sujeito ou obstáculo. Um oponente do *fazer* do sujeito do πάσχειν. É por isso que o sujeito do λέγειν, ao observar, deve cuidar para não interferir no esforço do sujeito πάσχειν. O esforço para que este último possa sustentar o seu *agora*.

Constata-se então que o sujeito falante pode funcionar como um anti-sujeito de uma percepção primeira, que outro sujeito – na verdade outra parte dele mesmo – tem na relação com um objeto. É por isso, por exemplo, que, se o objeto for um discurso, Tiago

⁸⁰ Esta é uma separação metodológica.

⁸¹ O sujeito não tem uma só identidade, monolítica, reverenciável. Sua identidade é fruto da relação com o objeto que ele *sente*. Há dois tipos de pluralidade de identidades: uma pluralidade de identidades que se refere ao conjunto de identidades que o sujeito tem com cada objeto particular, e há uma pluralidade de identidades, no caso, então de “duas caras”, com relação a um só objeto, na mesma situação.

recomenda, que o se sujeito ponha numa posição própria/com atenção, para ouvir, e seja tardo, para falar. Conforme vers. 1:19, a seguir:

1:19 Ἰστε, ἀδελφοί μου ἀγαπητοί· ἔστω δὲ πᾶς ἄνθρωπος ταχὺς εἰς τὸ ἀκοῦσαι, βραδὺς εἰς τὸ λαλῆσαι, βραδὺς εἰς ὀργήν·

1:19 Vós sabeis, meus irmãos amados/queridos: seja todo ser humano rápido/pronto para o escutar, lento para o tagarelar, e lento para uma agitação.

O DSNE do sujeito do λέγειν é composto de dois PSNEs ao mesmo tempo: num percurso ele sente e noutra ele fala. Assim, o sujeito do λέγειν, o enunciador *stricto sensu*, só fala após sentir o percurso do sujeito do πάσχειν. Há, pois, um entrelaçamento de percursos e mais de uma narratividade se desenrolando ao mesmo tempo na instância enunciativa. E é desta forma que se criam relações para que o enunciado/texto/discurso apareça.

Uma das maneiras de não intervenção do sujeito do λέγειν é sentir, experimentar, sofrer de, *observar*, o PSNE do S do (π), e depois sair rapidamente. Na saída, ele aproveita o momento e fala. Uma observação é útil: nas freqüentes observações que faz o sujeito do λέγειν criam-se pequenas impressões. Naquele momento, em que o sujeito do λέγειν se institui como sujeito discursivo, ele faz pequenas interrupções no PSNE do S do (π). Essas interrupções no percurso do outro criam as impressões no seu próprio percurso. Quando o sujeito do λέγειν assume a palavra, essas interrupções/impressões aparecerão como interrupções textuais. Elas irão aparecer no discurso como divisões, recortes do discurso, em partes, ou como pequenos percursos narrativos discursivos. As entradas e saídas do sujeito do λέγειν no PSNE do sujeito do πάσχειν é a origem dos muitos “quadros”, nos diversos tipos de discursos. Há outras causas que justificam a existência de “quadros”, entre elas o modo de dizer, que indica as escolhas de estilo, de argumentação, etc.

Em conferência de Paul Leon⁸², a que assistimos em Lyon, o conferencista falou muitas vezes da divisão da narratividade da Paixão em quadros, feitas por muitos artistas e escritores. Ele apresentou o exemplo em pintores, fotógrafos, Pasolini, e Mateus. Para nós, os quadros são a materialização textual discursiva, uma representação – ou mesmo uma anáfora - da relação entre o sujeito do λέγειν e o sujeito do πάσχειν, lá no nível da instância da enunciação.

Como a intervenção exagerada do sujeito do λέγειν, aparece no texto discurso? O discurso aparecerá com uma característica de discurso *vazio*, sem conteúdo, ou excessivamente fragmentado. Com efeito, a instância instauradora da enunciação, o PSNE do sujeito do πάσχειν, será prejudicada e essa fragmentação interferirá no próprio PSNE do sujeito do λέγειν, pois o irá impedir de fazer seu próprio percurso como sujeito do sentir.

O sujeito do λέγειν está presente a todo o momento no texto/discurso. É o enunciador *stricto sensu* pressuposto. É ele que cria as personagens e que lhes dá nomes, identidades, etc. Para o leitor, não há interesse imediato – à primeira vista, *a priori*, se alguém se chama João, ou Tiago, ou se as “coisas” são figuradas; em um primeiro momento, o que interessa é que o enunciador da palavra está lá. A presença do sujeito do λέγειν aparece a cada momento, em que é criada uma ligação, relação, entre as figuras. É necessário que esse sujeito se expresse de maneira que o sujeito do ἀκούειν possa sentir e os possa compreender. Assim, na Epístola de Tiago, há muitas figuras e campos semânticos diferentes que mostram o “o conhecimento do mundo” do sujeito do λέγειν tais como as figuras que representam coisas do mundo cultural e natural como: συναγωγή “sinagoga”, θεός “deus”, πλούσιος “rico/riqueza”, ὕδωρ “água”, στόματος “boca” etc.

É em razão do sentir, perceber, experimentar, sofrer de, observar, que o sujeito do λέγειν poderá, em seguida, assumir a condição de sujeito discursivo. É a partir de uma percepção, de uma impressão, que o sujeito do λέγειν pode assumir seu *fazer* de

⁸² Paul Leon, Professeur à l'Université de Nice. Langage filmique et structure fractale du récit. Cinématographie de la Passion (Conférence – gravação digital). UMR 5191-CNRS-ICAR/Lyon2-ICAR3-Groupe Semeia. LOCAL: IEP – salle 12 5 rue Appleton, Lyon-France. Data: Le 19 Janvier 2007.

sujeito discursivo: verbal, como orador; pictórico, como artista plástico; criador de bens úteis à sociedade, como operário; etc. O que é que faz o enunciador, o sujeito do λέγειν, com sua criação, seu enunciado, seu produto? Ele clama também pela criação de uma percepção, de uma impressão, de uma experiência, de um sofrer de por parte do sujeito do ἀκούειν. De certa forma, ele dá qualquer “coisa” ao utilizador de seu produto. Ele compartilha o produto de sua própria impressão e percepção. Este gesto é ao mesmo tempo um ato dialético e um ato de amor, de boa vontade. O sujeito do λέγειν, se for um “homem honesto”, irá tentar compartilhar com todo o seu esforço, com o sujeito do ἀκούειν, as impressões que teve ao sentir o PSNE do sujeito do πάσχειν. A obtenção de impressões é também sua função primeira e objetivo principal. Isso ele vai conseguir, também, com o esforço de sustentação de seu *agora*, a criação de um *aqui*, e que contribui para manter seu PSNE como um *eu* sujeito do λέγειν.

O *agora* do sujeito do λέγειν faz sua materialização textual discursiva, por exemplo, por meio da: (A) Progressão textual A sustentação do *agora* gera o continuum que permite avançar o discurso, do início até o seu ponto final, e (B) a Manutenção temática Uma temática enunciativo-discursiva diretamente ligada ao sujeito do πάσχειν, e que possa ser buscada/entendida pelo sujeito do ἀκούειν. O continuum de um texto, nível discursivo, é como se fosse a contrapartida discursiva do continuum do sujeito do λέγειν, que é por sua vez, uma representação em discurso do continuum do sujeito do πάσχειν, nível enunciativo.

O compartilhamento de impressões entre o sujeito do λέγειν e o sujeito do ἀκούειν está no nível enunciativo e não discursivo - acima de qualquer outra função. Na verdade, é uma função enunciativa do sujeito do λέγειν.⁸³ Essa relação é interna, sintática, entre o PSNE do sujeito do λέγειν e o PSNE do sujeito do ἀκούειν. Se aceitarmos essas relações, constataremos que a instância da enunciação tem em primeiro lugar uma sintaxe entre o sentir, experimentar, sofrer, observar, dos sujeitos de cada DSNE. O uso dos recursos argumentativos, figurativos, que apelam ao sensível ou

⁸³ Tradicionalmente se diz que a contrapartida do enunciador é o enunciatário. Os dois andam juntos. Mas não se enfatiza que a relação entre eles é primeiramente e acima de tudo uma relação sensível e que gera impressões.

afetivo, será justamente para que as impressões possam ser mais bem sentidas, e também para o escutar/ler do sujeito do ἀκούειν. Assim, as figuras clássicas da retórica serão figuras que materializam essa função básica do sujeito do λέγειν.

Enfim, as primeiras relações, ligações, entre os sujeitos dos três DSNE – do πάσχειν, λέγειν e ἀκούειν – se realizam justamente no nível enunciativo e não no nível discursivo. A base é a interação enunciativa entre os sujeitos antes da interação discursiva. As figuras discursivas, antes de tudo, figuram as relações interativas no interior da instância enunciativa, ou seja, a enunciação *lato sensu*.

Uma retomada teórica final, uma síntese final é útil: Cada um dos três DSNEs - do πάσχειν, λέγειν, ἀκούειν – é constituído por seu PSNE da percepção, da experimentação, do sofrer de, do sentir, da observação. É no nível desses PSNE da experimentação que se estabelecem as bases das e primeiras relações entre os sujeitos. É por esses percursos que se iniciam as relações entre os sujeitos. As relações sensíveis, que são os liames de ligação – “articuladores” συνδεσμοίς - entre os três sujeitos é que constroem a estrutura sintática mais profunda e mais importante para colocar em marcha a instância da enunciação.

Na busca do sentido do texto/discurso, é útil observar o lugar de onde fala o sujeito; o estilo de que o sujeito se utiliza; as escolhas dos “modos de dizer”; os processos de referenciação: anáforas e seus tipos; a construção do discurso, a constatação de um discurso bem construído, do ponto de vista interativo; argumentação e diálogo. Na Epístola de Tiago, por exemplo, é possível identificar que o lugar de onde fala o sujeito é de uma linha de simetria entre o orador e o auditório, orador e auditório são irmãos. Esse lugar é também um lugar do qual o orador da epístola fala como representante de Deus e de Jesus, uma vez que ele fala como δοῦλος “servo” desses dois senhores⁸⁴. Tiago utiliza um estilo tanto denotativo quanto conotativo. E, também faz opção por marcas discursivas recorrentes. Por exemplo, em Tiago, os imperativos + o

⁸⁴ 1:1 Ἰάκωβος θεοῦ καὶ κυρίου Ἰησοῦ Χριστοῦ δοῦλος ταῖς δώδεκα φυλαῖς ταῖς ἐν τῇ διασπορᾷ χαίρειν. 1:1 Tiago, servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo, para as doze tribos, aquelas na diáspora, saudações/bem-vindos.

tratamento ἀδελφοί μου são os que assinalam, junto com outras marcas a presença discursiva do destinatário no texto discurso.

O SUJEITO DO ἀκούειν

Sendo um pouco mais abstrata, e bem próxima já do nível da discursivização efetiva, a noção de sujeito do ἀκούειν na instância enunciativa será descrita com uma metalinguagem um pouco “contaminada” pela terminologia da interação do nível discursivo⁸⁵. O que se passa no nível enunciativo é quase o mesmo do que se passa na interação orador/auditório.

O sujeito do ἀκούειν, na instância da enunciação pertence ao DSNE do ἀκούειν. Ele é o sujeito cuja função principal é escutar/ler e depois, também, falar. O DSNE do ἀκούειν tem também dois PSNEs: Um percurso no qual a função do sujeito é também sentir, perceber, experimentar, sofrer de, observar, e um outro percurso no qual ele aparecerá como sujeito discursivo. O sujeito do ἀκούειν, recebe suas impressões παθήματα, ao se relacionar com o PSNE do sujeito λέγειν. Assim, no nível discursivo, o leitor/analista, como destinatário, por exemplo, da Epístola de Tiago, terá também figurado dois PSNEs: um como sujeito de percepção e um como sujeito da discursivização. É por meio da leitura que o leitor ouvinte irá experimentar e depois *falar*. O que o leitor irá experimentar, sentir? Ele irá sofrer da discursivização do sujeito do λέγειν. No momento da discursivização, há a utilização de figuras que representam o sentir do sujeito do λέγειν, ao se referir ao que ele observa e sente do PSNE sujeito do πάσχειν. De certa forma, o sujeito do λέγειν, que assume um *fazer* como sujeito discursivo, tem um mesmo estatuto – no discurso verbal – de um outro sujeito, qual seja: aquele que irá ler seu objeto/discurso, quer dizer, *o leitor*. É a célebre reunião enunciador/enunciatário. O sujeito do ἀκούειν e/ou os leitores ouvintes criam

⁸⁵ É o mesmo fenômeno que ocorreu com as tentativas de abstração de Propp, para criar um esquema narrativo dos contos maravilhosos, tal como ensina Barros: “Então, a primeira coisa foi essa descida dum nível, que já era no Propp uma abstração, porque o Propp estava propondo um modelo para um conjunto enorme de contos maravilhosos. Ele já estava fazendo abstração de cada conto, em particular, para propor o seu modelo. Com idéias de *ação*, *sanções* e tudo isto. Mas, ainda tendo feito a abstração, ficava próximo dos contos maravilhosos. O que a semiótica vai tratando de fazer é descer mais na escala da abstração, mais abstrato, de forma que essas relações sintáticas, que vão ser descritas, possam ser utilizadas para diferentes tipos de textos” (Gravação de Seminário na PUC-SP, 17 de setembro de 2007).

um discurso, mas eles não têm as condições de sentir intensamente, ou diretamente, o PSNE do πάσχειν, como as que têm o sujeito do λέγειν. Como se irá resolver esta perda de condições? Essa perda de condições será suprida pela maestria do sujeito do λέγειν, figurado como o orador. O orador é que fará todos os seus esforços para que o auditório seja tocado em sua sensibilidade, por meio, somente, da palavra, do discurso. Para isso, leva em conta a virtualidade sensitiva do ouvinte, ou na retórica o *páthos* do auditório. No nível enunciativo, as primeiras escolhas são feitas pelo sujeito do λέγειν, levando em conta o sujeito do ἀκούειν. Uma outra dificuldade é que os leitores colocam, na frente, seu intelecto. No momento da leitura, eles dão prioridade à compreensão intelectual. O discurso poético, por exemplo, ou a linguagem conotativa tentam inverter essa prioridade. Eles deixam a percepção, a sensibilidade ir na frente da compreensão intelectual. De certa forma, a argumentação estimula também essa sensibilidade. Assim, o sensível e o cognitivo caminham juntos. Uma outra característica do leitor/ouvinte é que ele fala também consigo mesmo. Toda leitura/escuta inclui uma deliberação consigo mesmo.

Qual é a dificuldade que se encontra no interior do PSNE do sujeito leitor ouvinte, intérprete analista, PSNE do ἀκούειν? A dificuldade do sujeito do ἀκούειν é manter a sua objetividade, no momento da leitura do discurso. Sua objetividade só será mantida, se ele não se identificar com a narratividade discursiva, quer dizer, ele não pode se deixar levar pelas paixões. Não se deixando identificar com a narratividade do discurso, o sujeito do ἀκούειν mais facilmente poderá colocar sua atenção sobre o que diz o sujeito do λέγειν, aquele que discursiviza o que havia sentido durante a experimentação do PSNE do sujeito do πάσχειν.

ACTANTES

ACTANTE é o conceito central da narratividade (em Semiótica)⁸⁶

A seguir, apontaremos alguns elementos e relações que auxiliam a construir uma narrativa, ainda na instância enunciativa.

ACTANTES SUJEITOS: são os elementos em relação com o sujeito enunciador *lato sensu*. Esse sujeito é visto como desdobrado em diversos sujeitos no interior dos percursos de cada DSNE. Esses elementos são: o proto-sujeito do *fazer*, o esforço desse sujeito para sustentar o seu *agora*, um corpo virtual no qual se apóia o proto-sujeito para sentir, e os oponentes - obstáculos ou os anti-sujeitos, e ainda o sujeito do comando, sugestão, prescrição, exortação, que em princípio está fora do percurso narrativo

ACTANTE TEMPO: Ele não é um tempo externo. Ele é o agora que permanece: τὸ νῦν ὑπάρχειν “o agora subsistir”⁸⁷. Ele é a unidade que é criada pelo sujeito, ao fazer o esforço para ocupação de seu espaço *aqui*.

ACTANTE ESPAÇO: que é criado no momento em que um sujeito do comando – sugestão, prescrição, exortação – diz *agora*, e o proto-sujeito do PSNE do πάσχειν aceita a sugestão. A partir da aceitação da sugestão, o proto-sujeito fará os esforços para manter esse *agora*, e então cria-se o espaço interno do PSNE que é o *aqui*. No nível discursivo verbal, ele será visto como o espaço que vai da primeira à última palavra do discurso.

A narratividade da enunciação quase não permite a separação do *agora-aqui-eu*, porque todos os três elementos estão em relação um com o outro. Essa relação cria o que nós chamamos de instância da enunciação. Ela se realiza pela colocação em trabalho de relações complexas, dentre as quais a assunção de um sujeito como sujeito discursivo é somente uma parte. O *agora* que subsiste faz aparecer o *aqui*. Somente a

⁸⁶ BERTRAND, p. 97.

⁸⁷ A expressão τὸ νῦν ὑπάρχειν “o agora subsistir” é uma definição de Aristóteles para o ῥῆμα em *Peri hermeneias*. O ῥῆμα é a unidade lingüística maior do que a palavra.

permanência do *agora* cria as condições para que apareça o aqui. O agora é o tempo interno de um sujeito que sente, percebe, experimenta, sofre de, observa, seu objeto. No nível discursivo verbal, esse agora irá aparecer, como um tempo interno do discurso. Um tempo interno, o qual é mantido pela progressão textual discursiva, do início ao fim. Uma progressão que permite aparecer, criar, um lugar discursivo – o *aqui*.⁸⁸ A relação entre o *agora* e o *aqui* cria as condições para que o actante, proto-sujeito-enunciador do PSNE do *πάσχειν* apareça. O *agora* e o *aqui* são as condições para que o proto-sujeito se transforme e adquira uma identidade, e o sujeito do *λέγειν* possa se referir a ele, como um *eu*. O sucesso da colocação em presença de um sujeito enunciativo *lato sensu* vai depender: A) de que o proto-sujeito do *πάσχειν* consiga sustentar o *agora* – uma condição indispensável e interna do procedimento enunciativo – para que possa aparecer um *aqui*, e depois um *eu*; B) de que o sujeito do *λέγειν* acompanhe, passo a passo, com sua própria percepção, o perceber, a experimentação do proto-sujeito do *πάσχειν*. Mas há situações que podem se apresentar em direção a um insucesso do esforço do proto-sujeito para se enunciar e, conseqüentemente, para o insucesso de um discurso, como por exemplo:

A) O sujeito do PSNE do *πάσχειν* se fatiga e não consegue fazer subsistir o seu *agora*. Como isto aparecerá em um discurso verbal? No nível discursivo, isso irá aparecer pela utilização da figura discursiva da fraqueza, “doença” *ἀσθενεῖ*⁸⁹, por exemplo, no vers. 5:4 de Tiago:

5:14 ἀσθενεῖ τις ἐν ὑμῖν, προσκαλεσάσθω τοὺς πρεσβυτέρους τῆς ἐκκλησίας καὶ Προσευξάσθωσαν ἐπ’ αὐτὸν ἀλείψαντες [αὐτὸν] ἐλαίῳ ἐν τῷ ὀνόματι τοῦ κυρίου.

⁸⁸ Mas a composição do discurso pode desdobrar-se em diversos *aqui(s)*. São as diversas unidades lingüístico- discursivas maiores. Estas unidades lingüísticas maiores são aquelas que podem ser isoladas e postas em relação com as outras unidades, sejam elas grandes ou pequenas. Elas são os equivalentes das unidades lingüísticas maiores de Saussure e que são portadoras de um significado. No *Novo Testamento* são freqüentemente referenciadas como *ρῆμα*, que os tradutores traduzem como «coisa» ou «palavra».

⁸⁹ É muito significativo que a etimologia desta palavra/figura *ἀσθενεῖ* seja composta pelo alfa privativo + a raiz (*στ* -). Esta composição indica uma ausência de possibilidade de aquisição de uma postura, enfim de fazer um esforço subjacente para sustentar qualquer coisa.

5:14 Se alguém no meio de vós está doente, que ele chame [em seu interesse] os presbíteros da igreja e que tendo ungido o doente com óleo que eles orem em nome do senhor,

B) O sujeito do PSNE do *πάσχειν* não deseja, porque não aceita - ou pensa que não pode -, esforçar-se para sustentar o seu *agora*. Nesse caso, ele pode desistir do percurso, ou mesmo chamar outros sujeitos para compartilhar sua experimentação. Como isto irá aparecer no discurso? Isto pode aparecer no discurso pela utilização da figura do apelo à companhia de outras personagens, como por exemplo, no vers. 26:38 de Mateus:

Mat 26:38 τότε λέγει αὐτοῖς, περίλυπός ἐστιν ἡ ψυχὴ μου ἕως θανάτου· μείνατε ὧδε καὶ γρηγορεῖτε μετ' ἐμοῦ.

Mat 26:38 Então, lhes disse: A minha alma está profundamente triste até à morte; ficai aqui e vigiai comigo (*tradução da ARA*).

C) Pode aparecer um oponente - anti-sujeito ou um obstáculo - durante o PSNE do sujeito do *πάσχειν* que impede este último de sentir, perceber, experimentar, sofrer de, observar. Como isto irá aparecer no discurso? Isso pode aparecer no discurso pela utilização da figura das paixões, por exemplo, no vers. 4:01 de Tiago:

4:1 πόθεν πόλεμοι καὶ πόθεν μάχαι ἐν ὑμῖν; οὐκ ἐντεῦθεν, ἐκ τῶν ἡδονῶν ὑμῶν τῶν στρατευομένων ἐν τοῖς μέλεσιν ὑμῶν;

4:1 De onde vem guerras e de onde ve) lutas em vós? Não estão vindo dos vossos prazeres, os que estão guerreando nos vossos membros/do corpo?

D) É preciso que as condições externas à enunciação lhe sejam favoráveis. Como a competência do sujeito. Quando não há competência do proto-sujeito as condições não lhe são favoráveis. Como isto irá aparecer no discurso? Isso irá aparecer no discurso pela utilização da figura da *falta*, ausência de competência, por exemplo, nos versículos das *Epístolas de Pedro e de Paulo*, abaixo:

1 Pe 2:2 ὡς ἀρτιγέννητα βρέφη τὸ λογικὸν ἄδολον γάλα ἐπιποθήσατε, ἵνα ἐν αὐτῷ αὐξηθῆτε εἰς σωτηρίαν,

1 Pe 2:2 desejai ardentemente, como crianças recém-nascidas, o genuíno leite espiritual, para que, por ele, vos seja dado crescimento para salvação, (tradução da ARA)

Heb 5:13 2 πᾶς γὰρ ὁ μετέχων γάλακτος ἀπειρος λόγου δικαιοσύνης, νήπιος γὰρ ἐστίν·

Heb 5:13 Ora, todo aquele que se alimenta de leite é inexperiente na palavra da justiça, porque é criança (tradução da ARA).

UM NOME

Quantas estradas um homem precisa trilhar
para que possa ser chamado “um homem”.

Bob Dylan

Podemos escolher um PSNE, por exemplo, um que instalará no nível discursivo uma personagem de uma narrativa. Assim, um sujeito do comando – sugestão, prescrição, exortação – interrompe um percurso de um proto-sujeito, já existente, e diz *agora!* Pelo esforço do sujeito o *agora* subsiste. Cria-se um *aqui* e o sujeito pode ser chamado de *eu*. Consideremos o nome de um autor, colocado e marcado em um discurso, por exemplo, numa Epístola. Esse nome não é o equivalente ao *eu* da enunciação. Assim, Inácio, Tiago, Paulo, nas suas Epístolas. Nossa concepção admite que as figuras de um nome representam em verdade um *ele*, dentro do quadro das relações entre os sujeitos que fazem parte instância enunciativa. Na verdade, o nome é o *eu* enunciativo, *stricto sensu*, desdobrado. Ele mesmo se refere a si mesmo na instância enunciativa como um *ele*. Quem fala no procedimento enunciativo é o sujeito do PSNE do λέγειν. Esse sujeito é que dá os nomes aos actantes da narrativa/discurso. Quando o sujeito do λέγειν figurativiza um actante com um nome, esse actante é sempre um *ele*, mesmo que seja uma referência ao próprio sujeito enunciativo. Isso se deve ao fato de que o sujeito do λέγειν fala, somente, a partir das impressões que ele tem do PSNE do sujeito do πάσχειν. É este último sujeito que recebe um nome. O sujeito que recebe um nome no discurso não é o sujeito da enunciação *stricto sensu*, que se assume como sujeito discursivo na instância enunciativa, o sujeito do λέγειν. O sujeito que recebe um

nome no discurso é um sujeito de um PSNE do *πάσχειν*. É por isto que o sujeito do *λέγειν* o tem como um *ele*.

Portanto, a instância da enunciação é composta por alguns PSNEs mais complexos. Os nomes: Inácio, Tiago, Paulo não são um *eu*. No nível enunciativo – para o sujeito falante, sujeito enunciativo verbal – sujeito do *λέγειν* – esses oradores são um *ele*. Quando o sujeito enunciador *stricto sensu* – sujeito do *λέγειν* – dá um nome a um actante, transformando-o em uma personagem de um discurso, ele está assinalando que todo um percurso - o PSNE do *πάσχειν* desse sujeito - interessa ao discurso. Isso pode parecer trivial, mas o que queremos enfatizar é que uma personagem a quem é dado um nome é particularmente olhada como um sujeito de um PSNE do *πάσχειν*. Um percurso a ser descoberto/sentido, pelo leitor/analista do discurso, no interior da instância da enunciação. Dando um nome à personagem, todo um percurso narrativo de experimentação, percepção, sentir, sofrer de, é evocado: uma narratividade, que só poderá ser lida pondo-se em relação o discurso – com o uso de um simples nome ou figura - com o processamento instância enunciativa. Aqui, constatamos que a tradicional lei do CGL⁹⁰ - de que um signo só adquire sentido posto em relação com outros signos - pode ser aplicada colocando-se em relação um signo do discurso com um conceito mais abstrato da instância enunciativa. Estamos em pleno domínio, também aqui - e é necessário enfatizar - da metalinguagem. No discurso, a doação, atribuição de um nome é um recurso argumentativo. O orador isola um sujeito com um nome e, com esse procedimento, convoca o leitor para que, em conjunto, os dois observem a personagem para quem é dado um nome. Mas alguém perguntará: o sujeito do *λέγειν* não pode falar sobre um outro sujeito do *λέγειν*? A resposta é sim. Mas, provavelmente o sujeito falará sobre um outro sujeito do *λέγειν* ou para desqualificar o discurso daquele, ou para mostrar uma entrada, permanência ou saída que o tal sujeito está fazendo de seu PSNE como sujeito do *πάσχειν*. Assim, essa nominalização é já uma sinalização para o leitor, independente, a priori, do termo escolhido como nome, para figurar o sujeito como uma personagem. Na verdade, é sua condição de actante, de um percurso narrativo que está

⁹⁰ Curso de Lingüística Geral (CLG), atribuído a Ferdinand Saussure.

sendo evocada. O fato enunciativo-discursivo importante é que o sujeito tem um nome. Esse nome é um sinal, uma figura, que evoca a instância enunciativa.

DIGRESSÕES

É ego a quem se pode atribuir a frase ἔγω εἰμι “eu sou”. Por sua vez é um *eu* aquele ele a quem o sujeito do λέγειν, em concordância com o sujeito do ἀκούειν, cria o simulacro da assunção da palavra, e atribui a ele o enunciado: ἔγω εἰμι “eu sou”.

Só que o sujeito do λέγειν vai ter que provar discursivamente, mostrar que o ele tem essa/uma condição identitária, como sujeito, como *eu*. Mas como o sujeito do πάσχειν – um ele para o sujeito do λέγειν – jamais assume a palavra o sintagma ἔγω εἰμι “eu sou” é apenas um nome que é criado pelo sujeito do λέγειν. Um nome atribuído ao sujeito do πάσχειν, que lhe é dado pelo sujeito do λέγειν em concordância com o sujeito do ἀκούειν. Sendo assim, nós podemos compreender um discurso, como a carta de Inácio de Antioquia⁹¹, na qual se fala sobre a figura de um nome. E nós podemos também compreender o discurso atribuído a Deus – ele – quando o sujeito enunciativo, *stricto sensu*, atribui a *ele* – Deus - a frase: Meu nome é ἔγω εἰμι “eu sou”⁹².

Utilizando uma proposição inteira - ἔγω εἰμι, ou um *eu, tu, ele, ninguém* funcionando como um nome, o criador do discurso faz uma união entre a instância da enunciação e as figuras do discurso, que dão um nome aos actantes sujeitos.

Aqui se cria uma « mistura » que é bem interessante, uma vez que um pequeno enunciado com valor de um nome está fazendo a figuração de um procedimento enunciativo mais complexo e tomando como base um jogo de relações que leva em conta, em primeiro lugar, como origem da enunciação, um ato de percepção, sentir, experimentar, sofrer de.

⁹¹ CALLOUD, Jean. Les Lettres d' Ignace d' Antioche. De la langue à la lettre. In: Louis Panier (dir.). *Les lettres dans la Bible et dans littérature*. Paris: CADIR/Les Éditions du Cerf, 1999 (Coll. Lectio divina 181).

⁹² Ex 3:13 Disse Moisés a Deus: Eis que, quando eu vier aos filhos de Israel e lhes disser: O Deus de vossos pais me enviou a vós outros; e eles me perguntarem: Qual é o seu nome? Que lhes direi? Ex 3:14 Disse Deus a Moisés: “Eu Sou O Que Sou”. Disse mais: “Assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós outros” (Tradução da ARA).

ISOTOPIAS, TEMATIZAÇÃO, E REPRESENTAÇÕES - ANÁFORAS.

A–J. Greimas est le premier linguiste à avoir utilisé le concept d' isotopie en le transférant dans l'analyse sémantique. En premier lieu, il entend par ce concept: “ L'itérativité le long d'une chaîne syntagmatique, de classèmes qui assurent au discours-énoncé son homogénéité” Puis ce concept connaît un élargissement: “au lieu de désigner uniquement l'itérativité de classèmes, il se définit comme la récurrence de catégories sémiques, que celles-ci soient thématiques (ou abstraits) ou figuratives. D'où les dénominations qu'on a: **isotopie thématique, isotopie figurative.**”⁹³

A–J. Greimas foi o primeiro lingüista a utilizar o conceito de isotopia colocando –o na análise semântica. Em primeiro lugar, ele compreende por esse conceito: “ a iteratividade ao longo de um canal sintagmático, de classemas que asseguram a homogeneidade do discurso enunciado”. Depois, esse conceito conhece uma ampliação: “no lugar de designar unicamente a iteratividade de classemas, ele se define como a recorrência de categorias semicas, quer sejam temáticas (ou abstratas) ou figurativas. Daí as denominações que se tem de **isotopia temática e isotopia figurativa** (*tradução nossa*).

É possível encontrar uma isotopia figurativa no nível da instância da enunciação. Fazendo um quadro, com uma lista de figuras no nível enunciativo, que têm relação com os elementos do PSNE, podemos levantar a hipótese de que as figuras do discurso fazem representações/anáforas, num processo de referência, aos elementos que fazem parte dos DSNE da instância enunciativa. Considerando assim, nós nos remetemos também à questão da referência e da coerência do discurso. Esta última vista, a partir do conjunto: INSTÂNCIA ENUNCIATIVA + INSTÂNCIA TEXTUAL-DISCURSIVA. Iremos encontrar essa coerência à partir da gênese da enunciação. Sendo assim, podemos falar de uma isotopia temática dos elementos dos PSNE, os quais auxiliam na criação de uma coerência discursiva. Aquela é uma isotopia formada dos elementos da enunciação que, em primeiro lugar, aparecem nas figuras do discurso. Assim, consideramos que as anáforas dos elementos do nível enunciativo são feitas por meio de figuras discursivas. Portanto, as figuras discursivas remetem ao interior do conjunto enunciação/discurso, e anaforizar os elementos do processo enunciativo da sua gênese até a discursivização.

⁹³ BOUHOUHOU, Ayoub. *Les acteurs et l'illusion référentielle dans Au bonheur des Dames d' Emile Zola. Approche sémiotique.* Lyon: Université Lumière Lyon 2, 1998 (These pour obtenir le grade de docteur), p. 78.

Podemos levantar a hipótese de que as figuras, que constroem uma estrutura referencial no discurso, têm uma relação com os elementos que estão presentes na estrutura e procedimentos do nível enunciativo. No nível textual/discursivo as figuras são anáforas de referentes do nível enunciativo. Por esta razão, nós as chamaremos de anáforas enunciativas. Considerando-as assim, e as chamando-as assim, estamos querendo concretizar, objetivar os discursos, considerando-os como um todo ampliando o conceito para que se faça uma leitura imanente, que considere a instância enunciativa e a instância discursiva como um conjunto indissociável.⁹⁴ Nesse conjunto o texto e discurso adquirem seu significado. A articulação entre o discurso e a realidade se dá na gênese da instância enunciativa, o momento em que focalizamos nossa atenção, como leitores/analistas, para o processo da relação silenciosa do sujeito do *πάσχειν* com seu objeto, relação essa que a seguir, vai ser posta em discurso, vai ser discursivizadas. Uma definição possível para essa noção de anáfora enunciativa é a que propomos a seguir:

ANÁFORA enunciativa⁹⁵ é o nome que se dá às figuras discursivas que se encontram no discurso como representação dos elementos e dos procedimentos da instância enunciativa. A função textual/discursiva dessas anáforas é co-referenciar os componentes da instância enunciativa, particularmente os elementos e processos que ocorrem no DSNE em que se encontra o Percorso do sujeito do *πάσχειν*.

Podemos considerar esses tipos de anáforas como verdadeiras criações figurativas. Elas estão ligadas estreitamente aos percursos do sujeitos e em relação com a instância da enunciação.

Quais são os elementos e processos de um Percorso Semio Narrativo Enunciativo (PSNE) que as anáforas enunciativas evocam, representando ou co-referenciando?

No atual estágio de nossas reflexões, podemos identificar os elementos seguintes:

⁹⁴ Assim, poderíamos considerar a instância da enunciação como um verdadeiro texto. O texto da instância enunciativa tem seu correspondente no texto da instância textual/discursiva. São dois textos que, em conjunto, compõem o texto/discurso que aparece para ser lido/analizado.

⁹⁵ O nome poderia ser “anáforas da enunciação” ou “anáforas do nível enunciativo”.

- Um **sujeito da sugestão**, prescrição, exortação – que diz: *agora!* a um proto-sujeito que aceita a exortação/ sugestão.
- **Proto-sujeito** – que aceita começar um PSNE do *πάσχειν*. Um sujeito que tem por função principal sustentar o *agora*. No percurso narrativo da enunciação, ele é um “actante enunciativo” em vias de transformação.
- O **esforço** do proto-sujeito para sustentar seu *agora*.
- Um **corpo** físico pressuposto sobre o qual se apóia o sujeito no seu esforço de sustentação do *agora*.
- O **agora** que irá ser criado pelo esforço do proto-sujeito. Um *agora* em permanente sustentação.
- O **aqui** que depende do sucesso de sustentação do *agora*.
- O **eu** – fruto da transformação do proto-sujeito. Esse *eu* aparece no PSNE do *πάσχειν*, como resultado da sustentação do *agora* e da criação de um *aqui*.
- Os **oponentes**, anti-sujeitos ou obstáculos do percurso do proto-sujeito, que trabalham contra a sustentação do *agora*, a criação de um *aqui* e ao final a aparição de um sujeito que pode ser chamado *eu*.

No nível discursivo, as anáforas enunciativas se utilizarão de figuras para evocar os elementos dos PSNES que nós listamos acima. Focalizar a figura como um tipo de anáfora dos elementos enunciativos nos auxiliará na proposta de uma coesão discursiva, por exemplo, do discurso de Tiago. A coesão será buscada em um campo isotópico das figuras que co-referenciam elementos da instância da enunciação e não somente dentro de uma isotopia figurativo/temática do nível discursivo, separada do processo enunciativo.

A figuração dos elementos dos PSNEs pode sugerir uma interpretação mecânica. Essa interpretação considera essas figuras como designando referentes externos, referentes do mundo - seres/objetos ou ações. Mas, mesmo que essas figuras sejam estabilizadas pelo uso como se referindo a elementos externos, na verdade, cada uma delas é a figuração também de um elemento que faz parte da instância da enunciação.

A Semiótica vê as narrativas modalizadas pelo *poder, saber, dever*. Consideramos que a história, no nível discursivo, tem modalizados os seus contratos e as rupturas de contratos racionais entre sujeitos.⁹⁶ Mas consideramos também que a narrativa é modalizada pelo modo pelo qual são anaforizados os processos enunciativos que lhe deram origem no nível enunciativo. Os níveis narrativo e discursivo são modalizados pelos elementos que originam a enunciação, a partir do primeiro percurso do sujeito do *πάσχειν*, seu percurso de percepção de seu objeto. Ou seja, o percurso no qual ele aceita a sugestão de um *agora*, sustenta esse *agora*, cria um *aqui*, e é visto como um actante transformado de *proto-sujeito* em *sujeito*. Este último capaz de receber um nome e de no discurso ser chamado *eu*.

OS AUXILIARES DO PERCURSO

A metodologia Semiótica prevê que, da mesma maneira que há elementos que se opõem ao percurso do *fazer* criando condições difíceis para o sujeito cumprir o seu percurso, há também elementos que funcionam como auxiliares. Na instância da enunciação, esses elementos funcionam como auxiliares do sujeito do *πάσχειν* na sua tentativa de sustentar o *agora*, criar um *aqui*, e poder ser chamado *eu*. No vers. 1:17, os elementos que funcionam como auxiliares irão aparecer. Eles são figurativizados pelo sujeito do *λέγειν*, enunciador stricto sensu, como a *πᾶσα δόσις ἀγαθὴ καὶ πᾶν δῶρημα τέλειον* “todo presente bom e toda doação com objetivo/com meta”. Quem doa os presentes que funcionam como auxiliares do percurso é o pai das luzes, vers. 1:17.

Finalmente, entre as leituras das estratégias discursivas, conforme nos propusemos acima, constatamos que a partir da figura *πειρασμός* “enredamentos, envolvimento, enrolamentos, tentações” o discurso cria algumas relações. Entre as relações possíveis está a do PSNE do sujeito do *πάσχειν* figurado como “o pai o das luzes” *τοῦ πατρὸς τῶν φώτων* e o PSNe do sujeito do *πάσχειν* figurado como *eu*, um membro do grupo e, ao mesmo tempo representando todo o grupo das doze tribos na dispersão. No primeiro PN do *τοῦ πατρὸς τῶν φώτων* “do pai

⁹⁶ Ou seja, a narrativa será apenas a história, os contratos e as rupturas de contratos racionais entre sujeitos, mas a história de relações e rupturas de relações emocionais, afetivas, sensoriais. Ela contará tudo isto, também, aí (BARROS, Diana. Seminário. Gravação. PUC-SP, 17 de setembro de 2007).

das luzes”, a luz que modaliza o pai é na verdade a figura de um valor modal: o *saber*. A não referência à luz que modaliza o *eu*, que representa o grupo, indica por oposição a falta de sabedoria. Isso aparece relacionando-se o vers. 1:17 com a perícopes 3:15-17, conforme abaixo:

1:17 πᾶσα δόσις ἀγαθὴ καὶ πᾶν δῶρημα τέλειον ἄνωθεν ἐστὶν καταβαῖνον ἀπὸ τοῦ πατρὸς τῶν φώτων, παρ’ ᾧ οὐκ ἔστι παραλλαγή ἢ τροπῆς ἀποσκίασμα.

1:17 Todo doação boa e todo presente dado completo/com objetivo/com meta/está descendo do alto, do pai das luzes; junto ao qual não existem mudanças/sombras ou de volta/lugar de mudança.

3:15 οὐκ ἔστιν αὕτη ἡ σοφία ἄνωθεν κατερχομένη ἀλλὰ Ἐπίγειος, ψυχικὴ, δαιμονιώδης.

3:15 Essa não é a sabedoria [a] que está descendo do alto, mas [uma] que está sobre a terra/terrena, vivente/do mundo, mental, demoníaca/que diz respeito aos demônios.

3:16 ὅπου γὰρ ζῆλος καὶ Ἐριθεία, ἐκεῖ ἀκαταστασία καὶ Πᾶν φαῦλον πρᾶγμα.

3:16 Pois onde (há) inveja/ciúme e disputa, ali (há) instabilidade/agitação e toda qualidade inferior.

3:17 ἡ δὲ ἄνωθεν σοφία πρῶτον μὲν ἀγνή ἐστὶν, ἔπειτα εἰρηνικὴ, ἐπιεικὴς, εὐπειθής, μεστὴ Ἐλέους καὶ Καρπῶν ἀγαθῶν, ἀδιάκριτος, ἀνυπόκριτος.

3:17 A sabedoria (que vem) do alto, primeiro é pura/inocente, depois pacífica, conveniente/na justa medida), obediente/dócil, cordata, cheia de compaixão/piedade e de frutos bons.

Na perícopes 3:15-17 ocorre a intersecção do PN do grupo representado por um de seus membros, e figurativizado em 1:17 como *eu*, com outros PNs e temas, como a seguir:

(A) da sabedoria, na verdade o valor modal do *saber*.

(B) com o PN do Pai das luzes, παρ’ ᾧ ἔστι παραλλαγή ἢ τροπῆς ἀποσκίασμα “no qual, junto ao qual, não existem trocas/mudanças/sombras” ou de volta, de lugar de mudança/nem lugar de mudança”.

(C) no vers. 1:8 com o tema do ὁδός “caminho”, vinculado também, como no vers. 3:16, às figuras: ἀκατάστατος e ἀκαταστασία.⁹⁷

(D) ao PN dos oponentes, anti-sujeitos, ou obstáculos, que aparecem no vers. 3:16 como ζήλος καὶ Ἐριθεία “inveja e disputa”, e “a ambição” ἡ ἐπιθυμία do PSNE do *eu*, do vers. 1:14.⁹⁸

(E) com o enunciado encaixado da cenografia da sinagoga, na Perícopa 2:1-10, em que aparece o mesmo advérbio ἐκεῖ “alí”. No discurso como um todo o vínculo entre a designação do lugar em 2:3 ἐκεῖ “alí” com o lugar em 3:16 ἐκεῖ “alí” onde há ἀκαταστασία καὶ Πᾶν φαῦλον πρᾶγμα “instabilidade e toda qualidade inferior” cria um sentido e significado para o tema da saída do caminho. O mesmo modo de dizer, nos dois versículos, permite que se faça a relação.

Ao final desta breve leitura da perícopa 1:13-15 o destaque se dá para a importância que adquire a morfologia do termo grego para a análise e compreensão da Epístola como um todo. O termo remete todo ele para o discurso englobante que, com a modalização espacial das condições em que se encontra o grupo, destinatário da Epístola, constrói o tema do caminho (permanência/saída/entrada). Da mesma forma subjaz nessa construção do tema, a recorrência e focalização na condição de permanência em uma “postura” de “fé” πίστις trazida pelo termo no qual aparece a raiz grega – **st**. Permanência que, somente ela, cria as condições de geração de uma enunciação evangélica, e pressuposta pela marca textual na morfologia de seu oposto ἀκαταστασία “instabilidade”, formado também com a raiz grega **στ**.

⁹⁷ Observar que só o texto grego permite a identificação das intersecções dos PNs e dos temas, pois nele se identifica a recorrência da figura da instabilidade trazida pela morfologia de ἀκαταστατ-. A ARA, por exemplo, traduz ἀκατάστατος por “inconstante” e ἀκαταστασία por “confusão”, enquanto a etimologia dos termos das duas figuras remete a um campo isotópico que tem como núcleo sêmico a instabilidade.

⁹⁸ De acordo com Murachco, a semântica de ζήλος e ἡ ἐπιθυμία aponta para “duas faces da mesma moeda”. (Colóquio entre orientando e co-orientador).

PERÍCOPE 1:13-15

Nossa visão teórica da instância da enunciação prevê que as figuras no discurso fazem referência, anaforizar os elementos da própria instância da enunciação. Esses elementos (primeira referência presumida, ou *matriz*⁹⁹, originalmente constroem e fazem parte do funcionamento dos PSNEs dos sujeitos do *πάσχειν*; *λέγειν*; e *ἀκούειν*.

Na perícopa 1:13-15, os elementos da instância da enunciação, que são representados/anaforizados/referenciados no discurso fazem parte, em primeiro lugar e na sua origem, do PSNE do sujeito do *πάσχειν*. No discurso de Tiago queremos destacar o elemento figurado como *πειρασμός* “envolvimentos/tentações”. A configuração discursiva do *πειρασμός*, constrói uma condição¹⁰⁰. Essa condição parece se opor ao sujeito no PSNE do *πάσχειν*, que está no processo de sustentação do seu *agora*, de criação de um *aqui*, e de se constituir ao final como um *eu*. Mas, na verdade, quando a figura *πειρασμός* aparece pela primeira vez no discurso de Tiago, o orador inusitadamente recomenda que o auditório se alegre, quando a condição se apresentar:

1:2 πᾶσαν χαρὰν ἠγήσασθε, ἀδελφοί μου, ὅταν πειρασμοῖς περιπέσητε ποικίλοις

1:2 Meus irmãos, dirigi-vos em direção a toda a alegria, quando/sempre que cairdes envolvidos/enredados, nos mais diversos envolvimentos enredamentos/testes/ provas/tentações.

Tanto na instância enunciativa, como na instância discursiva, a figura *πειρασμός*, “enredamentos, enrolamentos, tentações” assinala a presença de um oponente. Como oponente, ele pode ser chamado de anti-sujeito ou obstáculo¹⁰¹. As duas noções são

⁹⁹ Marcuschi ensina que “a primeira entrada do segmento discursivo que serve de paradigma é designada como matriz (M)”. Cf. MARCUSCHI, Luiz Antônio. Estratégias de construção textual. 6: Repetição. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi e KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Volume I: Construção do texto falado. Campinas: Editora da Unicamp, 2006, p. 222. Nós ousaríamos dizer que a matriz é a primeira entrada do elemento no conjunto enunciação/discurso, visto como um todo, ou seja a “matriz” está na instância da enunciação.

¹⁰⁰ A construção que cria a discretização figurativa de *πειρασμός*, na Epístola de Tiago, não apresenta este oponente axiológico como mau ou ruim, mas como uma condição para que o sujeito, ao final, chegue ao estado de “nada estar em falta” no que se refere à sabedoria. No vers. 1:2, *πειρασμός* é claramente uma condição. Já no vers. 1:13, a figura é axiológica, desta vez pelo enunciador previsto no enunciado encaixado: Ἐὰν θεοῦ πειράζομαι.

¹⁰¹ Um anti-sujeito é sempre um oponente para o sujeito, mas nem todo oponente é um anti-sujeito: um instrumento, por exemplo, pode desempenhar o papel de obstáculo sem, por isso, ser o sujeito de uma

diferentes mas apontam para uma mesma função: a criação de condições adversas – oponentes - à continuidade de um PN. Considerando o πειρασμός como « uma pedra no caminho » ele será um obstáculo. Associada a um sujeito, a condição fará parte do programa de um anti-sujeito. E, no próprio texto de Tiago, vamos constatar que é um programa do próprio sujeito do πάσχειν, este último figurativizado e referenciado em 1:14 como μηδεὶς “ninguém” e ἕκαστος “cada um”:

1:13 μηδεὶς πειραζόμενος λεγέτω ο,τι Ἐκ τῆς θεοῦ πειράζομαι· ὁ γὰρ θεὸς ἀπειραστός ἐστὶν κακῶν, πειράζει δὲ αὐτὸς οὐδένα.

1:13 Ninguém ao mesmo tempo que está sendo envolvido/provado/tentado (ele) diga/comece a dizer/ continue a dizer “da parte de Deus eu estou sendo envolvido/provado/tentado”, pois o Deus não é envolvido/tentador maldoso/para o mal - suscetível de tentação a partir dos males. Ele mesmo ninguém envolve/testa/tenta.

1:14 ἕκαστος δὲ πειράζεται ὑπὸ τῆς ἰδίας ἐπιθυμίας ἐξελκόμενος καὶ δειλαζόμενος·

1:14 Mas cada um é/está sendo envolvido/provado/tentado pela própria ambição/cobiça. Estando sendo arrastado/tirado, pescado e sendo iscado/seduzido.

1:15 εἴτα ἡ ἐπιθυμία συλλαβοῦσα τίκτει ἁμαρτίαν, ἡ δὲ ἁμαρτία ἀποτελεσθεῖσα ἀποκύει θάνατον.

1:15 A seguir, a ambição tendo sido reunida/agregada/juntada gera um pecado/não atingimento da meta. E o pecado tendo ocorrido/sido completado gera morte.

Entre as estratégias discursivas que poderíamos ler na figura do πειρασμός está aquela em que o enunciador cria, com a marca do oponente, uma modalização espacial complicada para o sujeito do percurso. Essa modalização espacial é marcada mais enfaticamente pela tradução da figura πειρασμός por “envolvimento”. Esse enfoque semântica espacialmente o oponente e contribuirá, no discurso como um todo, para construir a temática do ὁδός “caminho”. Além da semantização espacial, constata-se na perícope 1:13-15 uma intensidade anafórica na referenciação da condição. A intensidade da representação é trazida pela repetição da figura. No vers. 1:13, esse elemento πειρασμός – como oponente – aparece figurativizado quatro vezes. Para isso o sujeito do λέγειν – o enunciador *stricto sensu* - se utiliza três formas gramaticais:

busca contrária. Cf. EVERAERT-DESMEDT, Nicole. *Semiótica da narrativa: método e aplicações*. Trad. Dra. Alice Maria Frias. Coimbra: Livraria Almedina, 1984, p. 21.

Adjetivo: ἀπειραστός “não tentador/envolvedor”;
Particípio: πειραζόμενος “estando sendo envolvido, tentado”;
Verbo: πειράζομαι “eu estou sendo envolvido, tentado, testado”;
Verbo: πειράζει “ele não envolve, tenta/testa”.

Trata-se de um recurso da repetição que tanto contribui para a coesão e a coerência como para a argumentação. Ao mesmo tempo, também, pela insistência na focalização, a repetição chama atenção para a importância da condição, na narrativa em que está o enunciado e por extensão no tema do caminho do enunciado englobante.¹⁰² Do ponto de vista enunciativo, o sujeito do λέγειν - enunciador *stricto sensu* -, faz uma intersecção de PNs¹⁰³ de dois sujeitos diferentes: O sujeito que diz *eu*: Ἀπὸ θεοῦ πειράζομαι “da parte/a partir de Deus eu estou sendo envolvido/testado/tentado”; e o sujeito que é figurativizado como “o Deus” θεός. Assim, dois sujeitos e dois percursos são postos em relação.

1:13 μηδείς πειραζόμενος λεγέτω ο,τι Ἀπὸ θεοῦ πειράζομαι· ὁ γὰρ θεός ἀπειραστός ἐστὶν κακῶν, πειράζει δὲ αὐτὸς οὐδένα.
1:13 Ninguém ao mesmo tempo que está sendo envolvido/provado/tentado (ele) diga/comece a dizer/ continue a dizer “da parte de Deus eu estou sendo envolvido/provado/tentado”, pois o Deus não é envolvido/tentador maldoso/para o mal - suscetível de tentação a partir dos males. Ele mesmo ninguém envolve/testa/tenta.

A marca discursiva –μαι, sufixo verbal “eu”, assinala o início de um discurso enunciado, encaixado no discurso englobante. Esse discurso enunciado é proferido por um sujeito que representa/anaforiza o indivíduo μηδείς “ninguém”, que faz parte do grupo/destinatário da Epístola, as doze tribos na dispersão. Conceder a palavra a um *eu*, no vers. 1:13, está contribuindo no nível discursivo para a (des)construção/discursivização do destinatário as doze tribos na dispersão. Essas mesmas doze tribos na dispersão que no nível da instância da enunciação são o objeto

¹⁰² O “enunciado englobante” é o produto da enunciação pressuposta que faz aparecer o texto principal ou englobante (em nossa tese, a Epístola de Tiago). O “enunciado encaixado” é o produto da enunciação pressuposta, que faz aparecer uma parte do texto englobante ligada a outras partes do mesmo texto. Cf. ALMEIDA, Yvan. *L'Opérativité Sémantique des Récits-Paraboles. Sémiotique narrative et textuelle. Herméneutique du discours religieux*. Louvain/Paris: Editions Peeters/Éditions du Cerf, 1978 (Bibliothèque des Cahiers de l'Institut de linguistique de Louvain 13), p. 48.

¹⁰³ Esta intersecção de PNs põe a nu o caráter polêmico do cotexto e do contexto, visto como um Percurso enunciativo maior que perpassa toda Bíblia.

do experimentar, sentir, sofrer de, do sujeito do πάσχειν. Esse último figurativizado na Epístola como Tiago. A marca discursiva *eu* pode ser lida como um reforço, no enunciado englobante, para caracterizar ou potencializar o ensinamento, que está contido no mesmo vers. 1:13. O modo de dizer do enunciador principal aponta para a condição interior do destinatário que está sendo descrita, ou seja, é dentro do próprio sujeito, que se institui como sujeito discursivo, que se encontram os obstáculos para o prosseguimento de seu percurso.

No mesmo vers. 1:14, encontra-se ainda o sintagma τῆς ἰδίας ἐπιθυμίας “pela própria cobiça”, que discursivamente circunscreve ainda mais, dentro do próprio sujeito os oponentes que se lhe apresentam para sustentar o seu *agora*. Portanto, há um acúmulo de recursos discursivos que servem para situar subjetivamente a condição interior dos membros do grupo, e por extensão servem para (des)construir a identidade daqueles sujeitos individualmente e do grupo como um todo. Retomamos aqui a idéia de que o proto-sujeito do πάσχειν, em vias de transformação, funciona como oponente de si mesmo. No nível discursivo o tema aparece, como estamos querendo demonstrar, no momento em que o orador assume a palavra e diz:

1:14 ἕκαστος δὲ πειράζεται ὑπὸ τῆς ἰδίας ἐπιθυμίας ἐξελκόμενος καὶ δελεαζόμενος·

1:14 Mas cada um é/está sendo envolvido/provado/tentado pela própria ambição/cobiça. Estando sendo arrastado/tirado, pescado e sendo iscado/seduzido.

A estratégia enunciativa global que queremos ressaltar é que as escolhas enunciativas aqui presentes estão todas centralizando e direcionando para a (des)construção de uma identidade discursiva das doze tribos na dispersão. Essas escolhas vão do enunciado encaixado, em que o auditório da Epístola aparece como um *eu* discursivo até o apontamento da origem dos enredamentos. O cenário é polêmico, pois o discurso do destinatário é oposto do discurso do orador. O que nos leva a considerar as estratégias discursivas também como argumentativas. Na nossa visão teórica da instância da enunciação, o enunciador do PN principal da Epístola, mais claramente marcado no enunciado englobante, assinala que o sujeito do πάσχειν,

discursivizado como as doze tribos na dispersão, ao invés de experimentar seu objeto ó θεός, põe-se a falar e diz: Ἐκ θεοῦ πειράζομαι “A partir de Deus estou sendo tentado”. O marcante aqui é que a questão da enunciação está fortemente presente. E é possível retomar a idéia de que o discurso da Epístola se constrói no co(n)texto de um conflito de sujeitos que assumem a palavra: dois sujeitos enunciativos.

PERÍCOPE 1:17-18

Os elementos da instância da enunciação que as figuras da perícopa 1:17-18 anaforizam, representam, referenciam e discursivizam sugerem que aquilo que está sendo dito tem o estatuto de uma sabedoria. O enunciador faz assertivas assumindo que o conjunto do dito é considerado por ele como um ensinamento.

1:17 πᾶσα δόσις ἀγαθὴ καὶ πᾶν δῶρημα τέλειον ἄνωθεν ἐστὶν καταβαίνον ἀπὸ τοῦ πατρὸς τῶν φώτων, παρ’ ᾧ οὐκ ἔστι παραλλαγή ἢ τροπῆς ἀποσκίασμα.

1:17 Todo doação boa e todo presente dado completo/com objetivo/com meta/está descendo do alto, do pai das luzes; junto ao qual não existem mudanças/sombras ou de volta/lugar de mudança.

1:18 βουληθεὶς ἀπεκύησεν ἡμᾶς λόγῳ ἀληθείας εἰς τὸ εἶναι ἡμᾶς ἀπαρχὴν τινὰ τῶν αὐτοῦ κτισμάτων.

1:18 Tendo tido vontade, ele nos gerou pela palavra da verdade/do não esquecimento para sermos um tipo de primícia das criaturas dele.

A estratégia discursiva do enunciador principal aparece na utilização de figuras para construir o PN e criar o dístico de sabedoria. É digno de nota que o discurso seja construído com figuras ligadas à gestação/criação: “pai” πατὴρ e “gerou” ἀπεκύησεν.

O primeiro PSNE que está sendo focado é o PSNE de um sujeito do πάσχειν. É um percurso de transformação em que o sujeito está discursivizado como o pai das luzes, παρ’ ᾧ ἔστι παραλλαγή ἢ τροπῆς ἀποσκίασμα “no qual, junto ao qual, não existem trocas/mudanças/sombras” ou de volta, de lugar de mudança/nem lugar de mudança”. Esse sujeito entra em conjunção com seu objeto (produto), figurado na Epístola como ἡμᾶς “nós”. Quem sabe da existência desse PSNE é o enunciador principal da Epístola,

que relembra essa sabedoria/verdade aos destinatários. A existência desse PSNE é assegurada por uma asserção categórica.

O segundo PSNE que está sendo focado pelo enunciador é o PSNE do sujeito do *πάσχειν* que aparece na Epístola como o grupo constituído pelo orador e o auditório. Na perícopa o conjunto orador/auditório é discursivizado como nós e como “uma (certa) primícia das criaturas dele”.

Seguindo seu próprio percurso, o sujeito do primeiro PSNE figurativizado como “o pai das luzes” é instituído como um sujeito que atingiu a meta de seu próprio percurso (PSNE). Ele sustentou o seu *agora*, criou um *aqui*, e pode ser chamado de *eu*. Tudo isso porque sentiu, experimentou, sofreu de seu objeto, o mesmo objeto que ao final foi criado pelo seu *fazer*. O que constatamos aqui é que o sujeito do *πάσχειν* – o pai das luzes - já sentia seu objeto, figurativizado como *nós*, antes mesmo de ele ser criado ou, o sentia, a medida que o criava. A identidade do *pai* como sujeito enunciador *lato sensu* aparece na qualificação: *παρ’ ᾧ ἔνι παραλλαγῆ ἢ τροπῆς ἀποσκίασμα* “no qual, junto ao qual, não existem trocas/mudanças/sombras ou de volta, de lugar de mudança/nem lugar de mudança”.

Esse é o seu nome, o nome desse pai, e é o sinal discursivo que figurativiza a aquisição de seu *eu*, como sujeito do sentir, experimentar, sofrer de seu objeto. Por sua vez, na seqüência hierárquica e sintática da instância da enunciação, o sujeito do *λέγειν* toma a palavra e fala sobre este processo. O que é que o sujeito do *λέγειν* fala sobre a experimentação, sobre essa relação do sujeito *τοῦ πατρὸς τῶν φώτων*, *παρ’ ᾧ οὐκ ἔνι παραλλαγῆ ἢ τροπῆς ἀποσκίασμα* e seu objeto, que na epístola é figurativizado como “nós” e como “uma (certa) primícia das criaturas dele”?

O sujeito do *λέγειν* marca que viu – ele sabe porque viu, sentiu, experimentou – uma criação. O percurso do “pai das luzes” é referido aqui como um todo, e figurativizado no discurso como *λόγῳ ἀληθείας* “palavra da verdade/do não esquecimento” vers. 1:18.

É extraordinariamente marcante que esse PSNE do sujeito do πάσχειν figurativizado como “pai das luzes” tenha um nome no discurso de Tiago. E que este nome remeta a um ato enunciativo, a uma enunciação: λόγος ἀλήθεια “palavra da verdade”. Cabe assinalar que o λόγος ἀλήθεια “palavra da verdade não é um ato enunciativo que remete à noção da utilização da palavra como instrumento, e sim a um ato enunciativo que remete à noção de todo um percurso do sentir, experimentar, sofrer de. O λόγος ἀληθείας “palavra da verdade” não é um auxiliar no percurso do sujeito, e sim o λόγος ἀληθείας “palavra da verdade” é o próprio percurso do sujeito, que se transformou, pelo seu *fazer*. A transformação é marcada no discurso de Tiago pela figura utilizada “do pai” τοῦ πατρὸς. O sujeito passou do estado de não pai para o estado de pai.

Ao figurativiza o « pai das luzes » com o qualificativo de que παρ’ ᾧ οὐκ ἔστι παραλλαγή ἢ τροπὴς ἀποσκίασμα “no qual, junto ao qual, não existem trocas/mudanças/sombras” ou de volta, de lugar de mudança/nem lugar de mudança”, o enunciador da Epístola de Tiago está assinalando que o sujeito cumpriu o seu PN enunciativo, sem oponentes, conseguindo sustentá-lo até o final e cumprindo a meta que se havia proposto. O enunciador do discurso englobante da Epístola está mostrando que, para ele, o estatuto de uma sabedoria é a junção completa com os actantes do percurso narrativo que a discursiviza. Só uma junção íntima com a questão posta na sabedoria pode criar no enunciador do discurso englobante da Epístola o estatuto daquele que *sabe*.

Assim, poderíamos arriscar a dizer que o próprio enunciado da Epístola equivale ao λόγος ἀλήθεια “palavra da verdade”, ao qual o próprio discurso se refere. Os dois sujeitos, o orador da Epístola e o pai das luzes estão numa relação bem estreita. E, que este último, que no seu próprio PSNE conseguiu atingir a condição de ser chamado *eu* e pode se assumir como sujeito discursivo - passa a ser o sujeito da exortação, prescrição, sugestão, no PSNE do discurso englobante da Epístola. Na sua função de sujeito da exortação, “o pai das luzes” τοῦ πατρὸς τῶν φώτων se utiliza do discurso figurativizado em Tiago como λόγος ἀλήθεια “palavra da verdade”, para exortar alguém (d)as doze tribos na dispersão, a seguir seu próprio percurso. É por isso que, no *Novo*

Testamento, há ocasiões nas quais aparece enfatizada a condição de criatura criada, a figura de uma nova criatura, como em Gálatas:

Gal 6:15 οὔτε γὰρ περιτομή τί ἐστίν οὔτε ἀκροβυστία ἀλλὰ καινή κτίσις.

Gal 6:15 Pois nem a circuncisão é coisa alguma, nem a incircuncisão, mas o ser nova criatura. (*tradução da ARA*)

Ao mesmo tempo em que a figura do λόγος ἀλήθεια pode ser considerada como a palavra do sujeito do πάσχειν, ela pode figurativizar também o esforço do sujeito do πάσχειν em sustentar o seu agora. A ἀλήθεια remete por sua semântica tirada da morfologia à figura de um modo de presença, a uma consciência, e mesmo à ocupação de um espaço. Ou pode ser que seja um modelo de PSNE a ser seguido por todos que estão no “caminho” ὁδός, ou seja, por aqueles que estão figurativizados como “uma certa primícia das criaturas dele” ἀπαρχήν τινα τῶν αὐτοῦ κτισμάτων.

Finalmente, “o pai das luzes” τοῦ πατρὸς τῶν φώτων, ao percorrer seu percurso, criou as condições para que outros sujeitos possam seguir seu próprio percurso. Essas personagens são figurativizadas no discurso de Tiago como seres criados, criaturas - vers. 1:18.

Destacamos, também, que a figura da gestação¹⁰⁴ é a figura própria para anaforizar, representar/fazer referência, a um percurso: um PSNE do sujeito do πάσχειν, no qual se formou uma nova criatura, um *eu*, criado pelo esforço do sujeito que conseguiu sustentar o seu *agora*. Estamos falando aqui do estatuto de *eu*, adquirido pelo sujeito discursivizado como pai das luzes. Há, portanto, já na instância da enunciação, um sujeito que se mostra ao mundo como criador, gerador. Um sujeito que conquistou a possibilidade de ser chamado *eu sou*, quando se assume como sujeito discursivo. Portanto, não estamos falando aqui do objeto, sujeito que foi criado, pois ele só poderá se figurativizado como *eu*, como sujeito discursivo, se o seu percurso como sujeito do πάσχειν, na instância enunciativa *lato sensu*, tiver também atingido a sua meta. Isto é,

¹⁰⁴ Há a sobremodalização semântica, já nos termos utilizados. A sobremodalização se dá pelo uso das figuras “gerar”, ἀποκλύω, e ἀπαρχήν τινα, “um tipo de primícia”.

quando ele conseguir sustentar o seu *agora*, criar um espaço *aqui*. Esse sujeito é que está tendo sua identidade (des) construída na Epístola, ele está modalizado na oposição parecer/ser durante todo o enunciado englobante da Epístola, na relação de interação orador/auditório. Na Epístola, esse sujeito é aquele cuja identidade está sendo (des)construída, a quem está sendo proposto sair do parecer para o ser é discursivizado aqui, neste momento, no vers. 1:18 como: “um tipo de primícia das criaturas dele.” ἀπαρχήν τινα τῶν αὐτοῦ κτισμάτων.

A FIGURA DO « NÓS » ENUNCIATIVO

A intersecção dos programas narrativos dos sujeitos, a partir da instância da enunciação até àqueles que (des) constroem a identidade do sujeito as doze tribos na dispersão e constroem as de Deus e do próprio Tiago, é marcada pelo aparecimento da figura do *nós*, no vers. 1:18. O programa narrativo comum, de Tiago e das doze tribos - marcado pelo *nós* no vers. 1:18: τὸ εἶναι ἡμᾶς “o ser nós”, está em relação direta com o programa narrativo do Deus. Um programa modalizado pelo *querer fazer* do actante Deus, tal como é assinalado pelo participio aoristo βουληθεὶς “tendo tido vontade”:

1:16 Μὴ πλανᾶσθε, ἀδελφοί μου ἀγαπητοί.

1:16 Não continuais sendo errantes/vagantes, meus irmãos amados queridos.

1:17 πᾶσα δόσις ἀγαθὴ καὶ πᾶν δῶρημα τέλειον ἄνωθέν ἐστιν καταβαῖνον ἀπὸ τοῦ πατρὸς τῶν φώτων, παρ’ ᾧ οὐκ ἔνι παραλλαγὴ ἢ τροπῆς ἀποσκίασμα.

1:17 Todo doação boa e todo presente dado completo/com objetivo/com meta/está descendo do alto, do pai das luzes; junto ao qual não existem mudanças/sombras ou de volta/lugar de mudança.

1:18 βουληθεὶς ἀπεκύησεν ἡμᾶς λόγῳ ἀληθείας εἰς τὸ εἶναι ἡμᾶς ἀπαρχήν τινα τῶν αὐτοῦ κτισμάτων.

1:18 Tendo tido vontade, ele nos colocou no mundo (gerou) pela palavra da verdade para nós sermos uma (certa) primícia das criaturas dele.

A figura do πατρὸς τῶν φώτων, como pai, remete a um actante que cria, origina, faz nascer e, ao mesmo tempo, a um enunciator que faz aparecer um discurso de sabedoria. A ocorrência do pronome da primeira pessoa do plural, que une os programas

do sujeito da prescrição - orador – ao sujeito do estado/fazer no percurso narrativo principal da Epístola o enunciado englobante, é marca indicativa do vínculo com o programa do actante Senhor, Deus, e Pai.

No caminho inverso, partindo da condição de filhos εἰς τὸ εἶναι ἡμᾶς ἀπαρχήν τινα τῶν αὐτοῦ κτισμάτων de um pai comum, chega-se ao ato de criar, que corresponde ao fazer do actante τοῦ πατρὸς τῶν φώτων “do pai das luzes”, em seu próprio programa.

Isso pode se estender a uma série de associações como: um novo mundo, uma criação nova que corresponde ao Gênesis, no intertexto Vétero Testamentário, ou seja, à própria criação do ser humano. Ou evoca também que o percurso do sujeito do πάσχειν, actante figurativizado como Senhor, Deus, e Pai, na condição de sujeito enunciador, é mais importante do que o percurso dos actantes figurativizados como Tiago e como o das doze tribos na dispersão. Tanto as faltas do orador como as faltas dos destinatários serão resolvidas com o auxílio da sabedoria que se encontra no Percurso Narrativo do τοῦ πατρὸς τῶν φώτων “do pai das luzes”, que é o PN da enunciação pela palavra da verdade λόγῳ ἀληθείας.

Aproveitando o momento para mostrar a aplicabilidade, e ao mesmo tempo a possível pertinência de nossa visão teórica da instância da enunciação, assinalamos que o λόγος faz parte da instância da enunciação de um sujeito. Esse sujeito que sem se desviar, não sendo esquecido já que ἐν πίστιν, sustenta seu agora. Ao sustentar o seu *agora*, ele cria um *aqui* e chega ao final de seu percurso como sujeito do sentir, sofrer de, experimentar. Nesse novo estado, pode ser designado com um nome, ou pode ser chamado no ato enunciativo *stricto sensu*, como *eu*. No nível discursivo, na epístola, seu nome é figurativizado como no vers. 1:17 τοῦ πατρὸς τῶν φώτων “(d)o pai das luzes”; vers. 1:5 τοῦ διδόντος θεοῦ “do Deus doante/que está doando; vers. 1:1; 1:5; 1:13; 1:20; 2:23; 3:9 e 4:4 θεός “deus”; vers. 1:1 θεοῦ καὶ κυρίου Ἰησοῦ Χριστοῦ “de Deus e do Senhor Jesus Cristo”.

PERÍCOPE 2:1-4

A leitura/análise da perícopa 2:1-4 será feita para uma proposta de contextualização da Epístola e, dentro dessa proposta, aventar a possibilidade de que o discurso de Tiago seja uma intervenção argumentativa. A interação argumentativa leva em conta a existência de um “meta discurso” bíblico, no qual se insere a assunção da palavra por sujeitos discursivos. O estatuto de discursivizador é lido aplicando-se o esquema narrativo semiótico, dentro do qual o discurso bíblico é modalizado como um *fazer saber* e um *fazer fazer*. Em Tiago, os atores discursivos - convencidos anteriormente pelos PNs do *saber* - no AT: os discursos dos profetas e no NT: os discursos dos Evangelhos - são instalados dentro de um quadro espaço/temporal. Dentro desse espaço ocorre a cenografia da entrada no interior de uma sinagoga do homem com vestes brilhantes e adereços ricos e, do pobre com vestes comuns. Os dois atores são postos à mesa, como abaixo:

2:2 ἐὰν γὰρ εἰσέλθῃ εἰς συναγωγὴν ὑμῶν ἀνὴρ χρυσοδακτύλιος ἐν ἐσθῆτι λαμπρᾷ, εἰσέλθῃ δὲ καὶ πτωχὸς ἐν ῥυπαρᾷ ἐσθῆτι,

2:2 Se, pois, entrar dentro da sinagoga de vocês um homem masculino que tem um anel de ouro com veste brilhante, mas, também, se entrar um pobre com veste comum.

2:3 ἐπιβλέψητε δὲ ἐπὶ τὸν φοροῦντα τὴν ἐσθῆτα τὴν λαμπρὰν καὶ εἶπητε, Σὺ κάθου ὧδε καλῶς, καὶ τῷ πτωχῷ εἶπητε, Σὺ στῆθι ἐκεῖ ἢ κάθου ὑπὸ τὸ ὑποπόδιόν μου,

2:3 Se vós lançardes o olhar sobre o que traz a veste brilhante e disserdes: senta tu/inicia o ato de sentar aqui/deste modo bem e se ao pobre disserdes: coloca-te de pé ali ou senta/inicia o ato de sentar abaixo do lugar de colocar o meu pé/meu escabelo.

Essa perícopa assim como todo o texto/discurso de Tiago é um exemplo bem precioso da intervenção argumentativa do enunciador para modalizar pelo sensível todo um trajeto pragmático e também discursivo, em vigor no contexto social das doze tribos na dispersão.

A modalização pelo sensível pode ser observada, entre outros, nos percursos a seguir: (A) o percurso narrativo principal da Epístola, que leva em conta a interação Tiago/Doze tribos na dispersão; (B) o percurso narrativo dos atores: os ricos e os

pobres, na micro narrativa ambientada no espaço da sinagoga. Todos os dois percursos se valem de elementos sensoriais nas escolhas figurativas, que põem a enunciação em marcha. O percurso narrativo principal modaliza sensivelmente a intervenção pelo impacto cinematográfico da narrativa, que é ambientada no espaço da sinagoga. O próprio espaço mexe sensivelmente com o auditório da Epístola, pelo seu caráter de lugar próprio para um discurso religioso ou um discurso de sabedoria. Por sua vez, na própria micronarrativa, a modalização pelo sensível opera uma transformação no freqüentador da sinagoga, que recebe o rico e o pobre, pelas figuras do brilho das vestes e dos adereços usados pelo rico, bem como pelos andrajos usados pelo pobre.¹⁰⁵ Na estrutura e funcionamento da instância da enunciação a transformação no freqüentador da sinagoga que recebe o rico e o pobre remete ao PSNE do *πάσχειν* do destinatário: o percurso modalizado inteiramente pelo sensível. Na instância da enunciação, o sensível, o sentir/experimentar/sofrer de, é a gênese da construção identitária do sujeito e na Epístola, do destinatário como sujeito religioso e sábio, presente no mundo.

Essa construção identitária é sugerida, desejável, e tema marcado na Epístola, entre outras, pelas figuras a seguir, que apontam para um nome, ou seja, um sujeito que pode assumir-se como « eu sou »: vers. 1:27 *θηρικός* “fazedor religioso”; Vers. 1:18 *ἀπαρχήν τινα τῶν αὐτοῦ κτισμάτων* “uma certa primícia das criaturas dele”; ou vers. 1:25 “bem-aventurado no seu fazer/na criação dele” *μακάριος ἐν τῇ ποιήσει αὐτοῦ*; Vers 1:12 *τοῖς ἀγαπῶσιν αὐτόν*. “aos que (ao mesmo tempo) o estão amando?”; vers. 2:5 “herdeiros do reino, o qual ele prometeu” *κληρονόμους τῆς βασιλείας ἧς ἐπηγγείλατο*; vers. Diversos: “justo” *δίκαιος*; vers. 1:4 *ἐν μηδενὶ λειπόμενοι* “em nada faltantes”; vers. 1:4 *τέλειοι καὶ ὀλόκληροι* “completos/atingidores do fim/meta e herdeiros completos.

¹⁰⁵ No enunciado englobante esta modalização pelo sensível faz o sujeito na sinagoga equivaler à figura da onda do mar soprada e arrastada pelo vento, da qual se utiliza o orador no versículo 1:6.

Ao realizar a operação figural¹⁰⁶, que modaliza pelo sensível os dois percursos, um efeito de sentido está sendo construído, o que se dará em função da (des) construção de identidades. O orador intervém no metadiscurso histórico. A intervenção argumentativa do discurso englobante é representada pelo discurso encaixado que enuncia a simples indicação dos lugares nos quais as pessoas devem sentar, para a seguir, vers. 2:4, apontar a significação precisa do enunciado encaixado: o gesto da discriminação.

2:3 ἐπιβλέψητε δὲ ἐπὶ τὸν φοροῦντα τὴν ἐσθῆτα τὴν λαμπρὰν καὶ εἴπητε, Σὺ κάθου ὡς καλῶς, καὶ τῷ πτωχῷ εἴπητε, Σὺ στήθι ἐκεῖ ἢ κάθου ὑπὸ τὸ ὑποπόδιόν μου,

2:3 Se vós lançardes o olhar sobre o que traz a veste brilhante e disserdes : senta tu/inicia o ato de sentar aqui/deste modo bem e se ao pobre disserdes: coloca-te de pé ali ou senta/inicia o ato de sentar abaixo do lugar de colocar o meu pé/meu escabelo.

Tal gesto estabelece também a ausência de possibilidade de preencher a falta de sabedoria, já que está diretamente vinculado ao ato de “fazer juízos atravessados/discriminar” διακρίνω¹⁰⁷. No plano da instância da enunciação, o discurso que indica os lugares na sinagoga representa uma ruptura ou obstáculo à continuação do PN das doze tribos na dispersão, como sujeito do πάσχειν. O enunciadador *stricto sensu* mostra discursivamente, por meio da figura do sensível, que o sujeito do πάσχειν tem seu percurso interrompido. Ora, isso vai repercutir em todo o texto/discurso da Epístola pois, a cada vez que esse mesmo sujeito que assumiu a palavra na sinagoga tomar a palavra, seu discurso será desqualificado. A partir daqui, e continuando o ensinamento contido nos vers. 1:10-11, uma marca do PN principal do discurso englobante começa a se consolidar.

¹⁰⁶ L'opération figurale en quoi consiste l'enonciation fait passer de la vraisemblance d'un monde représenté (empirique ou virtuel) à l'établissement d'une forme figurative du contenu (PANIÉ, Louis. La théorie des figures dans l'exégèse biblique ancienne: figures en devenir. In: FONTANILLE, J. (éd.). *Le devenir*. Limoges: P.U.L.I.M, 1995, p. 11). A operação figural na qual está presente a enunciação faz passar da verossimilhança de um mundo representado (empírico ou virtual) ao estabelecimento de uma forma figurativa do conteúdo (tradução nossa).

¹⁰⁷ No enunciado englobante, ao fazer juízos atravessados (*διακρίνω*) durante a busca de sabedoria, o buscador não irá atingir o seu objetivo, conforme vers. 1:5-6.

ENUNCIÇÃO EVANGÉLICA

L'approche sémiotique de la Bible, dans ses développements les plus récents s'oriente donc vers *une sémiotique de l'énonciation*. La question de l'énonciation est devenue centrale dans les recherches sémiotiques sur la Bible. Elle se pose, on l'a vu, à partir de la prise en compte du figuratif et de la mise en discours; elle apparaît également dans l'organisation de certains textes du corpus biblique (discours prophétique, lettres, apocalypses par exemple). La structure énonciative des textes devient alors une entrée décisive dans l'analyse sémiotique. Et cela concerne les conditions de la lecture. Il appartient en effet au lecteur (dans la fonction d'énonciataire) de construire la cohérence du discours et de (se) trouver (à) la juste place que cette cohérence présuppose. La Bible pose instamment la question des rapports entre littérarité et énonciation. C'est là où la Bible affiche le plus sa réalité de texte (les *Ecritures*) qu'il est question d'entendre une parole celée en discours.¹⁰⁸

A abordagem Semiótica da Bíblia, nos seus desenvolvimentos mais recentes orienta-se em direção a uma *semiótica da enunciação*. A questão da enunciação se torna central nas pesquisas semióticas sobre a Bíblia. Ela se coloca, como se viu, a partir do momento que se leva em conta o figurativo e a discursivização; ela parece igualmente na organização de alguns textos do corpus bíblico (discurso profético, cartas, apocalipses, por exemplo). A estrutura enunciativa dos textos torna-se então uma questão decisiva na análise semiótica. E isto diz respeito às condições da leitura. Cabe, com efeito, ao leitor (na função de enunciatário) construir a coerência do discurso e de encontrar o justo lugar que esta coerência pressupõe. A Bíblia coloca, a questão das relações entre literariedade e enunciação. É onde a Bíblia expõe sua realidade como texto (as *Escrituras*) que se trata de compreender uma fala guardada em discurso (*tradução nossa*).

Para uma leitura Semiótica da enunciação evangélica, focalizaremos o trabalho de discursivização da figura do “caminho” ὁδός, na Epístola de Tiago. Nossa escolha da figura do “caminho” ὁδός não é gratuita. Escolhendo essa figura nós estamos « de início sobre uma suposição de isotopia » que, por extensão, tem por finalidade a “procura de uma coerência”.¹⁰⁹ Essa procura insere nossa pesquisa e nós mesmos, em um debate histórico que coloca em dúvida a coerência da Epístola de Tiago. A escolha do trabalho de discursivização de uma figura remete também à relação entre a instância da enunciação e a instância discursiva.

¹⁰⁸ PANIER, Louis. Sémiotique et études bibliques évolutions méthodologiques et perspectives épistémologiques. In: *Destini del Sacro* – Congrès de l'Aiss. Itália, 23-25 novembre 2007.

¹⁰⁹ BERTRAND, p. 120.

A instância da enunciação *stricto sensu*, tal como é focalizada por um de seus modelos de leitura/análise, está presente em qualquer texto/discurso. A enunciação é um ato de assunção da palavra por um sujeito, um ato que tem como produto um enunciado/discurso. A mesma instância da enunciação está presente, de maneira particular, no discurso neotestamentário, no qual se insere o discurso de Tiago. As análises semióticas da enunciação do discurso do NT sugerem, nos dias de hoje, a possibilidade da construção de uma teoria enunciativa evangélica. Isso se deve à particularidade do texto neotestamentário: no *Novo Testamento*, o objeto valor que circula entre os sujeitos é o enunciado, a Palavra de Deus, discursivizado com o nome “Jesus”. O discurso de Tiago é uma carta/epístola e pela própria natureza do gênero carta, a enunciação em ato está fortemente marcada na interação. Nesse caso, é produtivo na leitura/análise o enfoque no modelo que focaliza a enunciação como interação/pragmática .

Ainda do ponto de vista enunciativo, a Epístola marca discursivamente um cenário polêmico, próprio para a argumentação. Há na Epístola um conflito entre dois sujeitos - enunciador/enunciatário - *sensu stricto*: Tiago e as doze tribos na dispersão, estes últimos são ao mesmo tempo os destinatários da carta. A assunção da palavra pelo destinatário é evocada, presumida, e marcada pelo destinador.

Para reflexão de uma possível teoria enunciativa evangélica nosso ponto de apoio é a discursivização que se utiliza da figura espacial do óδός “caminho”, na Epístola de Tiago. O caminho figurativiza a vida religiosa na instância discursiva e figurativiza também, metalingüisticamente, na nossa visão teórica, os PSNEs da instância enunciativa .

Na Epístola de Tiago, o termo “caminho” óδός ocorre pela primeira vez no vers. 1:8. As outras duas ocorrências explícitas estão nos vers. 2:25 e 5:20, como a seguir:

1:8 ἀνὴρ δίψυχος, ἀκατάστατος ἐν πάσαις ταῖς ὁδοῖς αὐτοῦ.

1:8 Um homem masculino de mente dupla, inconstante/instável/desposicionado em todos os caminhos dele.

2:25 ὁμοίως δὲ καὶ Ῥαὰβ ἡ πόρνη οὐκ ἐξ ἔργων ἐδικαιώθη ὑποδεξαμένη τοὺς ἀγγέλους καὶ ἑτέρα ὁδῶ ἐκβαλοῦσα;

2:25 Da mesma forma, também, Raab a meretriz não foi justificada a partir dos trabalhos, tendo acolhido os mensageiros e os tendo enviado por outro caminho ?

5:20 γινωσκέτω ὅτι ὁ ἐπιστρέψας ἀμαρτωλὸν ἐκ πλάνης ὁδοῦ αὐτοῦ σώσει ψυχὴν αὐτοῦ ἐκ θανάτου καὶ Καλύψει πλῆθος ἀμαρτιῶν.

5:20 Diga a ele que comece a tomar conhecimento de que: o que se volta para/em direção ao pecador do caminho errante dele, ele salvará a alma/a mente dele da morte e esconderá uma multidão de pecados/não atingimento de metas.

Sobre as ocorrências acima, inicialmente nos chama atenção, o que segue. 01. - Início da epístola - A primeira ocorrência - vers. 1:8¹¹⁰. 02. Um homem masculino - No mesmo vers. 1:8, o enunciador muda inesperada e inexplicavelmente, a maneira de discursivizar o destinatário, que passa a ser figurativizado como ἀνὴρ “um homem masculino”. 03. Uma mulher - No vers. 2:25, o termo “caminho” ὁδός aparece explicitamente na pequena narrativa que tem como personagem uma mulher, uma prostituta – Raab. 04. O fim da epístola – A última ocorrência da figura do caminho é no vers. 5:20. É digno de nota que o vers. 5:20 é também o último versículo da Epístola.

Tentando uma justificativa inicial para as ocorrências, o máximo a que conseguimos chegar é que o “caminho” ὁδός, lexicalizado nos vers. 1:8 e 2:25, de alguma forma, tem relação com a discursivização do destinatário. Tal discursivização prevê sujeitos nos quais as condições feminina e masculina estão marcadas. Já a ocorrência no vers. 5:20, fim da epístola, indica uma pista para leitura/análise retórico/argumentativa, do discurso de Tiago, como um todo. Sabe-se que o final de um discurso, sua peroração, tem papel significativo na persuasão/adesão.

¹¹⁰ Este é um dos quatro versículos da epístola em que não há ocorrência de verbo. Um fato curioso é que em dois versículos, que não se utilizam de verbo, há ocorrência do termo formado com o tema ἀκατάστατ-; no vers. 1:8 o adjetivo ἀκατάστατος “inconstante/instável/deslocado”, e no vers. 3:16, o substantivo ἀκαταστασία instabilidade/agitação.

O CAMINHO DAS DOZE TRIBOS

Toda enunciação pressupõe um sujeito enunciador. Durante seu ato enunciativo, o sujeito aparece, ele se mostra, ele se coloca em presença, como sujeito discursivo. Sua aparição deve-se a dois percursos bem distintos: o primeiro é um percurso do sentir, experimentar, sofrer de um objeto, é o PSNE do sujeito do *πάσχειν*; o segundo é o percurso do *falar*, em que o sujeito se assume como sujeito discursivo. Os dois percursos são focalizados ainda na instância da enunciação. Esses dois percursos podem ser lidos/ analisados, aplicando-se o esquema narrativo proposto pela teoria Semiótica, uma vez que ali se identificam narrativas, pois estão assinaladas metalingüisticamente transformações do sujeito. Consideramos que no discurso evangélico esses “dois”¹¹¹ sujeitos e seus PSNEs na instância da enunciação têm percursos correspondentes na instância discursiva.

Os elementos que constituem os dois percursos, nas duas instâncias, estão discursivizados nas figurativizações do espaço, tempo, e ator sem, contudo, possuírem o mesmo estatuto (nem espacial, nem temporal, nem actorial). No enunciado/discurso criado, eles são as figuras que levam aos temas. No enunciado metalingüístico do leitor/analista da instância da enunciação, os elementos remetem ao funcionamento do processo enunciativo. Os elementos do PSNE do sentir, na instância da enunciação, são internos, pressupostos, aspectuais. O tempo, por exemplo, não é o antes, o agora, o depois da história. O tempo do sujeito na instância enunciativa é tempo interno, discursivizado pelo aspecto verbal, cuja oposição fundamental é acabado-não acabado, e que no *infectum/inacabado* prevê o continuum do percurso e no *Perfectum/acabado* prevê o sujeito transformado.

Já os elementos do PSNE do sentir, figurativizados na instância discursiva, são discursivizados por narrativas que fazem aparecer a ação do homem no mundo, em espaços naturais ou culturais, os quais são circunscritos a partir de marcos temporais históricos/narrativos e por sujeitos actorializados em papéis sociais. No caso da configuração discursiva do “caminho” *ὁδός*, podemos estabelecer relações produtivas

¹¹¹ A divisão do sujeito enunciador em “dois” sujeitos é um recurso metodológico para assinalar os dois componentes, o sensível e o cognitivo, na gênese da enunciação evangélica.

entre as duas instâncias – enunciativa e discursiva, que formam um só conjunto, o texto/discurso como um todo. Metalingüisticamente, uma parte do conjunto pode ser designada como o discurso enunciativo e a outra como discurso discursivo.

Na instância da enunciação – O destinatário da epístola, as doze tribos na dispersão, é pressupostamente, na nossa visão teórica, um objeto do sentir, experimentar, sofrer de um outro sujeito. Esse sujeito é chamado Tiago, no discurso da epístola. Mas, esse mesmo objeto – as doze tribos na dispersão, o destinatário da epístola - é também pressuposto como um sujeito que sente, experimenta, sofre de outros objetos os quais, no discurso, são chamados: Deus, Senhor, Jesus, o irmão, a irmã, etc.

Na instância discursiva – A figura do destinatário, as doze tribos na dispersão, é criada por uma configuração com valor argumentativo. Essa configuração tem por objetivo a (des)construção do auditório como sujeito. Um sujeito com uma identidade pressuposta, já existente. Ele corresponde, na nossa visão teórica, ao proto-sujeito do $\pi\acute{\alpha}\sigma\chi\epsilon\iota\upsilon$, da instância enunciativa .

O CAMINHO COMO ESPAÇO

A idéia da figura do “caminho” $\acute{\omicron}\delta\acute{\omicron}\varsigma$ como um espaço é incontestável, e não haveria necessidade de justificar essa modalização. Um caminho é por natureza um espaço. Mas, o termo tomado isoladamente não tem significado discursivo. Há necessidade de colocá-lo em relação com outros termos para que se crie um efeito de sentido, ou seja, adquira um significado discursivo. O efeito de sentido criado pelo uso da figura “caminho” $\acute{\omicron}\delta\acute{\omicron}\varsigma$, auxiliará na criação de uma isotopia temática. Para identificar essa isotopia, a primeira relação que se mostrará produtiva na leitura é colocar a figura do “caminho” $\acute{\omicron}\delta\acute{\omicron}\varsigma$ em relação com um sujeito. Esse sujeito é o grupo as doze tribos na dispersão, também destinatário da Epístola.

Na instância discursiva, o espaço faz parte da construção de uma narrativa discursiva. Já na instância da enunciação, o espaço faz parte da leitura de uma narrativa

enunciativa. É a partir da figura do “caminho” ὁδός, no discurso, que consideramos também a existência de um caminho na instância da enunciação. Só que na instância da enunciação, metalingüisticamente, seu nome é percurso. O caminho na instância da enunciação é o PSNE (Percurso Sêmio Narrativo Enunciativo do Sujeito do πάσχειν).

Em geral, um caminho é o espaço que liga um ponto de partida a um ponto de chegada. A utilização de um caminho implica a moção do sujeito que o utiliza. Estão pressupostas também as possibilidades de uma saída, um retorno, ou uma permanência. No *Novo Testamento*, a figura do “caminho” ὁδός faz parte da narrativa religiosa, cultural/ideológica¹¹². Na Epístola de Tiago, essa narrativa religiosa se confirma. Na Epístola, o sujeito/actante que é colocado em relação com o “caminho” ὁδός é o mesmo auditório/destinatário, o grupo maior das doze tribos na dispersão, bem como os sub-grupos criados pelo orador.

O caminho é inquestionavelmente um lugar de moção e deslocamento, mas, ele pode também, figurativamente, indicar o lugar de uma busca. Consideramos que, muito mais do que uma simples moção, na Epístola de Tiago, o caminho é um lugar de busca, ida-roteiro. Para essa visão do caminho como lugar de busca, precisamos fazer uma proposta de tradução. Propomos, com apoio em Murachco, que o verbo grego αἰτέω será melhor traduzido como “eu busco”. Essa tradução é diferente da tradicionalmente feita para as ocorrências do verbo, nas versões bíblicas em línguas modernas, na Epístola de Tiago.

As versões bíblicas, em diversas línguas ocidentais, trazem o verbo αἰτέω traduzido como “eu peço”. Ao propormos a tradução de αἰτέω como “eu busco”, inserimos, com mais pertinência, os ensinamentos dos vers. 1:5-6 na configuração figurativa do “caminho” ὁδός. Isso porque uma busca está usualmente melhor associada ao campo analógico de um percurso/caminho do que um pedido. Além disso, a tradução

¹¹² No Novo Testamento, o caminho é a figura espacial utilizada para metaforizar o “Movimento” dos primeiros seguidores de Jesus Cristo. Um movimento constituído por um grupo de pessoas com ações definidas, baseadas também num referencial teórico definido. As pessoas desse movimento, no início da era cristã, eram tidas como se fossem quase pertencentes a um partido, que era chamado “o caminho”. Esse enfoque aparece nos usos da figura do caminho em sentido absoluto, como em Atos: 9:2 : “e lhe pediu cartas para as sinagogas de Damasco, a fim de que, caso achasse alguns que eram do **caminho**, assim homens como mulheres, os levasse presos para Jerusalém” (tradução da ARA).

de αἰτέω como “eu busco” torna mais compreensíveis os mesmos vers. 1:5-6. Isso porque, seria muito difícil sustentar e responder à pergunta, que certamente seria feita, pelo leitor imediato, ou remoto da Epístola de Tiago: Qual é o lugar que vou procurar para “pedir”, ao Deus a sabedoria que me está faltando?

1:5 Εἰ δέ τις ὑμῶν λείπεται σοφίας, αἰτείτω παρὰ τοῦ διδόντος θεοῦ πᾶσιν ἀπλῶς καὶ μὴ ὄνειδίζοντος καὶ δοθήσεται αὐτῷ.

1:5 E se, dentre vós, alguém está precisando/precando/ faltante de sabedoria, diga a que busque/que ele entre no ato de buscar, da parte do Deus doante/que está doando a todos, simplesmente, e que não censura /não está agredindo e ser-lhe-á dada.

1:6 αἰτείτω δὲ ἐν πίστει μηδὲν διακρινόμενος ὁ γὰρ διακρινόμενος ἕοικεν κλύδωνι θαλάσσης ἀνεμιζομένῳ καὶ ῥιπιζομένῳ.

1:6 Que ele busque/entre no ato de buscar com fé, e não fazendo julgamentos atravessados/ considerações/discriminações, pois o que está fazendo julgamentosatravessados/ considerações/ discriminações parece uma onda do mar, que está sendo agitada/empurrada e soprada pelo vento.

Com a opção de tradução de αἰτείτω, no vers. 1:5, por “diga a ele que busque/que ele entre no ato de buscar”, a resposta estaria no próprio discurso de Tiago: busque, recebendo “o presente” δῶρημα e a “doação” δόσις, da parte do Deus doante, o Deus que está sempre doando:

1:17 πᾶσα δόσις ἀγαθὴ καὶ πᾶν δῶρημα τέλειον ἄνωθέν ἐστιν καταβαῖνον ἀπὸ τοῦ πατρὸς τῶν φώτων, παρ’ ᾧ οὐκ ἔστι παραλλαγή ἢ τροπῆς ἀποσκίασμα.

1:17 Todo doação boa e todo presente dado completo/com objetivo/com meta/está descendo do alto, do pai das luzes; junto ao qual não existem mudanças/sombras ou de volta/lugar de mudança.

O “presente” δῶρημα e a “doação” δόσις são referenciados logo a seguir, no vers. 1:21, como sendo τὸν ἔμφυτον λόγον “a palavra enxertada/inata”.

CONFIGURAÇÃO DISCURSIVA DO CAMINHO

Tomaremos como ponto de apoio os vers. 1:5-6 e 3:13, abaixo, para nossa construção da configuração discursiva do “caminho” ὁδός.

1:5 Εἰ δέ τις ὑμῶν λείπεται σοφίας, αἰτείτω παρὰ τοῦ διδόντος θεοῦ πᾶσιν ἀπλῶς καὶ μὴ ὄνειδίζοντος καὶ δοθήσεται αὐτῷ.

1:5 E se, dentre vós, alguém está precisando/carecendo/ faltante de sabedoria, diga a ele que busque/que ele entre no ato de buscar, da parte do Deus doante/que está doando a todos, simplesmente, e que não censura /não está agredindo e ser-lhe-á dada.

1:6 αἰτείτω δὲ ἐν πίστει μηδὲν διακρινόμενος ὁ γὰρ διακρινόμενος ἕοικεν κλύδωνι θαλάσσης ἀνεμιζομένῳ καὶ ῥιπιζομένῳ.

1:6 Que ele busque/entre no ato de buscar com fé, e não fazendo julgamentos atravessados/considerações/discriminações, pois o que está fazendo julgamentosatravessados/ considerações/ discriminações parece uma onda do mar, que está sendo agitada/empurrada e soprada pelo vento.

3:13 Τίς σοφὸς καὶ Ἐπιστήμων ἐν ὑμῖν; δειξάτω ἐκ τῆς καλῆς ἀναστροφῆς τὰ Ἔργα αὐτοῦ ἐν πραύτητι σοφίας.

3:13 Quem (é) sábio e instruído/erudito em vós, diga a ele que mostre os trabalhos dele pela eficaz/boa/bonita ação de ir e vir, em doçura/mansidão de sabedoria.

A escolha dos versículos acima leva em conta a existência de três sintagmas que, em nossa opinião, servem como fundamento para assinalar três movimentos através do espaço. Essas moções através do espaço são: a sustentação da permanência, a saída, ou o retorno ao caminho. A configuração discursiva do “caminho” ὁδός pode ser observada focalizando esses três estados e/ou movimentos. Na sua discursivização, a configuração discursiva do “caminho” ὁδός tem como termos-chave, os seguintes: a) A permanência é marcada pela condição/estado trazido pela figura da fé ἐν πίστει “em/com fé”. b) A saída, pela figura do “fazer juízos atravessados” ἐν διακρινόμενος, por extensão “duvidar”. c) O retorno, pela figura das freqüentes “belas/eficientes/boas idas e vindas” τῆς καλῆς ἀναστροφῆς.

Os três sintagmas citados são fortemente modalizados espacialmente a partir da morfologia do termo grego com os sufixos preposicionais, como segue:

vers.	Morfologia	Espacialização
1:6	(ἐπί) (στ) (η) (μι)	ἐπί sobre, em cima de com contacto
1:6	(διά) (κρίνω)	διά através de, ao longo de
3:13	(Ἀνά) (στ) (ρωφη)	Ἀνά movimento de baixo para cima

Figura 03: Modalização espacial nos termos dos versículos 1:6 e 3:13

No vers. 1:6, os dois sintagmas que indicam a permanência e a saída do caminho, são formados com o auxílio da preposição ἐν “no interior de”. Essa preposição semantiza o espaço como um espaço delimitado e englobado. Acrescente-se, na expressão, a semântica da estabilidade trazida pelo termo πιστός. No vers. 3:13, a figura ἀναστροφή indica o retorno.

Da mesma forma, ἀναστροφή é uma palavra composta com uma preposição. Trata-se da preposição, ou prefixo separável, ἀνά. A preposição ἀνά aporta a semântica de um movimento no espaço, direcionado de baixo para o alto. O termo ἀναστροφή auxilia a semantizar espacialmente a narratividade, pela figura do movimento do retorno. Aqui merece ser feito um breve e necessário parêntese sobre uma questão de tradução. Nossa tradução, de preferência, para o sintagma καλῆς ἀναστροφῆς é “boa, eficiente ação de ir e vir”¹¹³ difere das traduções usuais assinaladas abaixo:

(TB) – Tg 3:13 Quem entre vós é sábio e instruído? Mostre por seu bom procedimento as suas obras em mansidão de sabedoria.	(RA) - Tg 3:13 Quem entre vós é sábio e inteligente? Mostre em mansidão de sabedoria, mediante condigno proceder , as suas obras.	(RC) - Tg 3:13 Quem dentre vós é sábio e inteligente? Mostre, pelo seu bom trato , as suas obras em mansidão de sabedoria.
---	--	---

¹¹³ Uma das traduções, de acordo com Bailly, é “intr. faire de fréquents détours ». Cf. Verbeté “ἀναστροφῆς”. In: BAILLY, M. A. *Dictionnaire grec-français*. Paris: Librairie Hachette, 1894.

<p>(Frei João) - Tg 3:13 quem dentro vós é sábio e inteligente? Mostre, pela boa conduta as suas obras feitas em mansidão de sabedoria.</p>	<p>(JERUSALÉM) – Tg 3:13 quem dentre vós é sábio e entendido? Mostre pelo seu bom comportamento as suas obras repassadas de docilidade e sabedoria.</p>	<p>(NTLH) - Tg 3:13 Existe entre vocês alguém que seja sábio e inteligente? Pois então que prove isso pelo seu bom comportamento e pelas suas ações, praticadas com humildade e sabedoria.</p>
---	---	--

Figura 04 - Traduções usuais para o sintagma *καλῆς ἀναστροφῆς* nas versões em língua portuguesa, da Epístola de Tiago.

Nas traduções acima, o enfoque é legalista, de Lei.¹¹⁴ Os tradutores fazem uma interpretação moral e legalista ao traduzir τῆς καλῆς ἀναστροφῆς por “boa conduta de vida”. Já a tradução de τῆς καλῆς ἀναστροφῆς como “boa, eficiente, ação de ir e vir” enfatiza o processo, o movimento do sujeito no caminho, e não a sanção.

Se tomarmos como eixo espacial básico a figura do caminho, a moção espacial sugerida pela preposição *ἀνά* auxiliaria a construir a semântica da entrada, saída e retorno no caminho. Essa mesma moção espacial sugerida pela preposição *ἀνά* se insere na dicotomia espacial alto/baixo, que é extraordinariamente marcada na Epístola e funciona como recurso discursivo valioso na leitura da argumentação que (des)constrói da identidade do destinatário. Por extensão, a preposição *ἀνά* auxiliaria também a construir a isotopia semântica da estabilidade/ instabilidade do mesmo destinatário, também extraordinariamente marcada na Epístola.

A isotopia semântica da estabilidade/instabilidade é mantida por uma série de figuras, como por exemplo, a figura que compara homem “que faz juízos atravessados/o que discrimina” ὁ γὰρ διακρινόμενος com a onda do mar no vers. 1:6.

1:6 αἰτείτω δὲ ἐν πίστει μηδὲν διακρινόμενος ὁ γὰρ διακρινόμενος ἕοικεν κλύδωνι θαλάσσης ἀνεμιζομένῳ καὶ ῥιπιζομένῳ.

¹¹⁴ Dizemos que é uma tradução legalista porque remete à idéia de que a ênfase está nas ações que estão de acordo com uma norma ou lei, e não como uma ação de esforço pessoal na manutenção do percurso do sujeito. O enfoque das traduções é no ato social. Nossa visão focaliza o esforço interior do sujeito.

1:6 Que ele busque/entre no ato de buscar com fé, e não fazendo julgamentos atravessados/ considerações/discriminações, pois o que está fazendo julgamentos atravessados/ considerações/ discriminações parece uma onda do mar, que está sendo agitada/empurrada e soprada pelo vento.

AS EXPRESSÕES: Ἐν πίστει e μηδὲν διακρινόμενος

A expressão ἔν διακρινόμενος, no enunciado englobante, está em oposição direta com a expressão ἔν πίστει “com fé”. E, a progressão textual, a partir destas expressões ἔν πίστει e ἔν διακρινόμενος, começa a dar uma forma mais forte à figura do caminho relacionado ao sujeito que lá se encontra. Ao mesmo tempo, é importante assinalar que as duas expressões estão construindo a narrativa da busca da sabedoria. Assim, a espacialização está relacionada diretamente com o objeto/objetivo do sujeito destinatário da Epístola.

O sintagma ἔν πίστει “em/com fé” remete a um estado do sujeito: as doze tribos na dispersão. Esse estado é axiologizado como positivo pelo orador. No vers. 1:6, há uma condição para obter uma sabedoria, essa última pressuposta, como faltante, no destinatário. A condição ἔν πίστει “em/com fé” cria uma estabilidade necessária para que o objeto *sabedoria* seja adquirido. A etimologia do termo πίστις “fé” tem na sua morfologia o encontro consonantal στ-. As duas consoantes quando acopladas, em muitas línguas, formam palavras que têm a semântica de uma postura firme, uma estabilidade.¹¹⁵ Esta semântica pode ser estendida para o campo semântico de uma parada ou permanência. Do ponto de vista narrativo, no entanto, essa estabilidade não pode ser uma condição que petrifica o sujeito. A maleabilidade, plasticidade de um sujeito lhe assegura a possibilidade de uma mudança sempre recomendável. Em Tiago, a eventualidade de uma mudança aparece na idéia do “enredamento/envolvimento” πειρασμός. O estado de permanência no caminho admite o πειρασμός. E, mesmo, é recomendado, que o destinatário se alegre com essa condição¹¹⁶.

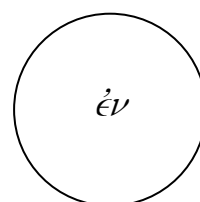
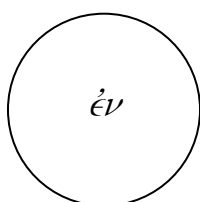
¹¹⁵ Ver, por exemplo, entre outras, as palavras: *postura, estável, estátua, estabilidade, estação, estaca, estar.*

¹¹⁶ Versículo 1:2 πᾶσαν χαρὰν ἠγήσασθε, ἀδελφοί μου, ὅταν πειρασμοῖς περιπέσητε ποικίλοις, “Meus irmãos, dirigi-vos [ide] - em direção a toda a alegria, quando estiverdes enredados nas mais diversas (tentativas, provas)”.

PREPOSIÇÃO ἐν e ESPAÇO - O uso da preposição ἐν , nas duas expressões, ἐν πίστει “em fé, com fé”, e o ἐν διακρινόμενος “em/com fazendo juízos atravessados” modaliza espacialmente a condição. É como se o sujeito que busca a sabedoria fosse/estivesse no interior de um círculo que figura espacialmente tanto a fé como os juízos atravessados.

διακρίνειν “fazer juízos atravessados”

πίστις “fé”



Estando no interior do círculo, há uma estabilidade interior do sujeito. Isso não quer dizer que haja uma estabilidade exterior. É previsto na narrativa que, no trajeto de busca do sujeito, apareçam os oponentes. O que é assegurado com a semântica da preposição ἐν é uma blindagem espacial, trazida pelo envolvimento/englobamento. Assim, os dois estados são precisamente semantizados e discursivamente também isolados. Tal isolamento estará, por exemplo, em função da argumentação, que utilizará a técnica argumentativa da dissociação de noções.

Mas qual é então a diferença entre os dois estados que a figura espacial do círculo reforça?

A diferença se encontra na relação que o sujeito estabelece com seu objeto. Nos dois casos, o objeto ao qual o sujeito está ligado é uma ação, a ação de “buscar” αἰτέω a sabedoria da parte do Deus. Assim, o vers. 1:3 introduz a figura da sabedoria como um dos traços para a configuração do “caminho” ὁδός. A modalização espacial trazida pela preposição ἐν reforça a figuração do estado e contribui para a (des) construção do

sujeito no caminho. Dessa forma, a leitura /análise do discurso de Tiago se estende para outros elementos como: a perseverança/constância/permanência; a experimentação, a prova; o trabalho que chega ao fim; a transformação do sujeito: herdeiros completos e atingidores de sua meta; e a ausência (nenhuma) da falta; conforme a seguir:

1:3 γινώσκοντες ὅτι τὸ δοκίμιον ὑμῶν τῆς πίστεως κατεργάζεται ὑπομονήν.

1:3 Ao mesmo tempo tomando conhecimento/sabendo,sabedores de que a prova da vossa fé/colocação em pé/postura está realizando com seu trabalho para vós mesmos,, a perseverança/a permanência.

1:4 ἡ δὲ ὑπομονὴ ἔργον τέλειον ἔχέτω, ἵνα ἦτε τέλειοι καὶ ὀλόκληροι ἐν μηδενὶ λειπόμενοι.

1:4 E a perseverança comece a ter/continue a ter um trabalho completo/que atinge sua meta, para que sejais completos/atingidores do fim/meta e herdeiros completos, em nada faltantes.

1:5 Εἰ δέ τις ὑμῶν λείπεται σοφίας, αἰτείτω παρὰ τοῦ διδόντος θεοῦ πᾶσιν ἀπλῶς καὶ μὴ ὀνειδίζοντος καὶ δοθήσεται αὐτῷ.

1:5 E se, dentre vós, alguém está precisando/carecendo/faltante de sabedoria, diga a que ele que busque/que ele entre no ato de buscar, da parte do Deus doante/que está doando a todos, simplesmente, e que não censura /não está agredindo e ser-lhe-á dada.

E os elementos da sabedoria/o sábio conforme vers. 1:5/ 3:13/3:15/3:17:

3:13 Τίς σοφὸς καὶ Ἐπιστήμων ἐν ὑμῖν; δεῖξάτω ἐκ τῆς καλῆς ἀναστροφῆς τὰ ἔργα αὐτοῦ ἐν πραύτητι σοφίας.

3:13 Quem (é) sábio e instruído/erudito em vós, diga a ele que mostre os trabalhos dele pela eficaz/boa/bonita ação de ir e vir, em doçura/mansidão de sabedoria.

3:15 οὐκ ἔστιν αὕτη ἡ σοφία ἄνωθεν κατερχομένη ἀλλὰ Ἐπίγειος, ψυχική, δαιμονιώδης.

3:15 Essa não é a sabedoria [a] que está descendo do alto, mas [uma] que está sobre a terra/terrena , vivente/do mundo, mental, demoníaca/que diz respeito aos demônios.

3:17 ἡ δὲ ἄνωθεν σοφία πρῶτον μὲν ἀγνή ἐστιν, ἔπειτα εἰρηνικὴ, ἐπιεικὴς, εὐπειθής, μεστὴ Ἐλέους καὶ Καρπῶν ἀγαθῶν, ἀδιάκριτος, ἀνυπόκριτος.

3:17 A sabedoria (que vem) do alto, primeiro é pura/inocente, depois pacífica, conveniente/na justa medida), obediente/dócil,cordata, cheia de compaixão/piedade e de frutos bons.

O CAMINHO NAS INSTÂNCIAS ENUNCIATIVA E DISCURSIVA

Os PSNEs da instância da enunciação *lato sensu* têm uma « contrapartida » na instância discursiva. As figuras na instância discursiva são anáforas, representações, ou mesmo índices dos elementos da instância da enunciação.

A “fé” πίστις é uma figura que pode ser focalizada como um estado do sujeito no nível da instância discursiva, e a fé também figurativiza um elemento do nível narrativo da instância da enunciação. Na instância discursiva, a “fé” πίστις, é condição que cria o estado para a busca da sabedoria. Ela modaliza, na visão tradicional, com a modalidade do *crer*. Na nossa proposta teórica ela modaliza com uma postura que remete ao *querer*. No nível enunciativo, uma posição que se sustenta pela homologação de duas vontades, ou seja a vontade do sujeito da prescrição e a vontade do sujeito do *fazer*. No nível discursivo, a vontade de um sujeito que pode *querer*, figurativizado como Deus, o Senhor, Jesus Cristo, e a vontade de um sujeito da ação de busca de sabedoria. A “fé” πίστις, tal como aparece no discurso, nos vers. 1:5-6, modaliza pelo *crer* o PN pressuposto do auditório. Posta em relação com a instância da enunciação, a “fé” πίστις representa e anaforiza um elemento do PSNE do sujeito do πάσχειν. Esse elemento é também uma postura, e condição criada pela energia que sustenta o agora, cria um aqui, e permite que o sujeito possa ser chamado eu. Também na instância da enunciação a fé” πίστις, como energia que sustenta o agora aparece pela homologação de duas vontades. Há, pois, no discurso evangélico, dois Percursos Narrativos que remetem um ao outro, e que formam o todo estruturado composto pelo discurso e pela enunciação. Na instância da enunciação, o espaço é o *aqui*, criado no PSNE do sujeito do πάσχειν. Um espaço que, ao mesmo tempo em que é criado, é também ocupado. Na instância discursiva, nível discursivo/narrativo, esse espaço é figurativizado como o “caminho” ὁδός. Nas duas instâncias, o espaço não é simplesmente ocupado, isoladamente pelo sujeito. Tanto o espaço *aqui* como o espaço “caminho” ὁδός só são ocupados à medida que se sustentam as relações entre sujeito e o objeto. Na instância discursiva, essas relações são figurativizadas: Primeiro, há um objetivo, a sabedoria, a ser adquirido pela busca. Segundo, há um objeto que se intersecciona com o objetivo.

Esse objeto da experimentação é o membro do grupo com o qual o sujeito da busca se relaciona.

Em Tiago, um discurso evangélico, o esforço do sujeito na instância discursiva é indicado, por exemplo, pelas raízes das figuras formadas pelo termo *ἔργον* “trabalho” e *ποιέω* “fazer/criar”. São figuras que criam o efeito de continuidade, da permanência do sujeito no “caminho” *ὁδός*. O esforço na instância da enunciação é a energia da vontade colocada em marcha para sustentar um *agora*, que cria e assegura a permanência do sujeito no seu percurso. Uma vontade que é criada por homologação da vontade do sujeito do *πάσχειν* com a vontade do sujeito da prescrição, e que no início do PSNE disse: *agora!*. No discurso da Epístola, o sujeito da prescrição é discursivizado como “Tiago”. É ele, como enunciador pressuposto, que se encontrando num momento *agora*, faz uma série de exortações: Comece a buscar, não continueis a vagar, etc.¹¹⁷ A construção do percurso figurativo do “caminho” *ὁδός* na instância discursiva leva em conta (representa ou anaforiza) o PSNE do sujeito do *πάσχειν*, no momento do sentir, experimentar, sofrer de seu objeto na instância da enunciação. Tanto isso é verdade que a relação da “fé” *πίστις* com a figura “caminho” *ὁδός* é claramente explicitada na conclusão/sanção do vers. 1:8 *ἀνὴρ δίψυχος, ἀκατάστατος ἐν πάσαις ταῖς ὁδοῖς αὐτοῦ*. Ou seja, quem não busca a sabedoria com fé é “Um homem masculino de mente dupla, inconstante/instável/ desposicionado em todos os caminhos dele.”

Temos então, na nossa leitura, até aqui, algumas relações entre as duas instâncias - discursiva e enunciativa - que auxiliam a dar um efeito de sentido para a configuração do “caminho” *ὁδός*, como segue:

Um sujeito do sentir	Na INSTÂNCIA DA ENUNCIÇÃO	sujeito do <i>πάσχειν</i>
Um objeto do sujeito do sentir	Na INSTÂNCIA DA ENUNCIÇÃO	Objeto do <i>πάσχειν</i>
Um ator chamado Tiago.	No nível discursivo	Sujeito: Tiago
Um auditório chamado as doze tribos.	Na instância discursiva	Objeto/sujeito: As doze Tribos na dispersão

¹¹⁷ Na epístola são trinta e nove (39) exortações usando o modo imperativo.

Um percurso do sujeito do πάσχειν	Na INSTÂNCIA DA ENUNCIACÃO	PSNE do πάσχειν
Um percurso do sujeito - as doze tribos na dispersão - no ὁδός “caminho”.	Na instância discursiva	ὁδός “caminho”.
E Elemento comum aos dois percursos: um esforço, uma postura um não esquecimento.	Nas duas instâncias	πίστις, - ἀλήθης)

FIGURA 05 – Relações entre as instâncias - discursiva e enunciativa que auxiliam na criação do tema do “caminho” ὁδός, .

Os elementos dos PNs discursivos e enunciativos se homologam e constroem a idéia de conjunto, de um todo formado pelas duas instâncias. O que se passa no percurso do sujeito na instância da enunciação se passa, também, no percurso do sujeito na instância discursiva. Os dois podem ser representados abstratamente num mesmo esquema narrativo. Os elementos desses percursos podem até ser os mesmos, isto é, representados metalingüisticamente pelas mesmas figuras. Enfim, o percurso do sujeito discursivo, proposto por Tiago ao destinatário que está no espaço “caminho” ὁδός é o equivalente ao PSNE do sujeito do πάσχειν, que está criando e, ao mesmo tempo, ocupando o espaço *agora νῦν*. Postas em relação, as duas instâncias mostram uma equivalência de objetivos a serem alcançados pelos sujeitos dos PNs. E elas também mostram uma equivalência de objetos a serem sentidos.

Até agora focalizamos a leitura da relação do PSNE sujeito do πάσχειν da instância da enunciação com o PN do sujeito do mesmo sujeito na instância do discurso.

118

A relação dos dois percursos enunciativo e discursivo pode servir para a construção de uma teoria enunciativa evangélica. A enunciação do sujeito religioso no discurso evangélico, ousamos afirmar, é mesmo um tema do discurso de Tiago. Esta proposta está colocada, nos vers. 1:26-27, para um sujeito que pretende estar no “caminho” ὁδός, um sujeito que será chamado θρησκός “fazedor religioso”, um percurso

¹¹⁸ Se focalizarmos o percurso do enunciatário *stricto sensu*, consideramos que ele é constituído também dos mesmos elementos. O enunciatário *stricto sensu*, sujeito que assume a palavra, nada mais realiza do que fazer “o agora permanecer”, το νῦν ὑπάρχειν. Isso aparece na construção e progressão textuais.

que será chamado θρησκεία “fazer religião”. Esse sujeito tem um ato enunciativo *lato sensu* - criação e ocupação de um espaço de presença - que é o objetivo de seu próprio ato. O ato e o objetivo se confundem. O objetivo é a ação de permanecer no caminho, que remete ao exterior (presença no mundo).

Na Epístola, tanto o grupo como um todo, as doze tribos na dispersão, como cada membro em particular, são um sujeito que tem um PSNE do sentir, na instância enunciativa. Na instância discursiva, o grupo ou cada um de seus membros tem o seu PN espacializado e figurativizado como o “caminho” ὁδός. Nesse caminho, o sujeito tem o seu irmão, como objeto do sentir, experimentar, sofrer de. O seu irmão, no vers. 2:15, é aquele que não tem comida, que não tem vestes. No vers. 3:9, é o ser humano criado à imagem e semelhança de Deus; e no vers. 2:1-4 é o que frequenta a sinagoga.¹¹⁹

vers.	Texto grego	Tradução linear	O objeto do sentir do <i>sujeito</i>
2:2	2:2 ἐὰν γὰρ εἰσέλθῃ εἰς συναγωγὴν ὑμῶν ἀνὴρ χρυσοδακτύλιος ἐν ἑσθήτι λαμπρῷ, εἰσέλθῃ δὲ καὶ πτωχὸς ἐν ῥυπαρῷ ἑσθήτι,	2:2 Se, pois, entrar dentro da sinagoga de vocês um homem masculino que tem um anel de ouro com veste brilhante, mas, também, se entrar um pobre com veste comum.	seu irmão: (vers. 2:2) – com <i>aparência</i> de rico e com <i>aparência</i> de pobre
2:15	2:15 ἐὰν ἀδελφὸς ἢ ἀδελφὴ γυμνοὶ ὑπάρχωσιν καὶ λειπόμενοι τῆς ἐφημέρου τροφῆς	2:15 Se um irmão ou uma irmã permanecerem nus e faltantes/carentes do pão cotidiano.	seu irmão: aquele que não tem comida, que não tem vestes
3:9	3:9 ἐν αὐτῇ εὐλογοῦμεν τὸν κύριον καὶ Πατέρα καὶ Ἐν αὐτῇ καταρώμεθα τοὺς ἀνθρώπους τοὺς καθ' ὁμοίωσιν θεοῦ γεγονότας,	3:9 Com ela bendizemos/elogiamos o senhor e pai e com ela amaldiçoamos/lançamos pragas em direção aos seres humanos, os nascidos de acordo com a semelhança de Deus.	o ser humano criado à imagem e semelhança de Deus

Figura 06 - Sujeitos e objetos do PN espacializado e figurativizado como “caminho” ὁδός.

¹¹⁹ Para Tiago, os irmãos estão nas doze tribos na dispersão: eles não têm o que lhe é próprio: ο τὸν ἔμφυτον λόγον, o presente de Deus, que tem o poder de restaurar as suas mentes (vers. 1:21); eles frequentam a sinagoga (vers. 2:2); eles são criados à imagem e semelhança de Deus (vers. 3:9).

OPONENTES NO CAMINHO

Os percursos de Tiago e o das doze tribos na dispersão têm também seus oponentes comuns: os anti-sujeitos e os obstáculos. O quadro abaixo relaciona alguns desses oponentes.

vers.	Texto do vers. -grego	Português	Os oponentes comuns aos Percursos (οδοι πάσχειν)
1:14	1:14 ἕκαστος δὲ πειράζεται ὑπὸ τῆς ἰδίας ἐπιθυμίας ἐξεκλόμενος καὶ δελεαζόμενος·	1:14 Mas cada um é/está sendo envolvido/provado/tentado pela própria ambição/cobiça. Estando sendo arrastado/tirado, pescado e sendo iscado/seduzido.	A ἐπιθυμία “ambição”
1:5	Εἰ δέ τις ὑμῶν λείπεται σοφίας,	1:5 E se, dentre vós, alguém está precisando/carecendo/faltante de sabedoria	A falta de sabedoria (σοφία).
3:14	3:14 εἰ δὲ ζῆλον πικρὸν ἔχετε καὶ ἔριθίνα ἐν τῇ καρδίᾳ ὑμῶν, μὴ κατακαυχᾶσθε καὶ ψεύδεσθε κατὰ τῆς ἀληθείας.	3:14 Mas, se uma inveja amarga e um sentimento faccioso e um sentimento faccioso continuais a ter no coração, não continuais a vos vangloriar sobre os outros/a desprezar e (não) começais a mentir/não continuais a mentir de acordo com/contra a verdade.	O ζῆλος “inveja” e a ἐριθεία “sentimento faccioso”.
4:5	4:5 ἢ δοκεῖτε ὅτι κενῶς ἡ γραφὴ λέγει, πρὸς φθόνον ἐπιποθεῖ τὸ πνεῦμα ὃ κατώκισεν ἐν ἡμῖν,	4:5 Ou vos parece/está parecendo que, em vão, a escritura diz/está dizendo: contra o “segurar para si”/avareza deseja o espírito, aquele que morou/habitou em vós?	O espírito do φθόνος segurar para si

Figura 07 – Oponentes comuns aos percursos: enunciativo (PSNE) e Discursivo ὁδος “caminho”

No esquema narrativo do PSNE do sujeito do sentir πάσχειν, figurativizado como Tiago, há um objeto do sentir, que é o destinatário da epístola, as doze tribos na dispersão. Por sua vez, no esquema narrativo do PSNE do sujeito do πάσχειν, figurativizado como as doze tribos na dispersão, há também um objeto do sentir, esse

objeto é o seu “irmão”, membro do grupo. No esquema narrativo do discurso evangélico, o sujeito não tem somente como meta adquirir um objeto, tal como sugere o ensinamento da metodologia Semiótica. O sujeito tem como meta um objetivo: sentir seu objeto no trajeto do percurso. Para o objetivo ser alcançado, é necessário criar um conjunto de condições.

No percurso de Tiago, como sujeito do *πάσχειν*, o objeto do sentir é as doze tribos na dispersão. Essa é uma figura que remete, na verdade, a um conjunto de condições que capacitam o sujeito a atingir seu objetivo. É por isso que Tiago escreve uma epístola tendo como destinatário o seu objeto do sentir - as doze tribos na dispersão. É o destinatário, como objeto, que cria as condições para que o sujeito atinja seu objetivo. O atingimento do objetivo se mostra pela presença da Epístola que figurativiza: o corpo do sujeito no ato de sentir, seu esforço e sucesso em sustentar o seu *agora*, e a ocupação de um espaço o *aqui*, o qual aparece materializado no texto, a partir de seu início até o seu ponto final. Já no percurso das doze tribos na dispersão, o objeto do sentir é o seu irmão, membro do seu próprio grupo. Nesse percurso, o objetivo a ser atingido é a aquisição de uma identidade, a possibilidade de poder dizer *eu*, ou poder ser chamado por um nome, que lhe é atribuído pelo sujeito do *λέγειν*. Um nome, que na Epístola é figurativizado de várias maneiras, criando os atributos da configuração identitária do sujeito.

A condição necessária para que o sujeito adquira um nome é o cumprimento de pequenas metas e objetivos, mantendo-se no “caminho” *ὁδός*. Para isso é necessário: posicionar-se “com fé” *ἐν πίστις*; não esquecer de manter atenção *ἀληθής*; “trabalhar/criar/ fazer” *ποιεῖν*. As pequenas metas e objetivos são os enumerados no enunciado englobante, vers. 1:3.

1:3 γινώσκοντες ὅτι τὸ δοκίμιον ὑμῶν τῆς πίστεως κατεργάζεται ὑπομονήν.
1:3 Ao mesmo tempo tomando conhecimento/sabendo, sabedores de que a prova da vossa fé/colocação em pé/postura está realizando com seu trabalho para vós mesmos,, a perseverança/a permanência.

1:4 ἡ δὲ ὑπομονὴ ἔργον τέλειον ἔχεται, ἵνα ἦτε τέλειοι καὶ ὁλόκληροι ἐν μηδενὶ λειπόμενοι.

1:4 E a perseverança começa a ter/continue a ter um trabalho completo/que

atinge sua meta, para que sejais completos/atingidores do fim/meta e herdeiros completos, em nada faltantes.

O trabalho no PSNE do *πάσχειν* é sustentar um *agora*, criar um *aqui*, e ao final adquirir uma condição de ser chamado *eu*. O trabalho é ao mesmo tempo o esforço para permanecer no Percurso. O trabalho no percurso das doze tribos na dispersão é permanecer no “caminho” *ὁδός*, e assim, sustentar um *agora* – a vida; e ocupar um lugar *aqui*. O lugar *aqui* é ao mesmo tempo exterior, já que remete a relacionamentos no mundo, e a construção de um lugar tópico de sua própria presença.

Ao final, o trabalho no percurso das doze tribos na dispersão consiste em poder adquirir uma identidade. A aquisição de uma identidade é sancionada no PN do sujeito, sendo lhe concedido um nome, conforme quadro a seguir:

Vers.	Texto grego	Texto Português	Nomes atribuídos a um sujeito que se institui como <i>eu</i>
3:09	3:9 ἐν αὐτῇ εὐλογοῦμεν τὸν κύριον καὶ Πατέρα καὶ Ἐν αὐτῇ καταρώμεθα τοὺς ἀνθρώπους τοὺς καθ' ὁμοίωσιν θεοῦ γεγονότας,	3:9 Com ela bendizemos/elogiamos o senhor e pai e com ela amaldiçoamos /lançamos pragas em direção aos seres humanos, os nascidos de acordo com a semelhança de Deus.	Καθ' ὁμοίωσιν θεοῦ γεγονότας
1:26	1:26 Εἴ τις δοκεῖ θρησκὸς εἶναι μὴ χαλιναγωγῶν γλώσσαν αὐτοῦ ἀλλὰ ἀπατῶν καρδίαν αὐτοῦ, τούτου μάταιος ἢ θρησκεία.	1:26 Se alguém está parecendo ser um religioso/fazedor religioso e, ao mesmo tempo, não estando refreando a sua língua, mas enganando continuando a enganar o seu oração, a religião dele é vã/sem valor.	θρησκὸς
1:18	βουληθεὶς ἀπεκύησεν ἡμᾶς λόγῳ ἀληθείας εἰς τὸ εἶναι ἡμᾶς ἀπαρχὴν τινα τῶν αὐτοῦ κτισμάτων.	1:18 Tendo tido vontade, ele nos colocou no mundo (gerou) pela palavra da verdade para nós sermos uma (certa) primícia das criaturas dele.	ἀπαρχὴν τινα
1:04	ἡ δὲ ὑπομονὴ ἔργον τέλειον ἐχέτω, ἵνα ἦτε τέλειοι καὶ ὀλόκληροι ἐν μηδενὶ λειπόμενοι.	1:4 E a perseverança comece a ter (continue a ter) um trabalho que chega ao fim (completo) para que sejais completos (atingidores do fim/meta) e herdeiros completos, em nada faltantes.	τέλειοι καὶ ὀλόκληροι

1:22	1:22 Γίνεσθε δὲ ποιηταὶ λόγου καὶ μὴ μόνον ἀκροαταὶ παραλογιζόμενοι ἑαυτοῦς.	1:22 Tornai-vos começai/continuai a vos tornar fazedores/criadores da palavra e não enganadores de si mesmos, (como) ouvintes somente.	ποιηταὶ λόγου
1:23	1:23 ὅτι εἴ τις ἀκροατῆς λόγου ἐστὶν καὶ Οὐ ποιητῆς, οὗτος ἔοικεν ἀνδρὶ Κατανοοῦντι τὸ πρόσωπον τῆς γενέσεως αὐτοῦ ἐν ἐσόπτρῳ.	1:23 Porque, se alguém é ouvinte da palavra, e não fazedor/realizador, esse parece um homem que está observando/refletindo a aparência de nascimento/nascença dele, em um espelho.	ποιητῆς,
1:25	1:25 ὁ δὲ παρακύψας εἰς νόμον τέλειον τὸν τῆς ἐλευθερίας καὶ παραμείνας, οὐκ ἀκροατῆς ἐπιλησμονῆς γενόμενος ἀλλὰ ποιητῆς ἔργου, οὗτος μακάριος ἐν τῇ ποιήσει αὐτοῦ ἔσται.	1:25 Mas o que tendo olhado com atenção para dentro da lei perfeita/ que tem meta, aquela da liberdade e, ao mesmo tempo, está perseverando, não tendo se tornado ouvinte esquecido mas realizador do trabalho, esse será bem aventurado/feliz em sua ação criação.	ποιητῆς ἔργου
04:11	4:11 Μὴ καταλαλεῖτε ἀλλήλων, ἀδελφοί. ὁ καταλαλῶν ἀδελφοῦ ἢ κρίνων τὸν ἀδελφὸν αὐτοῦ καταλαλεῖ νόμου καὶ κρίνει νόμον· εἰ δὲ νόμον κρίνεις, οὐκ εἰ ποιητῆς νόμου ἀλλὰ κριτῆς.	4:11 Irmãos, não falais/cessai de falar mal um dos outros. O que está falando/o falante/o que continua falando mal do irmão ou o que está julgando/julgador/continua julgando seu irmão está falando da lei e está julgando a lei. E, se julgas/continuas julgando a lei, não és fazedor/produtor da lei, mas juiz.	ποιητῆς νόμου

Figura 08 – Figurativizações do nome do sujeito transformado, que atinge a condição de ser chamado *eu*

O ESPAÇO A CONSTRUIR E A DEFENDER

É necessário fazer também uma ligação entre a questão da modalização espacial e o percurso narrativo do sujeito do *πάσχειν* na instância enunciativa. Se o sujeito do *πάσχειν*, ainda na condição de proto-sujeito, consegue sustentar o seu *agora*, ele cria um lugar: o *aqui*. Dizemos que o *aqui* é o espaço ocupado, ou que está sendo ocupado pelo sujeito durante seu percurso. A ocupação de um espaço é também uma condição para que o sujeito apareça discursivamente no mundo. Na instância enunciativa, o espaço ocupado, ou que está tentando ser ocupado pelo sujeito, é figurado, metalingüisticamente, como *aqui*. Na instância discursiva, esse mesmo espaço é representado pela figura do caminho.

A figura discursiva pode ser considerada uma anáfora, ou mesmo um índice, se considerarmos que a instância enunciativa e o texto/discurso formam um conjunto, embora sejam duas semióticas diferentes. Uma virtual e tradicionalmente vista como um ato pressuposto, e outra real já que um objeto concreto, e com as características de um produto. A semiótica do texto/discurso representa e anaforiza, pelas figuras, a semiótica da instância enunciativa. Podemos tentar fazer nos vers. 4:4-7, uma leitura da espacialização nas duas instâncias, a enunciativa e a discursiva. O quadro abaixo tenta resumir e assinalar a correspondência dos espaços nas duas instâncias.

Junto com a correspondência espacial, assinalamos marcas textuais que marcam a defesa do espaço em dois PNs: o do sujeito “Deus” e o do sujeito as doze tribos na dispersão.

VERSÍCULO	ESPAÇOS NO NÍVEL DISCURSIVO	ESPAÇOS NO NÍVEL ENUNCIATIVO
4:4 μοιχαλίδες, οὐκ οἶδατε ὅτι ἡ φιλία τοῦ κόσμου ἔχθρα τοῦ θεοῦ ἐστίν; ὃς ἐὰν οὖν βουλευθῆ φίλος εἶναι τοῦ κόσμου, ἐχθρὸς τοῦ θεοῦ καθίσταται.	DOIS ESPAÇOS	
	O espaço pressuposto em que está Deus, e	O <i>aqui</i> criado na relação S+Objeto/Deus ou S+Objeto/Irmão
4:4 Adúlteras, não sabeis vós que a amizade do mundo é inimizade contra Deus? Portanto, aquele que desejar ser/continuar sendo amigo do mundo ele está posicionando/instalando como inimigo de Deus.	O espaço chamado “mundo” κόσμος	Fora do <i>aqui</i> : ἡ φιλία τοῦ κόσμου
	DISCURSIVIZAÇÃO DO DESTINATÁRIO: μοιχαλίδες e ὃς ἐὰν οὖν βουλευθῆ φίλος εἶναι τοῦ κόσμου, ἐχθρὸς τοῦ θεοῦ καθίσταται.	

<p>4:5 ἡ δοκεῖτε ὅτι κενῶς ἡ γραφή λέγει, πρὸς φθόνον ἐπιποθεῖ τὸ πνεῦμα ὃ κατώκισεν ἐν ἡμῖν, 4:5 Ou vos parece/está parecendo que, em vão, a escritura diz/está dizendo: contra o “segurar para si”/avareza deseja o espírito, aquele que morou/habitou em vós?</p>	<p style="text-align: center;">UM ESPAÇO</p> <p>O espaço ocupado/delimitado pelo corpo humano</p> <p>“em nós” ἐν ἡμῖν - o qual é habitado por um anti-sujeito. φθόνον.</p>	<p>Um aqui, invadido por um sujeito/oponente – “uma paixão” Φθόνος.</p>
---	---	---

Figura 09 - Exemplos de equivalência de espaços nos PNs dos sujeitos “Deus” e do sujeito “as doze tribos na dispersão” (incluindo o orador)

Para que o sujeito siga tranqüilo em seu percurso, é desejável que os espaços não sejam invadidos. Uma vez invadidos, os espaços precisam ser defendidos. A figurativização da resistência aparece no discurso de Tiago, por exemplo, na figura do verbo ἀντιτάσσειν “resistir”.

	<p style="text-align: center;">ESPAÇO NO NÍVEL DISCURSIVO</p>	<p style="text-align: center;">ESPAÇOS NO NÍVEL ENUNCIATIVO</p>
<p>4:6 μείζονα δὲ δίδωσιν χάριν; διὸ λέγει, Ὁ θεὸς ὑπερηφάνοις ἀντιτάσσεται, ταπεινοῖς δὲ δίδωσιν χάριν. 4:6 Maior graça dá/continua dando? Por isso ele/a está dizendo diz/continua dizendo: O Deus resiste aos soberbos e ele dá/continua dando graça aos humildes.</p>	<p>O espaço pressuposto onde está deus. Deus “resiste” ἀντιτάσσεται à invasão de seu espaço.</p>	<p>Um aqui, ocupado por um <i>eu</i> individual - Deus.</p>

Figura 10 - Exemplo de espaço defendido pelo sujeito “Deus”.

<p>4:7 ὑποτάγητε οὖν τῷ θεῷ, ἀντίστητε δὲ τῷ διαβόλῳ καὶ φεύξεται ἀφ’ ὑμῶν, 4:7 Portanto, submetei-vos à autoridade de Deus mas resisti ao diabo e ele fugirá do meio de vós. 4:8 ἐγγίσατε τῷ θεῷ καὶ ἐγγιεῖ ὑμῖν καθαρίσατε χεῖρας, ἁμαρτωλοί, καὶ ἁγνίσατε καρδίας, δίψυχοι. 4:8 Aproximai-vos de Deus e ele se aproximará de vós. Limpai pecadores as mãos e purificai os corações /homens de/ mentes duplas.</p>	<p>O espaço pressuposto onde está Deus. Neste espaço o sujeito esta ὑπό “em baixo”τάγητε.</p>	<p>Um aqui de Deus. O sujeito “em "baixo" ὑπο - τάγητε</p>
---	---	--

Figura 11 - Exemplo de espaço defendido pelo sujeito “as doze tribos na dispersão”, o auditório da Epístola.

O ato de resistir já pressupõe um espaço invadido por um anti-sujeito, e, durante o tempo em que a invasão permanece, é necessário resistir. Se a resistência obtiver êxito, o anti-sujeito se retirará do espaço invadido. Essa retirada aparece na epístola de Tiago na figura da fuga, no vers. 4:07: φεύξεται ἀφ’ ὑμῶν “ele fugirá do meio de vós”.

O CAMINHO ὁδός e a θρησκεία

Em Tiago, há uma relação do sujeito θρησκός “fazedor religioso” vers. 1:26, com a θρησκεία “fazer religioso/religião” e o ὁδός “caminho”. A θρησκεία remete a três tipos de relações do homem que está no ὁδός “caminho”: as relações consigo mesmo, as relações com os outros homens e as relações com Deus. O homem chamado θρησκός “fazedor religioso” é o que tem uma θρησκεία καθαρὰ καὶ ἀμίαντος “uma religião/fazer religioso, pura e sem mácula”.

No ὁδός “caminho”, as relações consigo mesmo, primeiramente remetem ao objetivo do sujeito, quando em relação com seu objeto.

Essa relação subentende que o sujeito tem um corpo. O corpo está figurado, ou comparado, no texto/discurso da Epístola com(o): vers. 3:3 ἵππων “cavalos”; vers. 3:4 τὰ πλοῖα “navios”; vers. 3:5 πῦρ “fogo”; vers. 3:12 ἐλαίας “figueira”; vers. 3:12 ἄμπελος “videira”; vers. 5:18 ἡ γῆ “a terra”; vers. 1:6 κλύδωνι θαλάσσης “onda do mar”.

3:3 εἰ δὲ τῶν ἵππων τοὺς χαλινοὺς εἰς τὰ στόματα βάλλομεν εἰς τὸ πείθεσθαι αὐτοὺς ἡμῖν, καὶ ὅλον τὸ σῶμα αὐτῶν μετάγομεν.

3:3 Ora, se lançamos os freios para dentro da boca dos cavalos, para eles estarem sendo persuadidos por nós, também todo o corpo deles estamos conduzindo/mudando de lugar.

3:4 ἰδοὺ καὶ τὰ πλοῖα τηλικαῦτα ὄντα καὶ ὑπὸ ἀνέμων σκληρῶν ἐλαυνόμενα, μέταγεται ὑπὸ ἐλαχίστου πηδαλίου ὅπου ἡ ὀρμὴ τοῦ εὐθύνοτος βούλεται,

3:5 οὕτως καὶ ἡ γλῶσσα μικρὸν μέλος ἐστὶν καὶ μεγάλη ἀρχεῖ. ἰδοὺ ἡλίκων πῦρ ἡλίκην ὕλην ἀνάπτει·

3:5 Assim também a língua é um pequeno membro do corpo e de grandes coisas se enaltece. Vede quão pequeno fogo ilumina tão grande bosque.

3:12 μὴ δύναται, ἀδελφοί μου, συκῆ ἐλαίας ποιῆσαι ἢ ἄμπελος σύκα; οὔτε ἄλυκὸν γλυκὺ ποιῆσαι ὕδωρ.

3:12 Meus irmãos, não pode uma figueira produzir olivas ou uma perreira de uvas (produzir) figos, nem fonte salgada produzir uma água doce.

5:18 καὶ πάλιν προσήξατο, καὶ ὁ οὐρανὸς ὑετὸν ἔδωκεν καὶ ἡ γῆ ἐβλάστησεν τὸν καρπὸν αὐτῆς.

5:18 E de novo ele fez uma prece e o céu deu uma chuva forte e a terra germinou/floresceu o fruto dela.

1:6 αἰτείτω δὲ ἐν πίστει μηδὲν διακρινόμενος ὁ γὰρ διακρινόμενος ἕοικεν κλύδωνι θαλάσσης ἀνέμιζομένῳ καὶ ῥιπιζομένῳ.

1:6 Que ele busque/entre no ato de buscar com fé, e não fazendo julgamentos atravessados/ considerações/discriminações, pois o que está fazendo julgamentos atravessados/ considerações/ discriminações parece uma onda do mar, que está sendo agitada/empurrada e soprada pelo vento.

Para permanecer no ὁδός “caminho”, é preciso posicionar-se, colocar-se, adquirir uma posição. A figura da posição é trazida pelo sintagma ἐν πίστις. A fé é tradicionalmente considerada como um conceito abstrato, é um tema do “domínio” espiritual. No entanto, a discursivização da fé e seu contrário, na Epístola é feita por analogia, e estribada no domínio do sensível. O contrário da postura da fé é uma onda do mar estando sendo agitada /empurrada e soprada pelo vento, conforme vers. 1:6.

Há a possibilidade de que, no esforço para permanecer no caminho, o corpo sofra a ação de um oponente. Nesse caso ele cairá “será envolvido” περιπίπτω - vers. 1:2.

Se o oponente não for vencido, o sujeito do percurso irá se transformar num sujeito que não atingiu a sua meta, e será discursivizado, no vers. 1:6, como “o que está fazendo juízos atravessados” ὁ διακρινόμενος, e como “uma onda do mar estando sendo agitada /empurrada e soprada pelo vento” κλύδωνι θαλάσσης ἀνεμιζομένω καὶ ῥιπιζομένω, e no vers. 1:8 de “Um homem masculino de mente dupla, inconstante/instável/desposicionado em todos os caminhos dele. ” ἀνὴρ δίψυχος, ἀκατάστατος ἐν πάσαις ταῖς ὁδοῖς αὐτοῦ.

Voltamos aqui à idéia do englobamento trazida pela preposição ἐν. Como já assinalamos anteriormente, essa semântica remete á uma condição espacial interior do sujeito. O sujeito sustenta seu percurso ou não, de acordo com a postura que ele assume: se ἐν πίστει ele se sustentará no caminho, se ἐν διακρινόμενος ele não se sustentará. Mesmo permanecendo dentro do espaço englobado ele pode ser desestabilizado. Mas essa desestabilização é exterior, histórica, remetendo para uma narrativa discursiva. É o caso da desestabilização indicada pelo verbo περιράζω “enredar/envolver”. Esse enredamento/ envolvimento não desestabiliza internamente, em definitivo, o sujeito. Ele desestabiliza a história, a narrativa da qual o sujeito faz parte, a narrativa da busca de sabedoria na Epístola. Há possibilidade de que o sujeito saia do envolvimento causado pelo seu oponente. Para isso, ele terá que sustentar o seu esforço de permanecer no caminho e fazer um movimento “bom, bonito/eficiente” καλῆς. Esse movimento é sugerido, no vers. 3:13 “boa/ bonita/eficiente ação de ir e vir” καλῆς ἀναστροφῆς.

3:13 Τίς σοφὸς καὶ Ἐπιστήμων ἐν ὑμῖν; δεῖξάτω ἐκ τῆς καλῆς ἀναστροφῆς τὰ Ἔργα αὐτοῦ ἐν πρᾶτῃ σοφίας.

3:13 Quem (é) sábio e instruído/erudito em vós, diga a ele que mostre os trabalhos dele pela eficaz/boa/bonita ação de ir e vir, em doçura/mansidão de sabedoria.

Os enredamentos/envolvimentos podem ser provocados por oponentes que estão dentro do próprio sujeito. Por ex.: τῆς ἰδίας ἐπιθυμίας “pela própria ambição/cobiça”- vers. 1:14. Ou podem ser exteriores, com um assentimento interior, como por exemplo, a visão da aparência do rico nos vers. 2:2-4. Os enredamentos subjetivos, interiores, podem ser também do nível cognitivo (que mostram uma falta de/na sabedoria. Os intersubjetivos podem ser afetivos ou patêmicos, como discriminar προσωπολημπτείν , “falar mal dos outros” καταλαλέειν, etc.

Ao final, ressaltamos que quisemos demonstrar com essas reflexões sobre a narratividade do tema da vida do destinatário, figurativizada espacialmente como *o* caminho no discurso de Tiago, é extraordinariamente pertinente como ponto de apoio para a construção semiótica de uma teoria enunciativa evangélica. Estão presentes na leitura/análise desse tema os componentes previstos no esquema narrativo canônico incluindo aí os sujeitos e anti-sujeitos, os oponentes (anti-sujeitos e obstáculos) e o fazer do sujeito que busca uma transformação. No nível enunciativo e discursivo os elementos podem até metalingüisticamente serem designados com os mesmos termos ou do mesmo campo isotópico como: caminho, percursos, fé, postura, resistência aos oponentes. Está pressuposta nas duas instâncias a questão da prova, com a qual o sujeito do fazer inicialmente se depara e, ao final vencendo pela resistência aos oponentes adquirir o valor que tem como objetivo. Na epístola, no nível discursivo o valor é a sabedoria, e também como gênese na enunciação evangélica é a aquisição da manutenção do seu esforço para sentir o seu objeto.

CAPÍTULO 08 – ARGUMENTAÇÃO DESQUALIFICAÇÃO DO DISCURSO DO OUTRO

Utilizando a noção de sujeito discursivo, encontramos na Epístola uma divisão que ocorre em todo discurso. Um sujeito que assume o discurso - como “eu digo” - e um outro, implícito no mesmo discurso, o “não-sujeito” discursivo. Essa noção aparece nas metodologias de análise ou teorias discursivas como, por exemplo: na teoria da enunciação, e aparece também na teoria da argumentação, nesta última o eu discursivo e o não-eu discursivo momentâneos são o orador e o auditório. Quem fala é o orador que eventualmente concede a voz ao auditório. Uma ilustração extraordinariamente didática dessa noção encontra-se em J. Cocquet. Pelo didatismo da citação deste último, a transcrevemos a seguir:

J. -C. Coquet ilustra a tensão entre o sujeito e o não-sujeito analisando por essa perspectiva o estatuto dos actantes na fábula de La Fontaine “O lobo e o cordeiro”. O lobo, predador, destinado por natureza a obedecer à sua função, encarna o não-sujeito. Ora, procurando justificar - pela razão - seu ato, ele se esforça, mediante o discurso, para se constituir como sujeito. Multiplica os argumentos: “ele debate mal, mas ele debate”, chegando assim à posição desejada de sujeito de assunção do discurso. Enfim, de erro em erro de julgamento, acaba por executar a ação para a qual fora programado, consuma o ato que lhe determina sua natureza predatória, recobra seu estatuto de não-sujeito. O cordeiro, ao contrário, encarna plenamente o sujeito. Ele tem o domínio do julgamento e sustenta um discurso de veracidade. Verdadeiro “campeão da pretoria”, ele condena dessa maneira o lobo a ser apenas uma força cega. Mas a vitória cognitiva é de pouco valor em face da derrota pragmática.¹²⁰

¹²⁰ Citado por BERTRAND, p. 102.

Tiago propõe um tema semelhante. Na Epístola, aparece uma terminologia abundante que faz referência direta ou indireta ao uso da voz, como portadora de um discurso. Alguns exemplos, como a seguir, podem nos dar uma pista para a abundância de figuras discursivas que remetem ao tema da assunção ou não da palavra por um sujeito discursivo.

Nos verbos:

Dizer, falar, julgar, lamentar, falar mal, perguntar, pedir, vangloriar-se, prometer, tagarelar, murmurar, etc.

E nos substantivos:

Escritura, mandamento, palavra da verdade, palavra enxertada, ouvintes, ouvinte esquecido, lei, lei da liberdade, língua, etc.

Ressaltamos que, historicamente, há uma aproximação, embora sob outro enfoque, a esta questão pelos comentaristas e editores da Epístola de Tiago. Eles nomeiam a existência de um tema na Epístola de Tiago, geralmente, com um título: “o mau uso da língua”. Mas, não se trata disto que vamos desenvolver já que não é da axiologização da assunção do discurso como má ou boa que iremos abordar. O tema, na Epístola, parece estar vinculado à competência (saber) do sujeito discursivo para falar. Assim, é possível fazer, na ocasião em que o tema aparece, uma leitura que relaciona os temas da competência e da sabedoria. O orador, para construir o tema “sujeito discursivo” utiliza-se das estratégias de “desqualificação do discurso do outro”. Ele vincula o tema à (des) construção da identidade do auditório com a desqualificação de seus discursos.

Pela própria natureza do gênero do discurso que estamos analisando – uma carta, uma Epístola – para que o discurso do outro possa ser desqualificado: ou ele foi proferido anteriormente em outros textos/discursos e é citado direta ou indiretamente, ou ele tem que ser criado hipoteticamente, pelo autor da Epístola. No ato de previsão/criação do discurso do outro, o enunciador vai se desdobrar em vários papéis, ou seja: ele mantém o papel do enunciador do enunciado englobante; mantém o seu

papel de actante destinador/manipulador também da narrativa principal; e ao final instala outro sujeito que produzirá outro discurso encaixado, no enunciado englobante. No discurso encaixado, o outro, em se tratando do destinatário da Epístola e membro do grupo, aparentemente, não usou aquela forma de dizer, para se referir aquele tema. Por exemplo, nos vers. 1:13 e 2:3, abaixo transcritos, o discurso do outro é hipotético, apenas previsto. Na verdade o discurso do outro é um discurso do próprio orador/narrador - o enunciador do enunciado englobante - e estará em função dos seus objetivos persuasivos.

1:13 μηδεὶς πειραζόμενος λεγέτω ὅτι Ἐκ θεοῦ πειράζομαι· ὁ γὰρ θεὸς ἀπείραστός ἐστιν κακῶν, πειράζει δὲ αὐτὸς οὐδένα.

1:13 Ninguém ao mesmo tempo que está sendo envolvido/provado/tentado (ele) diga/comece a dizer/ continue a dizer “da parte de Deus eu estou sendo envolvido/provado/tentado”, pois o Deus não é envolvido/tentador malicioso/para o mal - suscetível de tentação a partir dos males. Ele mesmo ninguém envolve/testa/tenta.

2:3 ἐπιβλέψατε δὲ ἐπὶ τὸν φοροῦντα τὴν ἐσθῆτα τὴν λαμπρὰν καὶ εἵπητε, Σὺ κάθου ὧδε καλῶς, καὶ τῷ πτωχῷ εἵπητε, Σὺ στῆθι ἐκεῖ ἢ κάθου ὑπὸ τὸ ὑποπόδιόν μου,

2:3 Se vós lançardes o olhar sobre o que traz a veste brilhante e disserdes : senta tu/inicia o ato de sentar aqui/deste modo bem e se ao pobre disserdes: coloca-te de pé ali ou senta/inicia o ato de sentar abaixo do lugar de colocar o meu pé/meu escabelo.

O discurso encaixado poderá ser analisado semioticamente, pois contém uma sintaxe mínima e uma narratividade. A significação do discurso encaixado se revelará também na relação com o enunciado englobante. Os enunciadores do discurso encaixado são os mesmos destinatários da narrativa principal da carta e que aparecem ou como um sujeito coletivo *vós*, o grupo como um todo, vers. 2:1-4, ou na terceira pessoa com o uso de “alguém” *τις*, no vers. 1:14; Vers. 1:13 - “ninguém” *μηδεὶς*; vers. 1:14 - “cada um” *ἕκαστος*; vers. 1:7 - “aquele” *ἐκεῖνος*; etc. Ou, podendo, ao falarem, estar discursivizados pelo uso da primeira pessoa do singular ou plural .

A criação desses pequenos enunciados e narrativas tem como objetivo dar andamento à enunciação e à narrativa principal, ao mesmo tempo surgem as condições para que os simulacros de discursos do outro sejam desqualificados. A desqualificação

será feita como recurso argumentativo do destinador/manipulador da narrativa principal. No nível de expressão, o narrador principal usará maneiras de dizer a fala do outro, as quais já têm em mira a desqualificação. Do ponto de vista argumentativo, a introdução do discurso do outro, tem o papel de antecipação do seu possível proferimento. Tal antecipação tem por objetivo fazer com o que, o discurso do outro perca a sua força, conforme o TA:

O argumento previsto é um argumento banal. É também um argumento que, conquanto se tenha tido conhecimento dele, não impediu a adoção da decisão que se defende; daí a presunção de que sua força não era muito grande. Prever um argumento é, além disso, prova de competência. A previsão impede que, uma vez enunciado pelo adversário, esse argumento diminua a confiança que se tem no orador; este não poderá ser confundido; seus juízos não deverão ser revisados; em suma, o argumento previsto, produza-se ele em seguida efetivamente ou não, perdeu seu poder crítico.¹²¹

A seguir, faremos a leitura/análise de pequenos discursos atribuídos ao destinatário, no corpo da narrativa principal da Epístola, e que servem para ilustrar a estratégia de desqualificação utilizada pelo enunciador/orador. Os enunciados que vamos ler/analisar estão nas perícopes 1:13-15; 4:13-17¹²². Ao analisarmos a estratégia de desqualificação, aproveitaremos a oportunidade para mostrar brevemente o uso das figuras e temas, procurando inseri-los numa sintaxe narrativa, e fazendo parte de diversas isotopias semânticas, as quais contribuem para a coesão e coerência da Epístola.

A PERÍCOPE 1:13-15

1:13 μηδεὶς πειραζόμενος λεγέτω ὅτι Ἐκ θεοῦ πειράζομαι· ὁ γὰρ θεὸς ἀπειραστός ἐστὶν κακῶν, πειράζει δὲ αὐτὸς οὐδένα.

1:13 Ninguém ao mesmo tempo que está sendo envolvido/provado/tentado (ele) diga/comece a dizer/ continue a dizer “da parte de Deus eu estou sendo envolvido/provado/tentado”, pois o Deus não é envolvedor/tentador

¹²¹ TA, p. 532.

¹²² O enunciado da perícopa 2:1-4 será analisado, nesta tese, especificamente quando a questão da intersecção de enunciados for tratada.

maldoso/para o mal - suscetível de tentação a partir dos males. Ele mesmo ninguém envolve/testa/tenta.

1:14 ἕκαστος δὲ πειράζεται ὑπὸ τῆς ἰδίας ἐπιθυμίας ἐξεκόμενος καὶ δელεζόμενος·

1:14 Mas cada um é/está sendo envolvido/provado/tentado pela própria ambição/cobiça. Estando sendo arrastado/tirado, pescado e sendo iscado/seduzido.

1:15 εἴτα ἡ ἐπιθυμία συλλαβοῦσα τίκτει ἁμαρτίαν, ἡ δὲ ἁμαρτία ἀποτελεσθεῖσα ἀποκύει θάνατον.

1:15 A seguir, a ambição tendo sido reunida/agregada/juntada gera um pecado/não atingimento da meta. E o pecado tendo ocorrido/sido completado gera morte.

Nessa Perícope o discurso do outro é de tamanho extraordinariamente pequeno: Ἐκ τῆς θεοῦ πειράζομαι “da parte/a partir de Deus, eu estou sendo envolvido/testado/tentado”. É um discurso tão sucinto que quase chega a ser um simples título. Um título, por exemplo, para o assunto de um artigo ou um livro. A brevidade do discurso é inversamente proporcional à consideração que o orador concede ao tema ali implícito. A citação aparece como um discurso direto presumido no qual o sujeito fala em primeira pessoa. E o tema introduzido é o envolvimento, a tentação, que para o enunciador supostamente vem de Deus. No enunciado englobante, o sub-tema do envolvimento tem relação com o tema do caminho: sair vs. Voltar/ permanecer no caminho cristão; com isotopias semânticas da estabilidade/ instabilidade; e com outros sub-temas como “relação de Deus com os seres humanos”; “a natureza estável de Deus”; ou “a assunção do sujeito como um sujeito discursivo”. Proporcionalmente ao discurso do outro – que foi criado com apenas três palavras Ἐκ τῆς θεοῦ πειράζομαι “da parte de deus eu estou sendo enredado/envolvido/tentado” – a desqualificação é bem maior. O que nos leva a crer que o discurso do outro era apenas uma ancoragem para que a persuasão e a construção do tema fossem desenvolvidos.

Na desqualificação, o narrador principal, no papel de destinador/manipulador, introduz terceiras pessoas que distanciam a personagem, tornando a narrativa mais objetiva. O recurso discursivo é cuidadoso e evidentemente com objetivos argumentativos.:

1:13 μηδεὶς πειραζόμενος λεγέτω
1:13 Ninguém ao mesmo tempo que está sendo envolvido/provado/tentado (ele) diga/comece a dizer/ continue a dizer

1:14 εκαστος δὲ πειράζεται
1:14 Mas cada um é/está sendo envolvido/provado/tentado

O tema introduzido no pequeno discurso do outro é um tema que coloca em cheque valores aceitos pelos destinatários da Epístola. Aparece, com o tema, a questão aceita pelos discursos das doze tribos (AT), de que Deus é também um agente tentador/provador.¹²³

Tiago ensina, no entanto, contrapondo-se aos valores aceitos, que “Deus é não tentador maldoso/para o mal” ὁ γὰρ θεὸς ἀπειραστός ἐστιν κακῶν e que, cada um é enredado/envolvido/tentado “por seus próprios desejos/paixões/timias” ὑπὸ τῆς ἰδίας ἐπιθυμίας. Considerar que Deus é πείραστός “agente de tentação” é Πλανᾶω “andar errante/vagar, conforme a exortação do vers. 1:16 que vem logo a seguir:

1:16 Μὴ πλανᾶσθε, ἀδελφοί μου ἀγαπητοί.
1:16 Não continuais sendo errantes/vagantes, meus irmãos amados queridos.

1:17 πᾶσα δόσις ἀγαθὴ καὶ πᾶν δῶρημα τέλειον ἄνωθέν ἐστιν καταβαῖνον ἀπὸ τοῦ πατρὸς τῶν φώτων, παρ’ ᾧ οὐκ ἔστι παραλλαγή ἢ τροπῆς ἀποσκίασμα.
1:17 Todo doação boa e todo presente dado completo/com objetivo/com meta está descendo do alto, do pai das luzes; junto ao qual não existem mudanças/sombras ou de volta/lugar de mudança.

Vamos nos deter um pouco na leitura/análise desse pequeno trecho, para criar a oportunidade de falarmos de outras questões como: uso dos termos e da actualização

¹²³ Exemplo dessa convicção encontra-se, entre muitos outros, no AT em Ex 20:20 (LXX) - καὶ λέγει αὐτοῖς Μωυσῆς θαρσεῖτε ἕνεκεν γὰρ τοῦ πειράσαι ὑμᾶς παρεγενήθη ὁ θεὸς πρὸς ὑμᾶς ὅπως ἂν γένηται ὁ φόβος αὐτοῦ ἐν ὑμῖν ἵνα μὴ ἁμαρτάνητε. Ex 20:20 = Respondeu Moisés ao povo: Não temais, Deus veio para vos provar e para que o seu temor esteja diante de vós, a fim de que não pequeis (tradução da ARA).

temporal e discursiva. O trecho 1:13-15, na verdade, trás para dentro da Epístola uma tese: “Deus envolvente /tentador dos homens, para o mal” - . Para que o tema apareça, introduz-se o discurso hipotético do outro. Mas, o discurso do outro está, na verdade, representando a adesão pelos destinatários aos valores que estão presentes em ensinamentos ou sabedorias anteriormente recebidos. O registro da adesão a esses valores encontra-se na intertextualidade bíblica em várias passagens do AT. O que está ocorrendo nesse momento do discurso da Epístola é uma interpretação de outros atos enunciativos. Como já assinalamos logo no início , quando abordamos a questão da contextualização da Epístola, o contexto que elegemos é aquele que considera o discurso de Tiago como fazendo parte de um percurso narrativo enunciativo presente no metadiscorso bíblico. Aqui no vers. 1:13, Tiago está tentando anular a transformação sofrida anteriormente pelos destinatários e em seu lugar propor uma nova transformação.

1:13 μηδεὶς πειραζόμενος λεγέτω ο,τι Ἐκ τοῦ θεοῦ πειράζομαι· ὁ γὰρ θεὸς ἀπειραστός ἐστὶν κακῶν, πειράζει δὲ αὐτὸς οὐδένα.

1:13 Ninguém ao mesmo tempo que está sendo envolvido/provado/tentado (ele) diga/comece a dizer/ continue a dizer “da parte de Deus eu estou sendo envolvido/provado/tentado”, pois o Deus não é envolvente/tentador maldoso/para o mal - suscetível de tentação a partir dos males. Ele mesmo ninguém envolve/testa/tenta.

Proposta nova, essa, que é feita nos vers. 1:14-15 e que se constitui numa nova sabedoria, a qual substituirá a anterior:

1:14 ἕκαστος δὲ πειράζεται ὑπὸ τῆς ἰδίας ἐπιθυμίας ἐξεκόμενος καὶ δελεαζόμενος·

1:14 Mas cada um é/está sendo envolvido/provado/tentado pela própria ambição/cobiça. Estando sendo arrastado/tirado, pescado e sendo iscado/seduzido.

1:15 εἴτα ἡ ἐπιθυμία συλλαβοῦσα τίκτει ἁμαρτίαν, ἡ δὲ ἁμαρτία ἀποτελεσθεῖσα ἀποκύει θάνατον.

1:15 A seguir, a ambição tendo sido reunida/agregada/juntada gera um pecado/não atingimento da meta. E o pecado tendo ocorrido/sido completado gera morte.

Ora, o tema da tentação/envolvimento (maldoso/para o mal), que vem de Deus, está sendo abordado como inserido dentro da sintaxe narrativa do tema sair vs. entrar (permanecer no caminho). O que fica claro é que, conforme já assinalamos acima, essa sabedoria anterior, que está sendo refutada, faz parte dos movimentos de saídas, de movimentos irregulares, da instabilidade, daquele que está no caminho. A figurativização da perícopa auxilia com preciosismo a criar um efeito de sentido para o discurso previsto, conforme assinalaremos a seguir.

Uma primeira observação é sobre a insistência no uso de palavras compostas com a mesma raiz $\pi\epsilon\iota\rho$ -. Nos vers. 1:13-14 encontram-se, quase em série, 5 (cinco) palavras com a mesma raiz. Destaque-se ainda que com a mesma raiz são usadas várias categorias gramaticais de palavras, conforme o quadro abaixo. Tudo isso em função do caráter persuasivo da interpretação/desqualificação do discurso do outro, e consolidação intensa do tema.

ocorrência	tradução	Sujeito/actante	Categoria gramatical
$\acute{\alpha}\pi\epsilon\acute{\iota}\rho\alpha\sigma\tau\acute{o}\varsigma$	não é envolvedor/tentador	Deus	Adjetivo
$\pi\epsilon\iota\rho\alpha\zeta\acute{o}\mu\epsilon\nu\omicron\varsigma$	que está sendo envolvido /provado/tentado	Actante passivo (ele)	Adjetivo/ particípio
$\pi\epsilon\iota\rho\acute{\alpha}\zeta\omicron\mu\alpha\iota$	eu estou sendo envolvido/provado/tentado	Suj. passivo (eu)/(ele)	Verbo
$\pi\epsilon\iota\rho\acute{\alpha}\zeta\epsilon\iota$	Eleenvolve/testa/tenta.	Suj. ativo Deus	Verbo
$\pi\epsilon\iota\rho\acute{\alpha}\zeta\epsilon\tau\alpha\iota$	Ele é/está sendo envolvido /provado/tentado	Suj. passivo (ele)	Verbo

Figura 12 - Ocorrências dos termos com a raiz $\pi\epsilon\iota\rho$ - na perícopa 1:13-14

Os mesmos termos acima, juntamente com $\acute{\epsilon}\xi\epsilon\lambda\kappa\acute{o}\mu\epsilon\nu\omicron\varsigma$ “sendo arrastado/tirado” e $\delta\epsilon\lambda\epsilon\alpha\zeta\acute{o}\mu\epsilon\nu\omicron\varsigma$ “estando sendo iscado/seduzido”, analisados do ponto de vista das isotopias semânticas, podem ser enquadrados em vários campos analógicos tal como abaixo:

Campo das relações abstratas de Quantidade e Número: No campo da quantidade a figura trazida pelos verbo:iscar e pelo verbo: arrancar, tirar, estão

relacionados com a noção de pequenez, bem como com a noção de subtração. Essa noção de subtração poderia nos conduzir para um jogo de oposições com as palavras que estão no campo semântico de: grandeza, tamanho, repleto, pleno, acabado, perfeito. Essas figuras se encontram, por exemplo, no vers. 1:4, abaixo:

1:4 ἡ δὲ ὑπομονὴ ἔργον τέλειον ἔχέτω, ἵνα ἦτε τέλειοι καὶ ὀλόκληροι ἐν μηδενὶ λειπόμενοι.

1:4 E a perseverança comece a ter (continue a ter) um trabalho que chega ao fim (completo) para que sejais completos (atingidores do fim/meta) e herdeiros completos, em nada faltantes.

Observe-se que o vers. 1:4 que reproduzimos acima faz parte de um percurso narrativo que está inserido dentro da perícope 1:2-4, em que um termo formado com a raiz πειρ- também aparece, o que auxilia a construir essa isotopia que contém as oposições de grandeza/tamanho vs pequenez/subtração.

1:2 πᾶσαν χαρὰν ἠγήσασθε, ἀδελφοί μου, ὅταν πειρασμοῖς περιπέσητε ποικίλοις

1:2 Meus irmãos, dirigi-vos em direção a toda a alegria, quando/sempre que cairdes envolvidos/enredados, nos mais diversos envolvimentos enredamentos/testes/ provas/tentações.

No campo semântico das relações abstratas vistas como número, o verbo - iscar e o verbo arrancar/tirar se relaciona com as noções de operações com algarismos, em que do total se tira uma parte ou do resultado se tira uma prova. Ora essas noções, trazidas pelas idéias acima, só auxiliam a concretizar e objetivar ainda mais os processos apontados nos percursos narrativos do discurso criado e ao mesmo tempo desqualificado, que faz parte da perícope 1:13-15.

Essa isotopia vai ser mantida também em outros locais da Epístola, como por exemplo, com o auxílio do termo λογίζομαι “calcular/pensar”, no vers. 2:23, e παραλογίζομαι “calcular com erro” no vers. 1:22, reproduzidos abaixo, que apesar de se referirem a operações cognitivas no processo de formação das idéias originalmente tem

a semântica do cálculo aritmético/matemático. O termo παραλογίζομαι com o prefixo παρα- indica um cálculo errôneo, isto é um engano.

1:22 Γίνεσθε δὲ ποιηταὶ λόγου καὶ μὴ μόνον ἀκροαταὶ παραλογιζόμενοι ἑαυτοῦς.

1:22 Tornai-vos começai/continuai a vos tornar fazedores/criadores da palavra e não enganadores de si mesmos, (como) ouvintes somente.

2:23 καὶ ἐπληρώθη ἡ γραφὴ ἣ λέγουσα, Ἐπίστευσεν δὲ Ἀβραάμ τῷ θεῷ, καὶ ἐλογίσθη αὐτῷ εἰς δικαιοσύνην καὶ φίλος θεοῦ ἐκλήθη.

2:23 E foi cumprida/preenchida a escritura, a que diz/a dizente: “Acreditou Abraão em o deus e ele foi escolhido/pensado para a justiça e amigo de Deus ele foi chamado.

Partindo para identificar essa isotopia, seria possível assinalar na carta uma dezena de palavras que auxiliariam a construir o campo semântico do engano, do erro, etc. O orador considera com precisão o mesmo que o TA aponta como sendo uma constante na construção das convicções humanas conforme abaixo:

E quase um lugar comum a insistência no modo como nossas esperanças e nossos desejos determinam nossas convicções. Todos os homens, diz-nos Pascal, são quase sempre levados a crer não pela prova, mas pelo atrativo.¹²⁴

O orador está desqualificando o discurso do outro e aponta que a convicção de que Deus é “tentador/envolvedor” nada mais é do que uma convicção que se apóia nos desejos (timias) do destinatário, confirmando o ensinamento do TA acima. Seria o caso dos lugares comuns ou convicções aceitas pelo grupo para o qual dirige sua Epístola. Eles atribuem a Deus, por exemplo, a ação de “envolver/tentar”. Mas, aceitam isso porque se rendem aos próprios desejos conforme vers. 1:14:

1:14 ἕκαστος δὲ πειράζεται ὑπὸ τῆς ἰδίας ἐπιθυμίας ἐξελκόμενος καὶ δελεαζόμενος·

1:14 Mas cada um é/está sendo envolvido/provado/tentado pela própria ambição/cobiça. Estando sendo arrastado/tirado, pescado e sendo iscado/seduzido.

¹²⁴ TA, p. 68.

1:15 εἴτα ἡ ἐπιθυμία συλλαβοῦσα τίκτει ἁμαρτίαν, ἡ δὲ ἁμαρτία ἀποτελεσθεῖσα ἀποκύει θάνατον.

1:15 A seguir, a ambição tendo sido reunida/agregada/juntada gera um pecado/não atingimento da meta. E o pecado tendo ocorrido/sido completado gera morte.

Tiago vai mais além, na progressão de seus argumentos ao provar por meio de outros ensinamentos que os destinatários agem exatamente como “envolvedores”, como acusam ser Deus. E, para isso o orador se utiliza, ao argumentar, de um novo tratamento aos destinatários, inserindo-os nesse momento no grupo universal dos seres humanos. Ora esse é um procedimento eficaz de acordo com o TA conforme abaixo:

Cada vez que importa refutar a acusação de que nossos desejos é que determinaram nossas crenças, é indispensável fornecer provas, não de nossa objetividade, o que é irrealizável, mas de nossa imparcialidade, indicando as circunstâncias em que, numa situação análoga, agimos contrariamente ao que podia parecer nosso interesse e especificando se possível a regra ou os critérios que seguimos, os quais seriam válidos para um grupo mais amplo que englobaria todos os interlocutores e, no limite, se identificaria com o auditório universal.¹²⁵

O ensinamento adaptado para seu contrário tal como aparece na argumentação do orador da Epístola ficaria assim:

Cada vez que importa afirmar, de que nossos desejos é que determinam nossas crenças, é indispensável fornecer provas de nossa parcialidade, indicando as circunstâncias em que, numa situação análoga, agimos exatamente do acordo com nosso interesse e especificando se possível a regra ou os critérios que seguimos, os quais seriam válidos para um grupo mais amplo que englobaria todos os interlocutores e, no limite, se identificaria com o auditório universal.

Em Tiago, essa vinculação do auditório universal com a regra ou com os critérios que seguimos, os quais seriam válidos para um grupo mais amplo que englobaria todos os interlocutores, no limite, se identificaria com o auditório universal.

¹²⁵ TA, pp. 68-69.

Isso ocorre quando o tratamento aos destinatários é feito pelo termo ἄνθρωπος “ser humano”, conforme abaixo:¹²⁶

1:7 μὴ γὰρ οἰέσθω ὁ ἄνθρωπος ἐκεῖνος ὅτι λήμψεται τι παρὰ τοῦ κυρίου	1:7 Pois, diga a ele - aquele ser humano/o ser humano aquele - que não pense/não comece a pensar /não continue pensando, que receberá algo da parte do Senhor.
1:19 Ἵστε, ἀδελφοί μου ἀγαπητοί· ἕστω δὲ πᾶς ἄνθρωπος ταχύς εἰς τὸ ἀκοῦσαι, βραδύς εἰς τὸ λαλῆσαι, βραδύς εἰς ὀργήν·	1:19 Vós sabeis, meus irmãos amados/queridos: seja todo ser humano rápido/pronto para o escutar, lento para o tagarelar, e lento para uma agitação.
2:20 θέλεις δὲ γινῶναι, ὦ ἄνθρωπε κενέ, ὅτι ἡ πίστις χωρὶς τῶν ἔργων ἀργή ἐστίν;	2:20 Oh! Ser humano vazio! Tu estás querendo saber porque a fé separada dos trabalhos é inativa ?
2:24 ὁρᾶτε ὅτι ἐξ ἔργων δικαιούται ἄνθρωπος καὶ οὐκ ἐκ πίστεως μόνον.	2:24 Começai a ver/continuai a ver que a partir dos trabalhos um ser humano é justificado/posto de acordo com, e não somente a partir da fé
3:7 πᾶσα γὰρ φύσις θηρίων τε καὶ Πτευνῶν, ἐρπετῶν τε καὶ Ἐναλίων δαμάζεται καὶ Δεδάμασται τῇ φύσει τῇ ἀνθρωπίνῃ	3:7 Pois toda a natureza das feras, também das aves, dos répteis, e também dos seres marinhos está sendo domada e está domada pela natureza humana/dos homens.
3:8 τὴν δὲ Γλῶσσαν οὐδεὶς δαμάσαι δύναιται ἀνθρώπων, ἀκατάστατον κακόν, μεστὴ Ἰοῦ θανατηφόρου.	3:8 Mas a língua ninguém dentre os homens pode domar, ela é mal agitado repleta de veneno mortal/mortífero.
3:9 ἐν αὐτῇ εὐλογοῦμεν τὸν κύριον καὶ Πατέρα καὶ Ἐν αὐτῇ καταρώμεθα τοὺς ἀνθρώπους τοὺς καθ' ὁμοίωσιν θεοῦ γεγονότας,	3:9 Com ela bendizemos/elogiamos o senhor e pai e com ela amaldiçoamos/lançamos pragas em direção aos seres humanos, os nascidos de acordo com a semelhança de Deus.
5:17 Ἠλίας ἄνθρωπος ἦν ὁμοιοπαθὴς ἡμῖν, καὶ προσευχὴν προσηύξατο τοῦ μὴ βρέξει, καὶ οὐκ ἔβρεξεν ἐπὶ τῆς γῆς ἐνιαυτοὺς τρεῖς καὶ μῆνας ἕξ·	5:17 Elias era um homem de mesmo sentimento que nós e com oração dirigiu uma prece de não chover e não choveu sobre a terra, durante três anos e meio

Figura 13 - Ocorrência da figura (ἄνθρωπος) na discursivização do destinatário

¹²⁶ Somente a ocorrência do vers. 2:24 da expressão “ser humano” não se refere diretamente ao uso da língua.

A PERÍCOPE 4:13 A 4:17

Os recursos estratégicos de desqualificação do discurso do outro, na perícopre 4:13 À 4:17, são de dois tipos: aqueles de nível textual e aqueles de nível discursivo, figuras e temas. Nessa perícopre, faremos eventualmente referência às figuras e temas, mas vamos nos deter com mais detalhes na estratégia de desqualificação de nível textual. A perícopre inicia em 4:13 com a expressão:

4:13 :Αγε νῦν οἱ λέγοντες

4:13 Agora, vamos! Os que estão dizendo/os falantes

A expressão: Αγε νῦν οἱ λέγοντες usa três recursos da língua para tornar real o fato ao qual o enunciador se refere, criando um efeito de presença útil na argumentação. São eles:

1º) A forma verbal: “Ide, vamos!” que usa um tema verbal no aspecto Infectum. Esse modo de dizer indica um “ato por vir”, que se inicia – iniciará – imediatamente e continuará. É um “vir a ser imediato”, entrada no ato verbal, que quase forma uma perífrase com os verbos da citação direta que vem a seguir. O aspecto verbal Infectum, mais o significado de “movimento” do verbo, mais o caráter exortativo do modo, somam-se de tal forma nesta palavra – Αγε - que ela se tornou, pelo uso, uma interjeição. Assim ela é apresentada nos dicionários e gramáticas, fato que lhe confere uma independência de concordância de número, com o sujeito e com o verbo que a segue.

2º) A partícula νῦν. O advérbio português agora, neste momento, ou conjunção com a semântica adversativa: *mas, contudo, todavia*. Essa última opção tem grande chance de ser a mais própria neste contexto, por duas razões: **A.** pela semântica adversativa de toda perícopre bem marcada pelas oposições *ἀντί τοῦ λέγειν ὑμᾶς* “ao invés de estar a dizer vós” em 4:15, e *νῦν δὲ καυχᾶσθε* “mas agora estais vos vangloriando/estais rindo”, em 4:16. **B.** Pela afirmação categórica em 4:12, em que a competência de Deus é colocada acima da competência humana e suas ações, o que

justificaria a introdução mais adiante no vers. 4:15 do tema que aponta a presunção humana de poder prever seu futuro.

3º) o aspecto verbal - recurso que torna mais real o fato referido pelo enunciador, criando um efeito de presença na expressão: Ἀγε νῦν οἱ λέγοντες. O aspecto verbal é justamente o Inflectum usado no participio substantivado οἱ λέγοντες “os que estando dizendo/falantes”. Esse Participio com o uso aspecto verbal Inflectum cria o efeito de uma realidade, em relação de simultaneidade com o verbo, também no aspecto verbal Inflectum, que faz parte do sintagma que inicia o próximo vers. 4:14: οἵτινες οὐκ ἐπίστασθε “vós – os que não estais sabendo”.

A perícopé 4:12-17 tem os seguintes vers. , nos quais destacamos a semântica adversativa dos usos do aspecto verbal:

4:12	εἷς ἐστιν (Inflectum) [ὁ] νομοθέτης καὶ κριτῆς ὁ δυνάμενος (Inflectum) Um é o legislador e juiz, o que pode/o que continua tendo poder de restaurar/salvar e fazer perecer.	Realidade, presença
4:12	σῶσαι (Pontual) καὶ ἀπολέσαι·(Pontual) restaurar /salvar e fazer perecer.	Menção
4:12	σὺ δὲ τίς εἶ (Inflectum) Mas tu quem és	Realidade, presença
4:12	ὁ κρίνων τὸν πλησίον (Inflectum) o que está julgando/o que continua julgando o próximo ?	Realidade, presença
4:13	4:13 :Ἀγε νῦν οἱ λέγοντες 4:13 Agora, vamos! Os que estão dizendo/os falantes	Realidade, presença
4:13	Σήμερον ἢ αὔριον πορευσόμεθα εἰς τήνδε τὴν πόλιν καὶ ποιήσομεν ἐκεῖ ἐνιαυτὸν καὶ ἐμπορευσόμεθα καὶ κερδήσομεν· (Pontual) ἐκεῖ ἐνιαυτὸν καὶ Ἐμπορευσόμεθα (Pontual) καὶ Κερδήσομεν (Pontual). hoje ou amanhã nós iremos para dentro daquela cidade e faremos/produziremos lá por um ano/um tempo e comerciaremos e lucraremos.	Pontual Citação direta. Conteúdo da fala
4:14	οἵτινες οὐκ ἐπίστασθε 4:14 Sejais quem for (vós), os que não estais sabendo/continuais não sabendo	Realidade, presença
4:14	((Pontual/implícito) τὸ τῆς αὔριον ποία ἡ ζωὴ Ὑμῶν· qual a vossa vida, (a) de amanhã.	Menção
4:14	ἀτμίς γάρ ἐστε (Inflectum) Pois vós sois vapor,	Realidade, presença
4:14	ἢ πρὸς ὀλίγον φαινομένη,(Inflectum) ἔπειτα καὶ Ἄφανιζομένη.(Inflectum) (o) que continua estando aparecendo, pouco numeroso/pequeno, depois também começando a (ser) desaparecido.	Realidade, presença

4:15	ἀντὶ τοῦ λέγειν (Inflectum) ὑμᾶς Ao invés do estar dizendo vós:	Realidade, presença
4:15	ἴαν ὁ κύριος θελήσῃ (Pontual) καὶ Ζήσομεν (Pontual) καὶ Ποιήσομεν (Pontual) τοῦτο ἢ ἐκεῖνο. Se o Senhor quiser também nós viveremos e nós produziremos isto ou aquilo.	Eventualidade
4:16	νῦν δὲ καυχᾶσθε (Inflectum) ἐν ταῖς ἀλαζονείαις ὑμῶν· Mas agora (vós) estais vos vangloriando/estais rindo com as vossas presunções.	Realidade, presença
4:16	πᾶσα καύχησις τοιαύτη πονηρὰ ἐστίν. (Inflectum) Todo envaidecimento desse tipo é mau.	Realidade, presença
4:17	εἰδότε (Pefeito) οὖν καλὸν Portanto, sabendo fazer/produzir bem/com eficácia	Estado
4:17	ποιεῖν (Inflectum) καὶ Μὴ ποιοῦντι (Inflectum) (ἁμαρτία αὐτῶ ἐστίν. (Inflectum) sabendo fazer/produzir bem/com eficácia e não fazedor/estando fazendo/ao mesmo tempo não estando fazendo está sendo para ele um pecado/ um não atingimento da meta.	Realidade, presença

Figura 14 - Perícope 4:12-17 semântica do uso do Aspecto verbal

Na perícope é possível identificar dois sub-temas:

- A.** Um sub-tema que é agir mal, vers. 4:12, que se mostra na ação de “o que está julgando/o julgador (d)o próximo” ὁ κρίνων τὸν πλησίον, sujeito tu/ele. Opondo-se a agir bem: καλῶς ποιεῖς “tu fazes/estás fazendo bem”, vers. 2:19, sujeito tu; e opondo-se ao καλῶς ποιεῖτε “vós fazeis bem/boamente”, vers. 2:8, sujeito vós. Os fazeres – ações verbais - são referidos com temas verbais no Inflectum/contínuo, criando um efeito de presentificação da ação.
- B.** E, um sub-tema da sabedoria, trazido pelo verbo εἰδότε “Estando sabendo/sabedor” .

No entanto, constata-se que os sub-temas estão sobrepostos e tornando o texto aparentemente mal estruturado, fato já assinalado por vários comentaristas. Na verdade, esses sub-temas ficam mais compreensíveis se incluirmos também em nossa leitura/análise os vers. 4:11 e 4:12. O problema da sobreposição de temas em 4:17 é

dado pelo uso do singular. Olhando sob esse prisma, no vers. 4:17, o singular de εἰδότε “Estando sabendo/sabedor” e μὴ ποιοῦντι “não estando fazendo/não fazedor/não criador” está relacionado aos singulares σὺ δὲ τίς εἶ “Mas tu quem és”, do vers. 4:12, como abaixo:

4:12	4:12 εἷς ἐστὶν [ὁ] νομοθέτης καὶ κριτῆς ὁ δυνάμενος σῶσαι καὶ ἀπολέσαι· σὺ δὲ τίς εἶ ὁ κρίνων τὸν πλησίον; 4:12 Um é o legislador e juiz, o que pode/o que continua tendo poder de restaurar/salvar e fazer perecer. Mas tu quem és o que está julgando/continua julgando o próximo?	Singulares em negrito
4:17	4:17 εἰδότε οὖν καλὸν ποιεῖν καὶ Μὴ ποιοῦντι, ἀμαρτία αὐτῷ ἐστίν. 4:17 Portanto, sabendo fazer /produzir bem/com eficácia e não fazedor /estando fazendo/ao mesmo tempo não estando fazendo está sendo para ele um pecado/ um não atingimento da meta.	

Figura 15 - Uso da segunda pessoa do singular nos verbos dos versículos 4:12 e 4:17

Assim, é lícito supor que a aparente falta de coesão e a sobreposição de subtemas ficam resolvidas. Para entendermos melhor esse trecho, ele deve ser considerado dentro do quadro: sair, voltar e permanecer no caminho cristão. O trecho que foi construído com a chamada economia de linguagem, um estilo de Tiago, parece refletir uma associação de pensamentos cujos termos que lhe dão coesão não estão expressos. A perícopre 4:11-17 pode ser assim parafraseada:

4:11 Μὴ καταλαλεῖτε ἀλλήλων, ἀδελφοί. ὁ καταλαλῶν ἀδελφοῦ ἢ κρίνων τὸν ἀδελφὸν αὐτοῦ καταλαλεῖ νόμου καὶ κρίνει νόμον· εἰ δὲ νόμον κρίνεις, οὐκ εἶ ποιητῆς νόμου ἀλλὰ κριτῆς.	4:11 Eu vos exorto: 4:11 Irmãos, não falais/cessai de falar mal um dos outros. O que está falando/o falante/o que continua falando mal do irmão ou o que está julgando/julgador/continua julgando seu irmão está falando da lei e está julgando a lei. E eu digo: E, se julgas/continuas julgando a lei, não és fazedor/produtor da lei, mas juiz.
4:12 εἷς ἐστὶν [ὁ] νομοθέτης καὶ κριτῆς ὁ δυνάμενος σῶσαι καὶ ἀπολέσαι· σὺ δὲ τίς εἶ ὁ κρίνων τὸν πλησίον;	4:12 Pois, eu afirmo: 4:12 Um é o legislador e juiz, o que pode/o que continua tendo poder de restaurar/salvar e fazer perecer. Mas tu quem és o que está julgando/continua julgando o próximo?

4:13 Ἄγε νῦν οἱ λέγοντες, Σήμερον ἢ αὔριον πορευσόμεθα εἰς τήνδε τὴν πόλιν καὶ ποιήσομεν ἐκεῖ ἐνιαυτὸν καὶ ἐμπορευσόμεθα καὶ κερδήσομεν.	4:13 Falando nisso, (na onipotência de Deus) (no poder de Deus) 4:13 Agora, vamos! Os que estão dizendo/os falantes: hoje ou amanhã nós iremos para dentro daquela cidade e faremos/produziremos lá por um ano/um tempo e comerciaremos e lucraremos.
4:14 οἵτινες οὐκ ἐπίστασθε τὸ τῆς αὔριον ποία ἡ ζωὴ Ὑμῶν· ἀτμὶς γάρ ἐστε ἢ πρὸς ὀλίγον φαινομένη, ἔπειτα καὶ Ἀφανιζομένη.	4:14 Na verdade, 4:14 Sejais quem for (vós), os que não estais sabendo/continuais não sabendo qual a vossa vida, (a) de amanhã. Pois eu digo vós sois vapor, (o) que continua estando aparecendo, pouco numeroso/pequeno, depois também começando a (ser) desaparecido.
4:15 ἀντὶ τοῦ λέγειν ὑμᾶς ἔαν ὁ κύριος θελήσῃ καὶ ζήσομεν καὶ ποιήσομεν τοῦτο ἢ ἐκεῖνο.	4:15 Ao invés do estar dizendo vós: Se o Senhor quiser também nós viveremos e nós produziremos isto ou aquilo.
4:16 νῦν δὲ καυχᾶσθε ἐν ταῖς ἀλαζονείαις ὑμῶν· πᾶσα καύχησις τοιαύτη πονηρὰ ἐστίν.	4:16 Mas agora (vós) estais vos vangloriando/estais rindo com as vossas presunções. Mas eu digo: Todo envaidecimento desse tipo é mau.
4:17 εἰδότες οὖν καλὸν ποιεῖν καὶ Μὴ ποιοῦντι, ἀμαρτία αὐτῷ ἐστίν.	4:17 Dessa forma, por esta razão: Portanto, sabendo fazer/produzir bem/com eficácia e não fazedor/estando fazendo/ao mesmo tempo não estando fazendo está sendo para ele um pecado/ um não atingimento da meta.

Figura 16 - Pressupostos enunciativos/discursivos na perícopes 4:11-17

Nessa perícopes, ocorre também o fato lingüístico, de que fala Brandão: “se percebe um desdobramento na configuração do perfil dos protagonistas do discurso”¹²⁷, aos quais consideramos como o interlocutório principal, o auditório da Epístola, ou seja, o grupo de “vós”, as doze tribos na dispersão. Este desdobramento é marcado: vers. 4:12 pelos pronomes - τίς εἶ “quem tu és” e σὺ tu; vers. 4:14 pelo pronome οἵτινες “Os que”; e, vers. 4:17 pelo pronome pessoal oblíquo αὐτῷ “para ele” o qual concorda também com a pessoa indefinida singular implícita nos Particípios εἰδότες “estando sabendo” e μὴ ποιοῦντι “não estando fazendo”. Essa forma de se referir ao interlocutor tem um nítido objetivo argumentativo e é um procedimento atenuador, de acordo com Lakoff, e consiste “na supressão da referência explícita aos interlocutores”¹²⁸ e, para o TA, uma figura de comunhão.

¹²⁷ BRANDÃO, Helena. *Subjetividade, argumentação, polifonia. A propaganda da Petrobrás*. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

¹²⁸ Citado por ROSA, Margaret. *Marcadores de atenuação*. São Paulo: Contexto, 1992, p. 21.

Há ainda um fato a destacar no uso dessas referências atenuadoras. Constatase que, o desdobramento do interlocutário principal com a supressão de uma referência explícita, encontra-se em 4:2 e 4:7, nas sanções negativas. Trata-se de sua vinculação com o caráter adversativo de toda perícope, fato que já assinalamos acima. As sanções negativas aparecem como resultado da oposição (adversativa) presente nas ações dos membros do grupo. O orador atenuando o ensinamento não se refere naquele momento nem diretamente ao grupo nem a um membro específico daquele. Entre os desdobramentos do interlocutor em 4:12; 4:14 e 4:17, o que é usado em 4:14 - οἵτινες “os que” - contém dentro dele mesmo uma oposição que potencializa mais a noção adversativa do texto. Ocorre aqui o recurso que faz parte de um processo de “desqualificação do outro pela diluição de qualquer idéia de identidade”¹²⁹.

Essa desqualificação é potencializada pelos recursos: A) do significado da incompetência trazida pela negação contida na frase: οἵτινες οὐκ ἐπίστασθε “vós/os que não estais sabendo”; B) pelo tema do aspecto Infectum/contínuo utilizado no verbo (presentificação); e C) pelo uso do modo indicativo, uma asserção, uma afirmação de realidade do ponto de vista do locutor. D) pela localização inquestionável da incompetência, do *não saber*, que recai sobre o próprio sujeito com a marca da voz média que o envolve completamente no fato expresso pelo verbo.

Mas, se em muitos textos o recurso desqualificador do outro tem objetivo somente de *sanção*, aqui ocorre a sanção e o fato do próprio mecanismo de desqualificação conter um propósito argumentativo, paradoxalmente de atenuação da reprimenda contida em todo o contexto. A não nomeação do outro preserva tanto a face do locutor como do interlocutor. É um recurso argumentativo. É como se, ao retirar o sujeito, ao qual se refere, do grupo de “vós”, o orador como que trás o grupo para o seu lado e juntos os dois - o orador (Tiago) e o interlocutor (grupo de “vós”) - isolam aquele ser indefinido οἵτινες “os que” que nem sequer agora, nesse momento, faz parte do grupo, por que não se sabe quem é. Essa posição de aliados não está explícita no texto nem sequer insinuada apenas é construída pelo simples uso da indefinição do sujeito.

¹²⁹ BRANDÃO, p. 110.

Mas, essa indefinição é apenas aparente, pois, trata-se de um jogo argumentativo. A indefinição de οἵτινες “os que” cairá por terra se analisarmos o texto em seu conjunto e levarmos em conta, por exemplo, os versículos iniciais da Epístola . Daí o seu caráter claramente argumentativo. O uso dos atenuadores da condição do grupo de “vós” é, no entanto, interrompido nos vers. 4:14, 4:15 e 4:16. Nesses vers. , o grupo de “vós” está marcado explicitamente pelos pronomes pessoais da Segunda pessoa do plural ὑμῶν “de vós”; ὑμᾶς “vós”; e ὑμῶν “de vós”, respectivamente.

O que se constata é que nesses versículos, em que o tratamento ao grupo de “vós” é retomado diretamente, encontram-se num cotexto em que tanto a 2ª pessoa do plural é o sujeito sintático, dedução pelo cotexto, como também os verbos cujas ações estão vinculadas a esses sujeitos usam o aspecto Infectum como a baixo:

vers.	Interlocutor/grupo de vós	Verbo com tema do Infectum	tradução
4:14	οἵτινες οὐκ ἐπίστασθε τὸ τῆς αὔριον ποία ἢ ζωὴ Ὑμῶν. Sejais quem for (vós), os que não estais sabendo/continuais não sabendo qual a vossa vida, (a) de amanhã.	ἐπίστασθε	os que não estais sabendo/continuais não sabendo
4:15	ἀντὶ τοῦ λέγειν ὑμᾶς Ao invés de vós estar dizendo/a dizer	λέγειν	estar dizendo/a dizer
4:16	νῦν δὲ καυχᾶσθε (Inflectum) ἐν ταῖς ἀλαζονείαις ὑμῶν. Mas agora vos estais vos vangloriando em as presunções de vós.	καυχᾶσθε	Estais vos vangloriando

Figura 17 - Uso da segunda pessoa do plural como referente do interlocutor nos versículos 4:14-16

Há uma razão para que o tratamento seja explícito ao grupo de vós e para que os temas verbais estejam no Inflectum. É que, o uso do aspecto verbal é argumentativo. Trata-se do fechamento do raciocínio que se constitui todo ele em um ensinamento que pode ser resumido num possível sub-tema. Esse sub-tema vincula a condição atual do sujeito, mostrada por meio de suas ações marcadas no Inflectum, com a noção de efemeridade da vida; da relação homem/Deus; da relação homem/homem. Há complexidade na construção do discurso que ora analisamos. Essa complexidade pode

ser identificada a partir do momento em que ele começa a ser considerado como um ato de persuasão do locutor/destinador dentro de sua estratégia argumentativa. A estrutura mostra a competência pragmática dos interlocutores.¹³⁰ O caráter argumentativo se mostra ao identificarmos os recursos e técnicas utilizadas por Tiago como, por exemplo:

01) O desdobramento da pessoa do interlocutor/destinatário, que é referido com uma diversidade de tratamentos diferentes até surpreendente, levando em conta o pequeno tamanho da perícopes 4:11-17.

02) O sentido adversativo do trecho, como um todo, que é dada pelas oposições assinaladas acima, marcadas pelas conjunções/partículas, tanto expressas como implícitas.

03) a figurativização do tema da efemeridade da vida pode ser a concretização da sintaxe mínima. E as oposições desta última estão presentes em várias marcas como: A) O sintagma ἀτμὶς γάρ ἐστε “pois vós sois vapor” que pode ser associada à indefinição ou não nominação do sujeito “vós/os que não sabeis” οἵτινες οὐκ ἐπίστασθε, ou pode ser associada à invisibilidade do sujeito. Essa última associação de indefinição e invisibilidade da vida com a indefinição e invisibilidade do sujeito, que *não sabe*, pode colocar em cheque até a própria natureza orgânica do sujeito, ao colocá-lo em relação com uma matéria inorgânica, como o vapor. B) O *não-saber* οὐκ ἐπίστασθε pode ser associado ao não aparecer/desaparecer da vida: “a que está desaparecendo” ἀφανιζομένη à indefinição do sujeito οἵτινες. C) A noção de *não ser* associada a indefinição do sujeito marcada no termo οἵτινες “os que”; e no “*não-saber*” οὐκ ἐπίστασθε do próprio sujeito, na anulação do ser presente nessas noções na vida que ἔπειτα καὶ ἀφανιζομένη “logo desaparece”. D) O desejo de ser, ao expressar a intenção de ir à cidade para comerciar, é podado pela contraposição da incapacidade do *não saber* o que ocorrerá amanhã. E, pode-se estabelecer, também, uma relação entre sujeitos Homem e Deus, mostrando a diferença de suas naturezas. Um, que é Deus, tem o poder porque sabe e quer conforme 4:12 e 4:15, outro, o Homem, que não pode porque sua vida é efêmera e ele não sabe disso, ou se esquece.

¹³⁰ ROSA, p. 22.

A PERÍCOPE 3:12 A 4:10

No vers. 3:12, observamos que, do ponto de vista da argumentação, a técnica utilizada para tornar válido o argumento do orador é a do argumento por analogia. O orador compara: primeiramente a língua com a figueira e com a oliveira, e os produtos da fala do destinatário da carta (seus enunciados) com o figo e com a azeitona; e, secundamente, a língua com a fonte de água, e o produto da fala com a água doce ou salgada. Retroagindo no texto, o vers. anterior 3:11 também já usava uma analogia semelhante: a língua, membro do corpo, comparada com a figueira e com a oliveira, bem como comparada com as fontes de água doce e fonte de água salgada. E, mais ainda, o que se constata é que as analogias de 3:11 e 3:12 são feitas com referência ao ato da fala/enunciativo, expresso no vers. 3:10 que dá início à comparação:

3:10 ἐκ τοῦ αὐτοῦ στόματος ἐξέρχεται εὐλογία καὶ Κατάρρα.
3:10 Da mesma boca sai/está saindo benção/elogio e maldição.

A relação entre figuratividade e efeito de profundidade¹³¹ criam, levando em conta o auditório particular para o qual a Epístola se dirige, efeitos de sentido significativos. Um primeiro destaque se dá para o elemento escolhido como foro ou tema, no argumento por analogia aqui utilizado. Tanto no que se refere às árvores e frutos (figueira, oliveira, figo, azeitona), como no que se refere à figura da fonte que faz brotar água (doce, salgada, amarga) o fato, que salta aos olhos, é de que a analogia é feita com elementos do mundo natural.

Em nossa leitura, a analogia com a natureza está buscando, como em outras ocasiões do mesmo discurso, o campo semântico da relação da natureza com a noção da ORDEM que existe no mundo natural.

Além disso, o tema da natureza está vinculado à vida real dos destinatários já que estreitamente ligado a fatos do espaço geográfico onde viviam; a sua sobrevivência comunitária econômica; e às práticas e textos religiosos que lhes eram tão caros. Sem

¹³¹ Cf. BERTRAND, p. 213.

aprofundarmos o tema da vida real, apenas lembramos a água como um elemento natural importante para a vida dos habitantes do Oriente Próximo, de onde se originam os destinatários da epístola; da oliveira e seu fruto azeitona como fazendo parte da vida econômica, doméstica; da presença de frutos como o figo, como sinal de fartura da região. E, mais ainda, o uso à exaustão, de todos esses elementos, como símbolos nas cerimônias religiosas, e como figuras discursivas, simbólicas e metafóricas, na intertextualidade tanto vétero como neotestamentária. Outro destaque merecido, na construção do argumento por analogia, é para a utilização pelo enunciador de elementos sinestésicos. A utilização da técnica argumentativa por analogia é feita levando-se em conta todo o contexto onde os elementos sinestésicos aparecem, como se pode ver, comparando-se:

Com a língua: bendizemos	De a fonte brotar:doce
Com a língua: amaldiçoamos	Da fonte brotar: salgada e amarga

O gosto doce, o salgado, e o azedo ou amargo são elementos sinestésicos que criam um efeito de sentido concreto, e criam o simulacro de uma corporificação somática e orgânica. Esse efeito de concretude facilita a construção da figura do ato enunciativo/discursivo como ato natural/somático, e ao mesmo tempo social. Tal figurativização com elementos sinestésicos é ainda retomada com reforço no vers. 3:14, mais adiante, que diz:

3:14 εἰ δὲ ζῆλον πικρὸν ἔχετε καὶ Ἐριθείνα ἐν τῇ καρδίᾳ ὑμῶν,
 3:14 Mas, se uma inveja amarga e um sentimento faccioso continuais a ter no seu coração,

A figurativização, usada na analogia, poderia conter até mesmo uma concepção filosófica, que vincularia sempre o que é espiritual ao que é corporal/orgânico. Não haveria, ou não poderia se fazer uma separação entre corpo e espírito, da mesma forma que não se pode fazer a separação entre significante e significado, ou, indo mais além, no Testamento, a separação da figura do Deus e do Homem na personagem Jesus. Volta-se aqui à mesma questão da tentativa de vincular a percepção/sentir ao

conhecimento (conforme já assinalamos acima). O conhecimento – saber - vem marcado no sintagma do vers. 3:13 : Τίς σοφός καὶ Ἐπιστήμων ἐν ὑμῖν; “Quem (é) sábio e instruído/erudito em vós,”

COMPETÊNCIA DISCURSIVA E INSTÂNCIA DA ENUNCIÇÃO

Temos considerado que na Epístola de Tiago o orador coloca o tema da assunção da palavra por um sujeito discursivo. Ora, esse tema é ligado diretamente à instância da enunciação como ato, e o ato está relacionado à competência do sujeito para realizá-lo. Em nossa visão teórica, a competência, para se assumir como sujeito discursivo, tem origem na leitura da instância da enunciação *lato sensu*, e contempla também a gênese da enunciação. A competência está ligada diretamente a questão de que o produto da enunciação, o enunciado, seja um objeto vazio, ou cheio, de significados. O enunciado é vazio ou cheio, de significados, quando o sujeito que assumiu a palavra está discursivizando uma percepção que ele teve das impressões de outro sujeito que, na verdade, é a parte sensível dele mesmo. São as impressões que o sujeito teve ao experimentar, sentir, sofrer de um objeto.

Na nossa proposta para a instância da enunciação, é justamente essa relação do sujeito do πάσχειν “do sofrer, do sentir, do experimentar” com seu objeto, que é colocada em discurso pelo sujeito do λέγειν, que assume a palavra. Se o discurso é vazio ou é porque o sujeito do λέγειν não obteve impressões da relação do sujeito do πάσχειν com seu objeto, ou porque não teve competência para discursivizar, expressar o que sentiu.

A instância da enunciação, na epístola, pode ser lida/analísada, de acordo com nosso entendimento, focalizando os três modelos de leitura: A) do ponto de vista do modelo genético; B) do ponto de vista do modelo que considera a discursivização, aqui ligada, por exemplo, à competência; C) e do ponto de vista da enunciação como ato comunicativo (a interação). Já no nível discursivo, a instância da enunciação aparece no tema da assunção da palavra por um sujeito discursivo. Este tema é inter-relacionado

com outros sub-temas, e o mais forte é da relação dos homens entre si, particularmente centrado nos sub-temas da riqueza e da pobreza.

Sendo o próprio destinatário da epístola um dos sujeitos que se pressupõe assumindo o discurso, a (des) construção da identidade do destinatário pode ser buscada nas três leituras da instância da enunciação: sua gênese, a discursivização, e a interação. Essa visão da instância da enunciação, tendo na sua gênese o sensível, faz parte do conjunto que permite ao orador desqualificar o discurso do outro. Em resumo, aquele que não sente, não percebe, não sofre de seu objeto não tem competência para falar.

CAPÍTULO 09

O PARTICÍPIO GREGO

There are few languages which have equalled the Greek in the abundance and variety of its use of the participle and certainly none has surpassed it.¹³²

Há poucas línguas que se igualaram ao grego na abundância e variedade do uso do particípio e certamente nenhuma o ultrapassou (*tradução nossa*).

A questão ou noção participial será vinculada à noção de actorialização, sendo essa actorialização considerada como noção que pressupõe procedimentos de introdução de um ator na narrativa, conforme a seguir:

(...) o ator é uma unidade lexical, de **tipo nominal** que, inscrita no discurso, pode receber, no momento de sua manifestação, investimentos de sintaxe narrativa de superfície e de semântica discursiva. Seu conteúdo semântico próprio parece consistir essencialmente na presença do sema individualização que o faz aparecer como figura autônoma do universo semiótico¹³³ (*negrito nosso*).

Por que a questão participial está sendo vista como inserida na noção de actorialização?

¹³² DANA, H. G. & MANTEY, Julius R. *A manual grammar of the Greek New Testament*. New York: The Macmillan Company, 1941, p. 220.

¹³³ GREIMAS, Algirdas Julien e COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1999, p. 34.

Isso porque consideramos o particípio grego como um fato enunciativo, lingüístico, discursivo, narrativo e argumentativo: de um lado, introduzindo um sujeito/actante do enunciado que, no discurso, é marcado na forma pelo gênero e número¹³⁴; de outro lado, a forma gramatical estabelecendo discursivamente na narrativa uma ligação de coexistência argumentativa entre um sujeito e seu estado ou ato. A ligação cria e atribui ao sujeito um papel actancial e um papel temático. Uma ligação que contribuirá para a (des)construção da identidade desse ator, introdução de temas, narrativizando fazeres e transformações. Argumentativamente, também, o ator aparece referenciado como um “aquele que os que”, um *ele*, qualificado ou nomeado pelo particípio de forma momentaneamente definitiva e estável. Um *ele* que age ou sofre uma ação, ou é portador de um estado. O ator marcado pela visão temporal do enunciador, na modalização aspectual verbal, já que o particípio “participa”, como seu nome indica, da condição de verbo, além da condição de adjetivo ou mesmo de substantivo, quando definido.

O objetivo de tratar a leitura/análise do ator também a partir da forma participial é procurar dentro do discurso um efeito de sentido criado por um fato tido, em primeiro lugar, como lingüístico e do sistema. Tentaremos responder à pergunta: O que diz e como diz o particípio grego, ou o que é e como funciona o particípio no discurso?

Nossa busca se insere no ensinamento de que a “elucidação dos problemas mais elementares da sintaxe só é possível, também, sobre a base da comunicação verbal”¹³⁵. Priorizamos assim uma visão de que “é necessário aprofundar o conhecimento dos funcionamentos da linguagem”¹³⁶, e pretendemos um trabalho que pode ser de forma mais ampla e genérica fundamentado numa “perspectiva pragmático/enunciativa”, conforme Maingueneau, em que se completariam a Retórica e a Semiótica, pois:

O fato de os mecanismos retóricos, por seu caráter estratégico, no sentido logístico mesmo do termo, produzirem efeitos de sentido, coloca a Retórica

¹³⁴ Marcações estas que servem tanto como dêiticos tanto como anáforas, fazendo ultrapassar esse ator do nível da frase e se perpetuando ao longo do discurso. Cf. GREIMAS e COURTÉS, p. 35.

¹³⁵ BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1988, p.142.

¹³⁶ MAINGUENEAU, D. *Novas tendências na análise do discurso*. São Paulo: Ed. Unicamp, 1997, p. 18.

em conexão com a Semiótica, que se ocupa das práticas significativas, sejam elas verbais ou de outra natureza.¹³⁷

São pelas razões acima, que vemos a forma participial como uma marca textual/discursiva, que se insere na actorialização. A escolha do participio grego se justifica, também, pelas amplas possibilidades que ele oferece para a construção de um texto coeso e coerente.

MORFOLOGIA DO PARTICÍPIO GREGO

O participio grego contém, na sua forma, os seguintes elementos: um tema verbal; uma desinência que indica o número, pessoa e gênero do sujeito, relacionado à ação ou estado verbal e uma indicação da declinação, ou seja, o “caso” πτώσις. Eventualmente a forma participial pode ser precedida por um artigo, adquirindo assim o estatuto de um substantivo. Um exemplo ilustrativo da composição morfológica dos participios é o das ocorrências nos vers. 4:13 οἱ λέγοντες “os que estão dizendo/os falantes” e no vers. 1:6

ὁ διακρινόμενος “o que está fazendo juízos atravessados”.

vers. 4:13 - οἱ λέγοντες

Artigo masculino plural	Tema verbal do Infectum, aspecto contínuo durativo.	Vogal de ligação	Marca de voz ativa	Caso nominativo, masculino, plural.
οι	λεγ	ο	ντ	ες

vers. 1:6 - ὁ διακρινόμενος

Preposição (compondo palavra)	Tema do infectum	Vogal de ligação	Sufixo que indica voz média ou passiva	Sufixo que indica a pessoa, número e caso
	Ação em progresso		Voz media	nominativo
δια	κριν	ο	μεν	ος

¹³⁷ MOSCA, Lineide do L. Salvador. Discurso publicitário e tradição retórica. In: *LUMEN: Revista de Estudos e Comunicações* 5.11 (1999): 24.

O PARTICÍPIO GREGO NO DISCURSO

No nível lexical, o significado da forma participial grega é dado pelo vínculo entre um Sujeito (S) e um estado, fato ou ação. Uma ação que o sujeito executa ou sofre, fato do qual ele participa, estado em que se encontra. Nomeado lexicamente por essa forma, o vínculo acima referido já se constitui, por si só, em um pequeno enunciado. Um pequeno enunciado que se constituirá como sujeito/actante do discurso maior. O vínculo inerente à forma aporta as funções a seguir:

- Cria um *status* para o sujeito ao qual se refere.
- Cria um lugar, a partir do qual tanto o sujeito da enunciação como o sujeito do enunciado passam a ser vistos.
- Mostra, pela sua escolha, a importância que dá ao evento com o qual o sujeito está sendo vinculado.
- Mostra, pela criação da forma, a importância da própria ligação.
- Considera, para fins narrativos, que o sujeito já não é mais o mesmo: ele executa uma ação ou sofreu uma transformação.
- Considera a ligação como importante, para ser relacionada, com outras ações ou estados.
- Traz à lembrança a condição à qual o sujeito está unido.
- Cria discursivamente uma identidade para o sujeito, o que equivale a dizer: “Ele é isto, ele faz isto, ele está assim”, potencializando assim o caráter assertivo /argumentativo, do pequeno enunciado.

Esse tipo de vínculo exercerá diversas funções no texto/discurso, Na epístola, contribuirá em vários níveis para criação do ἦθος “éthos” do enunciador, o πάθος “páthos” do enunciatário, a construção do orador, a (des)construção do destinatário, a modalização dos sujeitos/actantes da enunciação e do enunciado, a identificação dos temas, a persuasão e argumentação, a aspectualização do discurso, e eficazmente para construção da coesão e coerência da Epístola.

Como construção do ἦθος “éthos” constata-se que o enunciador, ao criar uma forma participial com os vínculos apontados acima, está na verdade modalizando uma

forma discursiva, que tem as características de uma asserção, sugerindo uma competência enunciativa daquele que *sabe* e não tem medo de afirmar o que *sabe*. Afinal, criar uma forma participial é criar um nome. O participio é um nome. Ao criar um nome o enunciador assume um *poder fazer* que reflete – pressupõe - uma competência. Ao mesmo tempo, o sujeito criador do discurso mostra que é também portador de um certo grau de adesão ao seu discurso.

Os participios, como anafóricos, podem cumprir a função de modalizadores, conforme o ensinamento a seguir:

Assim, ao lado de advérbios modalizadores (*talvez, claro*), etc., do jogo dos níveis de língua (presença inesperada de uma palavra de gíria, num discurso elevado), **certas transformações**, como a ênfase, certas construções, como a inserção do enunciado referido, constituem também marcas de **modalização**¹³⁸ (*grifos nossos*).

Identificamos na forma participial dois tipos de relações: uma primeira relação, Sujeito 1 + (fato, estado, ação), que chamaríamos interna no tema do participio. Essa relação, podemos chamar de pontual, momentânea, e em função da (des)construção da identidade do sujeito que está sendo discursivizado. Uma segunda relação, que chamaríamos externa, isto é, separada do vínculo imediato entre Sujeito 1 + (fato, estado, ação), marcada na forma participial, mas nem por isto fora do conjunto das relações estabelecidas por esse mesmo Sujeito (S1). Essa relação está em função da orientação temática do discurso. A vantagem do participio é que coloca o sujeito no contexto discursivo em várias relações, como abaixo:

	SUJEITO	
	Designado pela forma participial	
Relação discursiva	Relação “interna”	Relação discursiva
	A QUE ESTÁ DIZENDO	
2:23 καὶ ἐπληρώθη ἡ γραφή	ἡ λέγουσα,	Ἐπίστευσεν δὲ Ἀβραὰμ τῷ θεῷ, καὶ ἐλογίσθη αὐτῷ εἰς δικαιοσύνην καὶ φίλος θεοῦ ἐκλήθη.

¹³⁸ DUBOIS, Jean et alii. *Dicionário de lingüística*. 10 ed. São Paulo: Cultrix, 1998, p. 414 .

2:23 E foi cumprida /preenchida a escritura	a que diz/a dizente:	Acreditou Abraão em o deus e ele foi escolhido /pensado para a justiça e amigo de Deus ele foi chamado.
	É relacionado com algo que passa a ser um evento interior. O sujeito passa a ser uma coisa só com o evento. Aqui, assume-se como sujeito discursivo: “aquela que/a que está dizendo.”	
As relações podem todas ser simultâneas, ou com relação de anterioridade e posterioridade às outras ações do mesmo sujeito, consideradas exteriores e tendo, já implícito na forma participial, a situação do sujeito, em relação interna com um evento.		

FIGURA 18 - Relações estabelecidas pelo uso do participio no discurso

O esquema acima serve para qualquer relação deste tipo, em que há tanto simultaneidade como anterioridade/posterioridade, de um acontecimento que é considerado exterior a outro evento ou condição, visto como interior. Pode ser que outros eventos estejam também muito próximos do sujeito, mas um evento é escolhido como mais interior ou escolhido para ser focalizado. Esse evento é escolhido argumentativamente pelo orador como ponto de partida ou estabilidade, ou considerado mais ligado ao sujeito, no contexto mais próximo. A maneira de expressar essa estabilidade, esse ponto de partida, essa maior proximidade com o sujeito é feita, no discurso grego, com o uso do participio.

A utilização da forma participial pode também fazer o discurso progredir. O discurso se torna menos instável pois, ao mesmo tempo em que relaciona um actante do enunciado com seu estado ou ato, o participio está tornando a narrativa vinculada diretamente ao discurso em andamento. Essa estabilidade textual/discursiva contribui assim para a coesão e coerência, já que se insere no que se chama de “relações orientadoras”¹³⁹, conforme Barros, que fazem o texto caminhar e se orientar.

Um fato marcante é que as mesmas formas, do ponto de vista gráfico exatamente iguais em discursos diferentes, terão significados discursivos diferentes, já que a função

¹³⁹ BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Editora Ática, 1999, p. 78.

dêitica trazida pelo sufixo que funciona como um demonstrativo se referirá a sujeitos discursivos diferentes. Essa polissemia da forma participial a torna muito semelhante às características polissêmico/discursivas dos dêíticos em geral, pois, se no sistema, o dêítico tem um significado primeiro que é único - o de apontar para um referente qualquer -, no discurso ele tem sentidos diferentes que dependem do contexto, dos fatos ou sujeitos para os quais os dêíticos apontam. A partir do momento em que é designado pela forma participial, o ator não passa a ser mais um *ser* com indefinição total. Ele passa a ter uma definição em função da relação que se estabelece entre ele e seu estado ou ação. O sujeito passa a ser construído como uma identidade discursiva, constituindo-se assim como um ator já que, cf. Greimas: "...seu (do ator) conteúdo semântico próprio parece consistir essencialmente na presença do sema individualização que o faz aparecer como figura autônoma do universo semiótico."¹⁴⁰ Ao mesmo tempo, tem-se um ator com a potencialidade de ter vida própria dentro do discurso e de estabelecer novas relações, agir ou sofrer ações, e adquirir um estado. Em qualquer tempo, a relação da forma participial com os outros eventos, no que se refere a sua modalização temporal, vai ser sempre a mesma, mesmo que os verbos das orações principais estejam no passado, no presente ou no futuro. A forma escolhida do participípio é sempre a mesma, seja qual for a referência temporal externa, o que demonstra que a visão que se tem, é interna, isto é, a expressão escolhida para nomeá-la prioriza o que se chama aspecto verbal e, no grego, isso aparece na morfologia do tema verbal.

O participípio grego, dependendo do tema aspectual verbal, expressa uma ligação (S + qualidade, ação, fato), que pode ser referida como: 01. Simultânea e/ou seguida de outro evento, neste caso o aspecto é o *Infectum*; o que nos faz supor que estaria mais vinculada ao ato enunciativo; ou, 02. Mera menção, ou como anterioridade/posterioridade com outro evento, neste caso o aspecto é o pontual, o que nos faz supor que a relação estaria mais vinculada à narrativa; ou 03. Um estado acabado, neste caso o aspecto é o *Perfectum/acabado*. Todos, no grego, marcados morfologicamente com uma morfologia própria para cada aspecto verbal.

¹⁴⁰ GREIMAS e COURTÉS, p. 34.

COMPONENTE ARGUMENTATIVO DO PARTICÍPIO

A técnica argumentativa que se chama *ligação de coexistência* é assim definida pelo TA:

A ligação de coexistência fundamental, em filosofia, é a que relaciona uma essência com suas manifestações. Parece-nos, contudo, que o protótipo dessa construção teórica se encontra nas relações existentes entre uma pessoa e seus atos. É pelo exame dessa relação que começaremos a nossa análise.¹⁴¹

A técnica argumentativa da ligação de coexistência está presente nas formas participiais gregas, nas quais se vincula um Sujeito (S) a um estado, ou ação, que o mesmo sujeito executa ou sofre. O participio está adjetivando, qualificando, predicando o ator e, ao fazer isso, utiliza essa técnica cujo protótipo é o vínculo da pessoa com seus atos. Feita essa ligação argumentativa, o evento representado pela forma participial vai mostrar uma função decisiva na (des)construção da identidade do ator, ao marcar aquilo que é considerado essencial, no que se refere à natureza da pessoa. Ao mesmo tempo, o conjunto estabelecerá relações mais definidas com os outros eventos considerados mais exteriores ao sujeito. No contexto imediato em que o participio está inserido, a ligação (S + qualidade, ação, fato) adquire um caráter de importância. A condição assinala que esta qualidade do sujeito é mais importante do que outras e é sobre ela que o orador quer chamar atenção. Essa relação criada pelo orador não é uma simples relação, mas uma relação orientada para o tema fundamental do discurso como um todo.

Uma pergunta seria: qual a função desta *coisificação* do sujeito ligado à sua condição?

Poderíamos responder que toda *coisificação*, em primeiro lugar, tem um papel de distanciamento do enunciador, em relação ao enunciado. A seguir, poderíamos constatar que, apesar da ligação criada na forma participial ser considerada, para fins argumentativos, como natural, na verdade, ela está sendo considerada como algo

¹⁴¹ TA, pp. 333-334.

transitório, para fins de (des)construção de um sujeito. Ela só é natural (ou essencial) nas narrativas em que os enunciados tentam criar um simulacro de identidade definitiva para o sujeito, na Epístola de Tiago, por exemplo, quase sempre o destinatário. É importante assinalar o fato de que o vínculo é transitório, apesar de conferir certa estabilidade ao ator, tendo objetivos meramente discursivos. Isso porque, se o vínculo fosse considerado permanente, o enunciator estaria podando a possibilidade de transformações desse mesmo ator no restante do discurso.

Como desdobramento das noções acima, podemos constatar que, no momento em que o enunciator escolhe uma característica mais próxima do sujeito, ele está agregando essa característica, essa qualidade de tal maneira ao sujeito, que a forma participial pode passar a se constituir um nome. Isto se faz, muitas vezes, a ponto de se transformar o adjetivo qualificativo, a forma participial, em um substantivo definido. O sujeito (S+ qualidade, ação, fato) passa a ter vida própria, em uma ligação de coexistência, inclusive com a potencialidade de ser predicado por um verbo de estado ou de ação, ou com a potencialidade de “se dirigir” em busca de outro objeto ou sujeito.¹⁴² E aí começa uma outra “história”.

Quando a forma participial tem o traço semântico da anterioridade, marcado no tema do aspecto pontual, será possível, eventualmente, ser estabelecida uma relação de causa e efeito entre (S + qualidade, ação, fato) com outro evento. Nesse caso, haverá um acúmulo de técnicas argumentativas, já que se poderá agregar à ligação de coexistência da forma participial uma técnica denominada ligação de sucessão.

Dentre as *ligações de sucessão*, o vínculo causal desempenha, incontestavelmente, um papel essencial, e seus efeitos argumentativos são tão numerosos quanto variados. Desde logo, vê-se que ele deve permitir argumentações de três tipos: A) as que tendem a relacionar dois acontecimentos sucessivos dados entre eles, por meio de um vínculo causal; B) as que, sendo dado um acontecimento, tendem a descobrir a existência de

¹⁴² Mas, como o próprio nome exprime, μετοχή (“participação”), o particípio é nome (adjetivo) quanto à forma, mas não perde sua natureza verbal e suas relações com o sujeito e complementos se mantêm intactas: ele pode ser ativo, médio e passivo. E, se é transitivo, continua a procurar (αἰτέω - eu busco) o seu complemento (termo do ato verbal). Cf. MURACHCO, Vol. 1, p. 274.

uma causa que pôde determiná-lo; C) as que, sendo dado um acontecimento, tendem a evidenciar o efeito que dele deve resultar.¹⁴³

Assim, a própria ligação de coexistência da forma participial, que por si só já é uma técnica argumentativa, funciona ela mesma nas ligações de sucessão, as quais unem um fenômeno às suas conseqüências, ou às suas causas – o vínculo causal. Isso é possível verificar, na Epístola de Tiago, quando se evidenciar, por exemplo, que a ligação de coexistência contida na forma participial expressa uma transformação sofrida pelo sujeito, ou uma sanção por ele recebida. É útil, porém, destacar a diferença entre os dois tipos de técnicas:

Enquanto, nas ligações de sucessão, os termos cotejados se encontram num mesmo plano fenomênico, as ligações de coexistência unem duas realidades de nível desigual, sendo uma mais fundamental, mais explicativa do que a outra.¹⁴⁴

A PROGRESSÃO TEXTUAL E O PARTICÍPIO

Uma das funções mais expressivas e mais evidentes das formas participiais gregas é funcionar, como recurso tanto de coesão como de coerência, contribuindo para a progressão textual. Como se concretiza essa função de progressão textual, criando a coesão e a coerência?

Isto se dá pela sua função de referenciação. Exercendo-a, a forma participial pode ser enquadrada em vários tipos de referentes. Essa função se concretiza também por meio do que Koch denomina de “estratégia referencial de associação”. A mesma autora chama atenção para a relação íntima entre referenciação por formas nominais e argumentação, conforme abaixo:

(...) intelecção de um texto consiste na apreensão de suas significações possíveis, as quais se representam nele, em grande parte, **por meio de marcas lingüísticas**. Tais marcas funcionam como pistas dadas ao leitor para permitir-lhe uma compreensão adequada: a estrutura da significação, em língua natural, pode ser definida como o conjunto de **relações que se**

¹⁴³ TA, pp. 299-300.

¹⁴⁴ TA, p. 333.

instituem na atividade da linguagem entre os indivíduos que a utilizam, atividade esta que se inscreve sistematicamente no interior da própria língua. Portanto, para que possa chegar a uma inteligência mais aprofundada do texto, o educando precisa ser preparado para reconhecer essas marcas. Entre elas, podem-se citar, a título de exemplo: os tempos e modos verbais; o posto, o pressuposto e o subentendido; as modalidades (lógicas, avaliativas, deônticas); a topicalização e, na linguagem falada, a entonação (representada, em parte, pela pontuação na escrita); **os diversos tipos de referência anafórica, destacando-se aquela que se faz por meio de expressões referenciais definidas**; os itens lexicais que funcionam como operadores argumentativos (ou operadores de discurso); a maneira como o emissor interrelaciona, no texto, diversos campos lexicais, de maneira a produzir novas significações; certas redundâncias intencionais; recursos gráficos e estilísticos de valor argumentativo¹⁴⁵ (*negritos nossos*).

No caso do participípio, a estratégia referencial de associação quase sempre ocorre por meio de uma anáfora indireta em que o referente é inferível a partir de elementos do texto que não estão literalmente explícitos. Cabe destacar que, no que se refere ao sufixo, o participípio grego funciona como demonstrativo e assinala o gênero e o número do sujeito/actante do referente que está explícito no texto. O que o participípio retoma, sem que haja uma forma nominal explícita no texto, são as figuras e temas discursivos que aparecem assinaladas pelo tema verbal e pelo “caso” $\pi\tau\omega\sigma\iota\varsigma$. O conjunto sujeito+ato/estado funciona como anáfora e contém uma referência tanto direta pelo sufixo, como indireta pelo tema da forma verbal. No texto, terá uma função tanto anafórica como dêitica, funcionando como um recurso coesivo e contribuindo também para a coerência e progressão textual. Mais ainda, a referência para a qual a forma participial remete pode tanto estar no co-texto discursivo como na intertextualidade. Neste último caso, é preciso que haja um conhecimento compartilhado pelo orador e o auditório, já que se trata de um referente externo que implica um conhecimento do mundo. Nas formas participiais, quando se trata de uma referência a um conhecimento compartilhado, o uso do aspecto pontual/aoristo é mais comum, uma vez que neste caso, o aoristo cumpre com eficácia sua função narrativa e ao mesmo tempo de anterioridade temporal, em relação à ação do verbo principal.

Antes de começarmos a leitura/análise de alguns exemplos de ocorrências da forma participial na epístola, gostaríamos de chamar atenção para o fato de que o

¹⁴⁵ KOCH, 2002, pp. 160-161.

particípio grego tem características morfológicas bem distintas do particípio português. Essas características morfológicas, seguindo a lógica de que uma mudança de forma produz mudanças no significado, trazem para o discurso funções também distintas. Os particípios gregos já contêm na sua forma o sujeito da proposição principal, o que facilita na construção discursiva. A facilidade trazida pela forma participial grega evita as dificuldades que são inerentes ao emprego da forma participial portuguesa. No grego, a expressão participial é um instrumento lingüístico de nomeação, cuja expressão é explícita. Já no português, a expressão nomeadora está implícita: conforme Apothélosz e Chanet¹⁴⁶ “..... em que a nomeação não é outra senão o sujeito zero da proposição participial.”

O PARTICÍPIO E O ASPECTO VERBAL

Entre as técnicas lingüísticas que contribuem para acentuar a impressão de permanência ou estabilidade, seja de uma pessoa ou de uma coisa, está o uso da qualificação. A qualificação feita por meio do adjetivo participial não tem o mesmo efeito de sentido de um adjetivo comum, isso porque o adjetivo participial marca a noção da ação e/ou do estado verbal vinculado ao sujeito, na sua própria forma.¹⁴⁷

Assim, por exemplo, se o discurso é do tipo judiciário, na forma participial aparecem as noções de responsabilidade, de mérito e de culpabilidade, relativas às pessoas, e as noções de norma, regra, vinculadas ao ato. O uso da forma participial remete a um novo desdobramento de relações: aquelas vinculadas ao ato e aquelas vinculadas à pessoa. Estariam em jogo sempre na forma participial, tanto a “responsabilidade, mérito e culpabilidade como a norma e a regra”. Quando a qualificação do sujeito é feita por meio do uso de particípio com artigo (particípio substantivado), a técnica torna o argumento mais expressivo. Nesses casos, a escolha do aspecto verbal é decisiva para tornar o argumento ainda mais forte. Constrói-se uma estabilidade maior ou menor da personagem, criando-se inclusive o efeito de sentido de

¹⁴⁶ APOTHÉLOZ, Denis e CHANET, Catherine. Definido e demonstrativo nas nomeações. In: CAVALCANTE, RODRIGUES e CIULLA, p. 132.

¹⁴⁷ BITTENCOURT, Fo. H. *A Carta de Tiago. Análise do discurso: a função argumentativa do particípio verbal grego*. Trabalho apresentado na Universidade de São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Área: Lingüística. Disciplina: Tópicos da Teoria da Enunciação. Ano: 2004. Docente: Profa. Dra. Norma Discini de Campos.

impossibilidade de mudança, quando se trata de uma pessoa.¹⁴⁸ Os participios substantivados na epístola de Tiago estão listados no quadro a seguir:

Vers.	Particípio substantivado	Tradução Linear	Sujeito	Aspecto
1:5	τοῦ δίδόντος θεοῦ	Deus doante/que está doando	Pessoa - Deus	Infectum
5:1	ταῖς ἐπερχομέναις	as (os) que estão avançando sobre vós.	Coisa - Desgraças	Infectum
3:6	ἡ σπιλοῦσα	a que está manchando	Coisa- Língua	Infectum
3:6	ἡ φλογίζουσα	a que está inflamando	Coisa- Língua	Infectum
1:21	τὸν δυνάμενον σῶσαι	aquela que está podendo restaurar/salvar.	Coisa- Palavra enxert.	Infectum
2:23	ἡ λέγουσα,	a que diz/a dizente/a que estava dizendo	Coisa-Palavra Escritura	Infectum
4:13	οἱ λέγοντες,	Os que estão dizendo/os falantes	Pessoa – Comerciante	Infectum
4:12	ὁ δυνάμενος	o que está tendo/o que continua tendo poder	Pessoa - DEUS	Infectum
1:12	τοῖς ἀγαπῶσιν αὐτόν.	aos que (ao mesmo tempo) o estão amando?	Pessoa – está caminho	Infectum
2:5	τοῖς ἀγαπῶσιν αὐτόν;	aos que (ao mesmo tempo) o estão amando?	Pessoa – está caminho	Infectum
3:18	τοῖς ποιούσιν	Os que estão fazendo/produzindo	Pessoa – está caminho	Infectum
2:3	τὸν φοροῦντα	O que veste/porta (a roupa) brilhante	Pessoa - rico	Infectum
1:6	ὁ διακρινόμενος γὰρ	pois o que está fazendo julgamentos atravessados /considerações/discriminações.	Pessoa – saiu caminho	Infectum
4:11	ὁ καταλαλῶν	O que está falando mal/o falante, o que continua falando mal	Pessoa – saiu caminho	Infectum
4:11	ὁ κρίνων	O que está julgando/o julgador	Pessoa – saiu caminho	Infectum
4:12	ὁ κρίνων	o que está julgando/ o julgador/ o que continua julgando	Pessoa – saiu caminho	Infectum
3:4	τοῦ εὐθύνοντος	do condutor/do que está conduzindo	Pessoa - timoneiro	Infectum
5:4	ὁ ἀπεστερημένος	O que foi roubado/acabou de ser roubado	Coisa –salário roubado	Perfeito
4:1	τῶν στρατευομένων	Dos que estão guerreando	Coisa – paixões	Pontual

Figura 19 – Ocorrências de participios substantivados na epístola de Tiago.

¹⁴⁸ TA, p. 335ss.

PARTICÍPIOS – LEITURA/ANÁLISE

PERÍCOPE 2:20-26

2:20 θέλεις δὲ γινῶναι, ὦ ἄνθρωπε κενέ, ὅτι ἡ πίστις χωρὶς τῶν ἔργων ἀργή ἐστιν;

2:20 Oh! Ser humano vazio! Tu estás querendo saber porque a fé separada dos trabalhos é inativa ?

2:21 Ἄβραάμ ὁ πατήρ ἡμῶν οὐκ ἐξ ἔργων ἐδικαιώθη ἀνενέγκας Ἰσαὰκ τὸν υἱὸν αὐτοῦ ἐπὶ τὸ θυσιαστήριον;

2:21 O nosso pai Abraão não foi “justificado” a partir dos trabalhos, tendo levado para cima/oferecido Isaac, o seu filho, sobre o altar do sacrifício?

2:22 βλέπεις ὅτι ἡ πίστις συνήργει τοῖς ἔργοις αὐτοῦ καὶ ἐκ τῶν ἔργων ἡ πίστις ἐτελειώθη,

2:22 Tu estás vendo/vês que a fé trabalhava/estava trabalhando junto com os trabalhos dele e que a partir/ dos trabalhos a fé foi completada?

2:23 καὶ ἐπληρώθη ἡ γραφή ἡ λέγουσα, Ἐπίστευσεν δὲ Ἄβραάμ τῷ θεῷ, καὶ ἐλογίσθη αὐτῷ εἰς δικαιοσύνην καὶ φίλος θεοῦ ἐκλήθη.

2:23 E foi cumprida/preenchida a escritura, a que diz/a dizente: “Acreditou Abraão em o deus e ele foi escolhido/pensado para a justiça e amigo de Deus ele foi chamado.

2:24 ὁρᾶτε ὅτι ἐξ ἔργων δικαιοῦται ἄνθρωπος καὶ οὐκ ἐκ πίστεως μόνον.

2:24 Começai a ver/continuai a ver que a partir dos trabalhos um ser humano é justificado/posto de acordo com, e não somente a partir da fé

2:25 ὁμοίως δὲ καὶ Ῥαὰβ ἡ πόρνη οὐκ ἐξ ἔργων ἐδικαιώθη ὑποδεξαμένη τοὺς ἀγγέλους καὶ ἑτέρα ὁδῷ ἐκβαλοῦσα;

2:25 Da mesma forma, também, Raab a meretriz não foi justificada a partir dos trabalhos, tendo acolhido os mensageiros e os tendo enviado por outro caminho ?

2:26 ὥσπερ γὰρ τὸ σῶμα χωρὶς πνεύματος νεκρὸν ἐστιν, οὕτως καὶ ἡ πίστις χωρὶς ἔργων νεκρά ἐστιν

2:26 Pois assim como o corpo separado do espírito está morto, assim também a fé separada dos trabalhos está morta.

O argumento da *ligação de coexistência*, que vincula o ato à pessoa nos particípios da perícopie 2:20-26, cf. quadro adiante, estão dentro de um contexto argumentativo maior. O contexto argumentativo não “espera” uma demonstração para provar aquilo que é afirmado. O orador já inicia a argumentação com uma afirmação mas, em forma de pergunta retórica dirigida ao destinatário discursivizado como ser humano: θέλεις δὲ γινῶναι, ὦ ἄνθρωπε κενέ “Tu estás querendo saber, oh! ser humano vazio!?”.

O modo de referenciar o interlocutor nos faz pensar que a assertiva, contida dentro da pergunta, está sendo dirigida ao destinatário, visto como fazendo parte de um auditório maior: o auditório universal, constituído por todos os seres humanos. Pois, se o enunciador tivesse como intenção focalizar o interlocutário na sua condição de auditório particular, as doze tribos na dispersão, poderia utilizar outra figura para discursivizar o destinatário, como, por exemplo, o *vós*, abundantemente utilizado na epístola. No entanto, mesmo que, o orador tenha como foco a natureza humana do auditório, desprovido de outras vinculações particulares, permanecem ainda no discurso as marcas que indicam que o destinatário ainda é o mesmo auditório particular das doze tribos na dispersão. É o que se constata nos pontos de partida da argumentação da perícopa, os quais levam em conta fatos, valores e verdades que fazem parte de acordos entre o orador e o auditório. “Oh! Ser humano vazio” ὦ ἄνθρωπε κενέ - o interlocutário para quem o enunciador dirige a pergunta - é certamente um dos membros do grupo doze tribos na dispersão. Usando a expressão ὦ ἄνθρωπε que se dirige a um ser humano universal, certamente a assertiva contida no argumento insere o destinatário, na condição humana que tem capacidade de *saber*, pois a pergunta, que contém a assertiva da pergunta retórica, inicia-se com θέλεις δὲ γινῶναι “tu estás querendo saber?”. Destaque-se que, além de vincular a potencialidade do saber com o ser humano universal, também é usado no início da pergunta o verbo “querer” θέλειν. Com o uso do verbo querer, o enunciador está admitindo implicitamente que dentro dos seres humanos universais há duas capacidades, modalidades: *querer e saber*.

A pergunta, entretanto, está levando em conta, ao mesmo tempo, que a ação está em curso, pois se inicia com um verbo no aspecto Infectum. O modo de dizer que utiliza o verbo no aspecto Infectum na pergunta θέλεις “tu estás querendo começar a” ou “tu estás continuando a”, agrega a idéia do contínuo, inacabado ou de incoatividade. Aparece aqui o pressuposto de que a pergunta se vincula à falta de sabedoria, uma condição presumida já no vers. 1:5, início da epístola: Εἰ δὲ τις ὑμῶν λείπεται σοφίας “E se, dentre vós, alguém está precisando/carecendo/faltante de sabedoria”. Lá, no vers. 1:5, a falta de sabedoria também é tida como em curso, pois o orador se utiliza também do verbo no aspecto infectum.

A seguir, para assinalar o foco da pergunta como mera menção, o verbo γινῶναι “saber” que serve como objeto, para o qual o querer se dirige, está no aspecto verbal pontual. Ora, isso serve como um pequeno refreamento a todo o argumento, uma vez que o objeto do querer – o *saber* - não está sendo considerado como já em curso. Nesse momento, o orador mostra um éthos brando, pois respeita a condição em que se encontra o interlocutário. Ele não impõe o saber com um efeito de realidade que seria criado se utilizasse o verbo γινῶναι no aspecto verbal infectum.

A conclusão, da qual provavelmente não se pode fugir, é que: todo o argumento da perícopie serve para sugerir um desejo, um *querer* do destinatário. Uma indução de um desejo que, para ser mais convincente, é discursivizado com um efeito de realidade, já que se utiliza de uma figura de presença, ao empregar o aspecto Infectum do verbo *querer*. Ao mesmo tempo, o interlocutário é posto à distância argumentativamente, pois é discursivizado de modo que sua identidade social não é mencionada (nome, pertencente a um grupo, etc.). Ele é referenciado por suas qualidades essenciais: a qualidade de ser um “ser humano”, com o termo ἄνθρωπε.

Há ainda algumas marcas textuais que merecem ser apontadas: uma é que o destinatário faz parte de um enunciado com o nome ἄνθρωπε “ser humano” no vocativo, outra é que ele está sendo qualificado como κενέ “vão/vazio”. As marcas argumentativas apontam o cotexto no qual estão inseridos os dois participípios, que são realmente o foco de nossa leitura/análise. Os participípios que se encontram na perícopie 2:20-26 estão listados no quadro abaixo:

VERS.	PARTICÍPIO GREGO	TRADUÇÃO LINEAR	ASPECTO VERBAL
2:21	ἀνεπέγκας	tendo oferecido	Pontual-anterioridade
2:23	ἡ λέγουσα	a que diz/a dizente/a que estava dizendo	Pontual-anterioridade
2:25	ὑποδεξαμένη	tendo acolhido	Pontual-anterioridade
2:25	ἐκβαλοῦσα	tendo enviado	Pontual anterioridade

Figura 20 – Lista de formas participais da Perícopie 2:20-26

O que se observa na relação acima? Observa-se que todos os participípios da perícope estão com temas verbais do aspecto pontual, os quais trazem a noção de anterioridade, em relação à ação ou ao estado do verbo da oração principal. O contexto é narrativo. Os investimentos figurativos todos fazem parte também de um contexto inserido em fatos e valores bem conhecidos do grupo de destinatários. Tanto o episódio de Abraão, como de Raab, bem como o trecho da escritura faz parte do contexto cultural e, mais ainda, religioso dos destinatários, já que são exemplos tirados do *Antigo Testamento*. As perguntas que fazem parte da narrativa, nas quais os participípios pontuais estão inseridos, levam em conta o conhecimento compartilhado do orador/auditório, e são perguntas retóricas. Qual o objetivo do orador em usar os participípios, neste pequeno percurso narrativo, que vai de 2:20-26?

O objetivo é usar o participípio como fazendo parte de uma argumentação que vincula o ato à pessoa. Assim sendo:

01. O uso dos participípios ἀνευέγκας - ὑποδεξαμένη - ἐκβαλοῦσα torna as ações algo essencial, para o grupo, no qual o orador está querendo inserir os atores Abraão e Raab. Não estamos falando agora do grupo dos destinatários da epístola, e sim do grupo mais geral de seres humanos, o qual se insere numa nova relação com Deus por meio de suas ações objetivas, as quais estão marcadas na forma participial juntamente com o sujeito que as pratica.
02. O uso do participípio em ἡ λέγουσα está tornando o fato mais verdadeiro. O fato a que nos estamos referindo é o fato da escritura “estar dizendo” - a que estava dizendo – no aspecto verbal infectum, simultâneo ao acontecimento principal, exatamente o que ocorreu posteriormente. Aqui não é uma *ligação de coexistência* entre ato/pessoa, mas de um objeto. É claro que a escritura não pode falar por si só. Usa-se aqui uma figura, o texto da escritura é antropomofizado, metaforicamente, como tendo a capacidade de dizer, de escolher.
03. Um fato a destacar é que, com o uso desta metáfora se observa, que lingüisticamente o orador coloca a expressão escrita como tendo o mesmo valor lingüístico da

expressão oral, pois “o texto escrito” ἡ γραφή para o enunciador tem a capacidade de falar λέγω “eu escolho, eu falo, eu digo”. O orador não faz diferença, no seu discurso, entre escrita e fala.

VERSÍCULO 4:17

4:17 εἰδότες οὖν καλὸν ποιεῖν καὶ μὴ ποιοῦντι, ἁμαρτία αὐτῶ ἐστίν.

4:17 Portanto, sabendo fazer/produzir bem/com eficácia e não fazendo/estando fazendo/ao mesmo tempo não estando fazendo está sendo para ele um pecado/ um não atingimento da meta.

O verbo οἶδα “saber” na forma participial εἰδότες “estando ele sabendo/sabedor” está no dativo, concordando com o αὐτῶ “para ele” - dativo de atribuição. Esse fato é importante destacar, pois justifica o uso do dativo. O dativo do particípio εἰδότες é usado, para vincular a sanção atribuída ao actante αὐτῶ “ele” com o estado de saber” οἶδα”, vivido por esse sujeito. O dativo pode estar trazendo também a idéia de um lugar. Um lugar argumentativo em que o saber, o não fazer, e o ser (sujeito) estão todos no mesmo lugar.

A sanção ἁμαρτία αὐτῶ ἐστίν “está sendo pecado para ele” é atribuída porque o sujeito está na condição/estado de *saber*. Para caracterizar bem o estado/condição de *saber*, o enunciador usa o particípio εἰδότες. A utilização do particípio caracteriza bem a intenção argumentativa do enunciador, quando se utiliza da técnica da ligação de coexistência entre a pessoa e seu estado. A argumentação adquire mais força porque a ligação é feita com o particípio no aspecto Perfectum/acabado, mostrando a junção indissociável do actante com a sua condição. Discursivamente, o estado do sujeito é momentaneamente estável. Argumentativamente, o enunciador considera que essa ligação é um fato que justifica a “sanção” aplicada. A sanção é considerar o “não estando fazendo/ao mesmo tempo não estando fazendo” μὴ ποιοῦντι, como pecado: ἁμαρτία αὐτῶ ἐστίν “pecado para ele está sendo”.

Utilizamos a palavra sanção entre aspas para levantar uma questão tradutória relevante e que pode conduzir nossa leitura/análise para uma direção diferente. Trata-se da tradução da palavra ἁμαρτία. A tradução da palavra ἁμαρτία pelo português “pecado”

é uma tradução legalista ou que adquiriu historicamente essa conotação. Mas, do ponto de vista do éthos do enunciador e do páthos que se cria do enunciatário, uma tradução diferente certamente estaria mais coerente com a proposta da (des) construção da identidade do destinatário e do tema da busca de sabedoria, no caminho, os quais estão sendo construídos em toda a epístola.

Se traduzirmos a palavra ἁμαρτία por “errar o alvo, errar a direção para onde se vai”, a sanção seria a previsão de um estado a ser evitado e não com o caráter de uma sanção negativa legalista. O ἦθος “éthos” do enunciador também se transforma, já que de juiz o enunciador passa a ser um ensinador. A tradução de ἁμαρτία por “errar o alvo” seria também perfeitamente possível, levando-se em conta o recurso do sistema da língua grega que usa aqui, no mesmo enunciado, o acusativo no sintagma καλὸν ποιεῖν. O acusativo como direção para a qual se dirige o sujeito, isto é a direção καλός “correta/eficaz/boa” para o alvo certo do *fazer*, marca do *saber* buscado.

Enfatizamos essa noção do acusativo para distingui-la bem da noção mais corriqueira, que é considerar o acusativo como simples objeto direto sintático. No entanto, sua noção primeira é a de “algo em direção para onde se vai”. Assim é, que, na frase acima, o saber vai na direção do “fazer eficaz, bonito, correto, bom” καλὸν ποιεῖν, e o “não estando fazendo” μὴ ποιοῦντι implica que não se está naquela direção.

O acúmulo de recursos argumentativos neste pequeno enunciado é expressivo. A estrutura pode ser vista, como na forma abaixo:

UM ACTANTE - “ELE”			
Marcado no texto por			
Forma lexical	Tradução	Categoria gramatical	Aspecto
αὐτῷ	Para ele	Pronome	
εἰδῶτι	ele estando sabendo/sabedor	Forma participial	Perfeito
μὴ ποιοῦντι	ele não estando fazendo	Forma participial	Infectum

Figura 21 - Marcas do actante “ele” na perícopre 2:20-26

No enunciado há as modalizações da competência *saber/fazer* e da performance *não/fazer*. A modalização da competência - *saber/fazer* - εἰδóτι “estando sabendo” - está marcada no particípio, pelo aspecto verbal do Perfectum/acabado.

A modalização da performance do *não fazer* - μῆ ποιoῦντι “ele não estando fazendo/ao mesmo tempo não estando fazendo” - está marcada pelo aspecto verbal do Infectum, também no particípio. Não é possível, paradoxalmente, identificar o sujeito *ele* no cotexto imediato. O sujeito parece ser retirado do grupo “(d)os que falam, (d)os que estão falando, (d)os que estão dizendo, (d)os falantes”, que é a tradução da forma participial οἱ λέγοντες, que inicia a perícopie em Tg 4:13. Esse actante da narrativa, no vers. de 4:17, está sendo (des)construído argumentativamente, no pequeno enunciado, por meio de duas formas participiais, conforme abaixo:

εἰδóτι οὖν καλὸν ποιεῖν καὶ μῆ ποιoῦντι,	ἀμαρτία	αὐτῷ	ἐστίν.
(Ele) 4:17 εἰδóτι οὖν καλὸν ποιεῖν καὶ Μῆ ποιoῦντι, ἀμαρτία αὐτῷ ἐστίν. 4:17 Portanto, sabendo fazer/produzir bem/com eficácia e não fazedor/estando fazendo/ao mesmo tempo não estando fazendo está sendo para ele um pecado/ um não atingimento da meta.	Errar o alvo/ Pecado	Para ele	é

O sujeito “ele” é construído argumentativamente, em duas ligações de coexistência, as quais estão marcadas nas duas formas participiais. Por meio das formas, o actante é visto, não mais como um ser abstrato, desprovido de definições e qualificações, mas passa a ser um ser definido, com nome (afinal, o particípio é uma forma nominal). O nome do actante “ele”, nesse pequeno enunciado, é tanto εἰδóτι “Estando sabendo/ sabedor” como μῆ ποιoῦντι “não fazedor”. Com esse recurso de atribuir um nome aumenta-se a ilusão referencial, aumenta-se o efeito de sentido de realidade, aumenta-se a iconização¹⁴⁹. O contraste, entre o uso do aspecto infectum e Perfectum/acabado, no mesmo cotexto, mostra as diferenças entre as duas visões do orador. É, o conjunto formado pelas duas formas participiais, cada uma com seu aspecto verbal, que contribui para a (des) construção do sujeito visto pelo

¹⁴⁹ Disciplina “Tópicos da Teoria da Enunciação”, Profa. Dra. N. Discini, 2003. Anotações de aula.

observador/enunciador.

Note-se que, o conjunto é formado, também argumentativamente, pelo conetivo καὶ “e, também, mesmo, até”. Esse conetivo tanto auxilia a somar as duas maneiras de se olhar para o actante, como auxilia a separar as duas características desse mesmo actante, as quais o orador quer enfatizar:

*καὶ. é o conetivo somatório, **aditivo, e por isso separativo** (na mesma medida em que dois objetos precisam de um conetivo, nessa mesma medida eles revelam que estão separados) (*grifos nossos*).¹⁵⁰*

Há, porém, um fato que permanece em suspenso, o qual precisa ser decifrado para que o discurso ora analisado possa ser considerado coerente. Trata-se da questão que já mencionamos acima: O sujeito “ele”, mencionado neste vers. 4:17, paradoxalmente no contexto imediato não é possível ser identificado. De início, conforme já mencionamos, o sujeito parece ser retirado do grupo “dos que falam, dos que estão falando”, tradução da forma participial οἱ λέγοντες actante mencionado em Tg 4:13. Mas, a inserção da forma participial no contexto mais amplo do discurso que vai de 4:1 à 4:17 é que nos permite identificar qual o sujeito que está sendo referido em 4:17.

PERÍCOPE 1:5-8

1:5 Εἰ δέ τις ἡμῶν λείπεται σοφίας, αἰτείτω παρὰ τοῦ διδόντος θεοῦ πᾶσιν ἀπλῶς καὶ μὴ ὀνειδίζοντος καὶ δοθήσεται αὐτῷ.

1:5 E se, dentre vós, alguém está precisando/carecendo/faltante de sabedoria, que ele busque/que ele entre no ato de buscar, da parte do Deus doante/que está doando a todos, simplesmente, e que não censura /não está agredindo e ser-lhe-á dada.

1:6 αἰτείτω δὲ ἐν πίστει μηδὲν διακρινόμενος ὁ γὰρ διακρινόμενος ἕοικεν κλύδωνι θαλάσσης ἀνεμιζομένῳ καὶ ῥιπιζομένῳ.

1:6 Que ele busque/entre no ato de buscar com fé, e não fazendo julgamentos atravessados/ considerações/discriminações, pois o que está fazendo julgamentosatravessados/ considerações/ discriminações parece uma onda do mar, que está sendo agitada/empurrada e soprada pelo vento.

¹⁵⁰ MURACHCO, Vol. 1, p. 657.

1:7 μὴ γὰρ οἰέσθω ὁ ἄνθρωπος ἐκεῖνος ὅτι λήμψεται τι παρὰ τοῦ κυρίου
 1:7 Pois, diga a ele - aquele ser humano/o ser humano aquele - que não
 pense/não comece a pensar /não continue pensando, que receberá algo da
 parte do Senhor.

1:8 ἀνὴρ δίψυχος, ἀκατάστατος ἐν πάσαις ταῖς ὁδοῖς αὐτοῦ.
 1:8 Um homem masculino de mente dupla,
 inconstante/instável/desposicionado em todos os caminhos dele.

Na perícopa acima, o particípio substantivado ὁ διακρινόμενος assinala a presença de um Sujeito+uma caracterização ou qualidade a ele agregada. O orador passa a nominar esse mesmo sujeito levando em conta a adjetivação que lhe foi atribuída. Essa adjetivação vai ser considerada tão marcante que no seu nome ficará marcada essa qualidade. . No percurso narrativo que vai de 1:5 à 1:8, o particípio διακρινόμενος com tema aspectual verbal do Infectum aparece duas vezes. A primeira vez sem artigo διακρινόμενος, e a segunda com artigo: ὁ διακρινόμενος. A partir do primeiro uso, as relações do sujeito são vistas tanto como interiores como exteriores. O sujeito referenciado no particípio pode ser visto estabelecendo duas relações: uma interna: consigo mesmo, e outra externa. Na relação externa ele se encontra no ato de “buscar” αἰτέω um objeto, a sabedoria.

Relaciona-se com o exterior	SUJEITO	Relaciona-se com seu interior
Com algo com o qual ele estará envolvido. Que é visto como um evento exterior: αἰτείτω “que ele busque/entre no ato de buscar”	“Alguém dentre vós” τις ὑμῶν	Com o que é dele. ou melhor que se recomenda que não seja dele, que passa a ser um evento interior: μηδεὶν διακρινόμενος “e não fazendo julgamentos atravessados/considerações/discriminações”.
As duas relações são simultâneas e tendo a situação do sujeito em relação aos dois eventos descritos por um observador, o enunciador que está fazendo uma recomendação.		

Para dar ênfase ao fato ao qual se refere, ou seja, a junção do sujeito com a sua característica, qualidade, adjetivação, o orador utiliza-se da forma participial no aspecto infectum - διακρινόμενος - e passa a chamá-lo levando em conta essa qualidade: o sujeito é “o que está fazendo juízos atravessados”, e por extensão: “o discriminador, o considerante, o considerador, o julgante, o julgador”.

Na argumentação, quando há uma ligação entre o ato e a pessoa, com fins argumentativos, a técnica, como já vimos, se chama *ligação de coexistência*. No uso do particípio διακρινόμενος podemos considerar que há a utilização dessa técnica, pois fazer “julgamentos atravessados”, pode ser visto como uma ligação entre o sujeito e um ato: o ato discursivo. Com a ligação estabelecida, ocorre um isolamento, ao qual já nos referimos na introdução deste trabalho. O sujeito passa a ser designado daí por diante com este nome, que caracteriza sua ligação com o ato/qualidade. Ao mesmo tempo, o sujeito adquire a potencialidade de ser predicado por verbos de estado, ou de ação, nas formas ativas ou passivas.

No exemplo acima, o orador, ao isolar e dar um nome, continua a sua referência ao sujeito, e o predica com um verbo de estado “parece/está parecendo” ἔοικεν. Ocorre, também, aqui um fato que consideramos digno de nota e importante, tanto na (des) construção de uma identidade como para a caracterização de um estado. Temos uma ação contínua, marcada no aspecto Infectum da forma participial, a qual sustenta ou dá condições para que um estado se construa e se sustente. Essa ação contínua está indicada pelo aspecto Infectum no tema do particípio διακρινόμενος e é reforçada também pelos aspectos Infectum das outras duas formas participiais ἀνεμιζομένῳ καὶ ῥιπιζομένῳ que fazem referência e adjetivam a onda do mar.

Vers. 1:6 ὁ γὰρ διακρινόμενος ἔοικεν κλύδωνι θαλάσσης ἀνεμιζομένῳ καὶ ῥιπιζομένῳ.

Vers. 1:6 pois o que está fazendo julgamentos atravessados/considerações/ discriminações parece uma onda do mar, que está sendo agitada/empurrada e soprada pelo vento.

Cabe destacar que, além da relação de simultaneidade o tema participial que está dando nome ao sujeito também agrega a idéia de continuidade/progresso. Assim, o sujeito não é apenas mencionado num *agora* simultâneo com a ação do verbo da oração principal. Na ação da oração principal, o julgador também é sujeito, participando, portanto, de uma outra relação a qual chamamos externa.

Caberia perguntar - levando em conta o aspecto na denominação do sujeito por um participio que dá ênfase a uma ação: as noções acima, podem ser levadas em conta na leitura/análise do discurso na tentativa de aspectualização do ator?

Num primeiro momento cremos que sim, pois se, no discurso, identificarmos um grande número de vezes em que o enunciado se refere ao sujeito por meio desse recurso, poderemos deduzir que a ênfase que o orador está querendo dar é nas ações contínuas do sujeito e não nos seus estados¹⁵¹.

Por outro lado, a ação contínua cria condições para que um estado se crie e se sustente. A referência à junção, entre *S* + qualidade na forma participial, pode estar dando uma estabilidade discursiva à identidade do sujeito, ainda que momentânea. Referindo-se dessa forma, o enunciador pode criar uma aspectualização de estado para o ator. Um efeito de realidade que visa a (des)construção de sua identidade.

Finalmente, uma leitura necessária, e que é trazida pelo sistema da língua grega, é assinalar que o verbo διακρίνομαι está na Voz Média. Ora, este recurso gramatical semantiza a ação contínua do sujeito como uma ação com a qual o sujeito está visceralmente envolvido. O participio διακρινόμενος, pois, está centralizando todo o efeito de sentido do discurso na pessoa do sujeito, utilizando-se de dois recursos gramaticais, do sistema grego: o aspecto e a voz. Esse significado se perde nas traduções para a língua portuguesa, e com isto também os efeitos de sentido trazidos pelo uso do participio.

¹⁵¹ O número de temas verbais do aspecto infectum é significativamente maior do que os que se valem do aspecto aoristo e do aspecto perfeito. Como o discurso de Tiago é centrado no destinatário, deduz-se que a ênfase está na presentificação das ações deste sujeito.

CAPÍTULO 10

O ORADOR E O AUDITÓRIO

Na primeira parte do TA¹⁵², os autores situam “Os Âmbitos da Argumentação” dentro de sua Nova Retórica. A Epístola de Tiago contém marcas enunciativo/textuais/discursivas que facilmente podem servir para ilustrar as noções que os autores do TA consideram importantes quando delimitam os âmbitos da argumentação. Tais noções, na verdade, se aplicadas à Epístola também auxiliam a configurar os âmbitos da argumentação do discurso de Tiago. O primeiro versículo já contém duas marcas precisas que delimitam bem “os âmbitos da argumentação”, são as marcas que indicam o orador e o auditório. A Epístola se inicia - vers. 1:1 - marcando o orador com o nome “Jacó” Ἰάκωβος, e lhe atribuindo-lhe uma qualificação que considera importante, por meio de um genitivo atributivo grego, θεοῦ καὶ κυρίου Ἰησοῦ Χριστοῦ δοῦλος “servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo”. Logo a seguir, também no primeiro versículo, o texto da Epístola contém a marca que indica o auditório principal “as doze tribos” ταῖς δώδεκα φυλαῖς. No mesmo momento é assinalado o espaço, o local, no qual se encontra o auditório: “aquelas na diáspora” ταῖς ἐν τῇ διασπορᾷ χαίρειν.

Todos os dois procedimentos iniciais marcados no texto remetem a questões de enunciação/enunciado; discursivização/discurso; e à argumentação e seu âmbito. O enunciador aparece actorializados numa personagem como um *ele*, já que lhe é atribuído um nome “Jacó” Ἰάκωβος. Um nome, mesmo de um orador do ponto de vista enunciativo, é sempre um *ele* e não um *eu*. Do ponto de vista argumentativo, a

¹⁵² TA, pp. 15-70.

identificação do orador como “servo” δούλος o situa num lugar tópico dentro de uma hierarquia do grupo e lhe confere dois *status* simultâneos: um de autoridade e outro de subordinação. Com o *status* de subordinado, o orador se apresenta perante o auditório como hierarquicamente abaixo de seu Senhor, conforme mesmo os costumes que a própria intertextualidade neotestamentária corrobora e argumenta. Já, com o *status* de autoridade, o orador se apresenta como hierarquicamente superior ao auditório. Nessa posição, ele representa como “servo” δούλος, aquele que faz as recomendações em nome do seu Senhor, conforme também a própria intertextualidade neotestamentária assinala:

Mt 10:24 Οὐκ ἔστιν μαθητῆς ὑπὲρ τὸν διδάσκαλον οὐδὲ δούλος ὑπὲρ τὸν κύριον αὐτοῦ.

Mt 10:24 O discípulo não está acima do seu mestre, nem o **servo**, acima do seu senhor. (*tradução da ARA*).

Lc 7:8 καὶ γὰρ ἐγὼ ἄνθρωπός εἰμι ὑπὸ ἐξουσίαν τασσόμενος ἔχων ὑπ' ἑμαυτὸν στρατιώτας, καὶ λέγω τούτῳ, Πορεύθητι, καὶ πορεύεται, καὶ ἄλλῳ, Ἔρχου, καὶ ἔρχεται, καὶ τῷ δούλῳ μου, Ποίησον τοῦτο, καὶ ποιεῖ.

Lc 7:8 Porque também eu sou homem sujeito à autoridade, e tenho soldados às minhas ordens, e digo a este: vai, e ele vai; e a outro: vem, e ele vem; e ao meu **servo**: faze isto, e ele o faz. (*tradução da ARA*).

O orador é portador da vontade do Senhor Jesus Cristo e de Deus, e ambos são Senhor e Deus, tanto do orador como do auditório. Assim, nessa condição, o orador exerce uma certa autoridade sobre o auditório, já que porta-voz daquelas autoridades. A marca da enunciação também aponta para um *aqui* e um *lá*. O *lá* aparece na identificação do lugar em que se encontra o destinatário: “na dispersão” ἐν τῇ διασπόρᾳ. Identificação essa que pode modalizar o enunciado com vários significados, como por exemplo: **ele** Tiago orador **aqui** agregado com o Senhor Jesus, e com Deus e **elas** as doze tribos dispersas, **lá** na diáspora.

Tudo que está sendo dito pode ser óbvio, como realmente é, no entanto, essa obviedade de interpretação corrobora uma argumentação e mesmo ilustra com precisão uma teoria da argumentação. Do ponto de vista argumentativo estão aqui marcados vários elementos que são fundamentais para os âmbitos da argumentação da Epístola.

Já no primeiro versículo, estão assinalados e marcados textualmente dois protagonistas indispensáveis da estrutura argumentativa: O orador e seu auditório. O TA, discorre exaustivamente na sua primeira parte sobre esses elementos e dedica o título “O orador e seu auditório”¹⁵³ ao parágrafo 03, da Primeira Parte: “Os âmbitos da argumentação”. Além desse parágrafo, em toda a primeira parte os autores assinalam a importância desses dois elementos. Delimitar o auditório é definir o grupo de pessoas que o orador quer influenciar com sua argumentação:

É por essa razão que, em matéria de retórica, parece-nos preferível **definir o auditório como o conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação**. Cada orador pensa, de, uma forma mais ou menos consciente, naqueles que procura persuadir e que constituem o auditório ao qual se dirigem seus discursos¹⁵⁴ (*negritos nossos*).

Já identificar o orador é um procedimento precioso para que o contato possa ser estabelecido, pois:

Às vezes bastará apresentar-se como ser humano, decentemente vestido, às vezes cumprirá ser adulto, às vezes, **simples membro de um grupo constituído**, às vezes, **porta-voz desse grupo**. Há funções que autorizam — e só elas — a tomar a palavra em certos casos, ou perante certos auditórios, há campos em que tais problemas de habilitação são minuciosamente regulamentados¹⁵⁵ (*negritos nossos*).

Vê-se, pois, que as identificações do primeiro versículo da Epístola não são mera formalidade e sim procedimentos funcionais que, a partir do início, começam a estruturar e caracterizar o discurso como argumentativo. Mesmo a formalidade da apresentação que segue um padrão social, também presente na Epístola, revela uma maneira de ser - um ἦθος “*éthos*” do orador - que funciona como uma condição prévia valiosa para o funcionamento de uma interação: “Em nosso mundo hierarquizado, ordenado, existem geralmente regras que estabelecem como a conversa pode iniciar-se, um acordo prévio resultante das próprias normas da vida social.”¹⁵⁶. Além disso, a

¹⁵³ TA, p. 22.

¹⁵⁴ TA, p. 22.

¹⁵⁵ TA, p. 22.

¹⁵⁶ TA, p. 17.

própria identificação do orador como servo, que aponta ao mesmo tempo para uma subordinação e para uma autoridade, está certamente inserida num tema/pergunta da Epístola, que identificamos e, ao mesmo tempo, constituímos como um das hipóteses presentes em nossa tese, qual seja: quem pode ou tem competência para se instituir como sujeito discursivo no meio do grupo?

O sujeito discursivo é aquele que assume a palavra. É o *eu* da enunciação *stricto sensu*. Já, o *outro* é aquele que num determinado momento não é o sujeito discursivo – o *não-eu*. Essas instâncias também aparecem na Epístola. A relação entre *um* e *outro* dentro do grupo, do qual fazem parte o orador e o auditório, será retomada por Tiago durante toda a Epístola. Mas caberia uma pergunta: Poderíamos ficar satisfeitos com as identificações acima numa leitura/análise mais atual do discurso da Epístola de Tiago? Se levarmos em conta as teorias modernas de análise do discurso, a resposta é certamente não.

Poderíamos considerar que a Epístola se insere num hipertexto bem delimitado e constituído pelo corpus do AT e NT, no qual se está desenrolando um diálogo fictício. Nesse diálogo há o questionamento acima apontado. Ora, esse fato é inerente ao fenômeno da instalação de um sujeito discursivo e também do questionamento de quem tem o direito ou não de tomar a palavra. Para ilustrar nossa reflexão, reproduzimos abaixo um trecho de Maingueneau em que ele analisa essa questão:

Como se vê, o encadeamento aqui concerne ao *fato de dizer* determinada coisa sobre a enunciação de Mário e não sobre o conteúdo do enunciado. *Mas* visa a pretensão de Mário prosseguir a conversa na direção para a qual a lançou. O conflito concerne ao próprio exercício da palavra: ao iniciar sua pergunta por *mas*, Silvia contesta o *direito* que Mário se outorga de impor seu discurso e legitima ao mesmo tempo o seu direito de tomar a palavra, de reorientar o discurso. **Enfatiza-se desse modo um dado importante: a atividade de palavra é embasada numa rede de normas implícitas, uma espécie de jurisdição da linguagem na qual se apóiam os enunciadores para argumentar**¹⁵⁷ (negritos nossos).

Não ficaremos satisfeitos com as marcas que indicam o orador e auditório, no

¹⁵⁷ MAINGUENEAU, Dominique. *Pragmática para o discurso literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996, pp. 64-65.

início da Epístola e discorreremos a seguir sobre os tipos de auditórios do ponto de vista do TA, possíveis de serem identificados no discurso ora analisado.

OS TIPOS DE AUDITÓRIO NA EPÍSTOLA.

Se, por um lado, as marcas discursivas no vers. 1:1, que nomeiam o auditório como “para as doze tribos aquelas na diáspora, saudações/bem vindos” ταῖς δώδεκα φυλαῖς ταῖς ἐν τῇ διασπορᾷ χαίρειν, apontam para um auditório ou destinatário coletivo, um grupo, por outro lado, as referências aos sujeitos que se instituem como sujeitos discursivos no decorrer da Epístola apontam outros tipos de auditório como: um orador que fala perante um auditório constituído por um único ouvinte, ou um orador que se institui ele mesmo como seu próprio auditório, ou seja que delibera consigo mesmo. Esses dois tipos de auditório, que são preliminarmente apontados e estudados dentro dos âmbitos da argumentação, na Primeira parte do TA, aparecem no discurso de Tiago desempenhando também uma função argumentativa. Uma descrição “fria” do conteúdo dos ensinamentos é perfeitamente admissível num texto meramente didático ou mesmo num conjunto de leis que têm por objetivo ensinar. No entanto, num texto argumentativo, em que o objetivo é persuadir e convencer com vistas à adesão de seu auditório, o orador vai criando a própria maneira de se referir e, ao mesmo tempo, se dirigir ao auditório.

Na Epístola, essas maneiras de se referir e se dirigir ao auditório são também instrumentos argumentativos eficazes para, além de obter a adesão, auxiliar a construir a figura do θρησκός “fazedor religioso”. A identidade deste último é que está sendo construída. Ele é aquele que pratica uma θρησκεία καθαρὰ καὶ ἀμίαντος “religião pura e sem mácula”, conforme vers. 1:26:

1:26 Εἴ τις δοκεῖ θρησκὸς εἶναι μὴ χαλιναγωγῶν γλῶσσαν αὐτοῦ ἀλλὰ ἄπατων καρδίαν αὐτοῦ, τούτου μάταιος ἡ θρησκεία.

1:26 Se alguém está parecendo ser um religioso/fazedor religioso e, ao mesmo tempo, não estando refreando a sua língua, mas enganando/continuando a enganar o seu oração, a religião dele é vã/sem valor.

1:27 θρησκεία καθαρὰ καὶ ἀμίαντος παρὰ τῷ θεῷ καὶ πατρὶ αὕτη ἐστίν, ἐπισκέπτεσθαι ὀρφανοὺς καὶ χήρας ἐν τῇ θλίψει αὐτῶν, ἄσπιλον ἑαυτὸν τηρεῖν ἀπὸ τοῦ κόσμου.

1:27 Um fazer religioso/religião pura e sem defeito/sem mancha junto de Deus e pai é esta: visitar/estar olhando órfãos e viúvas, nas suas necessidades e conservando-se/preservando-se a si mesmo sem mancha do mundo.

Apontaremos com detalhe, no primeiro parágrafo deste capítulo, os diversos modos do orador se referir ao auditório, por meio de nomeações, adjetivos, pronomes, e participios. No momento, queremos focalizar, mostrando com exemplos, apenas os tipos de auditório que aparecem na Epístola, para justamente tentar justificar que as escolhas dos tipos declarados ou implícitos de auditórios estão em função de uma construção discursivo/argumentativa mais ampla.

O AUDITÓRIO COMPOSTO DE UM ÚNICO OUVINTE.

Tiago usa a técnica discursiva de isolar um membro do grupo maior, o auditório coletivo, para, por meio desse isolamento, identificar uma ação ou um estado associado diretamente a um membro do grupo que foi destacado. Esse procedimento tem o objetivo de criar a ilusão de que não se está atribuindo aquela ação ou estado ao grupo como um todo, ou a todos os membros do grupo. O isolamento de um membro cria imediatamente a ilusão de que o orador está falando com um único ouvinte. Ora, segundo o TA, isso traz implicações diretas na identificação do método argumentativo que está sendo utilizado, bem como no caráter e amplitude da recomendação, exortação ou ensinamento que está sendo desenvolvido pelo orador naquele momento. Dirigir-se a um auditório de um único ouvinte ou, no caso do orador da Epístola, criar a ilusão de que se está assim procedendo, insere, conforme o TA, um caráter dialético na argumentação:

O alcance filosófico da **argumentação** apresentada a um único ouvinte e sua superioridade sobre a dirigida a um vasto auditório foi admitida por todos os que, na Antigüidade, proclamavam a primazia da dialética sobre a retórica. Esta se limitava à técnica do longo discurso contínuo. Mas um discurso assim, com toda a **ação** oratória que comporta, seria ridículo e ineficaz perante um único ouvinte. É normal levar em conta suas reações, suas denegações e suas hesitações e, quando constatadas, não há como esquivar-

se: cumpre provar o ponto contestado, informar-se das razões da resistência do interlocutor, penetrar-se de suas objeções: **o discurso degenera invariavelmente em diálogo**. É por isso que, segundo Quintiliano, por causa do aspecto mais denso da **argumentação**, Zenão comparava a dialética, como técnica do diálogo, a um punho fechado, enquanto a retórica lhe parecia semelhante à mão aberta¹⁵⁸ (*negritos nossos*).

Observe-se que pela própria natureza do gênero carta/Epístola, o enunciatário/auditório está num primeiro momento impedido de co-enunciar. Mas, o orador, ao criar a ilusão de que se dirige a um auditório constituído por um único ouvinte, está tentando criar a ilusão de um diálogo vivo.

Não é só o isolamento do interlocutor que cria essa ilusão de diálogo, mas, também, conforme acima nas diversas ocasiões em que, conforme acima citado: “...suas reações, suas denegações e suas hesitações e, quando constatadas, não há como esquivar-se: cumpre provar o ponto contestado, informar-se das razões da resistência do interlocutor, penetrar-se de suas objeções: o discurso degenera invariavelmente em diálogo.”

Ora, os efeitos de persuasão e convencimento nesse tipo de método, o dialético, são preciosos na procura da eficácia dos argumentos e na adesão do auditório. É, no entanto, certo que o auditório não está presente no exato momento em que o orador está escrevendo sua carta. O que vai ocorrer é que, no momento da leitura ou escuta da carta, o auditório vê a sua própria presença no discurso, nas ocasiões em que estão previstas suas interferências hipotéticas.

A DELIBERAÇÃO CONSIGO MESMO

Outro tipo de auditório que aparece na Epístola é aquele em que um orador delibera consigo mesmo. É o caso das situações discursivas previstas no texto da Epístola que identificam a assunção de um membro do grupo como sujeito discursivo, mas que visam em primeiro lugar a persuadir e convencer a si mesmo. Eventualmente

¹⁵⁸ TA, pp. 39-40.

aparecem no discurso de Tiago o resultado dessa persuasão e o elemento do grupo que foi isolado. Como diria a Semiótica, o actante é apresentado como um sujeito manipulado, desempenhando os dois papéis: o de manipulador e o de manipulado. Ver, por exemplo, o versículo:

1:13 μηδεὶς πειραζόμενος λεγέτω ὅτι Ἐκ θεοῦ πειράζομαι· ὁ γὰρ θεὸς ἀπειραστός ἐστὶν κακῶν, πειράζει δὲ αὐτὸς οὐδένα.

1:13 Ninguém ao mesmo tempo que está sendo envolvido/provado/tentado (ele) diga/comece a dizer/ continue a dizer “da parte de Deus eu estou sendo envolvido/provado/tentado”, pois o Deus não é envolvedor/tentador maldoso/para o mal - suscetível de tentação a partir dos males. Ele mesmo ninguém envolve/testa/tenta.

O AUDITÓRIO – UMA COMUNIDADE INTELECUTAL

O discurso de Tiago não é em princípio um discurso científico. Mas, mesmo se o considerarmos como um discurso científico - quando aponta certas leis de funcionamento das relações do homem consigo mesmo, dos homens entre si, e das relações homem com Deus, o discurso de Tiago certamente não tem a forma de um discurso científico tradicional. O discurso de Tiago não segue a “concepção clássica da demonstração e, mais especialmente, a lógica formal que se limita ao exame dos meios de prova demonstrativos”.¹⁵⁹ Não utilizando a demonstração da lógica formal, Tiago tem necessidade de utilizar certos pontos de apoio próprios da argumentação, tais como a existência de uma comunidade intelectual e o debate de uma questão determinada.

É mister que se esteja de **acordo**, antes de mais nada e em princípio, **sobre a formação dessa comunidade intelectual** e, depois, sobre o fato de se **debater uma questão determinada**. Ora, isso não de modo algum evidente¹⁶⁰ (*negritos nossos*).

A existência dessa comunidade intelectual é identificada no texto da Epístola pelo nome de doze tribos na dispersão. Essa comunidade é formada porque possui todo um conhecimento comum ouvido durante séculos escutando o texto do *Antigo*

¹⁵⁹ TA, p. 15.

¹⁶⁰ TA, p. 16.

Testamento e agregado às novidades trazidas pelo texto do *Novo Testamento* até a data do discurso da Epístola. As marcas desse conhecimento compartilhado, formando uma comunidade intelectual, aparecem nas histórias reproduzidas, nas figuras, nos temas, nas personagens bíblicas bem conhecidas, nas citações diretas ou indiretas, na menção às escrituras. Já o debate de questões determinadas, tais como aparecem no decorrer do texto, refere-se à falta a falta de sabedoria, a instituição do membro do grupo como sujeito discursivo, ser ou não ser religioso, agir ou não agir para homologar a vontade do sujeito com a vontade de Deus.

As diversas questões que serão “postas na mesa” pelo orador gravitam em torno de uma questão fundamental para um membro das doze tribos: como continuar a ser religioso mesmo aderindo às propostas da Epístola? Tiago assinala essa questão, respondendo no vers. 1:27:

1:27 θρησκεία καθαρὰ καὶ ἀμίαντος παρὰ τῷ θεῷ καὶ πατρὶ αὕτη ἐστίν, ἐπισκέπτεσθαι ὀρφανοὺς καὶ χήρας ἐν τῇ θλίψει αὐτῶν, ἄσπιλον ἑαυτὸν τηρεῖν ἀπὸ τοῦ κόσμου.

1:27 Um fazer religioso/religião pura e sem defeito/sem mancha junto de Deus e pai é esta: visitar/estar olhando órfãos e viúvas, nas suas necessidades e conservando-se/preservando-se a si mesmo sem mancha do mundo.

Os argumentos apresentados pelo orador para responder a essa pergunta são criados sem a lógica demonstrativa e, ao mesmo tempo, se utilizam recursos e técnicas argumentativas objetivando a adesão do auditório, para o qual a Epístola se dirige.

CAPÍTULO 11

A DISCURSIVIZAÇÃO DO DESTINATÁRIO

REFERÊNCIAS AO DESTINATÁRIO – MARCAS TEXTUAIS E DISCURSIVAS

Dividiremos o texto/discurso em vários segmentos - perícopes - levando em conta os trechos que vão de um uso a outro da expressão afetiva ἀδελφός. À medida que as figuras utilizadas para discursivização do destinatário vão sendo identificadas, faremos pequenos comentários sobre as implicações do uso, na argumentação, gerando coesão e coerência. Os percursos narrativos como espaço, tempo e temas farão parte dos comentários, já que a referência ao destinatário é um recurso discursivo de (des)construção de sua identidade.

PERÍCOPE 1:2-8

Nessa primeira perícope, 1:2-8, entre um uso ἀδελφοί μου “meus irmãos” e outro ὁ ἀδελφός ὁ ταπεινός “o irmão o humilde”, encontramos: um pronome indefinido τις “alguém”; um pronome pessoal ὑμῶν “dentre vós”; o substantivo designativo do “ser humano” em geral, com sua natureza própria, ὁ ἄνθρωπος “o ser humano”; o pronome demonstrativo ἐκεῖνος “aquele”; e o substantivo ἀνὴρ “um homem”, que dá nome ao ser humano de sexo masculino, acrescido de um qualificativo indicativo de sanção δίψυχος “mente dupla”. A escolha do pronome indefinido é recurso argumentativo que faz parte do que é chamado técnica de refreamento¹⁶¹. A referida técnica tem como objetivo

¹⁶¹ Na análise da perícope 4:13-17, a seguir, esta técnica será novamente abordada.

diminuir a solidariedade entre o ato e a pessoa. Isto ocorre porque a distinção ato/pessoa fica bem marcada e serve para que se atribua um ponto de vista mais favorável para com o sujeito da ação. Destaque-se, no entanto, que a importância do ato não está minimizada. Pelo contrário, em 1:5 o efeito de presença da ação está potencializado pelo uso dos aspectos Infectum nos temas verbais aos quais se referem às ações do sujeito “vós”, aqui referenciado como um sujeito hipotético τις “alguém”.

1:5 Εἰ δέ τις ὑμῶν λείπεται σοφίας, αἰτείτω παρὰ τοῦ διδόντος θεοῦ πᾶσιν ἀπλῶς καὶ μὴ ὀνειδίζοντος καὶ δοθήσεται αὐτῷ.

1:5 E se, dentre vós, alguém está precisando/carecendo/faltante de sabedoria, que ele busque/que ele entre no ato de buscar, da parte do Deus doante/que está doando a todos, simplesmente, e que não censura /não está agredindo e ser-lhe-á dada.

O único tema verbal pontual do versículo é o futuro δοθήσεται “ela será dada”, que não é ação exercida pelo sujeito, mas uma ação a ser sofrida por ele, que se vai se constituir na atribuição de uma sanção positiva, uma aquisição por doação. Nesse momento, o tratamento ao membro do grupo é por meio do pronome oblíquo αὐτῷ “a ele/lhe/para ele”. É como se a ação estivesse sendo realçada, mas rodeada por uma pessoa hipotética e uma recompensa – sanção - a ela destinada.

Já usando o substantivo ὁ ἄνθρωπος “o ser humano” em 1:7, é como se Tiago estivesse lembrando, e introduzindo pela primeira vez na carta, a noção de que o grupo é antes e acima de tudo constituído por seres humanos, iguais aos outros, com todas as suas condições naturais, características mais essenciais, e qualidades: positivas e negativas.

Constatamos que, no decorrer do texto, a (des)construção do ser humano universal, independente do grupo a que pertença, é retomada por Tiago particularmente ao se referir: à impossibilidade de refrear a língua (cap. 03); à sua criação por Deus, como sua imagem e semelhança no vers. 3:9; aos poderes dos seres humanos sobre a

natureza no vers. 3:7; e a uma característica que lhe é atribuída como essencial a partir da criação, no vers. 4:5.

PERÍCOPE 1:9-15

Entre as segunda e terceira ocorrências do tratamento com o tema ἀδελφ- na perícope 1:9-15 - a variação de tratamento retorna à expressão que designa o ser humano de sexo masculino ἀνὴρ, dessa vez acompanhado de uma qualificação que tem a conotação de sanção, de aprovação: Μακάριος ἀνὴρ “um bem aventurado homem masculino” para, a seguir, ser usado um pronome indefinido μηδεὶς “ninguém” com a idéia da totalidade do universo do grupo. A referência μηδεὶς “ninguém” vem acrescida também de uma qualificação, já que o particípio πειραζόμενος “o que está sendo envolvido/tentado” é, antes de tudo, um adjetivo. E, a seguir o pronome indefinido “cada um” ἕκαστος que, apesar de destacar a unidade dentro do conjunto, também contém a idéia de totalidade já que “cada um” ἕκαστος pode ser entendido como todos, ou seja, todos os homens são envolvidos, se envolvem. Não encontramos explicação para o uso do referente que enfatiza a condição masculina do destinatário que está assinalada no uso do substantivo ἀνὴρ “homem masculino”.

VERSÍCULOS 1:16-19

O terceiro e quarto usos da figura *irmão* é na perícope 1:16 a 1:19 e ocorre em um espaço textual muito pequeno. Essa ocorrência é significativa do ponto de vista argumentativo e da estrutura da carta como um todo. Mas aqui há um fato novo. Tiago nesse momento se identifica com o grupo usando o pronome pessoal ἡμᾶς “nós”:

1:18 βουληθεὶς ἀπεκύησεν ἡμᾶς λόγῳ ἀληθείας εἰς τὸ εἶναι ἡμᾶς ἀπαρχὴν τινὰ τῶν αὐτοῦ κτισμάτων.

1:18 Tendo tido vontade, ele nos colocou no mundo (gerou) pela palavra da “verdade” para nós sermos uma (certa) primícia das criaturas dele.

PERÍCOPE 1:19-27

Os tratamentos ao grupo, na última perícopes, do capítulo primeiro, vers. 1:19 a 1:27, partem da designação, novamente, do destinatário como seres humanos por meio do termo ἄνθρωπος que está pluralizado pelo quantitativo πᾶς “todo”. Segue-se o uso do designativo do ser humano do sexo masculino ἀνὴρ, para, a seguir, usar-se o pronome indefinido τις “alguém” que é seguido do pronome demonstrativo οὗτος “este”. A designação do homem masculino ἀνὴρ é retomada, e seguida novamente pelo pronome indefinido τις.

PERÍCOPE 2:1-4

2:1 Ἀδελφοί μου, μὴ ἐν προσωποληψίαις ἔχετε τὴν πίστιν τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ τῆς δόξης.

2:1 Meus irmãos não tenhais/continuais a ter em parcialidade/distinção de pessoas, a fé do nosso senhor Jesus Cristo, da Glória.

2:2 ἂν γὰρ εἰσέλθῃ εἰς συναγωγὴν ὑμῶν ἀνὴρ χρυσοδακτύλιος ἐν ἐσθήτι λαμπρᾷ, εἰσέλθῃ δὲ καὶ πτωχὸς ἐν ῥυπαρᾷ ἐσθήτι,

2:2 Se, pois, entrar dentro da sinagoga de vocês um homem masculino que tem um anel de ouro com veste brilhante, mas, também, se entrar um pobre com veste comum.

2:3 ἐπιβλέψητε δὲ ἐπὶ τὸν φοροῦντα τὴν ἐσθῆτα τὴν λαμπρὰν καὶ εἴπητε, Σὺ κάθου ὧδε καλῶς, καὶ τῷ πτωχῷ εἴπητε, Σὺ στήθι ἐκεῖ ἢ κάθου ὑπὸ τὸ ὑποπόδιόν μου,

2:3 Se vós lançardes o olhar sobre o que traz a veste brilhante e disserdes: senta tu/inicia o ato de sentar aqui/deste modo bem e se ao pobre disserdes: coloca-te de pé ali ou senta/inicia o ato de sentar abaixo do lugar de colocar o meu pé/meu escabelo.

2:4 οὐ διεκρίθητε ἐν ἑαυτοῖς καὶ ἐγένεσθε κριταὶ διαλογισμῶν πονηρῶν;

2:4 Não fizestes discriminações/juízos atravessados entre vós mesmos e não vos tornastes juízes raciocinando/calculando maldosamente?

Tiago inicia a perícopes, por meio de um procedimento argumentativo a enálage de pessoa, com esse procedimento o orador estabelece uma ligação estreita com o auditório. O orador se mostra, ao se vincular marcadamente com o enunciado e,

discursivamente, se introduz dentro da narrativa como uma personagem que faz parte do grupo a quem se dirige. Sua integração ao grupo se dá por meio do uso do pronome possessivo ἡμῶν “de nós, nosso”. No vers. 2:2, o tratamento ὑμῶν “dentre vós” é indireto mas também se refere ao grupo como “vós”. Dois subgrupos são representados por meio de qualificativos, usando-se tanto adjetivos como participios. As adjetivações qualificam o designativo do ser humano masculino ἀνὴρ. O ser masculino faz parte do grupo maior de “vós”, pois freqüenta a sinagoga: εἰς συναγωγὴν ὑμῶν “para dentro da sua sinagoga”.

PERÍCOPE 2:5-13

2:5 Ακούσατε, ἀδελφοί μου ἀγαπητοί· οὐχ ὁ θεὸς ἐξελέξατο τοὺς πτωχοὺς τῷ κόσμῳ πλουσίους ἐν πίστει καὶ κληρονόμους τῆς βασιλείας ἧς ἐπηγγείλατο τοῖς ἀγαπῶσιν αὐτόν;

2:5 Escutai, meus irmãos amados: o deus não escolheu os pobres no mundo, ricos em fé e herdeiros do reino, o qual prometeu aos que o estão amando?

2:6 ὑμεῖς δὲ ἠτιμάσατε τὸν πτωχόν οὐχ οἱ πλούσιοι καταδυναστεύουσιν ὑμῶν καὶ αὐτοὶ ἔλκουσιν ὑμᾶς εἰς κριτήρια;

2:6 Vós desonrastes o pobre. Não (são) os ricos (que) estão oprimindo/tiranizando no meio de vós e também (não são) eles que estão arrastando vocês para dentro dos tribunais?

2:7 οὐκ αὐτοὶ βλασφημοῦσιν τὸ καλὸν ὄνομα τὸ ἐπικληθὲν ἐφ’ ὑμᾶς;

2:7 Não (são) eles que blasfemam o bom nome, o que foi invocado sobre vós ?

2:8 εἰ μέντοι νόμον τελεῖτε βασιλικὸν κατὰ τὴν γραφήν, ἀγαπήσεις τὸν πλησίον σου ὡς σεαυτόν, καλῶς ποιεῖτε·

2:8 Se, não obstante, uma lei régia cumpris/estais completando de acordo com a escritura : “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” , estais fazendo bem/com eficácia.

2:9 εἰ δὲ προσωπολημπεῖτε, ἀμαρτίαν ἐργάζεσθε ἐλεγχόμενοι ὑπὸ τοῦ νόμου ὡς παραβάται.

2:9 Mas se vós continuais fazendo distinção de pessoas, estais trabalhando pecado/errando o alvo, sendo acusados/censurados pela lei como violadores/parabátes.

2:10 ὅστις γὰρ ὅλον τὸν νόμον τηρήσῃ πταίση δὲ Ἐν ἐνί, γέγονεν πάντων ἔνοχος.

2:10 Qualquer um, pois, que toda a lei guardar mas em um (ponto) tropeçar acaba de se tornar exposto a todos os outros.

2:11 ὁ γὰρ εἰπὼν, Μὴ μοιχεύσης, εἶπεν καί, Μὴ φονεύσης· εἰ δὲ οὐ μοιχεύεις φονεύεις δέ, γέγονας παραβάτης νόμου

2:11 Pois o que tendo dito: “Não adulterarás”, disse também: “Não matarás”. Se (tu) não estás adulterando mas continuas a matar, tu te tornaste transgressor/parabátes da lei

2:12 οὕτως λαλεῖτε καὶ οὕτως ποιεῖτε ὡς διὰ Νόμου ἐλευθερίας μέλλοντες κρίνεσθαι.

2:12 Assim falai/continuai falando e assim fazei/começai a fazer/continuai a fazer, como se pela lei da liberdade estiveres indo ser julgados.

2:13 ἡ γὰρ κρίσις ἀνέλκος τῷ μὴ ποιήσαντι ἔλεος· κατακαυχᾶται ἔλεος κρίσεως.

2:13 Porque o juízo é sem misericórdia para o que não tendo feito/produzido misericórdia. A misericórdia triunfa/tem mais poder sobre o juízo.

As designações do destinatário nessa perícopé são feitas por meio de marcas, tanto numerosas como variadas. O grande número e a variedade de tratamentos só nos fazem lembrar o caráter extraordinariamente argumentativo da construção discursiva que o orador nos oferece. A começar pela introdução do adjetivo ἀγαπητοί “amados” que, agregado ao substantivo irmãos seguido do pronome possessivo meus - ἀδελφοί μου “meus irmãos” - assinala um reforço de modalização afetiva particularmente expressivo. Tal modalização, agregada aos demais recursos discursivos, assinala a importância dos temas que irão ser tratados a seguir. O tema aparece na conclusão da argumentação contida na perícopé anterior e é identificado na escolha do termo. O destinatário aparece como um “ele” ou “eles” e figurativizado por meio de substantivos πτωχοὺς “pobres/humildes”, πλουσίους “ricos”, κληρονόμους “herdeiros”, e de um adjetivo participial substantivado τοῖς ἀγαπῶσιν “os que ao mesmo tempo estão amando”. O orador cria para o destinatário uma distância em que o próprio destinatário pode se observar e possa tomar consciência da intenção implícita do orador/destinador. O destinador estaria, na verdade, querendo dizer: “olhem, observem a si mesmos: vocês são *ele*. Vocês são eles”. A modalização afetiva está expressa com a mesma raiz ἀγαπ-, formadora da palavra usada no tratamento exortativo inicial ἀγαπητοί e do participípio que fecha a designação final τοῖς ἀγαπῶσιν “os que estão amando”.

É, pois, uma perícopé, trecho do discurso, marcadamente modalizado pelo sentimento do afeto e do amor. Nessa modalização afetiva, encontra-se um mecanismo de articulação que cria uma estrutura para a interação entre enunciador e enunciatário. Essa estrutura se forma e se reforça por um “articulador” σύνδεσμος passional.

2:14 Τί τὸ ὄφελος, ἀδελφοί μου, ἐὰν πίστιν λέγη τις ἔχειν ἔργα δὲ μὴ ἔχη; μὴ δύναται ἡ πίστις σώσαι αὐτόν;

2:14 Meus irmãos, qual a utilidade se alguém disse/restiver dizendo ter fé mas se não tiver trabalhos. Não pode a fé restaurá-lo?

2:15 ἐὰν ἀδελφὸς ἢ ἀδελφὴ γυμνοὶ ὑπάρχωσιν καὶ λειπόμενοι τῆς ἐφημέρου τροφῆς

2:15 Se um irmão ou uma irmã permanecerem nus e faltantes/carentes do pão cotidiano.

2:16 εἴπη δέ τις αὐτοῖς ἐξ ὑμῶν, ὑπάγετε ἐν εἰρήνῃ, θερμαίνεσθε καὶ χορτάζεσθε, μὴ δώτε δὲ αὐτοῖς τὰ ἐπιτήδεια τοῦ σώματος, τί τὸ ὄφελος;

2:16 Mas (se) alguém dentre vós disser para eles: “Ide em paz, aquecivos/começai a vos aquecer e começai a vos alimentar”, mas se não derdes para eles o necessário, as coisas próprias/oportunas do corpo, qual a utilidade?

2:17 οὕτως καὶ ἡ πίστις, ἐὰν μὴ ἔχη ἔργα, νεκρά ἐστίν καθ’ ἑαυτήν.

2:17 Assim também a fé, se não tiver/continuar tendo trabalhos está morta. de acordo com ela mesma.

2:18 Ἄλλ’ ἐρεῖ τις, Σὺ πίστιν ἔχεις, κἀγὼ ἔργα ἔχω· δεῖξόν μοι τὴν πίστιν σου χωρὶς τῶν ἔργων, κἀγὼ σοὶ δεῖξω ἐκ τῶν ἔργων μου τὴν πίστιν.

2:18 Mas perguntará alguém: tu tens/continuas tendo fé e eu tenho/continuo tendo trabalhos, mostra/começa a mostrar (tu) para mim a tua fé separada dos trabalhos e eu te mostrarei a fé, a partir dos meus trabalhos.

2:19 σὺ πιστεύεις ὅτι εἷς ἐστὶν ὁ θεός, καλῶς ποιεῖς· καὶ τὰ δαιμόνια πιστεύουσιν καὶ φρίσσουν.

2:19 Tu tens continuas tendo fé que o Deus é “um” ? Tu fazes bem. Também os demônios tem/continuam tendo fé e (eles) tremem/continuam tremendo.

2:20 θέλεις δὲ γινῶναι, ὦ ἄνθρωπε κενέ, ὅτι ἡ πίστις χωρὶς τῶν ἔργων ἀργή ἐστίν;

2:20 Oh! Ser humano vazio! Tu estás querendo saber porque a fé separada dos trabalhos é inativa ?

2:21 Ἀβραάμ ὁ πατὴρ ἡμῶν οὐκ ἐξ ἔργων ἐδικαιώθη ἀνενέγκας Ἰσαὰκ τὸν υἱὸν αὐτοῦ ἐπὶ τὸ θυσιαστήριον;

2:21 O nosso pai Abraão não foi “justificado” a partir dos trabalhos, tendo levado para cima/oferecido Isaac, o seu filho, sobre o altar do sacrifício?

2:22 βλέπεις ὅτι ἡ πίστις συνήργει τοῖς ἔργοις αὐτοῦ καὶ ἐκ τῶν ἔργων ἡ πίστις ἐτελειώθη,

2:22 Tu estás vendo/vês que a fé trabalhava/estava trabalhando junto com os trabalhos dele e que a partir/ dos trabalhos a fé foi completada?

2:23 καὶ ἐπληρώθη ἡ γραφὴ ἢ λέγουσα, Ἐπίστευσεν δὲ Ἀβραάμ τῷ θεῷ, καὶ ἐλογίσθη αὐτῷ εἰς δικαιοσύνην καὶ φίλος θεοῦ ἐκλήθη.

2:23 E foi cumprida/preenchida a escritura, a que diz/a dizente: “Acreditou Abraão em o deus e ele foi escolhido/pensado para a justiça e amigo de Deus ele foi chamado.

2:24 ὁράτε ὅτι ἐξ ἔργων δικαιούται ἄνθρωπος καὶ οὐκ ἐκ πίστεως μόνον.

2:24 Começai a ver/continuai a ver que a partir dos trabalhos um ser humano é justificado/posto de acordo com, e não somente a partir da fé

2:25 ὁμοίως δὲ καὶ Παῦλος ἢ πόρνη οὐκ ἐξ ἔργων ἐδικαιώθη ὑποδεξαμένη τοὺς ἀγγέλους καὶ ἐτέρα ὁδῷ ἐκβαλοῦσα;

2:25 Da mesma forma, também, Raab a meretriz não foi justificada a partir dos trabalhos, tendo acolhido os mensageiros e os tendo enviado por outro caminho?

Nessa perícopie, temos o uso de tratamento do destinatário pelo pronome indefinido “alguém” τις; referências indicando distanciamento a um ele αὐτόν - αὐτοῖς; a caracterização do grupo “Vós” ὑμῶν; o uso por duas vezes do designativo do “ser humano” ἄνθρωπος. Esta última referência é acrescida de uma figura que aporta um qualificativo/atributo de sanção “oh! ser humano vazio” ὦ ἄνθρωπε κενέ. Neste momento, aparece um dos poucos usos da segunda pessoa do singular “tu” σύ na Epístola. Este último uso, vers. 2:22, pode ser apenas uma “contaminação” do mesmo tratamento presente na citação do pseudodiscurso direto do vers. 2:18.

PERÍCOPE 3:1 a 3:9

3:1 Μή πολλοὶ διδάσκαλοι γίνεσθε, ἀδελφοί μου, **εἰδότες** ὅτι μείζον κρίμα ληψόμεθα.

3:1 Meus irmãos, não vos torneis muitos (de vós) mestres/ensinadores, sabedores de que um juízo mais severo/maior julgamento receberemos.

3:2 πολλὰ γὰρ πατῖομεν ἅπαντες. εἴ τις ἐν λόγῳ οὐ παταίει, οὗτος τέλειος ἀνὴρ δυνατὸς χαλιναγωγῆσαι καὶ ὅλον τὸ σῶμα.

3:2 Pois em muitas coisas todos batemos/tropeçamos. Se alguém não tromba/tropeça em palavra/logos, esse é um homem masculino completo/que atinge a meta, capaz de refrear/conduzir no freio também todo o corpo.

3:3 εἰ δὲ τῶν ἵππων τοὺς χαλινοὺς εἰς τὰ στόματα βάλλομεν εἰς τὸ πείθεσθαι αὐτοὺς ἡμῖν, καὶ ὅλον τὸ σῶμα αὐτῶν μεταγομεν.

3:3 Ora, se lançamos os freios para dentro da boca dos cavalos, para eles estarem sendo persuadidos por nós, também todo o corpo deles estamos conduzindo/mudando de lugar.

3:4 Eis que também os navios, sendo de tal tamanho, (ao mesmo tempo) estando sendo movimentados pelos ventos duros/secos, pela ação do pequeno leme, mudam de direção para o lugar em que o impulso do condutor está desejando.

3:5 οὕτως καὶ ἡ γλῶσσα μικρὸν μέλος ἐστὶν καὶ Μεγάλα αὐχεῖ. ἴδου Ἡλίκον πῦρ ἡλίκην ὕλην ἀνάπτει·

3:5 Assim também a língua é um pequeno membro do corpo e de grandes coisas se enaltece. Vede quão pequeno fogo ilumina tão grande bosque.

3:6 καὶ ἡ γλῶσσα πῦρ· ὁ κόσμος τῆς ἀδικίας ἢ γλῶσσα καθίσταται ἐν τοῖς μέλεσιν ἡμῶν, ἢ σπιλοῦσα ὅλον τὸ σῶμα καὶ φλογίζουσα τὸν τροχὸν τῆς γενέσεως καὶ φλογιζομένη ὑπὸ τῆς γέννης.

3:6 Também a língua é fogo. O mundo da injustiça. A língua está instalada nos membros de nós, como a que está manchando todo o corpo e a que está

inflamando/inflamadora da/do a roda/curso da origem/nascimento e esta sendo incendiada pela Geena.

3:7 πάσα γὰρ φύσις θηρίων τε καὶ Πτερυγίων, ἑρπετῶν τε καὶ Ἐναλίωσιν δαμάζεται καὶ Δεδάμασται τῇ φύσει τῇ ἀνθρωπίνῃ

3:7 Pois toda a natureza das feras, também das aves, dos répteis, e também dos seres marinhos está sendo domada e está domada pela natureza humana/dos homens.

3:8 τὴν δὲ Γλῶσσαν οὐδεὶς δαμάσαι δόναται ἀνθρώπων, ἀκατάστατον κακόν, μεστὴ Ἰοῦ θανατηφόρου.

3:8 Mas a língua ninguém dentre os homens pode domar, ela é mal agitado repleta de veneno mortal/mortífero.

3:9 ἐν αὐτῇ εὐλογοῦμεν τὸν κύριον καὶ Πατέρα καὶ Ἐν αὐτῇ καταρῶμεθα τοὺς ἀνθρώπους τοὺς καθ' ὁμοίωσιν θεοῦ γεγονότας,

3:9 Com ela bendizemos/elogiamos o senhor e pai e com ela amaldiçoamos/lançamos pragas em direção aos seres humanos, os nascidos de acordo com a semelhança de Deus.

Há dois tratamentos diferentes aqui introduzidos: um é o do pronome indefinido “todos” ἅπαντες. Com esse tratamento o enunciador discursivamente também se inclui no grupo dos destinatários, o que é reforçado também pelo uso do “nós” nas desinências da primeira pessoa do plural μεν- da voz ativa, e μεθα- da voz média, assim como pelo pronome pessoal também da primeira pessoa do plural ἡμῖν e ἡμῶν. Essas referências são particularmente importantes porque reforçam a interação entre enunciador e enunciatário com marcas discursivas precisas. O caráter argumentativo é evidente pois aumenta o sentimento de comunhão com os destinatários, reforçada pelos temas da “criação” e também da “condição humana” marcados nas expressões: 01. τοὺς ἀνθρώπους τοὺς καθ' ὁμοίωσιν θεοῦ γεγονότας “dos homens, os nascidos/criados de acordo com semelhança de Deus e 02. τῇ φύσει τῇ ἀνθρωπίνῃ “a natureza a humana/do ser humano”.

Na perícopa, aparece também o uso, não muito comum, do tratamento ao destinatário pelo pronome demonstrativo “este” οὗτος.

PERÍCOPE 3:10-12

3:10 ἐκ τοῦ αὐτοῦ στόματος ἐξέρχεται εὐλογία καὶ Κατάρρα. οὐ χρὴ, ἀδελφοί μου, ταῦτα οὕτως γίνεσθαι.

3:10 Da mesma boca sai/está saindo bênção/elogio e maldição. Meus irmãos, não é apropriado essas coisas estarem acontecendo assim.

3:11 μήτι ἡ πηγὴ ἔκ τῆς αὐτῆς ὀπῆς βρῦει τὸ γλυκὺ Καὶ τὸ πικρὸν;

3:11 Acaso a fonte, da mesma abertura /do mesmo lugar, brota em quantidade o doce e o amargo?

Não há novos tratamentos, entre os dois usos da referência amigável ἀδελφοί. A diferença entre um uso e outro é de apenas um (1) versículo. Essa proximidade de uso do mesmo tratamento é significativa. É como se fosse uma retomada de fôlego, uma reiteração insistente, como marca argumentativa do desejo de chamar atenção para a proximidade entre destinador e destinatário, potencializada pelo pronome possessivo da primeira pessoa do singular μου “de mim”. Acrescente-se ainda que o trecho se torna extraordinariamente argumentativo como um todo pela presença da interação dos argumentos. De um lado, pela repetição quase simultânea do tratamento amigável que por si só já argumentativo e, de outro lado, pela repetição do subtema, a questão de um sujeito discursivo que assume a palavra.

PERÍCOPE 3:12 a 4:10

3:12 Meus irmãos, não pode uma figueira produzir olivas ou uma parreira de uvas (produzir) figos, nem fonte salgada produzir uma água doce.

3:13 Τίς σοφὸς καὶ Ἐπιστήμων ἐν ὑμῖν; δειξάτω ἐκ τῆς καλῆς ἀναστροφῆς τὰ ἔργα αὐτοῦ ἐν πραύτητι σοφίας.

3:13 Quem (é) sábio e instruído/erudito em vós, diga a ele que mostre os trabalhos dele pela eficaz/boa/bonita ação de ir e vir, em doçura/mansidão de sabedoria.

3:14 εἰ δὲ ζῆλον πικρὸν ἔχετε καὶ Ἐριθείνα ἐν τῇ καρδίᾳ ὑμῶν, μὴ κατακαυχᾶσθε καὶ Ψεύδεσθε κατὰ τῆς ἀληθείας.

3:14 Mas, se uma inveja amarga e um sentimento faccioso continuais a ter no coração, não continuais a vos vangloriar sobre os outros/a desprezar e (não) começais a mentir/não continuais a mentir de acordo com/contra a verdade.

3:15 οὐκ ἔστιν αὕτη ἡ σοφία ἄνωθεν κατερχομένη ἀλλὰ Ἐπίγειος, ψυχικὴ, δαιμονιώδης.

3:15 Essa não é a sabedoria [a] que está descendo do alto, mas [uma] que está sobre a terra/terrena , vivente/do mundo, mental, demoníaca/que diz respeito aos demônios.

3:16 ὅπου γὰρ ζῆλος καὶ Ἐριθεία, ἐκεῖ ἀκαταστασία καὶ Πᾶν φαῦλον πρᾶγμα.

3:16 Pois onde (há) inveja/ciúme e disputa, ali (há) instabilidade/agitação e toda qualidade inferior.

3:17 ἡ δὲ ἄνωθεν σοφία πρῶτον μὲν ἀγνή ἐστιν, ἔπειτα εἰρηνικὴ, ἐπιεικὴς, εὐπειθής, μεστή Ἐλέους καὶ Καρπῶν ἀγαθῶν, ἀδιάκριτος, ἀνυπόκριτος.

3:17 A sabedoria (que vem) do alto, primeiro é pura/inocente, depois pacífica, conveniente/na justa medida), obediente/dócil, cordata, cheia de compaixão/piedade e de frutos bons.

3:18 καρπὸς δὲ δικαιοσύνης ἐν εἰρήνῃ σπείρεται τοῖς ποιούσιν εἰρήνην.

3:18 Um fruto de justiça é semeado com paz para os que estão produzindo/fazendo a paz.

Ao usar novamente, como referenciação do destinatário, a expressão ἀδελφοί μου “meus irmãos”, no vers. 3:12, o enunciador retoma seu tratamento afetivo. A discursivização se vale, como em outras vezes, de uma “asserção” negativa. A construção do versículo é riquíssima em sentidos pelos recursos textuais e discursivos. Começando no versículo 3:12, com a expressão μὴ δύναται, ἀδελφοί μου “não pode, meus irmãos”. Essa expressão, na verdade, está reiterando a recomendação contida no vers. 3:10, em que a figura que discursiviza o destinatário tinha sido feita com o mesmo tipo de recurso. Da mesma forma a construção do enunciado a ela vinculado também tinha sido feita com uma “asserção” negativa.

3:10 ἐκ τοῦ αὐτοῦ στόματος ἐξέρχεται εὐλογία καὶ Κατάρρα. οὐ κρί, ἀδελφοί μου, ταῦτα οὕτως γίνεσθαι.

3:10 Da mesma boca sai/está saindo bênção/elogio e maldição. Meus irmãos, não é apropriado essas coisas estarem acontecendo assim.

Dentro da nossa proposta inicial, neste capítulo, que trata da questão da discursivização do destinatário feita pelo orador, continuaremos analisando as ocorrências no vers. 3:13:

3:13 Τίς σοφὸς καὶ Ἐπιστήμων ἐν ὑμῖν; δειξάτω ἐκ τῆς καλῆς ἀναστροφῆς τὰ Ἔργα αὐτοῦ ἐν πραύτητι σοφίας.

3:13 Quem (é) sábio e instruído/erudito em vós, diga a ele que mostre os trabalhos dele pela eficaz/boa/bonita ação de ir e vir, em doçura/mansidão de sabedoria.

As figuras utilizadas são: Τίς “Quem”; ἐν ὑμῖν “entre vós”; δειξα (τω) “diga a ele que mostre; αὐτοῦ “dele”. O destaque nessas designações se dá novamente pelo

recurso enunciativo que se utiliza da terceira pessoa do singular (quem) (ele) (dele), ao invés de uma segunda pessoa do plural “vós”. Os efeitos de sentido que aparecem, são:

- Individualização da ação vinculando-a a um membro do grupo em particular.
 - Distanciamento do enunciador criando o efeito de objetividade.
 - Efeito de realidade da narrativa do sujeito vinculado à sua ação ou estado.
 - Distanciamento do destinatário, já que o grupo não é citado diretamente.
- Com a escolha de membro isolado do grupo, o enunciador /orador traz o restante do grupo para o seu lado e juntos são chamados a observar a narrativa. A estratégia tem como objetivo facilitar a argumentação.

Vincula-se o *ele* com o tema da sabedoria e com o tema do trabalho. Esses temas estão também inseridos na questão enunciativa da instauração do sujeito discursivo, com competência ou não para assumir a palavra. A apresentação do tema se inicia já no vers. 3:1 com a exortação negativa: “Meus irmãos, não vos torneis muitos (de vós) mestres/ensinadores, sabedores de que um juízo mais severo/maior julgamento receberemos..”

Já nos enunciados que vão dos vers. 3:14-18, os tratamentos ao destinatário ocorrem diretamente por meio das seguintes designações: vers. 3:14 ὑμῶν; vers. 3:18 τοῖς ποιούσιν. Nessa perícopa, o que se constata é que há uma espécie de pausa nas referências que o enunciador/orador faz ao enunciatário/destinatário. Neste contexto só ocorrem duas citações diretas da personagem da interação. Mas é importante ressaltar que os temas e definições em forma de dísticos de sabedoria que ocorrem na perícopa estão todos diretamente vinculados ao destinatário, uma vez que facilmente se poderia transportar para o destinatário as axiologizações que foram feitas no vers. 3:15: ἐπίγειος “terrena”; ψυχική “animal/vivente”; e δαιμονιώδης “demoníaca”; e “do lugar” ὅπου onde aparecem as paixões da “inveja” ζήλος) e da “luta” ἐριθεία), como sendo lugares onde há “instabilidade” ἀκαταστασία e a “qualidade inferior” φαῦλον πρᾶγμα.

Ora, tanto a sabedoria que está sendo referida é a sabedoria do destinatário, como a palavra “lugar” ὅπου” é metonímia para designar o próprio corpo do

destinatário. Lembramos, pelo menos, o termo “instabilidade” ἀκαταστασία com o mesmo tema ἀκαταστ- utilizado no termo ἀκατάστατος “inconstante/instável/desposicionado” do vers. 1:8 do início da Epístola, para qualificar e designar o destinatário e ἀκατάστατον “instável” do vers. 3:8, para qualificar a língua que também, por metonímia, designa o destinatário.

Ainda um destaque para a figura que designa o destinatário nesse trecho do discurso: o uso do particípio Inflectum τοῖς ποιούσιν “estão produzindo/fazendo”, o que equivale a utilização da 3ª pessoa do plural “eles”.

PERÍCOPE 4:1 a 4:10

4:1 πόθεν πόλεμοι καὶ πόθεν μάχαι ἐν ὑμῖν; οὐκ ἐντεῦθεν, ἐκ τῶν ἡδονῶν ὑμῶν τῶν στρατευομένων ἐν τοῖς μέλεσιν ὑμῶν;

4:1 De onde vêm guerras e de onde vêm lutas em vós? Não estão vindo dos vossos prazeres, os que estão guerreando nos vossos membros/do corpo?

4:2 ἐπιθυμεῖτε καὶ οὐκ ἔχετε, φονεύετε καὶ ζηλοῦτε καὶ οὐ δύνασθε ἐπιτυχεῖν, μάχεσθε καὶ πολεμεῖτε, οὐκ ἔχετε διὰ τὸ μὴ αἰτεῖσθαι ὑμᾶς,

4:2 Vós estais ambicionando e não estais tendo, vós estais/continuais matando e invejando e não está sendo possível um sucesso/e continuais não podendo estar atingindo o objetivo. Vós estais guerreando e estais lutando e não estais tendo pelo não estar buscando.

4:3 αἰτεῖτε καὶ οὐ λαμβάνετε διότι κακῶς αἰτεῖσθε, ἵνα ἐν ταῖς ἡδοναῖς ὑμῶν δαπανήσητε.

4:3 Vós estais buscando e não obtendes/continuais a não receber porque buscais mal/continuais buscando mal, para gastardes nos vossos prazeres.

4:4 μοιχαλίδες, οὐκ οἴδατε ὅτι ἡ φιλία τοῦ κόσμου ἔχθρα τοῦ θεοῦ ἐστίν; ὃς ἐὰν οὖν βουληθῆ φίλος εἶναι τοῦ κόσμου, ἐχθρὸς τοῦ θεοῦ καθίσταται.

4:4 Adúlteras, não sabeis vós que a amizade do mundo é inimizade contra Deus? Portanto, aquele que desejar ser/continuar sendo amigo do mundo ele está posicionando/instalando como inimigo de Deus.

4:5 ἢ δοκεῖτε ὅτι κενῶς ἡ γραφὴ λέγει, πρὸς φθόνον ἐπιποθεῖ τὸ πνεῦμα ὃ κατώκισεν ἐν ἡμῖν,

4:5 Ou vos parece/está parecendo que, em vão, a escritura diz/está dizendo: contra o “segurar para si”/avareza deseja o espírito, aquele que morou/habitou em vós?

4:6 μείζονα δὲ δίδωσιν χάριν; διὸ λέγει, Ὁ θεὸς ὑπερηφάνους ἀντιτάσσεται, ταπεινοῖς δὲ δίδωσιν χάριν.

4:6 Maior graça dá/continua dando? Por isso ele/a está dizendo diz/continua dizendo: O Deus resiste aos soberbos e ele dá/continua dando graça aos humildes.

4:7 ὑποτάγητε οὖν τῷ θεῷ, ἀντίστητε δὲ τῷ διαβόλῳ καὶ φεύξεται ἀφ' ὑμῶν,
4:7 Portanto, submetei-vos à autoridade de Deus mas resisti ao diabo e ele fugirá do meio de vós.

4:8 ἐγγίσατε τῷ θεῷ καὶ ἐγγιεῖ ὑμῖν καθαρίσατε χεῖρας, ἁμαρτωλοί, καὶ ἀγνίστατε καρδίας, δίψυχοι.

4:8 Aproximai-vos de Deus e ele se aproximará de vós. Limpai pecadores as mãos e purificai os corações /homens de/ mentes duplas.

4:9 ταλαιπωρήσατε καὶ Πενθήσατε καὶ Κλαύσατε. ὁ γέλως ὑμῶν εἰς πένθος μετατραπήτω καὶ Ἡ χαρὰ εἰς κατήφειαν.

4:9 Sofrei, afligi-vos e chorai. O riso vosso mude de lado para dentro do luto/da dor e a vossa alegria para dentro da tristeza/lágrima.

4:10 ταπεινώθητε ἐνώπιον κυρίου καὶ Ὑψώσει ὑμᾶς.

4:10 Sede humilhados/humildes diante da face do senhor e ele vos elevará/exaltar.

As designações ao destinatário nesta perícopa estão relacionadas no quadro a seguir:

4:1	ἐν ὑμῖν	Em vós
4:1	ὑμῶν	De vós
4:1	ὑμῶν	De vós
4:2	ὑμᾶς	Vossa
4:3	ὑμῶν	Dentre vós
4:4	μοιχαλίδες	adúlteras
4:4	ὅς	Aquele que (os que)
4:4	φίλος	Amigo
4:4	ἐχθρὸς	Inimigo
4:5	ἐν ἡμῖν	Em vós
4:6	ὑπερηφάνοις	soberbos (orgulhosos)
4:6	ταπεινοῖς	Humildes
4:7	ἀφ' ὑμῶν	(a partir) de vós
4:8	ἁμαρτωλοί	“Pecadores”
4:8	δίψυχοι	Mentes duplas
4:9	ὑμῶν	Dentre vós
4:10	ὑμᾶς	Vosso/a

Figura 22 - Discursivização do destinatário nos versículos 4:1-10

No trecho ora analisado, vários destaques merecem ser feitos para as designações do enunciatário e que utilizam a 3ª pessoa do singular e do plural. São designações que utilizam adjetivos qualificativos, conforme quadro acima: amigo, inimigo, soberbos, humildes, pecadores, mentes duplas. Além desses atributivos, ocorre

também o uso do pronome relativo: “aquele que” ὅς. Em primeiro lugar, destaque-se o uso desse pronome em 4:4:

4:4 μοιχαλίδες, οὐκ οἴδατε ὅτι ἡ φιλία τοῦ κόσμου ἔχθρα τοῦ θεοῦ ἐστίν; ὅς ἐάν οὖν βουληθῆ φίλος εἶναι τοῦ κόσμου, ἐχθρὸς τοῦ θεοῦ καθίσταται.

4:4 Adúlteras, não sabeis vós que a amizade do mundo é inimizade contra Deus? Portanto, aquele que desejar ser/continuar sendo amigo do mundo ele está posicionando/instalando como inimigo de Deus.

Com esse uso o enunciador está situando o tema e ensinamento contido no enunciado numa pessoa em particular - um *ele* -, ao mesmo tempo em que o está generalizando. A generalização ocorre já que esse *ele* pode ser qualquer um dos membros do grupo de vós. A estratégia é a mesma que já assinalamos em outras ocasiões. Com esta referência na 3ª pessoa, os efeitos de sentido que se quer criar são: objetividade, efeito de realidade, convocação argumentativa do restante do grupo para olhar o indivíduo isolado, etc. Mas, o uso do pronome relativo demonstrativo “aquele que” ὅς cria um efeito de sentido bem preciso, ou seja, o isolamento do enunciatário que é feito de forma mais expressiva do que se fosse usado um pronome demonstrativo, por exemplo, “este”. Ao mesmo tempo, o uso do “aquele que” tem um efeito de sentido de isolamento menos expressivo do que se fosse usado o pronome indefinido “alguém”.

Na gradação: “alguém > aquele > este”, o pronome relativo demonstrativo “aquele” está em posição intermediária na concretização/efeito de presença. Já com relação ao uso dos adjetivos, a qualificação feita está vinculada ao tema que está sendo construído. Mas o adjetivo μοιχαλίδες “adúlteras” merece destaque, pois é um atributo e, ao mesmo tempo, uma sanção muito forte. Ele indica toda uma postura dos destinatários em conjunto, como grupo. A qualificação é feita no feminino plural, o que se constitui uma referência textual clara aos destinatários da Epístola igualmente marcados, no primeiro versículo, com o feminino plural: “às doze tribos” ταῖς δώδεκα φυλαῖς.

Muito se poderia discorrer sobre essa designação por meio do adjetivo μοιχαλίδες “adúlteras”. Mas o principal fato a destacar é que os enunciados a ele

vinculados constroem um dos temas cruciais da Epístola: o tema do acúmulo de riquezas. É no contexto de uso da referência ao destinatário como μοιχαλίδες “adúlteras” que aparece a figura do “acumulador de riquezas” que é trazida pelo termo φθόνον “segurar para si”. Esta última figura faz parte de um contexto em que as traduções historicamente escolhidas para o termo escondem o significado do tema e o sentido da Epístola como um todo.

PERÍCOPE 4:11 à 5:16

Destacamos a ocorrência do tratamento com a raiz ἀδελφ- em 4:11 pela sua contribuição à construção da noção de grupo:

4:11 Μὴ καταλαλεῖτε ἀλλήλων, ἀδελφοί. ὁ καταλαλῶν ἀδελφοῦ ἢ κρίνων τὸν ἀδελφὸν αὐτοῦ καταλαλεῖ νόμου καὶ κρίνει νόμον· εἰ δὲ νόμον κρίνεις, οὐκ εἶ ποιητῆς νόμου ἀλλὰ κριτῆς.

4:11 Irmãos, não falais / cessai de falar mal um dos outros. O que está falando/o falante/o que continua falando mal do irmão ou o que está julgando/julgador/continua julgando seu irmão está falando da lei e está julgando a lei. E, se julgas/continuas julgando a lei, não és fazedor/produtor da lei, mas juiz.

Observa-se aqui a insistência no uso do tratamento ἀδελφοι - ἀδελφοῦ -ἀδελφὸν. Essa insistência é uma repetição argumentativa. A repetição está diretamente ligada ao direcionamento da atenção do destinatário para o tema que está sendo construído. O tema é a ação discursiva - uso da língua - visto numa situação concreta, já que ocorrendo no interior do grupo. A noção de grupo está extraordinariamente sustentada na dinâmica das relações apontadas entre seus membros. A dinâmica é criada pelo uso da mesma raiz designativa do ἀδελφ- em três casos distintos: o nominativo, o genitivo, e o acusativo ἀδελφοι - ἀδελφοῦ -ἀδελφὸν.

O Nominativo ressalta a designação genérica dos membros como irmãos. É tanto um nominativo que dá um nome qualificativo aos membros do grupo – todos são

“irmãos” ἀδελφοί como também um nominativo que designa o sujeito de uma ação discursiva Μὴ καταλαλέιτε “Não continueis falando mal/cessem de falar mal”.

O Genitivo ἀδελφοῦ “do irmão” está retirando/separando um membro do grupo - a noção primeira do genitivo - para designar aquele de quem se está falando mal. Note-se que “o falante/o que continua falando” é também membro do grupo e designado pelo particípio substantivado ὁ καταλαλῶν .

O Acusativo ἀδελφὸν “para o irmão/em direção ao irmão” designa a pessoa em direção de quem irá a ação - o ato de julgar. Ato este que também é feito por um dos membros do grupo retirado do conjunto dos irmãos.

Constata-se, pois, uma gradação, uma ordem na colocação do tema da ação discursiva - do uso da língua. Parte-se de uma abordagem genérica para uma abordagem particular. Esta última para situar a ação num espaço específico, o espaço do grupo e, ao mesmo tempo, realizada e mesmo sofrida pelos seus membros, os quais são identificados por aqueles tratamentos.

Versículos: 4:12-5:6 - Após o destaque do uso do tratamento ao destinatário no vers. 4:11, constatamos que, dos vers. 4:12 a 5:6, ocorre uma novidade no discurso de Tiago. Trata-se dos inícios das exortações contidas nos vers. 4:13 Ἄγε νῦν οἱ λέγοντες “Agora, vamos! Os que estão dizendo/os falantes”; e 5:1 Ἄγε νῦν οἱ πλούσιοι “Agora, vamos! os ricos”. Essas exortações utilizam um tratamento ao destinatário feito por meio de um adjetivo participial substantivado οἱ λέγοντες e de um substantivo com artigo definido οἱ πλούσιοι “os ricos”. Os tratamentos especificam e identificam com precisão o enunciatário, utilizando-se de marcas discursivas cuidadosamente escolhidas. Cria-se, então nesse momento, um sub-grupo de destinatários - podemos afirmar mesmo um outro auditório - que se vincula diretamente aos temas para os quais as figuras invariavelmente nos conduzem. Tratam-se dos temas: do uso da fala, e por extensão “da assunção do discurso por um sujeito”, abordado nesta tese, para o qual nos conduz a expressão οἱ λέγοντες, “Ide/Agora, vamos! os que estando dizendo /falantes”; e do tema

da riqueza sugerido pela figurativização do destinatário por meio do substantivo οἱ πλούσιοι “os ricos”.

O destaque é que, nas perícopes acima citadas, não se encontram exortações feitas com o tratamento afetivo ἀδελφ -, o que marca a desmodalização da paixão do afeto para com o sub-grupo a quem o orador se dirige. Retira-se a modalização da paixão do afeto amigável/familiar, mas nem por isso a exortação deixa de ser modalizada passionalmente por oposição ao restante da carta. É clara a introdução de uma modalização de desafeto – por omissão do tratamento ἀδελφ- na interação discursiva que aqui se estabelece. O enunciador prioriza a nominalização dos enunciatários, figurativizando-os no discurso, com adjetivos participiais substantivados que apontam para uma qualificação marcante. Particularmente a utilização da forma οἱ λέγοντες vincula indissolivelmente o actante/enunciatário - destinatário da carta - com uma ação. Esse vínculo, como já vimos, é marca de uma técnica argumentativa – a ligação de coexistência - que tem por objetivo dar vida a uma personagem, enfatizando principalmente a interação do sujeito com seu ato, aqui, o ato de falar.

Um fato digno de ser destacado do ponto de vista discursivo é a mudança de tratamentos, aparentemente inexplicável, que ocorre no espaço que vai do vers. 4:11 a 4:17. Nesse trecho do discurso o orador, surpreendentemente, alterna as referências ao seu auditório tratando-o ora como um grupo ora como um indivíduo em particular, sem que haja uma indicação precisa de que a narrativa se deslocou do grupo para um de seus membros. Tudo indica que se trata de uma técnica que tem por objetivo criar efeitos de sentido determinados, os quais tentaremos descobrir quais são.

Nesse momento de nossa reflexão, gostaríamos de fazer um parêntese. Ao voltarmos nossa atenção para o texto na tentativa de descobrir quais os efeitos de sentido criados pela alternância vós/tu de tratamento ao destinatário, descobrimos uma marca referencial importante no vers. 4:11 que precede o trecho 4:12-17. Trata-se da gradação referencial do destinatário que é feita no vers. 4:11. Esse versículo usa inicialmente duas pessoas gramaticais diferentes para se referir ao destinatário, conforme quadro a seguir:

4:11	τὸν ἀδελφὸν	O irmão	3ª pessoa singular	ele
4:11	αὐτοῦ	dele	3ª pessoa singular	(d) ele
4:11	καταλαλεῖ	ele fala mal/continua falando	3ª pessoa singular	ele
4:11	ἀδελφού	Do irmão	3ª pessoa singular	(d) ele
4:11	ὁ καταλαλῶν	O que está falando/o falante/o que continua falando	3ª pessoa singular	ele
4:11	κρίνων	o que está julgando/ julgador/continua julgando	3ª pessoa singular	ele
4:11	ἀδελφοί	irmãos	3ª pessoa plural	eles
4:11	Μὴ καταλαλεῖτε	não falais/continueis falando/cessai de falar mal	2ª Pessoa plural	vós

Figura 23 - Marcas que discursivizam o destinatário no versículo 4:11

E, só após essa alternância de usos, é introduzido outro tratamento, qual seja, a referência feita ao destinatário por meio da segunda pessoa do singular – σύ “tu”, nos vers. 4:11 e 4:12:

4:12 εἷς ἐστὶν [ὁ] νομοθέτης καὶ κριτῆς ὁ δυνάμενος σῶσαι καὶ ἀπολέσαι· σὺ δὲ τίς εἶ ὁ κρίνων τὸν πλησίον;

4:12 Um é o legislador e juiz, o que pode/o que continua tendo poder de restaurar/salvar e fazer perecer. Mas tu quem és, o que está julgando/continua julgando o próximo?

Fazendo uma relação entre os tratamentos alternativos que aqui são usados e que se valem de marcas tanto da 3ª pessoa e da 2ª pessoa do plural como da 3ª pessoa e da 2ª do singular, observamos que a segunda pessoa do singular σύ “tu” é utilizada de forma coerente, pois o seu aparecimento no texto se dá vinculado diretamente a um membro que foi destacado do grupo, marca do singular. Esse membro do grupo foi designado e nomeado no vers. 4:11 usando-se dois participios substantivados ὁ καταλαλῶν “o que está falando mal” e ὁ κρίνων “o que está julgando”. Ora, o mesmo participio ὁ κρίνων “o que está julgando” irá aparecer em 4:12 como sendo aquele tu para quem o orador está se dirigindo inesperadamente: 4:12 σὺ δὲ τίς εἶ ὁ κρίνων τὸν πλησίον; “Mas tu quem és o que está julgando/o julgador/o que continua julgando o próximo?”

Mas só a coerência de número, singular, entre o particípio substantivado e o pronome do caso reto não é suficiente para justificar a mudança de tratamento. É nas teorias lingüísticas de análise do texto, referenciação, argumentação, e na teoria Semiótica que procuraremos essa justificativa.

A variação e a concorrência categorial emergem notadamente quando uma cena é vista de diferentes perspectivas, que implicam diferentes categorizações da situação, dos atores e dos fatos. A “mesma” cena pode, mais geralmente, ser tematizada diferentemente e pode evoluir – no tempo discursivo e narrativo – focalizando diferentes partes ou aspectos.

(...)

Este domínio pode ser abordado considerando os recursos lingüísticos que servem para tematizar uma entidade, para sublinhar a saliência de um aspecto específico ou de uma propriedade de um objeto, para atrair a atenção do leitor para uma entidade particular.¹⁶²

PERÍCOPE 5:1-6

5:1 Ἄγε νῦν οἱ πλούσιοι, κλαύσατε ὀλολύζοντες ἐπὶ ταῖς ταλαιπωρίαις ὑμῶν ταῖς ἐπερχομέναις.

5:1 Vamos agora, os ricos ! Chorai, ao mesmo tempo lamentando, sobre as misérias/sofrimentos, as que estão vindo sobre vós.

5:2 ὁ πλοῦτος ὑμῶν σέσηπεν καὶ τὰ ἱμάτια ὑμῶν σητόβρωτα γέγονεν,

5:2 A vossa riqueza está podre e as vossas vestes se tornaram roídas/rotas.

5:3 ὁ χρυσὸς ὑμῶν καὶ ὁ ἄργυρος κατίωται καὶ ὁ ἰδὸς αὐτῶν εἰς μαρτύριον ὑμῖν ἔσται καὶ φάγεται τὰς σάρκας ὑμῶν ὡς πῦρ. ἔθησαυρίσατε ἐν ἐσχάταις ἡμέραις.

5:3 O ouro e a prata de vocês estão manchados e a ferrugem deles será para vosso testemunho, e ela engolirá/devorará os corpos de vocês como fogo. Entesourastes nos últimos dias.

5:4 ἰδοὺ ὁ μισθὸς τῶν ἐργατῶν τῶν ἀμησάντων τὰς χώρας ὑμῶν ὁ ἀπεστερημένος ἀφ’ ὑμῶν κράζει, καὶ αἱ βοαὶ τῶν θερισάντων εἰς τὰ ὦτα κυρίου Σαβαώθ εἰσεληλύθασιν.

5:4 Eis que o salário dos trabalhadores, dos que tendo ceifado vossos campos, o fraudado por vós está clamando! E, os gritos dos que tendo passado o verão chegaram/acabaram de chegar aos ouvidos do senhor Sabahot .

5:5 ἐτρυφήσατε ἐπὶ τῆς γῆς καὶ ἐσπαταλήσατε, ἐθρέψατε τὰς καρδίας ὑμῶν ἐν ἡμέρᾳ σφαγῆς,

5:5 Vivestes no luxo e delícias sobre a terra, nutristes os vossos corações em dia de degola.

5:6 κατεδικάσατε, ἐφονεύσατε τὸν δίκαιον, οὐκ ἀντιτάσσεται ὑμῖν.

5:6 Condenastes, matastes o justo, ele não está resistindo/resiste a vós.

¹⁶² MONDADA, Lorenza e DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, RODRIGUES e CIULLA, p. 25.

Os tratamentos aos ricos encontrados na perícopre 5:1-6 feitos ao subgrupo de destinatários da Epístola, incluem, conforme quadros a seguir:

A) A referência direta por meio da desinência pessoal verbal da segunda pessoa do plural:

Versículo	Ocorrência	Tradução	Tipo
5:1	Ἄγε	Vamos!/Ide!	desinência
5:1	Κλαύσατε	Chorai	desinência
5:3	Ἐθησαυρίσατε	entesourastes	desinência
5:5	Ἐτρυφήσατε	Vós vivestes no luxo	desinência
5:5	Ἐσπαταλήσατε	Vós vivestes em delícias	desinência
5:5	Ἐθρέψατε	nutristes	desinência
5:5	Κατεδικάσατε	Vós condenastes	desinência
5:5	Ἐφονεύσατε	Vós matastes	desinência

Figura 24 - Marcas que discursivizam o destinatário no versículo 5:1-5

B) O uso do pronome pessoal também da segunda pessoa do plural, ὑμεῖς “vós”, ocorrendo, em maior número, no caso genitivo.

Versículo	Ocorrência	Tradução	Tipo	Caso
5:1	Ἄγε	Vamos!/Ide!	desinência	-
5:1	ὑμῶν	de vocês	pronome	genitivo
5:2	ὑμῶν	de vocês	pronome	Genitivo
5:2	ὑμῶν	de vocês	pronome	Genitivo
5:3	ὑμῶν	de vocês	pronome	Genitivo
5:3	ὑμῖν	Para vós	pronome	acusativo
5:3	ὑμῶν	de vocês	pronome	Genitivo
5:4	ὑμῶν	de vocês	pronome	Genitivo
5:4	ὑμῶν	de vocês	pronome	Genitivo
5:5	ὑμῶν	de vocês	pronome	Genitivo
5:6	ὑμῖν	A vós	pronome	acusativo

Figura 25 - Marcas que discursivizam o destinatário nos versículos 5:1-6

C) A nomeação por meio de um substantivo com o artigo definido, e que designa um atributo/qualidade do destinatário – vers. 5:6 οἱ πλούσιοι “Os ricos”.

D) E a qualificação por meio de um particípio/adjetivo, na verdade um sintagma verbal reduzido – vers. 5:6 ὁλολύζοντες “ao mesmo tempo lamentando/gemendo”.

No vers. 5:1, bem como no vers. 4:13, a interação entre o destinador da Epístola e o destinatário é feita por meio de um marcador, que é chamado pelos lingüistas de “marcador de opinião”. Nesses versículos o marcador é representado pela expressão Ἄγε νῦν “Vamos agora”:

4:13 οἱ λέγοντες, “Os que estão dizendo/os falantes”
5:1 Ἄγε νῦν οἱ πλούσιοι “Vamos agora, os ricos!”

O efeito de sentido que se cria com o uso desse marcador é de uma desafeição do interlocutor, em contraste com o uso do tratamento afetivo ἀδελφοί μου “meus irmãos”, comum e abundantemente usado no restante da Epístola. Este último tratamento não só aproxima como atenua a relação entre os interlocutores. Com o uso do marcador de opinião, no entanto, não há preocupação de marcar lingüisticamente a atenuação ou mesmo a paixão afetiva do orador.

A expressão Ἄγε νῦν “Vamos, agora!” é uma forma que, que no sistema da língua, perdeu a conotação de um tipo de ligação interativa que era trazida pelo tema do imperativo Ἄγε “vá tu”, para se tornar uma forma que evoluiu para significar uma interjeição “Vamos!” com a conotação de uma exortação direta. Com essa nova significação a expressão pode nos levar até a incluir essa referência ao destinatário como uma retomada da isotopia da ordem¹⁶³, que já apontamos estar presente em toda a Epístola. A reprodução dos verbetes a seguir dos dicionários de Bailly e Petit Robert auxiliam a confirmar essa nossa conclusão:

¹⁶³ A ordem vista aqui não como marca de autoridade, mas como organização estrutural metódica.

(Ἄγε) 8. Allons! Eh bien! Voyons, avec une particule ¹⁶⁴.

(Allons!) item 4. Serte a exorter, à **rappeler à l'ordre** (une ou plusieurs personnes). ¹⁶⁵ (rappeler) item 2... rappeler qqn à le faire revenir à II. Faire revenir à l'esprit, à la conscience (*negritos nossos*).

O uso da forma lingüística Ἄγε se torna mais expressivo porque a ela se agrega a partícula νῦν “agora”. Do ponto de vista enunciativo, o uso dessa partícula é marca preciosa da presença do enunciador no tempo externo do enunciado. O efeito de sentido criado por essa presença revela, de acordo com Rosa, a certeza do locutor com relação ao seu enunciado bem como revela uma estratégia em que o enunciador assume responsabilidades, aceitando o ponto de vista do enunciado. ¹⁶⁶

Concluimos, então, pela leitura/análise do uso do sintagma Ἄγε νῦν “Vamos agora!”, como referência ao destinatário, que o distanciamento do enunciador/destinador é na verdade passional, além de enunciativo. É um distanciamento discursivo e não somente textual. Do ponto de vista interativo, o destinatário é afastado, embora a exortação lhe seja precisamente dirigida. O tratamento distancia o destinatário, mas aproxima o destinador de seu enunciado. O que aparece é o total comprometimento do destinador com o discurso que vem a seguir, perícopo 5:1-6.

PERÍCOPE 5:7-11

5:7 Μακροθυμήσατε οὖν, ἀδελφοί, ἕως τῆς παρουσίας τοῦ κυρίου. ἰδοὺ ὁ γεωργὸς ἐκδέχεται τὸν τίμιον καρπὸν τῆς γῆς μακροθυμῶν ἐπ'αὐτῷ ἕως λάβῃ πρόϊμον καὶ ὄψιμον.

5:7 Portanto, irmãos, tende paciência até a vinda/a parousia do Senhor. Eis que o lavrador está recebendo o valioso fruto (que vem) da terra tendo paciência/paciensioso sobre ela, até que colha o primeiro e o tardio.

5:8 μακροθυμήσατε καὶ Ὑμεῖς, στηρίξατε τὰς καρδίας ὑμῶν, ὅτι ἡ παρουσία τοῦ κυρίου ἤγγικεν.

5:8 E vós tende paciência, fortalecei os vossos corações, porque a aparição/parousia do Senhor está próxima.

5:9 μὴ στενάζετε, ἀδελφοί, κατ' ἀλλήλων ἵνα μὴ κριθῆτε· ἰδοὺ ὁ κριτῆς πρὸ τῶν θυρῶν ἕστηκεν.

¹⁶⁴ Verbete ἄγε. In: BAILLY, *Dictionnaire grec-français*.

¹⁶⁵ Verbete “allons”. In: LE ROBERT MICRO. *Dictionnaire d'apprentissage de la langue française*. Rédaction dirigée par Alain Rey. Paris: Dictionnaires Le Robert, 1988, p. 34.

¹⁶⁶ ROSA, p. 43.

5:9 Irmãos, não murmurais/continuais a murmurar uns contra os outros, para não serdes julgados. Eis que o juiz está colocado/acaba de se colocar de pé diante das portas.

5:10 ὑπόδειγμα λάβετε, ἀδελφοί, τῆς κακοπαθίας καὶ τῆς μακροθυμίας τοῦς προφήτας οἱ ἐλάλησαν ἐν τῷ ὀνόματι κυρίου.

5:10 Irmãos, tomai exemplo da dificuldade/sofrimento e da paciência dos profetas, os quais falaram em nome do Senhor.

5:11 ἰδοὺ Μακαρίζομεν τοῦς ὑπομείναντας· τὴν ὑπομονὴν ἰὼβ ἠκούσατε καὶ τὸ τέλος κυρίου εἶδετε, ὅτι πολὺσπλαγγνός ἐστιν ὁ κύριος καὶ Οἰκτίρμων.

5:11 Eis que bem aventuramos os perseverantes/os que continuam a perseverar. Ouvistes falar da paciência de Job e soubestes o objetivo/a meta do senhor. Porque o senhor é muito misericordioso e piedoso/compassivo.

O que chama atenção nas ocorrências de uso do termo com a raiz ἀδελφ- nos vers. 5:7, 5:9 e 5:10 é: A. a proximidade da utilização da referência/tratamento. A repetição é imediata não havendo mesmo, entre 5:9 e 5:10, versículos intermediários entre uma referência e outra. B. Nos três usos daquela raiz a figura não vem agregada com o pronome possessivo da primeira pessoa μου “meus/de mim”, tal como ocorre nos versículos 1:2; 1:16; 1:19; 2:1; 2:5; 2:14; 3:1; 3:10; 3:12; 5:12; 5:19. A retomada do uso da referência com o tratamento afetivo no vers. 5:7 e repetida em 5:9 e 5:10 indica claramente uma volta ao auditório principal, ou coletivo, que é as doze tribos na dispersão. O orador abandona os tratamentos que subdividem o auditório em subgrupos, tal como haviam sido identificados em 4:13 οἱ λέγοντες “os que ao mesmo tempo estão dizendo/os falantes” e 5:1 οἱ πλούσιοι “os ricos”. A partir do vers. 5:7 os subgrupos acima referidos são deixados de lado e as exortações são novamente feitas diretamente ao grupo maior. Identificamos com essa retomada de tratamento também a retomada ou introdução de um novo tema, o qual está marcado precisamente no uso do tema μακροθυμ-, que ocorre quatro (4) vezes nessa perícopie:

Versículo	Ocorrência	Ocorrência	Tradução
5:7	μακροθυμήσατε	Verbo	Tenhai paciência
5:7	μακροθυμῶν	Particípio	tendo paciência/paciensioso
5:8	Μακροθυμήσατε	Verbo	tenhai paciência
5:10	τῆς μακροθυμίας	Substantivo	(d)a paciência

Figura 26 - Ocorrências da raiz μακροθυμ- nos termos da perícopie 5:7-10

Constatamos assim que o tratamento afetivo serve como um marcador que, além de argumentativo, é também um marcador temático. Nada mais próprio para o tópico aqui presente, pois, inclusive, a interdiscursividade/intertextualidade

veterotestamentária aparece aqui com toda a força. Essa intertextualidade tão cara às doze tribos, aos “irmãos” ἀδελφοί, aparece com o uso das figuras expressivas dos “profetas” τοὺς προφήτας em geral - Vers 5:10; e um profeta em particular, Ἰωβ “Jó” - vers. 5:11. Apesar do pequeno tamanho do trecho que estamos analisando, a riqueza de construção textual e discursiva é extraordinária. Isto se deve:

01. Arquitetura, construção, e mecanismos argumentativos aliados aos temas da “paciência” μακροθυμ-; do “julgamento” κριν-; e do grupo “uns aos outros” ἀλλήλων.
02. Tentativa feliz e plenamente realizada pelo orador de estabelecer nesse momento uma ligação precisa para o discurso, o auditório e mesmo, por que não dizer, para os caminhos propostos pelo *Antigo* e o *Novo Testamento*. Isso se revela também na figurativização que utiliza o termo κυρίου “Senhor” e παρουσία “vinda/parousia do Senhor”.

Embora as constatações feitas acima nos fascinem e sejam possíveis de serem exploradas, voltamos agora, como é nosso objetivo neste momento de nossa tese, à questão da discursivização, referências/tratamentos feitos pelo orador ao destinatário. O quadro a seguir assinala as referências ao destinatário na perícope que vai de 5:7 à 5:11.

Versículo	Ocorrência	Tradução
5:7	Μακροθυμήσατε	tende (vós) paciência)
5:7	ἀδελφοί	Irmãos
5:8	μακροθυμήσατε	tende paciência,
5:8	ὑμεῖς	vós
5:8	στηρίξατε	fortalecei (vós)
5:8	ὑμῶν	De vocês
5:9	μὴ στενάζετε	Não murmureis (continueis a murmurar) (vós)
5:9	ἀδελφοί	Irmãos
5:9	ἀλλήλων	Uns dos (contra)outros
5:9	μὴ κριθήτε	não serdes julgados
5:10	λαβέτε	Pegai, tomai (vós)
5:10	ἀδελφοί	irmãos
5:11	μακαρίζομεν	Bem aventuramos
5:11	ἤκούσατε	Escutastes (vós) (ouvistes falar da)
5:11	εἶδετε	compreendestes (vós)

Figura 27 - Discursivização destinatário na perícopre 5:7-11.

Numa tentativa de descobrir os objetivos argumentativos e efeitos de sentido criados pelo uso dos tratamentos listados no quadro acima, faremos as observações a seguir:

01. Ao fazermos uma comparação entre o quadro que lista as ocorrências das perícopes 5:7-11 e aquele outro quadro que lista as ocorrências da perícopre 5:1-6, de imediato o que se constata é que há uma mudança nas escolhas de tratamento feitas pelo orador. As escolhas anteriores, em 5:1-6, eram preferencialmente pelo uso do pronome da segunda pessoa do plural ὑμεῖς “vós”, na maioria das vezes usado no caso genitivo plural ὑμῶν “de vós/de vocês/vossos”.
02. Já aqui, na perícopre 5:7-11, as referências aos destinatários aparecem em maior número por meio da desinência verbal também da segunda pessoa do plural, marcada pelo sufixo -τε “vós”. Consideramos que a ocorrência de maior número de desinências verbais se deve ao fato de o trecho se referir mais a ações do destinatário - a desinência é verbal. Já, na perícopre 5:1-6, a escolha é feita pelo pronome, no genitivo, para marcar estados.
03. Outra observação é a constatação da ocorrência rara – apenas duas vezes na Epístola – do pronome pessoal da segunda pessoa do plural ὑμεῖς “vós” no caso nominativo. Esse uso indica claramente uma reafirmação discursivo/argumentativa do sujeito/destinatário para quem a exortação está sendo dirigida. Seu uso na Epístola tem sido dispensado já que a desinência verbal -τε “vós” supre perfeitamente a marca do sujeito destinatário.
04. O uso do pronome pessoal da segunda pessoa do plural ὑμεῖς “vós” no caso nominativo funcionando mesmo como um aposto, na perícopre 5:7-11, é marca precisa de identificação, e serve como um dos elementos na comparação entre a figura do “agricultor” ὁ γεωργὸς e a dos destinatários ὑμεῖς “vós”.

05. Outra referência/designação que chama atenção na perícopes 5:7 a 5:11 é aquela que é feita pelo uso da desinência pessoal da primeira pessoa do plural -μεν “nós”. Ela chama atenção porque, inesperadamente, insere o enunciador no enunciado, e em conjunto com a referência ao enunciatário. Talvez esse uso supra a ausência do comprometimento usual do sujeito enunciador/orador por meio do pronome pessoal μου “de mim”. Aqui, ao invés de assinalar com o pronome possessivo μου a ligação grupal entre o orador e o auditório, a mesma ligação se faz pela ênfase com a desinência -μεν “nós”. A ênfase, com a desinência da primeira pessoa do plural, não é no caráter afetivo da ligação, mas no caráter de igualdade de condições da postura discursivo/afetiva de ambos - orador e auditório - frente a um valor comum assinalado na figura dos profetas.

5:11 ἰδοὺ Μακαρίζομεν τοὺς ὑπομείναντας· τὴν ὑπομονὴν ἰὼβ ἠκούσατε καὶ τὸ τέλος κυρίου εἶδετε, ὅτι πολὺσπλαγχνός ἐστιν ὁ κύριος καὶ Οἰκτίρμων.

5:11 Eis que bem aventuramos os perseverantes/os que continuam a perseverar. Ouvistes falar da paciência de Job e soubestes o objetivo/a meta do senhor. Porque o senhor é muito misericordioso e piedoso/compassivo.

O uso, pois, da primeira pessoa do plural é argumentativo, de um valor comum, aceito e lembrado, que serve como ponto de partida para a argumentação.

06. Finalmente, o uso do verbo ἠκούσατε “vós escutastes” é uma indicação precisa e valiosa das práticas sociais de oralidade dos textos vétero testamentários destinados a serem lidos e também escutados. O conhecimento, compreensão εἶδετε “conheceste, compreendeste” que eram adquiridos pelos membros da sinagoga vinham pelo “ouvir” ἀκούω e não pela leitura direta dos textos, por parte dos membros. A leitura era feita por um responsável e os demais escutavam. Confirma-se aqui, também, a relação entre a percepção pelos sentidos, o ouvir, e a aquisição de conhecimento, do *saber*.

PERÍCOPE 5:12-18

5:12 Πρὸ πάντων δέ, ἀδελφοί μου, μὴ ὀμνύετε μήτε τὸν οὐρανὸν μήτε τὴν γῆν μήτε ἄλλον τινὰ ὄρκον· ἦτω δὲ ὑμῶν τὸ Ναὶ ναὶ καὶ τὸ Οὐ οὐ, ἵνα μὴ ὑπὸ κρίσιν πέσητε.

5:12 Antes de todas as coisas meus irmãos, não jureis/entreis no ato de jurar, continuais jurando nem pelo/em direção ao céu nem pela/em direção a terra, nem algum outro juramento. Mas, diga para ele, dentre vós, seja o Sim, sim e o Não não, para que não caiais sob julgamento.

5:13 Κακοπαθεὶ τις ἐν ὑμῖν, προσευχέσθω· εὐθυμεῖ τις, ψαλλέτω·

5:13 Alguém está sofrendo em vós? : diga a ele que comece a orar. Alguém está alegre/está bem disposto? : salmodie ele/diga a ele que comece a dizer salmos.

5:14 ἀσθενεῖ τις ἐν ὑμῖν, προσκαλεσάσθω τοὺς πρεσβυτέρους τῆς ἐκκλησίας καὶ Προσευξάσθωσαν ἐπ' αὐτὸν ἀλείψαντες [αὐτὸν] ἐλαίῳ ἐν τῷ ὀνόματι τοῦ κυρίου.

5:14 Se alguém no meio de vós está doente, que ele chame [em seu interesse] os presbíteros da igreja e que tendo ungido o doente com óleo que eles orem em nome do senhor,

καὶ ἡ εὐχὴ τῆς πίστεως σώσει τὸν κάμνοντα καὶ ἐγερεῖ αὐτὸν ὁ κύριος· κὰν ἁμαρτίας ἢ πεπονηκώς, ἀφεθήσεται αὐτῷ.

5:15 E a oração do crente/do que se posiciona salvará o que está acamado/doente e o senhor o levantará e caso ele acabe de fazer/no estado de pecado será perdoado/deixado ir, para ele/em seu benefício.

5:16 ἐξομολογεῖσθε οὖν ἀλλήλοις τὰς ἁμαρτίας καὶ Εὐχεσθε ὑπὲρ ἀλλήλων ὅπως ἰαθῆτε. πολὺ Ἰσχύει δέησις δικαίου ἐνεργουμένη.

5:16 Portanto, confessai/continuai confessando/começai a confessar os pecados uns aos outros e orai/continuai orando/começai a orar uns sobre os outros, de modo que sejais curados. Muito tem/continua tendo força/é potente um pedido do justo, ao mesmo tempo que (é) produtor / agente/enquanto age.

5:17 Ἠλίας ἄνθρωπος ἦν ὁμοιοπαθῆς ἡμῖν, καὶ προσευχῆ προσηύξατο τοῦ μὴ βρέξαι, καὶ οὐκ ἔβρεξεν ἐπὶ τῆς γῆς ἐνιαυτοὺς τρεῖς καὶ μῆνας ἕξ·

5:17 Elias era um homem de mesmo sentimento que nós e com oração dirigiu uma prece de não chover e não choveu sobre a terra, durante três anos e meio

5:18 καὶ Πάλιν προσηύξατο, καὶ Ὁ οὐρανὸς ὑετὸν ἔδωκεν καὶ ἡ γῆ βλάστησεν τὸν καρπὸν αὐτῆς.

5:18 E de novo ele fez uma prece e o céu deu uma chuva forte e a terra germinou/floresceu o fruto dela.

A referência, que ao mesmo tempo é o tratamento feito pelo orador ao destinatário e inicia essa perícopa, repete a expressão ἀδελφοί μου “meus irmãos”. A expressão marca textualmente a presença do enunciador, por meio do pronome possessivo da primeira pessoa do singular μου “de mim/ meus”.

Pela modalização afetiva, trazida pela figurativização do grupo como irmãos, bem como pela inclusão do sujeito enunciador por meio da figura do pronome pessoal

da primeira pessoa do plural, é de se supor que a perícopé irá tratar de temas que dizem respeito a todos os membros do grupo/auditório. A suposição é confirmada, pois o subtema da relação dos membros do grupo entre si é que está figurativizada exhaustivamente na perícopé e as referências aos destinatários utilizam marcas figurativas: da segunda pessoa do plural referenciando o grupo/auditório como um todo; pronomes que identificam membros do grupo em particular; e também de substantivos, adjetivos e predicções que se aplicam tanto ao grupo como um todo, como a um membro individual.

O quadro a seguir, lista as ocorrências de tratamento/referências aos destinatários, na perícopé 5:12-17, que estamos analisando neste momento.

Versículo	Ocorrência	Tradução	Tipo
5:12	Μὴ ὀμνύετε	não jureis (entreis no ato de jurar, não continueis jurando) (vós)	Desinência verbal 2ª p. pl.
5:12	ἦτω	seja (ele) (continue a ser, comece a ser)	Desinência verbal 3ª p. s.
5:12	Ἀδελφοὶ μου	Meus irmãos	Grupo nominal
5:12	Ἐν ὑμῶν	Dentre vós	Pronome 2ª pes. Pl.
5:13	Κακοπαθεῖ	Está sofrendo (ele)	Desinência verbal 3ª p. s.
5:13	Προσευχέσθω	ore ele (diga a ele que comece a orar).	Desinência verbal 3ª p. s.
5:13	Ἐυθυμεῖ	está alegre (está bem disposto) (ele)	Desinência verbal 3ª p. s.
5:13	ψάλλετω	Salmodie (ele) (diga a ele que comece a dizer salmos).	Desinência verbal 3ª p. s.
5:13	τις	Alguém (ele)	Pronome indefinido 3ª p. s.
5:13	τις	Alguém (ele)	Pronome indefinido 3ª p. s.
5:13	Ἐν ὑμῖν	Em vós	Pronome pessoal 2ª p. pl.
5:14	Ἄσθενεῖ	Está doente (ele)	Desinência verbal 3ª p. s.
5:14	Προσκαλεσάθω	que ele chame (em seu interesse)	Desinência verbal 3ª p. s.
5:14	προσευχασθωσιν	orem eles (diga a eles que comece a orar).	Desinência verbal 3ª p. s.
5:14	Τοὺς πρεσβύτερος	Os presbíteros	Grupo nominal 3ª p. pl.
5:14	ἀλειψαντες	tendo ungido	Grupo nominal 3ª p. s.
5:14	τις	Alguém (ele)	Pronome indefinido 3ª p. s.
5:14	Ἐπ' αὐτὸν	Sobre ele	Pronome pessoal 3ª p. s.
5:15	τῆς πίστεως	do crente (fiel) (do que se coloca)	Grupo nominal
5:15	τὸν κάμνοντα	o que está acamado (doente, enfermo) (ele)	Grupo nominal

5:15	ἡ πεποιηκώς	numa situação de ter (acabado de fazer/no estado de)	Grupo nominal
5:15	αὐτὸν	a ele	Pronome pessoal 3 ^a p. s.
5:15	αὐτῷ	Para ele, (em seu benefício) (ele)	Pronome pessoal 3 ^a p. s.
5:16	ἀλλήλοις	uns aos (para os) outros	Relação grupal
5:16	ὑπὲρ ἀλλήλων	uns sobre os outros	Relação grupal
5:16	ἔξομολογεῖσθε	Confessai (continuai confessando, começai a confessar)	Desinência verbal 2 ^a p. pl.
5:16	εὐχεσθε	orai (continuai orando, começai a orar)	Desinência verbal 2 ^a p. pl.
5:16	ἰαθῆτε	Sejais curados (vós)	Desinência verbal 2 ^a p. pl.
5:16	δικαίου	Do justo (dele)	Grupo nominal
5:17	ἄνθρωπος	Ser humano	Grupo nominal
5:17	ἡμῖν	nós	Pronome pessoal 1 ^a p. pl.
5:18		Não tem referência	

Figura 28 - Discursivização do destinatário na perícopa 5:12-17.

Confirmamos, com a leitura do quadro, a suposição que havíamos feito. O que constatamos, ao refletir sobre o quadro acima, nessa perícopa, é que o orador se dirige ao auditório como um todo e não a um sub-grupo, como havia feito em 4:13 "Ἀγε νῦν οἱ λέγοντες "Agora, vamos! Os que estão dizendo/os falantes" e 5:1 "Ἀγε νῦν οἱ πλούσιοι "Vamos agora! os ricos".

Na perícopa 5:12-17, o que se constata com o uso das marcas textuais que fazem referência ao destinatário é que os temas dizem respeito ao relacionamento dos membros do grupo entre si. Destaca-se o uso abundante de pronomes e desinências verbais que marcam o auditório como um "ele", individualizando o destinatário. Algumas observações podem ser úteis, neste momento, pois nos auxiliarão em nossa leitura/análise:

01. Um destaque vai para a referência figurativizada por um *ele* marcado na terceira pessoa do modo imperativo. Essa referência merece destaque porque entendemos que ela nos revela dois efeitos de sentido, e mesmo uma informação importante, ou no mínimo, interessante.

Versículo	Ocorrência	Tradução	Tipo
5:13	Προσευχέσθω	Ore (ele)	Desinência verbal 3 ^a p. s.
5:13	ψάλλετω	Salmodie (ele)	Desinência verbal 3 ^a p. s.
5:14	Προσκαλεσάθω	que ele chame (em seu interesse) (ele)	Desinência verbal 3 ^a p. s.
5:14	προσευχασθωσον	que eles orem (eles)	Desinência verbal 3 ^a p. s.
5:12	ἦτω	seja (ele) (continue a ser, comece a ser)	Desinência verbal 3 ^a p. s.

Figura 29 - referência ao destinatário figurativizada por um “ele” marcado na terceira pessoa do modo imperativo.

02. O uso, em 5:16, para referenciação dos destinatários por meio dos pronomes de reciprocidade ἀλλήλοις “uns aos/para os outros” e ἀλλήλων “uns dos outros”, para referenciação dos destinatários, também merece ser destacado. Em toda a Epístola, o mesmo modo de discursivizar o destinatário é usado apenas mais uma vez no vers. 4:11: ἀλλήλων. E, como já destacamos naquela ocasião, esse tipo de referenciação é indicador preciso de um sub-tema da Epístola, qual seja, a relação dos membros do grupo entre si. Enquanto lá, no vers. 4:11, o orador indicava um percurso narrativo em que o grupo se desagregava, ao se jungir com um valor disfórico, aqui no vers. 5:16, o grupo se consolida por meio de um valor eufórico. A referência em questão contribui com eficácia para a (des)construção da identidade do destinatário coletivo.

03. Além das terceiras pessoas, do modo imperativo, já mencionadas, as referências, que individualizam um membro do grupo, também são quantitativamente maiores nessa perícopie. Elas são marcas de que o orador está identificando ações individuais possíveis de serem tomadas, por qualquer um dos membros do grupo. Essas referências, as quais individualizam os membros do grupo, são os pronomes indefinidos e os pronomes pessoais oblíquos conforme quadro abaixo:

Versículo	Ocorrência	Tradução	Tipo
5:13	τις	Alguém (ele)	Pronome indefinido 3 ^a p. s.
5:13	τις	Alguém (ele)	Pronome indefinido 3 ^a p. s.
5:14	τις	Alguém (ele)	Pronome indefinido 3 ^a p. s.
5:15	αὐτόν	À ele	Pronome pessoal 3 ^a p. s.

5:15	αὐτῷ	Para ele, (em seu benefício) (ele)	Pronome pessoal 3 ^a p. s.
5:14	Ἐπι αὐτῶν	Sobre ele	Pronome pessoal 3 ^a p. s.

Figura 30 - de Pronomes indefinidos e os pronomes pessoais oblíquos em 5:13-14

E, são dignas de nota, as referências individualizam os membros do grupo por meio de desinências pessoais da 3^a pessoa do singular em outros modos que não o imperativo:

5:13	Κακοπαθεῖ	Está sofrendo (ele)	Desinência verbal 3 ^a p. s.
5:13	Ἐυθυμεῖ	está alegre (está bem disposto) (ele)	Desinência verbal 3 ^a p. s.
5:14	Ἄσθενεῖ	Está doente (ele)	Desinência verbal 3 ^a p. s.

Figura 31 - Desinências pessoais da 3^a pessoa do singular em 5:13-14

04. Finalmente, na perícopa 5:12-18, aparece um grupo de referências aos destinatários que também individualiza os membros do grupo. É o caso dos grupos nominais que atribuem qualidades ao destinatário individual, conforme a seguir:

5:15	τῆς πίστεως	do crente (fiel) (do que se coloca) (ele)	Grupo nominal
5:15	τὸν κάμνοντα	o que está acamado (doente, enfermo) (ele)	Grupo nominal
5:15	ἢ πεποιηκώς	numa situação de ter (acabado de fazer /no estado de) (ele)	Grupo nominal
5:16	δικαίου	Do justo (dele)	Grupo nominal
5:17	ἄνθρωπος	Ser humano (ele)	Grupo nominal
5:14	Τους πρεσβύτερος	Os presbíteros	Grupo nominal 3 ^a p. pl.
5:14	ἀλειψαντες	tendo ungido (eles/os presbíteros)	Grupo nominal 3 ^a p. pl

Figura 32 – Referências ao destinatário que individualizam o membro do grupo na perícopa 5:12-16

A utilização dos grupos nominais coloca com precisão a condição identidade do indivíduo ao qual o orador se refere e, imediatamente, faz lembrar sub-temas do discurso tais como a **hierarquia e funções**, dentro do grupo, na figura dos “presbíteros” Τους πρεσβύτερος; a **crença**, na figura da “fé” τῆς πίστεως; o **estado** de ser que leva à justiça, na figura do “justo” δικαίου; os **ritos**, na figura “daqueles que estão ungindo” o doente ἀλειψαντες; e a referência mais abarcante que coloca todos os membros do grupo na condição de “ser humano” ἄνθρωπος. Esta última referência amplia o subtema para um auditório ainda maior, o auditório universal dos seres humanos.

05. **Os efeitos de sentido** criados especificamente pelos grupos nominais lexicalizados por meio dos participios serão analisados em conjunto com as demais utilizações deste mesmo tipo de termo.

PERÍCOPE 5:19-20

5:19 Ἀδελφοί μου, ἐάν τις ἐν ὑμῖν πλανηθῆ ἀπὸ τῆς ἀληθείας καὶ ἐπιστρέψῃ τις αὐτόν,

5:19 Meus irmãos se alguém em vós vaguear/se desviar da verdade e se alguém se voltar em sua direção.

O destaque desta perícopa, e que fecha a Epístola usando o tratamento Ἀδελφοί μου, é o seu uso associado à raiz verbal **πλαν-** que consideramos chave na identificação da tríade temática: sair, voltar, permanecer no caminho.

DESTAQUES PARA A DISCURSIVIZAÇÃO DO DESTINATÁRIO

Já listamos as variantes de tratamento ao destinatário, bem como a sua ordem de aparecimento no texto, e assinalamos alguns efeitos de sentidos por elas criados. As ações, os estados e as qualificações do destinatário contribuem na (des)construção da identidade do grupo e dos subgrupos. A discursivização do destinatário contribui também para a leitura dos temas. O que é digno de nota é a constatação da diversidade

de marcas textuais que discursivizam o destinatário e o fato incontestado é que a linguagem da Epístola é centrada no auditório.

A Epístola de Tiago é, do começo ao fim, centrada no destinatário, um dos pontos da rede de comunicação, conforme o ensinamento de Jakobson. Cada função da linguagem, segundo Jakobson, é centrada nos pontos da rede de comunicação conforme a seguir:

na informação propriamente dita - (função referencial ou utilitária);
no destinatário, como num pedido formulado em bilhete entre amigos, em que o destinatário está inscrito no texto devido ao uso de pronomes da segunda pessoa do discurso (tu, vós); modo imperativo do verbo; vocativo (função conativa ou apelativa);
no canal de comunicação - (função fática);
na mensagem - (função poética);
no código - (função metalingüística);
no remetente - (função emotiva).¹⁶⁷

Assim, é por meio da função apelativa que o enunciado englobante da Epístola, (des)constrói também, nas narrativas, o sujeito do fazer e/ou estado. Este sujeito é inicialmente marcado discursivamente como as doze tribos na dispersão. Porém as marcas discursivas que aparecem nas pequenas narrativas da Epístola apontam para uma subdivisão actorial, já que os actantes sujeitos dos percursos são referenciados tanto como um sujeito coletivo como um sujeito individual. Se focalizarmos a enunciação do ponto de vista interativo, observamos que o orador se dirige apelativamente a vários auditórios, que são tanto coletivos como individuais.

O processo de referenciação/discursivização do auditório se mostra complexo, já que as referências aos destinatários são feitas com uma diversidade de marcas que impressiona o leitor/analista. Esta é uma característica da Epístola de Tiago e fornece pistas valiosas para sua leitura/análise. O modo de tratar/referenciar/discursivizar o

¹⁶⁷ DISCINI, Norma. *Comunicação nos textos: leitura, produção, exercícios*. São Paulo: Editora Contexto, 2005, p. 15.

destinatário exerce várias funções: na argumentação, na (des)construção de identidades, na temática, bem como na coesão e coerência.

Algumas reflexões sobre o modo de discursivizar o destinatário, escolhendo algumas marcas textuais que já foram apontadas no parágrafo anterior, poderão ser pistas valiosas para a leitura/análise da epístola de Tiago. entre elas destacamos:

a) A expressão ταῖς δώδεκα φυλαῖς ταῖς ἐν τῇ διασπόρᾳ “as doze tribos aquelas na diáspora” que, mesmo sendo a referência MATRIZ¹⁶⁸, não é repetida. A repetição integral da matriz provocaria paradoxalmente uma mudança de auditório, e funcionaria como se o orador estivesse falando sobre um terceiro.

b) **O uso do tratamento com as figuras ἀδελφοί, ἀδελφὸς é ἀδελφή.** Ele é significativo pelo grande número de ocorrências e por ser um marcador textual/discursivo de tópicos. O tratamento está sempre caminhando junto com exortações/recomendações, as quais utilizam o modo imperativo. Pela repetição, a marca é instrumento para construção da coesão discursiva e, pela conotação afetiva, contribui na construção da argumentação. Essa maneira de discursivizar o destinatário também contribui para criar a isotopia figurativa que remete ao subtema da família. Ele vem sempre acompanhado do possessivo μου “de mim, meus”, reforçando a interação e proximidade do orador com o auditório, e inserindo o orador no grupo. O tratamento legitima o orador como capaz para intervir em uma situação polêmica, uma vez que, com a figura, ele reafirma sua inclusão no grupo. Esta inclusão é do ponto de vista de um aconselhamento ou da opinião numa tomada de posição, conforme o TA, indispensável para aceitação pelo auditório da participação de quem aconselha ou opina, conforme abaixo:

¹⁶⁸ “A primeira entrada do segmento discursivo que serve de paradigma é designada como *matriz* (M)”. Cf. MARCUSCHI, p. 222.

Com efeito, como esses debates devem redundar numa decisão, como devem determinar uma **ação**, ser um espectador desinteressado não confere, longe disso, o direito de participar da discussão e de influir no sentido de seu desfecho. Contrariamente ao que se passa em ciência, onde basta, para resolver um problema, conhecer as técnicas que permitem consegui-lo, é mister, para intervir numa controvérsia cujo desfecho afetará determinado grupo *fazer parte desse grupo ou ser-lhe solidário*¹⁶⁹ (*grifos nossos*).

c) **As terceiras pessoas.** Destaque-se que com a discursivização do destinatário, por meio de terceiras pessoas, o enunciador estabelece novas relações, por exemplo: Entre o grupo particular e o grupo universal dos seres humanos. Dentro do grupo particular, a identificação de subgrupos como ricos/pobres; os que escutam/não agem; os que escutam/agem.

d) **O uso do “nós”.** Na Epístola, como já vimos, aparece a marca do pronome pessoal da primeira pessoa do plural “nós” ἡμεῖς. A leitura/análise da discursivização e da interação entre o destinador e seu auditório, quando é empregada a primeira pessoa do plural, contribui para a temática e, ao mesmo tempo, para a (des)construção da identidade de diferentes sujeitos. A marca do plural “nós” ἡμεῖς integra diferentes actantes sujeitos do PN do enunciado englobante numa só condição. Uma condição/estado na qual aparecem figuras comuns ao percurso narrativo dos dois sujeitos da interação: orador e auditório. O sujeito coletivo “nós” é marcado seja pelo uso de um item lexical. o pronome, seja pelo uso de um morfema, o sufixo verbal acoplado ao tema do verbo. O quadro abaixo é a listagem de todas as ocorrências. As possibilidades de leitura/análise dos usos das marcas do sujeito coletivo nos pronomes e sufixos verbais da primeira pessoa do plural são extraordinariamente ricas. Entre outras: as variações de uso dos sufixos levando em conta o aspecto, o tempo e a voz; os temas propostos e vinculados aos usos; a contribuição para (des)construção da identidade dos sub-grupos a ele relacionados.

e) **A discursivização do destinatário pela segunda pessoa do plural “vós”.** Já apontamos alguns efeitos de sentido criados pelo uso do “vós” no capítulo

¹⁶⁹ TA, p. 67.

dedicado à argumentação. No entanto, outros efeitos desse uso podem ser também levantados se levarmos em conta também que, mesmo discursivamente, no contexto, e não somente do ponto de vista interativo, o destinatário referenciado como “vós” é o centro do discurso. Essa condição pode ser revelada se aplicarmos uma leitura/análise em que tomarmos o “vós” como centro – espacial mesmo – e as relações, estáticas e dinâmicas com esse “vós”, estabelecidas. Essa, porém, é uma pista para uma possível leitura/análise da epístola, que não aprofundamos nesta tese.

PERÍCOPE 2:1-6

Por considerarmos esta perícope um momento que funciona como pista e mesmo como um marco discursivo que serve como ponto de apoio valioso para leitura/análise, faremos a seguir alguns breves comentários sobre a discursivização do destinatário neste trecho do discurso de Tiago.

Particularmente nos interessa ressaltar a diversidade de tratamentos que o orador utiliza para referenciar seu auditório o que, como veremos, está em função do vínculo que é estabelecido entre a ação individual de um membro do grupo como sinal dos valores aceitos pelo grupo das doze tribos na dispersão, como um todo.

É lícito considerar que a ligação entre a pessoa e seus atos, com todas as argumentações que pode suscitar, é o protótipo de uma série de vínculos que ensejam as mesmas interações e se prestam às mesmas argumentações. O mais corriqueiro, talvez, destes é a relação estabelecida entre um grupo e seus membros sendo estes a manifestação do grupo, assim como o ato é a expressão da pessoa.¹⁷⁰

O ensinamento acima nos permite considerar que, na cena da sinagoga, vers. 2:14, os membros do grupo - o homem que já estava lá dentro, o rico que entra, e o pobre que entra - são manifestações/expressões do grupo. No texto, o enunciado

¹⁷⁰ TA, p. 366.

englobante coloca a questão dentro do próprio grupo e não relacionada a um só indivíduo.

O orador não se preocupa estrategicamente, em um primeiro momento, em individualizar o sujeito que, na sinagoga, recebe o rico e o pobre. Toda a perícopa é construída utilizando-se a segunda pessoa do plural, remetendo e situando a questão dentro do próprio grupo. Assim, é possível estabelecer uma ligação entre os membros como manifestações/ expressões do grupo, da mesma maneira que se estabelece uma relação entre o ato/pessoa: o ato está para pessoa assim como os membros estão para o grupo. Refinando um pouco mais a analogia, chegaremos ao momento da designação dos lugares que mostram a discriminação existente dentro do próprio grupo, primeiramente pela divisão ricos/pobres, em segundo lugar pela designação de lugares (alto/baixo), diferentes para cada um deles.

2:1 Ἀδελφοί μου, μὴ ἐν προσωπολημψίαις ἔχετε τὴν πίστιν τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ τῆς δόξης.

2:1 Meus irmãos não tenhais/continuais a ter em parcialidade/distinção de pessoas, a fé do nosso senhor Jesus Cristo, da Glória.

2:2 εἰς τὴν λαμπρὰν εἰσελθὼν εἰς τὴν συναγωγὴν ἡμῶν ἄνθρωπος χρυσοδακτύλιος ἐν ἐσθήτῃ λαμπρᾷ, εἰσελθὼν δὲ καὶ πτωχὸς ἐν ῥυπαρᾷ ἐσθήτῃ,

2:2 Se, pois, entrar dentro da sinagoga de vocês um homem masculino que tem um anel de ouro com veste brilhante, mas, também, se entrar um pobre com veste comum.

2:3 ἐπιβλέψατε δὲ ἐπὶ τὸν φοροῦντα τὴν ἐσθήτα τὴν λαμπρὰν καὶ εἴπητε, Σὺ κάθου ὧδε καλῶς, καὶ τῷ πτωχῷ εἴπητε, Σὺ στῆθι ἐκεῖ ἢ κάθου ὑπὸ τὸ ὑποπόδιόν μου,

2:3 Se vós lançardes o olhar sobre o que traz a veste brilhante e disserdes : senta tu/inicia o ato de sentar aqui/deste modo bem e se ao pobre disserdes: coloca-te de pé ali ou senta/inicia o ato de sentar abaixo do lugar de colocar o meu pé/meu escabelo.

2:4 οὐ διεκρίθητε ἐν ἑαυτοῖς καὶ ἐγένεσθε κριταὶ διαλογισμῶν πονηρῶν;

2:4 Não fizestes discriminações/juízos atravessados entre vós mesmos e não vos tornastes juízes raciocinando/calculando maldosamente?

2:5 Ἀκούσατε, ἀδελφοί μου ἀγαπητοί· οὐχ ὁ θεὸς ἐξελέξατο τοὺς πτωχοὺς τῷ κόσμῳ πλουσίους ἐν πίστει καὶ κληρονόμους τῆς βασιλείας ἢς ἐπηγγείλατο τοῖς ἀγαπῶσιν αὐτόν;

2:5 Escutai, meus irmãos amados: o deus não escolheu os pobres no mundo, ricos em fé e herdeiros do reino, o qual prometeu aos que o estão amando?

2:6 ὑμεῖς δὲ ἠτιμάσατε τὸν πτωχόν οὐχ οἱ πλούσιοι καταδυναστεύουσιν ὑμῶν καὶ αὐτοὶ ἔλκουσιν ὑμᾶς εἰς κριτήρια;
2:6 Vós desonrastes o pobre. Não (são) os ricos (que) estão oprimindo/tiranizando no meio de vós e também (não são) eles que estão arrastando vocês para dentro dos tribunais?

Como já havíamos assinalado para o enunciado englobante, a discursivização do destinatário também aqui no enunciado encaixado é variada e ao mesmo tempo complexa. A “confusão” e diversidade do modo de dizer remetem com precisão ao fato de que a ação de um membro representa a ação do grupo como um todo. A sabedoria ou o valor de um membro do grupo é do grupo como um todo. O modo de dizer que cria o efeito da representação do grupo por um só indivíduo e vice-versa se dá pela alternância e introdução das estratégias argumentativas, como o uso do:

VÓS - Não há dúvida de que a quase totalidade das marcas que discursivizam o destinatário da Epístola, também aqui na perícopa 2:1-5, são aquelas que apontam para o grupo como um todo: Ἀδελφοί μου “meus irmãos”; ἔχετε “começai vós a ter, continuai vós a ter”; συναγωγὴν ὑμῶν “sinagoga de vós”; ἐπιβλέψητε “se vós olhardes;” εἴπητε “se vós disserdes”; εἴπητε, “se vós disserdes”; διεκρίθητε “vós fizestes julgamentos atravessados, vós discriminastes”; ἐν ἑαυτοῖς “em vós mesmos”; ἐγένεσθε κριταὶ “vós vos tornastes juizes”; Ἀκούσατε “Começai a escutar vós, continuai a escutar vós; ἀγαπητοί “amados”; ὑμεῖς ἠτιμάσατε “vós menosprezastes”.

TU - A construção da fala entre os membros do grupo no momento da entrada do rico e do pobre, utilizando-se da segunda pessoa do singular para designar o interlocutário: Σὺ κάθου ὧδε καλῶ “tu senta aqui, boamente, de maneira boa, no lugar que te é próprio” e Σὺ στῆθι ἐκεῖ ἢ κάθου. “tu fica de pé ali, ou senta”.

EU - Finalmente, não podendo sustentar a visão de que todo o grupo fala ao mesmo tempo, o orador deixa uma marca que assinala a relação interlocutor/interlocutário no discurso dentro da sinagoga. Trata-se do pronome possessivo da primeira pessoa do singular μου “meu”. O orador não diz: senta abaixo do lugar de colocar os nossos pés, mas diz começa tu a sentar abaixo do lugar de colocar o

meu pé” ἢ κάθου ὑπὸ τὸ ὑποπόδιόν μου. Essa marca vem bem ao encontro do ensinamento do TA citado acima: “O mais corriqueiro, talvez, destes é a relação estabelecida entre um grupo e seus membros sendo estes a manifestação do grupo, assim como o ato é a expressão da pessoa”.

NÓS - A que introduz o orador da Epístola no grupo das doze tribos na dispersão com a marca “de nós,nossa” ἡμῶν. Para que o destinatário e o orador formem uma só unidade, o ponto de apoio é o vers. 2:1 “a fé do nosso senhor Jesus Cristo, da Glória.”, modalizada pela paixão da discriminação de pessoas: προσωπολημψίαις “parcialidade/distinção de pessoas”.

NÓS - A complexidade da construção textual do enunciado englobante, ainda aqui, pode ser constatada também pela diversidade de discursivização do ponto de apoio que permite considerar o orador e o destinatário da Epístola como todos pertencentes ao mesmo grupo: as doze tribos na dispersão. Trata-se de duas marcas discursivas diferentes que remetem ao mesmo ator. São elas, no vers. 2:1: τὴν πίστιν τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ τῆς δόξης. “ a fé do Nosso Senhor da Glória , Jesus Cristo.”; e, no vers. 2:5: οὐχ ὁ θεὸς ἐξελέξατο τοὺς πτωχοὺς τῷ κόσμῳ πλουσίους ἐν πίστει “O Deus não escolheu os pobres no (em+o) mundo, ricos em fé”. O nome do ponto de apoio que faz o elo de ligação para integrar o orador e o destinatário num só grupo é designado por τοῦ κυρίου “o senhor” Ἰησοῦ Χριστοῦ τῆς δόξης “Jesus Cristo da glória/opinião” e ὁ θεὸς “o Deus”.

CAPÍTULO 12

LEITURA/ANÁLISE DA PERÍCOPE 1:21-27

1:21 διὸ ἀποθέμενοι πᾶσαν ῥυπαρίαν καὶ περισσεΐαν κακίας ἐν πραύτητι, δέξασθε τὸν ἔμφυτον λόγον τὸν δυνάμενον σῶσαι τὰς ψυχὰς ὑμῶν.

1:21 Porque despojados de toda avareza/vileza sórdida e susupérfluo de maldade, com inteligência, recebei/começai a receber/continuai a receber a palavra enxertada/palavra inata, a que está tendo poder de restaurar/salvar as vossas mentes/almas.

1:22 Γίνεσθε δὲ ποιηταὶ λόγου καὶ μὴ μόνον ἀκροαταὶ παραλογιζόμενοι ἑαυτοῦς.

1:22 Tornai-vos começai/continuai a vos tornar fazedores/criadores da palavra e não enganadores de si mesmos, (como) ouvintes somente.

1:23 ὅτι εἴ τις ἀκροατῆς λόγου ἐστὶν καὶ Οὐ ποιητῆς, οὗτος ἔοικεν ἀνδρὶ Κατανοοῦντι τὸ πρόσωπον τῆς γενέσεως αὐτοῦ ἐν ἐσόπτρῳ·

1:23 Porque, se alguém é ouvinte da palavra, e não fazedor/realizador, esse parece um homem que está observando/refletindo a aparência de nascimento/nascença dele, em um espelho.

1:24 κατενόησεν γὰρ ἑαυτὸν καὶ ἀπελήλυθεν καὶ εὐθέως ἐπελάθετο ὁποῖος ἦν.

1:24 pois ele observou/refletiu a si mesmo e foi embora/desapareceu, e rapidamente esqueceu-se como era.

1:25 ὁ δὲ παρακύψας εἰς νόμον τέλειον τὸν τῆς ἐλευθερίας καὶ παραμείνας, οὐκ ἀκροατῆς ἐπιλησμονῆς γενόμενος ἀλλὰ ποιητῆς ἔργου, οὗτος μακάριος ἐν τῇ ποιήσει αὐτοῦ ἔσται.

1:25 Mas o que tendo olhado com atenção para dentro da lei perfeita/ que tem meta, aquela da liberdade e, ao mesmo tempo, está perseverando, não tendo se tornado ouvinte esquecido mas realizador do trabalho, esse será bem aventurado/feliz em sua ação criação.

1:26 Εἴ τις δοκεῖ θρησκὸς εἶναι μὴ χαλιναγωγῶν γλώσσαν αὐτοῦ ἰ ἀπατῶν καρδίαν αὐτοῦ, τούτου μάταιος ἡ θρησκεία.

1:26 Se alguém está parecendo ser um religioso/fazedor religioso e, ao mesmo tempo, não estando refreando a sua língua, mas enganando/continuando a enganar o seu oração, a religião dele é vã/sem valor.

1:27 θρησκεία καθαρὰ καὶ ἀμίαντος παρὰ τῷ θεῷ καὶ πατρὶ αὕτη ἐστίν, ἐπισκέπτεσθαι ὀρφανούς καὶ χήρας ἐν τῇ θλίψει αὐτῶν, ἄσπιλον ἑαυτὸν τηρεῖν ἀπὸ τοῦ κόσμου.

1:27 Um fazer religioso/religião pura e sem defeito/sem mancha junto de Deus e pai é esta: visitar/estar olhando órfãos e viúvas, nas suas necessidades e conservando-se/preservando-se a si mesmo sem mancha do mundo.

No vers. 1:22, o orador inicia o discurso com a evocação de uma narrativa que remete a uma mudança/transformação: Γίνεσθε δὲ “Tornai-vos começai/continuai a vos tornar”. O orador usa um imperativo - recomendação/exortação - no aspecto verbal do Infectum, com idéia incoativa ou de algo em progresso. A marcação do tempo trazida pelo imperativo pressupõe um tempo *agora*, do auditório. O auditório vive o momento. A partir desse momento *agora* lhe é recomendado que comece a agir/fazer. Há, nos vers. 1:23-25, a evocação de todo um PN composto por: um sujeito da sugestão - vers. 1:21, e um Sujeito num primeiro momento coletivo, num tempo *agora*, que está sendo persuadido a *fazer*. Esse sujeito, se aceitar a sugestão, se transformará, no vers. 1:25, e ao final, adquire um outro estado (num outro tempo): S > S1 -----S2. Aparecerá, pois, um sujeito transformado que pode ser considerado como *eu*, pois tem uma identidade.

A identidade dos dois sujeitos, o sujeito do *fazer* e o sujeito transformado é (des)construída por meio de várias figuras, conforme tabela abaixo:

vers.	Destinatário figurado como	Tradução
1:22	ποιηται	Fazedores
1:22	ἀκροαται	Ouvintes
1:22	παραλογιζόμενοι	Enganadores
1:23	ἀκροατῆς	Ouvinte
1:23	ποιητῆς	Fazedor
1:24	ἀνδρὶ	Homem masculino
1:24	ἦν	Era
1:25	ὁ δὲ παρακύψας	O perseverante
1:25	παραμείνας,	O que permanece
1:25	οὐκ ἀκροατῆς	Não escutador
1:25	ἐπιλησμονῆς	esquecido

1:25	ποιητής	Fazedor
1:25	μακάριος	Bem aventurado
1:26	Εἷ τις	Alguém
1:26	θρησκὸς	Religioso/fazedor religioso
1:26	μὴ χαλιναγωγῶν	O que não esta freiando
1:26	ἄπατων	O que está enganando

Figura 33 – Quadro de utilização de figuras para (des) construção da identidade do destinatário da Epístola na perícopes 1:21-27

As significações são trazidas do sistema e usos da língua e elas podem ser consideradas como exteriores ao discurso atual. Quando são evocadas na perícopes 1:21-25, remetem: ao campo analógico da idéia de discurso/ato da fala; da compreensão/não compreensão - campo analógico da cognição; do escutar - campo analógico da percepção e da cognição; da função do discurso como instrumento de mudança pessoal e social e como instrumento de persuasão.

As figuras, criadas com os signos trazidos do sistema e dos usos da língua passam a fazer parte, dentro do discurso/enunciado, de um percurso figurativo próprio da Epístola. Esse percurso figurativo cria o próprio enunciado ao realizar uma operação figural¹⁷¹ em que as figuras são dessemantizadas de seu valor inicial. No discurso, elas passam a adquirir uma significação própria e essa significação está em função da criação de um efeito de sentido, e construção de uma isotopia figurativa, temática, e argumentativa.

Assim, a figura do espelho, por exemplo, tem um valor próprio. A figura do espelho é representação/referenciação de outro discurso, o discurso da lei, no AT¹⁷². Aqui, no vers. 1:24, κατενόησεν “observou/refletiu” tem o significado do que viu o discurso/lei, como uma revelação. A revelação como tomada de consciência e

¹⁷¹ L’opération figurale en quoi consiste l’nonciation fait passer de la vraisemblance d’un monde représenté (empirique ou virtuel) à l’établissement d’une forme figurative du contenu (Cf. PANIER, *Les marques d’nonciation dans l’épître aux Galates*, p. 11). “A operação figural na qual está presente a enunciação faz passar da verossimilhança de um mundo representado (empírico ou virtual) ao estabelecimento de uma forma figurativa do conteúdo” (tradução nossa).

¹⁷² O discurso da lei, no entanto, mesmo comparado a um espelho, não tem o significado que já foi atribuído aos discursos como “espelhos” da realidade como, por exemplo, na semântica formal, referenciando especularmente pela palavra um objeto exterior do mundo.

compreensão de uma condição do homem pela percepção. No discurso de Tiago, o espelho está fazendo parte de uma configuração discursiva que mantém o mesmo discurso do AT, o qual ensina que o ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus. Essa visão, do homem como criado à imagem de Deus, confirma o discurso do AT e está marcada no vers. 3:9, de Tiago:

3:9 ἐν αὐτῇ εὐλογοῦμεν τὸν κύριον καὶ Πατέρα καὶ Ἐν αὐτῇ καταρώμεθα τοὺς ἀνθρώπους τοὺς καθ' ὁμοίωσιν θεοῦ γεγονότας

3:9 Com ela bendizemos/elogiamos o senhor e pai e com ela amaldiçoamos/lançamos pragas em direção aos seres humanos, os nascidos de acordo com a semelhança de Deus.

Cabe destacar que, na modalização aspectual/temporal dos vers. 1:24 e 3:9, a comparação com a figura do homem que se olha no espelho e a referência ao ser humano como semelhança com Deus é um dos poucos usos, na Epístola¹⁷³, do tempo/aspecto figurativizado como acabado.

O aspecto Perfectum/acabado é usado no Vers 1:24 ἔοικεν “parece” bem como no Vers 3:9 γεγονότας “os nascidos “. Os usos do mesmo modo de dizer, aspecto verbal Perfectum/acabado, nos levam a levantar a hipótese de que o orador cria um tema, com o auxílio da recorrência do fato gramatical. O aspecto verbal é uma pista para que sigamos um percurso figurativo, este último em função da (des)construção da identidade do auditório. A identidade é (des)construída e reforçada pela modalização aspectual dos verbos de estado, os quais constroem a narratividade. Até aqui refletimos sobre a presença da figura do espelho, a seguir refletiremos sobre o *não fazer* vinculado à figura do esquecimento.

Na operação figural em que aparece o verbo esquecer, o termo é dessemantizado de seu significado como grandeza figurativa exterior, no dicionário e nos seus usos discursivos anteriores. Um primeiro destaque surge quando levantamos a hipótese de que o conceito de esquecer trazido pelos termos “esqueceu” ἐπέλαθετο e “esquecido”

173 Na epístola, a maior concentração de uso do aspecto verbal perfeito é a partir do versículo 5:1, no momento em que o auditório principal é subdividido no subgrupo dos ricos, fazendo progredir o tema da riqueza e seu acúmulo e, particularmente, o das sanções.

ἐπιλησμονῆς não é o mesmo conceito que temos do ato de esquecer presente na nossa cultura. Aqui, não se trata do esquecer que está preso à noção de memória histórica. Aqui, esquecer é quase o equivalente ao “deixar-se levar”, “sair”, “não tomar conhecimento” da relação que o sujeito está tendo com o seu objeto do sentir. O objeto está lá, latente¹⁷⁴, sem que a atenção seja voltada para ele. É o que eventualmente podemos confirmar com o uso no mesmo cotexto da figura verbo “sair” ἀπερχομαι - ἀπελήλυθεν - que faz parte do PN do mesmo ator esquecido, vers. 1:24 κατενόησεν γὰρ ἑαυτὸν καὶ ἀπελήλυθεν καὶ εὐθέως ἐπελάθετο ὅποιος ἦν “observou, pois, a si mesmo e foi embora, e logo esqueceu de como era”. Essa idéia do esquecer, está relacionada com a noção de não esquecimento trazida pela palavra “verdade” ἀλήθεια. Esse termo não tem o mesmo sentido de verdade, tal como em nossa cultura. A relação com o significado trazido no termo ἀλήθεια é de “consciência momentânea e imediata”, implicando uma “modalização aspectual” pelo contínuo, com o objeto com o qual o sujeito se relaciona, sente, observa, naquele momento. Uma das marcas textuais discursivas na Epístola, que permite o estabelecimento dessa relação, é justamente a morfologia do termo, a qual é apoio para a criação das figuras às quais nos referimos. Essas figuras do esquecer/não esquecer, na Epístola, estão pois adquirindo uma significação própria e contribuindo para a leitura do sentido do texto/discurso. Um fato curioso é também que todas as três figuras - ἐπελάθετο “esqueceu” ἐπιλησμονῆς “esquecido e ἀπελήλυθεν “foi embora”¹⁷⁵ - são construídas com a mesma raiz com a sonorização (l) (t) (θ) (ληθ-) (λυθ). Na Epístola, o esquecer está diretamente ligado ao *sair*¹⁷⁶: Um sentido que é criado em conjunto com as figuras que constroem a entrada, permanência, ou saída do “caminho” ὁδός. Este último, espacializando os temas da relação homem/deus; homem/homem; e homem/consigo mesmo.

Para tentar mostrar que nossa leitura/análise não é mera suposição, assinalaremos que as marcas textuais desta perícopa 1:21-27 remetem às relações acima referidas, conforme quadro a seguir:

¹⁷⁴ Em grego λάθ-, em português lat-.

¹⁷⁵ Talvez nesta relação de raízes esteja a explicação para a forma “tão diferente” da morfologia dos temas dos aspectos contínuo e do aoristo para o mesmo verbo ἀπέρχομαι.

¹⁷⁶ Nesta perícopa observa-se uma sonoridade comum dos termos. É a sonoridade “Pêlê”, presente em ἀπελήλυθεν, ἐπελάθετο e ἐπιλησμονῆς. Esta reiteração de sonoridade é chamada pelos semióticos de semi-simbolismo.

vers.	Figura	Tradução	Relação/Tema
1:23-25	λογου νομον	Discurso/lei	Homem com Deus.
1:22	παραλογιζόμενοι ἐαυτούς.	Enganadores de si mesmo	Homem consigo mesmo
1:26-27		(toda perícopē)	Homem com outros homens
1:17	ειφυτον λογον	Palavra enxertada	Homem com deus.
1:17	δεξασθε	recebei	Homem com deus.

Figura 34 : Relações, entre sujeitos, construídos com figuras da perícopē 1:17-

CAPÍTULO 13

FIGURATIVIDADE E EFEITO DE PROFUNDIDADE

A MORFOLOGIA DAS PALAVRAS – RAÍZES GREGAS

Neste momento damos continuidade a uma hipótese que já apontamos no início. Estamos falando das possibilidades de leitura de sentidos para a Epístola, se voltarmos nossos olhos para a morfologia das palavras gregas, particularmente suas raízes lexicais e formação com prefixos preposicionais. Para ilustrar nossa insistência na isotopia figurativo/temática/argumentativa que aparece no texto grego, levando-se em conta a morfologia, focalizaremos os verbos formados com a raiz **ερχ-** e ilustraremos com um quadro.

O quadro indica que as entradas em dicionário revelam que os verbos cujas ocorrências vamos analisar são todos formados com a mesma raiz **ερχ-**. As variações morfológicas indicam os temas aspectuais verbais, mas elas partem de uma mesma raiz lexical que compõe a morfologia do verbo: conforme coluna “verbo composto” do quadro abaixo.

Vers	Verbo composto			Ocorrência	Aspecto	Modo	Tradução
1:10	Παρά	+	έρχομαι	παρελεύσεται	Pontual	Indicativo	Cair, desprender-se
1:24	Από	+	έρχομαι	ἀπελήλυθεν	Perfectum/ Perfeito/ Acabado	Perfectum/ Perfeito/Ac abado	Ir embora, desaparecer, sumir, separar-se
2:2	εἰς	+	έρχομαι	εἰσέλθη	Aoristo/ Pontual	Subjuntivo	Entrar dentro de
2:2	εἰς	+	έρχομαι	εἰσέλθη	Aoristo/ Pontual	Subjuntivo	Entrar dentro de
3:10	εκ	+	έρχομαι	ἐξέρχεται	Infectum/ Inacabado	Presente	Sair de (dentro)

3:15	Κατά	+	έρχομαι	κατερχομένη	Infectum/ Inacabado	Particípio	Descer
5:1	Επί	+	έρχομαι	ἐπερχομέναις	Infectum/ Inacabado	Particípio	Vir sobre
5:4	εἰς	+	έρχομαι	εἰσεληλύθασι ν	Perfectum/ Perfeito/ Acabado	Particípio	Entrar dentro de

Figura 35 - Verbos compostos com a raiz ερχ-

PRIMEIRA RELAÇÃO:

VERSÍCULO 1:10 COM 1:12

O cotexto do vers. 1:10 é o que segue:

1:9 Καυχάσθω δὲ ὁ ἀδελφὸς ὁ ταπεινὸς ἐν τῷ ὕψει αὐτοῦ,

1:9 Mas, diga ao irmão, o humilde /pobre, que ele que comece a se vangloriar/a se exaltar, em/com a altura/nível dele.

1:10 ὁ δὲ πλούσιος ἐν τῇ ταπεινώσει αὐτοῦ, ὅτι ὡς ἄνθος χόρτου παρελεύσεται.

1:10 Mas ao rico, diga a ele que (comece a se vangloriar/exaltar) na sua humilhação, porque irá embora/cairá/passará como a flor da erva.

1:11 ἀνέτειλεν γὰρ ὁ ἥλιος σὺν τῷ καύσωνι καὶ ἐξήρανε τὸν χόρτον καὶ τὸ ἄνθος αὐτοῦ ἐξέπεσεν καὶ ἡ εὐπρέπεια τοῦ προσώπου αὐτοῦ ἀπώλετο· οὕτως καὶ ὁ πλούσιος ἐν ταῖς πορείαις αὐτοῦ μαρανθήσεται.

1:11 Pois, o sol atingiu o seu ponto máximo/o seu pico/a sua meta tendo ao lado o vento escaldante/abrasador e secou a erva e a sua flor caiu e a beleza da aparência dela morreu/desapareceu. Assim também o rico em seus negócios/nas suas andanças será murcho.

E o cotexto do vers. 1:24 é:

1:23 ὅτι εἴ τις ἀκροατὴς λόγου ἐστὶν καὶ Οὐ ποιητὴς, οὗτος ἔοικεν ἀνδρὶ Κατανοοῦντι τὸ πρόσωπον τῆς γενέσεως αὐτοῦ ἐν ἐσόπτρῳ·

1:23 Porque, se alguém é ouvinte da palavra, e não fazedor/realizador, esse parece um homem que está observando/refletindo a aparência de nascimento/nascença dele, em um espelho.

1:24 κατενόησεν γὰρ ἑαυτὸν καὶ ἀπελήλυθεν καὶ εὐθέως ἐπελάθετο ὁποῖος ἦν.

1:24 pois ele observou/refletiu a si mesmo e foi embora/desapareceu, e rapidamente esqueceu-se como era.

1:25 ὁ δὲ παρακύψας εἰς νόμον τέλειον τὸν τῆς ἐλευθερίας καὶ παραμείνας, οὐκ ἀκροατῆς ἐπιλησμονῆς γενόμενος ἀλλὰ ποιητῆς ἔργου, οὗτος μακάριος ἐν τῇ ποιήσει αὐτοῦ ἔσται.

1:25 Mas o que tendo olhado com atenção para dentro da lei perfeita/ que tem meta, aquela da liberdade e, ao mesmo tempo, está perseverando, não tendo se tornado ouvinte esquecido mas realizador do trabalho, esse será bem aventurado/feliz em sua ação criação.

O uso do verbo *παρ-έρχομαι* no vers. 1:10 nos permite algumas reflexões que se inserem nos objetivos mais amplos de nossa tese: apontar a coesão e coerência da Epístola e seu caráter argumentativo. A tradução de *παρ-έρχομαι*¹⁷⁷ assinala dois usos de significado, bem distintos. A primeira tradução sugerida por Bailly aponta um movimento de passagem como algo que surge, passa e desaparece, como, por exemplo, “o vôo de um pássaro” ou de “um navio que passa”. A segunda tradução sugere as noções de chegar, se aproximar, e mesmo entrar. Todas as duas noções são úteis para fazer uma relação entre a morfologia, modalização espacial, figuratividade e construção de temas.

No vers. 1:10, a raiz *ερχ-* é usada no verbo *παρ-έρχομαι*, no tempo externo considerado como futuro, mas na verdade a noção principal é de mera menção do fato, já que se utiliza o tema aspectual do aoristo/pontual, narrativo: ὅτι ὡς ἄνθος χόρτου παρελεύσεται. “porque irá embora/cairá como a flor da erva”.

No vers. 1:24, a raiz *εληλυ-* é usada no verbo *ἀπελήλυθεν*, tempo externo considerado como passado e com a noção de ato acabado ou estado trazida pelo uso do tema verbal aspectual do Perfectum/acabado: κατενόησεν γὰρ ἑαυτὸν καὶ ἀπελήλυθεν “pois ele observou/refletiu a si mesmo e foi embora/desapareceu, e rapidamente esqueceu-se como era”.

Qual a afinidade entre as noções dos usos dos verbos 1:10 *παρελεύσεται* “embora/cairá/passará” e 1:24 *ἀπελήλυθεν* “foi embora/desapareceu”, levando em conta que os temas aspectuais são diferentes, o primeiro um tema verbal do aoristo pontual e o segundo um tema do Perfectum/acabado?

¹⁷⁷ Verbete *παρ-έρχομαι*. In: BAILLY, *Dictionnaire grec-français*.

01. A afinidade é dada nos enunciados que fazem parte do cotexto em que os dois aspectos estão sendo utilizados. A forma, no vers. 1:10, παρελεύσεται “porque irá embora/cairá/passará como a flor da erva.” é usada no aspecto Aoristo/Pontual para manter a coerência com o verbo μαραινθήσεται “será murcho”. Os dois verbos sugerem um tempo externo futuro. Essa manutenção de coerência do modo de dizer é imprescindível, uma vez que o rico está sendo comparado no cotexto à flor “que morre pela ação do sol”.

No entanto, a afinidade entre o uso dos verbos παρελεύσεται “passará” e 1:24 ἀπελήλυθεν “foi embora/desapareceu” não se dá diretamente pelo uso do recurso da expressão - que usa o tema do aspecto pontual nos dois verbos - mas a coerência se dá no significado trazido pelas figuras contidas em todo o cotexto. As noções de passar, esquecer, morrer, desaparecer, secar, murchar, e cair são, até em nosso cotidiano, figuras lexicais cujos significados se entrelaçam. E, no cotexto, são figuras que fazem parte do acúmulo de técnicas argumentativas utilizadas pelo orador.

02. Uma outra relação entre os usos dos verbos compostos com a raiz ερχ-, nos vers. 1:10 e 1:24, é que ambos estão em um cotexto em que aparece a palavra τὸ πρόσωπον “a aparência, a face”. Ora, esse fato é muito, muito significativo. O uso dos verbos com a raiz ερχ- nos dois cotextos está vinculado à questão da face, da imagem e, por extensão, à noção de identidade dos actantes/personagens, aos quais as figuras da τὸ πρόσωπον “a aparência, a face” estão vinculadas. Sugere-se aqui que o movimento de ir/vir/sair/ir embora possa estar estreitamente ligado com o tema do continuum da vida do “fazedor religioso” θρησκός, cf. vers. 1:26: Εἴ τις δοκεῖ θρησκός εἶναι “se alguém parece ser fazedor religioso”, e com a (des)construção da identidade do grupo, ou de cada membro em particular. Ambos, o grupo ou cada indivíduo, é importante assinalar, são destinatários da Epístola.

03. Há uma terceira relação ou ponto em comum que aparece com o uso dos verbos compostos com a raiz ερχ- nos cotextos dos vers. 1:10 e 1:24. Ambos os cotextos contêm enunciados que usam uma construção sintática e argumentativa de comparação. E, além do mais, a argumentação é reforçada com um recurso idêntico do ponto de vista

da expressão. A comparação é feita com figuras construídas ao utilizar enunciados inteiros, e não com palavras isoladas, conforme abaixo:

1:10 ὁ δὲ πλούσιος ἐν τῇ ταπεινώσει αὐτοῦ, ὅτι ὡς ἄνθος χόρτου παρελεύσεται.

1:10 Mas ao rico, diga a ele que (comece a se vangloriar/exaltar) na sua humilhação, porque irá embora/cairá/passará como a flor da erva.

1:23 ὅτι εἴ τις ἀκροατῆς λόγου ἐστὶν καὶ οὐ ποιητής, οὗτος ἕοικεν ἀνδρὶ κατανοοῦντι τὸ πρόσωπον τῆς γενέσεως αὐτοῦ ἐν ἐσόπτρῳ·

1:23 Porque, se alguém é ouvinte da palavra, e não fazedor/realizador, esse parece um homem que está observando/refletindo a aparência de nascimento/nascença dele, em um espelho.

Ora, como já assinalamos anteriormente com o uso do sintagma τὸ πρόσωπον “a aparência/a face”, todos os enunciados figurativos completos utilizados no contexto de 1:10 e 1:23, em que aparece a raiz ερχ-, servem também para manter uma coerência temática, qual seja, a (des)construção da identidade do destinatário. Uma identidade (des)construída com o auxílio dos pequenos percursos narrativos construídos por meio de figuras, dos quais esse sujeito faz parte. O uso dos enunciados figurativos completos e das figuras, além do termo τὸ πρόσωπον “a aparência, a face”, é agregado a um outro recurso argumentativo: o pressuposto. O pressuposto que se irá buscar na intertextualidade, com a figura da lei. O pressuposto que é fundamentado e, ao mesmo tempo, eficaz na argumentação pela presença inquestionável de acordo baseado em valores comuns entre destinador/enunciador e destinatário/enunciário. Com esse recurso, Tiago mostra mais uma vez sua extraordinária coerência e preocupação dialógica e dialética, as quais aparecem claramente na argumentação.

SEGUNDA RELAÇÃO

VERSÍCULO 1:10 e 2:2

Os verbos compostos, que agora relacionaremos entre si mesmos, são aqueles cuja morfologia também se constrói com a raiz ερχ- e que ocorrem nos vers. 1:10 παρ-έρχομαι e 2:2 εἰς-έρχομαι. A tradução de παρ-έρχομαι comentamos no item precedente. Já a tradução de εἰς-έρχομαι contém nuances de significados de usos bem expressivas,

podendo ser agrupados, de acordo com Bailly¹⁷⁸ nas seguintes situações de uso: A) o uso que traz a idéia do significado mais simples de “entrar”; B) o uso que traz a idéia de aparecer em público, sendo que, nesse caso, os usos incluem: o de aparecer diante de um tribunal, ou do aparecimento de atores em cena; C) um uso figurativo que sugere o percurso narrativo de uma paixão: entrar no espírito, no coração. Todos os usos com os significados acima apontados podem contribuir para desvendar efeitos de sentido e relações no discurso da Epístola.

O primeiro uso de significado apontado por Bailly, além da ligação imediata com o significado direto que traz a idéia de *entrar*, poderá ser útil quando falarmos sobre a modalização espacial trazida pelos compostos, com prefixos separáveis/preposições. A ocorrência, em que ora queremos fixar nossa leitura/análise, é a do segundo uso de significado apontado por Bailly, aquele que traz a idéia de aparecer em público, seja em uma cena de teatro, seja em um tribunal. O significado de εἰς-έρχομαι usado em cotextos que sugerem a entrada do ator em uma cena de teatro, se presta bem para a leitura/análise enunciativa do cotexto, em que esse verbo composto com a raiz ερχ- é usado na Epístola. Esse mesmo uso, de entrada do ator em cena, também nos permitirá uma comparação com a ocorrência do verbo παρ-έρχομαι em 1:10.

1:10 ὁ δὲ πλούσιος ἐν τῇ ταπεινώσει αὐτοῦ, ὅτι ὡς ἄνθος χόρτου παρελεύσεται.

1:10 Mas ao rico, diga a ele que (comece a se vangloriar/exaltar) na sua humilhação, porque irá embora/cairá/passará como a flor da erva.

Os usos no cotexto revelam um domínio e competência discursivos do orador que é nosso dever, obrigação, e um grande prazer assinalar. O enunciador se mostra magistral e admirável na cenografia que cria nos dois cotextos de 1:10 e 2:2, pois alia o uso da figurativização e cenografia aos seus objetivos argumentativos e à manutenção da coerência da Epístola. É impossível apontar de uma só penada toda a riqueza discursiva que aparecem nessas ocorrências. Tentaremos, a seguir, algumas leituras/análise.

¹⁷⁸ Verbete εἰς-έρχομαι. In: BAILLY, *Dictionnaire grec-français*.

Em primeiro lugar vamos fazer uma relação entre o significado do verbo εἰσέρχομαι de “entrada em cena”, com seu uso na Epístola, e uma noção da Teoria da Enunciação que se chama cenografia, “encenação”, “cena discursiva”, “cena enunciativa” e também a dêixis. À primeira vista, essa ligação é problemática e poderá parecer uma ligação puramente mecânica. Por essa razão, e sendo difícil, requer uma grande clareza na distinção das duas noções e na construção da análise. Tentaremos fazê-lo. O que consideramos importante distinguir é que, no discurso de Tiago, o verbo composto εἰσέρχομαι com a raiz ερχ- está auxiliando a construir, ao utilizar um enunciado inteiro, o recurso figurativo da iconização. O verbo está fazendo parte de um conjunto de figuras que inclui até o uso argumentativo de um diálogo, ilustrativo e hipotético, entre os personagens da pequena narrativa. A iconização é construída com a pequena narrativa que consta da perícopa 2:1-4:

2:1 Ἀδελφοί μου, μὴ ἐν προσωπολημψίαις ἔχετε τὴν πίστιν τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ τῆς δόξης.

2:1 Meus irmãos não tenhais/continuais a ter em parcialidade/distinção de pessoas, a fé do nosso senhor Jesus Cristo, da Glória.

2:2 ἂν γὰρ εἰσέλθῃ εἰς συναγωγὴν ὑμῶν ἀνὴρ χρυσοδακτύλιος ἐν ἐσθῆτι λαμπρᾷ, εἰσέλθῃ δὲ καὶ πτωχὸς ἐν ῥυπαρᾷ ἐσθῆτι,

2:2 Se, pois, entrar dentro da sinagoga de vocês um homem masculino que tem um anel de ouro com veste brilhante, mas, também, se entrar um pobre com veste comum.

2:3 ἐπιβλέψῃτε δὲ ἐπὶ τὸν φοροῦντα τὴν ἐσθῆτα τὴν λαμπρὰν καὶ εἶπητε, Σὺ κάθου ὡς καλῶς, καὶ τῷ πτωχῷ εἶπητε, Σὺ στήθι ἐκεῖ ἢ κάθου ὑπὸ τὸ ὑποπόδιόν μου,

2:3 Se vós lançardes o olhar sobre o que traz a veste brilhante e disserdes : senta tu/inicia o ato de sentar aqui/deste modo bem e se ao pobre disserdes: coloca-te de pé ali ou senta/inicia o ato de sentar abaixo do lugar de colocar o meu pé/meu escabelo.

2:4 οὐ διεκρίθητε ἐν ἑαυτοῖς καὶ ἐγένεσθε κριταὶ διαλογισμῶν πονηρῶν;

2:4 Não fizestes discriminações/juízos atravessados entre vós mesmos e não vos tornastes juízes raciocinando/calculando maldosamente?

Outra distinção a ser feita é que, qualquer discurso, de acordo com a Teoria da Enunciação, é visto como um ato pragmático que sugere uma entrada em cena do enunciator. O enunciator cria uma interação orador/ouvinte denominada “cena enunciativa” da qual fazem parte: o enunciado, o enunciator e o enunciatário. Ora,

conforme vimos na perícopre 2:1-4 atrás transcrita, quando o enunciador com seu ato cria a “cena enunciativa”, na qual aparecem os enunciados e actantes/personagens, ele - o enunciador - faz aparecer um outro enunciado e uma outra cena enunciativa. Essa outra cena enunciativa é criada, mas contém um valor de eventualidade factual, embora discursivamente real, em que aparece um outro enunciador, portanto, um outro sujeito discursivo, um outro ato, aparentemente distinto do da criação da Epístola, uma outra cena enunciativa se forma. Mas é importante assinalar que o sujeito discursivo do novo ato enunciativo é o próprio destinatário da Epístola, que também é ator do enunciado englobante. O recurso discursivo utilizado pelo enunciador/orador da Epístola é riquíssimo em implicações possíveis de criar vários efeitos de sentido. A principal implicação, sem dúvida, é que a perícopre está antes e acima de tudo trabalhando em função da persuasão do auditório - as doze tribos na dispersão. E, essa persuasão, por sua vez, tem como função a (des)construção da identidade do destinatário.

Mas voltemos à relação entre o significado do verbo εἰσερχομαι de “entrada em cena” com seu uso na Epístola e uma noção da Teoria da Enunciação que se chama cenografia e também a dêixis. É relacionando os dois enunciadores, o da Epístola (enunciado englobante) e o que fala na sinagoga (enunciado encaixado), que constatamos a figura da iconização discursiva aqui presente. Aparecem:

01. O caráter pragmático da perícopre – na interação instrutor/orador Tiago com seu grupo/auditório, as doze tribos na dispersão.
02. O mesmo caráter pragmático do diálogo que se localiza espacialmente dentro da sinagoga na interação entre os membros, ricos e pobres, com os demais membros, o que sugere também a criação de uma nova cena enunciativa.
03. E, finalmente, o uso do verbo εἰσερχομαι, com o significado já apontado acima, de entrada em cena ou entrada em um tribunal, de dois personagens, o rico e o pobre, envolvidos por uma figurativização quase cinematográfica. Cena criada com a utilização do diálogo, da actorialização e da figurativização dos personagens, e da ambientação espacial.

Como havíamos destacado anteriormente, a ocorrência em que ora estamos fixando nossa leitura/análise, é a do segundo uso de significado para o verbo composto

εἰσέρχομαι apontado por Bailly. O significado é aquele que traz a idéia de “aparecer em público”, seja em uma cena de teatro seja num tribunal. Com as considerações que acabamos de fazer, e as que ainda faremos a seguir, constata-se que esses significados se aplicam “como uma luva” aos objetivos argumentativos do orador da Epístola. O caráter iconográfico do enunciado, cremos que foi destacado, senão totalmente pelo menos em algumas pinceladas. Já o caráter de tribunal trazido pela cena é extraordinariamente evidente, se levarmos em consideração todo o cotexto anterior da carta – vers. 2:1- aquele que antecede a cena espacializada na sinagoga, bem como a conclusão – vers. 2:4 - para qual o orador dirige o raciocínio por meio da cena criada como premissa. Há um acúmulo de argumentos, inclusive trazido pelo uso do termo, que nos auxilia a entender o uso de significado do verbo εἰσέρχομαι como “entrada num tribunal”. O vers. 2:1, reproduzido abaixo, contém uma palavra grega que, traduzida para o português, perde totalmente a riqueza de significado contida na figurativização nela embutida. Trata-se da palavra προσωποληψία traduzida comumente por parcialidade ou distinção de pessoas.

2:1 Ἀδελφοί μου, μὴ ἐν προσωποληψίαις ἔχετε τὴν πίστιν τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ τῆς δόξης.

2:1 Meus irmãos não tenhais/continuais a ter em parcialidade/distinção de pessoas, a fé do nosso senhor Jesus Cristo, da Glória.

Para podermos, também com força argumentativa, mostrar o pleno significado dessa palavra, é com uma atitude crítica, e ao mesmo tempo com o objetivo de apreender o significado do verbo προσωποληπτέω, que evocamos um fato tristíssimo de nosso cotidiano brasileiro que ilustra o acúmulo de argumentos contidos no vers. 2:1. Trata-se da reiteração exaustiva da divulgação pela mídia televisiva de cenas de prisão de um suposto traficante, negro e favelado, brasileiro, que a mídia pejorativamente chamava de “Elias Maluco” acusado de matar um jornalista. A cena da prisão, repetida exaustivamente, mostrava aquele senhor de bermudas e sem camisa, algemado e com a cabeça inclinada para baixo, no momento em que era conduzido à delegacia. O policial que o conduzia não permitia que o preso ficasse com a cabeça abaixada e pegava o rosto do preso com a mão, levantando sua face e a mostrando aos repórteres e curiosos. Essa é a ação que o termo grego denomina de προσωποληπτέω.

O verbo προσωποληπτέω é composto com as seguintes partes significativas:

<i>προσ</i>	<i>ωπο</i>	<i>λημ</i>	<i>πτ</i>	<i>έω</i>
Πρόσωπον		Λαμβάνω	πταίω	
Face, aparência		Pegar	tropeçar	Sufixo verbal

Como se vê, a situação daquele que tem seu rosto levantado para ser colocado à mostra e ser reconhecido, a προσωποληψία, agregada ao uso do verbo εις-έρχομαι, conduz a interpretação da iconização criada pela cena enunciativa, para uma isotopia semântico/figurativa que está vinculada ao tema de um julgamento. Além do gesto de pegar o rosto com a mão assinalado no verbo προσωποληπτέιν, que ocorre no vers. 2:1, e que antecede a cena de entrada do rico e do pobre na sinagoga, também a conclusão, contida no vers. 2:4, conforme já assinalamos, mantém a isotopia figurativa de uma cena de julgamento. O enunciado contido no vers. 2:4 reproduzido abaixo, ao concluir a argumentação de 2:1-4, introduz com força questões relacionados com lei, julgamento, e a pessoa do juiz.

2:4 οὐ διεκρίθητε ἐν ἑαυτοῖς καὶ ἐγένεσθε κριταὶ διαλογισμῶν πονηρῶν;
 2:4 Não fizestes discriminações/juízos atravessados entre vós mesmos e não vos tornastes juízes raciocinando/calculando maldosamente?

Essa isotopia figurativa κρίται e διεκρίθητε, construída com o uso do termo que usa a raiz κρ-, está presente em toda a epístola.

Mas o significado de entrada num tribunal não se restringe à enunciação do sujeito que profere o enunciado encaixado dentro da sinagoga. Ela remete também ao enunciado englobante, qual seja, do percurso narrativo da enunciação que cria a interação orador/auditório. Diretamente, ela remeterá ao auditório constituído pelo subgrupo dos ricos - vers. 5:1 e no vers. 4:13 dos que estão falando/falantes, e indiretamente, agrega-se ao enunciado que cria a faceta didático/pedagógica do discurso de Tiago. No que se refere aos ricos, a analogia do tribunal aparece claramente nas sanções negativas, assinaladas na perícopa 4:13 a 5:06, na qual também o verbo ἐξέρχομαι aparece, na forma participial ταῖς ἐπερχομέναις.

5:1 Ἄγε νῦν οἱ πλούσιοι, κλαύσατε ὀλολύζοντες ἐπὶ ταῖς ταλαιπωρίαις ὑμῶν ταῖς ἐπερχομένας.

5:1 Vamos agora, os ricos ! Chorai, ao mesmo tempo lamentando, sobre as misérias/sofrimentos, as que estão vindo sobre vós.

No que se refere ao enunciado principal e ao auditório coletivo a períclope remete ao ensinamento contido no provérbio do versículo:

1:10 ὁ δὲ πλούσιος ἐν τῇ ταπεινώσει αὐτοῦ, ὅτι ὡς ἄνθος χόρτου παρελεύσεται. 1:11 ἀνέτειλεν γὰρ ὁ ἥλιος σὺν τῷ καύσωνι καὶ ἐξήρανε τὸν χόρτον καὶ τὸ ἄνθος αὐτοῦ ἐξέπεσεν καὶ ἡ εὐπρέπεια τοῦ προσώπου αὐτοῦ ἀπόλωτο· οὕτως καὶ ὁ πλούσιος ἐν ταῖς πορείαις αὐτοῦ μαρανθήσεται.

1:10 Mas ao rico, diga a ele que (comece a se vangloriar/exaltar) na sua humilhação, porque irá embora/cairá/passará como a flor da erva. 1:11 Pois, o sol atingiu o seu ponto máximo/o seu pico/a sua meta tendo ao lado o vento escaldante/abrasador e secou a erva e a sua flor caiu e a beleza da aparência dela morreu/desapareceu. Assim também o rico em seus negócios/nas suas andanças será murcho.

A oposição criação/destruição pode também ser aqui evocada. As figuras da destruição παρελεύσεται no vers. 1:10 e μαρανθήσεται no vers. 1:11 (des)constroem a identidade das personagens, constituídas pelos ricos. Já as figuras da criação constroem a identidade das personagens: os pobres do mundo como “as primícias das criaturas de ele”.

1:18 βουλευθεὶς ἀπεκύησεν ἡμᾶς λόγῳ ἀληθείας εἰς τὸ εἶναι ἡμᾶς ἀπαρχὴν τινα τῶν αὐτοῦ κτισμάτων.

1:18 Tendo tido vontade, ele nos gerou pela palavra da verdade/do não esquecimento para sermos um tipo de primícia das criaturas dele.

2:5 Ἀκούσατε, ἀδελφοί μου ἀγαπητοί· οὐχ ὁ θεὸς ἐξελέξατο τοὺς πτωχοὺς τῷ κόσμῳ πλουσίους ἐν πίστει καὶ κληρονόμους τῆς βασιλείας ἧς ἐπηγγείλατο τοῖς ἀγαπῶσιν αὐτόν;

2:5 Escutai, meus irmãos amados: o deus não escolheu os pobres no mundo, ricos em fé e herdeiros do reino, o qual prometeu aos que o estão amando?

2:6 ἡμεῖς δὲ ἠτιμάσατε τὸν πτωχόν οὐχ οἱ πλούσιοι καταδυναστεύουσιν ὑμῶν καὶ αὐτοὶ ἔλκουσιν ὑμᾶς εἰς κριτήρια;

2:6 Vós desonrastes o pobre. Não (são) os ricos (que) estão oprimindo/tiranizando no meio de vós e também (não são) eles que estão arrastando vocês para dentro dos tribunais?

É marcante também que a própria morfologia do substantivo ἀπαρχήν, no vers. 2:5, contém a raiz ερχ-¹⁷⁹, mantendo uma coerência de significado extraordinária, que auxilia a criar a função discursiva trazida, podemos dizer, por uma simples raiz. Certamente, nas versões em outras línguas que não a grega, esse “semi-simbolismo”, como diriam os semioticistas, não aparece.

TERCEIRA RELAÇÃO

VERSÍCULO 2:2 e 3:10

No vers. 3:10, o composto que contém a raiz ερχ- é o verbo ἐξέρχομαι. A tradução de ἐξέρχομαι, conforme Bailly¹⁸⁰, exemplifica com dois grupos de significados levando em conta os usos do verbo relacionados a pessoas e outro a coisas. No que se refere aos usos relacionados às pessoas, aparecem aqui também os subtemas de transgredir as leis e sair do caminho recomendado. Já, quando o uso do verbo está relacionado a coisas, aparece como significado a emanação da voz pela boca ou a saída de um país para outro com a idéia de exportar um produto. Todos os dois grupos de significados de usos nos interessam para leitura/análise da ocorrência de ἐξέρχομαι, no vers. 3:10 da Epístola, bem como para o estabelecimento de relações com a ocorrência de outros verbos que são formados com a raiz ερχ-. A reprodução do vers. 3:10 auxiliará na visualização de nosso raciocínio:

3:10 ἐκ τοῦ αὐτοῦ στόματος ἐξέρχεται εὐλογία καὶ Κατάρρα. οὐ χρή, ἀδελφοί μου, ταῦτα οὕτως γίνεσθαι.

3:10 Da mesma boca sai/está saindo benção/elogio e maldição. Meus irmãos, não é apropriado essas coisas estarem acontecendo assim.

Como vemos, no uso do verbo ἐξέρχομαι, estão presentes os dois significados assinalados no dicionário de Bailly. O significado mais simples e óbvio é, no contexto do

¹⁷⁹ A kind of first-fruits ἀπαρχήν τινα. "Some first-fruits" (old word from ἀπάρχομαι), of Christians of that age. See Ro 16:5. Cf. Verbete: ἀπαρχήν. In: ROBERTSON, A. T. *Word Pictures in the Greek New Testament (ATR)*, Software Bible Works.

¹⁸⁰ Verbete ἐξέρχομαι. In: BAILLY, *Dictionnaire grec-français*.

vers. 3:10, o da emanção/saída da voz pela boca. Esse significado remete, do ponto de vista enunciativo, à noção da assunção de um discurso por um sujeito.

Mas, o significado que agora ressaltamos é o que está trazendo uma conotação figurativa que se enquadra justamente no uso do verbo ἐξέρχομαι em contextos que sugerem transgressão da lei e saída do caminho recomendado. Essa figurativização está vinculada à isotopia figurativa do juízo, julgamento, que contribui para manter a coesão e coerência textual e temático discursiva.

Mas, há um fato muito, muito, importante a destacar. É que essa coesão e coerência textual da manutenção da isotopia figurativa do juízo, julgamento e lei, nos remete a um recurso discursivo, uma estratégia utilizada pelo orador, que é a desqualificação do discurso do outro. A inserção do uso do verbo ἐξέρχομαι na estratégia da desqualificação do discurso do outro pode ser constatada, se levarmos em conta todo o cotexto em que o vers. 3:10 está inserido. Esse cotexto é muito grande, por isso não o reproduziremos aqui, e se constitui de toda a perícopé que se inicia no vers. 3:1.

Também ligada à noção de assunção do discurso está a questão importantíssima de quem pode ou não se instaurar como sujeito discursivo. Sobre a noção de sujeito discursivo agregada à noção de desqualificação do discurso do outro, já dedicamos um item da presente tese .

Concluindo a leitura/análise que havíamos nos proposto a fazer no presente capítulo, ressaltamos que o uso dos verbos compostos, em cuja morfologia aparece a raiz ερχ-, mantém entre si uma relação discursiva estreita. Esta relação não é dada somente pelo significado mais simples e imediato de entrar εἰσέρχομαι, vers. 2:2 e sair ἐξέρχομαι, vers. 3:10; ela é dada, também, pelas conotações figurativas e temáticas que adquirem no cotexto discursivo em que estão sendo usados. Tais figurativizações e iconizações, sendo portadores de temas, estruturam de maneira competente e eficaz o discurso de Tiago e estão sempre em função dos objetivos do orador: a persuasão argumentativa e a (des)construção da identidade do destinatário.

PERÍCOPE 2:1-8

Ao plano figurativo de superfície, passível de se ostentar pela iconicidade, corresponde de fato uma figuratividade profunda cujo efeito é reduzir, recategorizar e tematizar seu sentido. Nessa estratificação de estruturas significantes homólogas é estabelecido um processo de referencialização recíproca, provedor de novos investimentos axiológicos por ocasião da leitura e criador de uma “estrutura modalizante” capaz de esclarecer, a partir do plano figurativo restrito que a suscita, a obra em seu conjunto. As categorias do discurso cuja trama assim se tece “em profundidade” formam então uma rede significativa própria, constitutiva do referente interno. Isolável a partir de um fragmento, sua ressonância estende-se pela totalidade do texto, que tem sua consistência assegurada por ele.¹⁸¹

O esquema narrativo proposto pela metodologia semiótica prevê que nos PNs descritivos o sujeito está em busca de um objeto. Esse objeto é uma casa vazia que é preenchida por valores. Mas há também um outro tipo de PN, nos quais os sujeitos estão em busca de valores modais, diferentes dos valores descritivos. A modalidade, na metodologia Semiótica é figurativizada pelo *saber, fazer, dever, poder*.

Em Tiago, o discurso englobante prevê, na perícopes 2:1-8, a narrativa de uma historiazinha pressuposta. Na historiazinha, vários sujeitos se dirigem a um espaço, as sinagogas, para entrar em conjunção com um objeto: o saber. Os sujeitos buscam na sinagoga um valor modal. A sinagoga¹⁸² é o espaço/lugar onde o sujeito vai sofrer uma transformação cognitiva. Na sinagoga se busca também o mesmo valor modal da sabedoria que está registrada na narrativa do enunciado englobante, vers. 1:5: Εἰ δέ τις ὑμῶν λείπεται σοφίας “Mas, se alguém dentre vós está precisando/faltante de sabedoria”.

Nas duas narrativas: a do enunciado englobante, o todo do discurso da Epístola, e a do enunciado encaixado, perícopes 2:1-8, pressupõe-se que o sujeito, auditório da Epístola, quer entrar em conjunção com o saber. Esse valor, por sua vez, vai modalizar

¹⁸¹ Cf. BERTRAND, p. 229.

¹⁸² A suposição de que o espaço do percurso narrativo do enunciado englobante é também a sinagoga fundamenta-se na idéia de que a epístola era para ser lida por responsáveis pelo grupo. Os responsáveis leriam para uma reunião do grupo. O lugar próprio da reunião do grupo, as doze tribos na dispersão, era a sinagoga. A marca de que a leitura da epístola era feita por responsáveis está no uso dos modos “imperativos” na terceira pessoa do singular.

um outro percurso narrativo no enunciado englobante, que é o da aquisição de um estado, pelo sujeito destinatário da Epístola. Para esse sujeito no estado final de transformação, o enunciador dá entre outros¹⁸³ o nome de θρησκός “fazedor religioso”.

O vers. 1:26 pressupõe que seja esse estado que o destinatário busca, vers. 1:26 Εἴ τις δοκεῖ θρησκός εἶναι “Se alguém parece ser religioso/fazedor religioso”. Tiago concretiza a busca do objeto modal do saber utilizando marcas textuais com verbos que indicam os movimentos de entradas, do rico e do pobre na sinagoga. Marcando as entradas dos sujeitos pelo verbo, o texto semantiza o movimento da busca do valor dentro do espaço. O que queremos enfatizar é que o movimento em busca do objeto saber, além de pressuposto no PN, está também concretizado discursivamente, pelo próprio movimento de se dirigir e entrar na sinagoga. O verbo “entrar” εἰσερχομαι aparece duas vezes no vers. 2:2, enfatizando o movimento. A cena do enunciado encaixado, tal como prevista por Tiago, indica, no entanto, uma transformação da relação entre o sujeito e o objeto.

Quando levamos em conta o percurso narrativo tanto do enunciado englobante como do enunciado encaixado, constatamos que o sujeito que vai à sinagoga para obter o valor modal, o *saber*, acaba encontrando outros objetos. Os objetos que ele acaba encontrando são figurados pela aparência das vestes de alguns frequentadores. O objeto encontrado será interpretado, no enunciado englobante, como (in)vestindo um outro tipo de *saber*. Um *saber* de valor diferente daquele que o sujeito estava buscando. O orador se vale do texto da perícopes, em 2:1-15, para mostrar a existência de dois tipos de saberes. Aparecem, então, dois PNs diferentes no discurso de Tiago: um PN do *saber* de Deus, do alto, proposto pelo enunciado englobante e um PN do *saber* terreno, de baixo, proposto pelo enunciado encaixado. A perícopes 3:15-17 descreverá na progressão textual os dois tipos de saberes:

¹⁸³ Outros nomes para o destinatário transformado, no percurso narrativo do enunciado englobante, são: vers. 3:9 καθ’ ὁμοίωσιν θεοῦ γεγονότας “tendo sido criado à semelhança de Deus”; vers.1:26 θρησκός “religioso/fazedor religioso”; vers. 1:18 ἀπαρχήν τινα τῶν αὐτοῦ κτισμάτων. “um tipo de primícia das criaturas dele”; vers.1:4 τέλειοι καὶ ὀλόκληροι “herdeiros completos”; vers.1:22 ποιηταὶ λόγου “fazedores, criadores do logos”; vers.1:25 ποιητὴς ἔργου “fazedores, criadores do trabalho”; vers. 4:11 ποιητὴς νόμου “criadores, fazedores da lei”; vers. 1:12 e 1:25 μακάριος “bem-aventurado”.

3:15 οὐκ ἔστιν αὕτη ἡ σοφία ἄνωθεν κατερχομένη ἀλλὰ Ἐπίγειος, ψυχική, δαιμονιώδης.

3:15 Essa não é a sabedoria [a] que está descendo do alto, mas [uma] que está sobre a terra/terrena , vivente/do mundo, mental, demoníaca/que diz respeito aos demônios.

3:16 ὅπου γὰρ ζήλος καὶ Ἐριθεία, ἐκεῖ ἀκαταστασία καὶ Πᾶν φαῦλον πρᾶγμα.

3:16 Pois onde (há) inveja/ciúme e disputa, ali (há) instabilidade/agitação e toda qualidade inferior.

3:17 ἡ δὲ ἄνωθεν σοφία πρῶτον μὲν ἀγνή ἐστιν, ἔπειτα εἰρηνική, ἐπιεικής, εὐπειθής, μεστή Ἐλέους καὶ Καρπῶν ἀγαθῶν, ἀδιάκριτος, ἀνυπόκριτος.

3:17 A sabedoria (que vem) do alto, primeiro é pura/inocente, depois pacífica, conveniente/na justa medida), obediente/dócil, cordata, cheia de compaixão/piedade e de frutos bons.

As perícopes 3:15-17 e 2:1-15 contêm sanções que podemos considerar que estão no mesmo campo isotópico e por isso podem ser inter-relacionadas. Podemos relacionar a sanção contida na perícopa 3:15-17 com a sanção contida em 2:4, tomando como ponto de apoio a intersecção dos enunciados. É o termo grego **διακρίθητε** em 2:4 e **ἀδιάκριτος** em 3:17 que permite a constatação da isotopia. Ele contém na sua morfologia o mesmo tema verbal **διακριν-** que aparece nas duas perícopes.

No versículo 2:4:

2:4 οὐ **διακρίθητε** ἐν ἑαυτοῖς καὶ ἐγένεσθε κριταὶ διαλογισμῶν πονηρῶν;

2:4 Não fizestes discriminações/juízos atravessados entre vós mesmos e não vos tornastes juízes raciocinando/calculando maldosamente?

E, no versículo 3:17:

3:17 ἡ δὲ ἄνωθεν σοφία πρῶτον μὲν ἀγνή ἐστιν, ἔπειτα εἰρηνική, ἐπιεικής, εὐπειθής, μεστή Ἐλέους καὶ Καρπῶν ἀγαθῶν, ἀδιάκριτος, ἀνυπόκριτος.

3:17 A sabedoria (que vem) do alto, primeiro é pura/inocente, depois pacífica, conveniente/na justa medida), obediente/dócil, cordata, cheia de compaixão/piedade e de frutos bons.

De acordo com nossa leitura, as duas ocorrências da raiz estão inseridas dentro de cotextos que utilizam técnicas argumentativas criadas pelo modo de dizer. A modalização argumentativa na perícopa 2:1-4 é feita de maneira cuidadosa, por um

enunciado com a modalidade da eventualidade. Tudo começa com a construção, no vers. 2:2: ἐὰν γὰρ εἰσέλθῃ “**Se** pois entrar”, que é reforçada pela repetição: εἰσέλθῃ δὲ καὶ πτωχὸς “Mas **se** entrar também um pobre”.

Essa maneira de dizer modalizada pelas: eventualidade da partícula, o modo subjuntivo, e pelo aspecto aoristo cria um efeito de realidade. No entanto, cabe destacar, o efeito de realidade criado é menor do que se fosse construída com o aspecto Infectum/Inacabado, ou presente do indicativo¹⁸⁴. Já o enunciado da perícopa 3:15-17 é modalizado pela asserção e a certeza trazidas pelo uso do verbo ser εἶστιν “é”. O modo de dizer que emprega a eventualidade do subjuntivo, em qualquer texto, buscaria melhor o seu efeito de sentido dentro do próprio texto em que ocorre e não nos objetos e ações do mundo real, aos quais a eventualidade se refere. É o que buscaremos demonstrar com as reflexões a seguir.

Na construção do texto/discurso da Epístola, quando procuramos um efeito de sentido a partir do próprio referente interno, o que é interessante destacar é a intersecção de duas enunciações. O próprio enunciado englobante adquire novo significado quando posto em relação com a cenografia extraordinariamente figurativizada nos vers. 2:1-4. Essa intersecção das enunciações aparece com precisão, porque: primeiro, a enunciação prevista na perícopa é um discurso, um agir, de uma personagem do discurso englobante, o próprio auditório da Epístola; em segundo lugar, o enunciado encaixado é dirigido a destinatários específicos, formando subgrupos no auditório principal, os que mostram aparência de riqueza e aparência de pobreza; em terceiro, a ambientação espacial comum, a sinagoga.

Retomamos um a um estes itens:

¹⁸⁴ Ver, por exemplo, no versículo 1:5, a eventualidade, em que a partícula εἰ é seguida por um verbo com tema aspectual do Infectum/Inacabado: **Εἰ** δέ τις ὑμῶν λείπεται σοφίας, “se algum dentre vós está em falta de sabedoria”. O efeito de realidade da construção com o verbo no Infectum/Inacabado é bem maior. Sabe-se que a construção εἰ + aspecto Infectum/Inacabado nos textos gregos é tradicionalmente tida pelos teóricos como argumentativa.

PRIMEIRO A ENUNCIACÃO PREVISTA NA PERÍCOPE É UM DISCURSO (UM AGIR) DE UMA PERSONAGEM DO DISCURSO ENGLOBALANTE (O PRÓPRIO AUDITÓRIO DA EPÍSTOLA)

O enunciado encaixado, previsto na cenografia da sinagoga, é proferido pelo mesmo ator da narrativa principal da Epístola: o destinatário, as doze tribos na dispersão. Aqui, pressupostamente representado por um de seus membros, já que haveria o impedimento mecânico de todos falarem ao mesmo tempo. No entanto, o orador da Epístola não se preocupa com esse detalhe e não individualiza o enunciador. As marcas lingüísticas referenciam diretamente o grupo como um todo como sendo o sujeito que assume a palavra: “se vós lançardes o olhar” ἐπιβλέψητε; “vós disserdes” καὶ εἴπητε; “Vós não fostes distinguidos/houve separação/fizestes considerações” οὐ διεκρίθητε; “em vós mesmos” ἐν ἑαυτοῖς; “vos tornastes” ἐγένεσθε; “juízes” κριταὶ.

O orador da Epístola “ignora” a impossibilidade interativa de todos estarem falando ao mesmo tempo. Com essas marcas, um dos efeitos de sentido criado pelo orador do enunciado englobante é que o conteúdo do enunciado encaixado é comum ao grupo como um todo ou a todos os membros que o constituem. Assim, os valores que aparecem no enunciado encaixado são valores tidos como aceitos por todo o grupo¹⁸⁵. Esse modo de dizer juntamente com outros enunciados da Epístola (des) constrói a identidade do grupo como um todo.

No enunciado da perícopa 2:1-4, a fala do grupo se torna uma representação enunciativa da aparência do rico. Os dois fatos se homologam. Os valores incrustados na enunciação do grupo homologam a riqueza incrustada no corpo do rico pelas roupas e anéis. O discurso não verbal, trazido pelo anel e pelas roupas, cria um valor que, quando percebido remete a um valor aparente, o qual, por sua vez, é aceito pelo grupo como um valor real. Essa dicotomia de aparência e realidade vai ser um ponto de apoio na argumentação do orador da Epístola para fazer sua proposta de caminho/vida, para o

¹⁸⁵ O orador formalmente assinala o caráter institucional dos atos ilocucionários: o que se fala tem como pressuposto valores sociais de um grupo. Tiago marca esta pressuposição concedendo o ato discursivo ao grupo inteiro.

auditório. É nessa dicotomia que o orador se apoiará utilizando a técnica argumentativa da dissociação de noções.

Um primeiro destaque, que consideramos imprescindível fazer, é que na cenografia da sinagoga o enunciatário do discurso encaixado - o mesmo enunciatário/interlocutário/auditório do discurso englobante - vai ser cindido/dividido em dois sub-grupos. Um segundo destaque é que os sub-grupos serão construídos por sujeitos que se caracterizam pelo vestuário que remete a uma aparência de riqueza e/ou pobreza. O fato marcante é que o termo “rico” πλουσιος não aparece no enunciado do vers. 2:2. Essa ausência, ou omissão, por certo, cria um significado. De imediato, um efeito de sentido que se cria é que no espaço de ensino religioso, a sinagoga, não entram ricos, mas sujeitos que se vestem com uma aparência que remete à riqueza. Somente quando posta em relação direta com o outro sujeito: o “pobre” πτωχός, é que a aparência remete incontestavelmente à figura social do rico. Da mesma forma, quando postas em relação com o discurso englobante é que as vestes remetem ao ator, o rico.¹⁸⁶

A FIGURA DO ESPAÇO - A SINAGOGA

O enunciado englobante, um discurso epistolar, é para ser lido por responsáveis de um grupo, como já relatamos em outros locais desta tese. Os responsáveis é que transmitiriam, por meio da leitura, o conteúdo da Epístola, também dentro das sinagogas. A sinagoga é o espaço de reunião das doze tribos na dispersão para ouvir os ensinamentos bíblicos. A epístola contém, portanto, um PN em que um sujeito está em busca do valor modal do *saber*. Sendo que, a sinagoga é a figura do espaço onde ocorre uma transformação do sujeito: a aquisição da sabedoria. Da mesma forma, o enunciado encaixado constrói, com o PN da perícopa 2:1-4, um PN modal de busca do *saber*. Nesse PN, também o espaço da transformação do sujeito é figurativizado como a sinagoga. A sinagoga se torna, assim, um espaço que serve como articulador entre as duas enunciações: a do discurso englobante e a do discurso encaixado. A articulação entre os dois enunciados revela e faz aparecer – enuncia – com clareza a polêmica entre

¹⁸⁶ Conforme vers. 1:10-11 e diversos versículos do cap. 05.

as duas enunciações. A relação mostra um conflito de valores entre o enunciado englobante e o enunciado encaixado. O conflito aparece na axiologização das duas sabedorias e nas estratégias argumentativas de desqualificação do discurso encaixado. Ao invés de obtenção daquela sabedoria prevista e recomendada no enunciado englobante, o que se manifesta é um outro PN modal de *saber*. O *saber* do PN do discurso encaixado aparece também em uma enunciação: aquele ato discursivo do membro da sinagoga que ao utilizar o modo imperativo indica para o rico o melhor lugar: Σὺ κάθου ὧδε καλῶς, “Senta/inicia o ato de sentar (tu) deste modo (aqui) bem/boamente/de maneira boa/no lugar que te é próprio” e para o pobre, o lugar abaixo do escabelo dos pés do enunciador: Σὺ στῆθι ἐκεῖ ἢ κάθου ὑπὸ τὸ ὑποπόδιόν μου “coloca-te de pé ali ou vai sentar/inicia o ato de sentar, abaixo do lugar de colocar o meu pé”.

Ao tentarmos fazer uma relação de intersecção entre o enunciado encaixado da perícopes 2:14 com o enunciado englobante, começamos a descobrir uma técnica argumentativa no discurso de Tiago. Trata-se da técnica, cujos conceitos e noções o TA apresenta em seu capítulo IV, e que é chamada de “A dissociação de noções” – parágrafo 90: O par “aparência-realidade”.

A tentativa de intersecionar enunciados e solidarizar as ligações internas que criam os temas nos conduzem a ver que, o que está em jogo no discurso de Tiago é o ensinamento de que existe uma imaginação/aparência – que surge na enunciação encaixada, que reivindica uma sabedoria a qual, no entanto, será axiologizada negativamente pelo orador principal; e de que existe uma realidade/vivência – que surge na enunciação do discurso como um todo, referenciada como uma sabedoria que será axiologizada positivamente.

Partindo da Perícopes 2:14, podemos chegar ao seguinte esquema que é uma tentativa de visualizar, ao final, a transformação do sujeito/auditório proposta por Tiago : sair de uma sabedoria imaginária/aparente para uma sabedoria vivida/real.

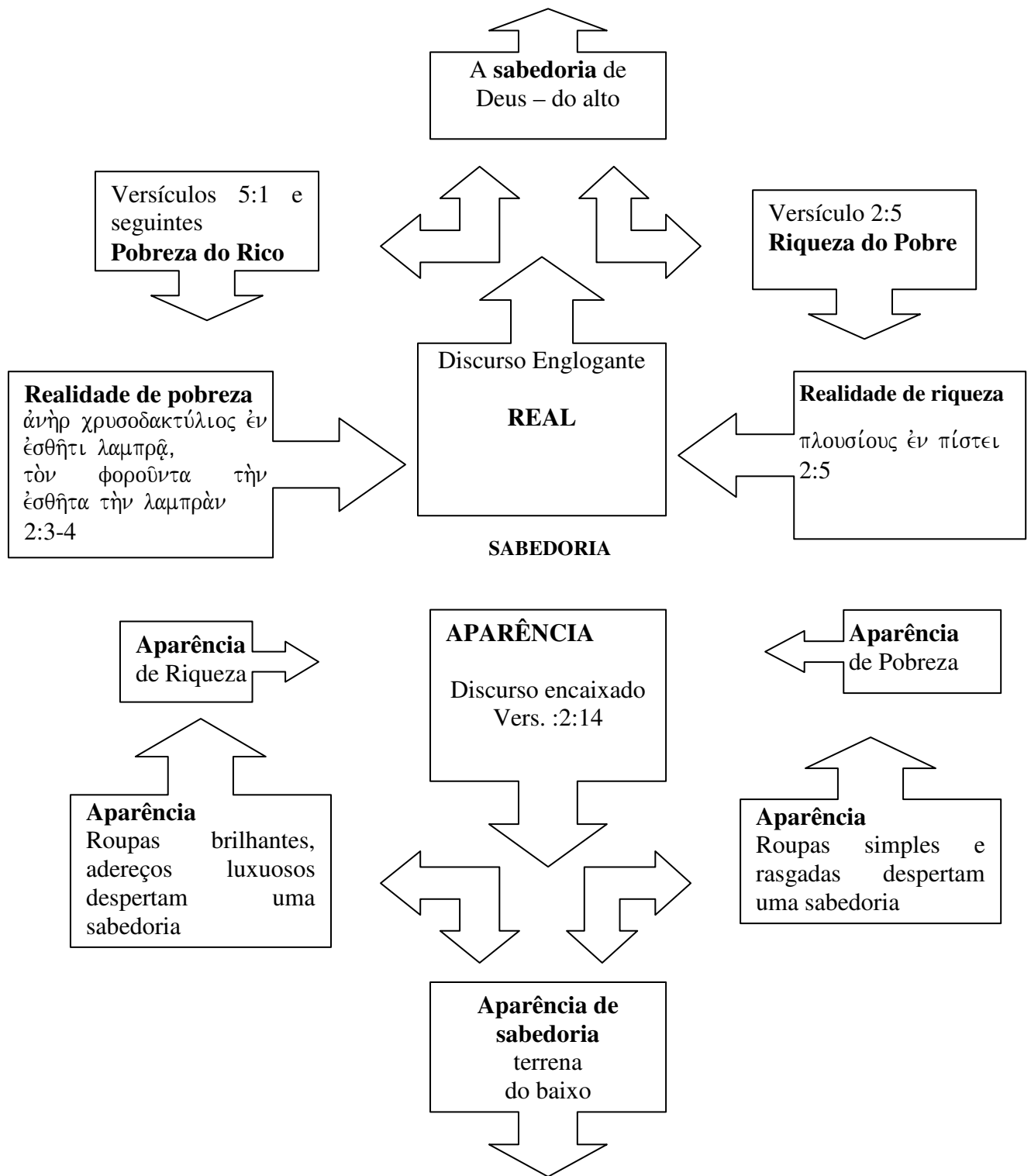


Figura 36– Intersecção de enunciados: Sabedoria *imaginária/aparente* versus sabedoria *vivida/real*.

A DISSOCIAÇÃO DE NOÇÕES

Os ensinamentos sobre a técnica argumentativa da dissociação de noções, no TA, nos mostram um tipo de raciocínio que pode ser aplicado:

01. Na ligação que o grupo faz entre aparência do rico *versus* destinação de um lugar tópico privilegiado, mais alto, no espaço da sinagoga - vers. 2:1-4.
02. Na ligação, que a Teoria da Enunciação faz entre o *eu/aqui/agora*, da instância da enunciação *lato sensu*, versus a actorialização, espacialização, temporalização, na instância discursiva.
03. No estabelecimento de uma relação entre as duas ligações acima. A relação tomando como ponto de apoio a substituição de um PSNE do Sujeito do Πάσχειν “sujeito do sentir, experimentar, sofrer de” pela propriedade do ouro e das vestes brilhantes, do sujeito com aparência de riqueza.

Na ligação que o grupo faz entre aparência do rico e a destinação de um lugar tópico privilegiado, mais alto: essa ligação aparece na Perícope 2:1-4, cenografia espacializada na sinagoga. O orador irá fazer ou uma ruptura de ligação ou uma dissociação das noções. A dissociação pressupõe uma ligação ou uma associação. Uma delas, ou as duas, aparece quando o grupo como um todo - auditório da Epístola - destina um lugar tópico privilegiado, mais alto, para o homem com aparência de rico.

A técnica argumentativa da ruptura ou da dissociação exigirá como primeiro passo o isolamento dos dois elementos. O orador isolará e ao mesmo tempo fará um exame das duas variáveis que compõem a ligação ou a associação. Para seguir os passos da separação efetuada pelo orador, nós mesmos também tentaremos isolar os elementos e apontar no discurso a escolha das variáveis e o modo de dizer de que o enunciatário utiliza para fazer a separação.

Assim, de um lado, na perícope 2:1-4, teremos o fenômeno “aparência do rico” e de outro “lugar privilegiado para sentar” espacializado como ALTO. Temos também outra ligação ou associação: de um lado, o fenômeno “aparência do pobre” e de outro, o

“lugar menos privilegiado para sentar”, espacializado como BAIXO. A discursivização que isolará os termos ou variáveis estará em função dos objetivos da argumentação. Essa construção argumentativa se fará no enunciado englobante incluindo o enunciado encaixado. O próprio enunciado encaixado no qual o grupo designa os lugares é introduzido no enunciado englobante justamente para auxiliar a construir a técnica argumentativa. Nesse enfoque, estamos também querendo insistir que a cenografia espacializada na sinagoga mostra apenas uma das possibilidades de discursivizar a associação que é tida como pré-existente. Haveria outras possibilidades de discursivizar a associação pré-existente ou pressuposta, como, por exemplo, ao invés de especializá-la numa sinagoga mostrá-la nos lugares designados em uma mesa.

Do ponto de vista do enunciado englobante, o discurso de Tiago fará a dissociação das noções παρά ao final, introduzir ou propor uma nova associação, aquela que remete à igualdade dos homens entre si. Isso aparecerá, certamente, e tentaremos provar, pelas marcas discursivas, particularmente aquelas em que a discursivização do destinatário usará a figura do “ser humano” como espécie/gênero ὁ ἄνθρωπος “o ser humano”. Para seguir o caminho do emprego da técnica argumentativa, poderíamos nos perguntar: Como o orador dissocia a aparência do rico do privilégio que lhe é concedido, na designação dos “melhores” lugares - mais ALTOS - dentro da sinagoga e, por extensão, mostrando que o rico é considerado como sendo hierarquicamente superior, dentro do próprio grupo?

Levantamos algumas hipóteses, para tentar responder à questão. O orador construirá a dissociação:

Primeiro: (des)construindo a figura do rico. Desconstruindo as bases que lhe concedem o privilégio e, ao mesmo tempo, apontando as razões que não justificam o privilégio. Nessa (des)construção serão apontadas as ações/os fazeres e os estados/transformações desse subgrupo dos ricos. Esses atores farão parte da configuração narrativa do “homem rico ou com aparência de rico”. Segundo: a dissociação buscará alguma associação pré-existente, criadora de acordos fiduciários entre o grupo e os ensinamentos do macro-discurso bíblico como um todo. Essa busca seria uma tentativa

de justificar ou não o gesto enunciativo que designou os lugares privilegiados para o rico, dentro da sinagoga. Terceiro: inserindo os ricos no grupo maior dos “seres humanos” e, sobretudo, remetendo ou se estribando no par aparência/realidade. Quarto: tomando como fato determinante da associação a assunção da palavra pelo auditório, no enunciado encaixado.

O ato enunciativo/discursivo em 2:1-4, pelos valores que representa, homologa e enuncia, e vai ser posto em relação com atos não verbais que aparecem também discursivizados, no enunciado englobante. Tanto a inserção no grupo maior dos seres humanos como a utilização do par aparência/realidade, como recurso para construir a dissociação, remeterão a uma estrutura elementar, proposta pela metodologia Semiótica, como ser/não ser e/ou vida/morte.

No entanto, restaria uma questão teórica antes da leitura/análise: saber se na cenografia ambientada na sinagoga, posta em relação com o discurso englobante, o que o orador está argumentativamente querendo fazer é uma ruptura de ligação ou uma dissociação de noções. As duas técnicas têm objetivos genéricos comuns: fazer uma separação de variáveis anteriormente unidas. O TA as distingue, como abaixo:

A técnica de ruptura de ligação consiste, pois, em afirmar que são indevidamente associados elementos que deveriam ficar separados e independentes. Em contrapartida, a dissociação pressupõe a unidade primitiva dos elementos confundidos no seio de uma mesma concepção, designados por uma mesma noção.¹⁸⁷

Se a técnica fosse a da ruptura de ligação, ela teria como objetivo, por exemplo, uma ligação feita pelo próprio grupo e consolidada em um acordo anterior entre os seus membros. O grupo teria estabelecido um acordo de que a aparência de riqueza é um fenômeno que deve ou tem um valor. Tiago trabalha no texto para persuadir o auditório a fazer uma ruptura dessa ligação que considera indevida. Ele considera essa ligação, no enunciado englobante, como atos de προσωποληψία “distinção de pessoas” e

¹⁸⁷ TA, pp.467-468.

διακρίνειν “fazer juízos atravessados/discriminar” . Todos os dois atos axiologizados negativamente pelo orador:

2:1 Ἀδελφοί μου, μὴ ἐν προσωποληψίαις ἔχετε τὴν πίστιν τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ τῆς δόξης.

2:1 Meus irmãos não tenhais/continuais a ter em parcialidade/distinção de pessoas, a fé do nosso senhor Jesus Cristo, da Glória.

1:6 αἰτείτω δὲ ἐν πίστει μηδὲν διακρινόμενος ὁ γὰρ διακρινόμενος ἕοικεν κλύδωνι θαλάσσης ἀνεμιζομένῳ καὶ ῥιπιζομένῳ.

1:6 Que ele busque/entre no ato de buscar com fé, e não fazendo julgamentos atravessados/ considerações/discriminações, pois o que está fazendo julgamentosatravessados/considerações/ discriminações parece uma onda do mar, que está sendo agitada/empurrada e soprada pelo vento.

2:4 οὐ διεκρίθητε ἐν ἑαυτοῖς καὶ ἐγένεσθε κριταὶ διαλογισμῶν πονηρῶν;

2:4 Não fizestes discriminações/juízos atravessados entre vós mesmos e não vos tornastes juízes raciocinando/calculando maldosamente?

No entanto, se admitirmos que a técnica utilizada pelo orador é a de uma *dissociação de noções*, temos a intuição de que a leitura do uso dessa técnica na Epístola remeteria a questões mais profundas, ideológicas, ou mesmo filosóficas e teológicas. Entraria em jogo todo um processo interior individual e exterior social no qual o valor foi consolidado, bem como as bases sobre as quais essa consolidação ocorreu. Certamente, o valor da valorização do rico foi consolidado em práticas sociais que acabaram por permanecer como costumes aceitos. Mas, analisando as bases sobre as quais essas práticas sociais permaneceram como costumes aceitos a partir da sua origem, poderemos chegar a questões mais profundas, que poderão se encontrar discursivizadas na própria Epístola

Talvez o próprio texto de Tiago ofereça as pistas ao mostrar a existência de certas condições da natureza humana, que remetam às origens e à consolidação dos costumes e práticas sociais que se mostram na προσωποληψία “distinção de pessoas” e no διακρίνειν “fazer juízos atravessados/discriminar”. As condições da natureza humana que originariam essas práticas seriam, por exemplo, o “segurar para si” φθόνος; “as próprias ambições” τῆς ἰδίας ἐπιθυμίας; “a inveja” ζήλος; a ἐριθεία” sentimento faccioso”; e todos aqueles adjetivos que qualificam a sabedoria de baixo: terrena, etc., como a seguir:

4:5 ἢ δοκεῖτε ὅτι κενῶς ἡ γραφή λέγει, πρὸς φθόνον ἐπιποθεῖ τὸ πνεῦμα ὃ κατώκισεν ἐν ἡμῖν,

4:5 Ou vos parece/está parecendo que, em vão, a escritura diz/está dizendo: contra o “segurar para si”/avareza deseja o espírito, aquele que morou/habitou em vós?

1:14 ἕκαστος δὲ πειράζεται ὑπὸ τῆς ἰδίας ἐπιθυμίας ἐξελκόμενος καὶ δελεαζόμενος·

1:14 Mas cada um é/está sendo envolvido/provado/tentado pela própria ambição/cobiça. Estando sendo arrastado /tirado, pescado e sendo iscado/seduzido.

3:15 οὐκ ἔστιν αὕτη ἡ σοφία ἄνωθεν κατερχομένη ἀλλὰ Ἐπίγειος, ψυχική, δαιμονιώδης.

3:15 Essa não é a sabedoria [a] que está descendo do alto, mas [uma] que está sobre a terra/terrena , vivente/do mundo, mental, demoníaca/que diz respeito aos demônios.

3:16 ὅπου γὰρ ζῆλος καὶ Ἐριθεία, ἐκεῖ ἀκαταστασία καὶ Πᾶν φαῦλον πρᾶγμα.

3:16 Pois onde (há) inveja/ciúme e disputa, ali (há) instabilidade/agitação e toda qualidade inferior.

Essa questão teórica – se a técnica é uma *ruptura de ligação* ou uma *dissociação de noções* - de início, para nós, não é a mais importante. Mas, provavelmente conseguiremos resolvê-la na leitura que faremos da discursivização da separação das variáveis. O que é importante é que o orador faz uma separação e isola os elementos: “riqueza ou aparência de riqueza” e “posição tópica dentro do grupo”.

Para identificação, faremos a leitura/análise da perícopa 2:1-4, nosso ponto de apoio já a partir do início do presente parágrafo. Ela instala a cenografia espacializada na sinagoga no enunciado englobante. Na cena, a posição tópica dos ricos, os quais são colocados num lugar ALTO, privilegiado, está associada ao fenômeno da aparência.

Se a técnica utilizada for da dissociação de noções, o trabalho do orador vai ser um trabalho de “remanejamento mais profundo dos dois dados conceituais, e modificar a própria estrutura dos elementos isolados”, conforme TA acima. Um caminho para identificação desse remanejamento seria tentarmos fazer uma leitura que vinculasse o emprego da figuratividade e o efeito de profundidade por ele provocado. Na utilização das figuras e do modo de dizer se mostraria o jogo do par aparência/realidade com as

oposições da Semiótica: ser/não ser e vida/morte. Tentando ler a técnica da dissociação estribada no par aparência / realidade, consideramos ser útil nos perguntarmos:

Quais são as marcas textuais/discursivas que nos mostram a natureza dos argumentos do grupo, para fazer o acordo que considera o rico digno de um lugar tópico privilegiado - ALTO, dentro do grupo?

A resposta certamente poderia ser buscada mais facilmente na história registrada no macro-discurso bíblico, mas tentaremos buscá-la na leitura da própria Epístola, dentro da proposta semiótica de leitura imanente e da proposta gramatical de Murachco de “deixar o texto falar”, nunca nos esquecendo de que o texto que ora analisamos é uma Epístola, gênero carta, e que a discursivização do destinatário é indicativo precioso na relação figurativo/temático.

Tentando responder à pergunta que nos propusemos acima, estaremos buscando também atingir os objetivos mais amplos de nossa tese: a procura da coesão e coerência e da existência de uma estrutura argumentativa, na Epístola de Tiago. Quando salientamos anteriormente que um dos sujeitos que entram na sinagoga não é ainda chamado rico, mas é figurativizado como tendo uma aparência de rico, o que queríamos enfatizar é que a entrada da aparência pode ter um efeito de sentido que auxiliasse a construir a demonstração de uma sabedoria aparente, estribada numa riqueza aparente. Uma demonstração não-lógica apenas trazida pelo recurso figurativo. É por isso que, posta em relação com uma sabedoria recebida do ALTO e axiologizada como uma verdadeira riqueza¹⁸⁸ - a riqueza da fé -, poderíamos ter uma pista para a direção argumentativa que visa a persuasão do auditório.

A proposta do enunciado englobante com seu PN modal de doação de *saber* é fazer com que o destinatário da Epístola substitua um saber imaginário, demonstrado pelo valor das aparências, por um saber com efeito de real, demonstrado no confronto

¹⁸⁸ Tal como, também argumentativamente, a pergunta no vers. 2:5 que, sem afirmar, no entanto, afirma: 2:5 Ακούσατε, ἀδελφοί μου ἀγαπητοί· οὐχ ὁ θεὸς ἐξελέξατο τοὺς πτωχοὺς τῷ κόσμῳ πλουσίους ἐν πίστει καὶ κληρονόμους τῆς βασιλείας ἧς ἐπηγγείλατο τοῖς ἀγαπῶσιν αὐτόν; (“Escutai, meus irmãos amados: o deus não escolheu os pobres no mundo, ricos em fé e herdeiros do reino, o qual prometeu aos que o estão amando?”).

dos valores modais: os dois saberes, do ALTO e do BAIXO. O que o enunciador da Epístola propõe é que a própria visão do brilho das vestes do rico, uma aparência, uma imaginação, sirva como uma volta à realidade, já que faz vir à luz - enuncia/discursiviza - a sabedoria com a qual o sujeito, as doze tribos na dispersão, já está conjunto. A interpretação é dada pela sanção, ainda que em forma de pergunta retórica argumentativa:

2:4 οὐ διεκρίθητε ἐν ἑαυτοῖς καὶ ἐγένεσθε κριταὶ διαλογισμῶν πονηρῶν;
2:4 Não fizestes discriminações/juízos atravessados entre vós mesmos e não vos tornastes juízes raciocinando/calculando maldosamente?

Seria pertinente perguntarmos: O que faz uma concretização, objetivização, senão criar um efeito de real, de realidade? Ora, a cenografia de 2:1-4 é extraordinariamente figurativizada e concretizada, portanto, buscando argumentativamente o máximo de efeito de realidade. Argumentativamente, também, ela pode indicar um chamamento à realidade do destinatário, pelo orador, uma vez que o termo concreto aumenta a presença¹⁸⁹. E talvez essa seja também uma das leituras/análises que podemos fazer de uma dezena de figuras tiradas do mundo real das quais se utiliza o orador da Epístola para concretizar e objetivizar suas exortações, recomendações, enfim, a doação do saber. É no diálogo implícito orador/auditório que o destinatário da Epístola é chamado à realidade. Esse diálogo se faz pelo uso numerosas figuras que têm um valor modal: *fazer saber*. Elas agem no PN da interação, da enunciação vista no seu modelo pragmático, como um recurso argumentativo.

Aplicando-se os ensinamentos do TA, é possível perguntar: em que tipo de técnica argumentativa poderia ser enquadrada a cenografia da sinagoga?

Poderíamos considerar que estamos diante do argumento por ilustração¹⁹⁰. A cenografia da sinagoga ilustra um comportamento tido como iterativo. Um comportamento que é, pelo seu modo de dizer, eventual/subjuntivo e sem tempo, no

¹⁸⁹ TA, p. 167.

¹⁹⁰ Os autores do TA distinguem as ligações que fundamentam o real pelo recurso ao caso particular, como a seguir: “Este pode desempenhar papéis muito variados: [01] como exemplo, permitirá uma generalização; [02] como ilustração, esteará uma regularidade já estabelecida; [03] como modelo, incentivará a imitação.” Cf. TA, p. 598.

aspecto aoristo. Um modo de dizer que é usado para amenizar o argumento do discurso englobante. Este argumento por ilustração é construído com uma técnica argumentativa, referida acima: a dissociação das noções do par aparência/realidade.

ENTRADAS E SAÍDAS

A ENTRADA NA SINAGOGA – MARCA DE UMA SAÍDA

Vamos tentar fazer uma inter-relação entre o enunciado englobante, texto da Epístola como um todo, e o enunciado encaixado da perícopes 2:1-5. Essa inter-relação será feita levando em conta uma intersecção de enunciados estribada na noção de espaço, e na moção dos sujeitos. Com essa abordagem, consideramos que a entrada na sinagoga marca uma *saída*, e que a demonstração da *saída* começa com uma *entrada*.

A saída do caminho começa a ser demonstrada com a entrada do rico e do pobre na sinagoga. No enunciado englobante, temos lexicalizado/figurativizado o espaço ὁδός “caminho” e, no enunciado encaixado, o espaço συναγωγή “sinagoga”. Não há lexicalização, mas temos implícito o espaço caminho na narrativa do enunciado encaixado e o espaço da sinagoga na narrativa do enunciado englobante. Os dois espaços são comuns às duas enunciações. Na verdade, uma só enunciação que dá origem ao enunciado/texto/discurso da Epístola de Tiago. No momento em que ocorrem as entradas do rico e do pobre na sinagoga, ocorre também a inserção de toda a cenografia montada na perícopes dentro do percurso da narrativa englobante. Se no enunciado encaixado a entrada é no espaço da sinagoga, no enunciado englobante a saída é do espaço ὁδός “caminho”¹⁹¹.

Essa figuração da saída do caminho não está expressa literalmente num sintagma no qual o verbo sair esteja diretamente acoplado ao espaço do caminho. No entanto, o cotexto ou referencial interno nos leva ao vers. 1:24, em que aparece o verbo grego

¹⁹¹ Interessante que existe a palavra “luxar” em português, que significa “sair fora do lugar” [luxação da articulação]. Portanto, no português, a raiz *lux-* assinala tanto um deslocamento ou saída, como uma aparência inquestionável de riqueza. Na analogia com as articulações do corpo físico, a axiologização do luxo é de que o sujeito que o ostenta *sai fora* do seu lugar próprio. O lugar próprio do sujeito no *caminho* é sustentar o seu agora, criar um aqui, e poder adquirir um nome. Um nome que só será adquirido se o sujeito estiver articulado, pelo sensível, com seu objeto.

ἀπελήλυθεν “acabou de sair”, no versículo em que também aparece a figura do espelho. É nesse versículo, e precisamente nesse tema verbal que pode ser buscada uma pista para criar as tais solidariedades internas do discurso que sustentam a cenografia da perícopa 2:1-4, como uma figuratividade que remete a um tema concreto. Remete ainda mais, por extensão, a um tema abstrato mais geral, o tema da ordem no enunciado englobante. O tema aspectual Perfectum/acabado de ἀπελήλυθεν “saiu, acabou de sair” é o do verbo ἀπέρχομαι, cuja tradução é “sair/ ir embora”. É pertinente lembrar que toda saída pressupõe uma entrada.

Como inter-relacionar a perícopa 2:1-4 com a perícopa 1:23-25, de modo que possamos fazer uma intersecção entre as narratividades e, com essa intersecção, considerar que a entrada do rico e do pobre na sinagoga correspondem à saída, metafórica, do caminho a partir do momento que o sujeito se olha no espelho?

A relação pode ser feita, por exemplo, de início, apontando uma identidade funcional entre os dois espaços: o da sinagoga e do espelho. Uma possibilidade de que essa relação pode ser feita é comprovada se nos estribarmos no termo explícito da perícopa 1:22-25, a qual figurativiza a funcionalidade metafórica do espelho. Os termos que apontaremos abaixo pertencem ao campo analógico da função implícita da sinagoga, a qual evoca, pela sua condição de espaço de transmissão de *saber*, a mesma figura da perícopa em que ocorre o termo espelho.

No cotexto da perícopa 1:22-25, encontramos o sintagma “se alguém é escutador/ouvinte do logos” εἴ τις ἀκροατῆς λόγου ἐστίν. Ora, esse sintagma evoca justamente o espaço da sinagoga, no qual os membros das doze tribos na dispersão se utilizam para “escutar” ἀκοῦσαι o logos. Na sinagoga, se escuta o logos e a lei. Ao olhar-se no espelho, o grupo vê também o logos e a lei “a aparência do nascimento dele no espelho” τὸ πρόσωπον τῆς γενέσεως αὐτοῦ ἐν ἐσόπτρῳ, mas dela se esquece. O grupo é então apenas um escutador/ouvinte da lei e não um fazedor da lei ποιητῆς νόμον, dicotomia que é estabelecida no vers. 1:22 e mantida no vers. 1:25. A dicotomia aparece, embora haja uma sutil mudança de expressões, com certeza auxiliando a criar um efeito de sentido pelas diferenças. No vers. 1:22, a expressão utilizada na dicotomia

é construída com o sintagma εἴ τις ἀκροατῆς λόγου ἐστὶν “se alguém é ouvinte do λόγος”.

Já no vers. 1:25, o sujeito é um ouvinte, implícito, da “lei” νόμος. Da mesma forma, a alternativa do enunciado englobante no vers. 1:22 é para que o sujeito plural seja ποιηταὶ λόγου “fazedores/criadores/da lei” e, no vers. 1:25, é que o sujeito singular seja ποιητῆς ἔργου “fazedor/criador do trabalho”. E, ainda, no vers. 1:22, o auditório é o grupo como um todo Γίνεσθε “tornai-vos”, segunda pessoa do plural.

Já no vers. 1:25, o auditório é argumentativamente um “ele” ὁ δὲ παρακύψας “aquele que persevera, o que persevera/se mantém”. Esse último nomeado pelo uso de um particípio, adjetivo substantivado, o que o insere em toda uma classe de sujeitos: os perseverantes, conferindo ao ensinamento um valor normativo, de lei. Uma lei que é confirmada pelo modo de dizer, já que os temas do aoristo, sem espaço e sem tempo, são mantidos em todo o vers. 1:25.

Mas o que, no início de nossas reflexões, estávamos propondo é que as entradas do rico e do pobre na sinagoga eram um verdadeiro marco inicial de uma saída. Uma saída trazida por uma demonstração argumentativa, que não utiliza um raciocínio lógico tradicional, mas utiliza uma narrativa figurativizada com uma precisão e iconicidade cenográficas.

Poderíamos começar argumentando que, no momento da entrada, ocorre uma divisão da atenção do sujeito que já estava dentro da sinagoga. Num primeiro momento, ele escuta a lei e/ou o logos e vê a aparência dele, sujeito, descrita na lei como que num espelho. O que o sujeito vê ? Aqui propomos uma visão diferente daquela, doutrinária, que considera este olhar para a lei como contendo a função de freio, espelho e norma¹⁹². Consideramos, aqui, que o sujeito vê “a aparência do nascimento dele” τὸ πρόσωπον τῆς γενέσεως αὐτοῦ ἐν ἐσόπτρῳ revelada na lei, mas tal como está no intra-texto, referencial interno, do próprio enunciado englobante, da Epístola. Trata-se aqui de

¹⁹² Os três usos da lei, na doutrina dos reformadores.

evocar o vers. 3:9, que repete um ensinamento, o qual diz que o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus:

3:9 ἐν αὐτῇ εὐλογοῦμεν τὸν κύριον καὶ Πατέρα καὶ Ἐν αὐτῇ καταρώμεθα τοὺς ἀνθρώπους τοὺς καθ' ὁμοίωσιν θεοῦ γεγονότας,

3:9 Com ela bendizemos/elogiamos o senhor e pai e com ela amaldiçoamos/lançamos pragas em direção aos seres humanos, os nascidos de acordo com a semelhança de Deus.

Ora, no espaço da sinagoga, o sujeito escuta a lei, da mesma forma como se olha em um espelho que o revela. Mas logo esquece, porque é manipulado por sedução pelas aparências do rico e do pobre. Cabe destacar que o enunciador/orador marca profusamente a figuração da aparência com riqueza no uso dos termos. Os termos, todos eles, remetendo a uma “mostração” e discursivizando o sujeito rico que não demonstra nenhum desejo de se esconder, vers. 2:2: ἀνὴρ χρυσοδακτύλιος ἐν ἔσθῃτι λαμπρᾷ, “um anel de ouro e que porta uma veste brilhante” e no vers. 2:3, descrito com três termos, em seqüência, τὸν φοροῦντα τὴν ἔσθῃτα τὴν λαμπρὰν “o que porta a veste a brilhante”.

Nesse momento, o grupo dentro sinagoga age justamente de maneira oposta àquela que o permitiria realizar o seu Programa Narrativo, como sujeito no caminho. Aquele programa que na instância enunciativa lhe permitira, ele mesmo, aparecer. O grupo perde a oportunidade de aparecer, pois não sustenta o seu *agora*, não cria um *aqui* e não se constrói como sujeito que possa ser chamado eu. Ele não alcançará a identidade como θρησκὸς “fazedor religioso” que, no discurso englobante, vers. 1:26, é o nome dado para aquele sujeito que completa seu percurso, quando em relação com o seu objeto Deus. O grupo que já se encontrava na sinagoga se deixa atrair e é manipulado pelo κόσμος “o ornamento, a beleza” da aparência do rico, que vence a disputa persuasiva com a aparência das vestes do pobre: ῥυπαρᾷ ἔσθῃτι “ veste comum”. Destaque-se, no texto, o referencial interno da própria descrição figurativa das vestes do pobre: apenas um adjetivo ῥυπαρᾷ, que contrasta com a também rica descrição figurativa das vestes do rico construída com cinco termos diferentes: χρυσοδακτύλιος - λαμπρᾷ - τὸν φοροῦντα - τὴν ἔσθῃτα - τὴν λαμπρὰν. O agenciamento das figuras por si mesmo contrasta as duas quantidades materializadas nas vestes: uma rica e outra pobre.

Assinalamos acima a relação entre a descrição da aparência do rico como remetendo ao termo κόσμος “o ornamento/a beleza”, tendo como objetivo estender um pouco mais nossa leitura. É que, no enunciado englobante, deparamos com a continuidade da perícopes 1:23-25, nos vers. 1:26-27. Estes dois últimos versículos contêm as figuras da γλώσσα “língua membro do corpo”, vers. 1:26, e do τοῦ κόσμου “do mundo”, vers. 1:27. Essas duas figuras remetem tanto ao ato enunciativo do grupo na sinagoga quando assume a palavra como à beleza da aparência das vestes do rico. Há, portanto, uma homologação de valores entre os vers. da perícopes 1:23-27: os valores que se referem ao ato enunciativo de um sujeito e os valores que se referem ao mundo: vestes brilhantes/radiantes/luxuosas.

DISCURSOS ENGLOBANTE E ENCAIXADO: MESMO ENUNCIADOR/MESMO ENUNCIATÁRIO

Enunciar é uma das funções mais características do destinatário/auditório da Epístola de Tiago: as doze tribos na dispersão. O discurso de Tiago prevê atos enunciativos como ações do destinatário/auditório ao atribuir discursos possíveis do auditório como um todo, ou de um de seus membros isoladamente. A isotopia figurativa do de dizer e falar, e mesmo da ação de gritar e murmurar mostram a atividade do auditório, como sujeito discursivo e como ser social.

Enunciar, aqui na Epístola, é também um ato de vida do auditório, e é sobre este prisma que o grupo maior e os subgrupos da Epístola são enfocados. Mesmo o contexto da perícopes que se inicia no vers. 4:13 é bem claro quando vincula o “ato de dizer” com a vida de um subgrupo:

4:13 Ἄγε νῦν οἱ λέγοντες, Σήμερον ἢ αὔριον πορευσόμεθα εἰς τήνδε τὴν πόλιν καὶ ποιήσομεν ἐκεῖ ἐνιαυτὸν καὶ ἐμπορευσόμεθα καὶ κερδήσομεν·

4:13 Agora, vamos! Os que estão dizendo/os falantes: hoje ou amanhã nós iremos para dentro daquela cidade e faremos/produziremos lá por um ano/um tempo e comerciaremos e lucraremos.

4:14 οἵτινες οὐκ ἐπίστασθε τὸ τῆς αὔριον ποία ἡ ζωὴ Ὑμῶν· ἀτμὶς γάρ ἐστε ἢ πρὸς ὀλίγον φαινόμενη, ἔπειτα καὶ ἄφανιζομένη.

4:14 Sejais quem for (vós), os que não estais sabendo/continuais não sabendo qual a vossa vida, (a) de amanhã. Pois vós sois vapor, (o) que continua estando aparecendo, pouco numeroso/pequeno, depois também começando a (ser) desaparecido.

4:15 ἀντὶ τοῦ λέγειν ὑμᾶς ἔαν ὁ κύριος θελήσῃ καὶ ζήσομεν καὶ ποιήσομεν τοῦτο ἢ ἐκεῖνο.

4:15 Ao invés do estar dizendo vós: Se o Senhor quiser também nós viveremos e nós produziremos isto ou aquilo.

4:16 νῦν δὲ καυχᾶσθε ἐν ταῖς ἀλαζονείαις ὑμῶν· πᾶσα καύχησις τοιαύτη πονηρά ἐστιν.

4:16 Mas agora (vós) estais vos vangloriando/estais rindo com as vossas presunções. Todo envaidecimento desse tipo é mau.

Na progressão textual que cria uma ordem da argumentação, o sujeito é focalizado, em primeiro lugar, no vers. 4:13, como um sujeito enunciador “os que estão dizendo/falantes” οἱ λέγοντες. Só depois aparece, no conteúdo do dito, a sua prática social como comerciante e acumulador de riquezas καὶ ἐμπορευσόμεθα καὶ κερδήσομεν “produziremos e comerciaremos”. Focaliza-se o último ato a partir do primeiro. O enfoque principal é no sujeito como actante de um enunciado. E, o enfoque definitivo, na ação deste subgrupo como comerciante e acumulador de riquezas – “os ricos” οἱ πλούσιοι - será feito diretamente na exortação que, na progressão textual, aparecerá na perícope que se inicia no vers. 5:1, logo a seguir. Muito significativamente, a perícope se inicia com a expressão “agora vamos” Ἄγε νῦν, a mesma utilizada no vers. 4:13, que o focaliza como sujeito discursivo.

ESPACIALIZAÇÃO

Já nas primeiras teorias de análises de textos uma parte era dedicada ao espaço. Lá se contemplava, por exemplo, a oposição espaço externo/interno, a ambientação, o preenchimento discursivo do espaço com objetos, ou pessoas, ou se o espaço era claro ou escuro. Nós mesmos tivemos aulas, há pouco tempo, em que essas teorias se aplicavam. Agora as teorias da enunciação e a semiótica já vêem a discursivização do espaço agregando outras noções e ensinamentos. Começando, por exemplo, com a noção de deslocamento de um sujeito em busca de seu objeto, dentro de um percurso narrativo. Outra noção semiótica da discursivização do espaço é a leitura de ponto de vista sobre a qual não nos deteremos, e que é uma das noções básicas da semiótica,

herdada de Saussure, ou seja, que o ponto de vista é que cria o objeto. E, no caso da espacialização, o ponto de vista auxilia a criar o sentido. O ponto de vista sobremodaliza o espaço, aplicando-se às vezes, também aqui, o termo aspectualização. Aspectualizar é sobremodalizar. Nesse caso, a sobremodalização retoma a noção de ponto de vista, a visão de um observador que se instala no discurso. Há sobremodalização do espaço quando nos referimos a ele como: apertado, distendido, com limite, sem limite, de lado, frontal, fechado, aberto, etc.

No caso da língua grega, o próprio sistema, com o uso dos prefixos separáveis – preposições - isoladamente ou em palavras compostas é um facilitador da leitura/análise da espacialização no discurso. Mas, deixando a noção de ponto de vista de lado, ou melhor, como um implícito, já que ela não pode ser afastada, destacamos que as teorias acima citadas analisam o espaço por exemplo como :

Aproximação e distanciamento do espaço em que se encontra o enunciador, primeiramente do próprio enunciatário, criando-se um efeito de sentido de subjetividade ou objetividade discursiva; ou se vê o espaço como um lugar tópico de onde fala o enunciador e que mostra a sua relação social e hierárquica de representação: superioridade/ inferioridade, com relação ao auditório/enunciatário; neste caso, vincula-se o espaço ao ideológico.

Na Epístola de Tiago, logo no início, dois situamentos, dois espaços, são delimitados: de um lado está Tiago dentro de um território, de um espaço, em que ele é servo de Jesus e de Deus. E, de outro lado, em outro território, estão as doze tribos que estão na diáspora. A marca discursiva da delimitação dos dois espaços está no termo *χαίρειν* “saudações”, tida tradicionalmente apenas como uma formalidade social do discurso. Com essa delimitação, o orador cria o efeito de sentido de que ele é quem está mais próximo de Deus e Jesus Cristo. As doze tribos na dispersão estão em um território mais distante de Deus e de Jesus Cristo. Os situamentos são diferentes.

Ou ainda, as teorias axiologizam o espaço como eufórico ou disfórico. Por exemplo: de cima vêm as coisas boas, e de baixo vêm as coisas ruins. Em Tiago, essa

axiologização aparece nos vers. 1:17 e 3:15, acrescentando-se ainda ao espaço do ALTO a figura da luz e ausência de sombras:

1:17 πᾶσα δόσις ἀγαθὴ καὶ πᾶν δῶρημα τέλειον ἄνωθέν ἐστιν καταβαῖνον ἀπὸ τοῦ πατρὸς τῶν φώτων, παρ' ᾧ οὐκ ἔνι παραλλαγή ἢ τροπῆς ἀποσκίασμα.

1:17 Todo doação boa e todo presente dado completo/com objetivo/com meta/está descendo do alto, do pai das luzes; junto ao qual não existem mudanças/sombras ou de volta/lugar de mudança.

3:15 οὐκ ἔστιν αὕτη ἡ σοφία ἄνωθεν κατερχομένη ἀλλὰ Επίγειος, ψυχικὴ, δαμονιώδης.

3:15 Essa não é a sabedoria [a] que está descendo do alto, mas [uma] que está sobre a terra/terrena, vivente/do mundo, mental, demoníaca/que diz respeito aos demônios.

Ainda no que se refere à espacialização, a relação das raízes gregas tanto com a figurativização como com a espacialização remete a dois temas que podem ser identificados na Epístola e que estão relacionados entre si, e com outros subtemas ou tópicos. O primeiro é o tema da vida cristã figurativizada também espacialmente como ὁδός “caminho”. O segundo é o tema da “assunção de um discurso” por um actante que, no enunciado encaixado dos vers. 2:1-4, é o próprio auditório do discurso englobante.

OS ESPAÇOS: ALTO e BAIXO

Evocaremos agora a intersecção dos enunciados encaixado e englobante, tomando como ponto de apoio a discursivização do espaço ALTO/BAIXO. O enunciado englobante procura inverter a axiologização pressuposta ou bem marcada do enunciado encaixado dos vers. 2:1-4, a qual, designando lugares mais BAIXOS para o pobre, valoriza a riqueza como valor. Por extensão, o enunciado englobante mostra no vers. 2:5 a sabedoria proposta pelo orador como uma sanção. A sanção é uma cognição. A configuração discursiva dos espaços ALTO/BAIXO é significativa na Epístola. Essa figuração aparece marcada sob muitas formas, nas preposições isoladas ou nas preposições que compõem a morfologia de palavras gregas. A dicotomia ALTO/BAIXO

aparece também nos advérbios e adjetivos que remetem a noções concretas e abstratas. A terminologia não assinala só um situamento, mas ela assinala também uma relação estática ou de movimento de um objeto com outro. Essa configuração discursiva é reconhecida pelo leitor/analista, por meio das inter-relações dentro do referencial interno da Epístola vista como um todo.

Tentaremos apontar a possibilidade da criação dessa configuração discursiva, que utiliza a dicotomia ALTO/BAIXO, tomando como ponto de apoio, também, a cenografia descrita na perícopes 2:1-8. Naquela perícopes, os espaços ALTO/BAIXO são marcadamente investidos de valores, lembrando que esse investimento de valor se dá dentro do espaço “maior” da sinagoga, o qual por sua vez apresenta-se como local de transmissão de saber. Portanto, o investimento do valor ALTO/BAIXO está fazendo referência a uma sabedoria com as figuras espaciais.

Na cenografia descrita na perícopes 2:1-8, o espaço de BAIXO tem menos valor. Isso porque ele não está axiologizado textualmente como “bom”. Já, ao contrário, o outro espaço, embora não seja assinalado diretamente como ALTO, é marcado textualmente com o advérbio “bem/boamente” καλῶς:

2:3 ἐπιβλέψητε δὲ ἐπὶ τὸν φοροῦντα τὴν ἐσθῆτα τὴν λαμπρὰν καὶ εἶπητε, Σὺ κάθου ὧδε καλῶς, καὶ τῷ πτωχῷ εἶπητε, Σὺ στήθι ἐκεῖ ἢ κάθου ὑπὸ τὸ ὑποπόδιόν μου,

2:3 Se vós lançardes o olhar sobre o que traz a veste brilhante e disserdes :
senta tu/inicia o ato de sentar aqui/deste modo bem e se ao pobre disserdes:
coloca-te de pé ali ou senta/inicia o ato de sentar abaixo do lugar de colocar o
meu pé/meu escabelo.

O referencial interno que aponta para o investimento de valores utiliza-se com precisão do assinalamento dos espaços, criando efeitos de sentido valiosos. Esses efeitos de sentido remeterão à solidificação dos valores, e estes valores como sendo do próprio sujeito que enuncia o pequeno discurso. Tentaremos nos esforçar, a seguir, para escrever com clareza o que lemos, pois a solidificação dos valores auxilia no isolamento das variáveis que pretendem ser separadas pela ligação ou associação indevidas.

Na perícopre 2:1-8, o sujeito que já se encontrava dentro da sinagoga também ocupava um lugar. Esse lugar é tomado como ponto de referência para outros objetos e pessoas. Esse lugar é um ponto central de situamento a partir do qual o sujeito que ali se localiza estabelecerá relações. As relações serão mostradas pelo uso de sua fala dirigida aos outros dois sujeitos que começam hipoteticamente a entrar na sinagoga. Como veremos a seguir, a própria morfologia das palavras contribui para a construção do efeito de sentido do valor trazido pela designação dos lugares ALTO/BAIXO.

De início, o falante/enunciador, do discurso englobante emprega o verbo ἐπιβλέψητε, composto com a preposição ἐπὶ e, pelo reforço do uso isolado logo a seguir da mesma preposição ἐπὶ:

ἐπιβλέψητε δὲ ἐπὶ τὸν φοροῦντα
(ἐπι) (βλέψητε) + (δὲ) + (ἐπι) (τὸν φοροῦντα)

Não seria impertinente afirmar que, pelo modo de descrever a cena, o enunciador principal quer criar a impressão de que o sujeito discursivo do enunciado encaixado situa-se num nível espacial mais ALTO do que os outros dois sujeitos. Na verdade, quem fala é o grupo, como já vimos pela marca da segunda pessoa do plural τε-. Ele se considera apto - *pode fazer* - a assumir um discurso, todo ele portador de um valor. É um grupo que “ensina”, com seu discurso. Na condição de ensinador, o grupo está como os mestres num lugar tópico ACIMA dos seus alunos. Essa suposição de lugar tópico nos é dada pela presença da preposição ἐπὶ na morfologia do termo.

O sistema grego, ao consolidar a palavra ἐπιβλέπω, semantiza o sujeito como estando metaforicamente situado ACIMA do objeto sobre o qual ele lança o olhar¹⁹³, mesmo que o objeto, do ponto de vista do espaço material, possa estar espacialmente ACIMA do sujeito. A posição aqui é dada pela relação de percepção. O sujeito que percebe, na sinagoga, é axiologizado como numa posição ACIMA de seu objeto. E pressupomos a partir daí que essa percepção do objeto supõe já a assunção, a seguir, de

¹⁹³ [ἐπι] *Em cima, sobre* (contato pleno, estático) – locativo (Dat. nas gramáticas), idéia de *acréscimo, superposição*. Sentido figurado: *acréscimo; sobre*, apoio parcial (pontual). *Genitivo (partitivo). Sobre/para cima de*, com movimento, direção, intenção > *acusativo*. Ver MURACHCO, Vol. 1, p. 572.

um discurso. Como enunciador da sua percepção, o sujeito está num lugar de preferência, voltando quase a um círculo vicioso, num lugar mais ALTO do que o objeto que ele percebe. O uso da preposição ἐπὶ está longe de ser inocente. Ele parece ser intencional e agregando, nessa pequenina palavra, um reforço de argumentos. Na pequena narrativa, a preposição ἐπὶ é usada em seqüência, duas vezes, reforçando a importância ainda maior para essa marca.

A duplicidade da marca, argumento de repetição, utiliza um lugar de quantidade e, a proximidade dos usos - duas vezes seguidas - reforça o argumento. Ainda como argumento, mostrado pelo referencial interno, observamos que, na ordem do discurso, a preposição ἐπὶ indica uma conjunção maior do sujeito, que já estava na sinagoga, com a figura do homem com aparência de rico, do que com a figura do pobre, independente do lugar que lhes será designado para sentar. Na ordem do discurso, o verbo ἐπιβλέψητε “olhar sobre” escolhe como seu objeto direto a figura do rico, que na progressão textual/narrativa também é colocado na frente da figura do pobre, uma vez que na progressão textual/discursiva ele entra primeiro.

Isso cria um efeito de conjunção mais forte entre o rico e o sujeito que percebe, do que entre o sujeito que percebe e o pobre. O movimento do olhar se dirige, se intenciona, primeira e prioritariamente para o rico do que para o pobre. E é para ele que o enunciador do discurso encaixado dirige também, primeiramente, a palavra.

A conjunção do enunciador com o rico é reforçada ainda, no referencial interno, pelo uso de duas marcas lexicais, os advérbios “aqui” ὧδε e “ali” ἐκεῖ. O advérbio aqui está na frase que indica o lugar para o rico. O advérbio *ali* está na frase que indica o lugar para o pobre. Ora, os dois advérbios indicam distâncias relativas ao situamento do sujeito que já estava na sinagoga, e que está indicando os lugares para os sujeitos, que entram, se sentarem. Colocando o rico *aqui* e o pobre *ali*, presume-se que o rico estará mais próximo do enunciador, indicando maior proximidade entre os dois sujeitos. Uma proximidade que certamente indica um valor de consideração maior pelo rico do que pelo pobre.

A mesma, conjunção do enunciador com o rico é também trazida pelo advérbio, que axiologiza o lugar designado para o rico como “bom”, literalmente: “sentar boamente, de uma maneira boa”, um lugar próprio e eficaz para aquele tipo de sujeito. Ainda, as opções diferentes da maneira de dizer também são axiologizadas para designar os lugares. Para o rico só há uma opção, sentar: Σὺ κάθου ὧδε καλῶς, “tu senta ali boamente”. Para o pobre, há duas opções: ou fica em πέ στηθι “te coloca em pé” ou “ou senta” ἢ κάθου no lugar abaixo.

Ao constatarmos a utilização novamente da marca lexical com o sufixo preposicional, não poderíamos deixar de assinalar, no entanto, uma leitura que pode ser feita. Trata-se da possibilidade da axiologização dos valores e, por extensão, da expressão de uma sabedoria trazidas pelo modo de discursivar. O modo de dizer utiliza-se, também, de uma pequena palavra, a preposição ὑπὸ que, como a preposição anterior ἐπὶ, sobremodaliza com força o argumento do discurso englobante, a Epístola como um todo. O grupo enuncia: Σὺ στηθι ἐκεῖ ἢ κάθου ὑπὸ τὸ ὑποπόδιόν μου.

κάθου ὑπὸ τὸ ὑποπόδιόν μου,

ὑπὸ + (τὸ) + (**ὑπο**) (πόδιόν) + (μου,)

O uso da preposição ὑπὸ cria os mesmos efeitos de sentido que já assinalamos acima, com o uso da preposição ἐπὶ, e que reproduzimos a seguir: Na pequena narrativa , a preposição é usada, em seqüência duas vezes, criando um efeito ainda maior de importância para esta marca. A duplicidade da marca, argumento de repetição, caracteriza um lugar de quantidade e a proximidade dos usos reforça o argumento.”

Até aqui, os argumentos que apresentamos, ou seja, as marcas textuais que descrevem a cenografia nos pareceriam ser suficientes para tentar provar que o rico é axiologizado como investido de maior valor do que o pobre. A axiologização positiva é dada tanto pela designação dos lugares como pela maneira com que o referencial interno constrói a discursivização. Mas ainda há mais.

É possível assinalar que, no caso dos usos da preposição ὑπὸ, o lugar designado, criado pela seqüência imediata dos seus dois usos, indica que espacialmente ele não é só um lugar mais BAIXO¹⁹⁴ do situamento do enunciador. O lugar designado, que se utiliza da preposição ὑπὸ é, na verdade, um lugar ABAIXO do ABAIXO: ὑπὸ + (τὸ) + (ὑπο) (πόδιόν).

Não bastasse isso, o objeto de referência, para designar o lugar do pobre, se desloca do sujeito enunciador παρά nas traduções usuais, o “escabelo de seus pés”. O “o meu escabelo” τὸ ὑποπόδιόν μου. Ora, a morfologia da palavra grega ὑπο+πόδιόν faz parte da isotopia figurativa da palavra pé. Portanto, o pobre é pisado, metaforicamente, com o pé do sujeito que representa o grupo e que assume a palavra para designar os lugares. A axiologização é argumentativamente ainda maior porque nem é o pé do sujeito que toca o pobre, os dois são separados por um objeto material. Portanto, não há contato corporal entre os dois. Aliás, o pé de um ser humano posto sobre um outro sujeito, na intertextualidade cultural, remeteria ao tema da guerra, pois os conquistadores colocavam o pé sobre o pescoço dos conquistados na batalha¹⁹⁵. Aqui, no entanto, constatamos que o enunciado englobante mata dois coelhos com uma cajadada só. Senão, vejamos.

Na perícopa 2:1-4, há dois sujeitos que são: um o sub-grupo dos ricos e o outro o destinatário da Epístola que se assume como sujeito discursivo. Ele enuncia o discurso: “tu senta aqui... etc.”. Na cenografia criada pelo enunciado encaixado, os dois sujeitos estão espacialmente também ACIMA do pobre¹⁹⁶. Já, no discurso da Epístola como um todo, enunciado englobante, os dois sujeitos serão colocados nos seus devidos lugares.

¹⁹⁴ [ὑπὸ] – *Sob, em baixo de, por baixo de*. Ver MURACHCO, Vol. 1, p. 617.

¹⁹⁵ *Conquerors often placed their feet on the necks of the victims*, “Os conquistadores freqüentemente colocavam seus pés sobre os pescoços das vítimas” (Lc 20:43). Cf. ROBERTSON, Bibleworks.

¹⁹⁶ A espacialização alto/baixo na cena da sinagoga, como já vimos, não se dá pela utilização daqueles dois advérbios, mas se dá pelos termos utilizados, o uso das preposições ἐπί e ὑπό, e também argumentativamente pela utilização do termo τὸ ὑποπόδιόν, que substituí o termo abstrato “baixo”. O uso do nome do objeto é argumentativo porque o termo concreto aumenta a presença (TA, p.167).

Há alguns enunciados na Epístola que invertem a posição estabelecida dentro do enunciado da sinagoga. Por exemplo, ao destinatário, no vers. 3:1, onde será recomendado que:

3:1 Μή πολλοὶ διδάσκαλοι γίνεσθε, ἀδελφοί μου, **εἰδότες** ὅτι μείζον κρίμα ληψόμεθα.

3:1 Meus irmãos, não vos torneis muitos (de vós) mestres/ensinadores, sabedores de que um juízo mais severo/maior julgamento receberemos.

Ora, ser mestre, ao assumir a palavra, não era outra coisa do que o destinatário da Epístola pretendia, ao proferir seu enunciado, dentro da sinagoga, que designava os lugares para os freqüentadores sentarem.

Mas não é só a pressuposição de que, como mestre e juiz que se acha no direito de designar lugares e aportar valores e julgamentos que os destinatários são desqualificados.

A cenografia da sinagoga pode nos remeter, pela isotopia figurativa da intertextualidade cultural, a uma condição de conflito e disputa dentro do grupo. Um conflito e disputa que pode mesmo se estender para temas de lutas, batalhas e guerras. O tema é pressuposto porque, como assinalamos acima, na sociedade da época, era costume o conquistador colocar os pés sobre o pescoço dos conquistados. Na sinagoga, é o que o enunciado faz com o pobre: coloca seus pés em cima do pobre.

Alguém poderia considerar que esta ligação com o tema da guerra possa ser mecânica ou forçada, pois as posições espaciais relativas dos sujeitos na sinagoga não teriam relação nenhuma com as posições espaciais relativas entre conquistadores e conquistados. No entanto, é no referencial interno, o enunciado englobante, a Epístola vista como um todo, que vamos buscar uma pista para nossa própria argumentação. Nas centenas de leitura que fizemos da Epístola, acabamos por encontrar, também, o tema da guerra. Os termos e a isotopia figurativa relacionada com esse tema é expressivo. Mas esta é uma leitura/análise que, embora enriquecedora para leitura da Epístola, colocamos aqui como pista para posteriores estudos do discurso de Tiago.

INTERSECÇÃO DOS ENUNCIADOS 1:9-11 COM 2:1-4

1:9 Καυχάσθω δὲ ὁ ἀδελφὸς ὁ ταπεινὸς ἐν τῷ ὕψει αὐτοῦ, 1:10 ὁ δὲ πλούσιος ἐν τῇ ταπεινώσει αὐτοῦ, ὅτι ὡς ἄνθος χόρτου παρελεύσεται. 1:11 ἀνέτειλεν γὰρ ὁ ἥλιος σὺν τῷ καύσωνι καὶ ἐξήρανε τὸν χόρτον καὶ τὸ ἄνθος αὐτοῦ ἐξέπεσεν καὶ ἡ εὐπρέπεια τοῦ προσώπου αὐτοῦ ἀπώλετο· οὕτως καὶ ὁ πλούσιος ἐν ταῖς πορείαις αὐτοῦ μαραινθήσεται.

1:9 Mas, diga ao irmão, o humilde /pobre, que ele que comece a se vangloriar/a se exaltar, em/com a altura/nível dele. 1:10 Mas ao rico, diga a ele que (comece a se vangloriar/exaltar) na sua humilhação, porque irá embora/cairá/passará como a flor da erva. 1:11 Pois, o sol atingiu o seu ponto máximo/o seu pico/a sua meta tendo ao lado o vento escaldante/abrasador e secou a erva e a sua flor caiu e a beleza da aparência dela morreu/desapareceu. Assim também o rico em seus negócios/nas suas andanças será murcho.

2:1 Ἀδελφοί μου, μὴ ἐν προσωποληψίαις ἔχετε τὴν πίστιν τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ τῆς δόξης.

2:1 Meus irmãos não tenhais/continuais a ter em parcialidade/distinção de pessoas, a fé do nosso senhor Jesus Cristo, da Glória.

2:2 ἂν γὰρ εἰσέλθῃ εἰς συναγωγὴν ὑμῶν ἀνὴρ χρυσοδακτύλιος ἐν ἐσθήτι λαμπρᾷ, εἰσέλθῃ δὲ καὶ πτωχὸς ἐν ῥυπαρᾷ ἐσθήτι,

2:2 Se, pois, entrar dentro da sinagoga de vocês um homem masculino que tem um anel de ouro com veste brilhante, mas, também, se entrar um pobre com veste comum.

2:3 ἐπιβλέψετε δὲ ἐπὶ τὸν φοροῦντα τὴν ἐσθήτα τὴν λαμπρὰν καὶ εἴπητε, Σὺ κάθου ὧδε καλῶς, καὶ τῷ πτωχῷ εἴπητε, Σὺ στήθι ἐκεῖ ἢ κάθου ὑπὸ τὸ ὑποπόδιόν μου,

2:3 Se vós lançardes o olhar sobre o que traz a veste brilhante e disserdes : senta tu/inicia o ato de sentar aqui/deste modo bem e se ao pobre disserdes: coloca-te de pé ali ou senta/inicia o ato de sentar abaixo do lugar de colocar o meu pé/meu escabelo.

2:4 οὐ διεκρίθητε ἐν ἑαυτοῖς καὶ ἐγένεσθε κριταὶ διαλογισμῶν πονηρῶν;

2:4 Não fizestes discriminações/juízos atravessados entre vós mesmos e não vos tornastes juizes raciocinando/calculando maldosamente?

2:5 Ἀκούσατε, ἀδελφοί μου ἀγαπητοί· οὐχ ὁ θεὸς ἐξελέξατο τοὺς πτωχοὺς τῷ κόσμῳ πλουσίους ἐν πίστει καὶ κληρονόμους τῆς βασιλείας ἢς ἐπηγγείλατο τοῖς ἀγαπῶσιν αὐτόν;

2:5 Escutai, meus irmãos amados: o deus não escolheu os pobres no mundo, ricos em fé e herdeiros do reino, o qual prometeu aos que o estão amando?

2:6 ὑμεῖς δὲ ἠτιμάσατε τὸν πτωχόν οὐχ οἱ πλούσιοι καταδυναστεύουσιν ὑμῶν καὶ αὐτοὶ ἔλκουσιν ὑμᾶς εἰς κριτήρια;

2:6 Vós desonrastes o pobre. Não (são) os ricos (que) estão oprimindo/tiranizando no meio de vós e também (não são) eles que estão arrastando vocês para dentro dos tribunais?

2:7 οὐκ αὐτοὶ βλασφημοῦσιν τὸ καλὸν ὄνομα τὸ ἐπικληθὲν ἐφ' ὑμᾶς;

2:7 Não (são) eles que blasfemam o bom nome, o que foi invocado sobre vós ?

De acordo com a definição de enunciador/enunciatário no *Dicionário de Semiótica*, de A. J. Greimas e J. Courtés¹⁹⁷, o ato de leitura/escuta é também um ato de linguagem. A leitura aporta significados ou sentidos ao texto/discurso. A leitura é também uma interpretação. Na perícopa 2:1-8, a fala do grupo que já se encontrava dentro da sinagoga foi “lida”, escutada, pelos sujeitos que lá entram.

2:3 ἐπιβλέψατε δὲ ἐπὶ τὸν φοροῦντα τὴν ἐσθῆτα τὴν λαμπρὰν καὶ εἶπητε, Σὺ κάθου ὧδε καλῶς, καὶ τῷ πτωχῷ εἶπητε, Σὺ στῆθι ἐκεῖ ἢ κάθου ὑπὸ τὸ ὑποπόδιόν μου,

2:3 Se vós lançardes o olhar sobre o que traz a veste brilhante e disserdes : senta tu/inicia o ato de sentar aqui/deste modo bem e se ao pobre disserdes: coloca-te de pé ali ou senta/inicia o ato de sentar abaixo do lugar de colocar o meu pé/meu escabelo.

O enunciador/interlocutor instituído pela enunciação é o que diz ao rico: “tu senta/inicia o ato de sentar deste modo/aqui bem” e, ao mesmo tempo, diz ao pobre: “coloca-te de pé ali ou vai sentar/inicia o ato de sentar/senta sob meu escabelo”. Os enunciatários/interlocutários actorializados pelas figuras do rico e do pobre participam da criação de efeito de sentido ao lerem – escutarem - o enunciado.

Como se poderia identificar essa participação, essa contribuição para criação de um significado à fala do enunciador/interlocutor?

Creemos que não é difícil fazê-lo. O que se constata é que tanto o pobre como o “homem com aparência de rico” e que escuta a recomendação dos membros que os recebem na sinagoga admitem um valor pressuposto e subentendido. Esse valor está subentendido na enunciação do grupo. Os interlocutores, independentemente de sua condição, ou melhor, pela sua própria condição social, pressupõem que os membros da sinagoga estão agindo de acordo com normas sociais vigentes, quais sejam: o rico tem o direito de sentar em um lugar melhor, presumivelmente mais ALTO, e o pobre em um lugar topologicamente mais BAIXO, inferior.

¹⁹⁷ GREIMAS e COURTÉS, p. 150.

Nesse simples gesto reflete-se a posição de cada um na sociedade como um todo, já o que fica subentendido é que ambos – tanto o rico como o pobre - aceitam essa diferença de posições e possivelmente concordarão em sentar-se ou ficar nos lugares que lhes são designados. Esse subentendido esclarece a recomendação do enunciador/destinador da Epístola que é feita no vers. 1:9. Essa recomendação no enunciado englobante se opõe a essa aceitação da diferença que, como vimos, é tanto aceita pela sociedade como um todo como por cada indivíduo em particular. O vers. 1:9 diz o seguinte:

1:9 Καυχάσθω δὲ ὁ ἀδελφὸς ὁ ταπεινὸς ἐν τῷ ὕψει αὐτοῦ, 1:10 ὁ δὲ πλούσιος ἐν τῇ ταπεινώσει αὐτοῦ, ὅτι ὡς ἄνθος χόρτου παρελεύσεται. 1:11 ἀνέτειλεν γὰρ ὁ ἥλιος σὺν τῷ καύσῳ καὶ ἐξήρανε τὸν χόρτον καὶ τὸ ἄνθος αὐτοῦ ἐξέπεσεν καὶ ἡ εὐπρέπεια τοῦ προσώπου αὐτοῦ ἀπώλετο· οὕτως καὶ ὁ πλούσιος ἐν ταῖς πορείαις αὐτοῦ μαραινθήσεται.

1:9 Mas, diga ao irmão, o humilde /pobre, que ele que comece a se vangloriar/a se exaltar, em/com a altura/nível dele. 1:10 Mas ao rico, diga a ele que (comece a se vangloriar/exaltar) na sua humilhação, porque irá embora/cairá/passará como a flor da erva.

1:11 Pois, o sol atingiu o seu ponto máximo/o seu pico/a sua meta tendo ao lado o vento escaldante/abrasador e secou a erva e a sua flor caiu e a beleza da aparência dela morreu/desapareceu. Assim também o rico em seus negócios/nas suas andanças será murcho.

Aparentemente o vers. 1:9 está completamente deslocado do contexto de 2:1-8 onde ocorre a cena ambientada na sinagoga. Dificilmente o vers. : 1:9 poderia ser relacionado com aquela cena. Da mesma forma, o vers. 1:9 pode até parecer estar deslocado do seu próprio contexto imediato. No entanto, como vimos acima, não era só no âmbito social e na ideologia de cada indivíduo que a discriminação estava presente. Tiago mostrou que, também no âmbito do grupo religioso das doze tribos na dispersão, havia essa discriminação, pois ambientou a cena dentro do espaço religioso destinado às reuniões do grupo. O que se constata é que tanto o vers. 1:9 como o vers. 2:4 fazem parte da “colocação sobre a mesa” dos novos valores religiosos e sociais, os quais as exortações do orador e as figuras por ele utilizadas justificam. São, portanto, novos valores e novas sabedorias que também argumentativamente estão sendo negociados.

Voltando ao vers. 1:9, o que se constata é que ele aparece num contexto em que o tema que está sendo desenvolvido é o tema da sabedoria. E, a recomendação de 1:9-10 é

apresentada como uma sabedoria. É uma nova sabedoria e um novo valor que vai servir de suporte e contraponto com a “antiga” sabedoria ou valor que se mostra na cena de 2:1-8. Tanto é uma sabedoria e um novo valor que o enunciado que vem a seguir, introduzido abruptamente, é todo ele construído em forma proverbial. Todo ele é escrito usando temas verbais no aspecto aoristo pontual, cuja forma é a escolhida pelos oradores gregos para expressar máximas, as quais se aplicam a qualquer tempo e se constituem em dísticos de sabedoria.

Vale a pena insistir na reflexão sobre a relação ente 1:9-10 com 2:1-8 e os valores e sabedorias pressupostos e subentendidos no discurso de Tiago. Quando o membro da sinagoga escolhe assentos diferentes para o rico e para o pobre, e estes últimos aceitam esses lugares, é sinal de que há um acordo e uma norma, ou sabedoria. Esse acordo é comum ao grupo, mesmo na vida religiosa das doze tribos na dispersão, auditório da Epístola. Já, quando enunciador/destinador/Tiago da Epístola faz uma recomendação nos vers. 1:9–10, ele está assinalando, apresentando e propondo um novo valor - uma nova norma, uma nova sabedoria - que está sendo trazido pelo grupo organizado em torno dos sujeitos: θεοῦ καὶ κυρίου Ἰησοῦ Χριστοῦ, do vers. 1:1. Um novo valor que o orador propõe que seja assimilado e aceito por cada um individualmente - vers. 1:9. O orador está recomendando que, da mesma forma que tanto o rico como o pobre aceitavam a discriminação feita pelos membros da sinagoga, de agora em diante tanto o rico como o pobre aceitem a nova ordem. Ordem no sentido de organização social, ordem esta que é contrária àquela anteriormente aceita.

Para o leitor/analista do discurso, é proveitoso buscar na isotopia temática sabedoria, valores religiosos novos, valores religiosos antigos uma razão pela qual o enunciado de 1:9-10 vem muito antes do enunciado de 2:1-8. Provavelmente, essa disposição textual dos enunciados referidos está em função de uma ordem na argumentação. E a ordem escolhida por Tiago, embora possa não ser a mais lógica, prioriza para ser apresentado primeiro aquele valor que é considerado o mais importante, ou seja, aquele que Tiago propõe e que será o vigente daí em diante. Este é

um campo extraordinariamente interessante que é abordado pelo TA e que se refere à ordem dos argumentos.¹⁹⁸

Toda a referência que fizemos acima aos pressupostos e subentendidos tem como objetivo justamente consolidar nossa tese de que o texto de Tiago é argumentativo, particularmente em razão das pressuposições de valores, opiniões e crenças aceitas pelo auditório de Tiago e que estão objetivadas/concretizadas na cena da sinagoga. A construção da argumentação do orador se mostra, também, na ordem em que os argumentos aparecem na Epístola.

FIGURAS E TEMAS

Através de uma figura nós nos lembramos de qualquer coisa de conhecido. E isto nos leva à cultura.¹⁹⁹

PERÍCOPE 1:5-8 - PN DO PRIMEIRO ATOR

TEMPO

No Percorso Narrativo que coloca o sujeito em busca do valor modal do *saber*, a categoria do tempo remete ao presente. A presentificação é dada pelo uso do aspecto contínuo, aspecto infectum, dos temas verbais *λείπεται* “está em falta” e *αἰτείτω* “busque ele, comece a buscar ele”.

No entanto, as sanções, ao final do PN, são marcadas com a utilização do tempo futuro. O futuro construído no sistema da língua grega com o tema verbal do aspecto pontual/aoristo. As sanções marcados no aspecto verbal aoristo aparecem nos vers. : 1:5

¹⁹⁸ TA, p. 555ss.

¹⁹⁹ Anotações de disciplina.

καὶ δοθήσεται αὐτῷ “e ser-lhe-á dada.” e 1:7 ὅτι λήμψεταιί τι παρὰ τοῦ κυρίου “que receberá algo da parte do senhor”.

As sanções estão marcadas:

- No contínuo ou incoativo 1:7 μὴ γὰρ οἰέσθω ὁ ἄνθρωπος ἐκεῖνος “diga a ele - aquele ser humano/o ser humano aquele - que não pense/não comece a pensar /não continue pensando”.²⁰⁰
- No estado acabado: ἕοικεν “parece”.
- No contínuo ou simultaneidade, vinculando-se a uma narrativa, simulacro de uma ação que se está realizando ἀνεμιζομένῳ καὶ ῥιπιζομένῳ. “aquele(a) que está sendo soprado(a) e empurrado(a) pelo vento”.
- No simulacro de estado, frase sem verbo, quase que uma máxima proverbial: 1:8 ἀνὴρ δίψυχος, ἀκατάστατος ἐν πάσαις ταῖς ὁδοῖς αὐτοῦ “Um homem masculino de mente dupla, inconstante/instável/desposicionado em todos os caminhos dele”.²⁰¹

ATOR

No espaço do ὁδός “caminho”, o sujeito τις “alguém” está em relação com outro sujeito: τοῦ διδόντος θεοῦ “o deus doante”. A relação se estabelece pelo ato de “buscar” αἰτέω, conforme vers. 1:15. Observar que a marca textual ὑμῶν, no vers. 1:5 : Εἰ δέ τις ὑμῶν “se alguém dentre vós”, indica que o sujeito com falta de sabedoria está dentro de um grupo, isto é, ocupa um lugar dentro de um espaço criado pela figura do grupo. Esse grupo anteriormente foi figurativizado no vers. 1:1 como ταῖς δώδεκα φυλαῖς ταῖς ἐν τῇ διασπορᾷ “para as doze tribos, aquelas na diáspora”. Mais tarde, o espaço ocupado pelo grupo vai ser concretizado como a sinagoga, cf. vers. 2:2: ἐὰν γὰρ εἰσέλθῃ εἰς συναγωγὴν ὑμῶν “se entrar para dentro da sinagoga de vós”.

²⁰⁰ Observar que o ator é referenciado com a figura “o ser humano aquele”, ὁ ἄνθρωπος ἐκεῖνος.

²⁰¹ É neste momento que aparece a figura do ὁδός, caminho. Além disto, o ator continua a ser discursivizado e (des)construído, desta vez com outra figura: a do ἀνὴρ, “um homem masculino”.

Nessa perícopie, há uma gradação na referência ao sujeito/ator do percurso. Ele se transforma em um ser genérico, pois, com o nome que lhe é dado pelo particípio substantivado ὁ γὰρ διακρινόμενος “aquele que busca fazendo julgamentos atravessados”, é considerado como uma classe, um tipo de sujeito/ator. No mesmo vers. 1:6, o ator continua a ser – aquele que está com falta de sabedoria, aquele que está dentro de um grupo, e ele é “aquele que busca fazendo julgamentos atravessados”.

No entanto, a metáfora ἔοικεν κλύδωνι θαλάσσης ἀνεμιζομένῳ καὶ ῥιπιζομένῳ “ele parece uma onda do mar estando sendo agitada/empurrada e soprada pelo vento” joga o ator que está buscando com para o espaço exterior do mundo da natureza.

A analogia transforma este sujeito/ator, parecendo ser um fenômeno natural κλύδωνι θαλάσσης “uma onda do mar”. Com este recurso metafórico, o mundo natural, a água/o mar, que figurativiza o ator individual, é trazido para dentro do grupo. Afinal, o sujeito/ator metaforizado como “água” é membro do grupo conforme vers. 1:5 Εἰ δέ τις ὑμῶν λείπεται σοφίας “E se, dentre vós, alguém está precisando/precendo/faltante de sabedoria”.

Esta textualização/discursivização talvez seja importante. Ela tem como objetivo relacionar o mundo natural com o mundo cultural/religioso figurado pelo espaço onde o grupo se reúne, a sinagoga.

Até aqui tentamos observar nesta pequena narrativa certos procedimentos da discursivização das três categorias: espaço-tempo-ator. O que constatamos é que o espaço do grupo, um espaço fechado, a sinagoga, um espaço cultural/social/religioso, foi relacionado com o espaço aberto do mar, do mundo da natureza. Quem traz para dentro do espaço fechado - grupo/sinagoga - o espaço aberto da natureza - água/mar agitado - é um sujeito/ator que faz parte do grupo.

O orador do discurso englobante, utilizando-se da figura do ator/sujeito, introduz, com a figura da natureza ,o mar arrastado e soprado, para dentro da sinagoga,

um sub-tema: a instabilidade, que faz parte do tema maior da *ordem*. No vers. 2:1, também no espaço fechado do grupo/sinagoga entram sujeitos/atores que vêm do exterior. Desta vez, estes atores investidos de valores do mundo cultural.

ESPAÇO

Em Tiago, a figura espacial do ὁδός “caminho” faz parte do Percurso Narrativo que coloca o sujeito em busca do valor modal do *saber*. A figura espacial está em relação ao valor modal logo no início da Epístola, na perícopa 1:5-8.

1:5 Εἰ δέ τις ὑμῶν λείπεται σοφίας, αἰτείτω παρὰ τοῦ διδόντος θεοῦ πᾶσιν ἀπλῶς καὶ μὴ ὀνειδίζοντος καὶ δοθήσεται αὐτῷ.

1:5 E se, dentre vós, alguém está precisando/carecendo/ faltante de sabedoria, que ele busque/que ele entre no ato de buscar, da parte do Deus doante/que está doando a todos, simplesmente, e que não censura /não está agredindo e ser-lhe-á dada.

1:6 αἰτείτω δὲ ἐν πίστει μηδὲν διακρινόμενος ὁ γὰρ διακρινόμενος ἕοικεν κλύδωνι θαλάσσης ἀνεμιζομένῳ καὶ ῥιπιζομένῳ.

1:6 Que ele busque/entre no ato de buscar com fé, e não fazendo julgamentos atravessados/considerações/discriminações, pois o que está fazendo julgamentosatravessados/ considerações/ discriminações parece uma onda do mar, que está sendo agitada/empurrada e soprada pelo vento.

1:7 μὴ γὰρ οἰέσθω ὁ ἄνθρωπος ἐκεῖνος ὅτι λήμψεται τι παρὰ τοῦ κυρίου

1:7 Pois, diga a ele - aquele ser humano/o ser humano aquele - que não pense/não comece a pensar /não continue pensando, que receberá algo da parte do Senhor.

No vers. 1:8, a palavra ὁδοῖς “caminhos” está no plural, assim, supõe-se que há outros caminhos de busca da sabedoria. Na perícopa 1:5-8, consideramos que o texto/discurso de Tiago é um texto destinado àqueles que buscam a sabedoria, e que esta busca de sabedoria é figurativizada como: a colocação de um sujeito em um caminho, onde a sabedoria vai ser buscada; ou no percurso no qual a sabedoria vai ser buscada; ou a própria colocação em marcha num caminho é condição e/ou próprio encontro com a sabedoria. A figura do ὁδός “caminho” está dentro da categoria do espaço. Isto faz lembrar que a primeira condição para que se adquira uma sabedoria é que um sujeito ocupe um espaço.

RELAÇÕES: ESPAÇO FECHADO vs. ESPAÇO ABERTO

A introdução dos atores no discurso da cenografia do espaço fechado da sinagoga tem estreita relação com a (des)construção da identidade do ator *ὁ γὰρ διακρινόμενος* “o que está fazendo juízos atravessados”, no vers. 1:6. Tentaremos expor claramente nossa idéia.

O espaço aberto do mundo natural (a água/a onda do mar) e o espaço aberto do mundo cultural, (o homem com vestes brilhantes e cheio de anéis e o (homem) pobre em comum (simples) veste, são figuras postas em relação na cenografia que se desenrola no espaço fechado do grupo/sinagoga. Pode-se até constatar uma hierarquia: é a introdução do espaço aberto do mundo cultural que provoca o surgimento da figura do espaço aberto do mundo natural. E os dois operam e investem na figura daquele que fala, ou seja: aquele que recebe o rico e pobre na sinagoga exalta o rico e discrimina o pobre.

A relação com a (des)construção da identidade do ator *ὁ γὰρ διακρινόμενος* “o que está fazendo juízos atravessados”, do vers. 1:6, com a cenografia, vai ser textualizada pela marca *διεκρίθητε* que finaliza a narrativa no vers. 2:4: *οὐ διεκρίθητε ἐν ἑαυτοῖς καὶ ἐγένεσθε κριταὶ διαλογισμῶν πονηρῶν*; “não fizestes juízos atravessados, discriminastes entre vós mesmos e vos tornastes juízes de cálculos maldosos?”.

É digno de nota, como já havíamos assinalado nesta tese, que tanto *διακρινόμενος*, no vers. 1:5-6, como *διεκρίθητε*, no vers. 2:4, têm marcados na morfologia mesmo tema/raiz *διακρ-*”. Isso pode nos levar a pensar e é uma pista para considerarmos que, na Epístola de Tiago, o fazer juízos atravessados *διακρίνωειν* está mais vinculado à discriminação de pessoas do que à “dúvida”, como historicamente é traduzido o particípio *διακρινόμενος* por “duvidando”²⁰².

²⁰² Cf. Tradução da ARA, 1:6 Peça-a, porém, com fé, em nada **duvidando**; pois **o que duvida** é semelhante à onda do mar, impelida e agitada pelo vento.

No que se refere ao tema da instabilidade e da ordem, poderíamos considerar que a entrada do homem rico é que desestabiliza a ordem dentro do grupo, dentro da sinagoga. A ordem - uma figura que aparece lá no início, no vers. 1:6 - é, por sua vez, para ser mantida pela fé na oposição *ἐν πίστει versus ἐν διακρινόμενος*.

1:6 αἰτείτω δὲ ἐν πίστει μηδὲν διακρινόμενος ὁ γὰρ διακρινόμενος ἕοικεν κλύδωνι θαλάσσης ἀνεμιζομένῳ καὶ ῥιπιζομένῳ.

1:6 Que ele busque/entre no ato de buscar com fé, e não fazendo julgamentos atravessados/ considerações/discriminações, pois o que está fazendo julgamentos atravessados/ considerações/ discriminações parece uma onda do mar, que está sendo agitada/empurrada e soprada pelo vento.

No intertexto, vers. 1:4, encontraremos uma outra marca que auxilia no estabelecimento da configuração discursiva que se utiliza do mundo natural. Naquele versículo, o orador introduz também fatos da natureza, que auxiliarão na (des)construção da identidade do ser humano e do grupo, o auditório da Epístola. Desta vez, não é a natureza exterior da água, do ar, do fogo, etc., que é evocada ou usada como figura. No vers. 1:14, é a natureza interior do ser humano com suas paixões que é discursivizada:

1:14 ἕκαστος δὲ πειράζεται ὑπὸ τῆς ἰδίας ἐπιθυμίας ἐξελκόμενος καὶ δελεαζόμενος·

1:14 Mas cada um é/está sendo envolvido/provado/tentado pela própria ambição/cobiça. Estando sendo arrastado /tirado, pescado e sendo iscado/seduzido.

As condições humanas naturais aparecem no momento em que a sua própria ambição/cobiça τῆς ἰδίας ἐπιθυμίας se manifesta. As condições dentro do corpo do ser humano remetem à confusão, caos πειρασμοῖς “envolvimentos/tentações” e vers. 4:1 “lutas e disputas” πόλεμοι καὶ μάχαι, que ocorrem grupo. Elas não funcionar como oponentes no percurso narrativo do sujeito que está no caminho.

Sendo condições naturais, elas são condições não só aceitas como também indispensáveis para atingir um objetivo. Esse objetivo aparece na discursivização do destinatário transformado como τέλειοι καὶ ὀλόκληροι ἐν μηδενὶ λειπόμενοι

“atingidores da meta, herdeiros completos, em nada faltantes”. Essa nova condição, apontada como fim do percurso, também no intertexto, encontra-se no vers. 1:4.

Mas tudo se passa no nível do discurso. Não estamos falando em nenhum momento das condições de realidade do mundo exteriores ao discurso. O mundo natural e o mundo cultural de que falamos está circunscrito ao texto/discurso de Tiago. O intertexto, que assinalamos acima, remete a campos semânticos da instabilidade, da desordem, das lutas e guerras e, por extensão, num grau máximo ao caos. Constatamos que estes campos semânticos estão sendo introduzidos discursivamente para fazer surgir o campo semântico da ordem. E é na leitura do texto/discurso que vamos observar um fato interessante: A ÁGUA QUE TRAZ O FOGO.

Quando levantamos anteriormente a hipótese de que

o espaço aberto do mundo natural (a onda do mar), e o espaço aberto do mundo cultural - (o homem com vestes brilhantes e cheio de anéis e o (homem) pobre em comum (suja, simples) veste), - são figuras postas em relação na cenografia que se desenrola no espaço fechado da sinagoga,

criamos a possibilidade de fazer uma leitura em que a figura da água pudesse ser considerada como um dado figurativo importante. Essa figura funcionaria como mediadora da oposição ordem/desordem; estabilidade/instabilidade; guerra/paz.

Há a possibilidade de inserirmos a função da figura da água como pista para a busca de um significado/sentido da Epístola como um todo. Poderíamos interpretar que, ao introduzir a figura da água, o orador, eventualmente, está inserindo seu discurso na intertextualidade mítica bíblica, na qual a água tanto figurativiza o caos como a criação.

Aqui precisamos considerar e separar os efeitos de realidade: o efeito de realidade das condições naturais humanas 1:14 e 4:1 como remetendo ao caos, e o efeito de realidade do próprio discurso como remetendo a ordem. Quem traz a ordem é o discurso englobante, é a enunciação do orador da Epístola. A comparação com o

simbolismo mítico da água tanto como figura do caos como figura da criação pode ser pertinente. Primeiro: o caos > água agitada> o próprio destinatário, dentro da sinagoga como um ser humano de juízos atravessados > figurativizado como o mar agitado. No interior do grupo, considerado como o sujeito/ator, se debatem sujeitos criando uma condição, eles são figurativizados como “uma onda do mar”.

O ator é mais de um sujeito, porque naquela condição ele tem, de acordo com o intertexto, duas “mentes”: 1:8 ἀνὴρ δίψυχος, ἀκατάστατος ἐν πάσαις ταῖς ὁδοῖς αὐτοῦ. “Um homem masculino de mente dupla, inconstante/instável/desposicionado em todos os caminhos dele”.

Quando a figura da água é introduzida pela enunciação para fazer referência ao sujeito em desordem, no mesmo momento o enunciado é evocado não com a figura da água. Na enunciação englobante, que traz a sabedoria de Deus, o sujeito/ator destinatário da Epístola é figurativizado como água, mas o enunciado proferido pelo ator é figurativizado como fogo. No enunciado englobante a língua, ato da fala, é considerada como fogo.

A água, na Epístola, é figura que suporta um campo analógico no tema da ordem/desordem: **Primeiro**, a desordem. A inconstância, a saída de um percurso/processo que não vai criar nem gerar um objeto, mas sim vai assinalar discursivamente a ausência dele. A figura que é utilizada é a da morte: “1:15 E o pecado tendo ocorrido/sido completado gera morte”. Essa primeira analogia está criando uma referência para o ator/sujeito.

Segundo, a ordem. O discurso englobante traz a água, na figura da fonte, com o campo analógico da constância, permanência, num percurso, processo, que segue uma lei natural que faz nascer e/ou criar sempre um mesmo tipo de água. O vers. 3:12 estabelece uma relação entre a água criada pela fonte com o tema da ordem que existe na natureza. Esta segunda analogia está criando uma referência para os atos da fala.

3:12 μὴ δύναται, ἀδελφοί μου, συκῆ ἐλαίας ποιῆσαι ἢ ἄμπελος σῦκα; οὔτε ἄλυκόν γλυκὸν ποιῆσαι ὕδωρ.

3:12 Meus irmãos, não pode uma figueira produzir olivas ou uma perreira de uvas (produzir) figos, nem fonte salgada produzir uma água doce.

A ordem e a desordem trazidas pela figura da água aparecem objetivizadas textual/narrativa/ e discursivamente, quando são apontadas ações concretas do ator/sujeito, o destinatário da Epístola. As ações podem ser tanto ações verbais, os atos da fala, enunciações, como ações não verbais: discriminação de pessoas, entesouramento, comércio etc.

PERÍCOPE 1:5-8 - PERCURSO NARRATIVO DO SEGUNDO ATOR

CATEGORIAS DO SUJEITO/ ESPAÇO/ TEMPO

Os percursos narrativos dos sujeitos/atores, o Grupo dos destinatários da epístola e Deus estão relacionados. Assim como fizemos anteriormente para o primeiro ator, vamos a seguir refletir sobre as categorias do sujeito, do espaço e do tempo, no percurso do segundo ator, da perícopa 1:5-8 :”o Deus doante/que está doando” τοῦ διδόντος θεοῦ.

ESPAÇO

É indicada uma separação espacial entre aquele, representando o grupo, que tem falta de sabedoria e o deus doante. Essa separação é indicada pela preposição παρά “da parte de” e pelo genitivo separativo τοῦ διδόντος θεοῦ. Mais tarde o espaço do segundo ator vai ser figurativizado e objetivizado, como do ALTO ἄνωθεν:

1:17 πᾶσα δόσις ἀγαθὴ καὶ πᾶν δῶρημα τέλειον ἄνωθεν ἐστὶν καταβαῖνον ἀπὸ τοῦ πατρὸς τῶν φώτων, παρ’ ᾧ οὐκ ἔστι παραλλαγὴ ἢ τροπῆς ἀποσκίασμα.

1:17 Todo doação boa e todo presente dado completo/com objetivo/com meta está descendo do alto, do pai das luzes; junto ao qual não existem mudanças/sombras ou de volta/lugar de mudança.

SUJEITO

O percurso figurativo que constrói a identidade do Sujeito/Ator como τοῦ δίδόντος θεοῦ “o deus que está doando, o doante” utiliza uma outra figura. Ele é anaforizado no vers. 1:17 como τοῦ πατρὸς τῶν φώτων “o pai das luzes”. Essa figura do vers. 1:17 retoma a idéia de que Deus é o “deus doante” tal como foi nomeado no vers. 1:5. A idéia é retomada pelas figuras do “presente dado” δῶρημα da “doação” δόσις. Os termos têm o mesmo radical grego δο-/δω-.

Uma outra marca textual comum entre os vers. 1:5 e 1:17 é a preposição ἀπὸ, que contrapõe a marca espacial da preposição παρά. É como se a busca, narrativizada em 1:5 com a preposição παρά, tivesse a sua resposta narrativizada em 1:17, com a preposição ἀπὸ. Mas o sujeito/ator nos seus percursos narrativos é discursivizado de várias maneiras: em 1:5 como “Deus doante/que está doando” τοῦ δίδόντος θεοῦ; em 1:7 como “o Senhor” τοῦ κυρίου; em 1:17 como τοῦ πατρὸς τῶν φώτων “o pai das luzes”; Como no vers. 1:1, o Senhor está vinculado a Jesus Cristo Ἰησοῦ Χριστοῦ, esta última designação também pertence ao segundo sujeito/ator da perícopa 1:5-8, que estamos lendo/analizando.

TEMPO

O tempo de um atributo essencial deste segundo ator é marcado também como presente. Esse efeito de realidade/presença é trazido pelo aspecto verbal Infectum/contínuo. O aspecto infectum está marcado nos dois participios que constroem uma ligação de coexistência argumentativa. A ligação se mantém por uma ação que o sujeito Deus está realizando. Os dois adjetivos participiais trazem esta idéia: τοῦ δίδόντος e μὴ ὀνειδίζοντος. A ação está se realizando e é observada do ponto de vista interno: não está sendo assinalado o tempo histórico exterior. Mais tarde, no vers. 1:17, vai ser agregado outro atributo essencial no percurso figurativo de construção de

identidade deste mesmo ator Deus/Senhor/Jesus Cristo/Pai das Luzes. No vers. 1:17, lhe é atribuído um tempo acabado, um estado: verbo ἔστι “existe”.

VIDA/MORTE

Há dois tipos de PNs que perpassam todo o enunciado/texto/discurso de Tiago: um em que há uma aquisição de objetos por doação e outro em que há a aquisição de objetos por apropriação. Os que têm a aquisição de objetos por doação estão relacionados com o PN de Deus. Ao destinatário é recomendado também que participe de um PN em que apareça como doador – vers. 2:16.

2:15 ἐὰν ἀδελφὸς ἢ ἀδελφὴ γυμνοὶ ὑπάρχωσιν καὶ λειπόμενοι τῆς ἡμέρας τροφῆς

2:15 Se um irmão ou uma irmã permanecerem nus e faltantes/carentes do pão cotidiano.

2:16 εἶπη δὲ τις αὐτοῖς ἐξ ὑμῶν, ὑπάγετε ἐν εἰρήνῃ, θερμαίνεσθε καὶ χορτάζεσθε, μὴ δώτε δὲ αὐτοῖς τὰ ἐπιτήδεια τοῦ σώματος, τί τὸ ὄφελος;

2:16 Mas (se) alguém dentre vós disser para eles: “Ide em paz, aquecivovos/começai a vos aquecer e começai a vos alimentar”, mas se não derdes para eles o necessário, as coisas próprias/oportunas do corpo, qual a utilidade?

Os que têm a aquisição de objetos por apropriação estão relacionados com o PN dos ricos. Na Epístola é afirmado que o rico rouba, é a aquisição de objetos por apropriação.

5:4 ἰδοὺ ὁ μισθὸς τῶν ἐργατῶν τῶν ἀμυσάντων τὰς χώρας ὑμῶν ὁ ἀπεστερημένος ἀφ’ ὑμῶν κράζει, καὶ αἱ βοαὶ τῶν θερισάντων εἰς τὰ ὦτα κυρίου Σαβαώθ εἰσεληλύθασιν.

5:4 Eis que o salário dos trabalhadores, dos que tendo ceifado vossos campos, o fraudado por vós está clamando! E, os gritos dos que tendo passado o verão chegaram/acabaram de chegar aos ouvidos do senhor Sabahot;

As duas transformações fazem parte de duas narrativas: a narrativa de doação, que leva à vida, no percurso de Deus/Senhor. Nessa narrativa ocorre uma transformação que culmina com uma criação. O grupo e seus membros se transformam, o membro do grupo é criado, gerado, como uma tipo de primícia – um primeiro fruto – das criaturas dele. Entra aqui a multiplicação, na figura do fruto. A doação, no PN de Deus, está na

ordem daquelas aquisições que não privam o doador de nada. O doador Deus permanece com o *poder*, o *querer* e o *saber* criar outras criaturas. No discurso de Tiago, o “nós” inclusivo, destinatário e destinador, são os primeiros frutos. Virão mais.

A narrativa da aquisição por apropriação leva à morte. Leva à morte no discurso daquele que se apropria – o rico –, pois sua transformação/sanção, no final no capítulo cinco, é morte. E a discursivização da sanção/transformação é feita de modo a mostrar que a morte é irreversível, já que discursivizadas nos aspectos verbais Perfectum/acabado, nas figuras da ferrugem, do corpo comido, etc. A mesma narrativa também leva à morte, no discurso, daqueles que valorizam os valores que o rico valoriza, pois aquele que dá valor aos valores do rico comete o διακρίνειν “fazer juízos atravessados/discriminar” e a προσωπολημπτέιν “distinguir pessoas”. Todos os dois no cotexto estão relacionados com ἡ ἐπιθυμία “a ambição”, essas última conduzindo à morte, cf. vers. 1:14.

As duas referências lexicais à figura da morte, em Tiago, aparecem nos vers. 1:15 e 5:20. O vers. 5:20 é significativamente o último versículo da Epístola. É marcante que as duas ocorrências da figura da morte estejam num cotexto em que aparecem as figuras do pecado ἀμαρτία “errar o alvo, a meta” e da errância, vagância, cf. “vagar” πλανάω. A ocorrência das figuras nos leva a deduzir que nos PNs em que há um estado de errância, vagância, o objeto ou a sanção a ser atribuído ao sujeito será a morte. No discurso de Tiago, o que temos é uma tentativa do orador em reverter o estado da morte para o estado de vida, utilizando-se de uma intervenção enunciativo-argumentativa, trazida pela Epístola.

No vers. 5:20, último versículo da Epístola, a relação entre as figuras da errância/vagância e da morte é explícita, e elas fazem parte de uma argumentação de causa e efeito. Parodiando o vers. 5:20: “o que retorna o pecador de seu caminho errante restaurará a sua mente da morte”.

5:19 Ἀδελφοί μου, ἐάν τις ἐν ὑμῖν πλανηθῆ ἀπὸ τῆς ἀληθείας καὶ ἐπιστρέψῃ τις αὐτόν,

5:19 Meus irmãos se alguém em vós vaguear/se desviar da verdade e se alguém se voltar em sua direção.

5:20 γνωσκέτω ὅτι ὁ ἐπιστρέψας ἀμαρτωλὸν ἐκ πλάνης ὁδοῦ αὐτοῦ σώσει ψυχὴν αὐτοῦ ἐκ θανάτου καὶ Καλύψει πλῆθος ἀμαρτιῶν.

5:20 Diga a ele que comece a tomar conhecimento de que: o que se volta para/em direção ao pecador do caminho errante dele, ele salvará a alma/a mente dele da morte e esconderá uma multidão de pecados/não atingimento de metas.

Já no cotexto dos vers. 1:14-16, a relação de causa e efeito é entre o pecado ἀμαρτία “errar o alvo, a meta” e a morte. A figura da errância naquele cotexto aparece na progressão textual e aparentemente é um dos momentos do discurso em que o orador muda de um tema para outro, sem que faça uma conexão lingüística marcada.

No entanto, se considerarmos o discurso como um todo e estabelecermos as relações pecado-morte-errância que estão bem explícitas no vers. 5:20, podemos considerar que a questão da errância, no vers. 5:20, está em relação direta com a questão do pecado/morte ἀμαρτία “errar o alvo, a meta” dos vers. 1:14-15. Parece claro que estas três figuras estão relacionadas com o tema do ὁδός “caminho” nos dois cotextos. No vers. 5:20, a relação é bem explícita: o pecado e a morte estão no sintagma em que aparece a figura do “caminho errante” πλάνης ὁδοῦ.

Nos vers. 1:14-16, a ponte que associa as três figuras: pecado-morte-errância, com a figura do ὁδός “caminho” é dada justamente pela figura da errância, que aparece na exortação Μὴ πλανᾶσθε “não andeis errantes, não continueis a andar errantes”. Embora, na última ocorrência, a figura do caminho não seja marcada pelo termo ὁδός, a própria noção de andar errante pressupõe a presença de um sujeito em movimento, num caminho ou des(en)caminhado.

1:14 ἕκαστος δὲ πειράζεται ὑπὸ τῆς ἰδίας ἐπιθυμίας ἐξελκόμενος καὶ δελεαζόμενος·

1:14 Mas cada um é/está sendo envolvido/provado/tentado pela própria ambição/cobiça. Estando sendo arrastado/tirado, pescado e sendo iscado/seduzido.

1:15 εἴτα ἡ ἐπιθυμία συλλαβοῦσα τίκτει ἀμαρτίαν, ἡ δὲ ἀμαρτία ἀποτελεσθεῖσα ἀποκύει θάνατον.

1:15 A seguir, a ambição tendo sido reunida/agregada/juntada gera um pecado/não atingimento da meta. E o pecado tendo ocorrido/sido completado gera morte.

1:16 Μὴ πλανᾶσθε, ἀδελφοί μου ἀγαπητοί.

1:16 Meus irmãos amados queridos. não continuais sendo errantes/vagantes.

Podemos estender as reflexões acima, assinalando que as figuras da morte bem como a do seu contrário a vida, naqueles cotextos, não aparecem como representações da vida/morte biológicas. Elas são figuras que metaforizam o objeto e a sanção do PN para o qual se dirige o sujeito as doze tribos na dispersão. Se o sujeito do PN consegue se manter no *caminho*, não andando errante e atingindo o seu alvo/meta, ele vai ser sancionado com o contrário da morte, qual seja, a vida. Gerar a vida, nessas condições, significa atingir o estado de um sujeito transformado que adquirirá uma identidade, obter um nome, e poder ser chamado *eu*, quando se assume como sujeito enunciativo.

PN DOS RICOS

Afirmamos que há um PN dos ricos e que esse é evocado quando eles se assumem como sujeitos discursivos, isto é assumem a palavra:enunciam e discursivizam. Esse PN tem um sujeito “os que estão dizendo” οἱ λέγοντες: os ricos. O objetivo deste sujeito é produzir, comerciar, lucrar.

4:13 Ἔγε νῦν οἱ λέγοντες, Σήμερον ἢ αὔριον πορευσόμεθα εἰς τήνδε τὴν πόλιν καὶ ποιήσομεν ἐκεῖ ἐνιαυτὸν καὶ ἐμπορευσόμεθα καὶ κερδήσομεν·

4:13 Agora, vamos! Os que estão dizendo/os falantes: hoje ou amanhã nós iremos para dentro daquela cidade e faremos/produziremos lá por um ano/um tempo e comerciaremos e lucraremos.

Os ricos querem ser sujeitos do fazer. Mas não é previsto para eles que chegarão a uma transformação, pois seu estado de ricos é um acidente. O que é mais essencial, nos ricos, de acordo com o orador, é seu estado de seres humanos em geral, filhos de Abraão, membros das doze tribos na dispersão. Além disto, há um PN de um outro sujeito, o Senhor, que condiciona o PN dos ricos, como abaixo:

4:15 ἀντὶ τοῦ λέγειν ὑμᾶς ἂν ὁ κύριος θελήσῃ καὶ ζήσομεν καὶ ποιήσομεν τοῦτο ἢ ἐκεῖνο.

4:15 Ao invés do estar dizendo vós: Se o Senhor quiser também nós viveremos e nós produziremos isto ou aquilo.

O PN dos ricos também é condicionado pelo fato de antes de serem ricos, eles são um “ser humano” ἀνθρωπῶς. Como portadores de uma natureza humana, os ricos pertencem a grupo hierarquicamente dominante, cujo programa narrativo domina o dos outros sub-grupos. Suas condições naturais limitam as condições dos percursos narrativos dos grupos culturalmente criados. Os valores dos grupos culturalmente criados, como o grupo das doze tribos na dispersão, estão na dependência das condições dos valores do grupo de seres humanos como espécie humana, gênero humano.

4:14 οἵτινες οὐκ ἐπίστασθε τὸ τῆς αὔριον ποία ἡ ζωὴ Ὑμῶν· ἀτμίς γάρ ἐστε ἢ πρὸς ὀλίγον φαινομένη, ἔπειτα καὶ Ἀφανιζομένη.

4:14 Sejais quem for (vós), os que não estais sabendo/continuais não sabendo qual a vossa vida, (a) de amanhã. Pois vós sois vapor, (o) que continua estando aparecendo, pouco numeroso/pequeno, depois também começando a (ser) desaparecido.

No PN do subgrupo dos ricos, em que sua natureza humana é assinalada, uma condição humana é marcada: a condição da espécie humana que inclui os oponentes “segurar para si” Φτονος, e a “ambição” Επιτιμίας, “sentimento faccioso” ἐριθεία, “inveja” ζῆλος. O simulacro do PN criado para o subgrupo dos ricos leva em conta o percurso desses oponentes. Primeiramente quando eles foram manipulados e aceitaram a persuasão dos oponentes e aceitaram seus valores: segurar para si φθόνος e ambições εἰθυμίας, que os levaram a ser ricos. Mas o mesmo percurso do ator que é chamado ἀνθρωπος “ser humano” contém outras condições, as quais impedem o sujeito de chegar à sanção, pela riqueza.

São aqueles auxiliares que são evocados como qualidades no discurso englobante: pura, depois pacífica, indulgente, tratável, plena de misericórdia e de bons frutos, imparcial, sem fingimento. Da mesma forma o percurso do ator κύριος “senhor” também pode impedir a realização do PN do subgrupo dos ricos. Portanto, o PN do

subgrupo dos ricos sofre coerções que podem impedir a sua realização. Uma delas é a efemeridade da vida e outra é o *querer* de um outro sujeito: o Senhor e Deus:

4:15 ἀντὶ τοῦ λέγειν ὑμᾶς ἔάν ὁ κύριος θελήσῃ καὶ ζήσομεν καὶ ποιήσομεν τοῦτο ἢ ἐκεῖνο.

4:15 Ao invés do estar dizendo vós: Se o Senhor quiser também nós viveremos e nós produziremos isto ou aquilo.

Estas coerções estão acima da modalização pelo *querer* da proposta de *fazer*, as quais o subgrupo dos ricos propõe para si mesmo. A hierarquia *fazer* > *estado* que cria e faz parte de um Programa Narrativo dos ricos é podada no primeiro enunciado de base, o enunciado do *fazer*. O sujeito no início já sofre um impedimento, o impedimento do *fazer*. Com isso, ele não pode se transformar num sujeito do *fazer* que se desloca, que vive, que produz, que comercializa, que lucra. A transformação de estado não pode ocorrer porque o sujeito está impedido de transformar o estado que faz parte do PN que lhe é hierarquicamente superior, quer dizer, a narrativa da vida orgânica, na qual ele é figurativizado como ἄνθρωπος “ser humano”. Então, a proposta que é discursivizada no enunciado englobante é de um percurso em que não há possibilidade de transformação e, portanto, é uma narrativa que parece, mas não é, pois, se não houver transformação não há narrativa. Tudo fica no nível enunciativo do sujeito subgrupo dos ricos, e ali se esgota. Ele fala, mas não pode realizar aquilo que fala. Tiago vai colocar em relação a aparência (sem valor do rico) com a aparência (com valor) que o texto da lei dá ao ser humano, como espécie/gênero. Ele afirmará por certo que quem foi criado “à imagem e semelhança de Deus” foi o ser humano ὁ ἄνθρωπος) e não o rico ὁ πλουσιος.

UMA DIREÇÃO ENUNCIATIVA PARA O DESTINATÁRIO: SER e VIVER

Os enunciados proferidos pelos destinatários, que são mencionados ou previstos pelo orador no PN englobante, têm como isotopia figurativa global a oposição ser/não ser –morte/vida. Assim, alguns enunciados levam à vida e outros levam à morte:

1:12 Μακάριος ἀνὴρ ὃς ὑπομένει πειρασμόν, ὅτι δόκιμος γενόμενος λήμψεται τὸν στέφανον τῆς ζωῆς ὃν ἐπηγγείλατο τοῖς ἀγαπῶσιν αὐτόν.

1:12 Bem aventurado o homem masculino aquele que permanece em direção ao envolvimento/enredamento/prova, porque tendo se tornado provado, ele

receberá a coroa da vida a que ele prometeu aos que (ao mesmo tempo) o estão amando.

1:15 εἴτα ἡ ἐπιθυμία συλλαβοῦσα τίκτει ἁμαρτίαν, ἡ δὲ ἁμαρτία ἀποτελεσθεῖσα ἀποκίει θάνατον.

1:15 A seguir, a ambição tendo sido reunida/agregada/juntada gera um pecado/não atingimento da meta. E o pecado tendo ocorrido/sido completado gera morte.

5:20 γινωσκέτω ὅτι ὁ ἐπιστρέψας ἁμαρτωλὸν ἐκ πλάνης ὁδοῦ αὐτοῦ σώσει ψυχήν αὐτοῦ ἐκ θανάτου καὶ Καλύψει πλῆθος ἁμαρτιῶν.

5:20 Diga a ele que comece a tomar conhecimento de que: o que se volta para/em direção ao pecador do caminho errante dele, ele salvará a alma/a mente dele da morte e esconderá uma multidão de pecados/não atingimento de metas.

Além dos versículos acima assinalados, a oposição vida/morte também aparece em toda a perícopos dos ricos ligada ao ato de dizer (os falantes), e na perícopos em que a língua é figurativizada como fogo.

UMA DIREÇÃO ENUNCIATIVA PARA O DESTINATÁRIO: NÃO SER e MORRER.

Há um fato muito importante a destacar no discurso de Tiago: a atividade enunciativa da personagem Deus/Senhor que também, num primeiro momento, traz a morte. No enunciado englobante, essa idéia aparece especificamente nas referências à morte dos ricos, com a ilustração que corrobora a regra de que o calor do sol no seu pico (como figura da palavra que atinge a sua meta) destrói a erva e a aparência da flor (como figura da aparência do rico).

1:10 ὁ δὲ πλούσιος ἐν τῇ ταπεινώσει αὐτοῦ, ὅτι ὡς ἄνθος χόρτου παρελεύσεται.

1:10 Mas ao rico, diga a ele que (comece a se vangloriar/exaltar) na sua humilhação, porque irá embora/cairá/passará como a flor da erva.

1:11 ἀνέτειλεν γὰρ ὁ ἥλιος σὺν τῷ καύσωνι καὶ ἐξήρανε τὸν χόρτον καὶ τὸ ἄνθος αὐτοῦ ἐξέπεσεν καὶ ἡ εὐπρέπεια τοῦ προσώπου αὐτοῦ ἀπώλετο· οὕτως καὶ ὁ πλούσιος ἐν ταῖς πορείαις αὐτοῦ μαραινθήσεται.

1:11 Pois, o sol atingiu o seu ponto máximo/o seu pico/a sua meta tendo ao lado o vento escaldante/abrasador e secou a erva e a sua flor

caiu e a beleza da aparência dela morreu/desapareceu. Assim também o rico em seus negócios/nas suas andanças será murcho.

O que está sendo evocado aqui é a admissão pelo auditório, em sua cultura, de que a atividade enunciativa é metaforizada pelo fogo. A expressão desta cultura é ensinada por Candido de Souza²⁰³, conforme abaixo:

A Bíblia tem cerca de um milhão de palavras. Cada letra tem a forma de uma CHAMA, cada sinal, gráfico se eleva como uma LABAREDA. Isto quer dizer que o texto hebraico repete milhões de vezes o episódio da SARÇA ARDENTE e de PENTECOSTES. Para os escritores bíblicos do Antigo e do Novo Testamento **A PALAVRA É FOGO**.



“SHIN”: penúltima letra do alfabeto hebraico. Todas as letras hebraicas têm a forma duma CHAMA. Esta é uma das mais belas. Parece imitar a Sarça, o primeiro templo de deus, um *ESPINHEIRO EM CHAMAS*.

Na progressão textual, Capítulo 05, o orador marca a atividade discursiva vinculada à oposição morte/vida ,

5:5 ἐτρυφήσατε ἐπὶ τῆς γῆς καὶ ἐσπαταλήσατε, ἐθρέψατε τὰς καρδίας ὑμῶν ἐν ἡμέρᾳ σφαγῆς,
5:5 Vivestes no luxo e delícias sobre a terra, nutristes os vossos corações em dia de degola.

Mas, se no caso da personagem “o homem rico” a relação com a morte é irreversível, o enunciado englobante transforma-se, no final da epístola, de discurso/morte em discurso/vida. É o que lemos no último vers. 5:20:

5:20 γινωσκέτω ὅτι ὁ ἐπιστρέψας ἀμαρτωλὸν ἐκ πλάνης ὁδοῦ αὐτοῦ σώσει ψυχὴν αὐτοῦ ἐκ θανάτου καὶ Καλύψει πλῆθος ἀμαρτιῶν.
5:20 Diga a ele que comece a tomar conhecimento de que: o que se volta

²⁰³ SOUZA, Rômulo Cândido de. *Palavra, parábola: uma aventura no mundo da linguagem*. Aparecida: Editora Santuário, 1990, p.130.

para/em direção ao pecador do caminho errante dele, ele salvará a alma/a mente dele da morte e esconderá uma multidão de pecados/não atingimento de metas.

Dessa forma, o enunciado englobante se mantém com uma direção enunciativa e narrativa em direção à *vida*. Os discursos que se interseccionam - do enunciado englobante e do enunciado encaixado, no qual o destinatário assume a palavra – remetem, os dois, a um percurso de sentido que é atualizado na epístola sobre a isotopia espacial do ὁδός “caminho”, uma isotopia que inclui a vida religiosa: 1:26 θρησκὸς “fazedor religioso” e 1:27 θρησκεία “fazer religioso/religião” dentro da vida, tanto orgânica como social. Um caminho, espaço de um PN modal de busca do saber.

DISSOCIAÇÃO DE NOÇÕES

PERÍCOPE 2:1-5

Vamos tentar continuar a refletir sobre a possibilidade de aplicação dos ensinamentos teóricos do TA, que se referem à técnica argumentativa da dissociação de noções. Para isso tomaremos, novamente, como ponto de apoio a perícopes 2:1-5.

2:1 Ἀδελφοί μου, μὴ ἐν προσωπολημψίαις ἔχετε τὴν πίστιν τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ τῆς δόξης.

2:1 Meus irmãos não tendeis/continuais a ter em parcialidade/distinção de pessoas, a fé do nosso senhor Jesus Cristo, da Glória.

2:2 εἰς γὰρ εἰσέλθῃ εἰς συναγωγὴν ὑμῶν ἀνὴρ χρυσοδακτύλιος ἐν ἐσθῆτι λαμπρᾷ, εἰσέλθῃ δὲ καὶ πτωχὸς ἐν ῥυπαρᾷ ἐσθῆτι,

2:2 Se, pois, entrar dentro da sinagoga de vocês um homem masculino que tem um anel de ouro com veste brilhante, mas, também, se entrar um pobre com veste comum.

2:3 ἐπιβλέψατε δὲ ἐπὶ τὸν φοροῦντα τὴν ἐσθῆτα τὴν λαμπρὰν καὶ εἴπητε, Σὺ κάθου ὧδε καλῶς, καὶ τῷ πτωχῷ εἴπητε, Σὺ στήθι ἐκεῖ ἢ κάθου ὑπὸ τὸ ὑποπόδιόν μου,

2:3 Se vós lançardes o olhar sobre o que traz a veste brilhante e disserdes : senta tu/inicia o ato de sentar aqui/deste modo bem e se ao pobre disserdes: coloca-te de pé ali ou senta/inicia o ato de sentar abaixo do lugar de colocar o meu pé/meu escabelo.

2:4 οὐ διεκρίθητε ἐν ἑαυτοῖς καὶ ἐγένεσθε κριταὶ διαλογισμῶν πονηρῶν;

2:4 Não fizestes discriminações/juízos atravessados entre vós mesmos e não vos tornastes juizes raciocinando/calculando maldosamente?

2:5 Ακούσατε, ἀδελφοί μου ἀγαπητοί· οὐχ ὁ θεὸς ἐξελέξατο τοὺς πτωχοὺς τῷ κόσμῳ πλουσίους ἐν πίστει καὶ κληρονόμους τῆς βασιλείας ἧς ἐπηγγείλατο τοῖς ἀγαπῶσιν αὐτόν;

2:5 Escutai, meus irmãos amados: o deus não escolheu os pobres no mundo, ricos em fé e herdeiros do reino, o qual prometeu aos que o estão amando?

O TA ensina:

Com relação ao termo I, o termo II será, a um só tempo, **normativo e explicativo**. Por ocasião da dissociação, ele permitirá **valorizar ou desqualificar** determinados aspectos sob os quais se apresenta o termo I; permitirá distinguir, entre as *aparências* cujo estatuto é equívoco, as que não passam de *aparência* das que representam o *real* [12]. Esse ponto nos parece **essencial** por causa de sua importância na argumentação²⁰⁴ (*negritos nossos*).

Tomando como base o ensinamento do TA, acima, identificamos na Perícopes 2:1-5, os termos como segue:

Homem com aparência de rico	Vestes brilhantes	Lugar alto
Homem com aparência de pobre	Vestes rotas, sujas	Lugar baixo

A identificação da dissociação das noções feita pelo orador da Epístola seguirá as seguintes etapas: Isolar as noções e mostrar a associação anterior: em que se baseia, como se manifesta, surge, no mundo exterior.

Tanto os isolamentos das noções, como o apontamento da associação anterior são feitos por meio de figuras, no momento da dissociação. A identificação das figuras discursivas nos permitirá seguir os passos da técnica da dissociação. As figuras que apontam para o Termo II, por exemplo, o identificarão como normativo e explicativo. São figuras que remetem ao termo II, mas que irão valorizar ou desqualificar determinados aspectos sob os quais se apresenta o termo I.

O termo I está investido do valor normal, ele é a norma, é a lei social. O termo II está investido do valor normativo, o explicativo, de acordo com o orador, em consonância com a sabedoria “verdadeira”, a que remete à realidade e não à aparência. Os valores que escolhem o Termo II como normativo irão julgar, com uma sanção negativa, aquilo que é a norma, a lei social. O termo II, o homem pobre, é isolado, sendo chamado de “ricos em fé” (vers. 2:5). Essa é a norma, um novo ensinamento que

²⁰⁴ TA, p. 473.

está sendo introduzido na Epístola. O termo II remete ao que é real. Ele é a realidade daqueles que são ἐξελέξατος “escolhidos” por Deus. É a realidade dos “ricos” em fé.

O termo I, o homem rico, é isolado e sendo chamado no enunciado englobante de vers. 5:6 - “assassino do justo”; vers. 5:4 - “roubador de salário dos trabalhadores”; vers. 2:6 - os que arrastam para os tribunais; vers. 4:13 - “os que estão falando/dizendo que vão comerciar e lucrar”: este é o “real” do termo I.

O grupo, as doze tribos na dispersão, os destinatários da Epístola, está no meio dos dois termos, e faz ao utilizar o discurso enunciado no vers. 2:3, a associação indevida. Embora essa associação seja apenas um efeito discursivo criado pelo próprio orador da Epístola, Tiago, orador da Epístola, está no meio dos dois termos fazendo uma dissociação da associação indevida. A associação indevida entre “aparência de riqueza” versus “lugar destacado na sinagoga” vai ser desfeita pelo orador com uma sanção. Ela vai ser designada como uma ação de fazer “fazer juízo atravessado/discriminar” διακρίνω. Ver o vers. 2:4 οὐ διεκρίθητε ἐν ἑαυτοῖς “Não fizestes discriminações/juízos atravessados entre vós mesmos”.

Por sua vez, o sujeito do διακρίνειν é expressamente definido, no vers. 1:6, quando associado ao sujeito da busca. Sim, ele é definido por um participio substantivado o διακρινόμενος. As duas ocorrências se associam a uma terceira, no vers. 3:17, que associa a sabedoria terrena, de baixo, como διάκριτος, por oposição à sabedoria do alto que é ἀδιάκριτος (α)+(διακριτος). Observamos que nas três ocorrências a morfologia do tema lexical διακριν- remete a uma sabedoria (terrena, de baixo); a um ato enunciativo, que escolhe lugares diferentes para o rico e o pobre; a uma sanção positiva da sabedoria (do alto) que é ἀδιάκριτος; e a uma sanção negativa da sabedoria (de baixo) que é διάκριτος.

Finalmente o tema remete a uma sanção negativa da ação de διακρίνω. A sanção aparece quando o orador, no vers. 1:6, opõe o sujeito que busca a sabedoria com juízos atravessados ao sujeito que busca a sabedoria “com fé” ἐν πίστει. Seria pertinente dizer que as sanções põem em operação a utilização da técnica da dissociação de noções.

A dissociação é feita apontando o tipo de sabedoria e o tipo de ação que fazem a associação indevida. A noção de associação nos remete à noção de conjunção do esquema narrativo canônico da Semiótica. Assim, a noção de associação remete a um percurso narrativo dos sujeitos. Aqui na epístola, o sujeito que tanto faz parte do *fazer* (ato não verbal) da narrativa em que ocorre a conjunção/associação, como faz parte também do *fazer* (ato verbal) da enunciação, que cria uma conjunção/ associação.

No discurso do enunciado englobante, o sujeito é narrativamente associado/conjunto, com os objetos, fazendo uma associação indevida. Essa associação é considerada normal pois, no enunciado encaixado, o mesmo sujeito legitima com a sua fala aquele tipo de associação/conjunção. Ele enuncia:

2:3 Σὺ κάθου ὠδε καλῶς, καὶ τῷ πτωχῷ εἴπητε, Σὺ στήθι ἐκεῖ ἢ κάθου ὑπὸ τὸ ὑποπόδιόν μου,
2:3 coloca-te de pé ali ou senta/inicia o ato de sentar abaixo do lugar de colocar o meu pé/meu escabelo.

A técnica da dissociação vai desnormalizar a associação indevida, já que desqualificará alguns de seus aspectos. A desqualificação será feita pelo uso de figuras que remetem tanto a um tipo de sabedoria, como a um tipo de ação. No que se refere à ação de buscar αἰτέω a sabedoria, e à ação de fazer uma προσωποληψία “distinção de pessoas”. As duas ações serão desqualificadas, tendo como ponto comum o διακρίνω “fazer juízo atravessado/discriminar”, conforme os versículos abaixo:

1:6 αἰτέω δὲ ἐν πίστει μηδὲν **διακρινόμενος**· ὁ γὰρ **διακρινόμενος** ἕοικεν κλύδωνι θαλάσσης ἀνεμιζομένῳ καὶ ῥιπιζομένῳ.

1:6 diga a ele que peça (entre no ato de pedir) com fé, e não fazendo juízos atravessados, pois o que está fazendo considerações (o que faz juízos atravessados) parece uma onda do mar estando sendo agitada (empurrada) e soprada pelo vento.

2:4 οὐ διεκρίθητε ἐν ἑαυτοῖς καὶ ἐγένεσθε κριταὶ διαλογισμῶν πονηρῶν;
2:4 Não fizestes discriminações/juízos atravessados entre vós mesmos e não vos tornastes juizes raciocinando/calculando maldosamente?

A dissociação prossegue se estendendo para o uso de figuras que remetem à construção temática, que contêm o campo analógico da oposição estabilidade/instabilidade. A instabilidade ἀκαταστασία associada ao διακρίνω, no final da perícopé 1:5-8:

1:8 ἀνὴρ δίψυχος, ἀκατάστατος ἐν πάσαις ταῖς ὁδοῖς αὐτοῦ.

1:8 Um homem masculino de mente dupla, inconstante/instável/desposicionado em todos os caminhos dele.

A figura da ἀκαταστασία “instabilidade” é, por sua vez, colocada como oposta à figura da πίστις “fé”. A ἀκαταστασία surge na narrativa como um obstáculo no percurso que tem como objetivo obter a doação de Deus, no ato da busca de sabedoria. Fazendo esta relação, a técnica da dissociação empregada pelo orador no discurso englobante “permitirá distinguir entre as aparências, cujo estatuto é equívoco, as que não passam de aparência, das que representam o real”.²⁰⁵

Abre-se, com a tentativa de leitura do emprego da técnica da dissociação de noções, um campo amplo de possibilidades para leitura/análise do discurso de Tiago. O estabelecimento das relações entre as figuras remeterá aos subtemas e aos temas mais profundos como do ser/não ser e vida/morte.

Tomando como ponto de ancoragem, o raciocínio que iniciamos ao focalizar a cenografia da sinagoga, constatamos que o referencial interno argumentativo no discurso englobante distingue o que é aparência do que representa o real. O enunciado englobante assinala que o brilho, o ouro, as vestes brilhantes, mostrados pelo rico, são a aparência (mostração) de uma aparência. Chegamos a essa dedução lendo as marcas textuais verbais do verbo ἔοικεν. Essas ocorrências do verbo ἔοικεν “parecer” remetem, pelo seu significado, para o estatuto da aparência. Acrescido idéia da aparência, o modo de dizer aspectualiza o verbo com o tema do Perfectum/Acabado:

²⁰⁵ TA, p. 473.

1:6 αἰτείτω δὲ ἐν πίστει μηδὲν διακρινόμενος ὁ γὰρ διακρινόμενος **ἕοικεν** κλύδωνι θαλάσσης ἀνεμιζομένῳ καὶ ῥιπιζομένῳ.

1:6 Que ele busque/entre no ato de buscar com fé, e não fazendo julgamentos atravessados/ considerações/discriminações, pois o que está fazendo julgamentosatravessados/ considerações/ discriminações **parece** uma onda do mar, que está sendo agitada/empurrada e soprada pelo vento.

1:23 ὅτι εἴ τις ἀκροατῆς λόγου ἐστὶν καὶ Οὐ ποιητής, οὗτος ἕοικεν ἀνδρὶ Κατανοοῦντι τὸ πρόσωπον τῆς γενέσεως αὐτοῦ ἐν ἐσόπτρῳ·

1:23 Porque, se alguém é ouvinte da palavra, e não fazedor/realizador, esse parece um homem que está observando/refletindo a aparência de nascimento/nascença dele, em um espelho.

O significado do verbo e o aspecto Perfectum/acabado introduzem a aparência e constroem discursivamente esta última como realidade. A aparência é criada com efeito de real. No entanto, o recurso é apenas discursivo, pois o enunciado englobante vai assinalar mais adiante, no vers. 4:14, que o real é a natureza humana, que tem como condição essencial a efemeridade da vida. Assim, tudo o que representa uma aparência - mesmo criada com um efeito de real - remete às marcas da discursivização do destinatário como “o rico” ὁ πλούσιος. E tem como objetivo desqualificar o seu discurso e (des)construir sua identidade. Por sua vez, tudo o que representa o real - mesmo criado com um efeito de aparência - remete às marcas da discursivização do destinatário como “ser humano” ὁ ἄνθρωπος.

ISOLAMENTO DOS TERMOS – SUA ASSOCIAÇÃO E DISSOCIAÇÃO

Tentaremos construir uma relação de ocorrências das marcas textuais que auxiliam a isolar os elementos da relação “aparência do rico” com o “lugar privilegiado na sinagoga”. Para isto, nos apoiaremos nas marcas textuais modalizadas pela dicotomia aparência/realidade; marcas textuais e PNs em que aparece o sujeito “o rico” ὁ πλούσιος e o sujeito “ser humano” ὁ ἄνθρωπος; marcas textuais e PNs em que aparecem a dicotomia διακρίνω “fazer juízo atravessado/discriminar” e a πιστός “fé/postura/posição”; marcas textuais da espacialização alto/baixo. Ao final, a construção deste isolamento pode contribuir para identificarmos a possível relação que

possa ser feita entre a dicotomia aparência/realidade e a dicotomia ação verbal/ação não verbal. Esta última dicotomia perpassa toda a Epístola.

A ação verbal do destinatário aparece na sua assunção como “sujeito discursivo”. Esta ação é marcada nos verbos: dizer, falar, julgar, lamentar, falar mal, perguntar, pedir, vangloriar-se, prometer, tagarelar, murmurar, etc.; e nos substantivos: escritura, mandamento, palavra da verdade, palavra enxertada, ouvintes, ouvinte esquecido, lei, lei da liberdade, língua.

As ações não verbais são marcadas profusamente pela ocorrência de uma dezena de marcas textuais que remetem ao “trabalho” ἔργον e à ação de “criar” ποιέω. Constatamos também que a aparência trazida pelo brilho no referencial interno mostra que a relação do sujeito que o possui: (o rico), com o grupo é uma relação “vazia”, entre um sujeito e um objeto. Tal relação do sujeito rico com o grupo é a negação de uma relação produtiva que, na Instância da Enunciação, poderia criar o estatuto de uma identidade, caso o PSNE do homem rico como sujeito do πάσχειν fosse sustentado. Para o sujeito - o ser humano - conquistar uma presença no mundo e poder ser discursivizado como um eu, adquirir um nome no espaço do “reino” βασιλείας, cf. vers. 2:5, é preciso não esquecer (manter presente) aquilo que a νόμος “lei” lhe ensina. O sujeito que esquece o ensinamento da lei age como um sujeito “esquecido” ἐπιλησμονῆς, conforme o vers. 1:25, a seguir:

1:24 κατενόησεν γὰρ ἑαυτὸν καὶ ἀπελήλυθεν καὶ εὐθέως ἐπελάθετο ὅποιος ἦν. 1:24 pois ele observou/refletiu a si mesmo e foi embora/desapareceu, e rapidamente esqueceu-se como era.

1:25 ὁ δὲ παρακύψας εἰς νόμον τέλειον τὸν τῆς ἐλευθερίας καὶ παραμείνας, οὐκ ἀκροατῆς ἐπιλησμονῆς γενόμενος ἀλλὰ ποιητῆς ἔργου, οὗτος μακάριος ἐν τῇ ποιήσει αὐτοῦ ἔσται.

1:25 Mas o que tendo olhado com atenção para dentro da lei perfeita/ que tem meta, aquela da liberdade e, ao mesmo tempo, está perseverando, não tendo se tornado ouvinte esquecido mas realizador do trabalho, esse será bem aventurado/feliz em sua ação criação.

Manter presente o que a lei ensina não é relembrar mentalmente, discursivamente, mas é concretizar a “lembança” por meio de uma ação. Assim, agir como um sujeito esquecido é agir somente no âmbito do discurso, isto é, como um sujeito de uma ação verbal: ou como enunciador ou como enunciatário. Como

enunciatório ele só escuta e não age. Ele não será “fazedor,criador do trabalho” ποιητής έργου²⁰⁶.

Os vers. 1:21-27 estendem, pois, a questão para o confronto dicotômico da ação verbal (uma enunciação) com uma ação não verbal, conforme abaixo:

1:21 διὸ ἀποθέμενοι πᾶσαν ῥυπαρίαν καὶ περισσεΐαν κακίας ἐν πραύτητι, δέξασθε τὸν ἔμφυτον λόγον τὸν δυνάμενον σῶσαι τὰς ψυχὰς ὑμῶν.

1:21 Porque despojados de toda avareza/vileza sórdida e susupérfluo de maldade, com inteligência, recebei/começai a receber/continuai a receber a palavra enxertada/palavra inata, a que está tendo poder de restaurar/salvar as vossas mentes/almas.

1:22 Γίνεσθε δὲ ποιηταὶ λόγου καὶ μὴ μόνον ἀκροαταὶ παραλογιζόμενοι ἑαυτοῦς.

1:22 Tornai-vos começai/continuai a vos tornar fazedores/criadores da palavra e não enganadores de si mesmos, (como) ouvintes somente.

1:23 ὅτι εἴ τις ἀκροατῆς λόγου ἐστὶν καὶ Οὐ ποιητής, οὗτος ἔοικεν ἀνδρὶ Κατανοοῦντι τὸ πρόσωπον τῆς γενέσεως αὐτοῦ ἐν ἐσόπτρῳ·

1:23 Porque, se alguém é ouvinte da palavra, e não fazedor/realizador, esse parece um homem que está observando/refletindo a aparência de nascimento/nascença dele, em um espelho.

1:24 κατενόησεν γὰρ ἑαυτὸν καὶ ἀπελήλυθεν καὶ εὐθέως ἐπελάθετο ὁποῖος ἦν.

1:24 ... pois ele observou/refletiu a si mesmo e foi embora/desapareceu, e rapidamente esqueceu-se como era.

1:25 ὁ δὲ παρακύψας εἰς νόμον τέλειον τὸν τῆς ἐλευθερίας καὶ παραμείνας, οὐκ ἀκροατῆς ἐπιλησμονῆς γενόμενος ἀλλὰ ποιητής έργου, οὗτος μακάριος ἐν τῇ ποιήσει αὐτοῦ ἔσται.

1:25 Mas o que tendo olhado com atenção para dentro da lei perfeita/ que tem meta, aquela da liberdade e, ao mesmo tempo, está perseverando, não tendo se tornado ouvinte esquecido mas realizador do trabalho, esse será bem aventurado/feliz em sua ação criação.

1:26 Εἴ τις δοκεῖ θρησκὸς εἶναι μὴ χαλιναγωγῶν γλώσσαν αὐτοῦ ἀλλὰ ἀπατῶν καρδίαν αὐτοῦ, τούτου μάταιος ἡ θρησκεία.

1:26 Se alguém está parecendo ser um religioso/fazedor religioso e, ao mesmo tempo, não estando refreando a sua língua, mas enganando/continuando a enganar o seu oração, a religião dele é vã/sem valor.

²⁰⁶ ποιητής έργου - é marcante que os dois termos que indicam uma ação estejam postos em relação imediata neste contexto. Esta relação imediata ποιητής έργου, em 1:25, remete a outras duas relação do mesmo substantivo ποιητής: ποιητής νόμου (4:11) e ποιηταὶ λόγου (1:22). Certamente distinguir os efeitos de sentido destas construções contribuirá para a análise da dissociação das noções e construção temática.

1:27 θρησκεία καθαρὰ καὶ ἀμίαντος παρὰ τῷ θεῷ καὶ πατρὶ αὕτη ἐστίν, ἐπισκέπτεσθαι ὀρφανοὺς καὶ χήρας ἐν τῇ θλίψει αὐτῶν, ἄσπιλον ἑαυτὸν τηρεῖν ἀπὸ τοῦ κόσμου.

1:27 Um fazer religioso/religião pura e sem defeito/sem mancha junto de Deus e pai é esta: visitar/estar olhando órfãos e viúvas, nas suas necessidades e conservando-se/preservando-se a si mesmo sem mancha do mundo.

O termo “sujeito esquecido” ἐπιλησμονῆς remete também à instância enunciativa e à instância discursiva. Na instância discursiva ele remete para a vida, no percurso narrativo espacializado no “caminho” ὁδός. Na instância enunciativa ele remete à falta do esforço do sujeito que o impede de se concretizar figurativamente no tempo “agora” τό νῦν e no espaço do “aqui” ὧδε.

Podemos no colocar uma questão: por que a figura do pobre remete a uma realidade, ou a um efeito de real? A resposta é dada pelo orador: “o pobre no mundo” τοὺς πτωχοὺς τῷ κόσμῳ - do brilho das vestes, dos anéis de ouro - foi escolhido como rico em fé. Assim, o pobre é rico, a verdadeira riqueza é a fé.

2:5 Ακούσατε, ἀδελφοί μου ἀγαπητοί· οὐχ ὁ θεὸς ἐξελέξατο τοὺς πτωχοὺς τῷ κόσμῳ πλουσίους ἐν πίστει καὶ κληρονόμους τῆς βασιλείας ἧς ἐπηγγείλατο τοῖς ἀγαπῶσιν αὐτόν;

2:5 Escutai, meus irmãos amados: o deus não escolheu os pobres no mundo, ricos em fé e herdeiros do reino, o qual prometeu aos que o estão amando?

Então em Tiago há um jogo: o ouro substitui a fé. A fé é um termo técnico que indica uma postura. A postura que contém a energia de sustentar o *agora*, criar o *aqui* e poder ter um nome, e assumir-se como *eu*.

No entanto, o ouro substitui a energia, o trabalho de sustentar o *agora*, criar o *aqui* e adquirir um nome, e poder assumir-se como *eu*. O ouro substitui o verdadeiro tempo, que é o tempo interno, criado pela sustentação do *agora*. Um tempo discursivizado como no aspecto infectum/continuum, em progresso em andamento. O ouro substitui o tempo, de acordo com Zilberberg:

Confiant dans le ‘principe de simplicité’, nous considérons que la proposition ordinaire “le temps c’est de l’argent” est réversible et que “l’argent, c’est du temps”. Cette relation d’équivalence, spontanée autant que sommaire, est

vérifiable sur le plan syntaxique, le temps instruit le manque essentiel, le toujours-déjà- perdu qui est comme l'envers du "je-maintenant" et l'argent intervient comme liquidation imaginaire de ce manque. Que possède un homme qui se sait possesseur d'or sinon du temps, du temps miraculeusement capitalisé, du temps en somme volé... au temps? Il possède enfin quelque chose qui ne passe plus. Au poète qui implore: Oh temps, suspends ton vol! Et vous, heures propices, suspendez votre cours! Le thésauriseur, ce spiritualiste qui s'ignore, serai tenté de répondre que pour lui sinon le temps tout entier, du moins du temps s'est arrêté, que, autant qu'il semble en son pouvoir, il retient do temps.²⁰⁷

Confiante no princípio de simplicidade consideramos que a frase comum "tempo é dinheiro" é reversível e que "o dinheiro é tempo". Esta relação de equivalência espontânea tanto quanto sumária é verificável no plano da sintaxe o tempo compõe a falta essencial, o sempre já perdido que é como o inverso do *eu-agora* e o dinheiro intervêm como liquidação imaginária dessa falta. Que possui um homem que se sabe possuidor do ouro senão do tempo, tempo miraculosamente capitalizado, o tempo em suma, roubado... ao tempo? Ele possui, enfim, alguma coisa que não passa mais. Ao poeta que implora: Oh tempo suspende teu vôo! E vós, horas propícias, suspendei vosso curso! O entesourador, este espiritualista que não se conhece, seria tentado a responder que para ele senão o tempo todo inteiro, ao menos o tempo parou, tanto que ele parece poder, ele retém o tempo.

É contra esta visão que Tiago, magistralmente, faz lembrar aos ricos, aos que estão falando "amanhã iremos a tal cidade, comerciaremos e lucraremos ..." que o tempo está estritamente vinculado à vida, e que a efemeridade do tempo da vida destrói qualquer pretensão individual, subjetiva, de capitalizar o tempo para si pelo uso do ouro, e o acúmulo dos lucros:

4:13 Ἄγε νῦν οἱ λέγοντες, Σήμερον ἢ αὔριον πορευσόμεθα εἰς τήνδε τὴν πόλιν καὶ ποιήσομεν ἐκεῖ ἐνιαυτὸν καὶ ἐμπορευσόμεθα καὶ κερδήσομεν·

4:13 Agora, vamos! Os que estão dizendo/os falantes: hoje ou amanhã nós iremos para dentro daquela cidade e faremos/produziremos lá por um ano/um tempo e comerciaremos e lucraremos.

4:14 οἵτινες οὐκ ἐπίστασθε τὸ τῆς αὔριον ποία ἡ ζωὴ Ὑμῶν· ἀτμὶς γὰρ ἐστε ἢ πρὸς ὀλίγον φαινομένη, ἔπειτα καὶ ἄφανιζομένη.

4:14 Sejais quem for (vós), os que não estais sabendo/continuais não sabendo qual a vossa vida, (a) de amanhã. Pois vós sois vapor, (o) que continua estando aparecendo, pouco numeroso/pequeno, depois também começando a (ser) desaparecido.

²⁰⁷ ZILBERBERG, Claude. *Temps et signification dans Les Conquerants de Heredia*. S/l: s/ed., s/d. , p. 104.

Riqueza de bens do mundo é um lugar de quantidade que, pelo acúmulo, se transforma em lugar de qualidade. As bases que fundamentam o valor da riqueza precisam ser apontadas para que possa se fazer uma dissociação entre entesouramento e valor social. Um dos procedimentos do orador da Epístola é colocar o entesouramento em relação com as condições sociais nas quais o entesouramento é realizado. Assim Tiago axiologiza negativamente o entesouramento, se dirigindo diretamente aos ricos, dizendo: “entesourastes nos últimos dias”.

O VALOR DO VALOR - A VALÊNCIA DA FÉ

A riqueza da fé não possui o sema aparente da quantidade, mas é um objeto modal *crer*. Um objeto que, quando assumido, vivenciado/experimentado, tem a única quantidade de tempo que o homem pode apreender ou sustentar para fazer o seu *agora* permanecer.

Não é possível mensurá-lo em quantidades, tal como o tempo externo é medido por um relógio ou pelo calendário, mas discursivamente ele pode ser referenciado como uma sucessão de pontos, sustentados em seqüência, que criam o tempo aspectual do contínuo. A progressão, a continuidade, é a soma de muitos pontos em seqüência, portanto, também, um lugar de quantidade. Ser “ricos em fé” *πλουσίους ἐν πίστει* não é uma metáfora de riqueza mas sim é a evocação de uma multiplicação de situações no percurso em que o sujeito adquire uma presença. Essa presença é trazida pela condição na qual o sujeito está envolvido *ἐν πίστει* “com fé”. Essa condição cria e sustenta a energia que lhe permite sustentar o seu *agora*.

Ser rico em fé não quer dizer que a fé pode ser de duas qualidades: ser muita, ser rica, ou ser pouca ou ser pobre. Mas quer dizer que a condição *ἐν πίστει* “em fé” cria um sujeito rico. Rico porque a condição na qual ele está envolvido é uma postura que, na relação com outro objeto - na Epístola, o seu irmão no grupo -, vai permitir que ele mantenha o seu *agora*, crie um *aqui* e possa ser chamado um sujeito “fazedor religioso” *θηροκόος*. Isto é, um sujeito que tem uma relação com Deus, axiologizada positivamente, na Epístola.

1:26 Εἴ τις δοκεῖ θρησκὸς εἶναι μὴ χαλιναγωγῶν γλῶσσαν αὐτοῦ ἀλλὰ ἀπατῶν καρδίαν αὐτοῦ, τούτου μάταιος ἡ θρησκεία.

1:26 Se alguém está parecendo ser um religioso/fazedor religioso e, ao mesmo tempo, não estando refreando a sua língua, mas enganando/continuando a enganar o seu oração, a religião dele é vã/sem valor.

1:27 θρησκεία καθαρὰ καὶ ἀμίαντος παρὰ τῷ θεῷ καὶ πατρὶ αὕτη ἐστίν, ἐπισκέπτεσθαι ὀρφανούς καὶ χήρας ἐν τῇ θλίψει αὐτῶν, ἄσπιλον ἑαυτὸν τηρεῖν ἀπὸ τοῦ κόσμου.

1:27 Um fazer religioso/religião pura e sem defeito/sem mancha junto de Deus e pai é esta: visitar/estar olhando órfãos e viúvas, nas suas necessidades e conservando-se/preservando-se a si mesmo sem mancha do mundo.

A idéia da multiplicação na expressão “ricos em fé” πλουσίους ἐν πίστει pode ser buscada também na etimologia da palavra πλουσίους, com o radical consonantal πλ-, que originalmente indica uma dobra, ou várias dobras²⁰⁸. O sujeito pobre, rico em fé, pode ser um sujeito que em várias ocasiões assume sua postura de fé, sustentando seu *agora* por diversas vezes, em diversos percursos. Ou: pode ser que ele mantenha um percurso pela ao manter a fé por bastante tempo. A aparência do pobre é aquela aparência que remete à realidade. A valência da fé é ligada à realidade, ao real. A aparência do rico é aquela que remete à aparência do real.

Na cena da sinagoga, vers. 2:1-8, é aquela aparência trazida pelas vestes e adereços, da aparência do real. Se há um lugar privilegiado, espacializado pelo advérbio alto, na relação homem /Deus, e homem/ homem, este lugar está designado para os ricos em fé, ou aqueles que são pobres em coisas do mundo (vestes e anéis de ouro). A condição de ricos em fé é uma condição comprovada na história e que pode ser buscada no macrotexto bíblico²⁰⁹: são muitos os homens, são muitos os ricos em fé, tal como é discursivizado em Hebreus.

²⁰⁸ Conforme Murachco, anotações de aula.

²⁰⁹ Heb 11:33 os quais, por meio da fé, subjugarão reinos, praticaram a justiça, obtiveram promessas, fecharam a boca de leões, 34 extinguiram a violência do fogo, escaparam ao fio da espada, da fraqueza tiraram força, fizeram-se poderosos em guerra, puseram em fuga exércitos de estrangeiros. 35 Mulheres receberam, pela ressurreição, os seus mortos. Alguns foram torturados, não aceitando seu resgate, para obterem superior ressurreição; 36 outros, por sua vez, passaram pela prova de escárnios e açoites, sim, até de algemas e prisões. 37 Foram apedrejados, provados, serrados pelo meio, mortos a fio de espada; andaram peregrinos, **vestidos de peles de ovelhas e de cabras**, necessitados, afligidos, maltratados 38 **homens** dos quais o mundo não era digno, errantes pelos desertos, pelos montes, pelas covas, pelos antros

A INSTALAÇÃO DE UM ACTANTE COMO SUJEITO DISCURSIVO

A narrativa do enunciado englobante da Epístola tem seu quadro de ação. No quadro da ação, temos o destinatário da epístola como um sujeito que busca a sabedoria. No trajeto da busca pela sabedoria, é prevista uma ação vinculada ao sujeito/ator: é a ação do sujeito agindo como sujeito discursivo.

A construção do tema vinculado ao sujeito e sua ação discursiva se dá tanto pela isotopia figurativa como pelo modo de dizer escolhido pelo orador. Um dos modos de dizer do destinador é conceder hipoteticamente a palavra ao destinatário. Assim, na Epístola, o destinatário também age como sujeito discursivo. Um sujeito que é considerado como competente/sábio/poderoso/desejoso de enunciar um discurso. Mas o orador concede a palavra ao destinatário não para referendar o poder/saber/querer/fazer do destinatário, mas para desqualificar o seu discurso. Uma das estratégias é mostrar as crenças e valores do destinatário, ponto de partida das falas deste último. O objetivo do orador do discurso englobante é oferecer uma outra alternativa de ação ao destinatário. Ao invés de atos verbais, se o destinatário quiser “religioso ser” ou “fazedor religioso” *θηρικός*, que ele realize atos não verbais. As ações não verbais que identificam uma religião verdadeira são: dar de comer e vestir ao irmão. Utilizando-se da dissociação de noções, o orador vai tentar provar que “falar” está no lado da aparência e *fazer* está do lado da realidade.

A questão que intitulamos como “o tema da instalação de um actante como sujeito discursivo” será vista com o auxílio das noções da lingüística textual, os pressupostos e subentendidos.

Tradicionalmente se vincula a noção de pressuposição com coesão e coerência textual, argumentação, ordem, andamento e progressão do discurso. A pressuposição é unanimemente considerada como um elemento real funcionando como um operador discursivo indispensável para descoberta de efeitos de sentido. Também é comumente aceito que os pressupostos contidos no texto precisam fazer parte não só do

da terra. 39 Ora, todos estes que obtiveram bom testemunho **por sua fé** não obtiveram, contudo, a concretização da promessa, 40 por haver Deus provido coisa superior a nosso respeito, para que eles, sem nós, não fossem aperfeiçoados (tradução da ARA. Negritos nossos).

conhecimento compartilhado como também, e isto é importante, fazer parte de um acordo entre enunciador/orador e enunciatário/auditório. Se esse acordo ou contrato não estiver consolidado, o discurso perderá sua coesão e coerência e sua eficácia argumentativa. O acordo ou contrato remete também à noção do pressuposto para as questões de intertextualidade, conhecimento compartilhado, coerções sociais e ideologia, lugares comuns, condições de produção do discurso, etc.

Quanto à contribuição do pressuposto para o andamento do discurso a própria etimologia da palavra já sugere essa função: [**pré**] [ssu] [**posto**]. A pressuposição ocupa um espaço anterior àquilo que é posto lingüisticamente no texto/discurso enunciado. Alguns autores falam, ao se referir ao pressuposto, como algo que subjaz ou está embaixo. No entanto, para a leitura/análise da progressão textual e andamento do discurso, considera-se que o pressuposto faz parte do discurso, ocupando, por questão de ordem, um lugar anterior ao posto. Se formos usar uma noção grega, o pressuposto é muito mais o que está ληθής “latente”, λαθῶν “escondido” do que aquilo que está ὑπό “embaixo de”. O que é ληθῆ traz a idéia daquilo que existe, mas não está presente imediatamente na consciência do interpretante. Cabe ao interpretante trazer à consciência aquilo que está ληθής e torná-lo (ἄ) ληθής “não esquecido ou não escondido” e por extensão, verdadeiro.

O enunciador, mesmo não estando marcando o pressuposto diretamente com a utilização de traços lingüísticos, fornece dicas no enunciado que permitem, caso haja o conhecimento compartilhado e o acordo, que o pressuposto apareça e ocupe o seu lugar discursivo. Dessa forma, atualizado e realizado, pois reconhecido pelo interpretante, exercerá com eficácia o seu papel tanto na argumentação, como na ordem, progressão e estrutura textual/ discursiva. A seguir, vamos fazer uma leitura/análise procurando a existência do tema que dá nome a este capítulo o tema da “instalação de um actante como sujeito discursivo”.

A PERÍCOPE 5:1-5 E 4:13-17.

Há uma isotopia temática na Epístola. Essa isotopia se refere a uma pergunta, passível de ser construída e respondida: Quem é o sujeito discursivo que pode se instalar como *eu*, em nome de Deus?

Essa questão subentendida faz parte de um dos sub-temas da Epístola. Ela é marcadamente expressa, no discurso de Tiago, nas referências aos atos de falar e dizer, e ao ato de escutar. O enunciador/orador/argumentador responde a essa pergunta com marcadores lingüísticos precisos - lexicais, formas gramaticais, modalizações de actantes - bem como isotopias figurativas, que inserimos numa estrutura de analogias, relacionadas com o tema. Os termos são abundantes e está relacionado com a “emissão de sons pela boca”:

- Nos verbos : dizer, ensinar, chorar, gritar, falar, julgar, lamentar, falar mal, perguntar, pedir, vangloriar-se, prometer, tagarelar, escutar, ouvir, murmurar etc.
- E nos substantivos: escritura, mandamento, palavra da verdade, palavra enxertada, ouvintes, ouvinte esquecido, lei, lei da liberdade, língua, etc.

Cada uma dessas ocorrências subentende uma tomada de posição – um ponto de vista – do sujeito discursivo. Ao utilizar os verbos, substantivos, adjetivos, modalizações e de pequenos enunciados ou percursos narrativos, relacionados com a isotopia temática, o enunciador aponta a sua visão, respondendo à pergunta, acima mencionada.

Os verbos gritar, lamentar etc., apesar de não serem falas, também remetem à questão da enunciação. O que ocorre aqui é que o sujeito não consegue falar ou é recomendado que não fale, ou mesmo lhe é mostrado que não tem capacidade discursiva, pois não consegue separar-se dos seus sentimentos.

Na verdade, o que o orador está assinalando, ao usar os verbos gritar, lamentar etc., é que o sujeito não pode separar-se da condição passional em que se encontra, e por isto não pode falar. Bertrand ensina:

Na perspectiva greimasiana, a invenção do *ele* é assimilada à debreagem, que rompe a inerência do sujeito consigo mesmo, tal como a exprimem a disposição passional e a linguagem emocional, o grito e o estupor, partilhados pelos animais e pelos homens. O *ego* é, pela assunção que lhe permite dominar a significação, um *eu* que, no ato da asserção, retoma-se, projeta-se, assume-se e se faz *ele*.²¹⁰

Quem são os sujeitos discursivos que podem se instalar como *eu*, do ponto de vista do orador/argumentador/destinador? E ainda: o que é recomendado que digam ou deixem de dizer?

Ora, as respostas são dadas, a cada momento, sem que a pergunta apareça explícita. As respostas são, porém, também respaldadas em pressupostos muitas vezes reforçados argumentativamente. São pressupostos por acordos, valores, contratos, os quais estão presentes, por exemplo, na intertextualidade neo e vétero testamentária. Toda a perícopé que vai de 5:1-6 trata de uma parte do auditório, um subgrupo do grupo mais amplo das doze tribos na dispersão. Essa parte do auditório é chamada de οἱ πλούσιοι “os ricos”. O vers. 5:1 diz o seguinte:

5:1 Ἄγε νῦν οἱ πλούσιοι, κλαύσατε ὀλολύζοντες ἐπὶ ταῖς τάλαιπωρίαῖς ὑμῶν ταῖς ἐπερχομέναις.

5:1 Vamos agora, os ricos! Chorai, ao mesmo tempo lamentando, sobre as misérias/sofrimentos, as que estão vindo sobre vós.

Alguém poderia considerar que a exortação de Tiago é dirigida para um auditório mais amplo, qual seja: “todos os ricos” em qualquer época, cristãos ou não. É bem possível que essa interpretação possa ser sustentada. Porém vamos nos limitar ao texto/discurso que ora analisamos para assinalar que, num primeiro momento, “os ricos” οἱ πλούσιοι aos quais Tiago se refere são um subgrupo do auditório particular as doze

²¹⁰ BERTRAND, p. 107.

tribos da dispersão, para o qual a Epístola se dirige. E, dentro desse grupo, aparece o querer, o desejo de se instalar como sujeito discursivo. Quando o orador inicia o vers. 5:1 dizendo "Άγε νῦν οἱ πλούσιοι "Vamos agora!, os ricos", ele repete a seqüência frasal exortativa "Άγε νῦν idêntica a que usou no vers. 4:13:

4:13 "Άγε νῦν οἱ λέγοντες, Σήμερον ἢ αὔριον πορευσόμεθα εἰς τήνδε τήν πόλιν καὶ ποιήσομεν ἐκεῖ ἐνιαυτὸν καὶ ἐμπορευσόμεθα καὶ κερδήσομεν"

4:13 Agora, vamos! Os que estão dizendo/os falantes: hoje ou amanhã nós iremos para dentro daquela cidade e faremos/produziremos lá por um ano/um tempo e comerciaremos e lucraremos.

O uso do recurso lingüístico idêntico - a marcação frasal exortativa - estabelece um vínculo cotextual imediato entre as perícopes 5:1-5 e 4:13-17. O vínculo é potencializado e reforçado com a identificação da isotopia figurativa e temática de ambas as perícopes. Ambas tratam do mesmo tema e dos valores próprios dos ricos, ou seja:

4:13	O lucro	lucraremos	κερδήσομεν
4:13	O comércio	comerciaremos	ἐμπορευσόμεθα
5:2	O entesouramento	a riqueza	ὁ πλοῦτος
5:3		o ouro	ὁ χρυσός
5:3		a prata	ὁ ἄργυρος
5:5	Vida boa	Vivestes no luxo	ἐτρυφήσατε
5:5		Vivestes em delícias	ἐσπαταλήσατε

Figura 37 - Isotopia temática nos vers. 4:13 e 5:3

Ambas as exortações têm, como seqüência, enunciados que são respostas à pergunta subentendida, aquela que havíamos mencionado acima: "Quem é o sujeito discursivo que pode se instalar como *eu*, em nome de Deus?".

No vers. 4:13, a marca da ação de dizer/falar utiliza o particípio infectum οἱ λέγοντες "os que estão dizendo/os falantes" com tema verbal usando a raiz do verbo

“dizer” λέγω. Já no vers. 5:1, a marca da ação está nos dois temas verbais com raízes de verbos que remetem a atos da fala e à emissão de sons pela boca. Trata-se dos temas verbais que usam as raízes dos verbos lamentar, gemer, e chorar. A raiz do verbo lamentar tem, na sua morfologia, o tema do particípio no aspecto Perfectum/acabado ὀλολύζοντες “lamentadores, gemedores”, e o verbo chorar é marcado com o tema do imperativo aoristo pontual κλαύσατε “chorai”.

O jogo de oposições discursivas que se estabelece entre os enunciados de 4:13 e 5:1 é interessantíssimo. É um jogo que contribui para construir a coesão e a coerência do discurso, tanto pelas marcas lingüísticas, como pelas isotopias figurativas. Poderíamos resumir numa paráfrase esse jogo de oposições:

*Não abra a boca
para **falar** [4:13]
mas abra a boca
para **chorar** [5:1],*

*Não Abra a boca
para dizer para onde vai [4:13],
mas abra a boca
para lamentar **sobre o que está vindo** sobre ti [5:1].*

Há uma segunda marca textual e discursiva que nos auxilia a colocar a hipótese de que os “ricos” οἱ πλούσιοι, aos quais Tiago se refere, se constituem num subgrupo do auditório particular, as doze tribos na dispersão, para o qual a argumentação se dirige. Trata-se de uma indicação cotextual que se encontra na perícopa 2:1-5. Nessa perícopa, o texto sugere que o rico²¹¹, ao qual Tiago se refere, frequenta a sinagoga, ou seja, faz parte das Doze tribos na dispersão.

2:1 Ἀδελφοί μου, μὴ ἐν προσωποληψίαις ἔχετε τὴν πίστιν τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ τῆς δόξης.

2:1 Meus irmãos não tendes/continuais a ter em parcialidade/distinção de pessoas, a fé do nosso senhor Jesus Cristo, da Glória.

2:2 ἐὰν γὰρ εἰσέλθῃ εἰς συναγωγὴν ἡμῶν ἀνὴρ χρυσοδακτύλιος ἐν ἔσθητι λαμπρᾷ, εἰσέλθῃ δὲ καὶ πτωχὸς ἐν ῥυπαρᾷ ἔσθητι,

²¹¹ No entanto, é extremamente significativo que na isotopia figurativa da riqueza, na cena da sinagoga, o enunciador principal "suspende" o percurso figurativo do "acúmulo" e investe no percurso "aparência", do "brilho", do "luxo", da "beleza".

2:2 Se, pois, entrar dentro da sinagoga de vocês um homem masculino que tem um anel de ouro com veste brilhante, mas, também, se entrar um pobre com veste comum.

2:3 ἐπιβλέψητε δὲ ἐπὶ τὸν φοροῦντα τὴν ἐσθῆτα τὴν λαμπρὰν καὶ εἴπητε, Σὺ κάθου ὧδε καλῶς, καὶ τῷ πτωχῷ εἴπητε, Σὺ στήθι ἐκεῖ ἢ κάθου ὑπὸ τὸ ὑποπόδιόν μου,

2:3 Se vós lançardes o olhar sobre o que traz a veste brilhante e disserdes : senta tu/inicia o ato de sentar aqui/deste modo bem e se ao pobre disserdes: coloca-te de pé ali ou senta/inicia o ato de sentar abaixo do lugar de colocar o meu pé/meu escabelo.

2:4 οὐ διεκρίθητε ἐν ἑαυτοῖς καὶ ἐγένεσθε κριταὶ διαλογισμῶν πονηρῶν;

2:4 Não fizestes discriminações/juízos atravessados entre vós mesmos e não vos tornastes juízes raciocinando/calculando maldosamente?

2:5 Ακούσατε, ἀδελφοί μου ἀγαπητοί· οὐχ ὁ θεὸς ἐξελέξατο τοὺς πτωχοὺς τῷ κόσμῳ πλουσίους ἐν πίστει καὶ κληρονόμους τῆς βασιλείας ἧς ἐπηγγείλατο τοῖς ἀγαπῶσιν αὐτόν;

2:5 Escutai, meus irmãos amados: o deus não escolheu os pobres no mundo, ricos em fé e herdeiros do reino, o qual prometeu aos que o estão amando?

ASSUNÇÃO DE UM DISCURSO POR UM SUJEITO vs. ASPECTO VERBAL

Na Epístola, há um fato interessantíssimo: não há nenhum tema verbal aspectual/temporal no modo indicativo pontual/aoristo, no terceiro capítulo. Ora, os indicativos pontuais/aoristos têm, de acordo com Murachco, a função de indicar: “um ato isolado dentro de um processo narrativo... o uso do indicativo exprime o caráter da simples enumeração de fatos isolados pontuais, no passado... é uma sucessão natural de fatos”²¹².

Levando em conta o ensinamento de Murachco, constatamos que, no capítulo três da Epístola, o orador não está fazendo uma narração enquadrada ao longo da história, exterior ao discurso. Sendo assim, e levando em conta o fato curioso da não presença de aoristos pontuais no indicativo, nos remetemos ao texto para identificar qual é o tema que está sendo apresentado e desenvolvido no capítulo três. Para nossa surpresa o tema principal do capítulo é o tema da assunção de um sujeito como sujeito discursivo, ou seja: o tema que está sendo proposto implica uma enunciação, no ato de discursar/falar. O capítulo inicia-se com uma recomendação:

²¹² MURACHCO, Vol. 1, p. 236.

3:1 Μὴ πολλοὶ διδάσκαλοι γίνεσθε, ἀδελφοί μου, **εἰδότες** ὅτι μείζον κρίμα ληψύμεθα.

3:1 Meus irmãos, não vos torneis muitos (de vós) mestres/ensinadores, sabedores de que um juízo mais severo/maior julgamento receberemos.

Podemos considerar o ato de ensinar como um ato discursivo. O que nos chama atenção é que a exortação que introduz o tema é uma exortação negativa, o que indica que há a pressuposição de haver uma proposição/realidade afirmativa correspondente. À ação de “não continuar sendo mestres” corresponde uma ação já em andamento ou a ser iniciada de “continuar a ser mestres ou começar a ser mestres”. Esse fato é importante pois, embora não esteja sendo feita uma narrativa histórica da ação de um actante/personagem como se instituindo como sujeito discursivo, fica pressuposto, pela negação da ação, que há uma em andamento ou prestes a se iniciar. Ora, o que isto significa dentro da temática da assunção de um actante como sujeito discursivo, e especificamente o que diz respeito esse tema para o auditório para o qual a carta se dirige? Isso significa que alguma “coisa” que já existiu ou está em andamento, ou está prestes a existir em matéria de ensinamento está sendo questionada. Observa-se que, nesse momento, sem mencionar realidades exteriores objetivas, históricas, de sujeitos que assumem um discurso, o orador está indicando que está falando justamente de sujeitos que assumem discursos.

Apesar de ser óbvio o que foi constatado acima, cabe então perguntar: por que essa maneira de colocar, negação pelo uso do aspecto infectum, e por que para esse auditório?

A resposta poderia ser: a maneira de colocar é argumentativa, e dissimulada, pois sem citar fatos históricos fala-se sobre eles. Acresce-se ainda que a exortação é dirigida para esse auditório, evidentemente, porque dentro desse auditório presume-se que muitos querem se tornar mestres, muitos querem assumir-se como sujeitos discursivos.

O TEMA DO RICO - O ACÚMULO DE RIQUEZAS

Uma das identidades (des)construídas na Epístola é a do sujeito figurativizado como o ser humano rico e/ou os ricos, vinculado ao tema do acúmulo de riquezas. Em contraposição a essa personagem aparece a figura do homem pobre vinculado ao tema da necessidade/falta²¹³ das coisas próprias para o corpo, das coisas para comer, e das coisas para vestir e vinculado ao tema da doação.

2:16 εἶπη δέ τις αὐτοῖς ἐξ ὑμῶν, ὑπάγετε ἐν εἰρήνῃ, θερμαίνεσθε καὶ χορτάζεσθε, μὴ δώτε δὲ αὐτοῖς τὰ ἐπιτήδεια τοῦ σώματος, τί τὸ ὄφελος;
2:16 Mas (se) alguém dentre vós disser para eles: “Ide em paz, aquecاي- vos/começai a vos aquecer e começai a vos alimentar”, mas se não derdes para eles o necessário, as coisas próprias/oportunas do corpo, qual a utilidade?

A oposição entre *Riqueza vs. Pobreza* aparece em todo o discurso e está imbricada com outras oposições tais como ser elevado vs. ser rebaixado, tanto social como religiosamente. As pequenas narrativas, com os sujeitos - o rico e o pobre - não estão em seqüência, na progressão textual. No entanto, é possível identificar essas narrativas facilmente, nas figuras discursivas. E é justamente a identificação dos campos isotópicos figurativos que nos vai permitir desvendar uma estrutura narrativa relacionada com aquelas personagens e com os temas a elas vinculados. A temática contribui para a busca de uma coesão/coerência textual/discursiva. Relacionados com sujeitos, rico e pobre, e com o tema da riqueza/acúmulo e pobreza/falta, encontram-se diversos percursos narrativos. Assim, há:

O percurso narrativo principal da Epístola, o enunciado englobante, aquele em que o destinador Tiago tenta manipular o destinatário com o objetivo de mostrar que o acúmulo de riquezas não justifica a distinção hierárquica que coloca o rico em posição superior ao pobre dentro do grupo.

²¹³ A necessidade das coisas próprias para o corpo pode fazer parte de uma isotopia figurativa da falta, que incluiria também a sabedoria, conforme versículo 1:5 Εἰ δὲ τις ὑμῶν λείπεται σοφίας. “Se alguém dentre vós tem falta de sabedoria”.

Um outro percurso narrativo, em que o destinador, um anti-sujeito ou obstáculo, manipula o membro do grupo para que ele entre em conjunção com a riqueza e seu acúmulo, conforme vers. 4:5 abaixo:

4:5 ἢ δοκεῖτε ὅτι κενῶς ἡ γραφή λέγει, πρὸς φθόνον ἐπιποθεῖ τὸ πνεῦμα ὃ κατώκισεν ἐν ἡμῖν,

4:5 Ou vos parece/está parecendo que, em vão, a escritura diz/está dizendo: contra o “segurar para si”/avareza deseja o espírito, aquele que morou/habitou em vós?

E também um percurso narrativo em que um membro do grupo, já transformado e em conjunção com a riqueza e seu acúmulo, tenta manipular os demais membros do grupo. Ao manipular os membros do grupo, ele está também funcionando como um oponente (anti-sujeito) do percurso narrativo do grupo, vers. 01:08. As perícopes destacadas a seguir contêm a figurativização e tematização da riqueza.

PERÍCOPE 1:9-11.

1:9 Καυχάσθω δὲ ὁ ἀδελφὸς ὁ ταπεινὸς ἐν τῷ ὕψει αὐτοῦ, 1:10 ὁ δὲ πλούσιος ἐν τῇ ταπεινώσει αὐτοῦ, ὅτι ὡς ἄνθος χόρτου παρελεύσεται. 1:11 ἀνέτειλεν γὰρ ὁ ἥλιος σὺν τῷ καύσωνι καὶ ἐξήρανε τὸν χόρτον καὶ τὸ ἄνθος αὐτοῦ ἐξέπεσεν καὶ ἡ εὐπρέπεια τοῦ προσώπου αὐτοῦ ἀπόλετο· οὕτως καὶ ὁ πλούσιος ἐν ταῖς πορείαις αὐτοῦ μαραινθήσεται.

1:9 Mas, diga ao irmão, o humilde /pobre, que ele que comece a se vangloriar/a se exaltar, em/com a altura/nível dele. 1:10 Mas ao rico, diga a ele que (comece a se vangloriar/exaltar) na sua humilhação, porque irá embora/cairá/passará como a flor da erva. 1:11 Pois, o sol atingiu o seu ponto máximo/o seu pico/a sua meta tendo ao lado o vento escaldante/abrasador e secou a erva e a sua flor caiu e a beleza da aparência dela morreu/desapareceu. Assim também o rico em seus negócios/nas suas andanças será murcho.

Nessa perícope, a condição do rico é modalizada espacialmente como superior /elevada. Essa axiologização está sendo contestada não só no nível do grupo, perante seus pares “irmãos”: ὁ ἀδελφὸς ὁ ταπεινὸς) o irmão o humilde. ὁ ἀδελφὸς ὁ δὲ

πλούσιος “o irmão o rico” mas também na sua relação com a vida. São vários os recursos utilizados nesse Percorso Narrativo. Entre esses recursos estão:

A) A presentificação da ação proposta ao destinatário - as doze tribos na dispersão –, que vai transformar seu estado de conjunção com a valorização do valor, a valência, do acúmulo de riquezas. A conjunção se transformará em um estado de disjunção com essa mesma valorização. A presentificação é dada pela aspectualização verbal da ação proposta para um *aqui* e *agora* histórico, trazido pelo tema do aspecto Infectum no modo imperativo no verbo καυχάομαι “vangloriar-se”.

B) Além da presentificação acima referida, um comprometimento visceral com a ação é atribuído pelo manipulador ao *eu* do actante manipulado. Isso se faz pelo uso da Voz média do mesmo verbo καυχάομαι “vangloriar-se”. A voz média traz para a cena do discurso o interesse pessoal do ator na ação que realiza. Nesse PN, uma ação ainda não realizada, já que está sendo feita uma recomendação/exortação. O efeito de sentido que o uso da voz média auxilia a criar no discurso é de sobremodalização da ação do sujeito, na qual se agrega uma intensidade trazida pelo interesse do sujeito, implícito no uso da voz média.

A contraposição ou oposição do par natureza vs. cultura se dá por um jogo em que a natureza como substância é modalizada como verdade “parece e é”, ao mesmo tempo em que é colocada em confronto com a cultura como acidente e modalizada como mentira “parece mas não é”.

Na períclope 1:9-11, que estamos analisando, o destinador Tiago manipula o destinatário: as doze tribos na dispersão. O destinatário é manipulado por intimidação, já que os valores sociais da riqueza são apontados como fadados a desaparecer, aparece uma sanção negativa. É introduzido um novo valor, o qual é figurativizado e iconizado pela simples utilização de uma metáfora, que compara a transitoriedade da existência da flor com a transitoriedade da posição social do rico.

PERÍCOPE 2:1-8

Na perícopre 2:1-8, reproduzida abaixo, aparece também a isotopia temática da riqueza material e seu acúmulo, bem como a manipulação por intimidação, na transformação proposta por Tiago às doze tribos na dispersão.

2:1 Ἀδελφοί μου, μὴ ἐν προσωπολημψίαις ἔχετε τὴν πίστιν τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ τῆς δόξης.

2:1 Meus irmãos não tenhais/continuais a ter em parcialidade/distinção de pessoas, a fé do nosso senhor Jesus Cristo, da Glória.

2:2 ἂν γὰρ εἰσέλθῃ εἰς συναγωγὴν ὑμῶν ἀνὴρ χρυσοδακτύλιος ἐν ἐσθῆτι λαμπρᾷ, εἰσέλθῃ δὲ καὶ πτωχὸς ἐν ῥυπαρᾷ ἐσθῆτι,

2:2 Se, pois, entrar dentro da sinagoga de vocês um homem masculino que tem um anel de ouro com veste brilhante, mas, também, se entrar um pobre com veste comum.

2:3 ἐπιβλέψῃτε δὲ ἐπὶ τὸν φοροῦντα τὴν ἐσθῆτα τὴν λαμπρὰν καὶ εἴπητε, Σὺ κάθου ὧδε καλῶς, καὶ τῷ πτωχῷ εἴπητε, Σὺ στήθι ἐκεῖ ἢ κάθου ὑπὸ τὸ ὑποπόδιόν μου,

2:3 Se vós lançardes o olhar sobre o que traz a veste brilhante e disserdes : senta tu/inicia o ato de sentar aqui/deste modo bem e se ao pobre disserdes: coloca-te de pé ali ou senta/inicia o ato de sentar abaixo do lugar de colocar o meu pé/meu escabelo.

2:4 οὐ διεκρίθητε ἐν ἑαυτοῖς καὶ ἐγένεσθε κριταὶ διαλογισμῶν πονηρῶν;

2:4 Não fizestes discriminações/juízos atravessados entre vós mesmos e não vos tornastes juizes raciocinando/calculando maldosamente?

2:5 Ἀκούσατε, ἀδελφοί μου ἀγαπητοί· οὐχ ὁ θεὸς ἐξελέξατο τοὺς πτωχοὺς τῷ κόσμῳ πλουσίους ἐν πίστει καὶ κληρονόμους τῆς βασιλείας ἧς ἐπηγγείλατο τοῖς ἀγαπῶσιν αὐτόν;

2:5 Escutai, meus irmãos amados: o deus não escolheu os pobres no mundo, ricos em fé e herdeiros do reino, o qual prometeu aos que o estão amando?

2:6 ὑμεῖς δὲ ἠτιμάσατε τὸν πτωχόν οὐχ οἱ πλούσιοι καταδυναστεύουσιν ὑμῶν καὶ αὐτοὶ ἔλκουσιν ὑμᾶς εἰς κριτήρια;

2:6 Vós desonrastes o pobre. Não (são) os ricos (que) estão oprimindo/tirando no meio de vós e também (não são) eles que estão arrastando vocês para dentro dos tribunais?

2:7 οὐκ αὐτοὶ βλασφημοῦσιν τὸ καλὸν ὄνομα τὸ ἐπικληθὲν ἐφ' ὑμᾶς;

2:7 Não (são) eles que blasfemam o bom nome, o que foi invocado sobre vós ?

2:8 εἰ μέντοι νόμον τελεῖτε βασιλικὸν κατὰ τὴν γραφήν, ἀγαπήσεις τὸν πλησίον σου ὡς σεαυτόν, καλῶς ποιεῖτε·

2:8 Se, não obstante, uma lei régia cumpris/estais completando de acordo com a escritura : “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” , estais fazendo bem/com eficácia.

A cena que é narrada na perícopre 2:1-8 ilustra bem a contradição ou oposição recorrente na Epístola entre acúmulo de riquezas vs. pobreza. Ao mesmo tempo, o pequeno enunciado está interseccionado com outros enunciados com o mesmo tema e

figurativizados espacialmente com os termos que remetem ao par: estar elevado vs. rebaixado, tanto social como religiosamente.

Nesse pequeno percurso narrativo, a perícopes 2:1-8, com a entrada do rico e do pobre na sinagoga e os respectivos tratamentos diferentes que recebem, ocorre também um outro percurso de manipulação. Nesse PN, o homem rico funciona como manipulador dos demais membros da sinagoga. A manipulação do rico é feita por sedução. Os demais membros da sinagoga deixam-se seduzir e aceitam como valor a ostentação da riqueza (dos ricos)²¹⁴ figurativizada nas roupas e anéis. O trabalho do orador, como manipulador no enunciado englobante, será justamente o de reverter essa transformação anterior, que admite o brilho do rico como valor. O orador tenta desfazer esta transformação ao recomendar que os membros do grupo não se deixem seduzir por esses sinais exteriores de riqueza. A marca maior da tentativa de desvalorizar o valor apresentado pelo rico vai ocorrer, no enunciado englobante, bem mais adiante. Na perícopes 5:1-6 todos os sinais de ostentação/brilho e, por extensão, os valores que representam, vão ser sumária e drasticamente sancionados, ao serem figurativizados como podres, enferrujados e roídos.

PERÍCOPE 5:1-6

A perícopes 5:1-6 retoma a isotopia temática da oposição riqueza/pobreza.

5:1 Ἄγε νῦν οἱ πλούσιοι, κλαύσατε ὀλολύζοντες ἐπὶ ταῖς ταλαιπωρίαις ὑμῶν ταῖς ἐπερχομέναις.

5:1 Vamos agora, os ricos ! Chorai, ao mesmo tempo lamentando, sobre as misérias/sofrimentos, as que estão vindo sobre vós.

5:2 ὁ πλοῦτος ὑμῶν σέσηπεν καὶ τὰ ἱμάτια ὑμῶν σητόβρωτα γέγονεν,

5:2 A vossa riqueza está podre e as vossas vestes se tornaram roídas/rotas.

5:3 ὁ χρυσὸς ὑμῶν καὶ ὁ ἄργυρος κατίωται καὶ ὁ ἰδὸς αὐτῶν εἰς μαρτύριον ὑμῖν ἔσται καὶ φάγεται τὰς σάρκας ὑμῶν ὡς πῦρ. ἔθησαυρίσατε ἐν ἐσχάταις ἡμέραις.

5:3 O ouro e a prata de vocês estão manchados e a ferrugem deles será para vosso testemunho, e ela engolirá/devorará os corpos de vocês como fogo. Entesourastes nos últimos dias.

5:4 ἰδοὺ ὁ μισθὸς τῶν ἐργατῶν τῶν ἀμησάντων τὰς χώρας ὑμῶν ὁ ἀπεστερημένος ἀφ' ὑμῶν κράζει, καὶ αἱ βοαὶ τῶν θερισάντων εἰς τὰ ὄτα κυρίου Σαβαώθ εἰσεληλύθασιν.

²¹⁴ Observar que a personagem nesta perícopes 2:1-4 ainda não é chamada de rico.

5:4 Eis que o salário dos trabalhadores, dos que tendo ceifado vossos campos, o fraudado por vós está clamando! E, os gritos dos que tendo passado o verão chegaram/acabaram de chegar aos ouvidos do senhor Sabahot;

5:5 ἐτρυφήσατε ἐπὶ τῆς γῆς καὶ ἐσπαταλήσατε, ἐθρέψατε τὰς καρδίας ὑμῶν ἐν ἡμέρᾳ σφαγῆς,

5:5 Vivestes no luxo e delícias sobre a terra, nutristes os vossos corações em dia de degola.

5:6 κατεδικάσατε, ἐφονεύσατε τὸν δίκαιον, οὐκ ἀντιτάσσεται ὑμῖν.

5:6 Condenastes, matastes o justo, ele não está resistindo/resiste a vós.

Também aqui está presente o universal semântico Natureza vs. Cultura. Aparecem figuras da cultura: com as vestes; o ouro e a prata como valor; o salário; o trabalho no campo; o lucro; a roupa rota etc.; e da natureza: manchado; ferrugem; e a figura forte da “carne” σάρξ, figura do corpo físico-orgânico.

É significativo que a isotopia temática da morte, e vinculada diretamente à vida orgânica, está fortemente marcada pela figura da carne: φάγεται τὰς σάρκας ὑμῶν, no vers. 5:3. Ela é posta em relação com a figura do assassinato do justo: ἐφονεύσατε τὸν δίκαιον “vós matastes o justo”. Mas a marca da morte, por sua vez, aparece evocando também a figura da vida. E, se a morte do justo é marcada, ela evoca a sua ressurreição. Aqui temos que buscar na intertextualidade Atos 3:14-15:

At 3:14 ὑμεῖς δὲ τὸν ἅγιον καὶ δίκαιον ἠρνήσασθε καὶ ἠτήσασθε ἄνδρα φοιέα χαρισθῆναι ὑμῖν, 3:15 τὸν δὲ ἀρχηγὸν τῆς ζωῆς ἀπεκτείνατε ὃν ὁ θεὸς ἤγειρεν ἐκ νεκρῶν, οὗ ἡμεῖς μάρτυρές ἐσμεν.

At 3:14 Vós, porém, negastes o Santo e o Justo e pedistes que vos concedessem um homicida. 3:15 Dessarte, matastes o Autor da vida, a quem Deus ressuscitou dentre os mortos, do que nós somos testemunhas. (*tradução da ARA*)

Temos então uma intersecção de enunciados: o testemunho da destruição do rico: carne carcomida, enunciado de Tiago 5:3; o testemunho dos apóstolos da morte do justo: enunciado de Atos 3:14; a referência à ressurreição do justo: enunciado de Atos 3:15 e a marca da ressurreição do pobre, esta última no enunciado do vers. 5:4: “o grito já chegou nos ouvidos do senhor Sabahot”.

A constatação da intersecção não é mecânica. O justo e o pobre são homologados no enunciado de Tiago. Eles fazem parte do mesmo percurso que os une pela πιστις “fé”. Conforme Tg. 2:5:

2:5 Ακούσατε, ἀδελφοί μου ἀγαπητοί· οὐχ ὁ θεὸς ἐξελέξατο τοὺς πτωχοὺς τῷ κόσμῳ πλουσίους ἐν πίστει καὶ κληρονόμους τῆς βασιλείας ἧς ἐπηγγείλατο τοῖς ἀγαπῶσιν αὐτόν;

2:5 Escutai, meus irmãos amados: o deus não escolheu os pobres no mundo, ricos em fé e herdeiros do reino, o qual prometeu aos que o estão amando?

PERÍCOPE 4:13-16.

A perícopre 4:13-16 se intersecciona com os demais enunciados do texto principal, que contribuem para construir o tema da riqueza e seu acúmulo. Curiosamente, também o universal semântico Natureza vs. Cultura aqui aparece, auxiliando, como das outras vezes, a construir o tema ao utilizar a figurativização, conforme abaixo:

4:13 Ἔγε νῦν οἱ λέγοντες, Σήμερον ἢ αὔριον πορευσόμεθα εἰς τήνδε τὴν πόλιν καὶ ποιήσομεν ἐκεῖ ἐνιαυτὸν καὶ ἐμπορευσόμεθα καὶ κερδήσομεν·

4:13 Agora, vamos! Os que estão dizendo/os falantes: hoje ou amanhã nós iremos para dentro daquela cidade e faremos/produziremos lá por um ano/um tempo e comerciaremos e lucraremos.

4:14 οἵτινες οὐκ ἐπίστασθε τὸ τῆς αὔριον ποία ἡ ζωὴ Ὑμῶν· ἀτμίς γάρ ἐστε ἢ πρὸς ὀλίγον φαινομένη, ἔπειτα καὶ Ἀφανιζομένη.

4:14 Sejais quem for (vós), os que não estais sabendo/continuais não sabendo qual a vossa vida, (a) de amanhã. Pois vós sois vapor, (o) que continua estando aparecendo, pouco numeroso/pequeno, depois também começando a (ser) desaparecido.

4:15 ἀντὶ τοῦ λέγειν ὑμᾶς ἔαν ὁ κύριος θελήσῃ καὶ ζήσομεν καὶ ποιήσομεν τοῦτο ἢ ἐκεῖνο.

4:15 Ao invés do estar dizendo vós: Se o Senhor quiser também nós viveremos e nós produziremos isto ou aquilo.

4:16 νῦν δὲ καυχᾶσθε ἐν ταῖς ἀλαζονείαις ὑμῶν· πᾶσα καύχησις τοιαύτη πονηρὰ ἐστίν.

4:16 Mas agora (vós) estais vos vangloriando/estais rindo com as vossas presunções. Todo envaidecimento desse tipo é mau.

O fazer persuasivo dessa perícopre inclui a sanção oferecida. Mas, neste momento, não há mais preocupação em anunciar a morte social do rico e a deterioração

de suas riquezas. A sanção aponta para o nível existencial, descrevendo a vida como um valor efêmero. Tal como já tinha sido sugerida na perícopes 1:9-11, o tema é também figurativizado fortemente com diversos recursos: estratégias narrativas e discursivas. As figuras da natureza são utilizadas para metaforizar a existência – a vida humana. O recurso à figurativização do tema está em função da persuasão do destinador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destacamos os pontos a seguir, com o objetivo de fazer uma retrospectiva do trabalho ora apresentado e de ressaltar algumas peculiaridades das leituras/análises procedidas.

A Epístola de Tiago é um texto historicamente polêmico. Ele era polêmico já na antiguidade e continuou sendo até recentemente. Na antiguidade, atribui-se ao seu texto, e mesmo a Tiago, a origem de um movimento cristão que, já no início, firmou-se como uma verdadeira doutrina dentro do cristianismo nascente. Séculos depois, a Epístola foi duramente combatida, havendo mesmo quem a quisesse retirar do conjunto dos livros canônicos e a acusasse de ser uma “colcha de retalhos” sem coesão nem coerência. Além disso, ou talvez mesmo por causa disso, a epístola, em proporção aos demais livros do NT, foi pouco comentada e só ultimamente está sendo revisitada.

Para leitura/análise do *corpus* escolhido, aplicamos algumas metodologias mais recentes para análise de texto/discurso. A escolha do texto escrito na língua original – o Grego Ático - na sua variante Κοινή e as opções de tradução foram feitas levando em conta as possibilidades de aplicação das noções das metodologias lingüísticas. No caminho inverso, o que procuramos foi aplicar os conceitos e noções considerando os recursos do sistema grego e seu uso no discursivo.

Nesta tese buscamos apresentar uma visão teórica na qual demonstrou-se uma estrutura e processamento para a INSTÂNCIA DA ENUNCIACÃO, estabelecendo uma proposta de relação entre aquela e a instância discursiva. A proposta que apresentamos,

da relação entre as duas instâncias, contempla na gênese da enunciação um desdobramento do enunciador em vários sujeitos que participam da narratividade do processo enunciativo, sendo que o cerne das relações que permitem surgir a enunciação estaria na relação da percepção, sentir, sofrer de um sujeito com seu objeto. Esta idéia de que a gênese da enunciação se dá em uma relação de percepção partiu do ensinamento de Aristóteles, em *Periermeneias*, de que as coisas na voz são símbolos das *Παθημότητας*, “impressões/afecções” na mente.

Na relação entre as instâncias enunciativas e discursivas, o discurso se refere, em primeiro lugar, àquelas impressões obtidas pela mente e não ao objeto do mundo exterior que foi percebido. Os objetos do mundo percebidos são os de qualquer natureza: sejam “coisas” (objetos da natureza ou objetos criados), pessoas e mesmo, entre os objetos culturais, os próprios discursos com os quais um sujeito entra em contato. A instância discursiva anaforiza ou completa, talvez como uma das partes de um símbolo ou talvez como um índice, aquilo que se passa na instância enunciativa.

Para a contextualização da epístola preferimos priorizar a sua inserção dentro de um percurso narrativo, no qual um sujeito coletivo assume a palavra. A epístola estaria entre os discursos proferidos por esse sujeito. Assim, o discurso de Tiago foi visto como uma intervenção enunciativa e argumentativa dentro de um percurso narrativo amplo: o do discurso bíblico como um todo – Antigo e Novo Testamentos. Na contextualização, identificamos ainda, no próprio texto/discurso, as marcas que remetem a uma realidade sócio-cultural e também natural, em que o orador e auditório vivem e na qual se organizam como grupo.

Ao dedicarmos um capítulo inteiro e fazendo um detalhamento exaustivo das referências ao destinatário, tivemos como objetivo levantar a questão do auditório da epístola. Tradicionalmente os comentaristas e exegetas se limitam a afirmar que o escritor da carta de Tiago tem as doze tribos como suas destinatárias. Mas no momento em que voltamos nossa atenção para a questão da discursivização do destinatário, começou a se delinear em nossa leitura o fato de que o auditório da epístola não era visto somente como o destinatário da carta. Verificou-se a possibilidade de que o

auditório se estendesse tanto para o conjunto dos seres humanos, como gênero/espécie, bem como para outros leitores eventuais do mesmo discurso. Além disso, constatou-se que a discursivização do destinatário auxilia na constatação do caráter argumentativo da epístola. A escolha dos referentes, além de ser intrigantemente muito diversificada como apontamos, mostrou-se ser uma escolha ligada aos temas e argumentos do segmento textual/discursivo, no qual uma discursivização particular do destinatário aparece.

Nosso trabalho apresenta algumas pistas teóricas com relação a fatos inicialmente considerados lingüísticos, mas que, quando postos em uso, adquirem uma função discursiva. São categorias gramaticais que, no sistema da língua grega, estão revestidos de traços semânticos e também morfológicos bem marcantes, tais como: o aspecto verbal, o particípio grego, a etimologia das palavras, esta última tanto no que se refere às raízes como a composição com os prefixos preposicionais.

No que se refere ao aspecto verbal, procuramos mostrar que seu uso no discurso, entre outros, é argumentativo. Ele é argumentativo tanto no que se refere à criação de técnicas que concretizam a ação ou estado do sujeito nas pequenas narrativas - a *figura de presença* - como no ato interativo, quando, na criação de temas, o orador procura ser mais persuasivo. Neste último caso, observamos o vínculo direto entre a utilização do aspecto verbal na construção do tema do rico/riqueza, particularmente no que se refere às sanções, as quais aparecem no capítulo 5 da epístola.

O particípio grego foi visto como funcionando discursivamente na articulação textual e também como portador de uma técnica argumentativa. Como um articulador textual ele anaforiza e cataforiza segmentos e tópicos do discurso, funcionando na progressão textual. Como portador de um recurso argumentativo, a que o TA denomina de ligação de coexistência, cria um efeito de estabilidade, ainda que momentânea, para a identidade do sujeito. Essa estabilidade está em função do objetivo mais geral de (des)construção da mesma identidade do destinatário da carta.

No que se refere às raízes das palavras gregas, demonstrou-se que a identificação da sua morfologia contribui na construção de isotopias, analogias e, por extensão, na construção de temas. Tal contribuição mostrou-se eficaz e justificou a utilização do texto original. Nas versões em línguas modernas os termos traduzidos não conservam, obviamente, a mesma raiz grega. Em nossa língua portuguesa, os termos não permitem visualizar uma possível relação entre eles mesmos, impedindo a constatação de uma configuração discursiva.

Quanto aos prefixos preposicionais, observou-se que são auxiliares valiosos quando modalizam com a categoria do espaço, tanto o termo como o contexto narrativo em que aparecem.

Insistimos durante a tese na opção de utilizar a expressão *leitura/análise*. Esta insistência se deve à visão cada vez mais aceita entre os lingüistas de que o leitor participa da criação do significado/sentido do discurso que lê e analisa. Assim, o caráter dialético de todo texto/discurso que, sem exceção, na sua origem pode – *in extremis* – ser considerado como uma *lettre*, torna-se um ponto de partida extraordinariamente produtivo tanto na criação do texto, que continua com a leitura, como no compartilhamento com aqueles que irão continuar, ou nos dão a honra de nos lerem. É dentro desta proposta de leitura que fizemos as análises semióticas identificando as pistas por elas apontadas.

Finalmente, ressaltamos que a proposta do nosso trabalho está diretamente ligada: [01] à natureza do texto escolhido para leitura/análise: um texto instigante, motivador e magistral que, como tentamos demonstrar, longe de ser um “amontoado de frases” aparentemente sem ligação entre si, como é visto pelos comentaristas e exegetas, é um texto no qual se podem constatar coesão e coerência, além de uma argumentatividade que o torna visceralmente dialético. [02] À postura de confiança, incentivo e os ensinamentos que nos foram transmitidos pela Sra. Orientadora Dra. Lineide do Lago Salvador Mosca e pelo Sr. Professor Dr. Henrique Graciano Murachco, o Co-orientador no Brasil, bem como pelo Monsieur, le professeur, Louis Panier, nosso “tuteur” na França.

Contribuíram também com minha tese de forma visceral os ensinamentos dos professores das disciplinas que cursamos, os autores dos livros, os colegas da Pós, cuja companhia e grande auxílio estão aqui presentes, no final desta jornada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAM, Jean-Michel e REVAZ, Françoise. *A análise da narrativa*. Lisboa: Gradiva, 1997.

ADAM, Jean-Michel. *Les textes types et prototypes; récit, description, argumentation, explication et dialogue. Des réponses originales à l'analyse des textes: la reconnaissance des séquences*. Paris: Editions Nathan/HER, 2001.

ALMEIDA, João de. *Introdução ao estudo das perífrases verbais de infinitivo*. São Paulo: Hucitec, 1978.

ALMEIDA, Yvan. L'opérativité sémantique des récits-paraboles. *Sémiotique narrative et textuelle. Herméneutique du discours religieux*. Louvain/Paris: Editions Peeters/Editions du Cerf, 1978 (Bibliothèque des Cahiers de l'Institut de linguistique de Louvain 13).

SOUSA, P. B. Alves de. *Gramática grega*. Niterói: Escolas Profissionais Salesianas, 1942.

APOTHÉLOZ, Denis e CHANET, Catherine. Definido e demonstrativo nas nomeações. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete Biasi; CIULLA, Alena (orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003 (Clássicos da Linguística 1).

ARAÚJO, Ubirajara Inácio de. *Tessitura textual: coesão e coerência como fatores de textualidade*. 2 ed. São Paulo: Humanitas, 2002.

ARCHAIMBAULT, Sylvie. *Préhistoire de l'aspect verbal. L'émergence de la notion dans les grammaires russes*. Paris: CNRS Éditions, 1999.

ARISTÓTELES. *Categorias - De Interpretatione*. PORFIRIO. *Isagoge*. Introducción, traducción y notas de Alfonso Garcia Suárez, Luis M. Valdés Villanueva, Julian Velarde Lombraña. Madrid: Editorial Tecnos S.A., 1999.

BAILLY, M. A. *Dictionnaire grec-français*. Paris: Librairie Hachette, 1894.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1988.

BARBOSA, Jeronymo Soares. *Grammatica philosophica da língua portugueza ou principios da grammatica geral applicados á nossa linguagem*. 5 ed. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1871.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin*. 2 ed. São Paulo: EDUSP, 1999 (Ensaio de Cultura 7).

_____. Publicidade e figuratividade. In: *Alfa: Revista de Lingüística* 1 (1962).

_____. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Editora Ática, 1999.

BARROS, Mariana Luz Pessoa de. *A arquitetura das memórias: um estudo do tempo no discurso autobiográfico*. São Paulo: USP, 2006 (Dissertação de Mestrado).

BARROSO, Henrique. *O aspecto verbal perifrástico em português contemporâneo: visão funcional/sincrônica*. Porto: Porto Editora, 1994.

BATH, D. N. S. *The prominence of tense, aspect and mood*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co., 1999.

BERTRAND, Denis. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru: EDUSC, 2003.

BÍBLIA SAGRADA. Edição Revista e Atualizada (ARA). Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BÍBLIA SAGRADA. Edição Revista e Corrigida (RC95). Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

BÍBLIA SAGRADA. Nova Tradução na Língua de Hoje (NTLH). São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução Brasileir. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2001.

BITTENCOURT, Fo. Heitor. *Anotações sobre o texto grego da Epístola de Tiago com ênfase no aspecto e modo verbal, tema e argumentação*. São Paulo: USP, 2003 (Dissertação de Mestrado).

BLASS, F. & DEBRUNER, A. *A Greek grammar of the New Testament and other early Christian literature*. Chicago: The University of Chicago Press, 1961.

BLIKSTEIN, I. Intertextualidade polifonia: o discurso do plano “Brasil Novo”. In: *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin*. 2 ed. São Paulo: EDUSP, 1999 (Ensaio de Cultura 7).

BLÜHDORN, Hardarik. *A codificação de informação espacial no alemão e no português do Brasil: adposições e advérbios como meios para especificar relações estáticas*. São Paulo: USP, 1999 (Tese de Livre-Docência).

BOERS, H. Traduction semantique/transculturale de la parabole du bom samaritain. In: *Parole-figure-parabole*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1987.

BOLOGNINI, Carmen Zink. A língua estrangeira como refúgio. In: CORACINI, Maria José (org.). *Identidade & discurso: (des)construindo subjetividades*. Campinas/Chapecó: Editora da Unicamp/Argos Editora Universitária, 2003.

BORBA COSTA, Sônia Bastos. *O aspecto em português*. São Paulo: Editora Contexto, 1990.

BOUHOUHOU, Ayoub. *Les acteurs et l'illusion référentielle dans Au bonheur des Dames d' Emile Zola. Approche sémiotique*. Lyon: Université Lumière Lyon 2, 1998 (THESE pour obtenir le grade de docteur).

BRAIT, Beth. As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso. In: *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin*. 2 ed. São Paulo: EDUSP, 1999 (Ensaio de Cultura 7).

BRANDÃO, H. *Subjetividade, argumentação, polifonia: a propaganda da Petrobrás*. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

_____. *Introdução à análise do discurso*. 7 ed. São Paulo: Editora da Unicamp, s/d.

BRANDENSTEIN, W. *Lingüística griega*. Madrid: Editorial Gredos, 1964.

BROSEND II. William F. *James and Jude*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CALLOUD, Jean. Les Lettres d' Ignace d' Antioche. De la langue à la lettre. In: Louis Panier (dir.) *Les lettres dans la Bible et dans littérature* Paris: CADIR/Les Éditions du Cerf, 1999 (Coll. Lectio divina 181).

CASTILHO, Ataliba Teixeira. Ainda o aspecto verbal. In: *Epa – Estudos portugueses e africanos*. Campinas: Editora da Unicamp, 1984.

_____. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*. Marília: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1968 (Coleção de Teses 6).

CATFORD, J. C. *Uma teoria lingüística da tradução*. São Paulo: Cultrix, 1965.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete Biasi; CIULLA, Alena. (orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003 (Clássicos da Lingüística 1).

CELCE-MURCIA, M. & LARSEN-FREEMAN, D. *The grammar book: an ESL/EFL teacher's course*. Boston: Heinle & Heinle Publishers, 1999.

CHAMBERLAIN, W. D. *Gramática exegética do grego neo-testamentário*. Trad. Waldyr Carvalho Luz. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1989.

CHANTRAINE, P. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque : histoire des mots*. Paris: Éditions Klincksieck, 1990.

CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. Coord. de Tradução: Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

CHARPENTIER, E. et alii. Iniciação à análise estrutural. In: *Cadernos Bíblicos 23* (1983).

CHAUVIER, Stephane. *Dire "Je". Essai sur la subjectivité*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 2001.

CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. 9ed. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

COMRIE, B. *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

CONTE, Maria-Elisabeth. Encapsulamento anafórico. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete Biasi; CIULLA, Alena (orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003 (Clássicos da Lingüística 1).

CONTI, C. Proposta de estruturação da Carta de Tiago. In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana 31* (1998).

COQUET, Jean-Claude. *Le discours et son sujet*. Vol. 1: Essai de grammaire modale. Paris: Klincksieck, 1984.

COSERIU, E. *Teoría del lenguaje y lingüística general*. Madrid: Gredos, 1969.

_____. *O homem e sua linguagem*. 2 ed. Trad. Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

_____. Aspect verbal ou aspects verbaux? Quelques questions de théorie et de méthode. In: DAVID, Jean & MARTIN, Robert (orgs.). *La notion d'aspect*. Paris: Klincksieck, 1980.

COSTA, Sônia Bastos Borba. *O Aspecto em português: reflexão a partir de um fragmento do 'corpus' do Projeto NURC*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1986 (Dissertação de Mestrado).

COURTÈS, Joseph. *Analyse sémiotique du discours. De l' énoncé à l' énonciation*. Paris: Hachette, 1991.

_____. *Introdução à semiótica narrativa e discursiva*. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.

DANA, H. G. & MANTEY, Julius R. *A manual grammar of the Greek New Testament*. New York: The Macmillan Company, 1941.

DANOVE, Paul. A comparison of the usage of (akouw) and (akouw -compounds) in the Septuagint and New Testament. In: *Filologia Neotestamentaria* 14.27/28 (2001).

DARBELENT, J. *Stylistique comparée du français et de l'anglais*. Paris: Didier, 1977.

DELORME, Jean. Lecture et analyse Des Lettres du NT. In: Louis Panier (Dir.) *Les lettres dans la Bible et dans littérature*. LECTIO DIVINE 181. CADIR. Paris: Les Éditions du Cerf, 1999.

DENIS, Apothéloz. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete Biasi Rodrigues; CIULLA, Alena Ciulla (orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Editora Contexto, 2003 (Clássicos da Lingüística 1).

DESCOMBES, Vincent. *Le complément de sujet: enquête sur le fait d'agir de soi-même*. Paris: Éditions Gallimard, 2004.

DIETRICH, WOLF. *El aspecto verbal perifrástico en las lenguas románicas: estudios sobre el actual sistema verbal de las lenguas románicas y sobre el problema del origen del aspecto verbal perifrástico*. Versión española de Marcos Martínez Hernández. Madrid: Editorial Gredos, 1983.

DISCINI, Norma. *Comunicação nos textos: leitura, produção, exercícios*. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

_____. *Intertextualidade e conto maravilhoso*. São Paulo: Humanitas, 2001.

_____. *O estilo nos textos: história em quadrinhos, mídia, literatura*. São Paulo: Contexto, 2003.

DUBOIS, JEAN et alii. *Dicionário de lingüística*. 10 ed. São Paulo: Cultrix, 1998.

DUBOIS, Jean. *Grammaire structurale du français: le verbe*. Paris: Librairie Larousse, 1967.

DUCROT, O. *Les mots du discours*. Paris: Minuit, 1980.

_____. *O dizer e o dito*. Capinhas: Pontes, 1987.

DUCROT, O. & ANSCOMBRE, J. C. *L'Argumentation dans la langue*. 2 ed. Bruxelles: Mardaga, 1988.

ELGIN, Suzette Haden. *Que é lingüística*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

EVERAERT-DESMEDT, Nicole. *Semiótica da narrativa: método e aplicações*. Trad. Alice Maria Frias. Coimbra: Livraria Almedina, 1984.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

- FAVERO, L. L. e KOCH, I. G. V. *Linguística textual: introdução*. 3 ed. São Paulo: Cortez Editora, 1994.
- FIORIN, JOSÉ LUIZ. *As astúcias da enunciação*. 2 ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.
- FLAHAUT, F. *La parole intermédiaire*. Paris: Seuil, 1978.
- FLORES, Valdir do Nascimento e TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.
- FRANCIS, Gil. Rotulação do discurso: um aspecto da coesão lexical de grupos nominais. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete Biasi; CIULLA, Alena (orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003 (Clássicos da Linguística 1).
- FREESE, John Henry. *Aristotle. With an English translation. The "art" of rhetoric*. London/Cambridge: Harvard University Press, 1939 (Loeb Classical Library).
- FUCHS, C. As problemáticas enunciativas: esboço de uma apresentação histórica e crítica. In: *Alfa: Revista de Linguística* 29 (1985).
- GARY-PRIEUR M-N. & NOAILLY, M. Demonstrativos insólitos. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete Biasi; CIULLA, Alena (orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003 (Clássicos da Linguística 1).
- GILDERSLEEVE, B. L. *Syntax of classical Greek*. New York: American Book Company, s/d.
- GIROUD, Jean-Claude & PANIER, Louis. *Linguistique et sémiologie: analyse sémiotique des textes. Introduction, théorie, pratique*. 7 ed. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1988.
- GOODWIN, W.W. *A Greek grammar*. London: Macmillan Education, 1987.
- GREIMAS, A. J. e COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1985.
- GREIMAS, A. J. e FONTANILLE, J. *Semiótica das paixões: dos estados de coisas aos estados de alma*. Trad. Maria José Rodrigues Coracini. São Paulo: Editora Ática S.A., 1993.
- HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *L'épistolaire*. Paris: Hachette, 1995.
- JAEGER, W. Paidéia. *A formação do homem grego*. Trad. Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Editora Cultrix, 1974.

JUBRAN, Clélia Spinardi. Especificidade de referenciação metadiscursiva. In: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

JURET, A. *Les idées et les mots: essai de philosophie linguistique* Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1960.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *L'énonciation : de la subjectivité dans le langage*. Paris: Armand Colin, 1980.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. *Argumentação e linguagem*. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *Linguística textual: retrospecto e perspectivas*. In: Brait, Beth (org). *Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas*. São Paulo: Pontes, 2004.

_____. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.

_____. *Tematização e rematização*. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi e KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Vol. 1: Construção do texto falado. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

_____. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

LABEY, Daniel. *Manuel des particules grecques*. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1950.

LANDOWSKI, ERIC. *La lettre comme acte de présence*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

LANDOWSKI, Eric. *Presenças do outro: ensaios de sociosemiótica*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

LE ROBERT MICRO. *Dictionnaire d'apprentissage de la langue française*. Rédaction dirigée par Alain Rey. Paris: Dictionnaires Le Robert, 1988.

LIDDEL, H. G. & SCOTT, R. A *Greek-English lexicon*. Oxford: Clarendon Press, 1989.

LOH, I-Jin. *A handbook on the Letter from James*. Bermány: United Bible Societies, 1997.

LOUWAND, J. P. & NIDA, E. A. (eds.). *Greek-English lexicon based on semantic domains*. 2 ed. New York: United Bible Societies, 1988.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências na análise do discurso*. São Paulo: Editora da Unicamp, 1997.

_____. *Elementos de lingüística para o texto literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. *Pragmática para o discurso literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Estratégias de construção textual. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Vol. 1: Construção do texto falado. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

_____. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

MARTINET, André. *Elementos de lingüística geral*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1975.

MAURO, Maria Adélia Ferreira. Argumentação e discurso. In: MOSCA, Lineide do Lago Salvador (org.). *Retóricas de ontem e de hoje*. São Paulo: Humanitas, 1997.

MEYER, M. *Logique, langage et argumentation*. Paris: Hachette, 1982.

_____. Prefácio: Aristóteles ou a retórica das paixões. In: ARISTÓTELES. *Retórica das Paixões*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MONDADA, Lorenza e DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete Biasi; CIULLA, Alena (orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003 (Clássicos da Lingüística 1).

MOSCA, Lineide do L. Salvador. Subjetividade e formação da opinião na mídia impressa. In: GUILARDI, Maria Inês e BARZOTTO, Valdir Heitor (orgs.). *Nas telas da mídia*. Campinas: Editoria Alínea, 2002.

_____. Velhas e novas retóricas: convergências e desdobramentos. In: *Retóricas de ontem e de hoje*. São Paulo: Humanitas, 1997.

_____. Discurso publicitário e tradição retórica. In: *LUMEN: Revista de Estudos e Comunicações* 5.11 (1999).

_____. A conquista feminina do espaço discursivo. In: *Língua: Revista do Centro de Ciências da Educação da Universidade Metodista de São Paulo* 2.2 (1999).

_____. A ambigüidade como opção retórica da imprensa na relação texto/imagem. In: OLIVEIRA, A. C. FECHINE, L. Y. (orgs.). *Imagens técnicas*. São Paulo: Haecker, s/d.

_____. A teoria perelmaniana e a questão da afetividade. In: CHAGAS, Eduardo Oliveira (org.). *Chaim Perelman: direito, retórica e teoria da argumentação*. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana/Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em Filosofia. Bahia, 2004.

_____. A atualidade da retórica e seus estudos: encontros e desencontros. *I Congresso Virtual do Departamento de Literaturas Romanicas: Retórica*. Disponível em <http://www.fl.ul.pt/eventos/congresso%Freterica/efeira.htm>. Acesso em 30 de março de 2005.

MURACHCO, H. *Língua grega: visão semântica, lógica, orgânica e funcional*. 2 Vols. Petrópolis: Editora Vozes/Discurso Editorial, 2001.

PANIER, Louis. Polysémie des figures et statut figural des grandeurs figuratives: l'exemple de la Parabole des Mines (Évangile de Luc 19,12-27). In: RÉMI-GIRAUD, S. & PANIER, L. (éds.). *La polysémie ou l'empire des sens: lexicque, discours, représentations*. Lyon: P.U.L., 2003.

_____. Discours, cohérence, enunciation: une approche de sémiotique discursive. In: CALAS, F. (éd.). *Cohérence et discourse: actes du Colloque de Tunis*. Paris: Presses Universitaires de Paris-Sorbonne, 2005.

_____. Espace et narrativité: le point de vue d'une sémiotique discursive. In: *Sémiotique et Bible* 111 (2003).

_____. *La naissance du fils de Dieu. Sémiotique et théologie discursive: Lecture de Luc I-II*. Paris: Le Cerf, 1991.

_____. La théorie des figures dans l'exégèse biblique ancienne: figures en devenir. In: FONTANILLE, J. (éd.). *Le devenir*. Limoges: P.U.L.I.M, 1995.

_____. Les marques d'énonciations dans l'épître aux Galates. Essai d'organisation et d'interprétation. In: LÉMONON, Jean-Pierre (dir.). *Regards croisés sur l'épître aux Galates*. Lyon: PROFAC, 2001.

_____. Récit et figure dans la Parabole des Mines (Luc 19). Un modèle pour une sémiotique du discours. In : *Sémiotique et Bible* 117 (2005).

_____. Sémiotique et études bibliques évolutions méthodologiques et perspectives épistémologiques. In: *Destini del Sacro. Congrès de l'Aiss*. Itália, 2007.

PAYNE, Thomas E. *Describing morphosyntax: a guide for field linguists*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

PERELMAN, C. e OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Trad. Maria Ermantina Galvão. 1 ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1996.

- PERELMAN, Chain. *Retóricas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- PISTORI, Maria Helena Cruz. *Argumentação jurídica: da antiga retórica a nossos dias*. São Paulo: LTr, 2001.
- RASTIER, F. La perception semantique. In: *Semantique et recherches cognitives*. Paris: PUF, 2001
- REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 2000.
- RIEMANN, O. & CUCUEL, C. *Syntaxe grecque*. 4 ed. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1936.
- ROBERTSON, A T. *Word pictures in the Greek New Testament (ATR)*. Nashville: Broadman Press, 1934. Disponível no software *Bible Works*.
- _____. *A short grammar of the Greek New Testament*. New York: A. C. Armstrong & Son, 1909.
- ROCHA, Regina. *A enunciação de Provérbios*. São Paulo: Annablume Editora, 1995.
- ROSA, Margaret. *Marcadores de atenuação*. São Paulo: Contexto, 1992.
- RUIZ, João Álvaro. *Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos*. São Paulo: Editora Atlas, 1980.
- SÁFADY, Naief. *Introdução à análise de texto*. 4 ed. Belo Horizonte: Edições Júpiter, 1972.
- SAID ALI, M. *Gramática elementar da língua portuguesa*. 9 ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, s/d.
- SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de lingüística geral*. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 20 ed. São Paulo: Cultrix, 1995.
- SCHALKWIJK, F. Leonardo. *Coinê: pequena gramática do grego neotestamentário*. 7 ed. Patrocínio: Ceibel, 1994.
- SOUZA, Rômulo Cândido de. *Palavra, parábola: uma aventura no mundo da linguagem*. Aparecida: Editora Santuário, 1990.
- SPITZER, Carlos S. J. (ed.). *Dicionário analógico da língua portuguesa: tesouro de vocábulos e frases da língua portuguesa*. Co-editor Pe. Lidvino Santini. 2 ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1953.
- ALAND, K.; BLACK, M.; MARTINI, C. M.; METZGER, B. M.; WIKGREN, A. (eds.). *The Greek New Testament (GNT)*. 4 ed. Münster/Westphalia: Institute for New

Testament Textual Research, 1966, 1968, 1975 (United Bible Societies)/ 1993, 1994 (Deutsche Bibelgesellschaft).

KITTEL, Gerhard (ed.). *Theological dictionary of The New Testament*. 10 vols. Grand Rapids: Eerdmans Publishing Company, 1976.

THERIAULT, Jean-Yves. Quel sujet d' énonciation pour la lettre aux Colossiens? In: *Les lettres dans la Bible et dans la Littérature*. Paris: CADIR/Les Éditions du CERF, 1999 (Lectio Divina 181).

TRAVAFLIA, Luiz Carlos. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia/Centro de Ciências Humanas e Artes, 1981.

UBIRAJARA, Inácio de Araújo. *Tessitura textual: coesão e coerência como fatores de textualidade*. 2 ed. São Paulo: Humanitas, 2002.

VAYSSE, J. *Rumo ao despertar de si mesmo*. São Paulo: Editora Pensamento, 1993.

VETTERS, Carl. *Temps, aspect et narration*. Amsterdam/Atlanta: Editora Rodoppi, 1996.

VINAY J. P. & DARBELNET, J. *Stylitique comparée du français et de l'anglais. méthode de traduction*. Nouvelle édition revue et corrigée. Paris: Les éditions Didier, 1958.

VOUGA, F. *A Carta de Tiago*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

WUEST, K. *The practical use of the Greek New Testament*. Chicago: Moody Press, 1986.

ZILBERBERG, Claude. *Figures du temps et inflexions de l'espace*. Paris: Université de Paris III, 1986 (Thèse de Doctorat d'Etat).

_____. *Temps et signification dans Les Conquerantes de Heredia*. S.l, s/e, s/d. Obra encontrada na Biblioteca do CADIR (Centro para Análise do discurso Religioso), Lyon, França.

ZODHIATES, S. *The behavior of belief: an exposition of James based upon the original Greek text*. 2 ed. Grand Rapids: Eerdmans Publishing Company, 1966.

OBRAS COMPLETAS

ALFA: Revista de Lingüística. Universidade Estadual Paulista. Vols. 1 (1962); 23 (1977); 24 (1980). São Paulo: Fundação Editora da UNESP. Publicação suspensa de 1978-1979.

ANEXOS

Ἰάκωβ

Uso das cores

Preto	versículos sem verbos.
Vermelho	Frases com verbo no Aspecto Pontual.
Azul	Frases com verbo no Aspecto Infectum (inacabado).
Marrom	Frases com verbo no Aspecto Perfeito.

1:1 Ἰάκωβος θεοῦ καὶ κυρίου Ἰησοῦ Χριστοῦ δοῦλος ταῖς δώδεκα φυλαῖς ταῖς ἐν τῇ διασπορᾷ χαίρειν. **1:2** Πᾶσαν χαρὰν ἠγγήσασθε, ἀδελφοί μου, ὅταν πειρασμοῖς περιπέσητε ποικίλοις, **1:3** γινώσκοντες ὅτι τὸ δοκίμιον ὑμῶν τῆς πίστεως κατεργάζεται ὑπομονήν **1:4** ἢ δὲ ὑπομονὴ ἔργον τέλειον ἐχέτω, ἵνα ᾦτε τέλειοι καὶ ὀλόκληροι ἐν μηδενὶ λειπόμενοι. **1:5** Εἰ δέ τις ὑμῶν λείπεται σοφίας, αἰτείτω παρὰ τοῦ διδόντος θεοῦ πᾶσιν ἀπλῶς καὶ μὴ ὀνειδίζοντος καὶ δοθήσεται αὐτῷ. **1:6** αἰτείτω δὲ ἐν πίστει μηδὲν διακρινόμενος ὁ γὰρ διακρινόμενος ἕοικεν κλύδωνι θαλάσσης ἀνεμιζομένῳ καὶ ῥιπιζομένῳ. **1:7** μὴ γὰρ οἰέσθω ὁ ἄνθρωπος ἐκεῖνος ὅτι λήμψεται τι παρὰ τοῦ κυρίου, **1:8** ἀνὴρ δίψυχος, ἀκατάστατος ἐν πάσαις ταῖς ὁδοῖς αὐτοῦ. **1:9** Καυχάσθω δὲ ὁ ἀδελφὸς ὁ ταπεινὸς ἐν τῷ ὕψει αὐτοῦ, **1:10** ὁ δὲ πλούσιος ἐν τῇ ταπεινώσει αὐτοῦ, ὅτι ὡς ἄνθος χόρτου παρελεύσεται. **1:11** ἀνέτειλεν γὰρ ὁ ἥλιος σὺν τῷ καύσῳ καὶ ἐξήρανε τὸν χόρτον καὶ τὸ ἄνθος αὐτοῦ ἐξέπεσεν καὶ ἡ εὐπρέπεια τοῦ προσώπου αὐτοῦ ἀπώλετο·

οὕτως καὶ ὁ πλούσιος ἐν ταῖς πορείαις αὐτοῦ μαραινθήσεται. **1:12** Μακάριος ἀνὴρ ὃς ὑπομένει πειρασμόν, ὅτι δόκιμος γενόμενος λήμψεται τὸν στέφανον τῆς ζωῆς ὃν ἐπηγγείλατο τοῖς ἀγαπῶσιν αὐτόν. **1:13** μηδεὶς πειραζόμενος λεγέτω ὅτι Ἄπο θεοῦ πειράζομαι· ὁ γὰρ θεὸς ἀπείραστός ἐστιν κακῶν, πειράζει δὲ αὐτὸς οὐδένα. **1:14** ἕκαστος δὲ πειράζεται ὑπὸ τῆς ἰδίας ἐπιθυμίας ἐξελλκόμενος καὶ δελεαζόμενος· **1:15** εἶτα ἡ ἐπιθυμία συλλαβοῦσα τίκτει ἁμαρτίαν, ἡ δὲ ἁμαρτία ἀποτελεσθεῖσα ἀποκύει θάνατον. **1:16** Μὴ πλανᾶσθε, ἀδελφοί μου ἀγαπητοί. **1:17** πᾶσα δόσις ἀγαθῆ καὶ πᾶν δώρημα τέλειον ἄνωθεν ἐστὶν καταβαλῖνον ἀπὸ τοῦ πατρὸς τῶν φώτων, παρ' ᾧ οὐκ ἔστι παραλλαγή ἢ τροπῆς ἀποσκίασμα. **1:18** βουλευθεὶς ἀπεκύησεν ἡμᾶς λόγῳ ἀληθείας εἰς τὸ εἶναι ἡμᾶς ἀπαρχὴν τινα τῶν αὐτοῦ κτισμάτων. **1:19** Ἴστε, ἀδελφοί μου ἀγαπητοί· ἔστω δὲ πᾶς ἄνθρωπος ταχὺς εἰς τὸ ἀκοῦσαι, βραδὺς εἰς τὸ λαλήσαι, βραδὺς εἰς ὀργὴν· **1:20** ὀργὴ γὰρ ἀνδρὸς δικαιοσύνην θεοῦ οὐκ ἐργάζεται. **1:21** διὸ ἀποθέμενοι πᾶσαν ῥυπαρίαν καὶ περισσεῖαν κακίας ἐν πραύτητι, δέξασθε τὸν ἔμφυτον λόγον τὸν δυνάμενον σῶσαι τὰς ψυχὰς ὑμῶν. **1:22** Γίνεσθε δὲ ποιηταὶ λόγου καὶ μὴ μόνον ἀκροαταὶ παραλογιζόμενοι ἑαυτοῦς. **1:23** ὅτι εἴ τις ἀκροατὴς λόγου ἐστὶν καὶ οὐ ποιητὴς, οὗτος ἔοικεν ἀνδρὶ κατανοοῦντι τὸ πρόσωπον τῆς γενέσεως αὐτοῦ ἐν ἐσώπτῳ· **1:24** κατεινόησεν γὰρ ἑαυτὸν καὶ ἀπελήλυθεν καὶ εὐθέως ἐπελάθετο ὁποῖος ἦν. **1:25** ὁ δὲ παρακύψας εἰς νόμον τέλειον τὸν τῆς ἐλευθερίας καὶ παραμείνας, οὐκ ἀκροατὴς ἐπιλησμονῆς γενόμενος ἀλλὰ ποιητὴς ἔργου, οὗτος μακάριος ἐν τῇ ποιήσει αὐτοῦ ἔσται. **1:26** Εἴ τις δοκεῖ θρησκὸς εἶναι μὴ χαλιναγωγῶν γλώσσαν αὐτοῦ ἀλλὰ ἀπατῶν καρδίαν αὐτοῦ, τούτου μάταιος ἡ θρησκεία. **1:27** θρησκεία καθαρὰ καὶ ἀμίαντος παρὰ τῷ θεῷ καὶ πατρὶ αὕτη ἐστίν, ἐπισκέπτεσθαι ὀρφανούς καὶ χήρας ἐν τῇ θλίψει αὐτῶν, ἄσπιλον ἑαυτὸν τηρεῖν ἀπὸ τοῦ κόσμου. **2:1** Ἀδελφοί μου, μὴ ἐν προσωπολημψίαις ἔχετε τὴν πίστιν τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ τῆς δόξης. **2:2** ἐὰν γὰρ εἰσέλθῃ εἰς συναγωγὴν ὑμῶν ἀνὴρ χρυσοδακτύλιος ἐν ἐσθήτι λαμπρᾷ, εἰσέλθῃ δὲ καὶ πτωχὸς ἐν ῥυπαρᾷ ἐσθήτι, **2:3** ἐπιβλέψητε δὲ ἐπὶ τὸν φοροῦντα τὴν ἐσθήτα τὴν λαμπρὰν καὶ εἶπητε, Σὺ κάθου ὧδε καλῶς, καὶ τῷ πτωχῷ εἶπητε, Σὺ στήθι ἐκεῖ ἢ κάθου ὑπὸ τὸ ὑποπόδιόν μου, **2:4** οὐ διεκρίθητε ἐν ἑαυτοῖς καὶ ἐγένεσθε κριταὶ διαλογισμῶν ποιητῶν; **2:5** Ἀκούσατε, ἀδελφοί μου ἀγαπητοί· οὐχ ὁ θεὸς ἐξελέξατο τοὺς πτωχοὺς τῷ κόσμῳ πλουσίους ἐν πίστει καὶ κληρονόμους τῆς βασιλείας ἧς ἐπηγγείλατο τοῖς ἀγαπῶσιν αὐτόν; **2:6** ὑμεῖς δὲ ἠτιμάσατε τὸν πτωχόν. οὐχ οἱ πλούσιοι καταδυναστεύουσιν ὑμῶν καὶ αὐτοὶ ἔλκουσιν ὑμᾶς εἰς κριτήρια; **2:7** οὐκ αὐτοὶ βλασφημοῦσιν τὸ καλὸν ὄνομα τὸ ἐπικληθὲν ἐφ' ὑμᾶς; **2:8** εἰ μέντοι νόμον τελεῖτε βασιλικὸν κατὰ τὴν γραφὴν, Ἀγαπήσεις τὸν πλησίον σου ὡς σεαυτόν, καλῶς ποιεῖτε· **2:9** εἰ δὲ προσωπολημπτεῖτε, ἁμαρτίαν ἐργάζεσθε ἐλεγχόμενοι ὑπὸ τοῦ νόμου ὡς παραβάται. **2:10** ὅστις γὰρ ὅλον τὸν νόμον τηρήσῃ πταισῆ δὲ ἐν ἐνί, γέγονεν πάντων ἔνοχος. **2:11** ὁ γὰρ εἰπὼν, Μὴ μοιχεύσης, εἶπεν καὶ, Μὴ φονεύσης· εἰ δὲ οὐ μοιχεύεις φονεύεις δέ, γέγονας παραβάτης νόμου. **2:12** οὕτως λαλεῖτε καὶ οὕτως ποιεῖτε ὡς διὰ νόμου ἐλευθερίας μέλλοντες κρίνεσθαι. **2:13** ἡ γὰρ κρίσις ἀνέλεος τῷ μὴ ποιήσαντι ἔλεος· κατακαυχᾶται ἔλεος κρίσεως. **2:14** Τί τὸ ὄφελος, ἀδελφοί μου, ἐὰν πίστιν λέγῃ τις ἔχειν ἔργα δὲ μὴ ἔχη; μὴ δύναται ἡ πίστις σῶσαι αὐτόν; **2:15** ἐὰν ἀδελφὸς ἢ ἀδελφὴ γυμνοὶ ὑπάρχωσιν καὶ λειπόμενοι τῆς ἐφημέρου τροφῆς **2:16** εἶπη δέ τις αὐτοῖς ἐξ ὑμῶν, Ὑπάγετε ἐν εἰρήνῃ, θερμαίνεσθε καὶ χορτάζεσθε, μὴ δώτε δὲ αὐτοῖς τὰ ἐπιτήδεια τοῦ σώματος, τί τὸ ὄφελος; **2:17** οὕτως καὶ ἡ πίστις, ἐὰν μὴ ἔχη ἔργα, νεκρά ἐστὶν καθ' ἑαυτήν. **2:18** Ἄλλ' ἐρεῖ τις, Σὺ πίστιν ἔχεις, κἀγὼ ἔργα ἔχω· δεῖξόν

μοι τὴν πίστιν σου χωρὶς τῶν ἔργων, ἀγῶ σοι δεῖξω ἐκ τῶν ἔργων μου τὴν πίστιν. **2:19** σὺ πιστεύεις ὅτι εἷς ἐστὶν ὁ θεός, καλῶς ποιεῖς· καὶ τὰ δαιμόνια πιστεύουσιν καὶ φρίσσουν. **2:20** θέλεις δὲ γινῶναι, ὡς ἄνθρωπε κενέ, ὅτι ἡ πίστις χωρὶς τῶν ἔργων ἀργή ἐστίν; **2:21** Ἀβραὰμ ὁ πατὴρ ἡμῶν οὐκ ἐξ ἔργων ἐδικαιώθη ἀνευρέγκας Ἰσαὰκ τὸν υἱὸν αὐτοῦ ἐπὶ τὸ θυσιαστήριον; **2:22** βλέπεις ὅτι ἡ πίστις συνήργει τοῖς ἔργοις αὐτοῦ καὶ ἐκ τῶν ἔργων ἡ πίστις ἐτελειώθη, **2:23** καὶ ἐπληρώθη ἡ γραφή ἡ λέγουσα, Ἐπίστευσεν δὲ Ἀβραὰμ τῷ θεῷ, καὶ ἐλογίσθη αὐτῷ εἰς δικαιοσύνην καὶ φίλος θεοῦ ἐκλήθη. **2:24** ὁρᾶτε ὅτι ἐξ ἔργων δικαιούται ἄνθρωπος καὶ οὐκ ἐκ πίστεως μόνον. **2:25** ὁμοίως δὲ καὶ Ῥαὰβ ἡ πόρνη οὐκ ἐξ ἔργων ἐδικαιώθη ὑποδεξαμένη τοὺς ἀγγέλους καὶ ἑτέρα ὁδῶ ἐκβαλοῦσα; **2:26** ὡσπερ γὰρ τὸ σῶμα χωρὶς πνεύματος νεκρὸν ἐστίν, οὕτως καὶ ἡ πίστις χωρὶς ἔργων νεκρά ἐστίν **3:1** Μὴ πολλοὶ διδάσκαλοι γίνεσθε, ἀδελφοί μου, εἰδότες ὅτι μείζον κρίμα λημψόμεθα. **3:2** πολλὰ γὰρ πταίομεν ἅπαντες. εἴ τις ἐν λόγῳ οὐ πταίει, οὗτος τέλειος ἀνὴρ δυνατὸς χαλιναγωγῆσαι καὶ ὄλον τὸ σῶμα. **3:3** εἰ δὲ τῶν ἵππων τοὺς χαλινοὺς εἰς τὰ στόματα βάλλομεν εἰς τὸ πείθεσθαι αὐτοὺς ἡμῖν, καὶ ὄλον τὸ σῶμα αὐτῶν μετάγομεν. **3:4** ἰδοὺ καὶ τὰ πλοῖα τηλικαῦτα ὄντα καὶ ὑπὸ ἀνέμων σκληρῶν ἐλαυνόμενα, μέταγεται ὑπὸ ἐλαχίστου πηδαλίου ὅπου ἡ ὁρμὴ τοῦ εὐθύνοντος βούλεται, **3:5** οὕτως καὶ ἡ γλῶσσα μικρὸν μέλος ἐστίν καὶ μεγάλα ἀρχεῖ. Ἴδοὺ ἡλικὸν πῦρ ἡλικίην ὕλην ἀνάπτει· **3:6** καὶ ἡ γλῶσσα πῦρ· ὁ κόσμος τῆς ἀδικίας ἡ γλῶσσα καθίσταται ἐν τοῖς μέλεσιν ἡμῶν, ἡ σπιλοῦσα ὄλον τὸ σῶμα καὶ φλογίζουσα τὸν τροχὸν τῆς γενέσεως καὶ φλογιζομένη ὑπὸ τῆς γέεννης. **3:7** πᾶσα γὰρ φύσις θηρίων τε καὶ πετεινῶν, ἐρπετῶν τε καὶ ἐναλίων δαμάζεται καὶ δεδάμασται τῇ φύσει τῇ ἀνθρωπίνῃ, **3:8** τὴν δὲ γλῶσσαν οὐδεὶς δαμάσαι δύναται ἀνθρώπων, ἀκατάστατον κακόν, μεστὴ ἰοῦ θανατηφόρου. **3:9** ἐν αὐτῇ εὐλογοῦμεν τὸν κύριον καὶ πατέρα καὶ ἐν αὐτῇ καταρώμεθα τοὺς ἀνθρώπους τοὺς καθ' ὁμοίωσιν θεοῦ γεγονότας, **3:10** ἐκ τοῦ αὐτοῦ στόματος ἐξέρχεται εὐλογία καὶ κατάρα. οὐ χρή, ἀδελφοί μου, ταῦτα οὕτως γίνεσθαι. **3:11** μήτι ἡ πηγὴ ἐκ τῆς αὐτῆς ὀπῆς βρῦει τὸ γλυκὺ καὶ τὸ πικρὸν; **3:12** μὴ δύναται, ἀδελφοί μου, συκὴ ἐλαίας ποιῆσαι ἢ ἄμπελος σῦκα; οὔτε ἄλυκὸν γλυκὺ ποιῆσαι ὕδωρ. **3:13** Τίς σοφὸς καὶ ἐπιστήμων ἐν ὑμῖν; δειξάτω ἐκ τῆς καλῆς ἀναστροφῆς τὰ ἔργα αὐτοῦ ἐν πραύτητι σοφίας. **3:14** εἰ δὲ ζῆλον πικρὸν ἔχετε καὶ ἐριθείαν ἐν τῇ καρδίᾳ ὑμῶν, μὴ κατακαυχᾶσθε καὶ ψεύδεσθε κατὰ τῆς ἀληθείας. **3:15** οὐκ ἔστιν αὕτη ἡ σοφία ἄνωθεν κατερχομένη ἀλλὰ ἐπίγειος, ψυχικὴ, δαιμονιώδης. **3:16** ὅπου γὰρ ζῆλος καὶ ἐριθεία, ἐκεῖ ἀκαταστασία καὶ πᾶν φαῦλον πρᾶγμα. **3:17** ἡ δὲ ἄνωθεν σοφία πρῶτον μὲν ἀγνή ἐστίν, ἔπειτα εἰρηνικὴ, ἐπιεικὴς, εὐπειθής, μεστὴ ἐλέους καὶ καρπῶν ἀγαθῶν, ἀδιάκριτος, ἀνυπόκριτος. **3:18** καρπὸς δὲ δικαιοσύνης ἐν εἰρήνῃ σπείρεται τοῖς ποιοῦσιν εἰρήνην. **4:1** Πόθεν πόλεμοι καὶ πόθεν μάχαι ἐν ὑμῖν; οὐκ ἐντεῦθεν, ἐκ τῶν ἡδονῶν ὑμῶν τῶν στρατευομένων ἐν τοῖς μέλεσιν ὑμῶν; **4:2** ἐπιθυμεῖτε καὶ οὐκ ἔχετε, φονεύετε καὶ ζηλοῦτε καὶ οὐ δύνασθε ἐπιτυχεῖν, μάχεσθε καὶ πολεμεῖτε, οὐκ ἔχετε διὰ τὸ μὴ αἰτεῖσθαι ὑμᾶς, **4:3** αἰτεῖτε καὶ οὐ λαμβάνετε διότι κακῶς αἰτεῖσθε, ἵνα ἐν ταῖς ἡδοναῖς ὑμῶν δαπανήσητε. **4:4** μοιχαλίδες, οὐκ οἴδατε ὅτι ἡ φιλία τοῦ κόσμου ἔχθρα τοῦ θεοῦ ἐστίν; ὃς ἐὰν οὖν βουληθῆ φίλος εἶναι τοῦ κόσμου, ἐχθρὸς τοῦ θεοῦ καθίσταται. **4:5** ἡ δοκεῖτε ὅτι κενῶς ἡ γραφὴ λέγει, Πρὸς φθόνον ἐπιποθεῖ τὸ πνεῦμα ὃ κατῶκισεν ἐν ἡμῖν, **4:6** μείζονα δὲ δίδωσιν χάριν; διὸ λέγει, Ὁ θεὸς ὑπερηφάνους ἀντιτάσσεται, ταπεινοῖς δὲ δίδωσιν χάριν. **4:7** ὑποτάγητε οὖν τῷ θεῷ, ἀντίστητε δὲ τῷ διαβόλῳ καὶ φεύζεται ἀφ' ὑμῶν, **4:8** ἐγγίσατε τῷ θεῷ καὶ ἐγγιεῖ ὑμῖν.

καθαρίσατε χεῖρας, ἁμαρτωλοί, καὶ ἀγνίσατε καρδίας, δίψυχοι. **4:9** ταλαιπωρήσατε καὶ πεινήσατε καὶ κλαύσατε. ὁ γέλως ὑμῶν εἰς πένθος μετατραπήτω καὶ ἡ χαρὰ εἰς κατήφειαν. **4:10** ταπεινώθητε ἐνώπιον κυρίου καὶ ὑψώσει ὑμᾶς. **4:11** Μὴ καταλαλεῖτε ἀλλήλων, ἀδελφοί. ὁ καταλαλῶν ἀδελφοῦ ἢ κρίνων τὸν ἀδελφὸν αὐτοῦ καταλαλεῖ νόμου καὶ κρίνει νόμον· εἰ δὲ νόμον κρίνεις, οὐκ εἶ ποιητὴς νόμου ἀλλὰ κριτὴς. **4:12** εἷς ἐστὶν [ὁ] νομοθέτης καὶ κριτὴς ὁ δυνάμενος σῶσαι καὶ ἀπολέσαι· σὺ δὲ τίς εἶ ὁ κρίνων τὸν πλησίον; **4:13** Ἄγε νῦν οἱ λέγοντες, Σήμερον ἢ αὔριον πορευσόμεθα εἰς τήνδε τὴν πόλιν καὶ ποιήσομεν ἐκεῖ ἐνιαυτὸν καὶ ἐμπορευσόμεθα καὶ κερδήσομεν· **4:14** οἵτινες οὐκ ἐπίστασθε τὸ τῆς αὔριον ποία ἡ ζωὴ ὑμῶν· ἀτμὶς γὰρ ἐστε ἢ πρὸς ὀλίγον φαινομένη, ἔπειτα καὶ ἀφανιζομένη. **4:15** ἀντὶ τοῦ λέγειν ὑμᾶς, Ἐὰν ὁ κύριος θελήσῃ καὶ ζήσομεν καὶ ποιήσομεν τοῦτο ἢ ἐκεῖνο. **4:16** νῦν δὲ καυχᾶσθε ἐν ταῖς ἀλαζονείαις ὑμῶν· πᾶσα καύχησις τοιαύτη ποιηρὰ ἐστίν. **4:17** εἰδότες οὖν καλὸν ποιεῖν καὶ μὴ ποιοῦντι, ἁμαρτία αὐτῷ ἐστίν. **5:1** Ἄγε νῦν οἱ πλούσιοι, κλαύσατε ὀλολύζοντες ἐπὶ ταῖς ταλαιπωρίαις ὑμῶν ταῖς ἐπερχομέναις. **5:2** ὁ πλοῦτος ὑμῶν σέσηπεν καὶ τὰ ἱμάτια ὑμῶν σητόβρωτα γέγονεν, **5:3** ὁ χρυσοὺς ὑμῶν καὶ ὁ ἄργυρος κατΐεται καὶ ὁ ἰὸς αὐτῶν εἰς μαρτύριον ὑμῖν ἔσται καὶ φάγεται τὰς σάρκας ὑμῶν ὡς πῦρ. ἐθησαυρίσατε ἐν ἐσχάταις ἡμέραις. **5:4** ἰδοὺ ὁ μισθὸς τῶν ἐργατῶν τῶν ἀμησάντων τὰς χώρας ὑμῶν ὁ ἀπεστερημένος ἀφ' ὑμῶν κρᾶζει, καὶ αἱ βοαὶ τῶν θηρισάντων εἰς τὰ ὄρα κυρίου Σαβαώθ εἰσεληλύθασιν. **5:5** ἐτρυφήσατε ἐπὶ τῆς γῆς καὶ ἐσπαταλήσατε, ἐθρέψατε τὰς καρδίας ὑμῶν ἐν ἡμέρᾳ σφαγῆς, **5:6** κατεδικάσατε, ἐφονεύσατε τὸν δίκαιον, οὐκ ἀντιτάσσεται ὑμῖν· **5:7** Μακροθυμήσατε οὖν, ἀδελφοί, ἕως τῆς παρουσίας τοῦ κυρίου. ἰδοὺ ὁ γεωργὸς ἐκδέχεται τὸν τίμιον καρπὸν τῆς γῆς μακροθυμῶν ἐπ' αὐτῷ ἕως λάβῃ πρόϊμον καὶ ὄψιμον. **5:8** μακροθυμήσατε καὶ ὑμεῖς, στηρίζατε τὰς καρδίας ὑμῶν, ὅτι ἡ παρουσία τοῦ κυρίου ἤγγικεν. **5:9** μὴ στενάζετε, ἀδελφοί, κατ' ἀλλήλων ἵνα μὴ κριθῆτε· ἰδοὺ ὁ κριτὴς πρὸ τῶν θυρῶν ἔστηκεν. **5:10** ὑπόδειγμα λάβετε, ἀδελφοί, τῆς κακοπαθείας καὶ τῆς μακροθυμίας τοὺς προφῆτας οἱ ἐλάλησαν ἐν τῷ ὀνόματι κυρίου. **5:11** ἰδοὺ μακαρίζομεν τοὺς ὑπομείναντας· τὴν ὑπομονὴν Ἰωβ ἠκούσατε καὶ τὸ τέλος κυρίου εἶδετε, ὅτι πολὺσπλαγχνὸς ἐστὶν ὁ κύριος καὶ οἰκτίρμων. **5:12** Πρὸ πάντων δέ, ἀδελφοί μου, μὴ ὀμνύετε μήτε τὸν οὐρανὸν μήτε τὴν γῆν μήτε ἄλλον τινα ὄρκον· ἦτω δὲ ὑμῶν τὸ Ναὶ ναὶ καὶ τὸ Οὐ οὐ, ἵνα μὴ ὑπὸ κρίσιν πέσητε. **5:13** Κακοπαθεῖ τις ἐν ὑμῖν, προσευχέσθω· εὐθυμεῖ τις, ψαλλέτω· **5:14** ἀσθενεῖ τις ἐν ὑμῖν, προσκαλεσάσθω τοὺς πρεσβυτέρους τῆς ἐκκλησίας καὶ προσευξάσθωσαν ἐπ' αὐτὸν ἀλείψαντες [αὐτὸν] ἐλαίῳ ἐν τῷ ὀνόματι τοῦ κυρίου. **5:15** καὶ ἡ εὐχὴ τῆς πίστεως σώσει τὸν κάμνοντα καὶ ἐγερεῖ αὐτὸν ὁ κύριος· κὰν ἁμαρτίας ἦ πεποιηκώς, ἀφεθήσεται αὐτῷ. **5:16** ἐξομολογεῖσθε οὖν ἀλλήλοις τὰς ἁμαρτίας καὶ εὐχεσθε ὑπὲρ ἀλλήλων ὅπως ἰαθῆτε. πολὺ ἰσχύει δέησις δικαίου ἐνεργουμένη. **5:17** Ἦλίας ἄνθρωπος ἦν ὁμοιοπαθὴς ἡμῖν, καὶ προσευχῇ προσηύξατο τοῦ μὴ βρέξαι, καὶ οὐκ ἔβρεξεν ἐπὶ τῆς γῆς ἐνιαυτοὺς τρεῖς καὶ μῆνας ἕξ· **5:18** καὶ πάλιν προσηύξατο, καὶ ὁ οὐρανὸς ἕτερον ἔδωκεν καὶ ἡ γῆ ἐβλάστησεν τὸν καρπὸν αὐτῆς. **5:19** Ἀδελφοί μου, ἐὰν τις ἐν ὑμῖν πλανηθῆ ἀπὸ τῆς ἀληθείας καὶ ἐπιστρέψῃ τις αὐτόν, **5:20** γινωσκέτω ὅτι ὁ ἐπιστρέψας ἁμαρτωλὸν ἐκ πλάνης ὁδοῦ αὐτοῦ σώσει ψυχὴν αὐτοῦ ἐκ θανάτου καὶ καλύψει πληθὸς ἁμαρτιῶν·

EPISTOLA DE TIAGO
TRADUÇÃO LINEAR

1:1 Ἰάκωβος θεοῦ καὶ κυρίου Ἰησοῦ Χριστοῦ δοῦλος ταῖς δώδεκα φυλαῖς ταῖς ἐν τῇ διασπορᾷ χαίρειν.

1:1 Tiago, servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo, para as doze tribos, aquelas na diáspora, saudações/bem vindos.

1:2 πᾶσαν χαρὰν ἠγήσασθε, ἀδελφοί μου, ὅταν πειρασμοῖς περιπέσητε ποικίλοις

1:2 Meus irmãos, dirigi-vos em direção a toda a alegria, quando/semprе que cairdes envolvidos/enredados, nos mais diversos envolvimentos enredamentos/testes/provas/tentações.

1:3 γινώσκοντες ὅτι τὸ δοκίμιον ὑμῶν τῆς πίστεως κατεργάζεται ὑπομονήν.

1:3 Ao mesmo tempo tomando conhecimento/sabendo/sabedores de que a prova da vossa fé/ colocação em pé/postura está realizando com seu trabalho para vós mesmos, a perseverança/a permanência.

1:4 ἡ δὲ ὑπομονὴ ἔργον τέλειον ἐχέτω, ἵνα ἦτε τέλειοι καὶ ὀλόκληροι ἐν μηδενὶ λειπόμενοι.

1:4 E a perseverança comece a ter/continue a ter um trabalho completo/que atinje sua meta, para que sejais completos/atingidores do fim/meta e herdeiros completos, em nada faltantes.

1:5 Εἰ δέ τις ὑμῶν λείπεται σοφίας, αἰτείτω παρὰ τοῦ διδόντος θεοῦ πᾶσιν ἀπλῶς καὶ μὴ ὀνειδίζοντος καὶ δοθήσεται αὐτῷ.

1:5 E se, dentre vós, alguém está precisando/carecendo/faltante de sabedoria, diga a ele que busque/que ele entre no ato de buscar, da parte do Deus doante/que está doando a todos, simplesmente, e que não censura /não está agredindo e ser-lhe-á dada.

1:6 αἰτείτω δὲ ἐν πίστει μηδὲν διακρινόμενος ὁ γὰρ διακρινόμενος ἕοικεν κλύδωνι θαλάσσης ἀνεμιζομένῳ καὶ ῥιπιζομένῳ.

1:6 Que ele busque/entre no ato de buscar com fé, e não fazendo julgamentos atravessados/ considerações/discriminações, pois o que está fazendo julgamentosatravessados/ considerações/ discriminações parece uma onda do mar, que está sendo agitada/empurrada e soprada pelo vento.

1:7 μὴ γὰρ οἰέσθω ὁ ἄνθρωπος ἐκεῖνος ὅτι λήμψεται τι παρὰ τοῦ κυρίου

1:7 Pois, diga a ele - aquele ser humano/o ser humano aquele - que não pense/não comece a pensar /não continue pensando, que receberá algo da parte do Senhor.

1:8 ἀνὴρ δίψυχος, ἀκατάστατος ἐν πάσαις ταῖς ὁδοῖς αὐτοῦ.

1:8 Um homem masculino de mente dupla, inconstante/instável/desposicionado em todos os caminhos dele.

1:9 Καυχᾶσθω δὲ ὁ ἀδελφὸς ὁ ταπεινὸς ἐν τῷ ὕψει αὐτοῦ,

1:9 Mas, diga ao irmão, o humilde /pobre, que ele que comece a se vangloriar/a se exaltar, em/com a altura/nível dele.

1:10 ὁ δὲ πλούσιος ἐν τῇ ταπεινώσει αὐτοῦ, ὅτι ὡς ἄνθος χόρτου παρελεύσεται.

1:10 Mas ao rico, diga a ele que (comece a se vangloriar/exaltar) na sua humilhação, porque irá embora/cairá/passará como a flor da erva.

1:11 ἀνέτειλεν γὰρ ὁ ἥλιος σὺν τῷ καύσωνι καὶ ἐξήρανε τὸν χόρτον καὶ τὸ ἄνθος αὐτοῦ ἐξέπεσεν καὶ ἡ εὐπρέπεια τοῦ προσώπου αὐτοῦ ἀπόλετο· οὕτως καὶ ὁ πλούσιος ἐν ταῖς πορείαις αὐτοῦ μαραινθήσεται.

1:11 Pois, o sol atingiu o seu ponto máximo/o seu pico/a sua meta tendo ao lado o vento escaldante/abrasador e secou a erva e a sua flor caiu e a beleza da aparência dela morreu/desapareceu. Assim também o rico em seus negócios/nas suas andanças será murcho.

1:12 Μακάριος ἀνὴρ ὃς ὑπομένει πειρασμόν, ὅτι δόκιμος γενόμενος λήμψεται τὸν στέφανον τῆς ζωῆς ὃν ἐπηγγείλατο τοῖς ἀγαπῶσιν αὐτόν.

1:12 Bem aventurado o homem masculino aquele que permanece em direção ao envolvimento/enredamento/prova, porque tendo se tornado provado, ele receberá a coroa da vida a que ele prometeu aos que (ao mesmo tempo) o estão amando.

1:13 μηδεὶς πειραζόμενος λεγέτω ὅτι Ἐκ τοῦ θεοῦ πειράζομαι· ὁ γὰρ θεὸς ἀπείραστός ἐστιν κακῶν, πειράζει δὲ αὐτὸς οὐδένα.

1:13 Ninguém ao mesmo tempo que está sendo envolvido/provado/tentado (ele) diga/comece a dizer/ continue a dizer “da parte de Deus eu estou sendo envolvido/provado/tentado”, pois o Deus não é envolvedor/tentador maldoso/para o mal - suscetível de tentação a partir dos males. Ele mesmo ninguém envolve/testa/tenta.

1:14 ἕκαστος δὲ πειράζεται ὑπὸ τῆς ἰδίας ἐπιθυμίας ἐξεκόμενος καὶ δελεαζόμενος·

1:14 Mas cada um é/está sendo envolvido/provado/tentado pela própria ambição/cobiça. Estando sendo arrastado/tirado, pescado e sendo iscado/seduzido.

1:15 εἴτα ἡ ἐπιθυμία συλλαβοῦσα τίκτει ἁμαρτίαν, ἡ δὲ ἁμαρτία ἀποτελεσθεῖσα ἀποκύει θάνατον.

1:15 A seguir, a ambição tendo sido reunida/agregada/juntada gera um pecado/não atingimento da meta. E o pecado tendo ocorrido/sido completado gera morte.

1:16 Μὴ πλανᾶσθε, ἀδελφοί μου ἀγαπητοί.

1:16 Não continuais sendo errantes/vagantes, meus irmãos amados queridos.

1:17 πᾶσα δόσις ἀγαθὴ καὶ πᾶν δῶρημα τέλειον ἄνωθέν ἐστιν καταβαῖνον ἀπὸ τοῦ πατρὸς τῶν φώτων, παρ' ᾧ οὐκ ἔνι παραλλαγή ἢ τροπῆς ἀποσκίασμα.

1:17 Todo doação boa e todo presente dado completo/com objetivo/com meta/está descendo do alto, do pai das luzes; junto ao qual não existem mudanças/sombras ou de volta/lugar de mudança.

1:18 βουλευθεὶς ἀπεκύησεν ἡμᾶς λόγῳ ἀληθείας εἰς τὸ εἶναι ἡμᾶς ἀπαρχὴν τινα τῶν αὐτοῦ κτισμάτων.

1:18 Tendo tido vontade, ele nos gerou pela palavra da verdade/do não esquecimento para sermos um tipo de primícia das criaturas dele.

1:19 Ἴστε, ἀδελφοί μου ἀγαπητοί· ἔστω δὲ πᾶς ἄνθρωπος ταχὺς εἰς τὸ ἀκοῦσαι, βραδὺς εἰς τὸ λαλῆσαι, βραδὺς εἰς ὀργήν·

1:19 Vós sabeis, meus irmãos amados/queridos: seja todo ser humano rápido/pronto para o escutar, lento para o tagarelar, e lento para uma agitação.

1:20 ὀργὴ γὰρ ἀνδρὸς δικαιοσύνην θεοῦ οὐκ ἐργάζεται.

1:20 Pois, uma agitação de um homem masculino justiça de Deus não está trabalhando/trabalha.

1:21 διὸ ἀποθέμενοι πᾶσαν ῥυπαρίαν καὶ περισσεΐαν κακίας ἐνπραύτητι, δέξασθε τὸν ἔμφυτον λόγον τὸν δυνάμενον σῶσαι τὰς ψυχὰς ὑμῶν.

1:21 Porque despojados de toda avareza/vileza sórdida e susupérfluo de maldade, com inteligência, recebei/começai a receber/continuai a receber a palavra enxertada/palavra inata, a que está tendo poder de restaurar/salvar as vossas mentes/almas.

1:22 Γίνεσθε δὲ ποιηταὶ λόγου καὶ μὴ μόνον ἀκροαταὶ παραλογιζόμενοι ἑαυτούς.

1:22 Tornai-vos começai/continuai a vos tornar fazedores/criadores da palavra e não enganadores de si mesmos, (como) ouvintes somente.

1:23 ὅτι εἴ τις ἀκροατῆς λόγου ἐστὶν καὶ Οὐ ποιητῆς, οὗτος ἔοικεν ἀνδρὶ κατανοοῦντι τὸ πρόσωπον τῆς γενέσεως αὐτοῦ ἐν ἐσόπτρῳ·

1:23 Porque, se alguém é ouvinte da palavra, e não fazedor/realizador, esse parece um homem que está observando/refletindo a aparência de nascimento/nascença dele, em um espelho.

1:24 κατενόησεν γὰρ ἑαυτὸν καὶ ἀπελήλυθεν καὶ εὐθέως ἐπελάθετο ὁποῖος ἦν.

1:24 pois ele observou/refletiu a si mesmo e foi embora/desapareceu, e rapidamente esqueceu-se como era.

1:25 ὁ δὲ παρακύψας εἰς νόμον τέλειον τὸν τῆς ἐλευθερίας καὶ παραμείνας, οὐκ ἄκροατῆς ἐπιλησμονῆς γενόμενος ἀλλὰ ποιητῆς ἔργου, οὗτος μακάριος ἐν τῇ ποιήσει αὐτοῦ ἔσται.

1:25 Mas o que tendo olhado com atenção para dentro da lei perfeita/ que tem meta, aquela da liberdade e, ao mesmo tempo, está perseverando, não tendo se tornado ouvinte esquecido mas realizador do trabalho, esse será bem aventurado/feliz em sua ação criação.

1:26 Εἴ τις δοκεῖ θρησκὸς εἶναι μὴ χαλιναγωγῶν γλῶσσαν αὐτοῦ ἀλλὰ ἀπατῶν καρδίαν αὐτοῦ, τούτου μάταιος ἢ θρησκεία.

1:26 Se alguém está parecendo ser um religioso/fazedor religioso e, ao mesmo tempo, não estando refreando a sua língua, mas enganando/continuando a enganar o seu oração, a religião dele é vã/sem valor.

1:27 θρησκεία καθαρὰ καὶ ἀμίαντος παρὰ τῷ θεῷ καὶ πατρὶ αὕτη ἐστίν, ἐπισκέπτεσθαι ὀρφανοὺς καὶ χήρας ἐν τῇ θλίψει αὐτῶν, ἄσπιλον ἑαυτὸν τηρεῖν ἀπὸ τοῦ κόσμου.

1:27 Um fazer religioso/religião pura e sem defeito/sem mancha junto de Deus e pai é esta: visitar/estar olhando órfãos e viúvas, nas suas necessidades e conservando-se/preservando-se a si mesmo sem mancha do mundo.

2:1 Ἀδελφοί μου, μὴ ἐν προσωπολημψίαις ἔχετε τὴν πίστιν τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ τῆς δόξης.

2:1 Meus irmãos não tenhais/continuais a ter em parcialidade/distinção de pessoas, a fé do nosso senhor Jesus Cristo, da Glória.

2:2 ἂν γὰρ εἰσέλθῃ εἰς συναγωγὴν ὑμῶν ἀνὴρ χρυσοδακτύλιος ἐν ἑσθῆτι λαμπρᾷ, εἰσέλθῃ δὲ καὶ πτωχὸς ἐν ῥυπαρᾷ ἑσθῆτι,

2:2 Se, pois, entrar dentro da sinagoga de vocês um homem masculino que tem um anel de ouro com veste brilhante, mas, também, se entrar um pobre com veste comum.

2:3 ἐπιβλέψῃτε δὲ ἐπὶ τὸν φοροῦντα τὴν ἑσθῆτα τὴν λαμπρὰν καὶ εἶπητε, Σὺ κάθου ὦ δε καλῶς, καὶ τῷ πτωχῷ εἶπητε, Σὺ στήθι ἐκεῖ ἢ κάθου ὑπὸ τὸ ὑποπόδιόν μου,

2:3 Se vós lançardes o olhar sobre o que traz a veste brilhante e disserdes : senta tu/inicia o ato de sentar aqui/deste modo bem e se ao pobre disserdes: coloca-te de pé ali ou senta/inicia o ato de sentar abaixo do lugar de colocar o meu pé/meu escabelo.

2:4 οὐ διεκρίθητε ἐν ἑαυτοῖς καὶ ἐγένεσθε κριταὶ διαλογισμῶν πονηρῶν;

2:4 Não fizestes discriminações/juízos atravessados entre vós mesmos e não vos tornastes juízes raciocinando/calculando maldosamente?

2:5 Ακούσατε, ἀδελφοί μου ἀγαπητοί· οὐχ ὁ θεὸς ἐξελέξατο τοὺς πτωχοὺς τῷ κόσμῳ πλουσίους ἐν πίστει καὶ κληρονόμους τῆς βασιλείας ἧς ἐπηγγείλατο τοῖς ἀγαπῶσιν αὐτόν;

2:5 Escutai, meus irmãos amados: o deus não escolheu os pobres no mundo, ricos em fé e herdeiros do reino, o qual prometeu aos que o estão amando?

2:6 ὑμεῖς δὲ ἠτιμάσατε τὸν πτωχόν οὐχ οἱ πλούσιοι καταδυναστεύουσιν ὑμῶν καὶ αὐτοὶ ἔλκουσιν ὑμᾶς εἰς κριτήρια;

2:6 Vós desonrastes o pobre. Não (são) os ricos (que) estão oprimindo/tiranizando no meio de vós e também (não são) eles que estão arrastando vocês para dentro dos tribunais?

2:7 οὐκ αὐτοὶ βλασφημοῦσιν τὸ καλὸν ὄνομα τὸ ἐπικληθὲν ἐφ' ὑμᾶς;

2:7 Não (são) eles que blasfemam o bom nome, o que foi invocado sobre vós ?

2:8 εἰ μέντοι νόμον τελεῖτε βασιλικὸν κατὰ τὴν γραφήν, ἀγαπήσεις τὸν πλησίον σου ὡς σεαυτὸν, καλῶς ποιεῖτε·

2:8 Se, não obstante, uma lei régia cumpris/estais completando de acordo com a escritura : “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” , estais fazendo bem/com eficácia.

2:9 εἰ δὲ προσωπολημπτεῖτε, ἀμαρτίαν ἐργάζεσθε ἐλεγχόμενοι ὑπὸ τοῦ νόμου ὡς παραβάται.

2:9 Mas se vós continuais fazendo distinção de pessoas, estais trabalhando pecado/errando o alvo, sendo acusados/censurados pela lei como violadores/parabátes.

2:10 ὅστις γὰρ ὅλον τὸν νόμον τηρήσῃ πταίσι δὲ ἓν ἐνί, γέγονεν πάντων ἔνοχος.

2:10 Qualquer um, pois, que toda a lei guardar mas em um (ponto) tropeçar acaba de se tornar exposto a todos os outros.

2:11 ὁ γὰρ εἰπὼν, Μὴ μοιχεύσης, εἶπεν καί, Μὴ φονεύσης· εἰ δὲ οὐ μοιχεύεις φονεύεις δέ, γέγονας παραβάτης νόμου

2:11 Pois o que tendo dito: “Não adulterarás”, disse também: “Não matarás”. Se (tu) não estás adulterando mas continuas a matar, tu te tornaste transgressor/parabátes da lei

2:12 οὕτως λαλεῖτε καὶ οὕτως ποιεῖτε ὡς διὰ Νόμου ἐλευθερίας μέλλοντες κρίνεσθαι.

2:12 Assim falai/continuai falando e assim fazei/começai a fazer/continuai a fazer, como se pela lei da liberdade estiveres indo ser julgados.

2:13 ἡ γὰρ κρίσις ἀνέλεος τῷ μὴ ποιήσαντι ἔλεος· κατακαυχᾶται ἔλεος κρίσεως.

2:13 Porque o juízo é sem misericórdia para o que não tendo feito/produzido misericórdia. A misericórdia triunfa/tem mais poder sobre o juízo.

2:14 Τί τὸ ὄφελος, ἀδελφοί μου, ἐὰν πίστιν λέγη τις ἔχειν ἔργα δὲ μὴ ἔχη; μὴ δύναται ἡ πίστις σώσαι αὐτόν;

2:14 Meus irmãos, qual a utilidade se alguém disse/restiver dizendo ter fé mas se não tiver trabalhos. Não pode a fé restaurá-lo?

2:15 ἐὰν ἀδελφὸς ἢ ἀδελφὴ γυμνοὶ ὑπάρχωσιν καὶ λειπόμενοι τῆς ἐφημέρου τροφῆς

2:15 Se um irmão ou uma irmã permanecerem nus e faltantes/carentes do pão cotidiano.

2:16 εἴπη δέ τις αὐτοῖς ἐξ ὑμῶν, ὑπάγετε ἐν εἰρήνῃ, θερμαίνεσθε καὶ χορτάζεσθε, μὴ δώτε δὲ αὐτοῖς τὰ ἐπιτήδεια τοῦ σώματος, τί τὸ ὄφελος;

2:16 Mas (se) alguém dentre vós disser para eles: “Ide em paz, aqueceti-vos/começai a vos aquecer e começai a vos alimentar”, mas se não derdes para eles o necessário, as coisas próprias/oportunas do corpo, qual a utilidade?

2:17 οὕτως καὶ ἡ πίστις, εἰ μὴ ἔχη ἔργα, νεκρά ἐστὶν καθ' ἑαυτήν.

2:17 Assim também a fé, se não tiver/continuar tendo trabalhos está morta. de acordo com ela mesma.

2:18 Ἄλλ' ἐρεῖ τις, Σὺ πίστιν ἔχεις, καὶ γὰρ ἔργα ἔχω· δεῖξόν μοι τὴν πίστιν σου χωρὶς τῶν ἔργων, καὶ γὰρ σοὶ δεῖξω ἐκ τῶν ἔργων μου τὴν πίστιν.

2:18 Mas perguntará alguém: tu tens/continuas tendo fé e eu tenho/continuo tendo trabalhos, mostra/começa a mostrar (tu) para mim a tua fé separada dos trabalhos e eu te mostrarei a fé , a partir dos meus trabalhos.

2:19 σὺ πιστεύεις ὅτι εἷς ἐστὶν ὁ θεός, καλῶς ποιεῖς· καὶ τὰ δαιμόνια πιστεύουσιν καὶ φρίσσοσιν.

2:19 Tu tens continuas tendo fé que o Deus é “um” ? Tu fazes bem. Também os demônios tem/continuam tendo fé e (eles) tremem/continuam tremendo.

2:20 θέλεις δὲ γινῶναι, ὧ ἄνθρωπε κενέ, ὅτι ἡ πίστις χωρὶς τῶν ἔργων ἀργή ἐστὶν;

2:20 Oh! Ser humano vazio! Tu estás querendo saber porque a fé separada dos trabalhos é inativa ?

2:21 Ἀβραὰμ ὁ πατὴρ ἡμῶν οὐκ ἐξ ἔργων ἐδικαιώθη ἀνευρέγκας Ἰσαὰκ τὸν υἱὸν αὐτοῦ ἐπὶ τὸ θυσιαστήριον;

2:21 O nosso pai Abraão não foi “justificado” a partir dos trabalhos, tendo levado para cima/oferecido Isaac, o seu filho, sobre o altar do sacrifício?

2:22 βλέπεις ὅτι ἡ πίστις συνήργει τοῖς ἔργοις αὐτοῦ καὶ ἐκ τῶν ἔργων ἡ πίστις ἐτελειώθη,

2:22 Tu estás vendo/vês que a fé trabalhava/estava trabalhando junto com os trabalhos dele e que a partir/ dos trabalhos a fé foi completada?

2:23 καὶ ἐπληρώθη ἡ γραφή ἢ λέγουσα, Ἐπίστευεν δὲ Ἀβραὰμ τῷ θεῷ, καὶ ἐλογίσθη αὐτῷ εἷς δικαιοσύνην καὶ φίλος θεοῦ ἐκλήθη.

2:23 E foi cumprida/preenchida a escritura, a que diz/a dizente: “Acreditou Abraão em o deus e ele foi escolhido/pensado para a justiça e amigo de Deus ele foi chamado.

2:24 ὁρᾶτε ὅτι ἐξ ἔργων δικαιούται ἄνθρωπος καὶ οὐκ ἐκ πίστεως μόνον.

2:24 Começai a ver/continuai a ver que a partir dos trabalhos um ser humano é justificado/posto de acordo com, e não somente a partir da fé

2:25 ὁμοίως δὲ καὶ Ῥαὰβ ἡ πόρνη οὐκ ἐξ ἔργων ἐδικαιώθη ὑποδεξαμένη τοὺς ἀγγέλους καὶ ἐτέρα ὁδῶ ἐκβαλοῦσα;

2:25 Da mesma forma, também, Raab a meretriz não foi justificada a partir dos trabalhos, tendo acolhido os mensageiros e os tendo enviado por outro caminho ?

2:26 ὥσπερ γὰρ τὸ σῶμα χωρὶς πνεύματος νεκρόν ἐστὶν, οὕτως καὶ ἡ πίστις χωρὶς ἔργων νεκρά ἐστὶν

2:26 Pois assim como o corpo separado do espírito está morto, assim também a fé separada dos trabalhos está morta.

3:1 Μὴ πολλοὶ διδάσκαλοι γίνεσθε, ἀδελφοί μου, εἰδότες ὅτι μείζον κρίμα λημψόμεθα.
3:1 Meus irmãos, não vos torneis muitos (de vós) mestres/ensinadores, sabedores de que um juízo mais severo/maior julgamento receberemos.

3:2 πολλὰ γὰρ πταίομεν ἅπαντες. εἴ τις ἐν λόγῳ οὐ πταίει, οὗτος τέλειος ἀνὴρ δυνατὸς χαλιναγωγῆσαι καὶ ὅλον τὸ σῶμα.

3:2 Pois em muitas coisas todos batemos/tropeçamos. Se alguém não tromba/tropeça em palavra/logos, esse é um homem masculino completo/que atinge a meta, capaz de refrear/conduzir no freio também todo o corpo.

3:3 εἰ δὲ τῶν ἵππων τοὺς χαλινοὺς εἰς τὰ στόματα βάλλομεν εἰς τὸ Πείθεσθαι αὐτοὺς ἡμῖν, καὶ ὅλον τὸ σῶμα αὐτῶν μετάγομεν.

3:3 Ora, se lançamos os freios para dentro da boca dos cavalos, para eles estarem sendo persuadidos por nós, também todo o corpo deles estamos conduzindo/mudando de lugar.

3:4 ἰδοὺ Καὶ τὰ πλοῖα τηλικαῦτα ὄντα καὶ ὑπὸ ἀνέμων σκληρῶν ἐλαυνόμενα, μετάγεται ὑπὸ Ἐλαχίστου πηδαλίου ὅπου ἡ ὀρμὴ τοῦ εὐθύνοντος βούλεται,

3:4 Eis que também os navios, sendo de tal tamanho, (ao mesmo tempo) estando sendo movimentados pelos ventos duros/secos, pela ação do pequeno leme, mudam de direção para o lugar em que o impulso do condutor está desejando.

3:5 οὕτως καὶ ἡ γλῶσσα μικρὸν μέλος ἐστὶν καὶ Μεγάλα αὐχεῖ. ἰδοὺ Ἡλίκον πῦρ ἡλικὴν ὕλην ἀνάπτει·

3:5 Assim também a língua é um pequeno membro do corpo e de grandes coisas se enaltece. Vede quão pequeno fogo ilumina tão grande bosque.

3:6 καὶ ἡ γλῶσσα πῦρ· ὁ κόσμος τῆς ἀδικίας ἡ γλῶσσα καθίσταται ἐν τοῖς μέλεσιν ἡμῶν, ἡ σπιλοῦσα ὅλον τὸ σῶμα καὶ φλογίζουσα τὸν τροχὸν τῆς γενέσεως καὶ φλογιζομένη ὑπὸ τῆς γέεννης.

3:6 Também a língua é fogo. O mundo da injustiça. A língua está instalada nos membros de nós, como a que está manchando todo o corpo e a que está inflamando/inflamadora da/do a roda/course da origem/nascimento e esta sendo incendiada pela Geena.

3:7 πᾶσα γὰρ φύσις θηρίων τε καὶ πετεινῶν, ἐρπετῶν τε καὶ ἐναλίων δαμάζεται καὶ δεδάμασται τῇ φύσει τῇ ἀνθρωπίνῃ

3:7 Pois toda a natureza das feras, também das aves, dos répteis, e também dos seres marinhos está sendo domada e está domada pela natureza humana/dos homens.

3:8 τὴν δὲ γλῶσσαν οὐδεὶς δαμάσαι δόναται ἀνθρώπων, ἀκατάστατον κακόν, μεστὴ Ἰοῦ θανατηφόρου.

3:8 Mas a língua ninguém dentre os homens pode domar, ela é mal agitado repleta de veneno mortal/mortífero.

3:9 ἐν αὐτῇ εὐλογοῦμεν τὸν κύριον καὶ Πατέρα καὶ ἐν αὐτῇ καταρώμεθα τοὺς ἀνθρώπους τοὺς καθ' ὁμοίωσιν θεοῦ γεγονότας,

3:9 Com ela bendizemos/elogiamos o senhor e pai e com ela amaldiçoamos/lançamos pragas em direção aos seres humanos, os nascidos de acordo com a semelhança de Deus.

3:10 ἐκ τοῦ αὐτοῦ στόματος ἐξέρχεται εὐλογία καὶ Κατάρρα. οὐ κρί, ἀδελφοί μου, ταῦτα οὕτως γίνεσθαι.

3:10 Da mesma boca sai/está saindo benção/elogio e maldição. Meus irmãos, não é apropriado essas coisas estarem acontecendo assim.

3:12 μὴ δύναται, ἀδελφοί μου, συκῆ ἐλαίας ποιῆσαι ἢ ἄμπελος σῦκα; οὔτε ἄλκυκὸν γλυκὺ ποιῆσαι ὕδωρ.

3:12 Meus irmãos, não pode uma figueira produzir olivas ou uma perreira de uvas (produzir) figos, nem fonte salgada produzir uma água doce.

3:13 Τίς σοφὸς καὶ Ἐπιστήμων ἐν ὑμῖν; δειξάτω ἐκ τῆς καλῆς ἀναστροφῆς τὰ Ἔργα αὐτοῦ ἐν πραύτητι σοφίας.

3:13 Quem (é) sábio e instruído/erudito em vós, diga a ele que mostre os trabalhos dele pela eficaz/boa/bonita ação de ir e vir, em doçura/mansidão de sabedoria.

3:14 εἰ δὲ ζῆλον πικρὸν ἔχετε καὶ Ἐριθεία ἐν τῇ καρδίᾳ ὑμῶν, μὴ κατακαυχᾶσθε καὶ Ψεύδεσθε κατὰ τῆς ἀληθείας.

3:14 Mas, se uma inveja amarga e um sentimento faccioso continuais a ter no coração, não continuais a vos vangloriar sobre os outros/a desprezar e (não) começais a mentir/não continuais a mentir de acordo com/contra a verdade.

3:15 οὐκ ἔστιν αὕτη ἡ σοφία ἄνωθεν κατερχομένη ἀλλὰ Ἐπίγειος, ψυχική, δαιμονιώδης.

3:15 Essa não é a sabedoria [a] que está descendo do alto, mas [uma] que está sobre a terra/terrena, vivente/do mundo, mental, demoníaca/que diz respeito aos demônios.

3:16 ὅπου γὰρ ζῆλος καὶ Ἐριθεία, ἐκεῖ ἀκαταστασία καὶ Πᾶν φαῦλον πρᾶγμα.

3:16 Pois onde (há) inveja/ciúme e disputa, ali (há) instabilidade/agitação e toda qualidade inferior.

3:17 ἡ δὲ ἄνωθεν σοφία πρῶτον μὲν ἀγνή ἐστιν, ἔπειτα εἰρηνική, ἐπιεικής, εὐπειθής, μεστή Ἐλέους καὶ Καρπῶν ἀγαθῶν, ἀδιάκριτος, ἀνυπόκριτος.

3:17 A sabedoria (que vem) do alto, primeiro é pura/inocente, depois pacífica, conveniente /na justa medida, obediente/dócil, cordata, cheia de compaixão/piedade e de frutos bons.

3:18 καρπὸς δὲ δικαιοσύνης ἐν εἰρήνῃ σπείρεται τοῖς ποιοῦσιν εἰρήνην.

3:18 Um fruto de justiça é semeado com paz para os que estão produzindo/fazendo a paz.

4:1 πόθεν πόλεμοι καὶ πόθεν μάχαι ἐν ὑμῖν; οὐκ ἐντεῦθεν, ἐκ τῶν ἡδονῶν ὑμῶν τῶν στρατευομένων ἐν τοῖς μέλεσιν ὑμῶν;

4:1 De onde vem guerras e de onde ve) lutas em vós? Não estão vindo dos vossos prazeres, os que estão guerreando nos vossos membros/do corpo?

4:2 ἐπιθυμείτε καὶ οὐκ ἔχετε, φονεύετε καὶ ζηλοῦτε καὶ οὐ δύνασθε ἐπιτυχεῖν, μάχεσθε καὶ πολεμεῖτε, οὐκ ἔχετε διὰ τὸ μὴ αἰτεῖσθαι ὑμᾶς,

4:2 Vós estais ambicionando e não estais tendo, vós estais/continuais matando e invejando e não está sendo possível um sucesso/e continuais não podendo estar atingindo o objetivo. Vós estais guerreando e estais lutando e não estais tendo pelo não estar buscando.

4:3 αἰτεῖτε καὶ οὐ λαμβάνετε διότι κακῶς αἰτεῖσθε, ἵνα ἐν ταῖς ἡδοναῖς ὑμῶν δαπανήσητε.

4:3 Vós estais buscando e não obtendes/continuais a não receber porque buskais mal/continuais buscando mal, para gastardes nos vossos prazeres.

4:4 μοιχαλίδες, οὐκ οἴδατε ὅτι ἡ φιλία τοῦ κόσμου ἔχθρα τοῦ θεοῦ ἐστίν; ὃς ἐὰν οὖν βουληθῆ φίλος εἶναι τοῦ κόσμου, ἐχθρὸς τοῦ θεοῦ καθίσταται.

4:4 Adúlteras, não sabeis vós que a amizade do mundo é inimizade contra Deus? Portanto, aquele que desejar ser/continuar sendo amigo do mundo ele está posicionando/instalando como inimigo de Deus.

4:5 ἢ δοκεῖτε ὅτι κενῶς ἡ γραφὴ λέγει, πρὸς φθόνον ἐπιποθεῖ τὸ πνεῦμα ὃ κατώκισεν ἐν ἡμῖν,

4:5 Ou vos parece/está parecendo que, em vãos, a escritura diz/está dizendo: contra o “segurar para si”/avareza deseja o espírito, aquele que morou/habitou em vós?

4:6 μείζονα δὲ δίδωσιν χάριν; διὸ λέγει, Ὁ θεὸς ὑπερηφάνους ἀντιτάσσεται, ταπεινοῖς δὲ δίδωσιν χάριν.

4:6 Maior graça dá/continua dando? Por isso ele/a está dizendo diz/continua dizendo: O Deus resiste aos soberbos e ele dá/continua dando graça aos humildes.

4:7 ὑποτάγητε οὖν τῷ θεῷ, ἀντίστητε δὲ τῷ διαβόλῳ καὶ φεύξεται ἀφ’ ὑμῶν,

4:7 Portanto, submetei-vos à autoridade de Deus mas resisti ao diabo e ele fugirá do meio de vós.

4:8 ἐγγίσατε τῷ θεῷ καὶ ἐγγιεῖ ὑμῖν καθαρίσατε χεῖρας, ἁμαρτωλοί, καὶ ἀγνίστατε καρδίας, δίψυχοι.

4:8 Aproximai-vos de Deus e ele se aproximará de vós. Limpai pecadores as mãos e purificai os corações /homens de/ mentes duplas.

4:9 ταλαιπωρήσατε καὶ Πενθήσατε καὶ Κλαύσατε. ὁ γέλως ὑμῶν εἰς πένθος μετατραπήτω καὶ Ἡ χαρὰ εἰς κατήφειαν.

4:9 Sofrei, afligi-vos e chorai. O riso vosso mude de lado para dentro do luto/da dor e a vossa alegria para dentro da tristeza/lágrima.

4:10 ταπεινώθητε ἐνώπιον κυρίου καὶ Ὑψώσει ὑμᾶς.

4:10 Sede humilhados/humildes diante da face do senhor e ele vos elevará/exaltar.

4:11 Μὴ καταλαλεῖτε ἀλλήλων, ἀδελφοί. ὁ καταλαλῶν ἀδελφοῦ ἢ κρίνων τὸν ἀδελφὸν αὐτοῦ καταλαλεῖ νόμου καὶ κρίνει νόμον· εἰ δὲ νόμον κρίνεις, οὐκ εἶ ποιητὴς νόμου ἀλλὰ κριτὴς.

4:11 Irmãos, não falais/cessai de falar mal um dos outros. O que está falando/o falante/o que continua falando mal do irmão ou o que está julgando/julgador/continua julgando seu irmão está falando da lei e está julgando a lei. E, se julgas/continuas julgando a lei, não és fazedor/produtor da lei, mas juiz.

4:12 εἷς ἐστὶν [ὁ] νομοθέτης καὶ κριτὴς ὁ δυνάμενος σῶσαι καὶ ἀπολέσαι· σὺ δὲ τίς εἶ ὁ κρίνων τὸν πλησίον;

4:12 Um é o legislador e juiz, o que pode/o que continua tendo poder de restaurar/salvar e fazer perecer. Mas tu quem és o que está julgando/continua julgando o próximo?

4:13 Ἔγε νῦν οἱ λέγοντες, Σήμερον ἢ αὔριον πορευσόμεθα εἰς τήνδε τὴν πόλιν καὶ ποιήσομεν ἐκεῖ ἐνιαυτὸν καὶ ἐμπορευσόμεθα καὶ κερδήσομεν·

4:13 Agora, vamos! Os que estão dizendo/os falantes: hoje ou amanhã nós iremos para dentro daquela cidade e faremos/produziremos lá por um ano/um tempo e comerciaremos e lucraremos.

4:14 οἵτινες οὐκ ἐπίστασθε τὸ τῆς αὔριον ποία ἡ ζωὴ Ὑμῶν· ἀτμίς γάρ ἐστε ἢ πρὸς ὀλίγον φαινομένη, ἔπειτα καὶ Ἀφανιζομένη.

4:14 Sejais quem for (vós), os que não estais sabendo/continuais não sabendo qual a vossa vida, (a) de amanhã. Pois vós sois vapor, (o) que continua estando aparecendo, pouco numeroso/pequeno, depois também começando a (ser) desaparecido.

4:15 ἀντὶ τοῦ λέγειν ὑμᾶς ἔαν ὁ κύριος θελήσῃ καὶ ζήσομεν καὶ ποιήσομεν τοῦτο ἢ ἐκεῖνο.

4:15 Ao invés do estar dizendo vós: Se o Senhor quiser também nós viveremos e nós produziremos isto ou aquilo.

4:16 νῦν δὲ καυχᾶσθε ἐν ταῖς ἀλαζονείαις ὑμῶν· πᾶσα καύχησις τοιαύτη ποιηρὰ ἐστίν.

4:16 Mas agora (vós) estais vos vangloriando/estais rindo com as vossas presunções. Todo envaidecimento desse tipo é mau.

4:17 εἰδότες οὖν καλὸν ποιεῖν καὶ Μὴ ποιοῦντι, ἁμαρτία αὐτῶ ἐστίν.

4:17 Portanto, sabendo fazer/produzir bem/com eficácia e não fazedor/estando fazendo/ao mesmo tempo não estando fazendo está sendo para ele um pecado/ um não atingimento da meta.

5:1 Ἔγε νῦν οἱ πλούσιοι, κλαύσατε ὀλολύζοντες ἐπὶ ταῖς τάλαιπωρίαις ὑμῶν ταῖς ἐπερχομέναις.

5:1 Vamos agora, os ricos! Chorai, ao mesmo tempo lamentando, sobre as misérias/sofrimentos, as que estão vindo sobre vós.

5:2 ὁ πλοῦτος ὑμῶν σέσηπεν καὶ τὰ ἱμάτια ὑμῶν σητόβρωτα γέγονεν,

5:2 A vossa riqueza está podre e as vossas vestes se tornaram roídas/rotas.

5:3 ὁ χρυσὸς ὑμῶν καὶ ὁ ἄργυρος κατίωται καὶ ὁ ἰὸς αὐτῶν εἰς μαρτύριον ὑμῖν ἔσται καὶ φάγεται τὰς σάρκας ὑμῶν ὡς πῦρ. ἐθησαυρίσατε ἐν ἐσχάταις ἡμέραις.

5:3 O ouro e a prata de vocês estão manchados e a ferrugem deles será para vosso testemunho, e ela engolirá/devorará os corpos de vocês como fogo. Entesourastes nos últimos dias.

5:4 ἰδοὺ ὁ μισθὸς τῶν ἐργατῶν τῶν ἀμησάντων τὰς χώρας ὑμῶν ὁ ἀπεστερημένος ἀφ' ὑμῶν κράζει, καὶ αἱ βοαὶ τῶν θερισάντων εἰς τὰ ὦτα κυρίου Σαβαώθ εἰσεληλύθασιν.

5:4 Eis que o salário dos trabalhadores, dos que tendo ceifado vossos campos, o fraudado por vós está clamando! E, os gritos dos que tendo passado o verão chegaram/acabaram de chegar aos ouvidos do senhor Sabahot ;

5:5 ἐτρυφήσατε ἐπὶ τῆς γῆς καὶ ἐσπαταλήσατε, ἐθρέψατε τὰς καρδίας ὑμῶν ἐν ἡμέρᾳ σφαγῆς,

5:5 Vivestes no luxo e delícias sobre a terra, nutristes os vossos corações em dia de degola.

5:6 κατεδικάσατε, ἐφονεύσατε τὸν δίκαιον, οὐκ ἀντιτάσσεται ὑμῖν.

5:6 Condenastes, matastes o justo, ele não está resistindo/resiste a vós.

5:7 Μακροθυμήσατε οὖν, ἀδελφοί, ἕως τῆς παρουσίας τοῦ κυρίου. ἰδοὺ ὁ γεωργὸς ἐκδέχεται τὸν τίμιον καρπὸν τῆς γῆς μακροθυμῶν ἐπ'αὐτῷ ἕως λάβῃ πρόϊμον καὶ ὄψιμον.

5:7 Portanto, irmãos, tende paciência até a vinda/a parousia do Senhor. Eis que o lavrador está recebendo o valioso fruto (que vem) da terra tendo paciência/paciensioso sobre ela, até que colha o primeiro e o tardio.

5:8 μακροθυμήσατε καὶ Ὑμεῖς, στηρίζατε τὰς καρδίας ὑμῶν, ὅτι ἡ παρουσία τοῦ κυρίου ἤγγικεν.

5:8 E vós tende paciência, fortalecei os vossos corações, porque a aparição/parousia do Senhor está próxima.

5:9 μὴ στενάζετε, ἀδελφοί, κατ' ἀλλήλων ἵνα μὴ κριθῆτε· ἰδοὺ Ὁ κριτὴς πρὸ τῶν θυρῶν ἔστηκεν.

5:9 Irmãos, não murmurais/continuais a murmurar uns contra os outros, para não serdes julgados. Eis que o juiz está colocado/acaba de se colocar de pé diante das portas.

5:10 ὑπόδειγμα λάβετε, ἀδελφοί, τῆς κακοπαθίας καὶ τῆς μακροθυμίας τοὺς προφῆτας οἱ ἐλάλησαν ἐν τῷ ὀνόματι κυρίου.

5:10 Irmãos, tomai exemplo da dificuldade/sofrimento e da paciência dos profetas, os quais falaram em nome do Senhor.

5:11 ἰδοὺ Μακαρίζομεν τοὺς ὑπομείναντας· τὴν ὑπομονὴν ἰωβ ἠκούσατε καὶ τὸ τέλος κυρίου εἶδετε, ὅτι πολὺσπλαγχνός ἐστιν ὁ κύριος καὶ Οἰκτίρμων.

5:11 Eis que bem aventuramos os perseverantes/os que continuam a perseverar. Ouvistes falar da paciência de Job e soubestes o objetivo/a meta do senhor. Porque o senhor é muito misericordioso e piedoso/compassivo.

5:12 Πρὸ πάντων δέ, ἀδελφοί μου, μὴ ὀμνύετε μήτε τὸν οὐρανὸν μήτε τὴν γῆν μήτε ἄλλον τινὰ ὄρκον· ἦτω δὲ ὑμῶν τὸ Ναὶ ναὶ καὶ τὸ Οὐ οὐ, ἵνα μὴ ὑπὸ κρίσειν πέσητε.

5:12 Antes de todas as coisas meus irmãos, não jureis/entreis no ato de jurar, continuais jurando nem pelo/em direção ao céu nem pela/em direção a terra, nem algum outro juramento. Mas, diga para ele, dentre vós, seja o Sim, sim e o Não não, para que não caiais sob julgamento.

5:13 Κακοπαθεῖ τις ἐν ὑμῖν, προσευχέσθω· εὐθυμεῖ τις, ψαλλέτω·

5:13 Alguém está sofrendo em vós? : diga a ele que comece a orar. Alguém está alegre/está bem disposto?: salmodie ele/diga a ele que comece a dizer salmos.

5:14 ἀσθενεῖ τις ἐν ὑμῖν, προσκαλεσάσθω τοὺς πρεσβυτέρους τῆς ἐκκλησίας καὶ Προσευξάσθωσαν ἐπ' αὐτὸν ἀλείψαντες [αὐτὸν] ἐλαίῳ ἐν τῷ ὀνόματι τοῦ κυρίου.

5:14 Se alguém no meio de vós está doente, que ele chame [em seu interesse] os presbíteros da igreja e que tendo ungido o doente com óleo que eles orem em nome do senhor,

5:15 καὶ ἡ εὐχὴ τῆς πίστεως σώσει τὸν κάμνοντα καὶ ἐγερεῖ αὐτὸν ὁ κύριος· κὰν ἁμαρτίας ἢ πεποιηκώς, ἀφεθήσεται αὐτῷ.

5:15 E a oração do crente/fiel/do que se coloca salvará o que está acamado/doente e o senhor o levantará e caso ele acabe de fazer/no estado de pecado será perdoado/deixado ir, para ele/em seu benefício.

5:16 ἐξομολογεῖσθε οὖν ἀλλήλοις τὰς ἁμαρτίας καὶ Εὐχέσθε ὑπὲρ ἀλλήλων ὅπως ἰαθῆτε. πολὺ Ἰσχύει δέησις δικαίου ἐνεργουμένη.

5:16 Portanto, confessai/continuai confessando, começai a confessar os pecados uns aos outros e orai/continuai orando/começai a orar uns sobre os outros, de modo que sejais curados. Muito tem/continua tendo força/é potente um pedido do justo, ao mesmo tempo que (é) produtor / agente/enquanto age.

5:17 ἡλίας ἄνθρωπος ἦν ὁμοιοπαθῆς ἡμῖν, καὶ Προσευχῇ προσηύξατο τοῦ μὴ βρέξαι, καὶ Οὐκ ἔβρεξεν ἐπὶ τῆς γῆς ἐνιαυτοὺς τρεῖς καὶ Μῆνας ε,ξ·

5:17 Elias era um homem de mesmo sentimento que nós e com oração dirigiu uma prece de não chover e não choveu sobre a terra, durante três anos e meio.

5:18 καὶ Πάλιν προσηύξατο, καὶ Ὁ οὐρανὸς ὑετὸν ἔδωκεν καὶ Ἡ γῆ βλάστησεν τὸν καρπὸν αὐτῆς.

5:18 E de novo ele fez uma prece e o céu deu uma chuva forte e a terra germinou/floresceu o fruto dela.

5:19 Ἀδελφοί μου, εἴαν τις ἐν ὑμῖν πλανηθῆ ἀπὸ τῆς ἀληθείας καὶ ἐπιστρέψῃ τις αὐτόν,

5:19 Meus irmãos se alguém em vós vaguear/se desviar da verdade e se alguém se voltar em sua direção.

5:20 γινωσκέτω ὅτι ὁ ἐπιστρέψας ἁμαρτωλὸν ἐκ πλάνης ὁδοῦ αὐτοῦ σώσει ψυχὴν αὐτοῦ ἐκ θανάτου καὶ Καλύψει πλῆθος ἁμαρτιῶν.

5:20 Diga a ele que comece a tomar conhecimento de que: o que se volta para/em direção ao pecador do caminho errante dele, ele salvará a alma/a mente dele da morte e esconderá uma multidão de pecados/não atingimento de metas.

Ω

EPÍSTOLA DE TIAGO
VERSÃO ALMEIDA REVISTA E ATUALIZADA - ARA

CAPITULO 01

1:1 Tiago, servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo, às doze tribos que se encontram na Dispersão, saudações.

2 Meus irmãos, tende por motivo de toda alegria o passardes por várias provações,

3 sabendo que a provação da vossa fé, uma vez confirmada, produz perseverança.

4 Ora, a perseverança deve ter ação completa, para que sejais perfeitos e íntegros, em nada deficientes.

5 Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e nada lhes impropéria; e ser-lhe-á concedida.

6 Peça-a, porém, com fé, em nada duvidando; pois o que duvida é semelhante à onda do mar, impelida e agitada pelo vento.

7 Não suponha esse homem que alcançará do Senhor alguma coisa;

8 homem de ânimo dobre, inconstante em todos os seus caminhos.

9 O irmão, porém, de condição humilde glorie-se na sua dignidade,

10 e o rico, na sua insignificância, porque ele passará como a flor da erva.

11 Porque o sol se levanta com seu ardente calor, e a erva seca, e a sua flor cai, e desaparece a formosura do seu aspecto; assim também se murchará o rico em seus caminhos.

12 Bem-aventurado o homem que suporta, com perseverança, a provação; porque, depois de ter sido aprovado, receberá a coroa da vida, a qual o Senhor prometeu aos que o amam.

13 Ninguém, ao ser tentado, diga: Sou tentado por Deus; porque Deus não pode ser tentado pelo mal e ele mesmo a ninguém tenta.

14 Ao contrário, cada um é tentado pela sua própria cobiça, quando esta o atrai e seduz.

15 Então, a cobiça, depois de haver concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, uma vez consumado, gera a morte.

16 Não vos enganeis, meus amados irmãos.

17 Toda boa dádiva e todo dom perfeito são lá do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não pode existir variação ou sombra de mudança.

18 Pois, segundo o seu querer, ele nos gerou pela palavra da verdade, para que fôssemos como que primícias das suas criaturas.

19 Sabeis estas coisas, meus amados irmãos. Todo homem, pois, seja pronto para ouvir, tardio para falar, tardio para se irar.

20 Porque a ira do homem não produz a justiça de Deus.

21 Portanto, despojando-vos de toda impureza e acúmulo de maldade, acolhei, com mansidão, a palavra em vós implantada, a qual é poderosa para salvar a vossa alma.

22 Tornai-vos, pois, praticantes da palavra e não somente ouvintes, enganando-vos a vós mesmos.

23 Porque, se alguém é ouvinte da palavra e não praticante, assemelha-se ao homem que contempla, num espelho, o seu rosto natural;

24 pois a si mesmo se contempla, e se retira, e para logo se esquece de como era a sua aparência.

25 Mas aquele que considera, atentamente, na lei perfeita, lei da liberdade, e nela persevera, não sendo ouvinte negligente, mas operoso praticante, esse será bem-aventurado no que realizar.

26 Se alguém supõe ser religioso, deixando de refrear a língua, antes, enganando o próprio coração, a sua religião é vã.

27 A religião pura e sem mácula, para com o nosso Deus e Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações e a si mesmo guardar-se incontaminado do mundo.

CAPITULO 02

ARA James 2:1 Meus irmãos, não tendes a fé em nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor da glória, em acepção de pessoas.

2 Se, portanto, entrar na vossa sinagoga algum homem com anéis de ouro nos dedos, em trajos de luxo, e entrar também algum pobre andrajoso,

3 e tratardes com deferência o que tem os trajos de luxo e lhe disserdes: Tu, assenta-te aqui em lugar de honra; e disserdes ao pobre: Tu, fica ali em pé ou assenta-te aqui abaixo do estrado dos meus pés,

4 não fizestes distinção entre vós mesmos e não vos tornastes juízes tomados de perversos pensamentos?

5 Ouvi, meus amados irmãos. Não escolheu Deus os que para o mundo são pobres, para serem ricos em fé e herdeiros do reino que ele prometeu aos que o amam?

6 Entretanto, vós outros menosprezastes o pobre. Não são os ricos que vos oprimem e não são eles que vos arrastam para tribunais?

7 Não são eles os que blasfemam o bom nome que sobre vós foi invocado?

8 Se vós, contudo, observais a lei régia segundo a Escritura: Amarás o teu próximo como a ti mesmo, fazeis bem;

9 se, todavia, fazeis acepção de pessoas, cometeis pecado, sendo argüidos pela lei como transgressores.

10 Pois qualquer que guarda toda a lei, mas tropeça em um só ponto, se torna culpado de todos.

11 Porquanto, aquele que disse: Não adulterarás também ordenou: Não matarás. Ora, se não adulteras, porém matas, vens a ser transgressor da lei.

12 Falai de tal maneira e de tal maneira procedei como aqueles que **hã**o de ser julgados pela lei da liberdade.

13 Porque o juízo é sem misericórdia para com aquele que não usou de misericórdia. A misericórdia triunfa sobre o juízo.

14 Meus irmãos, qual é o proveito, se alguém disser que tem fé, mas não tiver obras? Pode, acaso, semelhante fé salvá-lo?

15 Se um irmão ou uma irmã estiverem carecidos de roupa e necessitados do alimento cotidiano,

16 e qualquer dentre vós lhes disser: Ide em paz, aquecei-vos e fartai-vos, sem, contudo, lhes dar o necessário para o corpo, qual é o proveito disso?

17 Assim, também a fé, se não tiver obras, por si só está morta.

18 Mas alguém dirá: Tu tens fé, e eu tenho obras; mostra-me essa tua fé sem as obras, e eu, com as obras, te mostrarei a minha fé.

19 Crês, tu, que Deus é um só? Fazes bem. Até os demônios crêem e tremem.

20 Queres, pois, ficar certo, ó homem insensato, de que a fé sem as obras é inoperante?

21 Não foi por obras que Abraão, o nosso pai, foi justificado, quando ofereceu sobre o altar o próprio filho, Isaque?

22 Vês como a fé operava juntamente com as suas obras; com efeito, foi pelas obras que a fé se consumou,

23 e se cumpriu a Escritura, a qual diz: Ora, Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça; e: Foi chamado amigo de Deus.

24 Verificais que uma pessoa é justificada por obras e não por fé somente.

25 De igual modo, não foi também justificada por obras a meretriz Raabe, quando acolheu os emissários e os fez partir por outro caminho?

26 Porque, assim como o corpo sem espírito é morto, assim também a fé sem obras é morta.

CAPÍTULO 03

3:1 Meus irmãos, não vos torneis, muitos de vós, mestres, sabendo que havemos de receber maior juízo.

2 Porque todos tropeçamos em muitas coisas. Se alguém não tropeça no falar, é perfeito varão, capaz de refrear também todo o corpo.

3 Ora, se pomos freio na boca dos cavalos, para nos obedecerem, também lhes dirigimos o corpo inteiro.

4 Observai, igualmente, os navios que, sendo tão grandes e batidos de rijos ventos, por um pequeníssimo leme são dirigidos para onde queira o impulso do timoneiro.

5 Assim, também a língua, pequeno órgão, se gaba de grandes coisas. Vede como uma fagulha põe em brasas tão grande selva!

6 Ora, a língua é fogo; é mundo de iniquidade; a língua está situada entre os membros de nosso corpo, e contamina o corpo inteiro, e não só põe em chamas toda a carreira da existência humana, como também é posta ela mesma em chamas pelo inferno.

7 Pois toda espécie de feras, de aves, de répteis e de seres marinhos se doma e tem sido domada pelo gênero humano;

8 a língua, porém, nenhum dos homens é capaz de domar; é mal incontido, carregado de veneno mortífero.

9 Com ela, bendizemos ao Senhor e Pai; também, com ela, amaldiçoamos os homens, feitos à semelhança de Deus.

10 De uma só boca procede bênção e maldição. Meus irmãos, não é conveniente que estas coisas sejam assim.

11 Acaso, pode a fonte jorrar do mesmo lugar o que é doce e o que é amargoso?

12 Acaso, meus irmãos, pode a figueira produzir azeitonas ou a videira, figos? Tampouco fonte de água salgada pode dar água doce.

13 Quem entre vós é sábio e inteligente? Mostre em mansidão de sabedoria, mediante condigno proceder, as suas obras.

14 Se, pelo contrário, tendes em vosso coração inveja amargurada e sentimento faccioso, nem vos glorieis disso, nem mintais contra a verdade.

15 Esta não é a sabedoria que desce lá do alto; antes, é terrena, animal e demoníaca.

16 Pois, onde há inveja e sentimento faccioso, aí há confusão e toda espécie de coisas ruins.

17 A sabedoria, porém, lá do alto é, primeiramente, pura; depois, pacífica, indulgente, tratável, plena de misericórdia e de bons frutos, imparcial, sem fingimento.

18 Ora, é em paz que se semeia o fruto da justiça, para os que promovem a paz.

CAPÍTULO 04

4:1 De onde procedem guerras e contendas que há entre vós? De onde, senão dos prazeres que militam na vossa carne?

2 Cobiçais e nada tendes; matais, e invejais, e nada podeis obter; viveis a lutar e a fazer guerras. Nada tendes, porque não pedis;

3 pedis e não recebeis, porque pedis mal, para esbanjardes em vossos prazeres.

4 Infiéis, não compreendeis que a amizade do mundo é inimiga de Deus? Aquele, pois, que quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus.

5 Ou supondes que em vão afirma a Escritura: É com ciúme que por nós anseia o Espírito, que ele fez habitar em nós?

6 Antes, ele dá maior graça; pelo que diz: Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes.

7 Sujeitai-vos, portanto, a Deus; mas resisti ao diabo, e ele fugirá de vós.

8 Chegai-vos a Deus, e ele se chegará a vós outros. Purificai as mãos, pecadores; e vós que sois de ânimo dobre, limpai o coração.

9 Afligi-vos, lamentai e chorai. Converta-se o vosso riso em pranto, e a vossa alegria, em tristeza.

10 Humilhai-vos na presença do Senhor, e ele vos exaltar.

11 Irmãos, não faleis mal uns dos outros. Aquele que fala mal do irmão ou julga a seu irmão fala mal da lei e julga a lei; ora, se julga a lei, não és observador da lei, mas juiz.

12 Um só é Legislador e Juiz, aquele que pode salvar e fazer perecer; tu, porém, quem és, que julgas o próximo?

13 Atendei, agora, vós que dizeis: Hoje ou amanhã, iremos para a cidade tal, e lá passaremos um ano, e negociaremos, e teremos lucros.

14 Vós não sabeis o que sucederá amanhã. Que é a vossa vida? Sois, apenas, como neblina que aparece por instante e logo se dissipa.

15 Em vez disso, devíeis dizer: Se o Senhor quiser, não só viveremos, como também faremos isto ou aquilo.

16 Agora, entretanto, vos jactais das vossas arrogantes pretensões. Toda jactância semelhante a essa é maligna.

17 Portanto, aquele que sabe que deve fazer o bem e não o faz nisso está pecando.

CAPÍTULO 05

5:1 Atendei, agora, ricos, chorai lamentando, por causa das vossas desventuras, que vos sobrevirão.

2 As vossas riquezas estão corruptas, e as vossas roupagens, comidas de traça;

3 o vosso ouro e a vossa prata foram gastos de ferrugens, e a sua ferrugem há de ser por testemunho contra vós mesmos e há de devorar, como fogo, as vossas carnes. Tesouros acumulastes nos últimos dias.

4 Eis que o salário dos trabalhadores que ceifaram os vossos campos e que por vós foi retido com fraude está clamando; e os clamores dos ceifeiros penetraram até aos ouvidos do Senhor dos Exércitos.

5 Tendes vivido regaladamente sobre a terra; tendes vivido nos prazeres; tendes engordado o vosso coração, em dia de matança;

6 tendes condenado e matado o justo, sem que ele vos faça resistência.

7 Sede, pois, irmãos, pacientes, até à vinda do Senhor. Eis que o lavrador aguarda com paciência o precioso fruto da terra, até receber as primeiras e as últimas chuvas.

8 Sede vós também pacientes e fortalecei o vosso coração, pois a vinda do Senhor está próxima.

9 Irmãos, não vos queixeis uns dos outros, para não serdes julgados. Eis que o juiz está às portas.

10 Irmãos, tomai por modelo no sofrimento e na paciência os profetas, os quais falaram em nome do Senhor.

11 Eis que temos por felizes os que perseveraram firmes. Tendes ouvido da paciência de Jó e vistes que fim o Senhor lhe deu; porque o Senhor é cheio de terna misericórdia e compassivo.

12 Acima de tudo, porém, meus irmãos, não jureis nem pelo céu, nem pela terra, nem por qualquer outro voto; antes, seja o vosso sim sim, e o vosso não não, para não cairdes em juízo.

13 Está alguém entre vós sofrendo? Faça oração. Está alguém alegre? Cante louvores.

14 Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da igreja, e estes façam oração sobre ele, unguindo-o com óleo, em nome do Senhor.

15 E a oração da fé salvará o enfermo, e o Senhor o levantará; e, se houver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados.

16 Confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros e orai uns pelos outros, para serdes curados. Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo.

17 Elias era homem semelhante a nós, sujeito aos mesmos sentimentos, e orou, com instância, para que não chovesse sobre a terra, e, por três anos e seis meses, não choveu.
18 E orou, de novo, e o céu deu chuva, e a terra fez germinar seus frutos.
19 Meus irmãos, se algum entre vós se desviar da verdade, e alguém o converter,
20 sabeis que aquele que converte o pecador do seu caminho errado salvará da morte a alma dele e cobrirá multidão de pecados.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)